



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MÁRCIA ZAMARIANO

**ESTUDO TOPONÍMICO NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO DAS MESORREGIÕES PARANAENSES:
METROPOLITANA DE CURITIBA, CENTRO-ORIENTAL E
NORTE PIONEIRO**

Londrina
2010

MÁRCIA ZAMARIANO

**ESTUDO TOPONÍMICO NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO DAS MESORREGIÕES PARANAENSES:
METROPOLITANA DE CURITIBA, CENTRO-ORIENTAL E
NORTE PIONEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração – Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Londrina
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Z23e Zamariano, Márcia.

Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses :
Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro / Márcia
Zamariano. – Londrina, 2010.
415 f. : il.

Orientador: Aparecida Negri Isquardo.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem, 2010.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Topônimos – Teses. 2. Toponímia – Teses. 3. Língua
portuguesa – Regionalismos – Teses. I. Isquardo, Aparecida Negri. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90-311

MÁRCIA ZAMARIANO

**ESTUDO TOPONÍMICO NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO DAS MESORREGIÕES PARANAENSES:
METROPOLITANA DE CURITIBA, CENTRO-ORIENTAL E NORTE
PIONEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração – Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
UFMS – Campos Grande - MS

Profa. Dra. Joyce Eliane de Almeida Baronas
UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick
USP – São Paulo - SP

Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
UFBA – Salvador - BA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina - PR

Londrina, 13 de Agosto de 2010.

Aos meus pais Aracy e Nestor (*in memoriam*)
por terem me dado a vida, me feito gente e por
todo amor e apoio durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Nada na vida conquistamos sozinhos. Sempre precisamos de outras pessoas para alcançar os nossos objetivos. Creio que esta parte dos agradecimentos é a mais difícil, pois muitas vezes corremos o risco de cometer injustiças, ao, por esquecimento, não mencionar nomes de pessoas que também contribuíram para este trabalho.

A Deus pelo dom da vida e a certeza de meu crescimento profissional.

A Newton exímio incentivador, pela participação em todas as etapas deste trabalho e também pelas horas e horas de paciência! Meu porto seguro em todas as minhas aventuras, até nas mais ousadas.

A Juliana e Rafael, que trazem tanta luz e gosto para minha vida, um amor especial.

Às Professoras Doutoras Vanderci de Andrade Aguilera, Joyce Almeida Baronas, Maria Vicentina de P. A. Dick e Maria Cândida T. C. de Seabra, pelas sugestões fornecidas por ocasião de nosso Exame de Qualificação.

À Professora Doutora Maria Antonieta Carbonari de Almeida, mestra que me guiou nos primeiros contatos com a toponímia paranaense. Agradeço pelos ensinamentos e incentivo para participar do ATEPAR, repassados na conquista deste trabalho.

À Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo, na qualidade de amiga e orientadora, que sempre demonstrou acreditar no meu potencial, pela oportunidade oferecida, pela orientação e principalmente pelo bom convívio nestes quatro anos de trabalho. Sou inteiramente grata por essa orientação que ultrapassa a Tese, bem como o imenso carinho nos momentos de dificuldade e de dor. Agradeço, sobretudo, o privilégio de haver trabalhado em um tema para o qual você tanto vem contribuindo.

À Professora Doutora Rosely Archela, do Departamento de Geociências da UEL, pela contribuição nas discussões e orientações sobre a cartografia e pela indicação de sua orientanda de Mestrado Nathália Prado Rosolém.

À Professora Lucília Clara Defreitas Pedroso, pelas orientações, leituras e nossas conversas tão agradáveis sobre Filosofia.

A Xulio César Sousa Fernández do Departamento de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago de Compostela pelas sugestões de modelos de cartas.

A Rogério Alves da Silva, pela paciência e profissionalismo competente na elaboração das cartas toponímicas.

A Eduardo Francisco Ferreira pela disponibilidade, dedicação e colaboração na tradução do resumo.

Aos Docentes do Curso de Doutorado em Estudos da Linguagem, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos funcionários do setor de Pós-graduação da UEL, pela atenção e presteza aos alunos.

À CAPES que, pelo fornecimento de bolsa de Pesquisa, garantiu o apoio financeiro para a concretização deste trabalho.

Aos amigos e colegas, pelas oportunas manifestações de companheirismo e de encorajamento.

Pela sorte de ter como amiga Ana Rabelo que tantas vezes cedeu sua casa para nossas reuniões de orientação e pelas palavras de encorajamento.

Meu profundo agradecimento.

"Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz".

Clarice Lispector

ZAMARIANO, Márcia. **Estudo toponímico no espaço geográfico das mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro**. 2010. 415 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a catalogação, a classificação taxionômica e a análise dos topônimos rurais e urbanos dos 97 municípios que integram 03 mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos: realizar um estudo acerca da construção do conceito de nome próprio nas perspectivas filosóficas, mitológicas, antropológicas e linguísticas; inventariar os topônimos de mapas oficiais do IBGE (1:50.000; 1:100.000) e classificá-los em termos taxionômicos; analisar os estratos linguísticos e a estrutura formal do acervo toponímico inventariado; apresentar uma proposta de cartografia de dados toponímicos para as 03 mesorregiões contempladas pela pesquisa. Orientaram a pesquisa duas hipóteses: i.) a natureza da nomeação geográfica paranaense pode traduzir/revelar traços da geografia da área pesquisada, do sistema de povoamento e das características etnodialetológicas da região pesquisada; ii.) a cartografia toponímica revela pistas para o resgate de aspectos da identidade histórica e físico-cultural das mesorregiões do Paraná em estudo. A análise dos dados foi orientada por princípios teórico-metodológicos da Toponímia e de disciplina afins, fundamentalmente, o modelo teórico de Dick (1990a; 1990b). Os 4.306 topônimos catalogados (Metropolitana de Curitiba: 2.022; Centro-Oriental: 985 e Norte Pioneiro: 1.299) foram organizados em quadros por município, contendo dados sobre classificação taxionômica, língua de origem e estrutura formal de todos os topônimos estudados. A pesquisa revelou que, nos 97 topônimos que nomeiam os municípios, atingiram o 1º lugar de produtividade 03 taxionomias de natureza física (fitotopônimos, zootopônimos e geomorfotopônimos) e uma de natureza antropocultural (antropotopônimos). Esse resultado contraria uma tendência geral da toponímia brasileira: a predominância na nomeação de acidentes humanos com nomes de elementos oriundos da esfera antropocultural. A pesquisa dos 4.128 topônimos relativos aos acidentes físicos também revelou a predominância de nomes descritivos do ambiente físico e os mais produtivos foram os fitotopônimos, os zootopônimos e os hidrotopônimos, seguidos dos antropotopônimos, de natureza antropocultural. Os resultados apontaram, ainda, que no conjunto dos 4.306 topônimos estudados predominaram os de base linguística portuguesa e o de estrutura formal simples. Como síntese da pesquisa, na proposta de cartografia dos dados, foram apresentadas 32 cartas, distribuídas segundo 03 perspectivas de interpretação dos dados: i.) nomenclatura ou denominação dos municípios; ii.) quantificação dos acidentes geográficos físicos por mesorregião; iii.) município com maior ocorrência de topônimos.

Palavras-chave: Toponímia. Paraná. Nome próprio. Topônimo. Cartas toponímicas.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponymic study of the mesoregions in the state of Paraná geographical space:** Curitiba and its Metropolitan Region, Middle East and North Pioneer. 2010. 415 f. Thesis (Doctor's Degree in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

This work aims to study the cataloging, classification and taxonomic analysis of rural and urban toponyms of 97 municipalities which integrate 03 mesoregions in the State of Paraná: Curitiba and its Metropolitan Region, Middle East and North Pioneer. Therefore, the following objectives were established: implement a study about the construction of the *proper name* concept from philosophical, mythological, anthropological and linguistic perspectives; take inventory of toponyms present in IBGE official maps (scales 1:50.000, 1:100.000) and classify them into taxonomic terms; analyse the linguistic strata and the formal structure of this toponymic inventory; submit a cartographical proposal for the 03 mesoregions toponymic data covered in this research. This work was guided by two hypotheses: i) the nature of geographical naming in Paraná can reveal traces of Geography in the researched area, in the system of settlement and in the etno-dialectological characteristics of the studied region; ii.) in this study, the toponymic cartography reveals clues for the rescue of historical, physical and cultural identity of the mesoregions in Paraná. The data analysis was guided by theoretical and methodological principles of Toponymy and related disciplines, mainly the theoretical model of Dick (1990a, 1990b). The 4.306 cataloged toponyms (Curitiba and its Metropolitan Region: 2.022, Middle East: 985; and North Pioneer: 1.299) were organized in tables by municipality, containing data about taxonomy classification, the original language and formal structure of all the toponyms studied. In the 97 toponyms which name the municipalities, this research revealed the ones which reached the first position in occurrence: 03 taxonomies of physical nature (phytotoponyms, zootoponyms and geomorfotoponyms) and 01 of antropocultural nature (antropotoponyms). Such result contradicts a general toponymy trend in Brazil: the predominance of human accidents named after elements from the antropocultural nature. The research of the 4.128 toponyms related to physical accidents also revealed the predominance of descriptive names of the physical environment and the most frequent ones were phytotoponyms, the zootoponyms and hydrotoponyms, followed by antropotoponyms which is of antropocultural nature. The results also showed that most of the 4.306 toponyms studied are in Portuguese language and in simple formal structure. As a research synthesis, in the cartography data proposal, 32 maps were presented, displayed according to 03 perspectives of data interpretation: i) nomenclature or designation of municipalities; ii.) quantification of physical geographical accidents of mesoregion; iii.) municipality with the highest toponyms occurrence.

Key words: Toponymy. Paraná. Proper Name. Toponyms. Toponymic Maps

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nome próprio no pensamento filosófico.....	65
Quadro 2 – Nome próprio no pensamento filosófico:teoria da referência e teoria das descrições	66
Quadro 3 – Passagem de um vocábulo pleno para o uso onomástico-toponímico/antroponímico.....	91
Quadro 4 – Modelo de quadro elaborado	177
Quadro 5 – Opônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, Distribuídos segundo a língua de origem e classificação taxionômica.....	186
Quadro 6 – Distribuição Distribuição quantitativa das categorias toponímicas dos nomes de municípios nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba,Centro-Oriental e Norte Pioneiro.....	197
Quadro 7 – Distribuição quantitativa dos topônimos da mesorregião Metropolitana de Curitiba quanto à língua de origem, à classificação taxionômica e à estrutura morfológica	205
Quadro 8 – Distribuição quantitativa dos topônimos da mesorregião Centro-Oriental quanto à língua de origem, à classificação Taxionômica e à estrutura morfológica	206
	201
Quadro 9 – Distribuição quantitativa dos topônimos da mesorregião Norte Pioneiro quanto à língua de origem, à classificação Taxionômica e à estrutura morfológica	207
Quadro 10 – Distribuição percentual dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro seguno a lingia de origem	220
Quadro 11 – Topônimos do município de Adrianópolis	282
Quadro 12 – Topônimos do município de Agudos do Sul	288
Quadro 13 – Topônimos do município de Almirante Tamandaré	288
Quadro 14 – Topônimos do município de Antonina.....	289
Quadro 15 – Topônimos do município de Araucária	294

Quadro 16 – Topônimos do município de Balsa Nova	296
Quadro 17 – Topônimos do município de Bocaiúva do Sul.....	297
Quadro 18 – Topônimos do município de Campina Grande do Sul	298
Quadro 19 – Topônimos do município de Campo do Tenente	300
Quadro 20 – Topônimos do município de Campo Largo	301
Quadro 21 – Topônimos do município de Campo Magro	306
Quadro 22 – Topônimos do município de Cerro Azul.....	307
Quadro 23 – Topônimos do município de Colombo	309
Quadro 24 – Topônimos do município de Contenda	309
Quadro 25 – Topônimos do município de Curitiba	310
Quadro 26 – Topônimos do município de Doutor Ulysses	311
Quadro 27 – Topônimos do município de Fazenda Rio Grande.....	312
Quadro 28 – Topônimos do município de Guaraqueçaba	312
Quadro 29 – Topônimos do município de Guaratuba.....	321
Quadro 30 – Topônimos do município de Itaperuçu.....	327
Quadro 31 – Topônimos do município de Lapa.....	328
Quadro 32 – Topônimos do município de Mandirituba	332
Quadro 33 – Topônimos do município de Matinhos	333
Quadro 34 – Topônimos do município de Morretes.....	333
Quadro 35 – Topônimos do município de Paranaguá	336
Quadro 36 – Topônimos do município de Piên.....	341
Quadro 37 – Topônimos do município de Pinhais	341
Quadro 38 – Topônimos do município de Piraquara	342
Quadro 39 – Topônimos do município de Pontal do Paraná	342
Quadro 40 – Topônimos do município de Porto Amazonas	343
Quadro 41 – Topônimos do município de Quatro Barras	343
Quadro 42 – Topônimos do município de Quitandinha	344
Quadro 43 – Topônimos do município de Rio Branco do Sul.....	345
Quadro 44 – Topônimos do município de Rio Negro.....	347
Quadro 45 – Topônimos do município de São José dos Pinhais	347
Quadro 46 – Topônimos do município de Tijucas do Sul	349
Quadro 47 – Topônimos do município de Tunas do Paraná	350
Quadro 48 – Topônimos do município de Arapoti	352
Quadro 49 – Topônimos do município de Carambeí	354

Quadro 50 – Topônimos do município de Castro	355
Quadro 51 – Topônimos do município de Imbaú	359
Quadro 52 – Topônimos do município de Jaguariaíva	359
Quadro 53 – Topônimos do município de Ortigueira	361
Quadro 54 – Topônimos do município de Palmeira.....	364
Quadro 55 – Topônimos do município de Piraí do Sul	366
Quadro 56 – Topônimos do município de Ponta Grossa.....	367
Quadro 57 – Topônimos do município de Reserva	370
Quadro 58 – Topônimos do município de Sengés.....	372
Quadro 59 – Topônimos do município de Telêmaco Borba.....	374
Quadro 60 – Topônimos do município de Tibagi	375
Quadro 61 – Topônimos do município de Ventania.....	378
Quadro 62 – Topônimos do município de Abatiá.....	379
Quadro 63 – Topônimos do município de Andirá	380
Quadro 64 – Topônimos do município de Assaí.....	381
Quadro 65 – Topônimos do município de Bandeirantes.....	383
Quadro 66 – Topônimos do município de Barra do Jacaré	384
Quadro 67 – Topônimos do município de Cambará	384
Quadro 68 – Topônimos do município de Carlópolis.....	386
Quadro 69 – Topônimos do município de Congonhinhas.....	386
Quadro 70 – Topônimos do município de Conselheiro Mairincki.....	387
Quadro 71 – Topônimos do município de Cornélio Procópio	388
Quadro 72 – Topônimos do município de Curiúva	389
Quadro 73 – Topônimos do município de Figueira.....	390
Quadro 74 – Topônimos do município de Guapirama.....	390
Quadro 75 – Topônimos do município de Ibaiti	391
Quadro 76 – Topônimos do município de Itambaracá.....	392
Quadro 77 – Topônimos do município de Jaboti	393
Quadro 78 – Topônimos do município de Jacarezinho	393
Quadro 79 – Topônimos do município de Japira	394
Quadro 80 – Topônimos do município de Jataizinho.....	395
Quadro 81 – Topônimos do município de Joaquim Távora	396
Quadro 82 – Topônimos do município de Jundiá do Sul	396
Quadro 83 – Topônimos do município de Leopólis	397

Quadro 84 – Topônimos do município de Nova América da Colina	398
Quadro 85 – Topônimos do município de Nova Fátima	398
Quadro 86 – Topônimos do município de Nova Santa Bárbara	399
Quadro 87 – Topônimos do município de Pinhalão	399
Quadro 88 – Topônimos do município de Quatiguá	400
Quadro 89 – Topônimos do município de Rancho Alegre	400
Quadro 90 – Topônimos do município de Ribeirão Claro	401
Quadro 91 – Topônimos do município de Ribeirão do Pinhal.....	402
Quadro 92 – Topônimos do município de Salto do Itararé	403
Quadro 93 – Topônimos do município de Santa Amélia	403
Quadro 94 – Topônimos do município de Santa Cecília do Pavão	404
Quadro 95 – Topônimos do município de Santa Mariana	404
Quadro 96 – Topônimos do município de Santana do Itararé	405
Quadro 97 – Topônimos do município de Santo Antonio da Platina	405
Quadro 98 – Topônimos do município de Santo Antonio do Paraíso	406
Quadro 99 – Topônimos do município de São Jerônimo da Serra	407
Quadro 100 – Topônimos do município de São José da Boa Vista.....	408
Quadro 101 – Topônimos do município de São Sebastião da Amoreira	409
Quadro 102 – Topônimos do município de Sapopema	409
Quadro 103 – Topônimos do município de Sertaneja	411
Quadro 104 – Topônimos do município de Siqueira Campos	411
Quadro 105 – Topônimos do município de Tomazina	412
Quadro 106 – Topônimos do município de Uraí	413
Quadro 107 – Topônimos do município de Wenceslau Braz.....	414

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica	32
Figura 2 – Triângulo de Ullmann	85
Figura 3 – Processo da fixação da referência de um nome	94
Figura 4 – Fixação do nome Amola Faca	95
Figura 5 - Uma mesma localidade representada em várias escalas.....	132

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Distribuição percentual dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro segundo a natureza das categorias taxionômicas203
- Gráfico 2** – Distribuição percentual das três taxas mais produtivas na toponímia das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro segundo a natureza das categorias taxionômicas208
- Gráfico 3** – Distribuição percentual dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro segundo a língua de origem 223

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Carta geral do Estado de São Paulo	140
Mapa 2 – Modelo de carta toponímica apresentado por Oliveira (2000)	143
Mapa 3 – Modelo de carta toponímica apresentado por Oliveira (2002)	144
Mapa 4 – Carta toponímica – fitotopônimos – microrregião de Jaguariaíva	145
Mapa 5 – As categorias toponímicas de Água Clara – Mato Grosso do Sul	148
Mapa 6 – Fitotopônimos – Bolsão sul-mato-grossense	150
Mapa 7 – Língua de origem dos topônimos – Bolsão sul-mato-grossense- Língua Tupi	151
Mapa 8 – Classificação taxionômica dos nomes de municípios da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul	153
Mapa 9 – Quantificação dos topônimos dos acidentes físicos e humano por município da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul	154
Mapa 10 – Nomes dos municípios sul-matogrossenses: estratos indígenas	156
Mapa 11 – Ano de fundação: municípios de Mato Grosso do Sul	157
Mapa 12 – Mapa Dialetológico-toponímico das malocas–Serra da Lua–Roraima	158
Mapa 13 – Mapa taxionômico das malocas-Serra da Lua-Roraima	159
Mapa 14 – Categorias toponímicas – 1827- Bahia	161
Mapa 15 – Categorias toponímicas – 2000 – Bahia	162
Mapa 16 – Carta toponímica – região do Triângulo Mineiro – Minas Gerais	164
Mapa 17 – Carta toponímica – região do Rio Doce – Minas Gerais	164
Mapa 18 – Carta toponímica – taxionomia com 1º lugar de ocorrência na fronteira de Goiás com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais	165
Mapa 19 – Carta toponímica – distribuição quantitativa de topônimos de base indígena na fronteira de Goiás com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais	166
Mapa 20 – Localização das mesorregiões em estudo	172
Mapa 21 – Paraná – fitogeografia	210
Mapa 22 – Terras indígenas no Paraná	222
Mapa 23 – Localização das comunidades remanescentes de quilombos e comunidades negras tradicionais	223

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Associação Cartográfica Internacional
ALF	Atlas Linguístico da França
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG	Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATEPAR	Atlas Toponímico do Estado do Paraná
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
CONCAR	Comissão Nacional de Cartografia
DHN	Diretoria de Hidrografia e Navegação
DSG	Diretoria do Serviço Geográfico do Exército
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNDECT	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICA	Instituto Cartográfico da Aeronáutica
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
ITCG	Instituto de Terras e Cartografia do Paraná
MME	Mapa Municipal Estatístico
ONU	Organização das Nações Unidas
SEMA	Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIDERP	Universidade Anhanguera
USP	Universidade de São Paulo

LÍNGUAS DE ORIGEM

LA	Língua Árabe
LAF	Língua Africana
LAL	Língua Alemã
LB	Língua Banta
LC	Língua Caingangue
LCA	Língua Castelhana
LCB	Língua Caribe
LE	Língua Espanhola
LF	Língua Francesa
LG	Língua Guarani
LI	Língua Inglesa
LIT	Língua Italiana
LJP	Língua Japonesa
LM	Língua Malai
LNI	Língua não identificada
LO	Língua Oriental
LP	Língua Portuguesa
LQB	Língua Quimbundo
LQC	Língua Quíchua
LS	Língua Sânscrita
LT	Língua Tupi

TAXIONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA

Astro	Astrotopônimo
Cardino	Cardinotopônimo
Cromo	Cromotopônimo
Dimensio	Dimensiotopônimo
Fito	Fitotopônimo
Geomorfo	Geomorfotopônimo
Hidro	Hidrotopônimo
Lito	Litotopônimo

Meteoro	Meteorotopônimo
Morfo	Morfotopônimo
Zoo	Zootopônimo

TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL

Animo	Animotopônimo
Antropo	Antropotopônimo
Axio	Axiotopônimo
Coro	Corotopônimo
Crono	Cronotopônimo
Dirremato	Dirrematotopônimo
Eco	Ecotopônimo
Ergo	Ergotopônimo
Etno	Etnotopônimo
Hagio	Hagiotopônimo
Hiero	Hierotopônimo
Historio	Historiotopônimo
Hodo	Hodotopônimo
Mito	Mitotopônimo
Numero	Numerotopônimo
Pólio	Poliotopônimo
Sócio	Sociotopônimo
Somato	Somatotopônimo

TAXIONOMIAS – ATEPAR

Acronimo	Acronimotopônimo
Estemato	Estematotopônimo
Higie	Higietopônimo
Necro	Necrotopônimo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 A CIÊNCIA ONOMÁSTICA : OBJETO E APLICAÇÃO NA TOPONÍMIA	29
1.1 ONOMÁSTICA: CONCEITO E OBJETO	31
1.2 NOME: PERCURSO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	32
1.2.1 A Atividade de Nomear.....	32
1.2.2 Considerações sobre Onoma no Pensamento Filosófico.	34
1.2.3 O Nome Próprio na Mitologia	67
1.2.4 O Nome Próprio na Antropologia	71
1.2.5 O Nome Próprio na Linguística	79
1.3 PERSPECTIVAS DE UM ESTUDO TOPONÍMICO.....	97
1.4 O SIGNO TOPONÍMICO – O TOPÔNIMO	116
1.5 ABORDAGENS NA PESQUISA TOPONÍMICA	120
1.5.1 A Questão das Fontes na Pesquisa Toponímica	122
2 INTERFACES ENTRE GEOGRAFIA, GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E TOPONÍMIA	125
2.1 GEOGRAFIA: FUNDAMENTOS DA CARTOGRAFIA	125
2.1.1 Cartografia : Origem e Definições	125
2.1.2 Cartografia no Brasil.....	127
2.1.3 Mapas e Cartas	128
2.1.4 Classificação de Cartas e Mapas	130
2.1.5 Elementos de Representação	131
2.2 A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES COM A GEOGRAFIA.....	132
2.3 A TOPONÍMIA: INTERFACES COM A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E A GEOGRAFIA	134
3 CARTOGRAFAÇÃO DE DADOS TOPONÍMICOS: PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	138
3.1 OS ATLAS TOPONÍMICOS	138
3.1.1 São Paulo.....	139
3.1.2 Paraná.....	141
3.1.3 Mato Grosso do Sul.....	146

3.1.4 Roraima.....	158
3.1.5 Bahia	160
3.1.6 Minas Gerais	163
3.1.7 Goiás	165
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	167
4.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO PESQUISADO	167
4.1.1 Metropolitana de Curitiba	172
4.1.2 Centro-Oriental	173
4.1.3 Norte Pioneiro	174
4.2 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	175
4.2.1 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	176
4.3 TRATAMENTO DOS DADOS.....	178
4.4 A CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS	181
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	185
5.1 O NOME DO MUNICÍPIO	185
5.1.1 Classificação Taxionômica: Natureza Física	197
5.1.2 Classificação Taxionômica: Natureza Antropocultural	199
5.1.3 Dimensão Etnolinguística	200
5.1.4 Estrutura Morfológica	201
5.2 Os NOMES DOS ACIDENTES FÍSICOS.....	202
5.2.1 Classificação Taxionômica : Taxes mais Produtivas	204
5.2.1.1 Fitotopônimos.....	208
5.2.1.1.1 Aspectos fitogeográficos do Paraná	208
5.2.1.2 Zootopônimos	214
5.2.1.3 Antropotopônimos	216
5.2.1.4 Hidrotopônimos	217
5.2.2 Dimensão Etnolinguística	219
5.2.3 Estrutura Morfológica	225
6 ATLAS TOPONÍMICO DAS MESORREGIÕES METROPOLITANA DE CURITIBA, CENTRO-ORIENTAL E NORTE PIONEIRO DO PARANÁ: UMA PROPOSTA	227

6.1 PRINCÍPIOS ORIENTADORES	227
6.2 A ESTRUTURA DA PROPOSTA	230
CONCLUSÕES	266
REFERÊNCIAS	272
APÊNDICE	282

INTRODUÇÃO

Em todos os tempos, os homens se interrogaram sobre a verdadeira natureza da linguagem, que tem a ver com um número considerável de atividades humanas, ao ponto de, nela, o homem se reconhecer e definir.

A língua exerce, em toda e qualquer sociedade, um papel preponderante, tendo em vista que é por meio dela que nos comunicamos, interagimos, forjamos os nossos juízos, exprimimos os nossos pensamentos, projetos, sentimentos e emoções. Antes disso, ela é o instrumento com que o homem inteligente significa para si o mundo ao seu redor, tomando conhecimento dele no processo vital da inteligência que é ato de pensar, verbalizar, raciocinar.

Isso só é possível porque o homem se expressa por meio de palavras, frases e textos e com eles se comunica, abstrai e interpreta a realidade das coisas que existem, inventa outras e lhes atribui nomes. Assim, pela ação de nomear, o ser humano expressa sua própria essência espiritual, e, quando no cotidiano designa as coisas, manifesta a sua essência linguística.

Biderman (1998a, p.81; 88; 90) considera a palavra “mágica, cabalista e sagrada”, constitutiva de uma realidade dotada de poder. A partir da palavra, as “entidades da realidade” podem ser nomeadas e identificadas, criando um universo significativo revelado pela linguagem. A autora pondera ainda que “o uso de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específico da espécie humana”. Acrescenta, ainda, que “o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve” para se comunicar.

O léxico é o nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como a sociedade vê e representa o mundo, já que age como elemento propagador do complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade (SAPIR, 1969, p.27).

Considera-se que, para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso observar também a sua história, os seus costumes e o ambiente em que ele vive. As relações língua-cultura-sociedade estão refletidas na língua e, a partir de seu estudo, principalmente no nível lexical, podemos observar aspectos valorizados por determinado grupo e até as condições de vida impostas a ele pelo

meio físico. Dessa forma, a análise do acervo lexical de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares.

A investigação do léxico toponímico constitui o objeto de estudo da Toponímia, área de investigação que concebe o topônimo como uma expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. A Toponímia, que tem por objeto de estudo o exame da origem e do significado dos nomes dos lugares (topônimos), é um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia – ciência dos *nomes próprios* – juntamente com a Antroponímia, que se ocupa do estudo dos *nomes próprios* de pessoas.

Em geral, ao ser tomada como campo de conhecimento, a Toponímia é pensada de modo específico sobre sua natureza interdisciplinar, uma vez que essa disciplina se completa com a busca de informações nos campos temáticos de outras disciplinas como a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e até mesmo na Psicanálise.

Os membros de qualquer comunidade nomeiam tudo, mas também aquilo, que de alguma maneira apresenta algum tipo de interesse para eles. O “batismo de lugares” é, pois, profundamente influenciado pela cultura do povo, da sociedade, por meio de eventos ocorridos em tempos passados.

O topônimo é sempre um depósito da memória coletiva; não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade, pois guarda estreita ligação com o solo, com o clima, com a vegetação abundante ou pobre e com as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. Ele testemunha o passado no presente, razão pela qual permite recuperar sucessivas vivências humanas, sobretudo nos lugares onde povos de culturas e línguas diferentes se sobrepuseram.

Os nomes de rios, de montanhas, cidades e vilas e tudo o que constitui a paisagem, dada a sua maior permanência e quase imutabilidade, acabam por se configurar, por meio de suas nomenclaturas, como testemunhas da memória de um povo e registros de existências históricas. Logo, a memória toponímica faz perpetuar no tempo e no espaço o que uma comunidade viveu e as experiências que realizou.

Com relação à nomeação dos acidentes geográficos, Aguilera (1999, p.125) atesta que “não é feita aleatoriamente pelo homem, mas o faz movido por

alguma impressão sensorial e/ou sentimental que o acometa no momento da denominação”. Nesse sentido, o mecanismo da nomeação transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências, confirmando-se o que destaca Dick (1990a, p.60): “nome e nomeador pertencem a um só conjunto, são elementos da mesma origem, unidos pelo ato da nomeação”.

Os estudos toponímicos vêm se constituindo em um caminho possível para o conhecimento dos mais variados aspectos culturais das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam uma determinada localidade. Não se busca nesses estudos apenas a origem do topônimo, mas também a motivação que subjaz à escolha do designativo.

Considerando que o objeto desta investigação está centralizado no estudo da toponímia paranaense, merece destaque o processo de ocupação e colonização do Estado ocorrido a partir do litoral, juntamente com as fases da economia paranaense. Essas fases se diferenciam basicamente por meio da data de povoamento e pela região atingida, não se sucederam uma suprimindo a outra, nem resultaram num processo de povoamento irregular, no qual parcelas do território foram sendo ocupadas, segundo as motivações de exploração econômica do momento.

Em razão disso, nesta pesquisa, considerou-se a orientação do viés geográfico-histórico da ocupação do território paranaense no sentido leste-oeste, para fins de delimitação da área da pesquisa. Assim, esta Tese centrou-se no estudo da toponímia rural – acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, serras, arroios, morros...) e urbana (nomes dos municípios e distritos), coletados nos mapas oficiais dos 97 municípios das mesorregiões paranaenses – Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro.

Por meio do levantamento, da classificação e da análise dos topônimos das 03 mesorregiões foi possível recuperar características sócio-históricoculturais e/ou físico-geográficos que, possivelmente, motivaram o denominador no ato batismo dos diferentes espaços geográficos. Com base nesse pressuposto, buscamos contribuir para a interpretação da toponímia e da história do Paraná.

A escolha do tema também, em parte, busca dar continuidade ao estudo realizado para a nossa dissertação de Mestrado (ZAMARIANO, 2006), que priorizou o estudo dos nomes dos acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses fundados entre 1648 e 1853, dentre os quais alguns pertencentes a

esta pesquisa. Espera-se, pois, com este estudo, agora sobre um recorte de dados selecionado por mesorregiões, fornecer como produto uma visão mais ampla de informações do que a fornecida pelo recorte histórico.

Julga-se apropriado sublinhar que o interesse desta pesquisadora pelos estudos da toponímia paranaense iniciou-se, ainda, na Graduação quando atuou, como bolsista de Iniciação Científica, no Projeto de pesquisa “A Toponímia Paranaense, a partir de 92 – ATEPAR 2”. Os estudos iniciados no curso de Graduação tiveram continuidade no curso de Especialização em Língua Portuguesa, oportunidade em que realizamos um estudo acerca da nomeação dos municípios limítrofes com o município de Londrina, que resultou na monografia *Estudo da Toponímia de Londrina e Municípios Limítrofes* (2004). Em nível de Mestrado, o objeto de investigação centrou-se no estudo diacrônico dos topônimos dos municípios paranaenses fundados entre os anos de 1648 e 1853: *Toponímia parananense do período histórico de 1648 a 1853*.

Após consultar estudos toponímicos realizados no Paraná, percebemos que um trabalho que focalizasse mesorregiões específicas poderia ampliar as pesquisas nessa área e, principalmente, resgatar, por meio do estudo da toponímia, aspectos socioeconômicos e históricos do Paraná. Além disso, constatando a necessidade de parâmetros mais específicos que orientassem a cartografiação de dados toponímicos em termos de microtoponímia (nomes de acidentes físicos em geral), sobretudo, os relativos a municípios que concentram quantidades expressivas de topônimos, e tendo em vista a nossa experiência acumulada em termos de estudos sobre a toponímia do Estado do Paraná, sentimos instigada a incluir, dentre os objetivos desta Tese, a elaboração de uma proposta de cartografiação toponímica, que pudesse vir a somar às já existentes e, por extensão, contribuir para um futuro mapeamento de toda a toponímia paranaense, por meio de Atlas Toponímico do Estado do Paraná.

No estudo do ato de nomear lugares, não pode ser desconsiderado o fato de o topônimo constituir-se num tipo particular de signo e apresentar determinadas especificidades que precisam ser consideradas, dentre elas, a própria natureza do *nome próprio*. Embora os *nomes próprios* sejam abordados nas gramáticas normativas e, de fato, se constituam objeto de estudos linguísticos de distintos interesses, não são poucos os estudiosos de outras áreas que têm se preocupado com essa categoria de nomes. Apesar disso, a questão do estatuto do

nome próprio não é considerada como algo resolvido, ao contrário, tem se constituído em objeto de muitas e distintas controvérsias. Diferentes correntes do pensamento tentaram, no decorrer da história, caracterizar ou delimitar a função específica do *nome próprio*.

Além disso, percebe-se a carência de trabalhos que apresentem uma reflexão mais substancial a respeito do estatuto do *nome próprio*, principalmente no âmbito da Toponímia, constatação que nos motivou a abrir um espaço nesta Tese para discussão desse tema. Destacamos que uma das questões mais discutidas sobre o *nome próprio* diz respeito à questão do sentido ou significado substanciado ou não por essa categoria de nome.

Os trabalhos clássicos sobre *nomes próprios* distinguem, fundamentalmente, três grupos de autores, os dois primeiros formados por filósofos e o terceiro que agrupa predominantemente linguistas. No primeiro grupo, estão os que argumentam que o *nome próprio* tem um sentido e estão acordados com a proposta de Russel (1974), ao considerá-lo como descrição definida abreviada. Além de Russell, associam-se, às suas ideias, Frege (1978), Strawson (1980) e Searle (1996).

Já no segundo grupo, enquadram-se os autores que defendem a tese de que os *nomes próprios* não possuem sentido. Situam-se nesse grupo autores como Mill (1979), segundo o qual os *nomes próprios* somente denotam e não conotam, e Kripke (1996), para quem o *nome próprio* é um designador rígido.

No terceiro grupo, situam-se autores que pertencem mais ao campo da Linguística e que não colocam a questão como simplesmente presença ou ausência de sentido (KLEIBER, 1984). No Capítulo I são discutidos fundamentos básicos que orientam as teorias concebidas pelos autores desses três grupos, embora reconhecendo que as diferenças entre sentido e significado e também a concepção de *nome próprio* sejam questões que dificultam o cotejamento entre as teorias.

O embasamento teórico-metodológico relativo à Toponímia foi buscado nos trabalhos de Dick, citados ao longo deste trabalho, em especial sua Tese de Doutorado, *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), e em artigos que integram a obra *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos* (1990), que são referências obrigatórias para os estudos toponímicos realizados no Brasil. Além disso, fundamentam este estudo as contribuições teóricas

de outras disciplinas relacionadas a outras áreas do conhecimento – Lexicologia, Etnolingüística, Semântica, Filosofia, Geografia e a História (do Paraná e do Brasil).

A pesquisa teve como objetivo geral realizar um estudo linguístico, etnodialetológico e cartográfico dos *nomes próprios* de lugares de três mesorregiões paranaenses: Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro.

Como objetivos específicos foram delineados os seguintes propósitos:

1. discutir fundamentos acerca da construção do conceito de *nome próprio* nas perspectivas filosófica, mitológica, antropológica e linguística;
2. catalogar os topônimos que nomeiam os acidentes geográficos localizados nas três mesorregiões paranaenses, a partir de mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – MME – Mapa Municipal Estatístico – censo 2007, de escalas 1:50.000 e 1:100.000;
3. proceder à descrição e análise dos topônimos quanto à estrutura, à etimologia e à motivação;
4. buscar estratos linguísticos evidenciados na base dos topônimos inventariados;
5. propor, a partir de fundamentos teóricos da Toponímia, da Geografia e da Cartografia, modelos de cartas toponímicas.

Duas hipóteses de pesquisa orientaram este estudo: a) a natureza da nomeação geográfica paranaense pode traduzir/revelar traços da geografia da área pesquisada, do sistema de povoamento e das características etnodialetológicas da região pesquisada e, b) a cartografia toponímica pode revelar pistas para o resgate de aspectos da identidade físico-cultural do Paraná.

A estrutura deste trabalho reúne seis capítulos. O primeiro capítulo – *A ciência Onomástica: objeto e aplicação na toponímia* – situa a Onomástica como ramo de investigação linguística e discute, cronologicamente, aspectos da trajetória da concepção de *nome* a partir do pensamento filosófico, retomando e discutindo a noção fornecida por filósofos de diferentes correntes filosóficas. Ainda nesse capítulo discute-se a concepção do *nome*, sob a ótica da Mitologia, da Antropologia e, por fim, a problemática do conceito de *nome próprio* a partir de contribuições das diferentes correntes linguísticas. Trata ainda do signo toponímico, das possibilidades de abordagens e de fontes na pesquisa toponímica.

O segundo capítulo – *Interfaces entre Geografia, Geografia*

Linguística e Toponímia – examina fundamentos teórico-metodológicos que dão suporte ao estudo proposto, em termos de mapeamento dos dados toponímicos, oriundos da Toponímia, da Geografia e da Cartografia.

O terceiro capítulo – *Cartografia de dados toponímicos: perspectiva historiográfica* – apresenta dados dos projetos de variantes regionais do ATB e modelos de cartas sugeridos para elaboração dos atlas estaduais. Esse capítulo também contém trabalhos acadêmicos e modelos de cartas toponímicas produzidos por pesquisadores vinculados aos projetos regionais de alguns estados brasileiros. Tem, pois, um caráter de resgate histórico sobre a cartografia toponímica no Brasil.

O quarto capítulo – *Procedimentos Metodológicos* – revela as etapas que orientaram a pesquisa (catalogação, classificação e organização dos dados), indicando as fontes e os critérios utilizados para a recolha e composição do *corpus* que é apresentado de forma sistematizada e na sua totalidade no Apêndice desta Tese.

O quinto capítulo – *Análise e discussão dos dados* – traz a análise dos topônimos do ponto de vista da classificação taxionômica, da língua de origem e da estrutura morfológica, além da análise da motivação das três taxionomias de topônimos mais produtivas em cada mesorregião estudada.

O sexto capítulo – *Atlas toponímico das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte do Paraná: uma proposta* – apresenta uma proposta para elaboração de cartas toponímicas com os dados do universo pesquisado, pautada na fundamentação teórico-metodológica, discutida nos capítulos anteriores.

Finalizando o trabalho, são apresentadas as *Conclusões*, que resumem os resultados alcançados, seguidas das *Referências* que contêm o acervo bibliográfico consultado e o *Apêndice* que apresenta os 97 quadros com os dados lexicográficos e toponímicos.

1 A CIÊNCIA ONOMÁSTICA: OBJETO E APLICAÇÃO NA TOPONÍMIA

O ser humano verbaliza seus sentimentos por meio da palavra, fenômeno linguístico que tem fascinado os homens ao longo da história. Em todas as civilizações, a palavra tem sido motivo de surpresa e de mistério. A pertinência da relação entre a palavra e aquilo que nomeia é investigada há séculos, pois sempre esteve revestida de poder e de superstição. Os mitos mais antigos já apontavam o poder criador das palavras, uma vez que, por meio delas, o homem conhece e transmite o conhecimento do mundo que o cerca.

É importante ressaltar que, assim como a definição de palavra é algo muito subjetivo e filosófico, a identificação e a distinção entre *nome próprio* e léxico comum também se configura como uma questão complexa. Há muito que a temática relativa aos nomes e ao ato de nomear tem sido discutida. Do ponto de vista da literatura onomástica, é na filosofia helênica que despontam várias tendências de conceituação dos *nomes próprios*.

Embora estudiosos de diferentes épocas tenham sempre demonstrado interesse pelas questões que afetam o estatuto do nome próprio e, em razão disso, hajam reunido uma soma significativa de explicações acerca do tema, essa noção ainda varia quando se observa a maneira como os estudos onomásticos a concebem. A oposição entre *nomes próprios* e nomes comuns não deve ser aceita com rigor nas ciências onomásticas, uma vez que, em sua origem, o topônimo seria um nome comum que se tornou próprio.

Dick (1990b, p.18-19), por exemplo, pondera que os *nomes próprios*, sejam eles de lugares ou de pessoas, embora conservem em sua estrutura a “função identificadora”, passam a assumir uma significação precisa que imprime aspectos físicos ou antropoculturais contidos em suas essências, já que são decorrentes de um processo motivador que justifica a escolha daquele que denomina. Assim, mesmo que haja o distanciamento tempo-espacial dos condicionantes que motivaram um nome, tanto os topônimos como os antropônimos guardam ainda “uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade”.

Quando isso acontece, o que não é tão raro, aumenta a necessidade de reconstrução do processo gerativo da denominação até ela se formalizar, no

enunciado final, seja num sintagma toponímico, seja num sintagma antroponímico. Entretanto, o uso de determinado topônimo ou antropônimo deixa vestígios, porque o usuário da língua procura, em seus paradigmas, elementos que julga ideais ou mais adequados ao objeto nomeado. Nessa perspectiva, os *nomes próprios*, dentre os quais se situam os topônimos, passam a ser considerados signos motivados, o que os distingue dos comuns, que são marcados pelo princípio da arbitrariedade linguística.

Em síntese, a condição mais elementar e geral para o uso bem-sucedido de um *nome próprio* é que tanto o falante quanto o ouvinte se refiram, mediante seu uso em determinada instância de comunicação, ao mesmo referente e, no caso de um *nome próprio* como signo toponímico, que este identifique o local nomeado.

Apesar de o signo toponímico se inserir entre os demais signos no sistema linguístico, é um enunciado linguístico originalmente extraído da língua viva e selecionado por um denominador, individual ou coletivo, que o interpreta de acordo com os conceitos, valores, intenções, códigos e usos do seu grupo, para torná-lo um possível referente para o receptor.

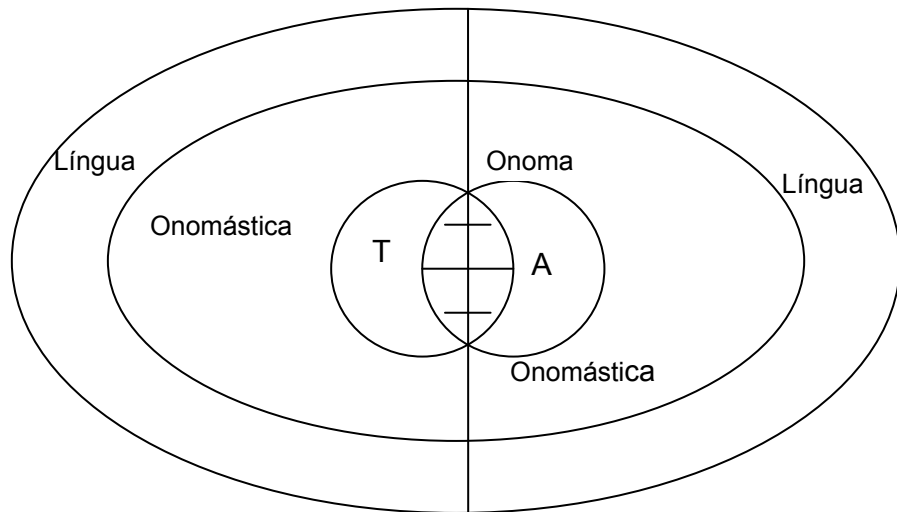
De maneira geral, sua adoção é motivada pela realidade circundante, que é valorizada pelo denominador no momento da nomeação, o que contraria, em parte, a tese da arbitrariedade do signo linguístico, tornando-o um signo linguístico especial. Além disso, ao longo da história, o significado original desse signo pode tornar-se gradualmente opaco devido ao distanciamento do motivo de sua adoção.

Basicamente, porém, o que subjaz em toda discussão sobre as características reveladas pelo nome – topônimo e seu significado – é que não basta apenas existir o objeto – referência ou elemento denotado –, mas é preciso a existência de marcas nesse nome que tenham significação para um sujeito, que o transformará, então, em um elemento expressivo. Só depois desse processo, é que o nome escolhido caminhará por si só, demonstrando a sua motivação.

1.1 ONOMÁSTICA: CONCEITO E OBJETO

As diferenças genéricas que caracterizam o campo de estudos reservado aos dois ramos da Onomástica, Toponímia e Antroponímia, não impedem o encontro, em termos funcionais, dos respectivos objetos de pesquisa. Na verdade, enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem à distinção dos indivíduos entre si, ambos considerados verdadeiros registros do cotidiano que, em certas circunstâncias, a não ser por meio deles, escaparia às gerações futuras.

No entanto, esses dois ramos têm na Onomástica uma relação de inclusão, uma vez que se encontram, no *onoma*, em uma área de intersecção: a palavra, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares. Desse modo, Toponímia, Antroponímia e Onomástica acham-se em uma verdadeira “relação de inclusão”, conforme mostra Dick (1999, p.145), na figura representada a seguir:



$T \cap A$

T= Toponímia

A= Antroponímia

$T \cap A$ = Intersecção

Figura 1 – Onomástica (DICK, 1999, p.145)¹

Antes de tratar da Toponímia e das ciências que se ocupam dela julgamos necessário abrir espaço neste trabalho para uma discussão acerca do *onoma*, sob a perspectiva da Filosofia, da Mitologia, da Antropologia e da Linguística.

1.2 NOME: PERCURSO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DO CONCEITO

1.2.1 A Atividade de Nomear

Um tema a ser considerado em um estudo com dados toponímicos é a própria definição de signo linguístico, particularmente o conceito e a natureza do *nome próprio*, questão teórica que tem se constituído, ao longo do tempo, numa grande preocupação de estudiosos da Filosofia, da Lógica e da Linguística. Essa

¹ O título da figura foi atribuído pela autora deste trabalho.

discussão acerca do estatuto do *nome próprio* abrange sua definição, as classificações propostas por lógicos, filósofos e linguistas e o ponto de vista utilizado por esses pensadores em seus estudos.

Até onde podemos retroceder na história da especulação linguística, tem-se considerado que uma das funções fundamentais da linguagem é a de nomear. Ao atribuir nomes a algo, o indivíduo se apropria do real, como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo, no Gênesis (I, 3-5): [...]：“Deu à luz o *nome* de dia, e às trevas o *nome* de noite [...]”; e em outro momento Adão é chamado para dar nomes aos animais, de tal modo que “todo o *nome* que Adão pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro *nome*” (Gênesis II, 19-20).

No Livro Sagrado dos Cristãos (Gênesis II, 8-14) também despontam acidentes geográficos, como nomes de rios, os primeiros conhecidos com suas nascentes no Jardim do Éden (do hebraico, “delícia”, “lugar de delícias”), localizados na banda do Oriente, e designados como *Fison*, *Geon*, *Tigre* e *Eufrates*. (DICK, 1990a, p.05).

De acordo com Biderman (1998b, p.11), o homem sempre necessitou conhecer para nomear, por isso

[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Esse nomear envolve tanto o nome de pessoas como o de lugares, pois a realidade só tem existência para os homens quando é nomeada, e a forma de apreendê-la é só por meio dos signos, pois só é perceptível no mundo o que é nomeado por meio da língua.

Neste tópico discutimos a importância da atividade de nomear, exercida pelo homem desde a mais remota Antiguidade, uma vez que, ao dar nomes aos seres, objetos e fenômenos, o homem “os classifica simultaneamente”; ele estrutura o mundo que o cerca e se apropria do real (BIDERMAN, 1998a, p.91- 92).

De Aristóteles, até a atualidade, a preocupação em elucidar a natureza do nome tem sido um tema instigador e recorrente na busca de respostas para perguntas do tipo: o que é um nome? Onde está o sentido de um nome?

Existem diferenças entre *nome próprio* e comum? Como os *nomes próprios* referem os objetos? O *nome próprio* tem sentido além da denotação? O *nome próprio* pode se constituir em objeto de reflexão com base apenas em critérios semânticos?

Respostas para perguntas dessa natureza não podem ser buscadas apenas no âmbito das ciências da linguagem, fator que nos motivou realizar neste trabalho uma reflexão sobre o estatuto do *nome próprio*. Essa necessidade se acentua quando verificamos que o ponto de partida dessas reflexões surge no âmbito de campos de conhecimento distintos, especialmente da Filosofia e da Lógica.

A discussão acerca do estatuto do *nome próprio* suscita um debate que não se circunscreve a uma disciplina específica, visto que atravessa por campos teóricos distintos e as fronteiras que, aparentemente, os isolam, se dissolvem frente às primeiras reflexões sobre o tema.

Em razão disso, buscamos realizar uma reconstrução da trajetória da concepção de *nome* a partir da noção de *nome* fornecida por filósofos de diferentes correntes filosóficas; a concepção de *nome* sob a ótica da Mitologia e da Antropologia e, por fim, tratar da problemática do conceito de *nome próprio* a partir de contribuições das diferentes correntes linguísticas, haja vista que o objeto desta pesquisa é o estudo linguístico de uma categoria de *nome próprio*, o nome de lugar/topônimo ou signo toponímico.

Partindo, assim, do princípio de que coube à Filosofia, inicialmente com os filósofos gregos, estabelecer as bases do raciocínio moderno e também os princípios fundamentais segundo os quais a linguagem foi pensada até a atualidade, focalizamos, na sequência, aspectos históricos relativos às várias correntes da Filosofia, com a finalidade de situar, nesse contexto, as reflexões apresentadas por diferentes filósofos acerca da problemática do *nome/nome próprio*.

1.2.2 Considerações Sobre o Nome no Pensamento Filosófico

O nascimento da Filosofia está intimamente relacionado à história da civilização grega. Com um conteúdo preciso, ou seja, uma explicação racional para a origem e ordem do cosmos (cosmologia), é aceita a premissa de que a Filosofia

surgiu nas colônias gregas da Ásia Menor, sendo Tales de Mileto considerado o primeiro filósofo de que se tem notícia. O pensamento dos primeiros filósofos (do final do século VII ao final do século V a.C), hoje denominados pré-socráticos, se baseava na existência de uma substância fundamental na natureza, de caráter eterno e imutável, origem de todas as coisas e a partir da qual as modificações se processavam. Em suma, compreende a totalidade de tudo o que é.

O filósofo grego começou a observar o mundo ao seu redor e a analisar as coisas, criando teorias a respeito, pois era necessário conhecer a origem dessas coisas, de forma fundamentada, não mais baseados exclusivamente na explicação por meio de mitos. A razão surge como elemento mais importante do conhecimento humano. A observação, a razão e a reflexão fundamentam o início do pensamento filosófico. Invariavelmente, a filosofia significou o nascimento do pensamento ocidental, sendo a base para todo o desenvolvimento científico e tecnológico, vislumbrado no mundo contemporâneo.

Assim, é imprescindível retomar os conceitos dos filósofos gregos, para entender as condições históricas que originaram o conjunto de métodos e informações com os quais os pesquisadores trabalham na atualidade, na descrição do desenvolvimento histórico das mais diversas disciplinas científicas.

Os gregos estudavam a linguagem com a intenção de estabelecer e explicar a língua dos clássicos e de manter aquilo que consideravam como superioridade em relação aos outros povos, a sua cultura. Entre os gramáticos gregos (século II a.C), os estudos linguísticos se limitaram à discussão sobre o caráter naturalista ou convencionalista da língua. Essa controvérsia persistiu e evoluiu para outra oposição: analogia e anomalia. Só aos poucos os gregos foram apontando para os diferentes fatos da língua: o nome, o verbo, a conjugação, etc.

Nesse particular é preciso considerar que a questão do *nome* já era discutida na Grécia antiga, embora ainda não houvesse a distinção entre o conceito de *nome próprio* em oposição ao de *nome comum*, nos moldes em que é feita na atualidade, categoria que tem a capacidade de nomear / referenciar.

A concepção de *onoma* foi o princípio e por muito tempo o núcleo a partir do qual se estabeleciam as relações entre a realidade e o pensamento, a questão da verdade e do conhecimento. Em grego o termo *onoma* incluía, além dos *nomes próprios*, também nomes comuns (substantivos), verbos e adjetivos, ou seja, tudo que fosse uma palavra.

Platão foi o primeiro pensador a indicar o caminho para o estudo das proposições, elegendo a linguagem como objeto de estudo. Em seus estudos, não se distinguem ainda os conceitos de letra e de fonema. As sílabas formam os nomes (*onoma*) e os verbos (*rhéma*). Coube a esse filósofo estabelecer definitivamente a primeira distinção gramatical entre nomes e verbos (KRISTEVA, 1969, p.133-135).

A forma dos escritos platônicos é o diálogo. Em praticamente todos os seus diálogos, Platão apresenta Sócrates questionando as pessoas sobre o significado de certos conceitos, pedindo-lhes que digam, definam, expliquem os conceitos utilizados por eles. No caminho desses questionamentos, delinea-se o *Crátilo*, diálogo sobre a justeza dos nomes. O diálogo pode ser dividido numa primeira análise, em duas partes, de acordo com o interlocutor de Sócrates. São dois, Hermógenes, um discípulo seu, e Crátilo. O primeiro participa com Sócrates na maior parte do diálogo (Crat. 383a - 427d)² e o segundo apenas na quarta parte final (Crat. 427e - 440e).

No *Crátilo*, Platão propõe a seguinte questão: seriam os nomes fruto de uma convenção ou designam aquilo que a coisa é, nesse caso, eles seriam atribuídos às coisas por um legislador que conhece a natureza das coisas. O diálogo tem início com a discussão entre Hermógenes e Crátilo, quando o primeiro convida Sócrates a participar do debate e menciona qual a posição de Crátilo em referência à origem dos nomes. Diz Hermógenes:

Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral (CRAT. 383a - 383b).

Frente às afirmações de seu oponente, Hermógenes solicita a Sócrates que se manifeste a respeito da justeza dos nomes.

Quando perguntado se “para todos os outros homens, o nome que aplicamos a cada um é o seu verdadeiro nome”, rebate Crátilo: “não; pelo menos o teu, replicou, não é Hermógenes, ainda que todo mundo o chame desse modo”

² De acordo com Andréa Natália, “a numeração entre parênteses, encontrada em todas as boas edições dos diálogos de Platão, corresponde à paginação da edição de Henn Etienne (Stephanus), Paris, 1578, usada como padrão para uniformizar as citações, tendo em vista o grande número de edições dos Diálogos. As letras (a, b, c, d, e) às vezes também encontradas, referem-se às colunas dessa edição, e o número após as letras, às linhas do texto”. Disponível em: <<http://andrea-filosocio.blogspot.com/>>. Acesso: 23 jul. 2009.

(Crat. 383b). Com essa resposta Sócrates sugere a contradição que existe entre o nome Hermógenes e do deus Hermes, do qual se origina, significando eloquência e inteligência.

Na continuidade do diálogo outras dúvidas surgem. Sócrates destaca que as “coisas não são semelhantes ao mesmo tempo”, estende a ideia da permanência da natureza das coisas para os atos a elas referentes e advoga que “falar é um ato”. Para ele, nomear – “que faz parte do ato de falar” – também é um ato, pois envolve uma “espécie de ação com relação a certas coisas”. Assim sendo, as coisas devem ser nomeadas pelo modo “natural de nomeá-las” e não à revelia de nosso desejo (Crat. 386 e 387d).

Sócrates prossegue com suas exposições, destacando outro exemplo: se todos os atos têm um instrumento adequado para sua realização, o que for preciso nomear não deveria também ser nomeado com alguma coisa, com um instrumento? Conclui que “o nome, por conseguinte, é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las, tal como a lançadeira separa os fios da tela” (Crat. 388c).

Então Sócrates, enquanto indica uma série de exemplos que envolvem os nomes de instrumentos materiais, volta-se para Hermógenes, inquirindo: a quem cabe o trabalho de nomear? São tantas as dúvidas e Hermógenes diz não ter a resposta. Sócrates acrescenta: “nem todos os homens têm capacidade para impor nomes, mas apenas o fazedor de nomes, e esse, ao que tudo indica, é o legislador, de todos os artistas o mais raro.” (Crat. 389a)

Sócrates começa a sua argumentação, a partir de um ponto que é problemático: o fato de duas palavras diferentes referirem a mesma coisa. O ponto de partida para sua investigação é Homero, para quem algumas coisas têm dois nomes diferentes, um nome dado pelos homens e um nome dado pelos deuses.

Destaca, no entanto, que há também casos em que os homens atribuem nomes diferentes às mesmas coisas. Por exemplo, os troianos homens chamavam o filho de Heitor de “Astianacte” e as mulheres lhe davam o nome de “Escamândrio”. Nesse caso, Sócrates assegura que o nome a ser considerado correto deve ser o que foi dado pelas pessoas consideradas mais sábias e razoáveis (Crat. 392b - 392d).

O diálogo prossegue com a afirmação de Sócrates de que o estudo de *nomes próprios* (de heróis ou de homens) pode levar ao engano, pois eles foram

dados pelos antepassados e nada garante que “foram acertados os nomes atribuídos a todos eles”. Com exemplos assevera que alguns nomes, inclusive, foram atribuídos com o objetivo de formular um bom desejo ao recém-nascido: Eutíquedes (afortunado), Sósias (salvo), Teófilo (amado de deus), mas tais nomes não têm “nenhuma relação com os seus atuais possuidores” (Crat. 397b).

Hermógenes, após esse apelo, quer se informar sobre os nomes que considera os mais nobres e belos como “Verdade, Mentira, Ser” e o que constitui o próprio objeto do estudo que empreendem – a palavra *Nome*.

Sócrates, por sua vez, responde que o vocábulo *onoma* (nome) “é uma proposição concentrada, que afirma a existência do ser (*ón*) que investigamos”. Ao que acrescenta: “compreenderás mais facilmente isso mesmo naquilo que chamamos *onomastón* (a ser denominado), pois diz claramente que se trata do ser sobre o que investigamos” (Crat. 421a/b). Destaca, ainda, que a justeza dos nomes é só uma, tanto para os nomes primitivos, quanto para os derivados e que essa justeza consiste apenas “em revelar a natureza de cada um dos seres”.

Sócrates, com uma ponta de ironia, retoma o debate argumentando que os nomes primitivos são uma instituição dos deuses e daí lhes advém a sua justeza. Aparece nesse ponto do diálogo a visão do que está sendo entendido por linguagem:

uma vez formados os nomes e os verbos [...] comporemos algo belo, grandioso e completo. E do mesmo modo que o pintor reproduziu uma figura por meio da pintura, aqui também, criaremos a linguagem por meio da arte de nomear ou de falar, ou que outro nome tenha (Crat. 425a).

Inicia-se a segunda parte do diálogo e Hermógenes, que até então debatia com Sócrates, insiste em trazer para a cena Crátilo. Sócrates, retomando suas palavras na discussão, pergunta a Crátilo: “a enunciação dos nomes tem por finalidade a instrução”? E questiona sobre se alguns nomes que existem foram “atribuídos com mais propriedades do que outros”. Crátilo, por seu turno, discorda dessa posição, por considerar que só merece ser chamado de nome aquele que for estabelecido com precisão (Crat. 428e).

Depois de muita discussão o diálogo se encerra com o argumento de Sócrates:

nem seria mesmo razoável afirmar, Crátilo, a possibilidade do conhecimento, se todas as coisas se transformam e nada permanece

fixo. [...] se a própria ideia do conhecimento se modificar, terá de transformar-se numa ideia diferente do conhecimento, e então não haverá conhecimento. [...] não é fácil decidir, nem se disporia nenhum homem de senso a entregar-se a si mesmo e sua alma à tutela das palavras, nem confiaria nelas e nos instituidores de nomes, a ponto de asseverar que sabe alguma coisa e forma juízo desfavorável a respeito de si mesmo [...]. É possível Crátilo, que tudo, realmente, seja assim; é possível também que não (Crat. 440 a/d).

Sócrates não apresenta ao final uma definição clara, nem a favor das teses defendidas por Hermógenes que vê os nomes como o resultado de uma convenção, nem a favor das de Crátilo que defende que os nomes são estabelecidos em conformidade com a natureza das coisas. No diálogo, Platão considera suficiente a conclusão de que não é por meio de seus nomes que devemos procurar conhecer ou estudar as coisas, mas, de preferência, por meio delas mesmas. Para ele as coisas têm uma natureza fixa e o nome é adotado para expressar essa natureza. É um instrumento destinado a pensar o ser das coisas.

Na visão de Kristeva (1969, p.129), Platão tenta conciliar as duas teses, postulando que a linguagem é uma *criação* humana e, nesse sentido, convencional. Entretanto, ao advir da essência das coisas que representa, torna-se uma obrigação, uma lei para a sociedade. O *nome* para Platão tem então o sentido de *lei, costume, uso*. Para o filósofo, *falar* é distinguir-se das coisas *expressando-as*, dando-lhes nomes. *Nomear* torna-se o *ato diferencial* que *dá lugar à fala*.

Depois de Platão, coube a Aristóteles, formular algumas distinções importantes de *categorias de discurso*. Aristóteles manteve a distinção proposta por Platão, mas acrescentou uma terceira classe de componente sintático, a dos *syndesmoi*, que compreendia o que mais tarde se chamou de conjunção, artigo e pronome, e separou os *nomes* (com três gêneros) dos *verbos* que tem a característica maior de poderem demonstrar o *tempo*, e das *conjunções* (KRISTEVA, 1969, p.135).

Com relação à concepção de nome, destacamos um excerto de *Arte Poética*, apresentado a seguir, que permite uma reflexão sobre o pensamento aristotélico com relação ao tema em questão, à medida que Aristóteles argumenta que

o nome é um composto, significativo, sem indicação de tempo, e nenhuma de suas partes faz sentido por si mesma, pois, nos nomes formados de dois elementos, não empregamos cada elemento com

um sentido próprio; por exemplo, em Teodoro, o elemento – doró não apresenta significado (ARISTÓTELES, 2004,p.31).

Aristóteles (2004, p.32), nessa obra, aborda “as espécies de nomes”: o *nome simples*, “que não é composto de elementos significativos”, como por exemplo, terra, e o *nome duplo*, que “é o composto ora de um elemento significativo e de outro vazio de sentido, ora de elementos significativos”.

Na formação do nome, Aristóteles (2004, p.33 - 35) considera que pode ser de “três, de quatro, e até mesmo de vários outros nomes, como muitos usados entre os marselheses, por exemplo, ermocaicoxangoz”. Finalmente, ele trata de nomes “masculinos” (os que terminam em N, R, S ou em letras compostas de S, que são as consoantes duplas Y e X); “femininos” (os que terminam em vogal sempre longa, como H e W ou em A (alongado) e os “neutros” (terminam por estas mesmas letras e por N e S), e também o transporte para uma coisa de um nome que designa outra: metáfora, metonímia, etc.

Outras escolas filosóficas surgiram em Atenas depois de Aristóteles, sendo a mais importante a dos Estóicos (fundada por Zenão). Segundo Kristeva (1969, p.137), com os Estóicos nascem os conceitos e, na representação, se reconhece a verdade das coisas. Distinguiam quatro partes do discurso: *nomes* que significam qualidades e se dividem em *nomes comuns* e *nomes próprios*; *verbos* enquanto predicados; *conjunções*, os *pronomes* e o *artigo*.

Na sequência surgiram os Alexandrinos, interessados principalmente na linguagem como parte dos estudos literários, aperfeiçoaram as teorias gramaticais que agruparam num corpo coerente de doutrinas – a de Dionísio da Trácia (séculos II e I a.C.), que distinguiu oito classes de palavras: o *nome* (*onoma* – reunia *nomes próprios* e *comuns* - parte do discurso que possui flexão de caso e que significa pessoa ou coisa), o *verbo*, o *particípio* (parte do discurso que compartilha das características do verbo e do nome), o *artigo* (parte do discurso que possui flexão de caso e que vem antes ou depois dos nomes), o *pronome* (parte do discurso que se pode substituir por um nome e que leva a marca de pessoa), a *preposição*, o *advérbio* e a *conjunção*. Essa gramática já tinha caráter filológico, pois se interessava pela interpretação de textos (ROBINS, 1983, p. 27).

Varrão é o primeiro dos gramáticos latinos a elaborar a teoria mais completa da linguagem, na sua obra *De língua latina*, considerada uma das principais fontes, de que dispomos sobre a controvérsia entre *analogistas* e

*anomalistas*³ (KRISTEVA, 1969, p.141).

Varrão dividia as partes do discurso em: *nominatus* - i.) *vocabula* (nomes comuns); ii.) *nomina* (nomes próprios); iii.) *pronomes* e *adjetivos interrogativos, indefinidos*; iv.) outros *pronomes*; v.) *verbos*; vi.) *invariáveis* e vii.) *participios* (KRISTEVA, 1969, p.143 - 144)

No século IV, a patrística (aconteceu do século I ao século VII) alcançou a sua plena maturidade, e, nesse momento, surge a figura de Santo Agostinho, considerado como o primeiro grande pensador cristão; defensor dos ideais cristãos frente ao pensamento pagão. Para ele *as palavras são nomes*, seus significados são os objetos que elas substituem aos quais estão relacionadas e as frases são simples combinações de nomes, que descrevem como são as coisas. Nessa visão, a linguagem se vincula à realidade por meio de conexões entre as palavras e o mundo.

De acordo com Glock (1998, p.371), a visão agostiniana compreende quatro posições:

i.) uma concepção referencial do significado das palavras; ii.) uma concepção descritivista das sentenças; iii.) a ideia de que a definição ostensiva fornece os fundamentos da linguagem e iv.) a ideia de que uma linguagem do pensamento subjaz às nossas linguagens públicas.

A filosofia medieval foi essencialmente distinta da grega, antes de qualquer coisa porque as suas perguntas eram distintas e postas a partir de pressupostos diferentes. O exemplo máximo foi o problema da criação, que transformou de modo radical a grande questão ontológica e fez com que a filosofia cristã formasse uma etapa nova em relação à filosofia do mundo antigo.

Com o advento da Escolástica, surge como expoente São Tomás de Aquino. Em sua obra intitulada *Suma Teológica*, com relação ao conceito de nome, o autor destaca que:

todo nome ou é *abstrato* ou *concreto*. Os *concretos* não convêm a Deus, que é simples. Os *abstratos* também, porque não exprimem nada de perfeitamente existente. Logo, nenhum nome pode ser atribuído a Deus. Demais, os nomes exprimem a substância qualificada; os *verbos* e os *participios* a exprimem no tempo; e os *pronomes*, demonstrativa ou relativamente. [...] Às vezes, uma coisa

3 Os analogistas consideravam que o domínio não linguístico se refletia no domínio gramatical, enquanto os anomalistas defendiam que existe uma diferença nítida entre as categorias reais e as categorias gramaticais (KRISTEVA, 1969, p.141).

é a origem da qual um nome tira a sua significação, e outra, o objeto que ele designa. [...] Na medida em que podemos conhecer a natureza de um ser pelas suas propriedades e efeitos, podemos também impor-lhe um nome. Ora, como sabemos o que é a pedra por lhe conhecermos a substância, mediante uma de suas propriedades, esse nome – pedra – significa a natureza da pedra em si mesma, pois significa-lhe a definição pela qual sabemos o que ela é; porque a definição é a noção expressa pelo nome (AQUINO, 1979, p. 105-117).

O começo do século XIV marca a decadência da Escolástica de maneira rápida e incessante. As correntes contrárias, favorecidas pelas circunstâncias, foram crescendo, até invadirem e ocuparem, de todo, o campo que antigamente a Escolástica havia tão brilhantemente defendido. Os séculos XIV e XV são, pois, os períodos de gestação dos tempos modernos. Na segunda metade do século XVII e na primeira do século XVIII, surgem figuras fundamentais do Empirismo, que estabeleceram a formulação definitiva dessa corrente filosófica (FRANCA, 1967, p. 117).

O empirista Thomas Hobbes (2005, p.16-17) defendia que “palavras conectadas de modo a se tornarem signos de nossos pensamentos são chamadas FALA, da qual cada parte é um *nome*”. Além disso, conquanto os nomes, isoladamente, sejam marcas, pois servem “para trazer à mente nossos próprios pensamentos”, eles não podem ser “signos a não ser quando dispostos e ordenados na fala como suas partes”. Para completar, Hobbes (2005, pg.16-17) argumenta que

um nome é uma palavra tomada arbitrariamente para servir como marca que pode trazer à nossa mente um pensamento semelhante a um pensamento que tivemos antes, e que, sendo pronunciado a outros, pode ser para eles um signo de qual pensamento o falante tinha, ou não tinha, em mente. Mas, dado que, os nomes ordenados na fala (como se definiu) são signos de nossas concepções, é claro que não signos das próprias coisas; pois, o único sentido em que se pode entender que o som desta palavra pedra seja o signo de uma pedra, é de que aquele que o ouve conclui que quem o pronuncia está pensando em uma pedra.

Para esse filósofo a natureza de um nome consiste principalmente no fato de ele ser uma marca assumida em prol da memória, mas que também serve, acidentalmente, para significar e dar a conhecer a outro nossas crenças e recordações. Hobbes (2005) faz uma distinção entre os nomes, destacando que alguns são *positivos* ou *afirmativos*, e outros *negativos*, sendo também denominados *privativos* ou *indefinidos*. Assegura ser

nomes *positivos* os que atribuímos com base na semelhança, igualdade ou identidade das coisas consideradas. Por outro lado, os *negativos* são os atribuídos com base na diversidade, dessemelhança ou desigualdade dessas coisas. Sócrates é um exemplo de nome positivo, porque significa sempre um e o mesmo homem. Exemplos de nomes negativos são os nomes aos quais se acrescenta a partícula não, como não-filósofo (HOBBS, 2005, p.16 - 17).

Além disso, pondera que, dentre os nomes,

alguns são *comuns* a muitas coisas, como *um homem, uma árvore*; e outros *próprios* de uma única coisa, como *aquele que escreveu a Ilíada, Homero, este homem, aquele homem*. O nome comum é o nome de muitas coisas tomadas separadamente, mas não de todas elas tomadas em conjunto (*homem* não é o nome de toda humanidade, mas de cada um individualmente, como Pedro, João e os demais, tomados separadamente), sendo, por essa razão, chamado um nome universal (HOBBS, 2005, p.19, grifo do autor).

Outro importante filósofo de destaque no século XIX foi John Stuart Mill, autor da obra *Sistema de Lógica* (1843)⁴ e da teoria da referência direta dos nomes. Mill foi um dos primeiros autores que escreveu sobre o significado dos *nomes próprios*. O principal ponto a ser salientado nessa obra é o fato de o texto ser iniciado com uma análise da linguagem e, mais especificamente, dos *nomes*.

Nessa obra, em particular, a classificação dos nomes é efetuada por meio de distinções sucessivas que culminam com uma complexa sequência de nomes e estruturas semânticas, cujo principal conceito é o de *conotação*. Assim, considera-se que, por serem diretamente relevantes, as distinções referentes ao estabelecimento da tese da conotabilidade dos nomes gerais devem ser mencionadas, no âmbito deste trabalho.

A primeira distinção que o autor estabelece e que interessa aos propósitos desta pesquisa é a divisão dos nomes em *gerais* e *singulares ou individuais*. Um nome geral é aquele “susceptível de ser afirmado verdadeiramente, no mesmo sentido, de uma entre um número indefinido de coisas”. Já o nome singular ou individual é aquele “susceptível de ser afirmado verdadeiramente, no mesmo sentido, de uma coisa” (MILL, 1979, p.97).

Esse filósofo esclarece ainda que *nomes próprios* como *João, Maria, Jorge* são claramente *nomes singulares*, mas destaca que os nomes singulares não

⁴ A primeira edição de *A System of Logic* data de 1843. Neste trabalho foi consultada a edição de 1979.

se resumem aos *nomes próprios*, aos “*nomes de batismo*”, àqueles que são impressos muitas vezes arbitrariamente aos indivíduos, simplesmente *com o objetivo de distingui-lo dos demais, como os nomes citados* (MILL, 1979, p.97, grifo nosso).

Mill também estabelece a distinção entre nomes *conotativos* e *não-conotativos*. Na óptica desse filósofo, o termo *conotativo* “denota um sujeito e implica um atributo” de outra feita, enquanto um nome *não-conotativo* “denota um sujeito somente, ou um atributo apenas”. O autor cita como exemplos de nomes não-conotativos *João, Londres* ou *Inglaterra*; e, como exemplos de nomes conotativos *virtuoso, branco, grande* (MILL, 1979, p.100).

Parece consensual que a teoria dos nomes de Mill contempla a intuição básica de que os *nomes próprios* são palavras sem significado que servem, apenas, para denotar. Em sua concepção, os *nomes próprios* como os topônimos *Londres* ou *Inglaterra* não conotam, pois nenhum atributo do indivíduo nomeado, nesse caso de lugares, lhes é conferido.

O autor desconsidera o *significado primitivo*, pois os elementos conotativos que poderiam ter originado a constituição de tais nomes parecem esvaziar-se na centralidade da função denotativa. Isso explica, inclusive, por que um nome, que teve origem num atributo do objeto denominado, pode permanecer denominando-o, mesmo quando esse objeto já não possui mais aquele atributo.

Se partirmos do princípio de que qualquer topônimo significa alguma coisa, devemos concluir que não há necessidade, nesse caso, de se discutir conotação ou denotação porque um conceito coincide com o outro; o nome (como fato linguístico) denota e, às vezes, conota aquilo a que se refere, ou seja, um determinado lugar.

Mill argumenta que, ao chamar uma criança de Paulo ou um cachorro de César, pode-se dizer que “deve ter havido alguma razão para lhes dar esses nomes em vez de qualquer outro”. E mais, um homem poderia se chamar “João porque esse era o nome de seu pai; uma cidade poderia se chamar Dartmouth porque é situada na foz do rio Dart”. Entretanto, não há, na significação da palavra João, nada que indique que o pai da pessoa que possui esse nome tenha o mesmo nome; nem mesmo a palavra Dartmouth sugere que essa cidade esteja situada na foz do Dart. Se a areia obstruísse a foz do rio ou um terremoto mudasse o seu curso e o afastasse da cidade, o nome da cidade não seria necessariamente mudado. Conclui o autor: “sempre que os nomes dados aos objetos contenham alguma

informação sobre o objeto – ou seja, tenham propriamente alguma significação –, esta significação reside não no que eles denotam, mas no que conotam” (MILL, 1979, p.101-103).

Para o autor, os *nomes* devem sempre ser mencionados como “os nomes das próprias coisas e não meramente de nossas ideias das coisas”. Destaca que os *nomes próprios* como termos singulares básicos possuem uma denotação, mas não admite jamais atribuir a eles uma conotação. Vale dizer que os *nomes próprios* para Mill estão “vinculados aos objetos em si e não dependem da permanência de qualquer atributo do objeto”, e deve ser considerado “apenas o nome de um indivíduo do qual se predica” (MILL, 1979, p.101-104).

Mill sustentou explicitamente que os *nomes próprios* não descrevem os objetos a que se referem, de maneira que não são sinônimos de nenhuma descrição associada. Salvo por seu exemplo clássico, da cidade de Dartmouth, onde sustenta que a referência do nome não está determinada pela descrição empregada para batizar a cidade, Mill não oferece uma explicação sobre como os nomes chegam a ter as denotações que de fato têm.

Pode-se, pois, concluir da obra de Mill que *nomes próprios*, ou seja, não-conotativos, são aqueles que buscam a singularização das coisas. Desse modo, uma pessoa chama-se Antonio para ser distinguida de João, uma cidade chama-se Londrina para ser distinguida de Maringá, São Paulo, etc.; e, por isso, esses nomes são arbitrariamente atribuídos às coisas singulares, justamente para evidenciar essa singularidade.

A última fase do século XIX é marcada pelo surgimento do pensamento do filósofo alemão Gottlob Frege – a conexão entre a Matemática e a Filosofia. Os filósofos precursores de Frege tinham como propósito a investigação do pensamento livre das distorções expressas pela linguagem.

Frege apresentou a sua teoria da significação por meio de dois artigos publicados em 1892: *Sobre sentido e a referência (Über Sinn und Bedeutung)* e *Sobre o conceito e o objeto (Über Begriff und Gegenstand)*. Tornou-se o primeiro a tratar as formas de pensar por meio das expressões linguísticas e também como a principal reação ao *idealismo hegeliano*⁵ que predominava na

⁵“No hegelianismo a ordem estabelecida não retrata mais um plano divino, mas a racionalidade imanente da própria história, que é palco de lutas entre contrários, fruto da contradição, superando-se sempre (tese, antítese, síntese)” (MARÍAS, 1973, p.313).

Europa (OLIVEIRA, 1996, p.57 - 58; 62).

No artigo intitulado *Sobre sentido e a referência* (1978), Frege parte da noção de igualdade (identidade) para produzir conhecimento novo. Ele questiona se a igualdade seria uma relação entre objetos ou uma relação entre nomes ou sinais de objetos, dando a entender ter assumido a última alternativa. Apresenta como exemplo uma igualdade do tipo $a=b$, considerando que os sinais ou os nomes a e b referem-se à mesma coisa e conclui que “esta relação se manteria entre os nomes ou sinais, apenas na medida em que denominassem ou designassem alguma coisa” (FREGE, 1978, p.61).

Frege (1978, p.62) sugere pensar as noções de *sinal – sentido – referência* para caracterizar a especificidade de cada um desses elementos. Para o filósofo, o sinal corresponde a um sentido determinado, ao sentido corresponde uma referência determinada, e assim a referência não deve pertencer apenas a um único sinal. O autor pondera:

É, pois, plausível pensar que exista, unido a um sinal (nome, combinação de palavras, letra), além daquilo por ele designado, que pode ser chamado de sua referência, ainda o que eu gostaria de chamar de o sentido do sinal, onde está contido o modo de apresentação do objeto [...] por “sinal” e por “nome”, entendi qualquer designação que represente um *nome próprio*, cuja referência seja um objeto determinado (esta palavra tomada na acepção mais ampla) (FREGE, 1978, p.62).

Nesse sentido, faz-se necessário explicar, de acordo com Frege, o conceito de *nome próprio* e qual o critério estabelecido por ele para identificá-lo. Em sua teoria, Frege (1978, p.62) defende que, para algo ser um *nome próprio*, é preciso que se “refira a um objeto singular, particular e não mais que um”. As únicas palavras que efetivamente nomeiam particulares são os nomes que se referem imediatamente a coisas simples. Para esse filósofo, “a designação de um objeto singular pode também consistir em várias palavras ou sinais. Para sermos breves, chamaremos cada uma destas designações de *nome próprio*”, defendendo-os como palavras que se referem a particulares (FREGE, 1978, p.62- 63).

Frente ao exposto, conclui-se que, na perspectiva de Frege, o *nome próprio* é um termo conceitual que exprime seu sentido, que pode ser caracterizado como convencional, constante, estável, pois é entendido como o modo de apresentação do objeto, ou seja, o sentido de um *nome próprio* “é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a

totalidade de designações a que ele pertence” (FREGE, 1978, p. 63).

Com base nessa distinção, Frege conclui que o *nome próprio* tem duas funções semânticas: denotam um objeto e exprimem um sentido. Essa distinção fundamental entre sentido e denotação constitui o cerne da semântica fregeana, ou seja, todo nome designa algo e, além disso, possui um sentido. O sentido é a maneira como se manifesta o objeto. A denotação de um *nome próprio* é o próprio objeto designado por ele (a denotação das palavras é aquilo sobre o que falamos). Para Frege, *lugares*, determinações temporais e espaciais logicamente consideradas são objetos e, portanto, designáveis por meio de *nomes próprios* (OLIVEIRA, 1996, p.62 - 64). De acordo com a teoria de Frege, os topônimos são considerados *nomes próprios* porque possuem um sentido e normalmente se referem a um objeto particular e não a mais que um.

Frege (1978, p.116) pondera ainda que o *nome próprio* deve ter pelo menos um sentido (na acepção em que o autor usa esta palavra), senão

ele seria uma sequência vazia de sons, ilegitimamente chamada de nome. Para o uso científico, porém, deve-se exigir que também tenha uma referência, que designe ou nomeie um objeto. Assim, o *nome próprio* se relaciona, mediante o sentido, e só mediante este, com o objeto.

Nesse contexto, o sentido de um *nome próprio* é entendido por todos que estejam familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence. Isso elucidada a referência, caso tenha uma, mas de uma maneira sempre parcial. A conexão regular entre o sinal, o seu sentido e a sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e, ao sentido, corresponde uma referência determinada, enquanto a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal. Portanto, pode-se entender que um sentido nunca assegura sua referência. Assim, para Frege, um nome, como por exemplo, "Curitiba" teria sua referência fixada por uma descrição definida, ou seja, por um sentido desse sinal, que poderia ser "A capital do Paraná".

Há ainda a noção de *nomes próprios* genuínos, esclarecida por Frege (1978) com o seguinte ponto de vista:

no caso de um *nome próprio* genuíno como "Aristóteles", as opiniões quanto ao sentido podem certamente divergir. Poder-se-ia, por exemplo, tomar como seu sentido o seguinte: o discípulo de Platão e o mestre de Alexandre Magno. Quem fizer isto associará outro sentido à sentença "Aristóteles nasceu em Estagira" do que alguém

que tomar como sentido daquele nome: o mestre de Alexandre Magno, que nasceu em Estagira. Enquanto a referência permanecer a mesma, tais variações de sentido podem ser toleradas, ainda que elas devam ser evitadas na estrutura teórica de uma ciência demonstrativa, e não devem ter lugar numa linguagem perfeita (FREGE, 1978, p.63).

Campos (2004, p.46) apresenta uma lista bastante variadas de expressões linguísticas que, na concepção de Frege, são consideradas *nomes próprios*:

a.) *Aristóteles* é um filósofo – *nomes próprios* genuínos; b.) *O Rei da França em 1750* é calvo – descrições definidas desde que determinadas no tempo, por exemplo; c.) 2 é um número par – números determinados; d.) José disse que *a Lua é branca* – sentenças subordinadas; não todas; e.) *Kant é alemão* – sentença assertiva completa; f.) *A extensão do conceito filósofo* não é vazia – expressões com artigo definido anteposto; g.) *Às dez horas de janeiro de 1978*, João nasceu – expressões adverbiais de lugar, tempo, etc. (grifo nosso)

Com relação ao sentido do *nome próprio*, Brito (2003, p.52), com propriedade, assegura que, embora haja um desencontro de opiniões,

é decisivo para o uso de um *nome próprio* que, para ele, à medida que é usado, o seu referente específico mantenha-se o mesmo. É o portador de um *nome próprio* que em última instância garante sua funcionalidade semântica.

Em suma, a proposta de Frege institui a tese que um *nome próprio* (palavra, sinal, combinação de sinais, expressão) designa um objeto singular (um objeto determinado). Sob essa vertente, o *nome próprio* refere-se a um único objeto (unicidade) e não deve ser confundido com sentido, com referência, nem com representação. Essa diferenciação é fundamental para as construções teóricas que o sucederam:

A referência de um *nome próprio* é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é tão subjetivo quanto à representação, mas que também não é o próprio objeto (FREGE, 1978, p.65).

De qualquer maneira, por enquanto, basta destacar o fato de, em Frege, tanto nomes típicos como descrições definidas se enquadrarem na categoria dos *nomes próprios*, sendo que essas, como se disse, formam a base significativa daqueles.

O século XX foi o primeiro, desde a Idade Média, em que todos os filósofos eram acadêmicos. Em parte como resultado disso, houve um crescimento significativo da preocupação relativa à análise. Ocorreram desenvolvimentos maciços na análise lógica e na análise linguística, muito para além do que se tinha sonhado na história anterior sobre essa matéria.

Destaque para a obra de Bertrand Russell, baseada em grande parte na sua produção matemática, mas também no seu interesse em outros aspectos da Filosofia da Lógica. Isso significa que, embora tomasse a Lógica como uma espécie de eixo metodológico, Russell tratou também de questões metafísicas, epistemológicas e linguísticas. A primeira obra de destaque desse pesquisador foi *Os Problemas da Filosofia*⁶ (CAMPOS, 2004, p.62).

Importante destacar que, assim como em Frege, na obra desse filósofo não há um tratamento focado especificamente no *nome próprio*. Todavia, a discussão sobre essa categoria surge à medida que a capacidade denotativa do nome é uma questão central para o trabalho de fundamentação da Lógica (CAMPOS, 2004, p.63).

Russell, assim como Frege, não aceitava que a Lógica estivesse reduzida a um puro formalismo, origem dos seus maiores problemas. Também o *nome próprio* e a denotação constituíram-se um problema de grande relevância teórica, ao qual ele dedicou, enorme energia intelectual, consoante se percebe nessa afirmação: “o objeto da denotação é de grande importância, não só para a Lógica e Matemática, mas também para a teoria do conhecimento” (RUSSELL, 1974, p.09).

Russell admite, em *Princípios da Matemática*⁷ e em outros trabalhos, que o significado de um nome deve estar identificado com o objeto que o nome denota. Instaure-se, por essa via, a condição necessária, embora não suficiente, para que algo possa ser nomeado – a de que possa ser denotado. Para Russell um “termo” é tudo que pode ser mencionado; todo termo poderia ser um sujeito lógico de uma proposição; e tudo que pudesse ser sujeito lógico de uma proposição poderia ser nomeado (RUSSELL, 1974, p.76 - 77).

A questão dos *nomes próprios* – nomes logicamente próprios, por

⁶ *The Problems of Philosophy* foi publicado em 1912. Para este trabalho consultamos a edição de 1974.

⁷ A primeira edição de *The Principles of Mathematics* é de 1903. Neste trabalho consultamos a edição de 1974.

exemplo – é analisada a partir de diversos ângulos, simultaneamente. Primeiramente, para o autor, o *nome próprio* como o símbolo linguístico é empregado para a designação de particulares, que na sua óptica, são termos constituintes de relações com fatos atômicos, e isso basta do ponto de vista lógico (RUSSELL, 1974, p.78).

Posteriormente, Russell (1974, p.78) esclarece que existe uma única relação do nome com o que ele nomeia, ou seja, “um nome só pode nomear um particular ou, se não o nomeia, não é em absoluto um nome, é um ruído”. Aí está o ponto em que se situa a *diferença entre nome e proposição: o nome deve ter exatamente aquela relação particular de nomear alguma coisa, mas uma proposição não deixa de ser uma proposição se for falsa* (grifo nosso)

Importante destacar que, para Russell (1974, p.77), a única espécie de palavra teoricamente capaz de representar um particular é um *nome próprio*, e por isso a questão completa dos *nomes próprios* é algo bastante curioso. Em nota afirmativa, ele define: “*Nomes próprios = palavras para os particulares*”⁸.

O autor destaca ainda que os nomes comumente usados, como por exemplo, “Sócrates”, são realmente abreviações para as descrições e o que eles descrevem não são particulares, mas complicados sistemas de classes ou séries:

um nome, no sentido lógico estrito de uma palavra cujo significado é um particular, pode-se aplicar somente a um particular com o qual o orador esteja familiarizado, porque não podemos nomear nada com o qual não estejamos familiarizados. Lembremos que, quando Adão nomeou os animais, eles apareceram um a um diante dele, e ele se familiarizou com eles e os nomeou. Não estamos familiarizados com Sócrates, e portanto não podemos nomeá-lo. Quando usamos a palavra “Sócrates”, estamos na verdade usando uma descrição. Nosso pensamento pode ser interpretado por algumas frases tais como, “o mestre de Platão”, ou “o filósofo que bebeu cicuta”, ou “a pessoa que os lógicos afirmam ser mortal”, mas certamente não usamos um nome como um nome no sentido apropriado da palavra (RUSSELL, 1974, p.77 - 78).

O autor demonstra a diferença entre um nome e uma descrição definida com o exemplo: “Scott, era o autor de Waverley”, que contém um *nome* “Scott”, e uma *descrição definida*: “o autor de Waverley”, que se aplicam à mesma

⁸ Russell (1974, p.78) defende que é “muito difícil obter algum exemplo de um nome no sentido lógico estrito e apropriado da palavra. As únicas palavras que se usam como nomes no sentido lógico são palavras como “isto” ou “aquilo”. Pode-se usar “isto” como um nome que representa um particular com o qual se está familiarizado no momento. [...] Somente quando se usa “isto” de modo bastante estrito, representando um objeto real dos sentidos, é que ele é realmente um nome próprio”.

pessoa. A distinção entre um nome e outros símbolos pode ser assim explicada: o nome “é um símbolo simples”, cujo significado é algo que só pode ocorrer como sujeito, isto é, como um “indivíduo” ou um “particular determinado”. Já “o autor de Waverley” é um “símbolo complexo”, porque contém “partes que são símbolos” (RUSSELL, 1974, p.112).

Temos, então, as seguintes comparações: a) um nome, que é um símbolo simples, designando diretamente um indivíduo que é o seu significado, e tendo esse significado por seu próprio direito, independente dos significados de todas as outras palavras; b) uma descrição, que consiste de várias palavras, cujos significados já estão fixados, e das quais resulta o que quer que seja tomado como “significado” da descrição (RUSSELL, 1974, p.113).

De acordo com Graça (2002, p.06), Russel defende em seu trabalho filosófico a associação de duas funções semânticas distintas a *nomes próprios* genuínos e a termos descritivos: a função de referir e a de denotar, respectivamente. Na verdade, essa tese é resultante da sua descoberta de que a relação semântica existente entre um nome e o objeto do qual é representante é de natureza essencialmente diferente da relação semântica que existe entre um termo descritivo e o objeto que ele identifica (mesmo no caso em que este objeto existe e é único).

Não é demais enfatizar que a teoria referencial do significado não é inteiramente responsável pela notável “metafísica do atomismo lógico”⁹. A teoria da aquisição da linguagem de Russell, que deriva de seu “empirismo cada vez mais extremo, é o que força nesse caminho”. Ele supõe que as “expressões significativas” significam o que elas denotam e que só se pode saber o que uma expressão significa se estiver familiarizado, “pela experiência concreta”, com o que é denotado. A maioria das descrições e nomes configura-se com o que Russell chamou de “expressões incompletas” e as sentenças em que elas ocorrem “devem ser analisadas em termos de sentenças em que elas não ocorram” (HACKING, 1999, p.83).

Das construções teóricas que colhemos, algumas elaborações são extremamente importantes para os estudos toponímicos. Dentre elas, destacamos a

⁹ Segundo Russell (1974, p.60), a “doutrina do atomismo lógico surgiu a partir de suas reflexões sobre a filosofia da matemática, que se caracterizava por reduzir a matemática inteiramente à lógica e, portanto, a princípios cada vez mais simples. Surgiu assim uma doutrina lógica que se dissociou da matemática. Contíguo dessa lógica desenvolveu-se uma metafísica que ele chamou de *atomismo lógico*”.

posição de Russel (2005) de que,

com relação aos nomes de lugares – Londres, Inglaterra, Europa, a Terra, o Sistema solar – implicam igualmente, quando os empregamos, descrições que repousam em um ou mais elementos particulares dos quais temos um conhecimento direto. Suspeito que inclusive o Universo, tal como o consideram os metafísicos, envolve uma conexão com algo particular. A lógica, ao contrário, que não está interessada meramente com o que existe, mas com tudo o que poderia existir ou ser, não envolve nenhuma referência a elementos particulares efetivos (RUSSEL, 2005, p.46).

Partindo-se do princípio de que a função do *nome próprio* é referir, podemos aceitar que, numa instância de comunicação, o uso de um determinado *nome próprio* será bem sucedido se o ouvinte tiver como saber, por meio do uso do nome, do que ou de quem o falante está falando. Isto é, se o objeto pode ser especificado mediante o uso de seu nome, por elementar que seja a especificação fornecida. *Nomes próprios* não descrevem seus referentes, mas remetem a eles, e isso não significa que, para que um usuário use um *nome próprio* de modo bem-sucedido, como Londres, por exemplo, ele tenha de fato, de ser capaz de especificar ou de conhecer o objeto nomeado.

Nesse particular, é útil retomar aqui o pensamento de Dick (1998) sobre as palavras e os nomes:

O ato intelectual de nomear, onomasticamente, é distinto da constituição/criação da palavra, enquanto elemento do léxico e integrante do enunciado de língua. Para se tornar nome, a palavra passa por um experimento seletivo e interpretativo, que pressupõe a articulação pelo nomeador (ou enunciator/emissor) de conceitos, valores, intenções, códigos e usos convencionais [...]. Ao se penetrar assim, no campo onomástico, ganha forma, por necessário, o problema da representação externa ou do referente e o modo pelo qual os nomes se atrelam às entidades representadas (DICK, 1998, p.101).

De fato, o destaque da teoria de Russell é a diferença entre *nomes próprios* e descrições definidas na superfície linguística e, por meio desse paralelo, esclarece as diferentes formas de denotação. Na sua concepção, *nomes próprios* são símbolos simples, completos e designam indivíduos sem indicar-lhes propriedades, ao contrário das descrições definidas que são compostas, incompletas e que só têm significado no contexto mediante o significado das palavras que as constituem.

Valendo-se do aparato teórico de Frege e Russell, Ludwig

Wittgenstein, filósofo austríaco considerado o precursor da pesquisa filosófica em linguagem, empreendeu um modelo de análise, cujo escopo estrutural apóia-se em “compreender a essência incomparável da linguagem” (IF¹⁰, 1979, p.51).

Wittgenstein doutorou-se em 1929, sendo o *Tractatus* sua dissertação doutoral e o tema do exame do doutoramento. Publicou em 1921 o *Tratado Lógico-Filosófico (Logisch-Philosophische Abhandlung)*. Ao morrer, estava com uma segunda grande obra pronta, que foi publicada em 1953 com o título de *Investigações Filosóficas (Philosophische Untersuchungen)* (OLIVEIRA, 1996, p.94).

Para muitos admiradores do desenvolvimento filosófico, a obra desse pensador se divide em duas partes, ou ainda, em “primeiro” e “segundo” Wittgenstein: i) *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP) e ii) *Investigações Filosóficas* (IF) e demais obras.

No TLP não há lugar para *nomes próprios* como “Sócrates”, “Homero”, pela simples razão de que Wittgenstein não oferece nenhum exemplo do que possam ser tais objetos, uma vez que podem ser definidos de diversos modos. A concepção dos nomes no TLP conserva uma mútua dependência da doutrina do atomismo lógico, como se encontra claramente expressa em:

TLP 2.02 – O objeto é simples; TLP 2.021 – Os objetos formam a substância do mundo. Por isso não podem ser compostos; TLP 2.027 – O fixo, o subsistente e o objeto são um só; TLP 2.0271 – O objeto é o fixo, o subsistente; a configuração é o mutável, o instável; TLP 3.22 – Na proposição o nome substitui o objeto; TLP 3.221 – Posso *nomear* apenas objetos. Os signos os substituem. Posso apenas falar *sobre eles*, não posso, porém, *enunciá-los*. Uma proposição pode apenas dizer *como* uma coisa é, mas não o *que* é. (WITTGENSTEIN, 1968, p.57; 58; 63).

Já nas *Investigações Filosóficas* (IF), depois de citar exemplos que nada têm a ver com o seu pensamento anterior como “relatar um acontecimento, inventar uma história, ler, cantar uma cantiga de roda, etc.”, Wittgenstein (1979, p.14) pondera:

[...] É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem.

Além disso, Wittgenstein menciona uma passagem de Platão evidenciando que o filósofo grego já reconhecia a dificuldade de se pensar o

¹⁰ Investigações Filosóficas = IF.

"simples":

O que há com o fato de os nomes designarem o propriamente simples? Sócrates (no Teeteto): Se não me engano, assim ouvi de alguns: para os elementos primitivos - para assim me expressar - dos quais nós e tudo o mais somos compostos, não há qualquer explicação; pois tudo que é em si e por si pode ser apenas designado com nomes; outra determinação não é possível, nem que é nem que não é... Mas o que é em si e por si deve ser... denominado sem todas as outras determinações. Mas, com isso é impossível falar explicativamente de qualquer elemento primitivo; pois para este nada existe a não ser a mera denominação; tem, na verdade, apenas seu nome. Mas assim como aquilo que se compõe desses elementos primitivos é ele próprio um conjunto emaranhado, assim também suas denominações tornaram-se discurso explicativo neste emaranhado; pois sua essência é o emaranhado de nomes (WITTGENSTEIN, 1979, p.22).

Considerando-se essas ponderações, questiona-se: como fica a problemática dos *nomes próprios* nessa reviravolta de Wittgenstein? Ele muda sua atitude e abandona o ideal de exatidão da linguagem. Essa tese, que é fundamental no TLP, pressupõe que no mundo há entidades cuja “estrutura ontológica” seja claramente determinada e da qual a linguagem seria a cópia fiel (OLIVEIRA, 1996, p.121-122).

Nessa reviravolta, Wittgenstein chama a atenção para o que dá significado à linguagem, para o pano de fundo das relações sociais, partindo do deserto árido da lógica matemática, para o campo fértil dos jogos de linguagem e das formas de vida, mais adequada para o entendimento da variedade de significados e usos da nossa linguagem.

Na sua obra *Investigações Filosóficas* (IF), Wittgenstein fez muitas considerações sobre os *nomes próprios* da linguagem natural, tendo como parâmetro a tese de que o significado de um nome estaria identificado com o objeto nomeado. Mais explicitamente no § 40 (p.21), avança na tematização dos *nomes próprios*. Ele chama a atenção para o significado de uma palavra, afirmando com relação a essa posição que:

[...] – É importante constatar que a palavra “significação” é usada incorretamente, quando se designa com ela a coisa que ‘corresponde’ à palavra. Isto é, confunde-se a significação de um nome com o portador do nome. Se o sr., N.N. morre, diz-se que morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome. E seria absurdo falar assim, pois se o nome deixasse de ter significação, não haveria nenhum sentido em dizer: “O sr. N.N. morreu” (WITTGENSTEIN, 1979, p.21).

Wittgenstein refere-se ao uso dos *nomes próprios* ordinários, e seu argumento é claro e consistente. Nesse ponto, cabe ressaltar que ele parte certamente do conceito russelliano de nomes logicamente próprios, como expressões linguísticas para elementos simples. Entretanto, o ponto de sua argumentação gira em torno da função cotidiana da linguagem. Isso se justifica, evidentemente, desde que se aceite a tese defendida por Wittgenstein:

Pode-se para uma *grande* classe de casos de utilização da palavra 'significação' – se não para todos os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem. E a *significação* de um nome elucida-se muitas vezes apontando para seu portador (WITTGENSTEIN, 1979, p.22).

Frente ao fato apresentado, nota-se que o significado da palavra "significação" é o uso que essa palavra tem na linguagem. Porém, Wittgenstein (1979, p.36) complementa essa posição ao observar que o nome corresponde a uma ou outra dessas descrições, de tal maneira que sua significação nunca é rígida. Cita como seriam no modelo teórico de Russell as sentenças: "Moisés" é um nome que equivale a "O homem que guiou os israelitas através do deserto", ou "O homem que viveu naquele tempo e naquele lugar e que naquela época foi chamado Moisés", ou "O homem que em criança foi retirado do Nilo pela filha do Faraó", ou etc., mas,

– não é como se eu, por assim dizer, tivesse à mão toda uma série de suportes e que me apóio em um deles quando os outros me são retirados e vice-versa? [...] E isto pode ser assim expresso: utilizo o nome 'N' sem uma significação rígida. [...] (WITTGENSTEIN, 1979, p.36).

Para o filósofo austríaco, no jogo da linguagem, um nome pode ser exemplificado por um conjunto indeterminado de descrições, mesmo que tal indeterminação possa ocasionar certo desconforto teórico. E apresenta seu ponto de vista:

Suponha que eu elucide: "Por 'Moisés' entendo o homem, se tal homem existiu que conduziu os israelitas para fora do Egito, qualquer que tenha sido o seu nome e não importa o que tenha feito ou deixado de fazer." Mas sobre as palavras desta elucidação são possíveis dúvidas semelhantes às surgidas sobre o nome 'Moisés' (o que você chama "Egito", quem são "os israelitas" etc.?). [...] – "Mas então como uma elucidação ajuda-me a compreender, se ela não for a última?"[...] (WITTGENSTEIN, 1979, p.40).

Para Wittgenstein uma palavra tem sentido pela maneira como é usada, isto é, de acordo com a função determinada que exerce num jogo de

linguagem. Além do uso, não se faz necessário existir, ainda, algo que conceda significação às palavras, nem objetos, nem atos intencionais.

As ideias apresentadas por Wittgenstein foram importantes para a Filosofia, sendo visível a sua influência em grande parte do trabalho filosófico dos mais importantes pensadores da segunda metade do século XX. Destacamos, dentre os que sofreram a influência das suas ideias, John Searle, autor de *Speech Acts: an essay in the philosophy of language* publicado em 1969.

O resgate da teoria fregeana dos *nomes próprios* e a sua teoria dos atos de fala se tornaram umas das principais contribuições de Searle às pesquisas filosóficas. O artigo de Searle, publicado em 1958, *Proper Names*, é considerado a sua primeira obra de relevância filosófica e, nele, o autor defende uma posição acerca da natureza dos *nomes próprios* condizente com as ideias de Frege. Cabe lembrar que o pensamento de Frege consiste na tese segundo a qual todo *nome próprio* é associada a um determinado conjunto de descrições que determinam que objeto seja designado por esse nome.

Em outros termos, para Searle um nome é um designador indireto. Um *nome próprio* tem sentido não porque descreva características de um objeto (não descreve), mas sim porque está logicamente conectado com o conjunto de descrições definidas necessárias e suficientes para a descrição de um objeto particular. Como bem afirma o autor: “nomes (e sentenças) têm essencialmente um sentido, e apenas acidentalmente uma referência” (SEARLE, 1958, p. 251).

Searle defende a tese de que a distinção entre *nomes próprios* e descrições definidas pode ser explicada na originalidade dos *nomes próprios*, ou seja, o fato de eles possibilitarem a referência aos objetos sem que haja a necessidade de recuperar as características que devem apresentar a identidade do objeto. Desse modo, a imprecisão desses critérios, no que diz respeito aos *nomes próprios*, é então uma condição necessária para isolar a função referencial da função descritiva da linguagem. Contudo, há ainda outra questão a ser resolvida e Searle (1958, p.253) questiona:

Se os *nomes próprios* tem um sentido? Se com isso se pergunta se *nomes próprios* são, ou não usados para descrever ou especificar as características dos objetos, a resposta é “não”. Mas se se pergunta com isso se *nomes próprios* estão logicamente conectados com características dos objetos que referem, a resposta é “sim”, num sentido lógico não estrito.

A resposta do autor é a impossibilidade de desvinculação do sentido do conteúdo intencional que o envolve. Significação e intencionalidade estão, assim, na mesma ordem no jogo da linguagem e encontram-se indissolavelmente ligados. Por conseguinte, *nomes próprios* referem-se a objetos se estão vinculados a certas descrições que identificam univocamente um dado objeto. Isso significa que *nomes próprios* de fato não referem diretamente seus portadores, mas apenas por meio de descrições, e o conjunto dessas descrições a que os *nomes próprios* estão vinculados não se constitui em um conjunto fechado.

Na concepção teórica de Searle, para que um usuário utilize um *nome próprio* com sucesso, significa tanto quanto poder especificar e permitir ao interlocutor que especifique o objeto referido por esse nome. Assim nos termos de Searle (1958, p.252),

Perguntar pelo critério para aplicar o nome “Aristóteles” é perguntar no modo formal o que é Aristóteles; é perguntar por um conjunto de critérios de identificação para o objeto Aristóteles. As perguntas: “O que é Aristóteles?” e “Quais são os critérios para aplicar o nome ‘Aristóteles’?” pergunta, a mesma coisa. A primeira no modo material e a última no modo formal do discurso.

Ao apontar essa questão como central para uma análise da referência do *nome próprio*, Searle já produz o deslocamento que lhe convém, pois o ponto a discutir não é a referência dos nomes, mas a intenção de referir os indivíduos quando deles se utilizam.

Outro filósofo contemporâneo associado ao movimento da filosofia da linguagem é Peter Frederick Strawson. O trabalho mais conhecido desse pensador e que exerceu grande influência nos demais filósofos analíticos é o artigo *On Referring*, publicado em 1950 na revista *Mind*.

Esse texto pode ser tomado como uma ruptura com a geração anterior, por conter uma crítica à teoria das descrições definidas por Bertrand Russell. A título de exemplificação, Strawson (1980, p.262 - 265) cita a frase “O rei da França é sábio”, que já foi proferida em várias épocas (durante os reinados de cada um dos sucessivos monarcas franceses e nos períodos subsequentes nos quais a França já não era monarquia). Se a frase fosse pronunciada hoje, ninguém diria que se trata de uma sentença desprovida de significação; embora seja significativa, todos sabem que não existe, atualmente, um rei da França.

Todavia, se um homem a proferisse durante o reinado de Luís XIV e

se outro a proferiu durante o reinado de Luís XV, seria natural dizer que ambos estavam falando de pessoas diferentes, mas, em cada caso, o que se observa é uma mesma utilização ou uso de sentença, com elocuições diferentes da mesma sentença, segundo o proferimento de cada locutor.

É a partir dessas distinções que Strawson caracteriza o sentido e a referência de expressões definidas e confronta a abordagem de Russell. Para ele uma expressão não tem a referência x ou y, mas é utilizada para mencionar ou fazer referência a x ou y. Textualmente afirma:

‘Mencionar’ ou ‘referir’ não é algo que uma expressão faça; é algo que alguém pode fazer ao utilizar uma expressão. Mencionar ou fazer referência a alguma coisa é uma característica de uma utilização de uma expressão, assim como ‘ser acerca de’ (being about) algo e verdade-ou-falsidade são características de uma utilização de uma sentença (STRAWSON, 1980, p.266).

Strawson (1980, p.272 - 275) deixa claro, pois, que, para fazer referências individualizantes, deve-se utilizar as expressões que podem, de fato, ocorrer como sujeitos lógicos singulares (pronomes demonstrativos, frases substantivas, *nomes próprios* e pronomes), juntamente com o contexto (no mais amplo sentido). E acrescenta que tenta estabelecer uma distinção entre papéis ou partes diferentes que as expressões podem desempenhar na linguagem, esclarecendo que *alguns tipos de palavras possuem predominantemente um papel referencial, como os pronomes e os nomes próprios* (grifo nosso).

Observando o uso dos *nomes próprios* ordinários, Strawson (1980, p.277- 278) pondera que às vezes eles são considerados essencialmente “palavras”, utilizadas como “referência” a “apenas um único indivíduo”. Isso, segundo o filósofo, é falso, pois um nome pessoal ordinário é uma palavra, utilizada referencialmente, “cuja utilização não é prescrita por nenhuma significação descritiva que a palavra possa ter” e “não é prescrita, tampouco, por nenhuma regra geral para que seja utilizada como uma expressão referencial”, ou como parte de uma expressão referencial. Conclui que, “[...] pelo fato de eu referir-me a alguém pelo seu nome, é simplesmente a existência de alguém, a quem se faz referência agora, que é convencionalmente referido pelo nome em questão”

Outro filósofo, cuja obra merece destaque é o francês Michel Foucault, que, eleito em 1970 para o Collège de France, com o título de professor de História dos Sistemas de Pensamento, desfrutou um enorme prestígio internacional

até a data da sua morte (DOSSE, 1993, p.169-185).

Sofreu a influência do filósofo político Karl Marx, do psicanalista austríaco Sigmund Freud e dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger. Todas as análises de Foucault foram centradas na questão do homem, isto é, formavam uma grande pesquisa sobre a constituição das “ciências humanas” na modernidade. O objeto dessa ciência

não é, pois, a linguagem (falada, contudo, apenas pelos homens), mas, sim, esse ser que, do interior da linguagem pela qual está cercado, se representa, ao falar, o sentido das palavras ou das proposições que enuncia e se dá, finalmente, a representação da própria linguagem (FOUCAULT, 2002, p.488).

Em sua obra *As palavras e as coisas*¹¹, Foucault (2002) não trata diretamente do *nome próprio*, mas faz algumas considerações a essa questão, à medida que relata a evolução da linguagem:

Sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava. Os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam, assim como a força está escrita no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, como a influência dos planetas está marcada na fronte dos homens: pela forma de similitude. [...] (FOUCAULT, 2002, p. 49-50).

Nesse sentido, a linguagem sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava; os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam. Assim, o filósofo enfatiza que o povo hebreu carrega resquícios dessa nomeação primeira para mostrar que foi outrora a língua comum a Deus, a Adão e aos animais da primeira terra:

[...] Assim a cegonha, tão louvada por causa da caridade para com seus pais e mães, é chamada em hebreu Chasida, que quer dizer bondosa, caridosa, dotada de piedade... O nome Sus, do cavalo, é considerado do verbo Hasas, se não for antes este verbo que deriva do nome e que significa altear-se, pois, entre todos os animais de quatro pés, aquele é altivo e bravo como Jó o descreve no capítulo 39 (DURET, 1613, *apud* FOUCAULT, 2002, p.50).

Já em meados do século XX, o destaque recai sobre o filósofo Saul Kripke, ao delinear uma proposta denominada teoria causal da referência que

¹¹ A primeira edição de *Les mots et les choses - une archéologie des sciences* data de 1966. Para este trabalho consultamos a edição de 2002.

motivou uma fortíssima polêmica em torno do *nome próprio*, centro de questões filosóficas detalhadamente disputadas. Trata-se de uma teoria da referência, cuja orientação é mais filosófica que linguística, pois está menos dirigida à explicação de fatos linguísticos que à extração de argumentos ou teses de caráter metafísico.

E, nesse sentido, a obra de Kripke torna-se uma ilustração adequada de certo modo de fazer Filosofia. A teoria concebida por esse filósofo parte de considerações semânticas, como as relações entre a linguagem e a realidade e, posteriormente, aplica os resultados obtidos no ataque ou defesa de certas teses filosóficas. Disso provém a atenção que têm recebido essas teses e o interesse que têm despertado, constituindo-se uma referência obrigatória da filosofia contemporânea. De acordo com Molino (1982, p.14),

Outro problema técnico da lógica conduziu Kripke a recusar a análise de Russell e propor uma nova concepção do *nome próprio*. Sabe-se que Russell identifica nomes próprios e descrições definidas porque seu comportamento lógico é análogo; por outro lado, Kripke opõe *nomes próprios* e descrições definidas, porque na análise semântica dos sistemas de lógica modal¹², os *nomes próprios* não têm o mesmo comportamento que as descrições definidas¹³ (TN)¹⁴.

Granger (1982, p.31) ressalta “a insistência de S. Kripke ao prosseguir as análises de Donellan sobre a caracterização do *nome próprio* como designador rígido”, ou seja, o nome próprio, “independentemente dos predicados atribuídos ao objeto que ele designa, se ligaria a esse objeto como a um ponto arquimediano¹⁵ sem fraudes”. Esclarece que “Kripke considera o *nome próprio* à medida que ele designa univocamente um indivíduo” [...] “não dependendo senão

¹² De acordo com Mortari (2001, p.357), a lógica modal, é a mais antiga entre as lógicas não-clássicas. A lógica modal alética é aquela que se ocupa dos conceitos de necessidade e possibilidade. O adjetivo modal vem da expressão “modos de verdade” e alética da palavra grega que significa “verdade”. A ideia é que uma proposição, além de ser (contingentemente) verdadeira ou falsa, pode ainda ser necessária (i.e. necessariamente verdadeira) ou impossível (i.e.necessariamente falsa).

¹³ “C’est un autre problème de technique logique qui a conduit plus récemment Kripke à récuser l’analyse de Russell et à proposer une nouvelle conception du *nom propre*. On se souvient que Russell identifie *noms propres* et descriptions définies parce que leur comportement logique est analogue; de son côté, Kripke oppose *noms propres* et descriptions définies, parce que, dans l’analyse sémantique des systèmes de logique modale, les *noms propres* n’ont pas le même comportement que les descriptions définies” (MOLINO,1982, p.14).

¹⁴ A indicação TN, após uma citação, assinala que a tradução foi feita por nós.

¹⁵ De acordo com Domingues (1999, p.46), “a ideia é que o discurso da ciência se constitui a partir de um *corpus* de proposições cuja cadeia fundamentativa deve interromper-se num certo ponto (para evitar a regressão *ad infinitum*: da fundamentação a fundamentação da fundamentação, e assim por diante); um axioma (evidência da razão) ou um princípio empírico (evidência da experiência). A esse ponto chamamos de ponto arquimediano do conhecimento [...]”

em aparência de nossa maneira de descrevê-lo”¹⁶ (TN).

Saul Kripke, em sua obra intitulada *Naming and Necessity* publicada em 1996, apresenta as argumentações teóricas sobre designação por pressupostos que circulam no campo da Filosofia e que são discutidos por ele ao longo de seu texto, apontando seus pontos de concordância e discordância com os autores que discutem tais questões. Na verdade, essa obra se situa na interface entre três disciplinas diferentes, a saber: a Lógica, a Filosofia da Linguagem e a Linguística.

Em relação às descrições definidas, Kripke (1996, p.254) apresenta algumas considerações envolvendo os conceitos de referência e necessidade, na Filosofia Analítica. Ao discutir a questão da nomeação, ele ressalta que por um nome ele toma um “*nome próprio*, isto é, o nome de uma pessoa, de uma cidade, de um país etc.”¹⁷ (TN). É importante assinalar que Kripke (1996, p.254) não inclui as descrições definidas ao utilizar o termo “nome”:

Nós usaremos o termo “nome” de tal forma que ele não inclua descrições definidas daquele tipo, mas somente aquelas coisas que em linguagem ordinária seriam chamadas ‘*nomes próprios*’. Se nós queremos um termo comum para cobrir nomes e descrições nós podemos usar o termo ‘designador’¹⁸ (TN).

Kripke (1996, p.258) declara que é necessário recorrer à noção de ‘identidade através dos mundos possíveis’¹⁹, para fazer a distinção entre ‘designador rígido’ e ‘designador não-rígido ou acidental’. Chame algo ‘designador rígido’ se, em qualquer mundo possível, ele designa um objeto; um ‘não-rígido’ ou ‘designador acidental’ (casual) se não é esse o caso²⁰ (TN).

Para o autor, *nomes próprios* não são sinônimos de descrições definidas, pois essas possuem um conteúdo que diz algo acerca do objeto, enquanto os nomes não têm esse conteúdo, não indicam qualidades acerca de seus

¹⁶ “S. Kripke a insisté, poursuivant les analyses de Donellan, sur la caractérisation du *nom propre* comme ‘designateur rigide’. C’est-à-dire que le *nom propre*, indépendamment des prédicats attribués à l’objet qu’il designe, s’attacherait à cet objet comme à un point archimédien inconcussible. Kripke considère assurément ici le nom comme propre dans la mesure où il désigne univoquement un individu, [...] ne saurait dépendre qu’en apparence de nos façons de le décrire” (GRANGER, 1982, p.31).

¹⁷ “[...] a proper name, i.e., the name of a person, a city, a country, etc.” (KRIPKE, 1996, p.254).

¹⁸ “We will use the term “name” so that its does not include definite descriptions of that sort, but only those things which in ordinary language would be called ‘proper names’. If we want a common term to cover names and descriptions, we may use the term designator” (KRIPKE, 1996, p.254)

¹⁹ Conforme Brito (2003, p.152), um “mundo possível é um mundo dado pelas condições descritivas que associamos a ele”.

²⁰ “Let’s call something a ‘rigid designator’ if in every possible world it designates the same object, a ‘non rigid’ or ‘accidental designator’ if that is not the case” (KRIPKE, 1996, p.258).

referentes, ou seja, não descrevem uma ou mais propriedades dos objetos.

Um fato levantado por ele para defender a tese de que os *nomes próprios* são designadores rígidos é o de que utilizamos os nomes em situações contrafactuais²¹. Essa tese é, de acordo com Kripke (1996, p.258 - 259), intuitiva²². Em situações contrafactuais, usamos os nomes de tal modo que eles se referem ao mesmo objeto que se referem no mundo atual. Todavia, o quadro geral apresentado por ele é muito mais complexo do que parece, e as ideias defendidas por ele correspondem à exigência de ter que sugerir um modelo alternativo. Fica absolutamente transparente o quadro teórico kripkeano a partir de uma das passagens mais esclarecedoras de *Naming and Necessity* (KRIPKE, 1996, p.266):

Um enunciado grosseiro de uma teoria poderia ser o seguinte: Um “batismo” inicial tem lugar. Aqui o objeto pode ser nomeado por ostensão, ou a referência do nome pode ser fixada por uma descrição. Quando o nome é “passado de elo a elo”, o receptor do nome tem, eu penso, de intencional, quando ele o aprende, a usá-lo com a mesma referência com que o homem, de quem ele ouviu o nome, o usou²³ (TN).

O propósito de Kripke, ao apresentar o alcance e os limites da sua proposta alternativa, é a de que o seu quadro causal, dentro do qual trabalha a noção de designador rígido, tenha maior capacidade explicativa do que o Descritivismo e suas variantes, para o fenômeno da nomeação.

E, ainda, ao tratar do *nome próprio* como designador rígido, Kripke não está procurando uma teoria da categoria em questão, mas sim um dispositivo técnico que permita a identificação de um indivíduo em todos os mundos possíveis. Nesse sentido, o autor pondera categoricamente na sua obra *Naming and Necessity* (KRIPKE, 1996, p.259):

Aqueles que tem argumentado que para fazer sentido da noção de designador rígido, nós devemos antecipadamente fazer sentido do critério de identificação transmudana tem precisamente colocado a carroça na frente dos bois; é porque nós podemos referir (rígidamente) Nixon e estipular que nós estamos falando do que poderia ter acontecido para ele (são certas circunstâncias), que

²¹ De acordo com Brito (2003, p.74), situações contrafactuais são “aquelas situações em que faltam ao objeto características mediante as quais, supostamente, ele estaria sendo referido.”

²² “One of the intuitive these I will maintain in these talks is that names are rigid designators. [...] I will argue, intuitively, that proper names are rigids designators.” (KRIPKE, 1996, p.258 -259)

²³ “A rough statement of a theory might be the following: Na initial “baptism” takes place. Here the object may be named by ostension, or the reference of the name may be fixed by a description. When the name is “passed from link to link”, the receiver of the name must, I think, intend when he learns it to use it with the same reference as the man from whom he heard it” (KRIPKE, 1996, p.266).

identificações transmundanas são não-problemáticas nesse caso²⁴ (TN).

Embora não se possa afirmar definitivamente que os fundamentos teóricos de Kripke sejam suficientes para superar todas as possíveis dificuldades que se instauram no uso de um *nome próprio* nos seus mais diferentes empregos, a sua tese de que *nomes próprios* são designadores rígidos deixa-se comprovar. De fato, essa tese é determinante para a teoria de Kripke e a diferencia claramente da teoria descritivista.

Em certos aspectos a teoria de Kripke pode ser aplicada a toponímia, pois os nomes de lugares – topônimos – são “designadores rígidos”, que em uma situação de comunicação representam ou são os próprios referentes, além de um mesmo nome identificar diferentes lugares, correspondentes a diferentes realidades.

No universo aqui pesquisado há nomes que são referencialmente identificados pelas pessoas de uma determinada comunidade, porque fazem parte da cultura local e, muitas vezes, o significado não é transparente, ou aparentemente o batismo ocorrido é inexplicável, porque diz respeito a aspectos físicos e naturais, e o vínculo denominativo se perdeu com o passar dos anos.

Procuramos resgatar o significado de vários topônimos das mesorregiões estudadas, e encontramos o nome Juca da Mata que nomeia um córrego e uma serra em Adrianópolis, embora não seja perceptível o caráter meritório da nomeação.

Aplicando a teoria de Kripke, Juca da Mata seria um designador rígido, porque um *nome próprio* se estabeleceu mediante um primeiro ato de denominação (o “batismo” inicial), em que há uma nomeação ostensiva ou a fixação da referência do nome por uma descrição. O receptor aceitou a referência primeira e a cadeia seguiu, ou seja, o nome passou de elo a elo no grupo social da região e do Estado. E, ainda, qualquer uso posterior do nome remete a essa primeira função denominadora. Ou seja, o nome Juca da Mata chegou até a atualidade não com o seu sentido transparente, mas com a sua referência preservada, embora não se

²⁴ “Those who have argued that to make sense of the notion of rigid designator, we must antecedently make sense of criteria of transworld identity have precisely reversed the cart and the horse; it is because we can refer (rigidly) to Nixon, and stipulate that we are speaking of what might have happened to him (under certain circumstances), that transworld identifications are unproblematic in such cases” (KRIPKE, 1996, p.259).

possa localizar o “batismo inicial” aquele em que o denominador elegeu esse nome e não outro para nomear o acidente.

De acordo com Brito (2003, p.79), a teoria de Kripke e a teoria clássica estão em pólos distintos. Para a primeira, os *nomes próprios* referem os “objetos particulares por eles designados direta e indiretamente”, enquanto para a segunda, ao contrário, a referência dos “*nomes próprios* a seus portadores é mediada por descrições”.

Em síntese, o *nome próprio* é, para Kripke, o eixo sobre o qual se constroem os enunciados contrafactuais, e isso só é possível porque ele funciona como um designador rígido do objeto real que nomeia, e sobre o qual se constroem os mundos possíveis.

Se as discussões acerca da natureza dos nomes iniciadas por Platão no Crátilo chegaram à atualidade, as interrogações advindas do lugar que o nome próprio ocupa na língua nortearam as exposições de diferentes teóricos da Filosofia apresentados ao longo deste capítulo.

Assim, para melhor entendimento dos conceitos discutidos anteriormente, apresenta-se a seguir no quadro sinótico, as considerações sobre o nome/*nome próprio* no pensamento filosófico.

Grécia – onoma = qualquer coisa que fosse uma palavra: <i>nome próprio</i> e comum (substantivos), verbos e adjetivos.
Platão – onoma (nomes) e rhéma (verbos).
Crátilo – diálogo entre convencionalismo (apresenta a justeza dos nomes como mera convenção e acordo) e naturalismo (admite haver uma correlação dos nomes por natureza atribuídos a cada um dos seres).
Aristóteles – nomes – três gêneros (espécies de nomes: simples, duplo e vazio de sentido); formação do nome (pode ser de três, de quatro, e até mesmo de vários outros nomes); nomes (masculinos, femininos e neutros)
Dionísio da Trácia – o nome (onoma) – reunia <i>nomes próprios</i> e comuns - parte do discurso que possui flexão de caso e que significa pessoa ou coisa.
Varrão – partes do discurso: nominatus - i.) vocabula (nomes comuns); ii.) nomina (<i>nomes próprios</i>).
Santo Agostinho – as palavras são nomes, seus significados são os objetos que elas substituem aos quais estão relacionadas e as frases são simples combinações de nomes, que descrevem como são as coisas.
São Tomás de Aquino – o nome ou é abstrato ou concreto; os nomes exprimem a substância qualificada e uma coisa é a origem da qual um nome tira a sua significação, e outra, o objeto que ele designa.
Thomas Hobbes – um nome é uma palavra tomada arbitrariamente para servir como marca que pode trazer à nossa mente um pensamento semelhante a um pensamento que tivemos antes. Distingua nomes em positivos ou afirmativos e negativos; comuns e próprios.

Quadro 1 – Nome próprio no pensamento filosófico.

Depois de Thomas Hobbes, alguns filósofos se empenham em defender suas teorias como a da referência e a das descrições. No quadro a seguir, reunimos alguns filósofos e a teoria por eles defendida.

Teoria da referência	Teoria das descrições
John Stuart Mill – <i>nomes próprios</i> denotam, mas não têm conotação. Divide os nomes em gerais e singulares ou individuais .	Gottlob Frege – vincula aos <i>nomes próprios</i> o sentido.
Peter Frederick Strawson – alguns tipos de palavras possuem predominantemente um papel referencial, como os pronomes e os <i>nomes próprios</i> .	Bertrand Russell – <i>nome próprio</i> : abreviações de descrições definidas.
Michel Foucault – o <i>nome próprio</i> é consensualmente usado com uma característica estável ou durável: ele sempre designa o mesmo indivíduo.	Ludwig Wittgenstein – um nome pode ser exemplificado por um conjunto indeterminado de descrições; o nome corresponde a uma ou outra dessas descrições, de tal maneira que sua significação nunca é rígida.
Saul Kripke – opõe <i>nomes próprios</i> e descrições definidas. <i>Nomes próprios</i> : designadores rígidos.	John Searle – um <i>nome próprio</i> tem sentido não porque descreva características de um objeto (não descreve), mas sim porque está logicamente conectado com o conjunto de descrições definidas necessárias e suficientes para a descrição de um objeto particular.

Quadro 2 – Nome próprio no pensamento filosófico: teoria da referência e teoria das descrições

Com essas informações finalizamos o conceito de onoma/nome/*nome próprio* no pensamento filosófico. O próximo item aborda o conceito de nome a partir das visões da Mitologia e, na sequência, da Antropologia.

1.2.3 O Nome Próprio na Mitologia

A filosofia na Grécia nasceu com o problema da origem do mundo, da geração das coisas. Os primórdios da filosofia grega coincidem com as cosmologias míticas dos poetas, nos apótemas²⁵ dos Sete Sábios e, sobretudo, na reflexão ético-política dos poetas. Os gregos antiquíssimos se exprimiam por meio de imagens, mas a linguagem poética das imagens mostrava as construções filosóficas por conceitos.

Chauí (2000), ao abordar a questão do mito, concebe-o como

uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.). A palavra *mito* vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados (CHAUÍ, 2000, p.32).

Já na perspectiva de Eliade (1991, p.05)²⁶,

o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. [...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] o mito conta graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É, pois, sempre uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir [...] (ELIADE, 1991, p. 05)²⁷ (TN).

²⁵ Houaiss (2001) apresenta para apotegma a seguinte definição: dito ou palavra memorável, lapidar, proferida por personagem célebre; máxima, aforismo.

²⁶ A primeira edição de *Aspects du mythe* data de 1963. Para este trabalho consultamos a edição de 1991.

²⁷ "El mito es una realidad cultural extremadamente compleja, que puede abordarse e interpretarse en perspectivas múltiples y complementarias.[...] el mito cuenta cómo, gracias a las hazañas de los Seres Sobrenaturales, una realidad ha venido a la existencia, sea ésta la realidad total, el Cosmos,

Ainda segundo o mesmo autor, o mito é considerado como uma “história sagrada, e, portanto, uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades” (ELIADE, 1991, p.05), uma vez que

o mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para o provar, o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o [...] e pelo fato de o mito relatar as gestas dos seres sobrenaturais e a manifestação dos seus poderes sagrados, ele se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas (ELIADE, 1991, p. 05)²⁸ (TN).

No entanto, há uma diferença entre o mundo dos acontecimentos míticos e o dos acontecimentos reais. O mito pertence ao acontecimento do tempo onde se anula o distanciamento no tempo e se tem uma presentificação no passado que desconhece a sucessividade:

o passado é um vasto acervo de acontecimentos, e a linha que separa os mitos dos acontecimentos históricos não coincide com quaisquer divisões em períodos de tempo específicos e distintos uns dos outros (MALINOVSKI, 1976, p.230).

O passado mítico normatiza a conduta para o presente e dá a garantia da verdade para as instituições sociais: os mitos possuem o “poder normativo de fixar o costume, de sancionar os modos de comportamento, de dar dignidade e importância a uma instituição” (MALINOVSKI, 1976, p.249).

Não é possível reduzir o mito a princípios lógicos, mas ele está repleto de significado e racionalidade fundados na experiência viva. No pensamento mítico há uma “unidade cósmica” que não está sujeita às fronteiras estabelecidas pela ciência: “sua visão da vida é sintética e não analítica; não está dividida em classes e subclasses”. É percebida como um “todo ininterrupto e contínuo, que não admite distinções bem definidas e incisivas” (CASSIRER, 1972, p.134).

A importância dos mitos, no estudo das culturas, segundo Crippa (1975, p.81)²⁹, não resulta apenas do fato de “tudo neles se voltar para as origens, em busca de um encontro com os princípios”. Resulta, muito mais, do fato de “essas

o solamente un fragmento: una isla, una especie vegetal, un comportamiento humano, una institución. Es, pues, siempre el relato de una “creación”: se narra cómo algo ha sido producido, ha comenzado a ser” (ELIADE, 1991, p.05).

²⁸ “[...] el mito se considera como una historia sagrada y, por tanto, una “historia verdadera”, puesto que se refiere siempre a realidades. El mito cosmogónico es “verdadero”, porque la existencia del Mundo está ahí para probarlo; el mito del origen de la muerte es igualmente “verdadero”, puesto que la mortalidad del hombre lo prueba [...]. Por el mismo hecho de relatar el mito las gestas de los seres sobrenaturales y la manifestación de sus poderes sagrados, se convierte en el modelo ejemplar de todas las actividades humanas significativas” (ELIADE, 1991, p.05).

²⁹ A 1ª edição de *Mito e Cultura* é de 1929. Neste trabalho consultamos a edição de 1975.

origens constituírem os modelos exemplares de tudo o que o homem é, de tudo o que possa vir-a-ser, de tudo o que possa realizar e fazer”.

De acordo com esse mesmo autor, a história das religiões atribui sacralidade às origens: “os mitos, constituindo a linguagem adequada às primordialidades, são religiosos ou envolvidos pela força do sagrado”. O mundo mítico é um mundo sagrado. Por isso também a cultura é sagrada:

cada povo e cada revelação sagrada parte de acontecimentos divinos singulares ou constituídos de maneira singular. Há sempre, porém, uma história original, ou seja, uma proposição mítica de acontecimentos que se verificaram num tempo primordial, anterior ao início da história (CRIPPA, 1975, p. 104-105).

Entre os gregos, o mais antigo documento da cosmologia mítica é a *Teogonia: a origem dos deuses* de autoria do poeta grego Hesíodo (século VIII a.C.), obra que inclui uma cosmogonia³⁰: o problema das origens do mundo e da causa de todas as coisas está estreitamente ligado ao da geração dos deuses. Destacam-se também as epopéias escritas por Homero, *A Ilíada* e *Odisséia*. Nos poemas de Homero, a hierarquia das forças da natureza é a mesma da hierarquia dos deuses e a ordenação das potências cósmicas coincide com a do próprio Olimpo; a sabedoria do mundo é de origem divina (ABBAGNANO, 1985, p.21).

Na obra *Teogonia: a origem dos deuses*, o mundo surge com o nascimento dos numerosos deuses que o constituem. Nessa obra, especificamente, alguns *nomes próprios* aparecem seguidos de uma definição/descrição, como por exemplo: a.) ciclopes (Ciclope denominava-os, porque neles repousava sozinho na frente um olho circular); b.) Afrodite (Deusa nascida de espuma); c.) Citeréia (porque tocou Citera); d.) Cípria porque nasceu na undosa Chipre; e.) o cavalo Pégaso (que tem esse nome porque nasceu ao pé das águas do Oceano); f.) Astúcia (mais sábia que os Deuses e os homens mortais) (HESÍODO, [s.n] ,1995).

Podemos destacar na *Odisséia* alguns fatos que remetem ora ao nome ora ao ato em si como, por exemplo, em “[...] chamava-se Arneu, nome que a sua veneranda mãe lhe pusera, ao nascer [...]” e em “Antes de mais nada, quero dizer-vos o meu nome, [...] Eu sou Ulisses, filho de Laertes [...]” (HOMERO, [s.n],

³⁰ Cosmogonia: “a palavra *gonia* vem de duas palavras gregas: do verbo *gennao* (engendar, gerar, fazer nascer e crescer) e do substantivo *genos* (nascimento, gênese, descendência, gênero, espécie). *Gonia*, portanto, quer dizer: geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. *Cosmos* quer dizer mundo ordenado e organizado. Assim, a cosmogonia é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras (pai e mãe) divinas” (CHAUI, 2000, p.34).

1994).

Também alguns topônimos surgem nessa narrativa como “Sama, ilha de Síria, Ortígia, Creta, Cnosso (cidade grande)”, entre outros (HOMERO, [s.n], 1994).

Outro fato destacado por Homero na obra é a importância da nomeação de pessoas e de lugares:

Dize-me como na pátria o teu pai e a tua mãe e os outros homens da cidade e dos arredores te chamam; porquanto *todos os homens, sem exceção, bons e maus, desde que nascem, têm um nome*, que lhes impõem os pais, quando eles vêm à luz. *Nomeia também a tua terra, o teu povo e a tua cidade*, para que as nossas naus que navegam com inteligência te levem lá (HOMERO, [s.n], 1994) (grifo nosso).

Já na Ilíada o destaque se dá com relação ao grau de parentesco nos nomes, como por exemplo, em:

a.) “[...] *Filho de Atreu*, quero crer que nos cumpre voltar para casa sem termos nada alcançado [...]”; b.) “[...] Entretanto, alça-se o velho Nestor, o orador delicioso dos Pílios, de cuja boca fluíam, mais doces que o mel, as palavras; e nos topônimos: a.) “[...]destruir as muralhas da alta cidade de Príamo, [...]”; b.) “[...] Tebas, cidade sagrada de Eecião foi por nós assaltada [...]” (HOMERO, [s.n], 1994) (grifo nosso).

Ainda a respeito da questão da nomeação, Kristeva (1969, p.70) informa que na língua dos antigos Acádios, por exemplo, *ser e nomear* aparecem como sinônimos. E, também, a locução *tudo que tem um nome* é a expressão conceito *do que quer que seja*. Tais sinonímias são indicativos claros da equivalência – ou algo próximo disso – entre as palavras e as coisas para boa parte dos povos de cultura tipicamente oral.

Já os egípcios possuíam dois nomes, um pequeno, que seria bom e reservado ao público, e um grande, mau e dissimulado, conforme escreve Kristeva (1969, p.70):

O deus egípcio Ra, picado por uma serpente, lamenta-se: 'Eu sou aquele que tem muitos nomes e muitas formas... O meu pai e minha mãe disseram-me o meu nome; está escondido no meu corpo desde o meu nascimento para que não se possa dar nenhum poder mágico a alguém que me queira deitar uma maldição. Mas Ra acaba por revelar o seu nome à Isis que se torna toda poderosa.

Na tradição judaica, o nome de Deus é sagrado e impronunciável. Nessa tradição, segundo o relato do livro do Êxodo (20, 7), quando Moisés tirou o povo judeu da escravidão do Egito para levá-lo à terra prometida, no deserto do

Sinai, Deus deu a seu povo o decálogo – os dez mandamentos. Um dos mandamentos dizia: “não pronunciarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, pois o Senhor não deixa impune quem pronuncia o seu nome em vão”. Na cultura hebraica antiga, o livro do Gênesis (II, 23) explica assim o nome da primeira mulher: “Ela será chamada ‘Mulher’, pois foi tirada do homem”.

Por último, registramos o fato de a difusão literária dos mitos gregos terem prosseguido, motivada pela contribuição dada por Homero e por Hesíodo, que funcionaram, durante alguns séculos, como modelos de referência. Para eles os mitos tinham uma importância vital, sendo dotados de um grande simbolismo capaz de dar corpo aos sentimentos dominantes do seu tempo.

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos, pois aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Todo ser humano precisa contar sua história e compreendê-la. Precisa que a vida tenha significação, necessita tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que é o seu espaço no mundo.

1.2.4 O Nome Próprio na Antropologia

Como já referido anteriormente, nem sempre cabe somente aos estudiosos da Filosofia, da Lógica e da Linguística a preocupação sobre a natureza do *nome próprio*. Outros pesquisadores, de outras áreas também se dedicam à discussão desse tema sempre recorrente. Dentre eles, situam-se os que se dedicam aos estudos antropológicos.

Na verdade, os antropólogos se interessaram pelos métodos linguísticos na busca de informações, sobretudo etimológica, que esclarecessem os ritos e os mitos. Coube a Claude Lévi-Strauss fundar a Antropologia estrutural, tomando como modelo epistemológico a Linguística estrutural³¹. O encontro do antropólogo com essa teoria acontece na New School nos Estados Unidos, a partir da junção dos estudos de Lévi-Strauss sobre parentesco e dos de Jakobson sobre o som e o sentido (DOSSE, 1993, p. 33).

³¹ Movimento desencadeado no início do século XX a partir das ideias de Ferdinand de Saussure e dos princípios da Fonologia da Escola de Praga (Troubetzkoy e Jakobson).

O tema *nome próprio* também foi abordado por Lévi-Strauss. Em sua obra *O pensamento selvagem*³², pondera que os *nomes próprios* “não formam uma simples modalidade prática dos sistemas classificatórios”, por isso constituem um problema para linguistas e etnólogos. Segundo ele, os linguistas se ocupam da natureza dos *nomes próprios* e de seu lugar no sistema da língua, enquanto os etnólogos estabelecem que os *nomes próprios* fazem parte “integrante de sistemas tratados como códigos: meios de fixar significações, transpondo-as para termos de outras significações” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 200).

Examinando tribos da América do Sul, entre eles os tupis, cavaíba e os bororos, comprova que esses povos formam seus *nomes próprios* com base nas denominações clânicas, já que os nomes procedem de um saber sagrado e esotérico ou estão ligados à personalidade social com o intuito de evidenciar costumes, ritos e proibições, apresentando, assim, um caráter totêmico (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.203).

Lévi-Strauss (1970) destaca ainda a existência de tribos que não usam denominações clânicas, como os iroqueses, que formam seus *nomes próprios* a partir de um verbo e um substantivo incorporado, ou de um substantivo seguido de adjetivo, como por exemplo: *No-centro-do-céu*, *Ele-levanta-o-céu*, *Flor-pendida*, *Ele-anuncia-a-derrota*, *Lá-onde-dois-rios-se-unem*. (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.207-209).

O autor também menciona situações consideradas por ele como casos embaraçosos, relacionadas a diversas tribos africanas, entre elas a dos baganda, em que alguns clãs são ricos em nomes, enquanto outros são pobres. Os nomes dessa tribo não são reservados aos seres humanos, porque os dão também “às colinas, aos rios, aos rochedos, às florestas, aos olhos d’água, aos desembarcadouros, aos arbustos e às árvores isoladas”. Na tribo dos lugbara, os nomes, dentro de um mesmo subclã, se referem ao comportamento e ao caráter dos pais: no vocábulo “preguiça” do nome *Em-preguiça*, os filhos recebem esse nome porque os pais são preguiçosos; e o vocábulo “cerveja” do nome *No-pote-de-cerveja*, é atribuído ao filho porque o pai é bêbado, etc. (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.207-209).

Esse mesmo poder do nome aparece ilustrado em um novo episódio narrado por Lévi-Strauss (1970, p. 274-275), acerca da tribo Nambikwara (Mato Grosso - Brasil), para a qual conhecer o *nome próprio* de alguém equivale a ter

³² A 1ª edição de *La Pensée Sauvage* é de 1962. Para este trabalho foi consultada a edição de 1970.

poder sobre esse alguém. Por isso, na comunicação cotidiana, os indígenas utilizam pseudônimos, recusando-se a dizer o seu verdadeiro nome, o que acontece nos ritos religiosos.

Referindo-se aos *nomes próprios* e aos nomes de espécie (aves, cães, gado, cavalos, etc.), Lévi-Strauss defende a não existência de diferença fundamental entre os dois tipos, para destacar que:

enquanto provenientes de um conjunto paradigmático, os *nomes próprios* formam, pois, a franja de sistema geral de classificação: são, ao mesmo tempo, seu prolongamento e seu limite. Quando entram em cena, o pano se levanta para o último ato da representação lógica. Mas o tamanho da peça e o número de atos são fatos de civilização, não de língua. O caráter mais ou menos “próprio” dos nomes não é determinável de maneira intrínseca, nem pela simples comparação com outras palavras da linguagem; depende do momento em que cada sociedade declara terminado seu trabalho de classificação. Dizer que uma palavra se percebe como *nome próprio*, é o mesmo que dizer que ela se situa num nível além do qual nenhuma classificação se faz necessária, não absolutamente, e sim dentro de um sistema cultural determinado. O *nome próprio* permanece sempre do lado da classificação (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.248).

As pesquisas de Lévi-Strauss demonstram que a base descritiva e classificatória do *nome próprio* depende, em sua grande maioria, de toda uma simbologia reconhecida pelas diferentes culturas. Esse fato pode ser percebido no destaque de Biderman (1998a, p. 112-113), ao considerar os *nomes próprios* de lugares – “alguns topônimos brasileiros adaptados do tupi”:

Quando o referente é um objeto da realidade física a nomeação pode chegar a um grau máximo de identidade entre palavra e coisa referida, praticamente identificando o nome com seu referente. É o caso dos *nomes próprios*, sobretudo topônimos. Frequentemente no processo de nomeação, o nomeador levou em conta características típicas do referente para nomeá-lo. Consideremos alguns topônimos brasileiros adaptados do tupi. O significado do nome nessa língua descreve as características físicas do referente: Iguaçu [= água grande]; Pará [= o mar, o rio volumoso – referência ao rio Amazonas]; Pindorama [= a região ou o país das palmeiras]; Araraquara [= o refúgio das araras]; Caraguatatuba [= o sítio dos gravatás onde abundam essas plantas]. *No fenômeno da toponímia o nome fica definitivamente colado ao referente, passando até de uma língua para outra muito diversa, como acabamos de constatar nesses empréstimos feitos ao tupi pelo português brasileiro. Nesse contexto desaparece a característica dinâmica da atribuição de um nome/palavra a um referente. Deve ser por isso que normalmente se tem a “sensação” de que os nomes próprios não fazem parte da língua, ou melhor, não integram o vocabulário da língua. Assim, o*

nome próprio pode ser considerado como um caso à parte do signo linguístico, tanto os topônimos como os antropônimos (Grifo nosso).

Ainda tratando da questão do *nome próprio* no âmbito da Antropologia, recuperamos o pensamento de Frazer, na obra *O Ramo de Ouro*³³. Nessa obra Frazer destaca que, em várias tribos primitivas, o nome é considerado como uma realidade e não como uma convenção artificial que pode servir de intermediário, tal como os cabelos, as unhas ou qualquer outra parte da pessoa física, para fazer atuar a magia sobre essa pessoa.

Assim, para membros desse modelo cultural, como os índios da América do Norte, estudados por Frazer, o nome não é uma etiqueta, mas uma parte distinta do corpo, como os olhos, os dentes, razão pela qual se deve preservar e cuidar do nome como se faz com outras partes do corpo, caso contrário, é o próprio corpo físico que será atingido, ferido. Há, nessa cultura, um complexo sistema de interdições, ou de tabus, que visam a garantir a salvaguarda do nome, uma vez que o ato da pronúncia materializaria propriedades reais da pessoa que o usa, tornando-a vulnerável aos olhos dos seus inimigos (FRAZER, 1981, p.167)³⁴ (TN).

Os estudos de Frazer exemplificam, por meio de dados oriundos de diferentes culturas, essa dinâmica de preservação do *nome-corpo*:

entre os Esquimós, com a prática de “dar um novo nome para quando algum dos seus se torna velho”; “[...] um aborígene australiano acredita que um inimigo poderia praticar magia negra contra ele, se conhecesse seu nome”; “Na Ilha de Chiloe, os índios guardam seus nomes em segredo; se um espírito malévolo os conhecesse poderia fazer-lhes mal; não os conhecendo, seria

³³ A 1ª edição de *The Golden Bough* (realizado entre 1911 e 1915) foi publicada em 1890 (dois volumes). Para este trabalho foi consultada a edição espanhola, de 1981.

³⁴ “Incapaz de diferenciar claramente entre palabras y objetos, el salvaje imagina, por lo general, que el eslabón entre un nombre y el sujeto u objeto denominado no es una mera asociación arbitraria e ideológica, sino un verdadero y sustancial vínculo que une a los dos de tal modo que la magia puede actuar sobre una persona tan fácilmente por intermedio de su nombre como por medio de su pelo, sus uñas o cualquiera otra parte material de su persona. De hecho, el hombre primitivo considera su nombre propio como una parte vital de sí mismo, y en consecuencia, lo cuida. Tenemos por ejemplo los indios norteamericanos, que consideran su nombre no como un mero marbete, sino como una parte definida de su personalidad, de la misma manera que lo son sus ojos o sus dientes y cree que le resultará dañoso el manejo malintencionado de su nombre tan seguramente como una herida que se le infija en cualquier parte de su organismo físico. Esta creencia se ha encontrado entre las diversas tribus desde el Atlántico al Pacífico y ha sido causa de muchas y curiosas regulaciones respecto al ocultamiento y cambios de los nombres. [...] Muchos salvajes en el día de hoy consideran sus nombres como partes vitales de sí mismos y por ello toman grandes trabajos para ocultarlos, temerosos de que los manejen personas mal dispuestas hacia ellos, para perjudicar a sus dueños” (FRAZER, 1981, p.167).

impotente para agir". Há um temor de que os maus espíritos façam maldades ao detentor do nome. (FRAZER, 1981, p. 291-292)³⁵ (TN)

Ainda segundo Frazer (1981), os antigos egípcios recebiam dois nomes: "o nome verdadeiro e o nome onomástico, isto é, o nome grande e o nome pequeno. O onomástico, ou nome pequeno, era público; o verdadeiro, porém, era secreto e cuidadosamente ocultado" (FRAZER, 1981, p.291)³⁶(TN).

O autor cita ainda como exemplo a visão dos Cafres, sociedade onde as mulheres são proibidas de pronunciar o nome do sogro e de todos os varões da família do marido; como também quaisquer palavras que tenham semelhança com os mesmos, o que concede às mulheres um modo de falar tão peculiar que acaba por impor-lhes uma língua à parte³⁷ (FRAZER, 1981, p.295-296) (TN).

Já entre os Abípones, habitantes originários do Paraguai, segundo Frazer, há o hábito de introduzir palavras novas todos os anos, uma vez que todas as palavras que de alguma forma fazem alusão aos nomes dos mortos devem ser substituídas por outras. Esse processo impossibilitaria o aparecimento de uma memória, mesmo em termos de uma tradição oral, pelo fato de a língua não se constituir como um código minimamente estável, mas transformar-se continuamente (FRAZER, 1981, p.302)³⁸ (TN).

³⁵ "Algunos esquimales toman nombres nuevos cuando ya son viejos, esperando por este motivo conseguir un nuevo crédito de vida"; "[...] los aborígenes australianos tienen guardados sus nombres personales del conocimiento de los demás, nace en gran parte de la creencia de que si algún enemigo conociera nombre, podría de algún modo usarlo mágicamente en su detrimento"; "Los indios de la isla de Chiloe guardan sus nombres en secreto y les disgusta que se digan en alta voz; dicen que hay hadas y duendes en la tierra firme y en las islas vecinas que si conocen los nombres de las gentes las dañarán, pero que mientras no los conozcan esos espíritus malévolos son impotentes" (FRAZER, 1981, p. 291-292).

³⁶ "Cada egipcio recibía dos nombres conocidos respectivamente como el nombre verdadero y el nombre "onomástico", o el nombre grande y el pequeño; mientras el "onomástico" o pequeño era público, el verdadero o grande parece que se ocultaba cuidadosamente" (FRAZER, 1981, p.291).

³⁷ "Además, una esposa cafre tiene prohibido pronunciar ni mentalmente los nombres de su suegro y de todos los varones de la familia del marido en su línea ascendente; siempre que la sílaba enfática de alguno de sus nombres se encuentre en otra palabra común, ella la evitará sustituyéndola por otra enteramente nueva o por lo menos con otra sílaba en su lugar. Por esta costumbre se ha originado un lenguaje casi completamente distinto entre las mujeres que los cafres llaman "lenguaje de las mujeres" (FRAZER, 1981, p.295-296).

³⁸ "Una costumbre similar transforma continuamente el lenguaje de los abipones del Paraguay, entre los que, sin embargo, cuando es abolida una palabra, nunca vuelve a ser empleada. Palabras nuevas, [...], nacen de la noche a la mañana como las setas pues todas las palabras que recuerdan los nombres de los muertos quedan abolidas por proclamación y circuladas otras nuevas en su lugar. La "fábrica" de las palabras nuevas estaba en manos de las ancianas de la tribu y siempre que se ponía en circulación una nueva palabra con su aprobación, la aceptaban de inmediato altos y bajos, sin un murmullo, y se extendía como un incendio por los campamentos y establecimientos de la tribu" (FRAZER, 1981, p.302).

Em muitas sociedades arcaicas o nome de um rei, de um chefe ou de uma pessoa sagrada é tabu. Segundo Frazer (1981, p. 304-305),

no Dahomey o nome do rei era sempre secreto, e se algum malvado o conhecesse poderia fazer-lhe mal. Os nomes com que os europeus conheceram esses reis não eram seus nomes verdadeiros, mas meros títulos³⁹. E também, no antigo Sião, era muito difícil descobrir o nome verdadeiro de um rei, pois esse era mantido em segredo por medo de bruxarias, por isso quem o dissesse seria encerrado em um calabouço. Para referir-se ao rei, diziam: o augusto, o perfeito, o supremo, o grande imperador, o descendente dos anjos⁴⁰ (TN).

Frazer (1981) exemplifica ainda que

entre os sulus (mar de Sulu, sul das Filipinas) ninguém mencionava o nome do chefe da tribo ou os nomes dos pais do chefe; nem pronunciava palavras comuns que coincidissem ou recordassem de algum modo o nome tabuado (FRAZER, 1981, p.305)⁴¹ (TN).

E mais, em “Madagascar, tanto os nomes de família como os de pessoas” são tirados do vocabulário comum. “Por isso, é preciso inventar” um vocábulo novo, substituindo o anterior, para o objeto proibido (animal, planta, cor, etc.), quando esse nome se torna tabu. E ainda “são tabuados os *nomes próprios* de reis e chefes não só vivos, mas também soberanos mortos” (FRAZER, 1981, p.306)⁴² (TN).

Entre os sakalavos, um povo da Polinésia, quando morre o rei, os nobres e o povo, reunidos em torno do cadáver, escolhem solenemente um novo nome para o extinto monarca e esse será o nome com que será referido no futuro. Adotado o novo nome, o antigo se torna sagrado e ninguém ousará pronunciá-lo sob

³⁹ “Así, el nombre del rey de Dahomey se mantiene secreto siempre, temiendo que su conocimiento pudiera habilitar a algún malvado para dañarle. Los apelativos con que los diferentes reyes de Dahomey han sido conocidos de los europeos no eran sus verdaderos nombres, sino meros títulos o lo que los indígenas denominan “nombres fuertes” (FRAZER, 1981, p. 304).

⁴⁰ “En Siam era muy difícil descubrir el nombre verdadero del rey, puesto que se mantenía en secreto por miedo a las brujerías y cualquiera que lo dijese era encerrado en un calabozo. Solamente se podían referir al rey empleando ciertos títulos altisonantes tales como el augusto, el perfecto, el supremo, el gran emperador, el descendiente de los ángeles y otros por el estilo” (FRAZER, 1981, p.305).

⁴¹ “Entre los zulúes nadie mencionará el nombre del jefe de su tribu o los nombres de los progenitores del jefe que él pueda recordar; ni pronunciará palabras de nombres comunes que coincidan o recuerden de algún modo por su sonido los nombres tabuados” (FRAZER, 1981, p.305).

⁴² “No hay nombres de familia en Madagascar (apellidos) y casi todos los personales están sacados del lenguaje de la vida diaria y significan algún objeto común, acción, cualidad, etc., como un ave, animal, árbol, planta, colores y demás. Por esto hay que inventar para el objeto un nombre común reemplazando con el nuevo el que fue desechado. [...] No son sólo los nombres propios de los reyes y jefes vivos los tabuados en Madagascar; también están desplazados los nombres de los soberanos muertos, por lo menos en algunas partes de la isla” (FRAZER, 1981, p.306)

pena de morrer (FRAZER, 1981, p.306)⁴³ (TN).

Frazer (1981) finaliza o tema sobre *nome-corpo*, citando a lenda sobre o nome do deus Ra. No antigo Egito, o grande deus Ra tinha muitos nomes, mas o grande nome, que lhe dava poder sobre os outros deuses e sobre os homens, só era conhecido dele mesmo. Invejosa do poder do grande deus, a deusa Isis fez-lhe uma feitiçaria. Criou uma serpente com a terra umedecida com a saliva do grande deus e essa serpente o mordeu e o envenenou. O veneno foi penetrando profundamente no grande deus e ele já não podia mais andar. Então Isis lhe disse: "dize-me teu nome, Pai divino, pois viverá aquele que for chamado por teu nome". E Isis continuou: "se não me disseres teu verdadeiro nome, o veneno não sairá, pois viverá aquele cujo nome for pronunciado". E como o veneno queimava como fogo o deus Ra disse: "Consinto que Isis busque dentro de mim e que meu nome passe de meu peito a seu peito". Assim foi tirado do grande deus o seu nome e Isis, a feiticeira, falou: "Saia para fora, peçonha, saia de Ra. Sou Eu, Eu mesma, aquela que vence o veneno e que o atira ao solo, porque o nome do grande deus lhe foi arrebatado. Deixa Ra viver e que morra o veneno". Assim falou a grande Isis, a rainha dos deuses, a que conhece a Ra por seu verdadeiro nome (FRAZER, 1981, p.308)⁴⁴ (TN).

A escolha do nome e o ritual do registro também são destaque na obra de Bram (1968, p.76-77)⁴⁵. O autor cita o caso dos Kwotto (Nigéria do Norte) que contratam os serviços de um adivinho, que tem como função descobrir se um recém-nascido é ou não reencarnação de algum falecido ancestral do grupo.

⁴³ "Entre los sakalavos, cuando muere un rey, los nobles y el pueblo, reunidos en consejo alrededor del cadáver, escogen solemnemente un nombre nuevo para el extinto monarca y con él será conocido en lo futuro. Adoptado el nuevo nombre, se trueca en sagrado el antiguo, por el que fue conocido el rey en vida, y nadie osará pronunciarlo so pena de muerte" (FRAZER, 1981, p.306)

⁴⁴ "[...] Ra tenía muchos nombres, pero el gran nombre que le daba poder sobre todos los otros dioses y sobre los hombres, sólo era conocido por él mismo. El dios se iba haciendo viejo, su boca baboseaba y la saliva caía al suelo. Así, Isis recogió el salivazo y tierra con él y la amasó moldeando una serpiente. [...] la serpiente sagrada le mordió [...]. Entonces habló Isis: "Dime tu nombre, Padre divino, pues vivirá aquél a quien se le llame por su nombre". [...] Ra mediodía, tum en la tarde". Pero la ponzoña no se le quitó; penetró aún más hondo y el gran dios no podía andar. Entonces le dijo Isis: "No es tu nombre el que me has dicho, dímelo para que la ponzoña salga, pues vivirá aquel cuyo nombre sea pronunciado." Ya el veneno quemaba como fuego; él estaba más ardiente que las llamas del fuego. El dios dijo: "Consiento que Isis busque dentro de mí y que mi nombre pase de mi pecho aL suyo." Entonces el dios se ocultó de los demás dioses y su lugar em la barca de la eternidad quedó vacío. Así le fue quitado al gran dios su nombre e Isis la hechicera habló: "Fluye fuera, ponzoña, ¡sal de Ra! Soy Yo, Yo misma la que vence al veneno y lo tira al suelo; porque el nombre del gran dios le ha sido arrebatado a él. Deja a Ra vivir y que muera el veneno." Así habló la gran Isis, la reina de los dioses, la que conoce a Ra y su nombre verdadero" (FRAZER, 1981, p.308)

⁴⁵ *Language and society* foi publicada em 1965. Neste trabalho consultamos a edição de 1968.

Assegura também o autor que, em algumas sociedades africanas, as crianças recebem dois nomes: um tido como o nome verdadeiro (nunca revelado a ninguém) e outro que é dado a público.

Esse mesmo autor cita ainda que os Navajos (Sudoeste americano), povos que ocultam o nome verdadeiro, por acreditarem que ele seja um talismã, pois se for pronunciado com frequência enfraquece e perde a potência. Já os índios Pomo (Califórnia) dão nomes aos filhos de um homem, cuja profissão esperam que a criança siga, enquanto os Menominee (Grandes Lagos – América do Norte) acreditam que os nomes pessoais são predeterminados pelo sobrenatural. Por fim, os índios Ojibwa (Grandes Lagos – América do Norte) contratam um feiticeiro para descobrir o nome a ser dado e aguardam que o nome das crianças seja revelado em sonhos (BRAM, 1968, p.76 - 77).

Cassirer (2003, p.22)⁴⁶ afirma que os mitos podem ser compreendidos como uma forma simbólica, “não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas, sim, no sentido de que cada uma delas gera e partilha seu próprio mundo significativo”.

No caso particular dos nomes de deuses, Cassirer (2003, p.68) declara a supremacia do nome e o poder mágico que lhe é inerente:

A identidade essencial entre a palavra e o que ela designa torna-se ainda mais evidente se, em lugar de considerar tal conexão do ponto de vista objetivo, a tomamos de um ângulo subjetivo. Pois também o eu do homem, sua mesmidade e personalidade, estão indissolavelmente unidos com seu nome, para o pensamento mítico.

Da mesma forma, o nome nunca é um “mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador”; é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado. Por vezes, não é apenas o *nome próprio*, “mas qualquer outra designação verbal” que é, dessa forma, “manejada como uma propriedade física, podendo ser como tal adquirida e usurpada” (CASSIRER, 2003, p.68). Ainda segundo o mesmo autor, o nome

pode desenvolver-se para além deste significado mais ou menos acessório da posse pessoal, na medida em que é visto como um ser substancial, como parte integrante da pessoa. Enquanto tal, pertence a mesma categoria que seu corpo ou sua alma. Conta-se que, para

⁴⁶ *Sprache und Mythos - Ein Beitrag zum Problem der Götternamen* foi publicado em 1925. Para este trabalho consultamos a edição de 2003.

os esquimós, o homem se compõe de três partes: seu corpo, sua alma e seu nome (CASSIRER, 2003, p. 68).

O autor ratifica ainda que o “nome antes de qualquer coisa faz do homem um indivíduo”. Na concepção mítica, a individualidade não é algo fixo e imutável, mas uma peculiaridade que muda à medida que mudam as fases da vida. Desse modo, o indivíduo assume outro eu e essa transformação também se exprime, antes de tudo na troca do nome (CASSIRER, 2003, p. 69). Em geral, o ser e a vida do homem estão ligados tão estritamente ao seu nome que, enquanto este se mantém e é pronunciado, seu portador é considerado como presente e diretamente ativo.

O próximo item aborda a concepção de nome na Linguística.

1.2.5 O Nome Próprio na Lingüística

Discutida a problemática do *nome próprio*, nas perspectivas filosófica, mítica e antropológica, nesta parte do capítulo discutimos o estatuto do *nome próprio* a partir das contribuições das diferentes correntes linguísticas, haja vista que o objeto desta pesquisa é o estudo linguístico de uma categoria de *nome próprio*, o topônimo, o nome de lugar.

Se pensarmos no campo de ação, é preciso considerar a distinção entre os interesses do filósofo e os do linguista com relação à linguagem. Segundo Marcondes (2000, p.51), o filósofo está interessado no uso (*use*) da linguagem, no discurso, e sua pesquisa não tem caráter empírico, enquanto o linguista investiga desde os usos (*usage*) da linguagem até o que é efetivamente usado, o factual.

Desde seu aparecimento, a linguagem foi tão completa quanto o pensamento humano que ela representa. Por isso, a linguagem deve ser considerada uma mediadora entre o homem e os fenômenos do mundo que, por sua vez, não necessitam ser reais para se transformarem em objetos de atenção desse homem.

O conhecimento, nos primórdios da humanidade, se limitava à observação comum e ocasional da realidade, a simples apreensão de fatos e fenômenos. O domínio absoluto da imaginação e do instinto era mais desenvolvido

no homem primitivo: enxergava muitas coisas ao mesmo tempo. O homem encontrava dentro de si mesmo um eco secreto que respondia a todas as vozes exteriores, transformando-as em articulações e palavras.

Conforme Renan (1950, p.108), é preciso admitir “entre os que primeiro falaram, a existência de um sentido especial da natureza, que a tudo emprestava uma significação, vendo a alma no mundo exterior, e o mundo exterior na alma”. O autor destaca ainda que a percepção da realidade despertou no homem primitivo a necessidade de nomear o seu mundo e as suas sensações, recorrendo para isso à criação das palavras. Em consequência, com o passar do tempo, o homem criou um vocabulário que atendesse as suas necessidades momentâneas, mas

[...] nem uma só das palavras atualmente usadas deixa de ter sua razão de ser, ligando-se todas elas, através de mil e uma transformações, a uma eleição primitiva. Ora, o motivo determinante na escolha das palavras deve ter sido, na maioria dos casos, o desejo de imitar o objeto que se queria representar (RENAN, 1950, p.114).

O homem, ao nomear tudo que o pertencia ao seu meio, passa a ter o controle sobre o universo, organizando o espaço em que vivia e superando o desconhecido pelo desejo de conhecimento. A tudo e a todas as coisas, o homem atribuiu sentido, designou funções, nomeou coisas e se impôs perante os outros seres.

As primeiras explicações sobre a origem da linguagem têm seus fundamentos na religião. Para as religiões cristãs, por exemplo, Deus teria dado a Adão uma língua e a capacidade de nomear tudo o que existe:

Havendo, pois o senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e todas as aves do céu, os trouxeram a Adão, para ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes de todo o gado, e as aves dos céus, e a todo o animal do campo [...] (Gênesis, II, 19-20).

Já Biderman (1998a, p.88), ao tratar da questão da nomeação, destaca que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Em razão disso, o ato de nomear as coisas adquire importância fundamental, pois possibilita o encontro do que foi nomeado com sua origem, estabelecendo uma relação em que as palavras vão além da mera designação dos elementos, pois estão impregnadas de um significado que as

transcende.

Cabe aqui outra reflexão a respeito do *nome*: para a maioria das pessoas, ele é apenas “um nome”. Essa é a explicação mais casual, porque não se configura como hábito “pensar” sobre os nomes seja por parte do usuário, seja no âmbito do grupo a que pertence. Em algumas sociedades, os nomes pessoais são, com muita frequência, considerados algo mais do que casos de conveniência social.

Molino (1982, p.18) pondera que “o *nome próprio* significa, mas ele significa para quem? Para aquele que nomeia ou para o portador do nome?” Para o mesmo autor, para apreender a dimensão significativa do *nome próprio*, “é importante distinguir as regras de recepção, de compreensão do *nome próprio* e as regras de sua produção”⁴⁷ (TN).

É fato que a discussão acerca dos nomes próprios não tem merecido muito destaque no âmbito dos estudos linguísticos, se comparado com o espaço ocupado entre as outras áreas do conhecimento. Somente nas últimas décadas, observa-se uma preocupação maior, no âmbito da Linguística, quanto ao estudo de aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos, relativos aos nomes próprios. Como argumenta Leroy (2004, p.01), os linguistas “se reapropriaram do *nome próprio*, durante muito tempo abandonado à Lógica, Antropologia ou Crítica literária”⁴⁸ (TN).

Destacamos, inicialmente, o surgimento, em 1660, da *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*, ou Gramática de Port-Royal, de Lancelot e Arnaud que serviu de modelo para grande número de gramáticas do século XVIII. Nessa gramática foram estabelecidas nove classes de palavras: *nome*, *artigo*, *pronome*, *particípio*, *preposição*, *advérbio*, *verbo*, *conjunção* e *interjeição* (LEROY, 1982, p.27)⁴⁹.

Segundo Kristeva (1969, p.194), na Gramática de Port Royal, os nomes compreendem os substantivos e os adjetivos e ambos designam “os objetos de nossos pensamentos” e podem ser “as coisas como a terra, o sol [...], que chamamos substância”, ou aquilo que chamamos “acidente”, como “ser redondo, ser

⁴⁷ “[...] le nom propre signifie, mais il signifie pour qui? [...] pour le donner de nom, pour le porteur de nom? Il importe de distinguer les règles de réception, de compréhension du nom propre, et les règles de sa production” (MOLINO, 1982, p.18).

⁴⁸ “Se sont reaproprié le nom propre, pendant longtemps abandonné à la logique, l’anthropologie ou la critique littéraire” (LEROY, 2004, p.01).

⁴⁹ A publicação de *Les grands courants de la Linguistique Moderne* de Leroy data de 1971. Para este trabalho consultamos a 5ª ed. publicada em 1982.

vermelho, etc.”, no primeiro caso estes nomes são substantivos e no segundo adjetivos.

A chegada do século XIX traz as constatações quanto à complexidade que envolveu os estudos sobre o *nome próprio*, determinando particularidades na maneira como os linguistas trataram do tema.

Um autor se destaca na França, Michel Bréal, cuja obra se baseou no método neogramático. À época em que o *Ensaio de Semântica* (1897)⁵⁰ foi publicado, os linguistas defendiam a classificação dos *nomes próprios* como uma categoria à parte, sob o pretexto de que esses nomes não apresentavam valor etimológico e sofriam transformações fonéticas mais lentas do que outras categorias de nomes da língua.

No capítulo XVIII, “Como os nomes são dados às coisas”, do *Ensaio de Semântica*, Bréal (1992) destaca:

de tudo o que precede podemos tirar uma conclusão: não há dúvida de que a linguagem designa as coisas de modo incompleto e inexato. Incompleto, porque não se esgotou tudo o que se pode dizer do sol quando se disse que ele é brilhante, ou do cavalo quando se disse que ele corre. Inexato, porque não se pode dizer do sol que ele brilha quando se escondeu, ou do cavalo que ele corre quando está em repouso, ou quando está ferido ou morto (BRÉAL, 1992, p.123).

O mesmo autor argumenta que, quando um substantivo é abstrato, há mais equivalência entre o nome e aquilo que ele representa, pois, a um substantivo abstrato, associa-se uma determinada “operação no espírito”, de modo que,

quando tomo as duas palavras, compressibilité, immortalité, tudo o que se acha na ideia se acha na palavra. Mas, se tomo um ser real, um objeto existente na natureza será impossível a linguagem fazer entrar na palavra todas as noções que esse ser ou esse objeto desperta no espírito. A linguagem é obrigada a escolher. Entre todas as noções, a linguagem escolhe apenas uma: *cria assim um nome que não tarda a se tornar um signo* (BRÉAL, 1992, p.123, grifo nosso).

Nota-se que, assim como os substantivos abstratos, os *nomes próprios* são diferenciados dos demais tipos de nomes. O autor finaliza a sua abordagem argumentando que os *nomes próprios* formam uma espécie situada “fora da língua”, pois, para essa categoria, “o sentido etimológico não conta para nada”,

⁵⁰ A publicação dessa obra data de 1897. Neste trabalho utilizamos a edição de 1992.

havendo só uma diferença “intelectual” entre *nome próprio* e nome comum:

se se classificam os nomes segundo a quantidade de ideias que despertam, os *nomes próprios* deveriam estar na frente, pois são os mais significativos de todos, sendo os mais individuais. Um adjetivo como *augustus*, tornando-se o nome de Otávio, sobrecarregou-se de uma quantidade de ideias que lhe eram primeiramente estranhas. Além disso, basta aproximar a palavra César, ouvida do adversário de Pompeu, e a palavra alemã Kaiser, que significa “imperador”, para ver o que um *nome próprio* perde em compreensão para se tornar um nome comum. Donde se pode concluir que do ponto de vista semântico, os *nomes próprios* são os substantivos por excelência (BRÉAL, 1992, p. 126).

De acordo com Bréal, com exceção dos nomes próprios, havia entre a palavra e aquilo que ela designa uma relação inconveniente, isto é, inacabada e inexata, pois a relação entre palavra e coisa nunca está inteiramente concretizada, havendo sempre uma lacuna pela qual o significado da palavra se ajusta a cada situação de uso.

Numa época dominada pelas ideias defendidas pelos neogramáticos (século XIX), surge a teoria de Saussure, cuja maior contribuição foi a de demonstrar em primeiro lugar os princípios da língua como sistema de signos.

O tema *nomes próprios* não aparece como tópico específico no *Curso de Linguística Geral*, mas a posição do mestre genebrino em relação aos nomes surge no capítulo *Imutabilidade e mutabilidade do signo*:

a qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece como uma herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos as coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado (SAUSSURE, 1969, p.85-86)⁵¹.

Já no capítulo *Analogia e Evolução*, aparece o destaque para o fato de o *nome próprio* como palavra isolada não permitir nenhuma análise no interior do sistema:

as únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares (*cf. Paris, Genève, Agen, etc*) que não permitem nenhuma análise e por conseguinte nenhuma interpretação de seus elementos; nenhuma criação concorrente surgiu a par deles (SAUSSURE, 1969, p.201).

⁵¹ A data da primeira edição do *Cours de Linguistique Générale* é de 1916. Neste trabalho consultamos a edição de 1969.

Outro linguista de destaque nesse particular foi Stephen Ullmann que encontrou na reflexão de que as palavras exercem um papel decisivo no ato de modelar os nossos pensamentos e de conduzi-los por determinados canais o motivo para escrever a sua obra intitulada *Semântica - Uma introdução à Ciência do Significado*⁵².

Nessa obra, Ullmann (1987, p.42) situa a linguagem no âmbito de uma teoria geral dos signos. Destaca que, se aceita a distinção entre língua e fala, encontram-se algumas diferenças fundamentais entre os dois fenômenos, basicamente entre o atual e o potencial e entre o individual e o social.

Ullmann (1987) destaca a importância crucial do contexto⁵³, quando trata da determinação do *significado das palavras*. Para ele há duas espécies de influências contextuais: as que afetam qualquer palavra e as que afetam algumas palavras mais que outras.

Nesse particular, ele assevera que até os *nomes próprios* (considerados por ele como as mais concretas de todas as palavras) têm uma variedade de aspectos dos quais um só será o adequado para uma situação particular (ULLMANN, 1987, p.109). O conceito coberto pelo termo significado, na esfera dos estudos semânticos, tem sido alvo de constantes discussões em busca de consenso em termos conceituais.

Ao tratar sobre o tema do significado das palavras, Ullmann (1987, p.119) estabelece a necessidade de adaptação terminológica, e opta pelo uso de “palavras simples”, da linguagem cotidiana, sugerindo os termos: “nome – configuração fonética da palavra”; “sentido – informação que o nome comunica ao ouvinte” e “coisa – o referente de Ogden e Richards (1923) – o aspecto ou acontecimento não-linguístico”.

De acordo com Ullmann (1987 p.117), o modelo analítico do significado proposto por Ogden e Richards (1923) possui como característica essencial a distinção entre três componentes do significado:

segundo esta interpretação não há relação direta entre palavras e as coisas que elas “representam”, a palavra simboliza um pensamento ou referência que, por sua vez, se refere ao aspecto ou acontecimento de que estamos a falar” (*apud* ULLMANN, 1987, p.117).

⁵² A primeira edição dessa obra data de 1964. Para este trabalho consultamos a 5.ed. de 1987.

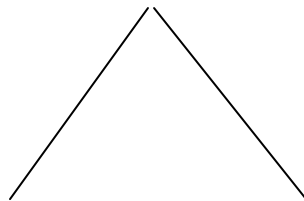
⁵³ Para Ullmann (1987, p.112), a influência do contexto é diferente de uma palavra para outra e de uma língua para outra.

Ullmann (1987) esclarece que o triângulo de Ogden e Richards contempla a forma como a palavra atua no ouvinte, mas parece desprezar o ponto de vista do que fala. O ouvinte ouve a palavra, faz a associação, a relação com o pensamento, sentido. Só então pensará na coisa. “Há, portanto, uma relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido: se alguém ouvir a palavra, pensará na coisa, dirá a palavra” (ULLMANN, 1987, p. 119).

É a essa relação recíproca e reversível entre o significante e o pensamento que o autor denomina de significado da palavra. A definição operacional do significado prevê o estudo das palavras em ação, em uso, interessando menos pelo significado e mais pelo modo como elas operam no discurso.

O triângulo de Ullmann (1987), uma adaptação ao de Ogden & Richards (1923), representa o signo da seguinte forma:

SENTIDO



Simboliza ----- Refere-se à
 Nome Coisa
 Representa (relação fictícia)

Figura 2 – Triângulo de Ullmann (*apud* BLISKTEIN, 1998, p.28) -

Ullmann (1987) conserva a estrutura e a ideia do modelo original de triângulo, apenas efetuando uma adaptação terminológica. Para o autor, a relação entre o nome e o sentido, já que a coisa, pela sua natureza, não pertence ao âmbito da Linguística, é que precisa ser examinada cuidadosamente.

Ao tratar do nome, esse semanticista destaca a preocupação com algumas situações: “a posse de um nome desde tempos imemoriais”; “os nomes são frequentemente dotados de poderes mágicos e rodeados de complicadas superstições e tabus”; a distinção entre *nome próprio* e um substantivo comum é que

o primeiro é “escrito com maiúscula”. E salienta uma vez mais que a diferença essencial entre os substantivos comuns e os *nomes próprios* reside na sua função: os primeiros são unidades significativas, os segundos, simples marcas de identificação (ULLMANN, 1987, p.148 -151).

Contudo, resta ainda uma questão: a fronteira entre as duas categorias não é de modo algum decisiva, pois muitos *nomes próprios* derivados de substantivos comuns ainda mostram marcas da sua origem, como por exemplo: Blackpool (pântano negro), Newcastle (Castelo Novo), apelidos como Smith (ferreiro), e Carpenter (carpinteiro), nomes de pessoas como Pearl (Pérola) e Heather (urze) (ULLMANN, 1987, p.160).

Há, ainda, de acordo com Ullmann (1987), o processo inverso (um *nome próprio* se transforma num substantivo comum), seja de forma metafórica (quando uma pessoa ou um lugar dão o seu nome a uma classe inteira de pessoas ou lugares semelhantes: Cícero, (para todos os guias tagarelas conhecidos por cicerone-s), seja metonímica (baseado em qualquer relação, que não semelhança: chauvinismo – origem no *nome próprio* de Nicolas Chauvin de Rochefort, soldado cujo patriotismo exibicionista foi ridicularizado em caricaturas e no palco) (ULLMANN, 1987, p.161 -162).

Nos casos citados, ocorre, segundo Dick (1999, p.125), a “intersecção dos campos onomásticos”, uma vez que o mesmo referente ou *nome próprio* “ensejaram a criação de termos funcionais, derivados da forma primitiva”. A “troca dos campos aplicados não altera, na estrutura básica do vocábulo, a sua carga semântica”. Houve modificação, portanto, na “passagem do vocábulo de seu estado de língua para o estado denominativo [...]”.

Ullmann (1987, p.164) conclui que, em todos os processos, a “ampliação ou restrição que possa ter ocorrido com um *nome próprio*, é de importância secundária; o ponto principal é que a marca de identificação se tornou num símbolo significativo, ou vice-versa”.

Outro aspecto a ser destacado no âmbito de uma discussão acerca do estatuto do nome é o da relação semântica que se estabelece entre um objeto e sua denominação, e a referência entre o objeto, o conceito e a forma da palavra. Ao tratar da relação semântica existente entre um objeto e seu nome, Lyons (1980, p.

429),⁵⁴ por exemplo, retomando o pensamento grego e partindo da visão tradicional acerca da relação entre as palavras e coisas, postula que:

Os filósofos gregos do tempo de Sócrates, e, em seguida, Platão, propuseram a questão nos termos em que ela geralmente se propõe até hoje. Para eles a relação semântica que liga as palavras às coisas é a de "denominar"; e a questão que daí decorre é a de saber se os "nomes" dados às "coisas" eram de origem "natural" ou "convencional" [...]. No curso do desenvolvimento da gramática tradicional, tornou-se hábito distinguir entre o significado da palavra e a "coisa" ou as "coisas" por ela "denominada". Retomando a distinção formulada pelos gramáticos medievais: a forma de uma palavra (*vox* — parte duma *dictio*) significava "coisas" em virtude do conceito associado a essa forma no espírito dos falantes; e o "conceito", olhado desse ponto de vista, era o significado da palavra (a sua *significatio*). Consideremos essa a visão tradicional da relação entre palavras e "coisas".

Já ao tratar da questão do *nome próprio*, o autor destaca os três tipos de "expressões referenciais"⁵⁵: *sintagmas nominais definidos*; *nomes próprios* e *pronomes pessoais* (LYONS, 1980, p.148). Interessa-nos, em particular, a posição de Lyons (1980) quanto à concepção de *nomes próprios*, no âmbito da Lógica, à medida que, ao serem utilizados como expressões referenciais,

identificam os seus referentes, não descrevendo-os em termos de uma propriedade relevante que o nome denota, mas utilizando a associação única e arbitrária entre um *nome próprio* e o seu portador (LYONS, 1980, p.176).

O autor argumenta, ainda, que os *nomes próprios*, da maneira como são empregados no cotidiano, comportam duas funções: a referencial e a vocativa. Em relação à função referencial, destaca que "os nomes são frequentemente usados simplesmente para chamar a atenção do locutor para a presença da pessoa que se nomeia ou para lembrar ao auditor a existência ou importância dessa pessoa". Já a função vocativa dos *nomes próprios* é reconhecida por atrair a atenção da pessoa que está sendo chamada e, também, em certos usos de nomes comuns, como por exemplo, no caso de "rapaz", em "Vem cá, rapaz!", em que, diferenciado ou não em sua forma, esse nome aproxima-se "do uso de um *nome próprio* ou de um título"

⁵⁴ A publicação dessa obra data de 1977. Para este trabalho consultamos a edição publicada em 1980.

⁵⁵ Para demonstrar o que considera uma "expressão referencial", Lyons (1980, p.147) vale-se do seguinte exemplo: "quando uma frase como "Napoleão é Corso" é enunciada para fazer uma asserção, diremos que o locutor se refere a certo indivíduo (Napoleão) por meio de uma expressão referencial. Se a referência for bem sucedida, a expressão referencial permitirá que o interlocutor identifique o indivíduo em questão: o referente".

(LYONS, 1980, p.178).

Lyons (1980, p.179) destaca também que, quando duas pessoas se apresentam pelo nome – “Apresento-te o João”, “Chamo-me Zé” –, entra em cena um ato de nomeação que é classificado por ele como “nomação didática”. Já para explicar o conceito de “nomação performativa” recupera o exemplo utilizado por Austin para ilustrar os enunciados performativos: “batizo este barco Queen Elizabeth”. Nesse sentido, segundo Lyons, cada ato de “nomação performativa” é regido por regras que impedem que pessoas não autorizadas o realizem e “não se pode assumir esse papel quando e como bem entendemos”. Nessa perspectiva, o autor alerta para o fato de não bastar escolher um *nome próprio*, pois é preciso produzir um ato de atribuição:

O princípio de que os *nomes próprios* não têm sentido não é invalidado pelo fato de a nomação performativa formal ou informal poder ser determinada por certas condições culturalmente prescritas de *conveniência semântica*. Em determinadas culturas, há um conjunto mais ou menos bem definido de nomes de pessoas institucionalizados (João, Maria etc.) que são atribuídos às crianças (LYONS, 1980, p. 181).

Para Lyons (1980, p.183), a questão de saber “se os *nomes próprios* pertencem ou não a um sistema linguístico particular”, ou se eles têm um sentido ou não, “não se pode dar uma resposta simples e universalmente válida”, sobretudo, porque, segundo ele, “certos nomes ao menos parecem ter uma significação simbólica, etimológica ou de tradução”. Para esse linguista, os *nomes próprios* “não têm sentido, ou um tipo de significação única e especial que os distinga, como classe, dos nomes comuns”. Todavia, chama a atenção para o fato de “os nomes de pessoas poderem ter uma função vocativa paralelamente a uma função referencial ou quase-referencial no comportamento linguístico”.

Mais contemporaneamente, ainda na área da Linguística, outro trabalho de destaque é o de Kleiber (1984)⁵⁶, para quem “a linguagem tem por vocação primeira falar sobre o real”, sendo que “a função de designação e representação constituem a principal característica do signo linguístico”: não basta estar no lugar de algo. Dessa maneira, Kleiber sustenta que a “relação de

⁵⁶ As argumentações desse autor sobre nome próprio estão no artigo da *Revista Langage*, número 76, v.19, 1984, p.77-94, cujo tema central é a denominação.

denominação é uma parte constitutiva desta dimensão referencial”⁵⁷ (KLEIBER, 1984, p.77) (TN).

Para sustentar sua argumentação, Kleiber estabelece a distinção entre denominação e designação. Segundo ele, a denominação se efetua na dependência de uma instauração prévia de um laço referencial particular entre o objeto x e o signo X. Considera a denominação como a relação que une uma unidade lexical codificada a seu referente. Já as frases de designação, contrariamente às frases de denominação, não pressupõem nenhuma denominação prévia. Além disso, o esquema X (signo) ↔ x (coisa) pode ser ainda desdobrado em pelo menos duas distinções principais: a referência e a denominação.

Kleiber (1984, p.81) assevera ainda que:

com o ato de denominação prévio, os nomes se restringem aos simples signos que foram atribuídos às coisas da realidade que eles designam”. Entretanto, destaca que há “o estabelecimento de uma regra de fixação referencial que permite a utilização ulterior do nome pelo objeto denominado”⁵⁸(TN).

O autor argumenta que o estatuto exclusivamente referencial atribuído ao *nome próprio* confronta com as ideias de Mill (1843), à medida que este distingue os nomes quanto à sua significação, enquanto Kleiber, na sua proposta de ordenação das classes dos nomes, concebe o *nome próprio* como um nome de objeto que não conota nada e que não possui significação, mas sim denota os indivíduos a quem dão o nome, o que não implica qualquer atributo pertencente a esses indivíduos. E mais, o *nome próprio* possui uma determinada estabilidade enquanto outros nomes têm, geralmente, uma significação ocasional.

Como já demonstrado ao longo deste trabalho, na Antiguidade, a escolha dos temas dos nomes que motivavam a sua imposição era feita segundo uma concepção diferente da abordagem moderna. Muitas vezes o nome que o indivíduo recebia era, de acordo com a cultura, a mesma designação para um animal ou a um objeto. O nome era concebido de acordo com a sua possibilidade de atrair

⁵⁷“Le langage a pour vocation première de parler du réel. [...] , la fonction de désignation, de représentation, constitue le caractère principal du signe linguistique. La relation de dénomination est une partie constitutive de cette dimension référentielle. Elle s’inscrit dans le processus qui met en rapport les signes avec les choses et se place ainsi du côté des relations référentielles [...]” (KLEIBER, 1984, p.77).

⁵⁸ “Avec l’acte de dénomination préalable, les noms se restreignent aux seuls signes qui ont été attribués aux choses de la réalité qu’ils désignent. [...] l’établissement d’une règle de fixation référentielle qui permet l’utilisation ultérieure du nom pour l’objet dénommé” (KLEIBER, 1984, p.81).

bons fluidos e de repelir espíritos malignos. Acresce-se ainda que, o chamado nome individual, permite distinguir o indivíduo dos demais membros dentro de sua comunidade e pelo parentesco define o indivíduo pelos laços de sangue a um grupo familiar.

Essa forma parental, importante do ponto de vista social, é atualmente o sobrenome. O nome, propriamente dito ou prenome individual, é o resultado do ato de desejo e escolha dos pais ou da família. “Os antropônimos estão documentados e registrados”, fazendo parte da cultura de todos os povos desde as eras mais primitivas. “Apelidos ou nomes foram a forma encontrada para distinguir as pessoas da família e da comunidade, facilitando, assim, a identificação de cada um de seus membros” (CAVALCANTE; ANDRADE, 2009, p.93).

Com o crescimento das famílias e da população das comunidades, alguns nomes começaram a se popularizar e a serem também usados por descendentes de outras famílias, gerando, assim, dificuldades na distinção de cada pessoa. Surge, então, a necessidade da criação de um segundo nome que, acrescentado ao primeiro, identificasse melhor as pessoas. Já na sociedade atual há nomes adequados às pessoas e aos lugares, embora deva ser considerado o fato de às vezes os designativos serem escolhidos muito mais pelos modismos do que por qualquer preocupação com o seu verdadeiro significado.

Na verdade, percebe-se que, a partir da mesma matriz lexical da língua (de uma única lexia), formam-se topônimos e antropônimos, assim como se forma um topônimo a partir de um antropônimo e o contrário. O esquema proposto por Dick (1999, p.146) mostra as “passagens de um vocábulo pleno, para o uso onomástico – toponímico/antroponímico, seguido ou não, da perda do sentido aparente”:

<p>CABRA sdo 1. (lat. capra);s.f.1 mamífero ruminante, a fêmea do bode (ABHF)</p>	<p>Cabral sdo 1. “Lugar onde há ou pastam cabras”. s.m.der. Cabral, Ossal, Cerveira “revelam a existência de cabras bravas, ursos e veados, em épocas antigas em locais onde haja estas espécies e que lá não habitam” (L.Vasconcellos. In: Guérios, 1981, p.81).</p>	<p>Cabral n.pr. Antropônimo de origem familiar; apelido de família. “O mais antigo deste apelido é Aires Cabral, em tempo de El-rei D. Dinis” (Guérios, ib, p.81).</p>	<p>Cabral n.pr./topônimo. Serra do Cabral, (MG), Cabral (AHMT), baía Cabral (BA).</p>
--	--	---	--

Quadro 3 – Passagem de um vocábulo pleno, para o uso onomástico – toponímico/antroponímico⁵⁹

Dick (1999) explicita que

a troca dos campos aplicados não altera, na estrutura básica do vocábulo, a sua carga semântica. Em qualquer das posições citadas (antropônimo, topônimo ou corônimo), a intenção da escolha é a homenagem ao ator que se esconde na forma linguística esvaziada (antropônimo) (DICK, 1999, p.125).

Como os estudos onomásticos envolvem a função referencial ou denotativa da linguagem, não se pode falar em Onomástica – Toponímia e Antroponímia – sem considerar a questão da referência.

Segundo Seabra (2006, p.1956), o topônimo e o antropônimo são, pois,

entidades que vão além da expressão linguística e envolvem, obrigatoriamente, os referentes que destacam. Dentro dessa “teoria causal da referência”, Oliveira (1996) diz que o nome próprio é um “designador rígido”, pois designa um indivíduo de uma maneira única e direta. Mais que isso, acrescentamos que os nomes de lugares, assim como os nomes de pessoas são “designadores rígidos” já que representam ou são os próprios referentes em uma situação de comunicação, podendo-lhes atribuir, por isso, no âmbito dos estudos linguísticos, certa singularidade.

Na Onomástica, mais especificamente no nome de lugar, a função simbólica ou representativa do topônimo, isto é, o vínculo do significado do nome a

⁵⁹ O título do quadro foi atribuído pela autora deste trabalho. No quadro, o grifo é da autora desta Tese.

determinada localidade ou acidente indica, necessariamente, que se pergunte o que esse nome simboliza e o que esse nome representa ou denomina. Embora a sociedade sofra mudanças ao longo do tempo, o topônimo permanece na língua, e o sistema de referência extralinguístico pode ou não se perder. Nessa conservação ou perda, a rede referencial se torna opaca, constituindo-se, portanto, uma referência exata: a pessoa identifica alguém ou determinada localidade sem, contudo, atribuir-lhe um significado, preserva o referente, mas não a informação e, assim, os topônimos e antropônimos permanecem na língua.

Os proponentes da Teoria Causal da Referência⁶⁰ chamam a atenção para o fato de o *contato* com o objeto ser um elemento determinante para a fixação da referência de um nome. Para Graça (2003, p.203-204), a solução para o problema da fixação da referência de tipo causal, é que o objeto seja considerado como a *causa* (a *fonte* ou a *origem*) de o nome ter uma referência. Por vezes, os usos subsequentes (em relação aos primeiros usos) desse nome não relacionam os falantes diretamente ao objeto referido, e a referência de um termo é explicada à custa de uma *cadeia causal apropriada* que relaciona indiretamente certo uso do termo ao objeto por ele referido. O ponto central da teoria é a tese de que os nossos usos de um nome dependem de usos anteriores, e estes, por sua vez, de outros usos mais anteriores, e assim sucessivamente até atingir o ponto em que se encontram os primeiros usos do nome, que ocorrem na presença do objeto, relacionando, diretamente, o nome com o objeto que é o portador do nome.

Ainda segundo a mesma autora, o nome refere não pela posse de qualquer conhecimento identificador do objeto, que pode ser errado ou insuficiente, mas sim em virtude da existência daquela cadeia causal, constituída pelos diversos usos de um nome, que recua até aos seus primeiros usos que, por seu turno, fazem a relação do nome com o objeto (GRAÇA, 2003, p.203-204). A título de ilustração apresentamos, a seguir, a partir das contribuições do texto de Graça (2003, p.205), um fluxograma que ilustra o processo da fixação da referência de um nome. Nesse texto, a autora descreve como se nomeia um animal.

Na sequência aplicamos esse modelo ao *nome próprio* – topônimo. Escolhemos no *corpus* o topônimo Amola Faca, para visualizar como teria se

⁶⁰ Graça (2003, p.195) defende que a teoria da referência se trata de uma teoria capaz de explicar, “em termos de condições necessárias e suficientes, como é que a referência de um nome é para ser fixada”. Essa teoria é defendida pelos filósofos: S. Kripke, K. Donnellan e H. Putnam, entre outros.

estabelecido a sua nomeação e como o nome se perpetuou até a atualidade.

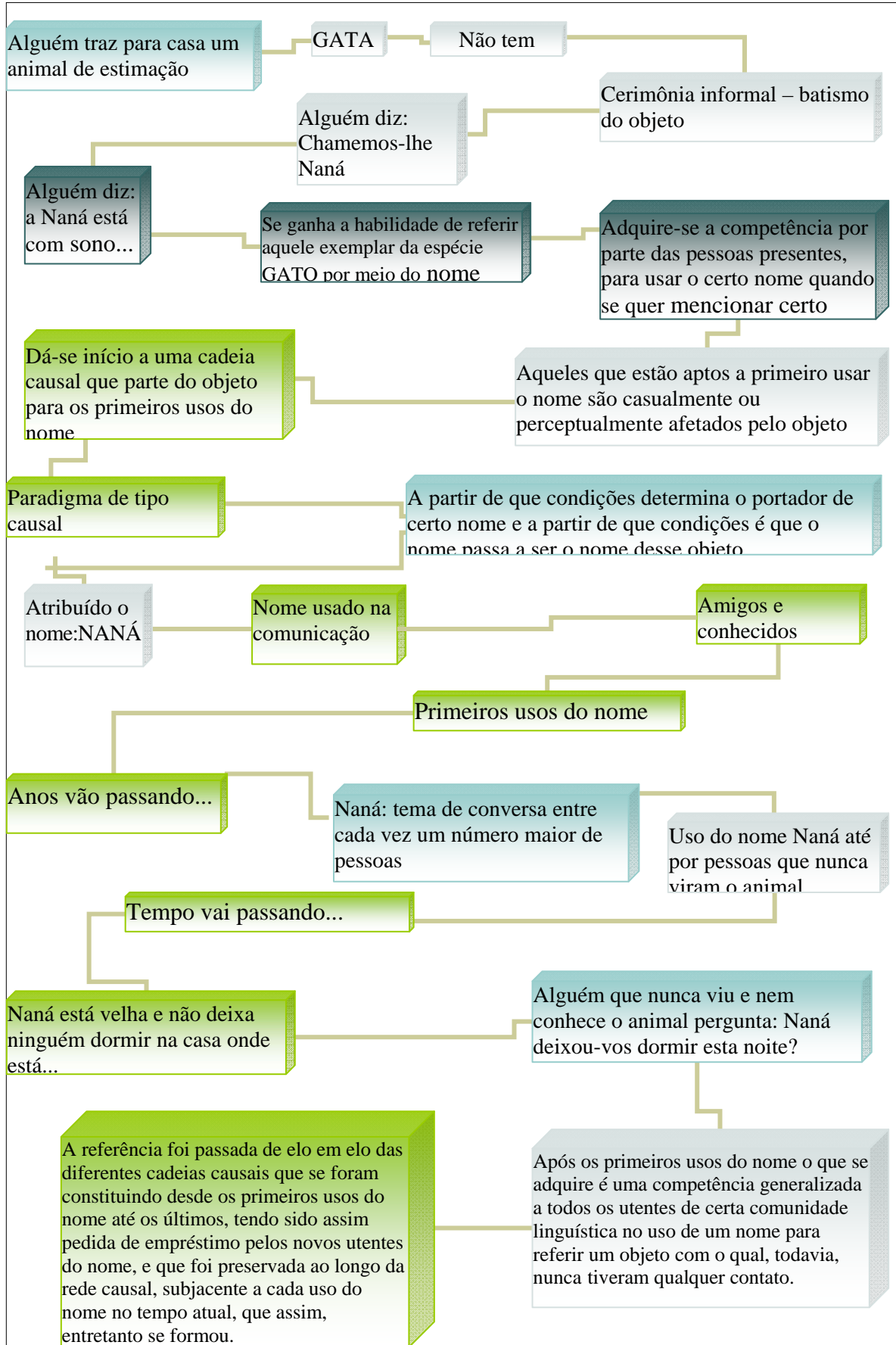


Figura 3 – Processo da fixação da referência de um nome

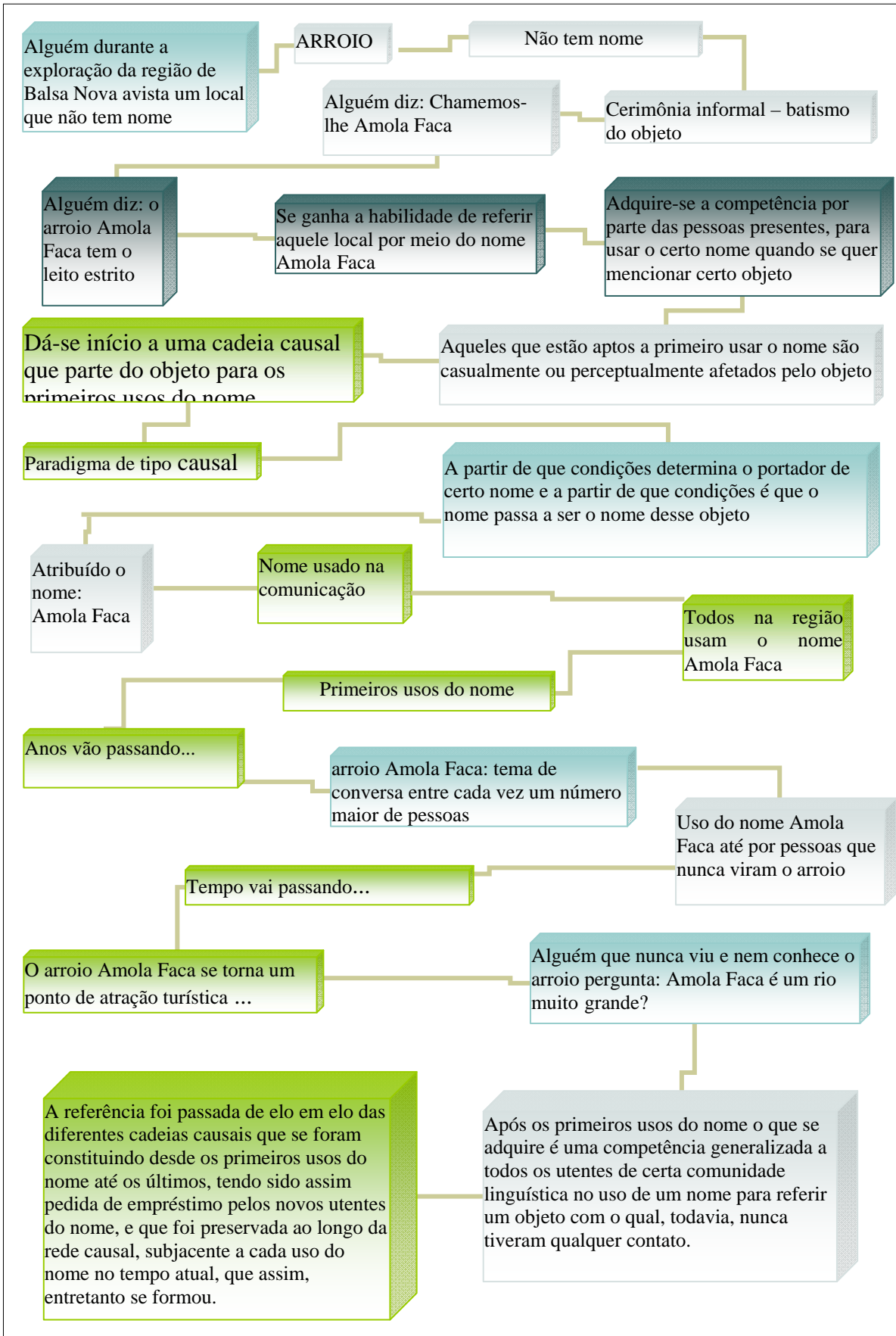


Figura 4 – Fixação do nome Amola Faca

Basicamente podemos entender a cadeia causal como constituída por um conjunto de elos que ligam o uso atual de um nome a um uso anterior e assim sucessivamente até o primeiro uso do nome, que é considerado como tendo origem num objeto que é a sua causa (a causa desse primeiro uso). O nome Amola Faca atribuído ao arroio do município de Balsa Nova ainda é utilizado na atualidade mesmo que não se saiba o motivo dessa nomeação.

O percurso trilhado neste Capítulo mostra vários posicionamentos de linguistas com relação ao conceito de *nome próprio*, além da constatação de a análise dessa categoria do nome escapar ao estabelecimento de fronteiras entre diferentes disciplinas, o que obriga o estudioso desse assunto circular pela Filosofia, pela Antropologia, pela Linguística, dentre outras áreas do conhecimento.

O retorno necessário aos questionamentos lógico-filosóficos mostrou que o estudo dos *nomes próprios*, ainda na atualidade, constitui ponto de controvérsia para a teoria da linguagem, principalmente em termos de sistematização do estatuto linguístico desse tipo de nome.

De um modo geral, pode-se destacar a posição dos teóricos que sustentam que o *nome próprio* funciona como marca individual (Mill); há também a posição daqueles para os quais o *nome próprio* assegura a continuidade da referência, tomando o ato referencial como relevante (Frege, Kripke); e aqueles que consideram a questão dos estudos da significação do sentido (o sentido enquanto objeto), a significação (Russell).

Nota-se, pois, que as contribuições relativas ao conceito de *nome próprio* apresentadas por teóricos vinculados às áreas do conhecimento anteriormente focalizadas – cada uma dentro das especificidades de seus posicionamentos teóricos – fornecem elementos que não podem se desconsiderados na análise do estatuto do *nome próprio*.

Portanto, frente ao exposto, se considerarmos que, como *nome próprio*, o topônimo não tem um significado isoladamente, verificaremos que ele conota muito, ao ser utilizado no contexto específico, qual seja, a nomeação de um lugar. Por isso, o topônimo se constitui num signo particular que, na sua gênese, difere de outros signos no que tange à motivação, e sua função é indicar ou identificar um espaço (acidente geográfico) e não significar. É bem verdade que um topônimo só existe porque houve certo momento em que o denominador se deparou com um local que precisava ser nomeado e, nesse particular, consideramos

adequado para esclarecer esse momento o quadro teórico apresentado por Kripke (1996, p.266), uma vez que na situação toponímica também há “um ‘batismo inicial’ quando o denominador busca na realidade circundante o nome que melhor se adéqua às suas intenções. Esse nome circula pela localidade, é ouvido e repetido por várias gerações e em diferentes fases da história da localidade. A manutenção desse nome com a mesma referência, a despeito do desaparecimento de sua motivação semântica, faz dele um “fóssil linguístico”⁶¹, ou seja, uma expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais de um núcleo humano.

1.3 PERSPECTIVAS DE UM ESTUDO TOPONÍMICO

Já se tornou lugar comum afirmar que a língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações e, “sendo um patrimônio de toda uma comunidade linguística, faculta a todos os membros dessa sociedade o direito de criatividade léxica”, já que é o homem que atua nas transformações sociais (ALVES, 2002, p.06).

Logo, para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso considerar também a história, os costumes e o ambiente em que vive esse grupo, uma vez que toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes por meio de seu acervo lexical, o conjunto de palavras de uma língua natural, no qual estão projetadas as experiências vividas por determinado grupo sócio-linguístico-cultural. Isso porque “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179). Nessa mesma linha de raciocínio, Oliveira e Isquierdo (2001, p.09) ponderam que

o léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Há três ramos do saber que se ocupam da investigação do léxico, a

⁶¹ O enunciado “fóssil linguístico” foi uma expressão tomada por Dick ao geógrafo Frances Jean Brunes, que o considerava como um “fóssil da geografia humana (DICK, 1990a, p.42).

saber: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Para Biderman (1998b, p.11-20), a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização do lexical e a estrutura do léxico”. Já a Lexicografia dedica-se ao estudo e à confecção de dicionários, glossários e vocabulários, enquanto a Terminologia, ramo mais recente das ciências do léxico, ocupa-se de um subconjunto do léxico da língua, ou seja, dedica-se ao estudo de áreas específicas do conhecimento humano, como a Medicina, a Economia, Pecuária.

A Lexicologia tem como uma de suas tarefas examinar as relações do léxico de dada língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma realidade infinita e contínua a um número de uma unidade lexical. Procura abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma cosmovisão, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais.

Sob esse prisma, a Lexicologia, segundo Cabré (1992, p. 78), consiste na construção de um modelo do componente léxico da gramática que recorra aos conhecimentos implícitos sobre as palavras e o uso que os falantes fazem delas, que antecipe mecanismos sistemáticos e adequados da relação entre o componente lexical e os demais componentes gramaticais.

Para Vilela (1994, p. 10), a Lexicologia, cuja unidade básica de estudo é a palavra, ou o que Pottier *et. al* (1972, p.26-27) denominam de *lexia*⁶² (a “unidade lexical memorizada”), possui uma estreita relação com a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, e apresenta,

uma ligação especial com a semântica. [...] a Lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações (VILELA, 1994, p. 10).

O autor situa a semântica lexical em três níveis de análise linguística

da “*langue*”, da “*norma*” e da “*parole*”. Todavia esclarece que é apenas ao nível da “*langue*” que se situa a sistematicidade das unidades lexicais, o nível em que as unidades se configuram como unidades funcionais; no nível da “*norma*” situa-se o que não é necessariamente funcional ou distintivo, mas o que é fixado

⁶² As *lexias* podem ser ainda segundo Pottier *et al* (1972,p.27): a) **simples**: quando formada por um único segmento, isto é, de formas simples, como gato, carro; b) **composta**: formada por uma integração semântica, manifestada formalmente, ligadas por hífen como em “primeiro-ministro”; c) **complexa** estável – formada por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen como em “mortalidade infantil”; e d) **textual** – formada por sequência significativa como em “quem tudo quer tudo perde”.

socialmente e usado pela comunidade linguística respectiva; no nível da “parole” situa-se o que pertence ao discurso concreto, a designação ou a relação com o extralinguístico (ou a própria realidade extralinguística) (VILELA, 1994, p. 11).

Outro aspecto a ser considerado, principalmente no nível lexical, são as relações língua-cultura-sociedade, que permitem observar aspectos valorizados por determinado grupo e até as condições de vida impostas pelo meio físico, inter-relação essa defendida por Sapir (1969), por intermédio de sua concepção antropológica a respeito dos fatos da linguagem.

Para Sapir (1969), a língua de um povo é influenciada pelos ambientes físico e social. Assim, a geografia, a cultura, a formação étnica da população, enfim, todo o universo físico e social de um grupo sócio-linguístico-cultural pode configurar-se como motivação no ato de nomeação de um lugar, como podemos depreender das próprias palavras de Sapir (1969, p. 44):

Não obstante, tratando-se da língua que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano, convém compreender no termo ‘ambiente’ tanto os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regimes de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais, estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Por fim, é importante ressaltar que o léxico de uma língua natural também é arraigado à história – tradição e costumes – de um povo, por isso, está sempre em processo constante de expansão, alteração e contração.

Dessa forma, a análise do acervo lexical de um grupo favorece a recuperação de aspectos do modo de ele ver a realidade e da forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, em particular como nomeiam pessoas e lugares. Para o homem, nomear representa uma necessidade de organização e de orientação. Ao mesmo tempo em que nomeia tudo que o cerca – as coisas, as pessoas, os animais e o espaço físico em que vive – o ser humano expressa sua própria essência espiritual.

Nesse contexto cabe situar a toponímia também como uma fonte de informação léxica direta porque os topônimos, como signos da língua são

testemunhas de mudanças linguísticas operadas em determinado sistema linguístico. Ou seja, os estudos toponímicos se apóiam, basicamente, na análise dessas formas léxicas, para identificar os processos linguísticos envolvidos na formação dos topônimos e fornecer uma descrição dos elementos constituintes das estruturas toponímicas.

Ou ainda, a pesquisa toponímica contribui como uma fonte de dados históricos para estudos topográficos de uma região, além de ampliar os conhecimentos culturais e linguísticos, porque descreve a extensão geográfica e os recursos naturais de uma área; resgata informações acerca de aspectos históricos, sociais e etnolinguísticos de um povo.

Ullmann (1987, p.161)⁶³, por exemplo, destaca que o estudo dos nomes próprios ou Onomástica pode esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social, e “afirmou-se recentemente como um ramo da linguística quase independente, e tem os seus congressos próprios e revistas especializadas”. O mesmo autor esclarece que “a posse de um nome é, e tem sido desde os tempos imemoriais, privilégio de todo o ser humano” (ULLMANN, 1987, p. 148). Assim, é possível depreender que o estudo dos nomes próprios, ou seja, a *Onomástica* configura-se na atualidade como uma disciplina autônoma dentro da Linguística.

De acordo com Dick (1990b, p.119), o conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do grego *topos*, “lugar” + *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação: *física* (rios, córregos, morros, etc.) e *humana*, *antrópica* ou *cultural* (aldeias, povoados, cidades, etc.). A autora postula ainda que a Toponímia antes de tudo “é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”, constituindo-se como “um fato do sistema das línguas humanas”, que revela valores locais presentes ou pretéritos (DICK, 1990b, p.119).

Já Salazar-Quijada (1985, p.18), pesquisador venezuelano, define a Toponímia como “[...] aquele ramo da Onomástica que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, sócio-econômicos e antropolinguísticos, que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista”

⁶³ Para este trabalho, foi consultada a 5ª edição da obra *Semântica: uma introdução à ciência do Significado*, publicada originalmente em 1964.

⁶⁴ (TN).

Embora a nomeação de lugares seja um ato realizado pelo homem desde tempos remotos, Dick (1990b, p.01) esclarece que o reconhecimento da Toponímia como disciplina autônoma ocorreu apenas no século XIX, por volta de 1878, na França, com os estudos de August Longnon na École Pratique des Hautes-Études e no Collège de France. Postumamente, alguns de seus alunos, baseados no curso por ele ministrado, publicaram, em 1912, *Les Noms de Lieu de la France*.

Os estudos onomásticos na França foram retomados em 1922, com Albert Dauzat, que fundou a *Revue des Études de Toponymie* e publicou *Les Noms de Lieux* (1926), além de organizar, em 1938, o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia*, do qual participaram representantes de vinte e um países (DICK, 1990b, p.01).

As pesquisas de Dauzat impulsionaram os estudos toponímicos, concebendo a Toponímia como uma disciplina organizada que, primeiramente, investiga a origem e o significado dos nomes e, posteriormente, considera o método das áreas ou dialetológico⁶⁵ com duas grandes coordenadas: o tempo e o espaço.

Dauzat destacou também a dificuldade normalmente enfrentada pelo pesquisador na área da toponímia, quanto ao esclarecimento da origem do nome de um lugar. Assim, para o autor,

a classificação dos nomes de lugares é bastante delicada. Se há séries que a lógica comodamente agrupa, passa-se constantemente, como nos nomes de pessoas, de uma série à outra ou curso de evolução da língua. Uma cidade pode ter seu nome originado de um rio ou vice-versa, um território de uma cidade, um vilarejo de um aspecto do terreno, um terreno como uma localidade de um acidente geográfico. As fronteiras são muito mais indeterminadas que na Antroponímia: é impossível, por exemplo, obter uma delimitação entre os nomes do terreno e os acidentes geográficos, que estão sempre amalgamados⁶⁶ (DAUZAT, 1947, p.09) (TN).

⁶⁴ “[...] aquella rama de la Onomástica que se ocupa del estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antroponímicos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.18).

⁶⁵ O “método das áreas” utilizado por Dauzat (1947) propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão. Dauzat determinou áreas com várias camadas de nomes, de várias épocas diferentes, ou seja, nomes pré-célticos, gauleses, romanos, francos, próprios dessa época que vão se sobrepondo uns aos outros, podendo superar pelo uso os antecedentes, até a sua natural extinção, ou mesmo coexistir em outros pontos do território.

⁶⁶ “La classification des noms de lieux est assez délicate. S’il existe des séries que la logique group aisément, on passe constamment, comme pour les noms de personnes, d’une série à l’autre ou

Dauzat resgatou na França as camadas dialetológicas superpostas, resultantes de mudanças de grupos invasores, isto é, mudava-se o nome ou pelo menos parte dele. A par da superposição, não podemos deixar de pontuar dois outros aspectos pontuados por Dauzat. O primeiro diz respeito ao fato de o dominador, muitas vezes, pensar que a designação autóctone já constituía um nome, quando na verdade se tratava apenas do termo ou elemento genérico, ou o próprio acidente físico em si. A esse respeito, Dauzat (*apud* DICK, 1990b, p.65) registra, na França,

o fato de que os cursos d'água, ao longo dos tempos, não traziam nomes característicos, sendo simplesmente definidos como "l'eau", "le ruisseau", "la rivière", tendência que ainda hoje é encontrada em cursos d'água pouco importantes, aos quais, segundo ele, os geógrafos denominam artificialmente.

O segundo ponto ressaltado pelo linguista francês é o fato de os povos em geral denominarem seus cursos d'água apenas pelo referente. Nesse sentido, Dauzat (1947, p.100-101; 196-199) relaciona uma série de nomes pré-latinos referentes à água, situados em território francês, que mostram a quantidade de povos que por ali passaram: *dubro-dubra* (gaulês, "água"); *renos/rinos* (gaulês, "cursos d'água"); *vara* (Ítalo-celta, "água"); *onno/onna* (gaulês, "curso d'água", "fonte"); *nantos* (gaulês, "torrente"); *dor/dur* (celta, "curso d'água") e *ar-* (Ítalo-céltica, "água corrente"), entre outros. Esses são exemplos de *arquétipos toponímicos* (os nomes - em qualquer língua, sempre designam o próprio acidente). Essa confusão geradora da superposição fica evidente no Brasil quando, ao desconhecer o significado de *paraná* na língua indígena, o colonizador chamou de Paraná o rio do sul do País, sem perceber que *paraná* era o próprio curso d'água para o índio - *pará* e *y*.

Dauzat (1947, p.19-20) destaca ainda que "os elementos da designação podem ser emprestados quer à geografia (particularidades topográficas) quer ao homem"⁶⁷(TN). O autor esclarece também que a classificação das designações inatas dos nomes de lugares pode ser estabelecida a partir de dois

cours de l'évolution du langage. Une ville peut tirer son nom d'une rivière ou vice versa, un territoire d'une ville, un village d'un terroir, un terroir comme une localité d'un accident de terrain. Les frontières sont souvent plus indécises qu'en anthroponymie: il est impossible, par exemple, de trouver une délimitation entre les noms de terroir et ceux des accidents de terrain, qui sont toujours amalgamés" (DAUZAT, 1947, p. 09).

⁶⁷ "[...] les éléments de la désignation peuvent être empruntés soit à la géographie (particularités topographiques) soit à l'homme [...]" (DAUZAT, 1947, p.19-20).

pontos de vista: i.) a *formação externa* que abrange nomeações espontâneas (obra inconsciente da coletividade) ou sistemáticas (resultado de atos refletidos de uma autoridade, do fundador de uma cidade) e, ii.) os *sentidos intrínsecos* (sintetiza designações cujos elementos são emprestados ou da geografia, ou da reverência a homens ilustres (fundadores, proprietários), ou de diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica) (DAUZAT, 1947, p.19-20).

Muito embora seja consenso entre pesquisadores da toponímia a importância da obra de Dauzat, Levy Cardoso (1961, p.309) pondera que, em sua opinião, o primeiro trabalho sobre toponímia na França, digno de ser apontado é o *Étude sur la signification des noms de lieu em France*, publicado em 1864, por Houzé. Aponta ainda entre os precursores dos estudos toponímicos Quicherat, com sua obra *De la formation française des anciens noms de lieu*, publicado em 1867, em Paris.

Outro estudioso da toponímia francesa, é Charles Rostaing (1969)⁶⁸, que atribuiu à toponímia a função de “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também estudar suas transformações”. Esse mesmo autor esclarece que “o primeiro trabalho do toponimista é o de investigar as formas antigas da palavra que será estudada”⁶⁹ (ROSTAING, 1969, p. 5; 10) (TN).

Na Europa, se destaca também o “trabalho pioneiro do filólogo José Leite de Vasconcellos, em Portugal, com sua obra clássica *Opúsculos* (vol. III): *Onomatologia* (1931)”, um significativo estudo sobre a onomástica portuguesa, com ênfase na antroponímia e toponímia locais (ISQUERDO, 1996, p.82). Foi Leite de Vasconcellos quem, pela primeira vez, em 1887, empregou o termo “Antroponímia” (*Revista Lusitana*, I, 45), para designar o “estudo dos nomes individuais, com o dos sobrenomes e apelidos” (VASCONCELLOS, 1931, p. 03).

Em sua pesquisa sobre os conjuntos onomásticos individuais, o filólogo português buscou precisar cada uma das características constatadas. Desse modo, por *sobrenome*, entende “um patronímico, nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao *nome próprio*”; por *alcunha*, “um epíteto, bom ou mau, que outros aplicam a um indivíduo, em virtude de qualidades físicas e morais que reconhecem nele, ou de certas particularidades de sua vida”; por *apelido*,

⁶⁸ A 1ª ed. foi publicada em 1945. Nesse trabalho utilizamos a 7. ed. de 1969.

⁶⁹ “[...] de rechercher la signification et l’origine des noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations.” [...] le premier travail du toponymiste est-il de rechercher les formes anciennes du mot qu’il étudie” (ROSTAING, 1969, p. 5;10).

“uma denominação de família, transmitida ordinariamente de geração em geração”. Para o autor, a denominação individual poderia vir também explicitada por uma “qualificação geográfica, tomada da naturalidade ou da residência do indivíduo”, fato registrado em documentos medievais dos mais antigos, como ocorre com o antropônimo que menciona: “Daniel de Osseda” (VASCONCELLOS, 1931, p.03 - 05).

Vasconcellos propôs três categorias temáticas para a toponímia portuguesa:

Nomes de lugar, classificados por língua, pelo mapeamento da procedência linguística dos nomes (nomes pré-romanos, romanos, arábicos, de procedência vária e portugueses propriamente ditos); *Modos de formação toponímica* ou a *Gramática toponímica*, pela análise da estrutura *morfossintática* dos designativos (por exemplo: fonética sintática em *Suatorre = So a torre*); *Categorias de nomes, segundo as causas que lhes deram origem*, pela classificação dos nomes a partir dos motivos que levam à sua formação. A saber: nomes provenientes da hidrografia; construções hidráulicas; da agricultura; da meteorologia; da caça; dos caminhos; de campos; da natureza do solo; da configuração do terreno; de rochas; da fauna; da flora; de construções civis e religiosas; da história; da indústria; de instituições sociais; do lume; da milícia; de *nomes próprios* de pessoas e alcunhas; de povoações ou arredores; da religião e congêneres; de cemitérios (VASCONCELLOS, 1931, p.139 -151).

Já nos Estados Unidos, segundo Dick (1990b, p. 02), há a atuação de estudiosos e órgãos especializados, para o estudo dos *nomes próprios* como a revista *Names*, publicação da *American Name Society* (fundada em 1951 em Detroit), que teve como importante colaborador George Stewart, estudioso reconhecido pela publicação *A classification of place - names* (1954). No Canadá, tem-se o Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Laval, Québec.

A contribuição de George Stewart (*apud* DICK, 1990b, p.25) foi muito significativa para a teorização das *taxes toponímicas*. Na verdade, Stewart apresenta “os mecanismos pelos quais os lugares são nomeados, apontando, deles, nove categorias discriminativas”: 1 – *descriptive names*; 2 – *possessive names*; 3 – *incident names*; 4 – *commemorative names*; 5 – *euphemistic names*; 6 – *manufactured names*; 7 – *shift names*; 8 – *folk names* e 9 – *mistake names*.

Isquierdo (1996, p.114) pontifica que, nesse trabalho, Stewart “discute mecanismos utilizados no processo de nomeação de lugares e destaca a

diferença entre motivo e mecanismo na ação de se atribuir um nome”. Stewart (*apud* ISQUERDO, 1996, p.114) sublinha que “toda a nomeação de lugar decorre de um motivo básico, isto é, o desejo de identificar um lugar e, portanto, distingui-lo dos outros. Para tanto, o nomeador faz uso de um dos vários mecanismos diferentes, por exemplo, a descrição”.

Ainda tratando da questão metodológica, a literatura sobre o assunto registra a contribuição do antropólogo venezuelano Adolfo Salazar-Quijada que, na sua Tese de Doutorado *La Toponímia en Venezuela* (1985), também propõe um modelo taxionômico, contemplando cinco aspectos no âmbito do estudo dos topônimos: 1. *Elementos* (simples e composto); 2. *Extensão* (microtopônimos, mesotopônimos e macrotopônimos); 3. *Localização* (terrestres e extraterrestres); 4. *Aplicação* (actinônimos, astinônimos, corônimos, insunônimos, hidrônimos, odônimos, orônimos, espeleônimos e selenônimos); 5. *Motivos* (fisiotopônimos, zootopônimos, fitotopônimos, mineratopônimos, epotopônimos, hagiopônimos, somatopônimos, animotopônimos, cognomotopônimos, pragmatopônimos e topotopônimos).

O pesquisador venezuelano relaciona ainda a importância da toponímia na aplicação teórica e prática a partir de segmentos da atividade humana: a.) importância cartográfica; b.) importância jurídica; c.) importância geográfica; d.) importância histórica; e.) importância folclórica; f.) importância político-administrativa; g.) importância linguística; h.) importância patrimonial; i.) importância viária; j.) importância social (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.29-50).

A preocupação maior de Salazar-Quijada apresentada em sua definição é com os aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que podem interferir na origem e na manutenção dos nomes de lugares. Frente ao exposto, compartilhamos do pensamento de Dick ao enfatizar que, no estudo da toponímia, o primeiro aspecto a ser considerado é o conteúdo semântico perceptível no topônimo e que, nessa perspectiva, a investigação do nome geográfico tem como ponto de partida o próprio nome que, segundo ela, pode ser motivado, ou seja, no ato da denominação, o nome pode ter sofrido influência de aspectos extralinguísticos de ordem física ou de natureza antropocultural.

No Brasil, os estudos de toponímia foram iniciados com a obra de

Theodoro Sampaio, *O Tupi na geographia nacional* (1914)⁷⁰, em que o autor analisa criteriosamente os vocábulos tupi, relacionando-os com relatos de viajantes para determinar historicamente sua metodologia. Essa obra contém quatro capítulos teóricos. No primeiro, o autor trata da expansão da língua tupi e do seu predomínio na geografia nacional; no segundo, apresenta breves apontamentos sobre a língua tupi e um resumo da gramática tupi; no terceiro, discute as alterações fônicas no tupi sob a influência da língua portuguesa e, no quarto, apresenta a interpretação dos nomes tupis com o emprego na geografia e na história nacional e finaliza com um vocabulário geográfico brasileiro, que ainda se constitui como fonte de pesquisa aos que se interessam pelos estudos toponímicos brasileiros.

Nessa obra Sampaio (1928,p.XXXVII) destaca o “*Diário da viagem de Vila Bela Capital da Capitania de Mato Grosso até Vila e Praça de Santos na Capitania de São Paulo*”, de 13 de setembro de 1788 a 13 de maio de 1790, escrito por Francisco José de Lacerda e Almeida, “um viajante, que com mais interesse tratou das etimologias brasileiras, que bem pode ser considerado um precursor nestes estudos”.

Alguns excertos da obra de Almeida (2004) justificam a afirmação de Sampaio, no que concerne à etimologia de alguns nomes de lugares:

i.) Fui pernoitar húa legoa acima de hum lugar chamado Pouzo alegre, tendo deixado na margem septentrional húa legoa e quarto abaixo delle [...] Dão a este lugar o referido nome pelo contentam.to e alegria, q.' havia no encontro das canoas de comercio, q.' vinhão de S. Paulo, com húa, ou mais canoas só armadas em guerra, q.' vindas do Cuyabá [...]; ii.) Passei por hum lugar, q.' chamão Cocaes pelos m.tos cocos, q.' tem; iii.) [...] segue-se a denominada Quebra proa, q.' sendo de facil passagem, tem por vezes dezempenhado o nome; iv.) [...] deste Rio chamada do Mangabal, porq.' nos campestres circumvezinhos há m.tas arvores, q.' dão esta fruta Mangaba; v.) As agoas do Rio Vermelho, asssim chamado porq.' as suas cabesseiras estão em hum monte de Ocra vermelha [...]; vi.) [...] hum Ribeirão chamado Sucuryû, por cauza de húa cobra deste nome de extraordinr.a grandeza, q.' nelle foi achada (ALMEIDA, [s.n.], 2004).

Nos topônimos apresentados, o signo linguístico em função toponímica representa a projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica do seu significado. Percebe-se nesses casos nitidamente o duplo aspecto da motivação toponímica nos dois momentos do processo de geração do nome: a

⁷⁰ A 1ª ed. foi publicada em 1914. Para este trabalho foi utilizada a edição publicada em 1928.

intenção que animou o denominador, acionada por circunstâncias de ordem subjetiva ou objetiva que o levou a escolher determinado nome para aqueles acidentes; e a própria origem semântica da denominação que no significado revela, de modo transparente ou opaco o envolvimento de procedências as mais diversas.

Nos exemplos citados, os topônimos se aproximam do conceito de ícone ou de símbolo, sugeridos pela própria natureza dos acidentes nomeados, pondo em relevo outra das características do topônimo: a indicação precisa dos aspectos físicos contidos na denominação (DICK, 1990b, p.18-19).

Outra significativa contribuição aos estudos toponímicos brasileiros foi fornecida pelo geólogo Everardo Backheuser por meio da obra *Toponímia (suas regras - sua evolução)*, publicada em 1950. O autor destacou nas formações toponomásticas brasileiras duas categorias gramaticais – o substantivo (distingue comuns e próprios) e o adjetivo. No âmbito do uso dos substantivos comuns distingue três fontes de procedência:

topônimos oriundos de acidentes físicos: a) de índole geológica ou mineralógica; b) de índole botânica; c) de índole zoológica; d) de índole orográfica; e) de índole hidrográfica e f) de índole litorânea ou costeira; *topônimos oriundos de ocorrências da geografia humana*: a) os caminhos (ponte, vaus, passagens, porteiras, encruzilhadas, entroncamentos e chaves, postos de fiscalização, caminho em si, etc.); b) os empreendimentos sedentários (militares, religiosos, residenciais, industriais, comerciais, castelos, burgo, cidades, na forma grega – polis, fortalezas); *substantivos abstratos* – nomes geográficos para acidentes físicos e aglomerados humanos como: Mansidão, Patrimônio, Progresso, Promissão, Saudade, Liberdade, etc. Também se enquadraram nessa categoria, os topônimos que caracterizam profissões como Granjeiro, Ferreiro, Cabreiro, Caçador, etc. (BACKHEUSER, 1950, p.174-180).

Os substantivos próprios, segundo o autor, surgem em duas situações:

1.) *topônimos oriundos de nomes de pessoas*: a) populações de pequeno horizonte geográfico que tem o costume de nomear acidentes e lugares com nomes de um morador ou por sua profissão; 2.) *pela autolatria ou oportunismo*, na ocasiões em que o povo atravessa período de decadência e descrença; em épocas de fervorosa espiritualidade (com nomes de santos e efeméride religiosa); pelas homenagens cívicas ou intelectuais a sábio, guerreiros, poetas, grandes figuras da pátria ou da humanidade, etc.; e os topônimos derivados de povos que habitaram certas regiões: Aimorés, Pato, Maués, Manaus, Xavantes e outros. Os substantivos próprios podem ainda, segundo o autor, aparecer também como nomes alienígenas, ou seja, topônimos que se deslocam

,acompanhando as migrações ou o prestígio do nome originário (BACKHEUSER, 1950, p.180-187).

Em se tratando dos adjetivos (descritivos, metafóricos e eruditos), Beckhauser (1950, p.169-170; 189) informa que

são os mais abundantes nos acidentes físicos, para designar tamanho, forma e cor. Ele ainda destaca a presença de três figuras de retórica presente nos designativos toponomásticos: a) a *antonomásia* – nome comum tomado por nome próprio e vice-versa, ou seja, quando o vocábulo ganha foros geográfico: Nilo (vale), Bahia (baía); b) *pleonasm*o – presença de um nome como designativo, normalmente em outra língua com a mesma significação do acidente nomeado: rio Don ou rio Paraná é dizer “*rio rio*” porque *Don* e *Paraná* já significam rio; e a *metáfora* – traduzem descrições simbólicas, mas que, também traduzem com regular fidelidade o que se deseja assinalar: morro do Frade (semelhante a capuz das vestes monásticas).

Outro trabalho significativo no âmbito dos estudos toponímicos no Brasil é a obra *Toponímia Brasileira* (1961), de Armando Levy Cardoso, um especialista na toponímia da Amazônia, notadamente os de origem caribe e aruaque.

No Brasil, a disciplina Toponímia está solidificada na Universidade de São Paulo em cursos de graduação e de pós-graduação. Segundo Dick (1990b, p. II), a Toponímia não representa um “mero diletantismo”, sem vinculação com outras ciências do conhecimento humano das quais recebe, “ao mesmo tempo em que lhes fornece subsídios preciosos para suas configurações teóricas”. Inclusive segundo a autora, não se considera mais a Toponímia como disciplina completa e acabada, pois hoje está caracterizada como uma disciplina aberta e de caráter dinâmico que vai sendo ampliada ao mesmo tempo em que se nomeiam novos espaços.

Nesse sentido, os estudos toponímicos podem contemplar a interface entre a Toponímia e as diferentes ciências humanas e sociais. Igualmente, outras ciências como a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Filosofia, a Cartografia, a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia e até mesmo a Psicologia Social podem fornecer seus princípios teórico-metodológicos aos estudos toponímicos, cabendo ao pesquisador a responsabilidade de intermediar os conhecimentos. Todavia, isso não desconfigura a Toponímia como ciência com objeto próprio - o *topônimo*.

De certa forma, foi Drumond quem impulsionou os estudos toponímicos no Brasil com a sua obra *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*, publicado em 1965, que inventaria a contribuição dos bororos do Mato Grosso à toponímia brasileira. Esse autor, à época, considerava que os nomes de lugares eram um dos mais negligenciados nos estudos brasileiro e que os poucos trabalhos existentes não se pautavam em métodos apropriados para a descrição dos topônimos, limitando-se a listagens de nomes indígenas, acompanhadas ou não de um significado (DRUMOND, 1965, p.13).

Como catedrático da Universidade de São Paulo – USP orientou e motivou a Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick a descrever a toponímia do Brasil, na sua tese de Doutorado – *A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos*, defendida em 1980 na Universidade de São Paulo – USP⁷¹.

Outra obra contemporânea sobre a área de pesquisa é a *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos* (DICK, 1990), que reúne importantes artigos sobre as disciplinas onomásticas, Toponímia e Antroponímia. A pesquisadora tem, nas três últimas décadas, se dedicado à construção de uma teoria sobre Toponímia e à elaboração do Atlas Toponímico do Brasil – ATB e suas variantes, no caso, o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – Projeto ATESP.

A pesquisa de Dick enriquece, sobremaneira, os estudos toponímicos e pode ser considerada a de maior importância sobre o assunto no Brasil, por mostrar uma abordagem teórica profunda, subsidiada por vasto conhecimento de obras relativas à área toponímica. Os trabalhos dessa pesquisadora são fundamentais para quem deseja especializar-se nesse campo de estudo, por revestir-se de qualidades estruturais e científicas inovadoras.

Em sua Tese de Doutorado, Dick propôs uma nova maneira de analisar a toponímia, até então limitada à reconstituição de etimologias ou a serviço do mapeamento de terras. A toponímia, em particular, é considerada por ela como “crônica de um povo”, “reminiscências de um passado talvez esquecido” e sua presença dinamizada. Os topônimos são concebidos por essa toponimista como “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, e encerram em si um valor que

⁷¹ Essa tese foi publicada em 1990 com o título *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (Arquivo do Estado de São Paulo), e é a versão consultada para esta pesquisa.

transcende ao próprio ato de nomeação” (DICK, 1990a, p.22).

Segundo Isquierdo (1996, p.115), a classificação elaborada por Dick é “voltada para a realidade da toponímia brasileira”, por isso o mais adequado para os estudos toponímicos no Brasil, incluindo esta pesquisa. O modelo taxionômico proposto por essa pesquisadora permite que se descubra, no nível sincrônico, a motivação que orientou o denominador ao nomear um lugar, a partir da natureza do item lexical que deu origem ao nome.

Dick (1990) parte do conteúdo semântico do topônimo para depois investigar a intencionalidade do denominador no ato do batismo de um acidente qualquer. Para a pesquisadora, o topônimo é um signo linguístico motivado que pode ter sido influenciado por aspectos extralinguísticos de ordem física ou de natureza antropocultural no ato da nomeação do acidente.

Diferentemente de Dauzat (1947) e de Leite de Vasconcellos (1931), que direcionam suas pesquisas para o nível diacrônico, uma vez que buscavam na etimologia e no recuo ao passado histórico do topônimo a sua motivação, Dick (1990) tenta elucidar as causas impulsionadoras em um nível sincrônico dos fatos.

Outro aspecto que torna o modelo de Dick um expoente na área é a maneira como as taxionomias foram organizadas. Divididas em dois grandes grupos, os de natureza física e os de natureza antropocultural, elas são viáveis em contextos diversificados, o que não acontecera com a classificação apresentada por Stewart (1954), por exemplo.

Apesar de o próprio Stewart considerar a sua classificação como prática e abrangente, Dick (1990b, p. 25) destaca que a sua aplicabilidade, composta principalmente por termos abrangentes, “pode não satisfazer a todos, desde que alguns dos *topos* tidos como genéricos (“folk etymologies”, “manufactured names”) podem não ocorrer em todos os sistemas onomásticos conhecidos, restringindo, assim, o emprego das *taxes*”.

Para Dick (1990b, p.10), a estrutura do topônimo pode ser discutida sob alguns aspectos intra e extralinguísticos. Da relação do topônimo com o acidente geográfico, se estabelece uma interação íntima que compreende dois elementos básicos: elemento (termo) genérico e elemento (termo) específico. O primeiro é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o segundo, o topônimo propriamente dito, que particulariza a noção espacial, identificando-o e singularizando-o dentre outras semelhantes. Forma-se, então, um

sintagma nominal justaposto ou aglutinado, conforme a natureza da língua em questão.

De acordo com a discussão teórico-metodológica apresentada pela autora, a formação dos topônimos ocorre de três formas: a) Elemento específico simples – é “aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo, ou adjetivo) como em rio *Pequeno* (Antonina); pode vir acompanhado de sufixações e terminações: -lândia como em *Triolândia* (distrito – Ribeirão do Pinhal), -pólis como em *Adrianópolis* (município) e -burgo; b) Topônimo composto ou elemento específico composto – “aquele que se apresenta com mais de um elemento formador de origem diversa entre si”, como em rio *Barra Mansa* (Arapoti) e, c) Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido – “designativo que recebe em sua configuração elementos linguísticos de diferentes procedências” como em água *Barrinha do Cateto* (língua portuguesa + língua tupi) (DICK, 1990b, p. 13-15).

É importante lembrar que, na constituição do sintagma toponímico, o elemento pode ocorrer de forma justaposta (córrego das Antas) ou aglutinada (Paraúna, “rio negro”), conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve (DICK, 1990b, p. 10).

Ao abordar a questão da estruturação dos topônimos, Dick (1999, p.137) assinala modelos que se tornam mais visíveis que outros, ocupando um lugar de destaque na nomenclatura da toponímia brasileira:

Etp: el.ddo + el.dte = sb + adj: o que significa que a estrutura toponímica (ETp) é constituída de um elemento determinado (el.ddo. ou termo genérico) seguido de um elemento determinante (el.dte) (ou termo específico, propriamente dito): ou de um substantivo (rio) + adjetivo (grande) = Rio Grande ou de um substantivo (rio) + um substantivo (cachoeira) = Rio Cachoeira.

A pesquisadora apresenta ainda outras variações que a estrutura toponímica comporta, conforme o “termo seja simples, composto ou híbrido, e derivações: sb (substantivo) + sf.dim (sufixo de grau diminutivo); sb + mf.pl (morfema de plural); sb + conec. (conectivo) + adj (adjetivo); sb + sf.dim + mf.pl; sb + sf.aum. (sufixo de grau aumentativo), na seguinte resolução exemplificativa: lagoa / lagoa branca / lagoinha / lagoas / lagoinhas / lagoão / lagoa da saudade (DICK, 1999, p. 137). No nosso *corpus*, ilustram o exposto os topônimos água da *Lagoa* (Ibaiti), água da *Lagoinha* (São Jerônimo da Serra), córrego *Lagoão* (Tibagi), rio *Lagoa da Onça* (Castro).

Segundo Dick (1999, p. 138), o termo *lagoa*, na realidade brasileira, constitui-se em uma das formações hidrotoponímicas mais produtivas na nomenclatura, seja em sintagma simples (Lagoa) ou adjetival (sintagma composto) (Lagoa Azul), com conectivo (Lagoa da Prata), em derivados (Lagoão, Laguna, Lagoinha) ou em uso plural (Lagoas). A diversidade da paisagem física do território, segundo ela, é, na prática, a responsável por esse processo seletivo de ocorrências variadas que, nem sempre, marcam áreas ou concentrações num só ponto, apesar do uso preferencial.

Ressalta, ainda, que nas línguas justaposta, como o português, os termos genéricos da nomenclatura geográfica permanecem por mais tempo no vocabulário ativo dos usuários. As dificuldades de segmentação entre eles e os termos específicos ocorrem mais nas línguas aglutinadas, como as línguas indígenas, pelo amálgama existente nos elementos formadores, o que pode acarretar alterações na estrutura vocabular. Nesses casos, as perdas ou acréscimos indevidos de componentes silábicos serão responsáveis por erros de interpretação, que acabam gerando uma cadeia defeituosa pela repetição da forma, como por exemplo, em Itaquaquetuba/ Taquaquetuba (DICK, 1999, p.139).

Por fim, é preciso levar em conta que a análise do signo toponímico deve considerar sempre os dois pontos de vista básicos: o aspecto *linguístico* (que absorve o campo *etnodialetológico* – influência dos estratos da linguagem falada e o *histórico-cultural*) e o aspecto *taxionômico* (no caso, o modelo que contém 27 taxes).

A classificação taxionômica de Dick (1990b, p. 31-34) está dividida em 11 taxes de natureza física (caracterizam o ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos dimensões formações topográficas, árvores, animais, etc) e 16 taxes de natureza antropocultural (caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos), conforme detalhamento na sequência.

a) Taxionomia de natureza física (DICK, 1990b, p.31-34):

1. Astrotopônimos: topônimos que se referem aos corpos celestes;
2. Cardinotopônimos: topônimos referentes às posições geográficas;
3. Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática;
4. Dimensiotopônimos: topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura,

espessura, altura, profundidade;

5. Fitotopônimos: São os topônimos originados do nome de um

vegetal;

6. Geomorfotopônimos: topônimos referentes às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno;

7. Hidrotopônimos: topônimos originados de acidentes geográficos em geral - elemento água;

8. Litotopônimos: São os topônimos originados de minerais e os relativos à constituição do solo;

9. Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos;

10. Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido da forma geométrica;

11. Zootopônimos: topônimos de índole animal.

b) Taxionomia de natureza antropocultural (DICK, 1990b, p.31-34):

1. Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual;

2. Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais;

3. Axiotopônimos: topônimos que se referem aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios;

4. Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes;

5. Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos como novo/nova, velho/velha;

6. Ecotopônimos: topônimos referentes às habitações de um modo geral;

7. Ergotopônimos: topônimos referentes aos elementos da cultura material;

8. Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos;

9. Dirrematotopônimos: topônimos construídos por meio de frases;

10. Hierotopônimos: topônimos referentes aos nomes sagrados, às

efemeridades religiosas, aos locais de culto. Apresenta duas subdivisões:

a) Hagiotopônimos: topônimos que se referem aos santos e santas do hagiológico romano;

b) Mitotopônimos: topônimos referentes às entidades mitológicas;

11. Mistriotopônimos: topônimos que se referem aos movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou ainda às datas correspondentes;

12. Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação;

13. Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais;

14. Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos *vila, aldeia, cidade, povoação, arraial*;

15. Sociotopônimos: topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade;

16. Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.

Segundo Dick (2006, p.100 -101), o modelo construído para a investigação toponímica envolve sistematicamente alguns princípios: a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida seja verificar as possibilidades de realização do tema escolhido; b) delimitação da área básica de estudos (nível da toponímia) ou objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade de pesquisador, finalidade de demanda, vinculação a um projeto de pesquisa; c) tratamento dos dados ou do *corpus*; d) conclusão e bibliografia utilizada e de suporte.

Entretanto, a interpretação dos motivos do nome só ocorre depois da identificação do topônimo, ou seja, da origem linguística do designativo, se indígena ou africana, pela própria constituição do português do Brasil e da inclusão do nome na família ou tronco linguístico correspondente e da segmentação dos elementos gramaticais fornecedores, principalmente em se tratando de línguas incorporantes e, conseqüentemente, da apreensão do significado do termo base do topônimo na língua comum.

Outro aspecto a ser considerado é que, embora na língua o signo participe de uma natureza convencional, o mesmo não deve ser aplicado à

toponímia: ela é norteadada pela função onomástica ou identificadora de lugares e tem caráter motivacional: a) intencionalidade que anima o denominador; e, b) origem semântica da denominação. É preciso aqui explicitar esse duplo aspecto da motivação toponímica que transparece em dois momentos distintos:

Na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu modo de agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico. Em segundo lugar, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990a, p. 39).

Ao modelo taxionômico de Dick, Isquierdo (1996, p.118) acrescentou, aos *animotopônimos*, as subclassificações *eufóricos* e *disfóricos*. A autora considera o termo animotopônimos “como uma expressão neutra” e reserva, aos determinantes *eufórico* e *disfórico*, a “função de especificar a natureza do estado anímico”. Assim, *eufórico* refere-se a impressões agradáveis e otimistas (Primavera, Esperança, Redenção), enquanto *disfórico* diz respeito a impressões desagradáveis e pessimistas (Apertado, Encrenca. Semitumba). A autora justifica que recorreu a essa subclassificação porque, no *corpus* analisado por ela (topônimos dos seringais e colocações do Estado do Acre), há uma grande quantidade de topônimos da classe dos animotopônimos e a “presença de determinados traços que permitem um novo reagrupamento” (ISQUERDO, 1996, p. 118).

Há que se assinalar ainda que outros pesquisadores brasileiros, ao aplicarem o modelo de Dick, também propuseram subdivisões para as categorias já existentes ou novas taxes na tentativa de adequar o modelo aos dados em análise. Tendo em vista as dificuldades encontradas para a classificação de topônimos formados, dentre outros casos, por siglas, como Cianorte (Companhia de Terras Norte do Paraná), os pesquisadores do Projeto ATEPAR, propuseram recorrendo também a raízes gregas, a exemplo de outros modelos, 05 novas taxionomias:

- 1 – Acronimotopônimos – relativos às siglas: Cianorte (PR).
- 2 – Estematotopônimos – os percebidos pelos sentidos: ribeirão Doce (PR).
- 3 – Grafematopônimos – os que apresentam entre os elementos distintivos letras do alfabeto; Seção C (PR).
- 4 – Higietopônimos – relativos à saúde, à higiene, ao estado de

bem-estar físico: água Limpa (PR).

5 – Necrotopônimos – os que se referem ao que são ou que está morto, a restos mortais: córrego Caveira (PR).

As duas primeiras taxionomias foram criadas por sugestão da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera e por Ignez de Abreu Francisquini em sua Monografia de Especialização; as demais foram criadas com a ajuda do professor de Latim e Literatura Latina do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, professor Aluysio Fávero.

Em síntese, para a Toponímia interessa, sobretudo, a análise e a compreensão dos elementos que influenciam a condução humana na nomeação dos lugares, ou seja, o desejo do denominador, fato que nos permite fazer um paralelo com o ato de vontade destacado por Wittgenstein (*apud* MARCONDES, 2000, p.59-60) que constitui essencialmente de dois elementos: a) a decisão consciente do indivíduo (subjativa) e b) sua expressão identificável por outrem (intersubjetiva). A expressão de um ato de vontade não é distinta da efetuação desse ato, ou seja, o processo de formação da vontade não pode ser distinguido do processo de sua expressão. Poder tomar decisões é também um ato linguístico e como tal um comportamento social adquirido, uma vez que o conceito de “decisão” só tem sentido em determinado quadro cultural, institucional, uma “forma de vida”.

Assim, o falante/denominador, no momento da seleção de uma palavra como denominar uma realidade, está perfeitamente consciente dos traços semânticos que a compõem. E mais, se escolhe uma palavra e não outra é porque lhe parece que é ela a que melhor transmite os traços semânticos que, segundo sua percepção do mundo, define de forma mais acertada a realidade que quer denominar. Logo, por trás de toda denominação há uma motivação determinada.

1.4 O SIGNO TOPONÍMICO – O TOPÔNIMO

Desde a Antiguidade, nas mais diferentes culturas, estudiosos da Filosofia, da Lógica e da Linguística buscam a melhor definição e caracterização do signo linguístico (ou a natureza da palavra). Entretanto, o problema continua instigador, gerando discussão, tanto no que diz respeito à sua definição, quanto às

classificações propostas e à denominação utilizada. É sabido que a noção de signo é muito ampla e discutível. Neste trabalho limitamo-nos à análise de algumas concepções de signo linguístico, apresentadas na sequência.

No *Curso de Linguística Geral*, o signo linguístico é concebido não como a associação ou união entre uma coisa e seu nome, mas sim entre um conceito e uma imagem acústica:

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas. [...] Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas preexistentes às palavras; ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica, porque arbor pode ser considerada sob um ou outro aspecto, por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade. [...] esta visão simplista pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída de dois termos (SAUSSURE, 1969, p.79).

À imagem acústica, que é a representação psíquica de um som, Saussure denominou significante e ao conceito, que é mais abstrato, significado. Para designar a totalidade utilizou o termo signo. Assim definido, o signo linguístico saussuriano tem dois princípios fundamentais: o caráter arbitrário e o caráter linear.

Saussure (1969, p.83) esclarece que a palavra arbitrário não “deve dar ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico)”. Nesse sentido, o significante é visto como imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum vínculo natural com a realidade. Nesse quesito da arbitrariedade do signo concordamos com a posição de Biderman (1998a, p.109), para quem

o que está implícito no texto de Saussure é que a nomeação de um referente com este ou aquele nome é que é arbitrária. Isto é, no ato de nomeação, o nomeador poderia atribuir qualquer nome (significante) a qualquer objeto da realidade.

Já ao tratar do significante, Saussure entende que, ainda que pareça evidente, o significante dos signos comuns desenvolve-se e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão e, b) essa extensão é mensurável numa só dimensão, é uma linha (SAUSSURE, 1969, p.84).

Schaff (1968, p.167), por exemplo, ao tratar dessa questão,

argumenta que

o que impressiona é a tremenda ambiguidade do termo signo, tanto na linguagem comum como nas tentativas científicas de conferir precisão aos termos. Outro fator importante é a marcada vagueza e mesmo arbitrariedades das distinções terminológicas entre “signo”, “índice”, “símbolo”, “sinal”, etc.

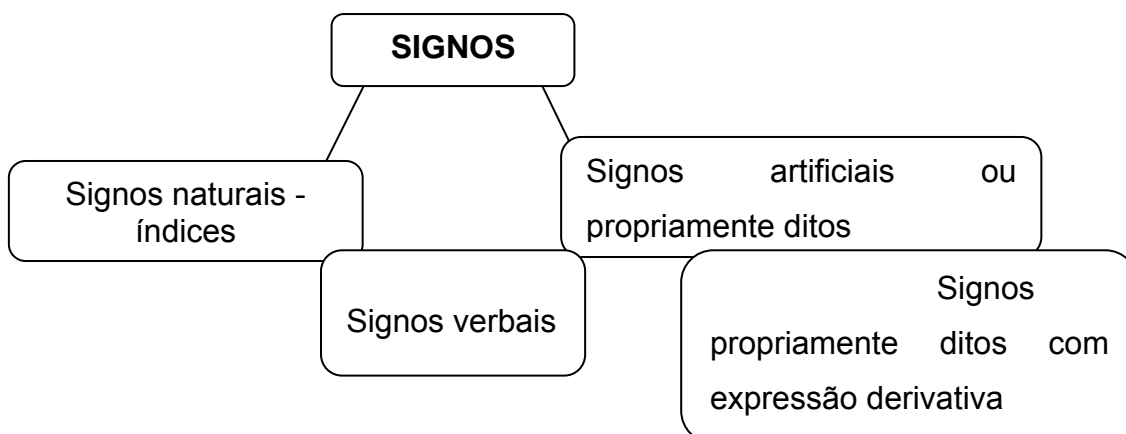
No tocante à natureza específica do signo verbal, o mesmo autor destaca:

ele aparece em duas significações diferentes: i.) signo verbal – significa o som (no sentido de vibração acústica ou imagem fônica) ao qual uma significação definida está ligada de um modo qualquer; ii) signo verbal – é o todo específico composto de som-e-significação, característico de entidades realmente existentes na linguagem fônica (SCHAFF, 1968, p. 198).

O signo funciona explicitamente no contexto do processo de comunicação e para o propósito da comunicação, tanto para informar como para influenciar, de algum modo, o comportamento humano. No signo verbal, a interdependência entre som e significado e a combinação destes baseia-se na associação entre um som e uma significação definidos. Como decorrência, existe uma associação na memória humana entre som e significado, que é de natureza arbitrária. Dosse (1993, p. 70), ao discutir o signo linguístico, destaca que ele:

une não uma coisa a seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete à realidade, ao referente, para o exterior do campo de estudo [...] O signo só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e o significante (imagem acústica), com exclusão do referente.

O fato de vários autores se basearem em fundamentos distintos, ao caracterizar signos, resulta em tipologias baseadas em diversos princípios de divisão. Schaff (1968, p.178-179), por exemplo, destaca duas distinções: i.) os signos dividem-se em naturais (índices, sintomas) e signos propriamente ditos (artificiais); ii.) os signos propriamente ditos dividem-se em signos verbais (e seus substitutos escritos) e todos os outros signos. Essa tipologia é demonstrada por Schaff (1968, p.179) por meio do organograma a seguir:



Guiraud (1986, p. 35)⁷², no entanto, argumenta que o signo é “um estímulo, isto é, uma substância sensível, cuja imagem mental está associada no nosso espírito à de outro estímulo que ele tem por função evocar com vista a uma comunicação”. Portanto, para o semanticista, há um vínculo entre o signo e algo que ele representa, ou seja, a realidade.

É possível dizer que qualquer objeto, som, palavra capaz de representar outra coisa constitui um signo. Para o homem comum, a noção de signo e suas relações não são importantes do ponto de vista teórico, mas ele os entende de maneira prática e precisa. A utilidade do signo vai além do que imaginamos, pois precisamos dele para entender o mundo, a nós mesmos e às pessoas com as quais mantemos relações humanas.

No que tange às características de signo, julga-se indispensável pontuar diferenças entre o signo linguístico e o signo na condição de topônimo. O primeiro foi concebido por Saussure (1916) como uma entidade dotada de significante e de significado. Conforme o estudioso, “o signo linguístico une não uma coisa a um nome, mas um conceito e uma imagem acústica”. Para o linguista genebrino, o significante é imotivado, ou seja, é arbitrário em relação ao significado, com o qual não possui laço natural na realidade (SAUSSURE, 1969, p.80).

Aplicados esses princípios ao signo toponímico, o processo de nomeação é fundamentado pela motivação, refletindo sempre aspectos da realidade daquele que o nomeou: “o topônimo se constitui num tipo particular de signo. Se

⁷² A 1ª edição de *La Sémantique* foi publicada originalmente em 1955. Para este trabalho, foi consultada a 4ª edição da obra publicada em 1986.

analisarmos a natureza dessas unidades do sistema, percebemos que, na sua gênese, elas diferem dos demais signos linguísticos no que tange à motivação” (ISQUERDO, 1996, p.85).

Os topônimos são signos linguísticos peculiares com os quais o homem estabelece sua relação com a natureza. Além disso, são fenômenos históricos, uma vez que o seu conteúdo faz referência a uma realidade sócio-histórica em cujo contexto são nomeados os acidentes geográficos. Portanto, são parte do patrimônio cultural, um testemunho importante e eloquente do passado. Nasceram em determinada época histórica e em determinado estágio de desenvolvimento de uma língua que, por sua vez, ao longo do tempo, sofre alterações na forma e no conteúdo. Muitos topônimos são difundidos na sequência de acontecimentos históricos como as migrações das populações, as guerras de conquista e, também, algum tipo de contato interétnico.

Conforme explica Dick (1990a, p. 34), o signo toponímico caracteriza-se como

o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

A autora pondera ainda que “o que era *arbitrário* em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990a, p. 38). Na sequência, são discutidos os pressupostos teóricos da Toponímia, da Geografia e da Cartografia utilizados para esta pesquisa.

1.5 ABORDAGENS NA PESQUISA TOPONÍMICA

Como já assinalado anteriormente, diferentes perspectivas teóricas têm orientado os estudos toponímicos na Europa, nos Estados Unidos e na América do Sul, particularmente. A respeito disso, Dick (1990b) acrescenta que:

observando os diferentes sistemas culturais em que os topônimos, ou nomes próprios de lugares, se inscrevem como instrumentos hábeis de pesquisa, verifica-se que o sentido desses denominativos

é o ponto de partida para investigações que, se antes se definiam como linguísticas, hoje se inscrevem, também, nos campos da geografia, antropologia, da psicossociologia, enfim, da cultura geral, para, num denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social (DICK, 1990b, p. 06) .

A pesquisa toponímica diferentemente de como era concebida antigamente, na atualidade vai além da investigação etimológica dos designativos atribuídos aos espaços geográficos. Numa perspectiva mais atual, esse ramo de estudos leva em consideração, também, em seu escopo, o contexto (as condições) em que o topônimo foi criado, ou seja, os fatores que motivaram o denominador para a escolha de determinado nome para batizar os acidentes. E é nesse fator que repousa a atualidade e a importância da investigação toponímica entre os meios de reflexão linguística.

O método empregado na Toponímia é o da investigação do pormenor tópico-nominal, que pode ser recolhido no registro de cartas geográficas (base documental) ou como variação, no exame do espaço ou do objeto, pelo próprio pesquisador (trabalho de campo). Assim, a partir do conjunto dos elementos mapeados ou levantados numa pesquisa de campo é que surge o texto onomástico. Segundo Dick (2006, p.103) nesse “plano de concretudes, há lugar para confluências ou cruzamentos de saberes”.

A metodologia de análise em qualquer obra toponímica é a mesma seguida nos atlas toponímicos em construção, o que, ao final, permite basicamente duas modalidades de pesquisa: os estudos monográficos e a geração de atlas toponímicos. No Brasil, a pesquisa toponímica tem sido objeto de muitas dissertações e teses concluídas publicadas e/ou em fase de construção. Além disso, há pesquisas com vistas à construção de atlas toponímicos desenvolvidas por equipe de pesquisadores em diferentes Universidades do Brasil⁷³.

Os estudos monográficos focalizam recortes específicos de topônimos, analisando dados toponímicos sob diferentes perspectivas. Independentemente da fonte de dados utilizada (cartas geográficas ou pesquisa de campo, e, aqui se enquadra o reconhecimento do espaço ou a coleta de relatos orais), a pesquisa permite desdobramentos como, por exemplo, a construção de

⁷³ Estão em andamento os projetos de atlas como variantes do Projeto ATB, além do Projeto ATESP, por exemplo: o ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, o ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais e o ATITO – Atlas Toponímico Indígena do Tocantins.

uma cadeia sintagmática de ocorrências, em sincronias criadas; um trabalho voltado a um período histórico específico ou ainda a escolha por uma área fisicogeográfica, dentre outras. Já nas pesquisas que visam à geração de atlas, é fundamental que os dados sejam buscados como sugere Dick (2006, p.97), em mapas oficiais, por se caracterizarem como “o instrumento confiável de análise aceito pelos Projetos ATESP/ATB” (DICK, 2006, p.97).

1.5.1 A Questão das Fontes na Pesquisa Toponímica

Como já acentuamos, a pesquisa toponímica, embora implique um estudo do ponto de vista linguístico, também propicia ao pesquisador uma oportunidade de investigar fontes de dados diversas, tanto documentais quanto orais. Há que se considerar a necessidade de delimitação da estrutura do texto onomástico, seja por meio de enunciados escritos ou transmitidos oralmente, diferentemente interpretada na Onomástica, pois há, nas disciplinas dos nomes, o encadeamento das informações em dois eixos, o tópico e o cronológico.

Assim, a documentação cartográfica e a arquivologia são instrumentos metodológicos que se posicionam como fontes idôneas para o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e à recriação dos próprios dados. Na (re) montagem dos nomes não acusa um único denominador/autor, mas recobre vários sujeitos enunciadore, refletindo diferentes pensamentos, etapas elaborativas ou percepções do meio. Recomenda-se a aplicação das técnicas sociolinguísticas de observação e das variáveis levantadas por Coseriu para a recuperação da memória oral, nas situações em que o trabalho de campo com o informante seja necessário (DICK, 1999, p.130 -135).

As cartas geográficas fazem parte do acervo documental de análise e descrição dos dados e se configuram como fontes primárias para a análise do fenômeno onomástico-toponímico. Além do mais, elas permitem, de forma sincrônica, a busca de outras modalidades de apreensão do objeto de estudo, “descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum denominativo* daquela nomenclatura” (DICK, 1999, p. 132).

A par da orientação metodológica que elege os mapas oficiais como

fonte primária para um estudo toponímico, há outras possibilidades de fontes, dependendo dos objetivos da pesquisa e da natureza do universo geográfico eleito como campo de investigação. Nesse sentido, registramos, como ilustração, pesquisas que se pautaram em outras fontes de dados para estudos toponímicos: Isquerdo (1996), ATEPAR (1999) e Seabra (2004).

A Tese de Doutorado de Aparecida Negri Isquerdo - *O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural* (1996), por exemplo, no levantamento dos topônimos dos seringais do Estado do Acre, recorreu ao documento fornecido pelo CTA – Centro dos Trabalhadores da Amazônia e ao Relatório Sócio-econômico e Cadastro da Reserva Extrativista Chico Mendes/1992, únicos “documentos oficiais” sobre a nomenclatura dos seringais acreanos disponíveis na época em que a pesquisa foi realizada.

Na Universidade Estadual de Londrina – UEL, a equipe do Projeto ATEPAR, liderada inicialmente pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, autora do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994), beneficiou-se da experiência acumulada por essa pesquisadora, na esfera dos estudos dialetológicos, em termos de pesquisa de campo. Assim, a equipe, a partir das orientações de Dick, optou também por coletar *in loco* os dados para a elaboração do banco de dados do ATEPAR.

Essa coleta partiu da consulta às prefeituras municipais, por meio que um questionário, solicitando o nome (s) anterior (es) do município; nome dos bairros urbanos; nomes dos bairros distritos, patrimônios ou comunidades rurais; relação dos rios que banham o município, dos córregos, ribeirões (sangas ou arroios), das serras ou montanhas; nome das praias, ilhas, baías, portos; histórico do município e o nome pelo qual é conhecido o município.

Nesse caso, em particular, foi obtida não só a toponímia oficial, mas também a paralela, ou seja, como o acidente é nomeado no município pela população local. Em resposta a essa solicitação, as prefeituras encaminharam documentos diversos – mapas, outros documentos oficiais, históricos e a resposta ao questionário, gerando assim uma diversidade de fontes. Esses dados encontram-se armazenados na UEL, num Banco de Dados, concebido a partir dos elementos de classificação dos topônimos apontados na teoria de Dick (1990a).

Já a Tese de Doutorado de Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia*

da Região do Carmo (2004) – valorizou também a pesquisa de campo nos municípios de Ouro Preto, Mariana, Barra Longa, Diogo de Vasconcelos, Alvinópolis, Ponte Nova, Rio Doce, Dom Silvério e Acaiaca, como fonte de dados toponímicos, além de ter utilizado material cartográfico diverso (séculos XVIII, XIX e XX) e registros documentais (relatos de viagens, cartas de sesmarias, livros paroquiais, dentre outros), referentes à região do Carmo - MG (SEABRA, 2004, p.43-47).

Dick (2006, p.96-98), ao discutir a questão das fontes para a pesquisa toponímica, argumenta que, no percurso histórico dos seus estudos sobre a toponímia brasileira, iniciados com a pesquisa voltada para o “Sistema Toponímico Brasileiro” (1980), tem mudado o foco de análise, do “Sistema toponímico” para o “Sistema onomástico”, passando do “estudo do lugar” ao “estudo do onoma=nome”, viés metodológico que permite “uma gama maior e diversificada de objetos de análise”. Essa mudança de foco, segundo a autora, permite o estudo, por exemplo, “[...] dos nomes dos estabelecimentos comerciais, dos edifícios públicos e particulares, nomes de escolas, entre outros”. Ampliam-se, pois, as possibilidades de coleta de dados onomásticos, admitindo-se, além dos mapas oficiais (as fontes primárias básicas), o trabalho de campo como fonte de dados; “mantém-se em intersecção a outros campos, sem perder a identidade”.

A pesquisadora ratifica a importância da ampliação dos estudos toponímicos a partir de outras perspectivas e de fontes de dados diversificadas, ao utilizar no texto *Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II* (DICK, 2007b, p. 141-155), como referência, alguns dos topônimos recolhidos por Saint-Hilaire, em sua viagem às nascentes do São Francisco, em 1819, representando a continuidade das novas perspectivas de análise, com um “*corpus* particularizado, ainda não trabalhado”, aliada à preocupação em conferir um “perfil acadêmico-científico à disciplina dos nomes”.

2 INTERFACES ENTRE GEOGRAFIA, GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E TOPONÍMIA

2.1 GEOGRAFIA: FUNDAMENTOS DA CARTOGRAFIA

A Geografia é uma ciência que tem como objeto principal de estudo o espaço geográfico que corresponde ao campo das realizações humanas. O estudo da Geografia em sua fase inicial (século XIX) focalizava somente os elementos naturais, mais tarde (século XX), pesquisas unindo aspectos físicos com sociais foram estabelecidas, focando também a ação antrópica sobre o espaço natural. Nessa segunda fase, teve início também o estudo sistemático das sociedades, tais como a forma de organização econômica e social, a distribuição da população no mundo e nos países, as culturas, os problemas ambientais decorrentes da produção humana, além dos recursos dispostos na natureza que são úteis para as atividades produtivas (indústria e agropecuária) (DE MARTONNE, 1953, p.02).

Um estudo geográfico conduz ao levantamento de dados sobre os elementos naturais que atingem diretamente a vida humana como clima, relevo, vegetação, hidrografia, dentre outros. O caráter científico da Geografia provém de sua origem alemã, na primeira metade do século XIX, por meio dos trabalhos pioneiros do naturalista e viajante Alexander von Humboldt, e do filósofo e historiador Karl Ritter. Contudo, a Geografia, “considerada no seu sentido mais lato, como ciência da Terra, é um dos mais antigos ramos do saber humano” (DE MARTONNE, 1953, p.02).

2.1.1 Cartografia: Origem e Definições

O desenvolvimento da Cartografia acompanhou o próprio progresso e a evolução da civilização. O desenvolvimento da Cartografia enquanto ciência foi incrementada com as guerras, pelas descobertas científicas, pelo desenvolvimento das artes e ciências, pelos movimentos históricos que possibilitaram e exigiram, cada vez, maior precisão na representação gráfica da superfície da Terra.

Os primeiros fundamentos da ciência cartográfica foram lançados na Grécia Antiga, por volta de 160 a.C., quando Hiparco utilizou, pela primeira vez, métodos astronômicos para determinar as posições na superfície da terra e deu a primeira solução para desenvolvimento da superfície da terra sobre um plano. O mapa mais antigo do mundo que se tem notícia é uma pequena placa de barro e data de 2500 a.C. (PONTES, 2002, p.05).

Desde então, a Cartografia vem atingindo níveis mais precisos na confecção de mapas e cartas, contando com o aprimoramento da astronomia e outros métodos matemáticos, com o advento da agulha magnética, a criação do sistema de projeção de Mercator, e mais recentemente o emprego da Aerofotogrametria e a introdução da eletrônica no instrumental necessário aos levantamentos (PONTES, 2002, p.05).

O objetivo da Cartografia consiste em reunir e analisar dados e medidas das diversas regiões da Terra e representar graficamente em escala reduzida os elementos de configuração que possam ser claramente visíveis. (RAISZ, 1969, *apud* PONTES, 2002, p.05).

O vocábulo *Cartografia*, etimologicamente descrição de cartas, foi introduzido em 1839, pelo segundo Visconde de Santarém - Manoel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão. A concepção inicial desse ramo da Geografia voltava-se para a ideia do traçado de mapas. No primeiro estágio o termo *Cartografia* nomeava a arte do traçado de mapas, para, em seguida, passar a designar a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre (IBGE, 1998, p.09).

Em 1949, a ONU⁷⁴ (Organização das Nações Unidas) já reconhecia a importância da Cartografia por meio da seguinte assertiva, lavrada em Atas e Anais:

CARTOGRAFIA - no sentido lato da palavra não é apenas uma das ferramentas básicas do desenvolvimento econômico, mas é a primeira ferramenta a ser usada antes que outras ferramentas possam ser postas em trabalho (IBGE, 1998, p.09).

Já para Pontes (2002), Cartografia é um conjunto de operações científicas, artísticas e técnicas produzidas a partir de resultados de observações

⁷⁴ ONU – Department of Social Affair. Modern Cartography - Base Maps for Worlds Needs. Lake Success.

diretas ou de explorações de documentação, tendo em vista a elaboração de cartas, plantas e outros tipos de apresentação e também a sua utilização. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), Cartografia é a arte de levantamento, construção e edição de mapas e cartas e qualquer natureza (PONTES,2002, p.05). Já para Zimback (2003, p.04), a Cartografia é um

método científico que se destina a representar fatos e fenômenos observados na superfície da terra através de simbologia própria. A cartografia pode ser definida também como um conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, com vistas à elaboração e preparação de cartas, mapas planos e outras formas de expressão, bem com sua utilização.

O conceito da Cartografia, aceito contemporaneamente sem maiores contestações, foi estabelecido em 1966, pela Associação Cartográfica Internacional (ACI) e, posteriormente, ratificado pela UNESCO, no mesmo ano:

A Cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e sócio-econômicos, bem como a sua utilização (IBGE, 1998, p.10).

De acordo com essa definição, a Cartografia compreende desde os levantamentos e observações diretas no campo, análise de documentação, técnicas de representação, linguagem visual, até a impressão e publicação definitiva de todas as etapas para a elaboração de um mapa.

2.1.2 Cartografia No Brasil⁷⁵

A Cartografia, no Brasil, teve seu desenvolvimento a partir da Segunda Guerra Mundial, em função de interesses militares. Instituições como os atuais Instituto Cartográfico da Aeronáutica (ICA), Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG) e Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) foram as principais responsáveis pela execução da Cartografia Sistemática do País, objetivando mapear

⁷⁵ Todas as informações apresentadas no item 2.1.2 se encontram disponíveis em: <http://www.cartografia.eng.br/artigos/ncarto01.asp>. Acesso: 17 nov.2008.

todo o território nacional, em escalas de 1:50.000 a 1:250.000.

Ao IBGE coube a formulação e a execução do conjunto de ações para uma política territorial, cujo objetivo estava centrado na revisão da administração territorial a partir de procedimentos técnicos e científicos. Também teve a sua atuação voltada para o levantamento e sistematização das informações do quadro territorial, de modo a atender a administração pública em todas as suas dimensões.

O Plano Cartográfico Nacional é composto pelos Planos Cartográficos Terrestre Básico, Náutico e Aeronáutico. O Plano Cartográfico Terrestre Básico contém o Geodésico e abrange as escalas vinculadas a abordagem sistemática do território nacional: séries de 1:1.000.000, 1:500.000, 1:250.000, 1:100.000, 1:50.000 e 1:25.000.

2.1.3 Mapas e Cartas

Os termos “Mapas” e “Cartas”, embora não se possa afirmar categoricamente, não apresentam uma diferença rígida em termos de significado, podendo-se usar, grosso modo, tanto uma quanto outra nomenclatura. Segundo Perota (1991, p. 77),

pode-se chamar de mapa a carta geográfica em escala pequena, cobrindo um território mais ou menos extenso, representando a superfície da terra nos seus aspectos físicos e culturais e que se destina a fins **culturais** ou **ilustrativos**, não tendo, portanto caráter científico. “A “carta” é a representação dos aspectos naturais ou artificiais da terra, similar ao “mapa”, mas de caráter especializado, constituída com uma finalidade específica, e geralmente em escala grande” (grifo do autor)

Já para Oliveira (2004, p.02), um mapa é uma forma de comunicação. Ele conjuga as propriedades da linguagem visual, expressa na imagem formada pelo arranjo de tonalidades, cores, formas e texturas, com a linguagem sonora (escrita), presente no título, na legenda, na toponímia (os nomes dos lugares ou objetos) e em outras partes do mapa.

Ainda segundo esse autor, a construção de um mapa base (com as delimitações e localizações precisas), a partir do levantamento de campo ou

interpretação de imagens (fotografias aéreas ou imagens orbitais), é tarefa para especialistas, já que depende de conhecimentos técnicos sobre os instrumentos necessários, a concepção de mapas temáticos, não sendo, necessariamente, uma atividade restrita a geógrafos ou a cartógrafos (OLIVEIRA, 2004, p. 02).

Archela (2008, p.2), por sua vez, esclarece que o termo mapa é utilizado no Brasil de forma genérica, para identificar vários tipos de representação cartográfica. Mesmo que, em alguns casos, a representação não passe de uma lista de palavras e números, ou de um gráfico que mostre como ocorre determinado fenômeno, essa representação recebe o nome de mapa.

De acordo com o IBGE (1998, p.19), um mapa apresenta as seguintes características: a) representação plana; b) geralmente em escala pequena; c) área delimitada por acidentes naturais (bacias, planaltos, chapadas, etc.), político-administrativos e, d) destinação a fins temáticos, culturais ou ilustrativos. A partir dessas características podemos generalizar o conceito:

Mapa é a representação no plano, normalmente em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma área tomada na superfície de uma Figura planetária, delimitada por elementos físicos, políticos, administrativos, destinados aos mais variados usos, temáticos, culturais e ilustrativos (IBGE, 1998, p.19).

Já para carta, O IBGE define as seguintes características: a) representação plana; b) escala média ou grande; c) desdobramento em folhas articuladas de maneira sistemática e, d) limites das folhas constituídos por linhas convencionais, destinada à avaliação precisa de direções, distâncias e localização de pontos, áreas e detalhes:

carta é a representação no plano, em escala média ou grande, dos aspectos artificiais e naturais de uma área tomada de uma superfície planetária, subdividida em folhas delimitadas por linhas convencionais - paralelos e meridianos - com a finalidade de possibilitar a avaliação de pormenores, com grau de precisão compatível com a escala (IBGE, 1998, p.19).

Consoante o exposto, entendemos que uma carta pode representar os aspectos naturais ou artificiais da terra, similar ao mapa, mas de caráter especializado, constituída com uma finalidade específica

As informações apresentadas na próxima seção, pertinentes para a realização desta pesquisa, são fornecidas pelo IBGE, órgão responsável pela divulgação das normas utilizadas nos processos cartográficos.

2.1.4 Classificação de Cartas e Mapas⁷⁶

De acordo com o IBGE (1998, p.44-47), a classificação de cartas e mapas quanto à natureza da representação pode ser:

a) GERAL: documentos cartográficos elaborados sem um fim específico, visando fornecer ao usuário uma base cartográfica com possibilidades de aplicações generalizadas, de acordo com a precisão geométrica e tolerâncias permitidas pela escala. Apresentam os acidentes naturais e artificiais e servem, também, de base para os demais tipos de cartas, que podem ser classificadas em três categorias: i) cadastral: carta com representação em escala grande, geralmente planimétrica e com maior nível de detalhamento, apresentando grande precisão geométrica. Normalmente um mapa é utilizado para representar cidades e regiões metropolitanas, nas quais a densidade de edificações e arruamento é grande. As escalas mais usuais na representação cadastral são: 1:1.000, 1:2.000, 1:5.000, 1:10.000 e 1:15.000); ii) topográfica: carta elaborada a partir de levantamentos aerofotogramétrico e geodésico original ou compilada de outras cartas topográficas em escalas maiores. Inclui os acidentes naturais e artificiais, em que os elementos planimétricos (sistema viário, obras, etc.) e altimétricos (relevo através de curvas de nível, pontos colados, etc.) são geometricamente bem representados e, iii) geográfica: carta em que os detalhes planimétricos e altimétricos são generalizados e oferecem uma precisão de acordo com a escala de publicação. A representação planimétrica é feita por meio de símbolos que ampliam muito os objetos correspondentes, alguns dos quais muitas vezes têm que ser bastante deslocados.

b) TEMÁTICA: cartas, mapas ou plantas produzidos em qualquer escala, destinados a um tema específico, necessários às pesquisas socioeconômicas, de recursos naturais e estudos ambientais. A representação temática, distintamente da geral, exprime conhecimentos particulares para uso geral.

c) ESPECIAL: cartas, mapas ou plantas para grandes grupos de usuários muito distintos entre si, e cada um deles, concebido para atender a uma determinada faixa técnica ou científica. São documentos muito específicos e sumamente técnicos que se destinam à representação de fatos, dados ou

⁷⁶ Todos os dados apresentados no item 2.1.4 foram obtidos na apostila elaborada pelo IBGE (1998, p.44- 47)

fenômenos típicos, tendo, assim, que se cingir rigidamente aos métodos e objetivos do assunto ou atividade a que está ligado. Por exemplo: cartas náuticas, aeronáuticas, para fins militares, mapa magnético, astronômico, meteorológico, dentre outros.

2.1.5 Elementos de Representação⁷⁷

Configurando-se uma carta ou um mapa como a representação, numa simples folha de papel, da superfície terrestre, em dimensões reduzidas, é preciso associar os elementos representáveis a símbolos e convenções.

As convenções cartográficas abrangem símbolos que, atendendo às exigências da técnica, do desenho e da reprodução fotográfica, representam, de modo mais expressivo, os diversos acidentes do terreno e objetos topográficos em geral.

Outro aspecto importante é que o símbolo (que deve observar, com o máximo rigor, as dimensões e a forma característica) configura-se como elemento indispensável, em qualquer tipo de representação cartográfica, razão pela qual a sua variedade ou a sua quantidade deva sempre ser definida em função da escala do mapa. Quando a escala da carta permitir, os acidentes topográficos são representados de acordo com a grandeza real e as particularidades de suas naturezas. O símbolo é, ordinariamente, a representação mínima desses acidentes.

A posição de uma legenda deve ser escolhida de modo a não causar dúvidas quanto ao objeto a que se refere. Tratando-se de localidades, regiões, construções, obras públicas e objetos congêneres, bem como acidentes orográficos isolados, o nome deve ser lançado, sem cobrir outros detalhes importantes.

Já a escala é a relação entre as dimensões dos elementos representados em um mapa e aquelas medidas diretamente sobre a superfície da Terra. A escala é uma informação que deve estar presente em qualquer mapa e, em geral, também é apresentada na forma de escala gráfica. A escala numérica indica no denominador o valor que deve ser usado para multiplicar uma medida feita sobre

⁷⁷ Dados obtidos em: IBGE (1998, p.67).

o mapa e transformá-la num valor correspondente na mesma unidade de medida sobre a superfície terrestre. A título de ilustração, apresentamos, a seguir, uma mesma localidade representada em diferentes escalas.

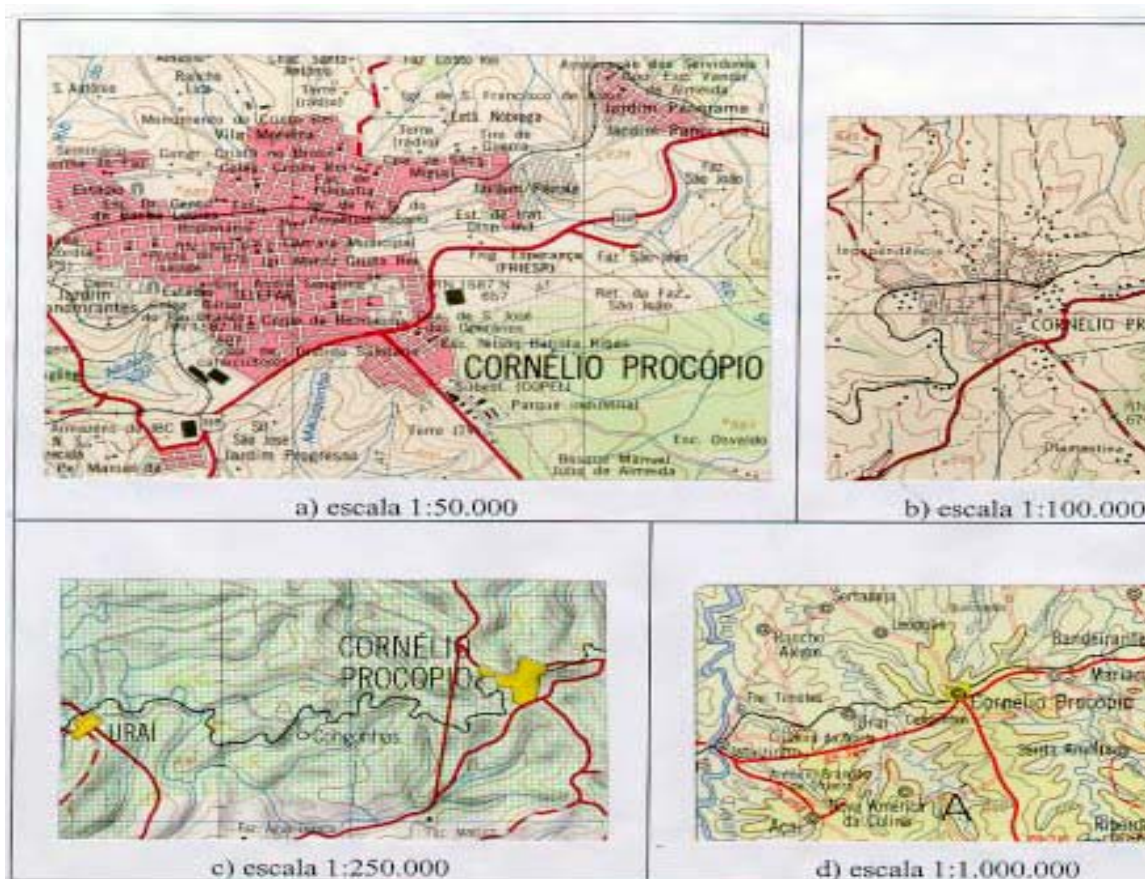


Figura 5 - (a, b, c, d) - A mesma localidade representada em várias escalas⁷⁸

Na cartografia, os mapas têm características específicas que os classificam e representam elementos selecionados de determinado espaço geográfico, de forma reduzida, utilizando simbologia e projeção cartográfica.

2.2 A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES COM A GEOGRAFIA

No século XIX, as investigações no campo da linguagem eram dominadas por ideias positivistas, que se desenvolviam segundo métodos histórico-

⁷⁸ Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoes/elementos_representacao.htm
 l. Acesso: 17 nov.2008.

comparativos, época em que se formaliza o estudo sistemático das variações - sobretudo as de natureza geográfica. Surge o interesse pelos dialetos, considerados, então, como fontes de conhecimento do modo como se teriam operado as transformações em fases anteriores das línguas. A Geografia Linguística é uma consequência do interesse pelos estudos dialetais levados a cabo de início por vários estudiosos europeus, entre os quais se destaca o italiano G. I. Ascoli. Contudo, a Geografia Linguística popularizou-se realmente na França, a partir do atlas produzido pelo linguista Jules Gilliéron, publicado, entre 1902 e 1910: Atlas Linguístico da França (ALF).

O ALF é considerado o marco pioneiro na história da Geografia Linguística. É a partir dessa obra que, segundo Coseriu (1982, p.79-116), surge um método dialetológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais), recolhidas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos distribuída em determinado território. O padrão para a realização de um atlas linguístico, ao se relacionar com a Geografia não só pelo emprego comum do instrumento cartográfico, mas também porque dividem um aspecto essencial das relações entre vida social e cultural do homem em seu ambiente, fez surgir a nova disciplina.

A Geografia Linguística (método utilizado pela Dialetologia) e a Dialetologia têm como objeto comum de estudo os dialetos e a diferença entre elas está no modo de representar o resultado do estudo. A Geografia Linguística apresenta, em atlas linguísticos, o levantamento cartográfico das características dialetais, tirados da língua oral. Já a Dialetologia divulga o produto da pesquisa em forma de análise aprofundada das variantes registradas (fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais, etc.), incluindo, não raras vezes, a apresentação de glossários das variantes lexicais estudadas. Os dois ramos de estudo não se excluem, mas sim se completam.

No Brasil, a Geografia Linguística concretiza-se com a produção de Atlas Linguísticos em diferentes Estados brasileiros, dentre eles: APFB – *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (ROSSI, 1963); EALMG – *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al, 1977); ALPB – *Atlas Linguístico da Paraíba* (MENEZES; ARAGÃO, 1984); ALS I – *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al, 1987); ALPR – *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1990); ALS II – *Atlas*

Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2002); ALERS – *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (KOCH et al, 2002); ALISPA – *Atlas Linguístico sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); ALMS – *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA, 2007); ALECE – *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (2010) – e de outros em curso – ALiMA – *Atlas Linguístico do Maranhão*; ALiMAT – *Atlas Linguístico de Mato Grosso*; ALESP – *Atlas Linguístico de São Paulo*; ALiRN – *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte*; ALIPA – *Atlas Geo-sociolinguístico do Pará*; ALAC – *Atlas Linguístico do Acre*; ALES – *Atlas Linguístico do Espírito Santo*; ALiRO – *Atlas Linguístico de Rondônia*⁷⁹.

Na atualidade, os pesquisadores do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) já percorreram 204 localidades (81,6%), distribuídas em todo território nacional, restando a realização dos inquéritos em apenas 46 localidades⁸⁰.

2.3 A TOPONÍMIA: INTERFACES COM A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA E A GEOGRAFIA

A elaboração de um atlas toponímico não difere, em princípio, da sistemática metodológica que conforma os atlas linguísticos. As diferenças entre eles situam-se nos seus objetivos e na natureza dos dados pesquisados, pois, enquanto os atlas toponímicos analisam os nomes de lugares – córregos, rios, ilhas, ruas, praças, vielas, entre outros – de determinada localidade, registrados em folhas ou mapas topográficos oficiais da região em estudo, os atlas linguísticos voltam-se para dados da língua oral, recolhidos numa área geográfica previamente definida. Com relação aos atlas linguísticos, Aguilera (2006, p.141) afirma que estes têm como objeto e fonte de estudo “a linguagem oral coloquial, coletada de modo o mais informal possível”.

Em se tratando da abordagem cartográfica, a Toponímia, utilizando o método da Geografia Linguística, busca conhecer as áreas de extensão ou os pontos principais de dispersão dos fatos toponímicos numa área geográfica, identificando, inclusive, resíduos lexicais, presentes nos nomes, principalmente

⁷⁹ Dados obtidos por meio de consulta ao site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB): <http://www.alib.ufba.br/atlasnacionais.asp> . Acesso em: 15 fev. 2010.

⁸⁰ Dados coletados do site <http://www.alib.ufba.br/index.asp>. Acesso em: 15 fev.2010.

aqueles resultantes de modelos extintos como ocorre com os grupos indígenas brasileiros já desaparecidos (exemplos do Tupi: *paranapiacaba* > *paraná-epiak-(h)aba* = o lugar de onde se vê o mar; *ybytyra-una* > *ybyturuna* = a serra negra, considerados pela autora “fósseis linguísticos”) (DICK, 2007a, p.464).

Os atlas linguísticos e os atlas toponímicos se inserem no campo da Cartografia Temática, visto que suas cartas veiculam dados linguísticos de natureza bastante diversa, espacialmente distribuídos. Em geral, são elaboradas por linguistas com o auxílio de algum cartógrafo e, atualmente, também de profissionais de Informática, familiarizados com a interface entre essas áreas e a Geografia.

A Cartografia Temática é um instrumento de expressão gráfica dos resultados obtidos por pesquisas diversas, não só da Geografia, como também de outros campos do saber. Esse tipo de cartografia, a partir de uma carta geográfica básica, sistemática, representa informações que foram objeto de outro tipo de estudo, no caso, estudos linguísticos. As cartas temáticas podem referir-se a uma enorme variedade de temas, mas raramente servem de base para outras representações. Por vezes são utilizados símbolos gráficos especialmente planejados para facilitar a leitura das informações mapeadas.

É conveniente mencionar que os mapas, interpretados tradicionalmente como uma representação simbólica dos contornos de uma paisagem física ou urbana, permitem também dois planos de interpretação: o verbal, expresso nos nomes dos acidentes e em outras informações linguísticas, e o não-verbal, caracterizado, de preferência, por símbolos convencionais distintos, segundo a natureza do acidente mapeado.

Os mapas elaborados pela Cartografia para comunicação de diferentes temas (densidade demográfica, fitogeografia, hidrografia, mapa político), construídos para uso público, consoante Archela (2008, p.20),

são julgados por sua aparência e utilidade. Por isso, buscar conceitos e conhecimentos cartográficos para sua elaboração é imprescindível, especialmente, quando se deseja revelar algo por meio da visualização. Conhecendo as regras cartográficas, é mais fácil superar os limites técnicos de produção, impostos pelo software escolhido. Isto é, a definição da escala, linhas, pontos, cores e textos, que só serão superados na medida em que o “construtor” de mapas domine o software. Geralmente, para resultados que envolvem mapas impressos, é necessário ainda, utilizar mais de um software e incluir os de designer gráfico, fato que reforça a necessidade de melhor preparo do profissional pesquisador para a elaboração de mapas úteis.

A elaboração de mapas temáticos abrange as seguintes etapas: coleta de dados, análise, interpretação e representação das informações sobre um mapa base que geralmente é extraído da carta topográfica. Os mapas temáticos são elaborados com a utilização de técnicas que objetivam a melhor visualização e comunicação, distinguindo-se essencialmente dos topográficos, por representarem fenômenos de qualquer natureza, geograficamente distribuídos sobre a superfície terrestre. Os fenômenos podem ser tanto de natureza física como, por exemplo, a média anual de temperatura ou precipitação sobre uma área; de natureza abstrata, humana ou de outras características, como a taxa de desenvolvimento, indicadores sociais, perfil de uma população segundo variáveis tais como sexo, cor e idade, dentre outros (ARCHELA, 2008, p.03).

Segundo essa autora, cada mapa possui um objetivo específico, de acordo com os propósitos de sua elaboração, por isso, existem diferentes tipos de mapas. O mapa temático (qualitativo ou quantitativo) deve cumprir sua função, ou seja, dizer *o quê, onde e, como ocorre* determinado fenômeno geográfico, utilizando símbolos gráficos (signos) especialmente planejados para facilitar a compreensão de diferenças, semelhanças e possibilitar a visualização de correlações pelo usuário. O fato de os mapas temáticos não possuírem uma herança histórica de convenções fixas, a exemplo dos topográficos, se deve às variações temáticas e aos aspectos da realidade que representam, sendo necessárias adaptações diferenciadas a cada situação (ARCHELA, 2008, p.03).

No entanto, para representar os diversos temas é preciso recorrer a uma simbologia específica que, aplicada aos modos de implantação, pontual, linear ou zonal, aumentam a eficácia no fornecimento da informação. As regras dessa simbologia pertencem ao domínio da semiologia gráfica (ARCHELA, 2008, p.03).

Conforme ainda a mesma geógrafa, a informação visual, para ser realmente compreendida, requer uma aprendizagem. Ela não é nem natural, nem espontânea porque possui uma linguagem própria que precisa ser apreendida. A linguagem gráfica como um sistema de signos gráficos é formada pelo significado (conceito) e significante (imagem gráfica). As três relações (similaridade/diversidade, ordem e proporcionalidade) consistem nos significados da representação gráfica e são expressas pelas variáveis visuais (tamanho, valor, textura, cor, orientação e forma), que são significantes (ARCHELA, 1999, p.06).

Essas variáveis visuais devem considerar diferentes perspectivas,

segundo Archela (1999, p. 07):

a) Tamanho: variação do grande, médio e pequeno; b) Valor: variação de tonalidade do branco ao preto; c) Granulação: variação da repartição do preto no branco, procurando-se manter a mesma proporção de preto e de branco; d) Cor: variação das cores do arco-íris, sem variação de tonalidade, tendo às cores a mesma intensidade. Por exemplo: usar azul, vermelho e verde é usar a variável visual “cor”. O uso do azul-claro, azul médio e azul escuro corresponde à variável “valor”; e) Orientação: são as variáveis de posição entre o vertical, o oblíquo e o horizontal; f) Forma: considera todas as variações geométricas ou não;

Os processos de seleção e simplificação cartográfica exigem, portanto, do profissional que elabora mapas o bom senso quanto à decisão sobre quais informações serão ou não suprimidas numa representação gráfica. Um mapa com muitas informações pode se tornar visualmente poluído, inviabilizando a comunicação cartográfica. A ausência de uma informação importante também comprometerá a qualidade do mapa. Destarte, o conhecimento do profissional quanto aos conceitos da cartografia e do tema a ser representado é fundamental na elaboração da representação cartográfica.

Com relação à contribuição do cartógrafo Teles e Ribeiro (2006, p. 209) afirmam que se dá

basicamente, em propiciar a representação espacial dos objetos de estudo dos pesquisadores, aos quais compete analisar os problemas, elaborar as sínteses e construir teorias. No entanto, com o desenvolvimento dos modernos procedimentos e com as novas concepções, o papel científico da Cartografia assume uma nova dimensão. O mapa não é apenas uma simples ilustração: é também um meio de armazenar e de tratar uma documentação espacial.

É oportuna a contribuição de Oliveira (2004, p.02), quanto aos cuidados que devem ser tomados pelo construtor de um mapa, o profissional que possui conhecimentos necessários à compreensão dos processos que envolvem a construção de mapas temáticos, como a importância do título, dos referenciais de orientação e localização, da escala e, especialmente, da legenda.

Na sequência, o Capítulo III apresenta dados dos projetos de variantes regionais do ATB e propostas de cartografia de dados toponímicos.

3 CARTOGRAFAÇÃO DE DADOS TOPONÍMICOS NO BRASIL: PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

No Brasil, a Tese de Doutorado da Profa. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, defendida em 1980, além de apresentar fundamentos teóricos e metodológicos da Toponímia, representa um primeiro despertar para a necessidade de cartografiação de dados toponímicos no Brasil.

De acordo com Aguilera (2006, p.134), a década de oitenta é “uma referência para a expansão dos estudos toponímicos no Brasil”, mas é na de 90 que “pesquisadores de outras instituições começam a desenvolver projetos voltados para esse ramo do conhecimento linguístico”.

A teoria e os princípios metodológicos construídos por Dick a partir da toponímia brasileira, foram aplicados e aprofundados em dados da toponímia de São Paulo, no Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, variante regional do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

Assim assessorados e aplicando a teoria e princípios metodológicos construídos por Dick, surgem outras variantes regionais do Projeto ATB, dentre elas, os projetos ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná; ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul; ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais; ATITO – Atlas Toponímico Indígena do Tocantins, além de recortes em outras unidades da federação, estudados como trabalho acadêmico em nível de pós-graduação, conforme será demonstrado neste Capítulo que tem como propósito focar a historiografia das variantes regionais de projetos de atlas toponímicos, bem como trabalhos acadêmicos vinculados ou não a esses projetos que apresentaram propostas de cartografiação toponímica.

3.1 OS ATLAS TOPONÍMICOS

A elaboração de um atlas toponímico, segundo Dick⁸¹ ([s.d], p.01),

⁸¹ Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)61-69.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)61-69.html). Acesso: 10 jun. 2008. (não consta o ano da publicação).

foi pensada basicamente para a leitura da cartografia oficial, diferindo, nesse ponto, “dos Atlas Linguísticos concebidos como levantamentos das realizações fonológicas do grupo e suas decorrências, em pontos escolhidos como adequados”.

Com relação à metodologia proposta para a interpretação do sistema toponímico do Brasil, a autora afirma que “não difere, assim, em sua base, do estabelecido por Dauzat para a apreensão da nomenclatura geográfica da França” (DICK, [s.d], p.01).

A pesquisadora afirma que discorrer sobre

a elaboração de um Atlas Toponímico é trazer, simultaneamente, à discussão, uma série de questões ligadas a princípios teóricos que se encontram definidos em outras sequências de conteúdo, sob outros títulos, mas que se interligam nas tipologias dos topônimos. O reconhecimento destes é, o objetivo de base da organização de um Atlas (DICK, 1998, p.189).

3.1.1 São Paulo

Em se tratando do primeiro modelo regional do ATB, o projeto ATESP, Dick esclarece que, dentro da metodologia adotada, a elaboração dos atlas toponímicos estaduais, de que o de São Paulo é o protótipo, operacionaliza-se, segundo as seguintes etapas: 1 - pelo remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão (a estratigrafia toponímica, em São Paulo, acusa nomes portugueses, tupis, guaranis, kaingangues, africanos e de natureza híbrida); 2 - pela distribuição toponímica em categorias taxionômicas, que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil (DICK, 1998, p.191).

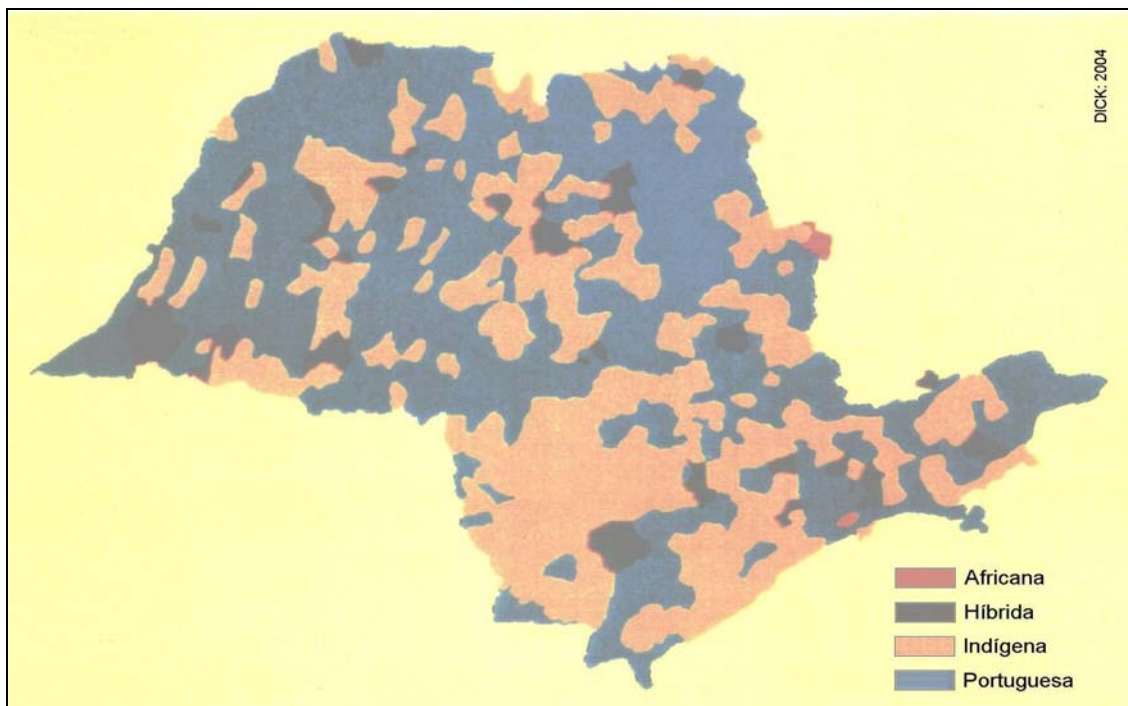
Segundo Dick (1996a, p. 29), estudar “a codificação onomástica, cartograficamente, é penetrar nos meandros do sistema da linguagem, de que é extensão particularizadora ou referencial”. Assim, para a cartografia da toponímia do Estado de São Paulo, Dick (1996a, p.40) propõe dois tipos de cartas, para fins de registro da nomenclatura municipal: *cartas gerais* e *cartas parciais*, ambas configurando-se como mapas temáticos, do ponto de vista da cartografia moderna.

Segundo esse modelo, as *cartas gerais* têm como objetivo mapear o conjunto dos estratos etnodialetológicos do sistema toponímico paulista (português,

africano e indígena), identificando-os por cores contrastantes, destacando, na estrutura territorial, a ocorrência dos vocábulos pertencentes às diferentes línguas.

Já as *cartas individuais*, uma subdivisão das *cartas gerais*, objetivam mapear as camadas dialetais e buscam a visualização da quantificação numérica de cada uma dessas camadas, segundo a área, a interpenetração vocabular, os pontos de concentração e de distanciamento dos focos de irradiação e a inexistência de traços linguísticos de determinada origem em determinadas regiões (DICK, 1996a, p. 40).

As *cartas parciais*, por sua vez, “incidem também em cada um dos estratos linguísticos revelados, e levam em conta as *categorias taxionômicas classificatórias* e o índice de sua incidência no *corpus toponímico*” (DICK, 1996a, p.40). Segundo a autora, depois de interpretados e analisados, os topônimos devem ser inscritos em *cartas taxionômicas corocromáticas qualitativas ou temáticas*, cujo número deve ser proporcional ao dos acidentes classificados. Em outra oportunidade, a pesquisadora retoma a discussão sobre a elaboração de um atlas toponímico e apresenta o modelo de carta geral do Estado de São Paulo. A seguir, apresentamos a reprodução de uma carta toponímica do ATESP publicada por Dick (2006, p.222):



Mapa 1 – Carta geral do Estado de São Paulo

A partir da década de 90, do século XX, surgiram variantes do Projeto ATB que, além da coleta de dados, ensaiaram tentativas cartográficas em vários Estados como Paraná, Mato Grosso do Sul, Roraima, Bahia, Minas Gerais e Goiás.

3.1.2 Paraná

O Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida, desenvolveu, no período de 1996-1999, o projeto “Pelos caminhos do Paraná: esboço de um Atlas Toponímico – ATEPAR”⁸² que, nessa etapa, fez o levantamento e a classificação dos topônimos de 323 municípios cadastrados pelo IBGE, até 1991. Já na sua segunda etapa, o projeto “A Toponímia Paranaense - ATEPAR 2”⁸³, desenvolvido entre 2000 e 2003, envolveu os novos municípios emancipados a partir de 92, perfazendo o total de 399 municípios.

A partir dessas iniciativas constituiu-se o banco de dados do ATEPAR (cerca de 20.000 topônimos cadastrados com análise etnolinguística, taxionômica e etimológica), com dados obtidos mediante cartas enviadas às Prefeituras Municipais.

Como produto relacionado ao Projeto ATEPAR, Aguilera (2006, p.134) destaca o desenvolvimento de trabalhos sob forma de monografias de conclusão de cursos de pós-graduação *lato sensu* (cerca de 20 trabalhos) ou como dissertações de Mestrado (04), além de cerca de 50 estudos, apresentados como comunicação em Congressos e similares e publicados sob a forma de artigos em periódicos e anais de eventos⁸⁴.

Dados os objetivos e dimensão deste estudo, apresentamos na sequência informações pontuais sobre os quatro trabalhos produzidos como dissertações de Mestrado, defendidas no Programa de Pós-graduação em Estudos

⁸² O ATEPAR teve como objetivo inventariar e classificar todos os topônimos paranaenses, segundo as taxionomias propostas por Dick (1990b, p.31-34).

⁸³ O encerramento do projeto ATEPAR-2 se deu em 30 de setembro de 2003, com o relatório final apresentado em 07 de outubro de 2003.

⁸⁴ Dados gerais acerca do percurso do Projeto ATEPAR, em especial os produtos gerados por esse projeto de pesquisa foram apresentados por Zamariano (2006) e por Moreira (2006).

da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A dissertação *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba* (1998), de Ignez de Abreu Francisquini, catalogou e analisou 730 topônimos de 29 municípios da microrregião de Paranaíba, apresentando também como produto final um glossário desses topônimos, contendo a etimologia, a estrutura morfológica e a motivação toponímica de cada topônimo⁸⁵.

Já a pesquisa intitulada *A relação da hidronímia com a História Social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva* (2004) de Lídia Albino, estudou os topônimos relativos aos afluentes e subafluentes do rio Iguaçu, em dados recolhidos de mapas de três períodos: 1876, 1896 e de 107 mapas atuais (a partir de 1980)⁸⁶, ressaltando os principais fatores que contribuíram para sua estruturação, seja do ponto de vista da filiação linguística ou da motivação originária e, assim, relacionou-os com dados da História Social do Paraná.

Outra dissertação, *Toponímia Paranaense do período histórico de 1648 a 1853* (2006), de Márcia Zamariano, priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos de 36 municípios paranaenses, fundados entre 1648 e 1853 e discutiu a inter-relação homem/ambiente/língua/cultura com base nos topônimos registrados nos municípios estudados.

Por fim, a dissertação *A Toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas*, de Hélio Costa Moreira (2006), priorizou a catalogação, a classificação taxionômica, a descrição e a análise dos nomes de acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses localizados no Caminho das Missões e na Estrada de Palmas, delineados no mapa elaborado por Brasil Pinheiro Machado (1963), com o objetivo de verificar em que proporção o Ciclo do Tropeirismo deixou marcas na toponímia pesquisada⁸⁷.

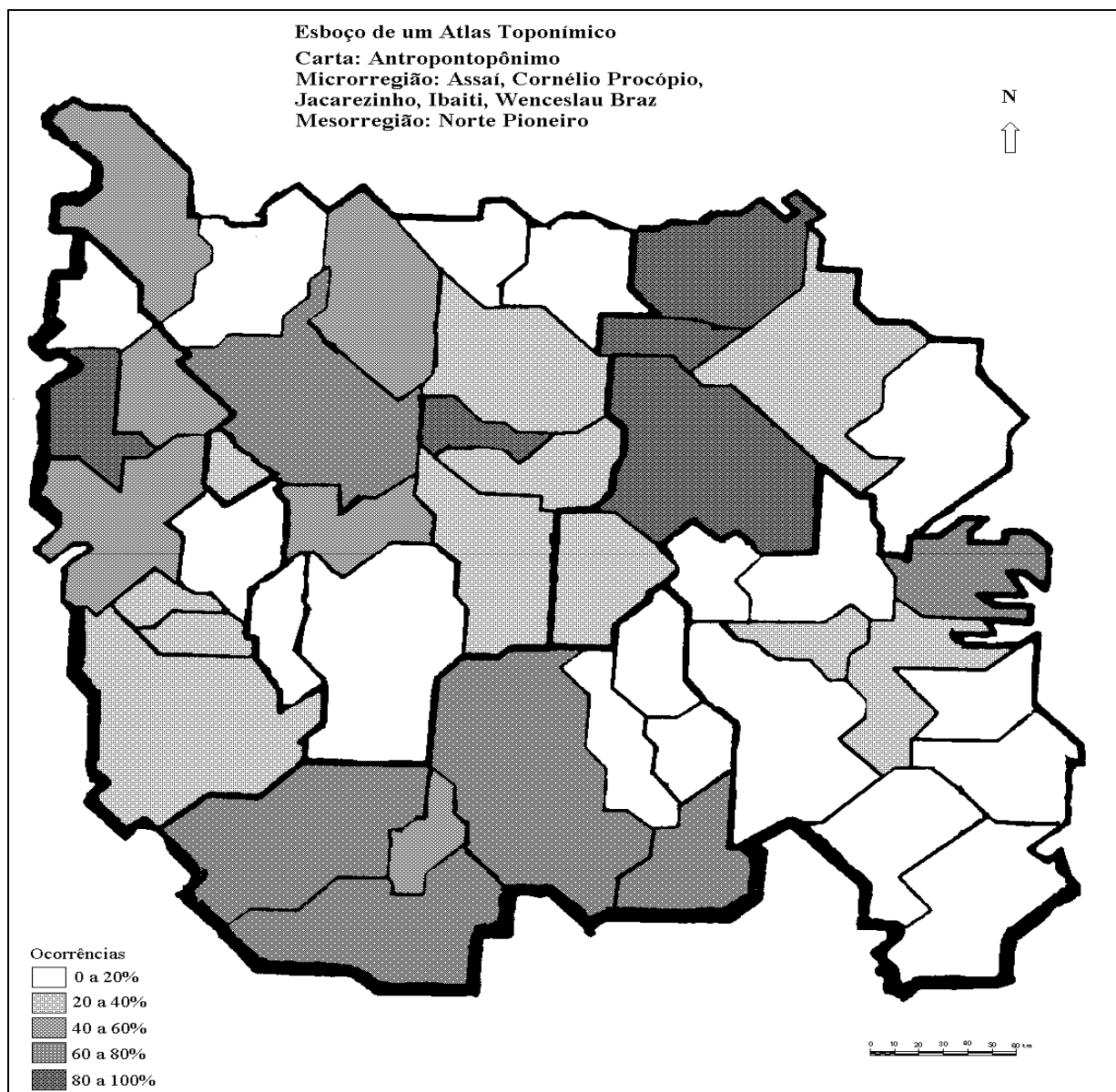
Apesar de o material coletado pelo Projeto ATEPAR não ter gerado ainda o mapeamento dos dados por meio de um atlas toponímico, houve tentativas de cartografia desses dados. A primeira delas integra o trabalho monográfico de Oliveira (2000), que apresentou uma proposta de cartografia da mesorregião

⁸⁵ Trabalho orientado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida (UEL).

⁸⁶ As dissertações de Albino (2004) e Zamariano (2006) foram orientadas pela Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

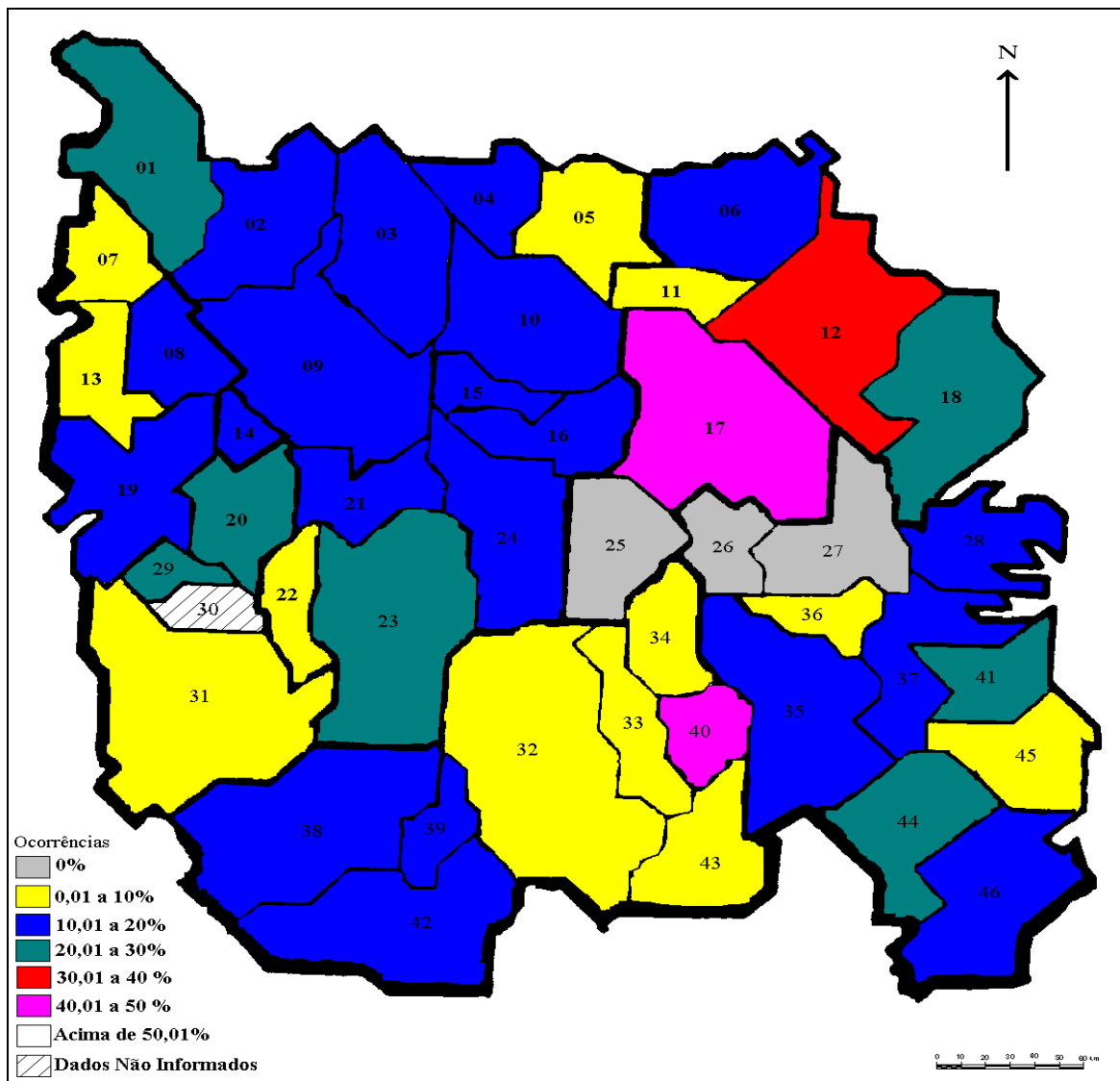
⁸⁷ Dissertação orientada pela Profa. Dra. Aparecida Negri isquerdo (UEL).

Norte Pioneiro⁸⁸. Parte dos resultados desse estudo foi publicada por Milani e Oliveira (2002). A seguir reproduzimos dois modelos de cartas extraídos desse trabalho:



Mapa 2 – Modelo de carta toponímica apresentado por Oliveira (2000)

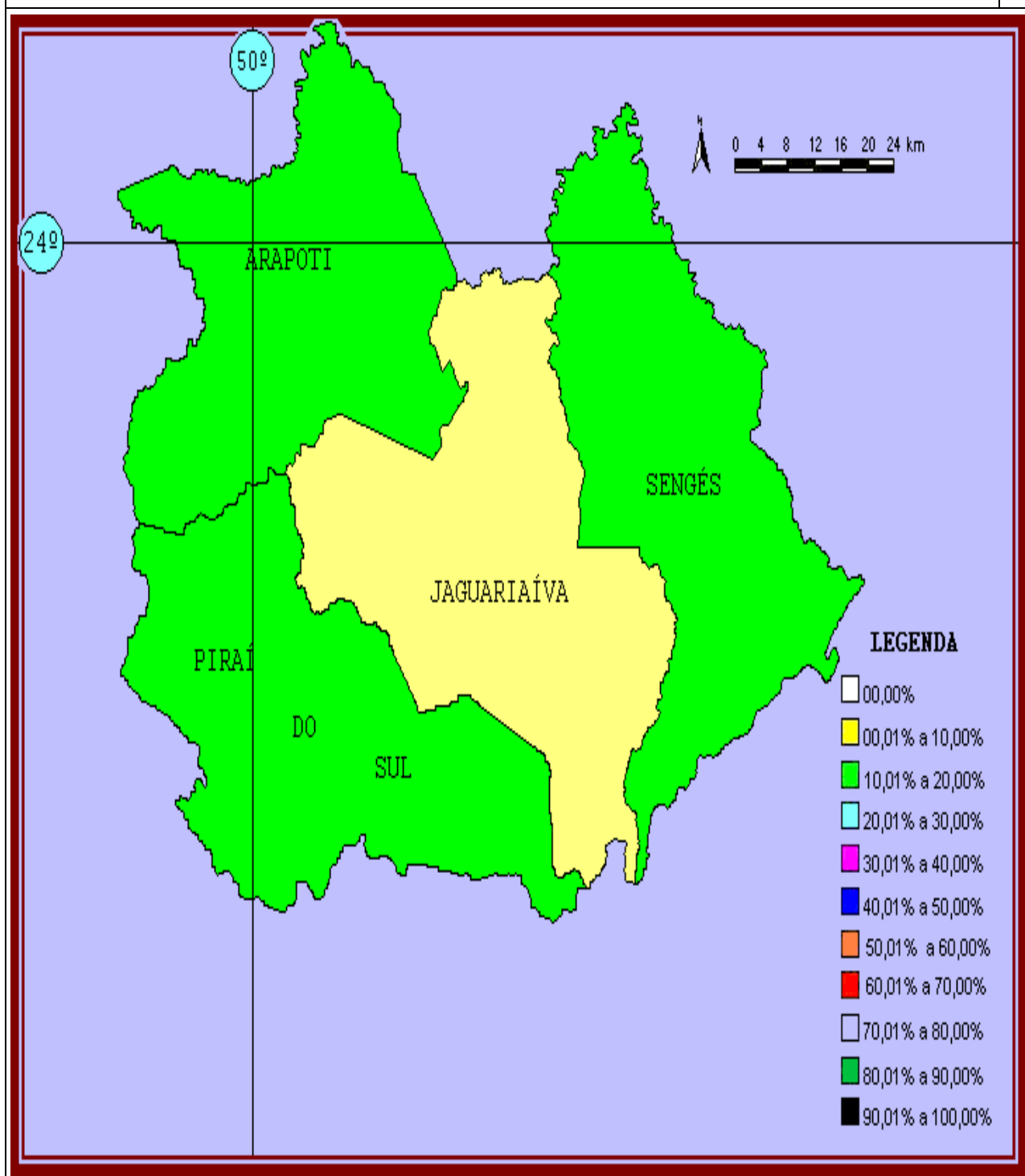
⁸⁸ Monografia orientada pela Profa. Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida (UEL).



Mapa 3 – Modelo de carta toponímica apresentado por Oliveira (2002)

Ainda com relação a modelos de cartas apresentadas para a cartografia dos dados do ATEPAR, no encerramento do Projeto, o Prof. João Antonio Leite Ramos, membro da equipe de pesquisa, elaborou um modelo de carta, organizado a partir das informações disponíveis no banco de dados do Projeto ATEPAR/UEL, a seguir reproduzido.

PROJETO ATEPAR - Universidade Estadual e Londrina
Microrregião de Jaguariaíva
Fitotopônimos



Mapa 4 – Carta toponímica – fitotopônimos – microrregião de Jaguariaíva⁸⁹

⁸⁹ Produto de caráter inédito – integra o Relatório Final do Projeto ATEPAR (2003). Não constam no Relatório os critérios que orientaram a elaboração dessa carta.

3.1.3 Mato Grosso do Sul

O Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul, em desenvolvimento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a coordenação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, na sua primeira etapa (2002-2006), segundo Isquerdo (2008, p.58), recolheu e analisou os dados dos municípios sul-mato-grossenses, por meio da produção de 06 dissertações de Mestrado, produzidas e defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, do *Campus* de Três Lagoas/UFMS (SCHNEIDER 2002; DARGEL, 2003; TAVARES, 2004; GONSALVES, 2004; TAVARES, 2005 e SOUZA, 2006). Vale registrar que, segundo Isquerdo (2008, p.58), essas pesquisas seguiram os mesmos procedimentos teórico-metodológicos, no que diz respeito à fonte primária dos dados (folhas cartográficas do IBGE e/ou do Exército Brasileiro, na escala 1:250.000) e ao modelo de classificação taxionômica dos designativos de lugares (DICK, 1992).

Dentre esses trabalhos acadêmicos, 02 apresentaram propostas de cartografia de dados (DARGEL, 2003; TAVARES, 2005), cujos resultados serão a seguir retomados.

A Dissertação de Mestrado – *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense*, de Dargel (2003)⁹⁰, por exemplo, contém a primeira proposta de cartografia da toponímia sul-mato-grossense, pautando-se na teoria de Dick (1996).

Dargel (2003, p.170-171) apresentou, como parte de sua dissertação, um esboço de atlas contendo 54 cartas toponímicas relativas aos 11 municípios que integram a região do Bolsão sul-mato-grossense. Segundo a autora, a sua proposta de carta toponímica assemelha-se ao modelo de Dick (1996), apresentando “uma carta toponímica para cada taxa sugerida por Dick e a separação dos municípios por cores”, diferenciando-se quanto à base cartográfica – a proposta de Dargel (2003) identifica o acidente por meio de coordenadas geográficas.

Assim, um dos modelos de carta mostra que os sintagmas toponímicos pertencentes ao município de Água Clara foram representados

⁹⁰ Dissertação orientada pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo (UFMS).

cartograficamente no local exato do acidente geográfico e, ao lado, indicada a informação toponímica pertinente: a Carta VII registra a taxa toponímica na qual se enquadra o topônimo; a Carta VIII, os estratos linguísticos e a Carta IX, a estrutura morfológica (DARGEL, 2003, p.180). A seguir reproduzimos esse modelo:

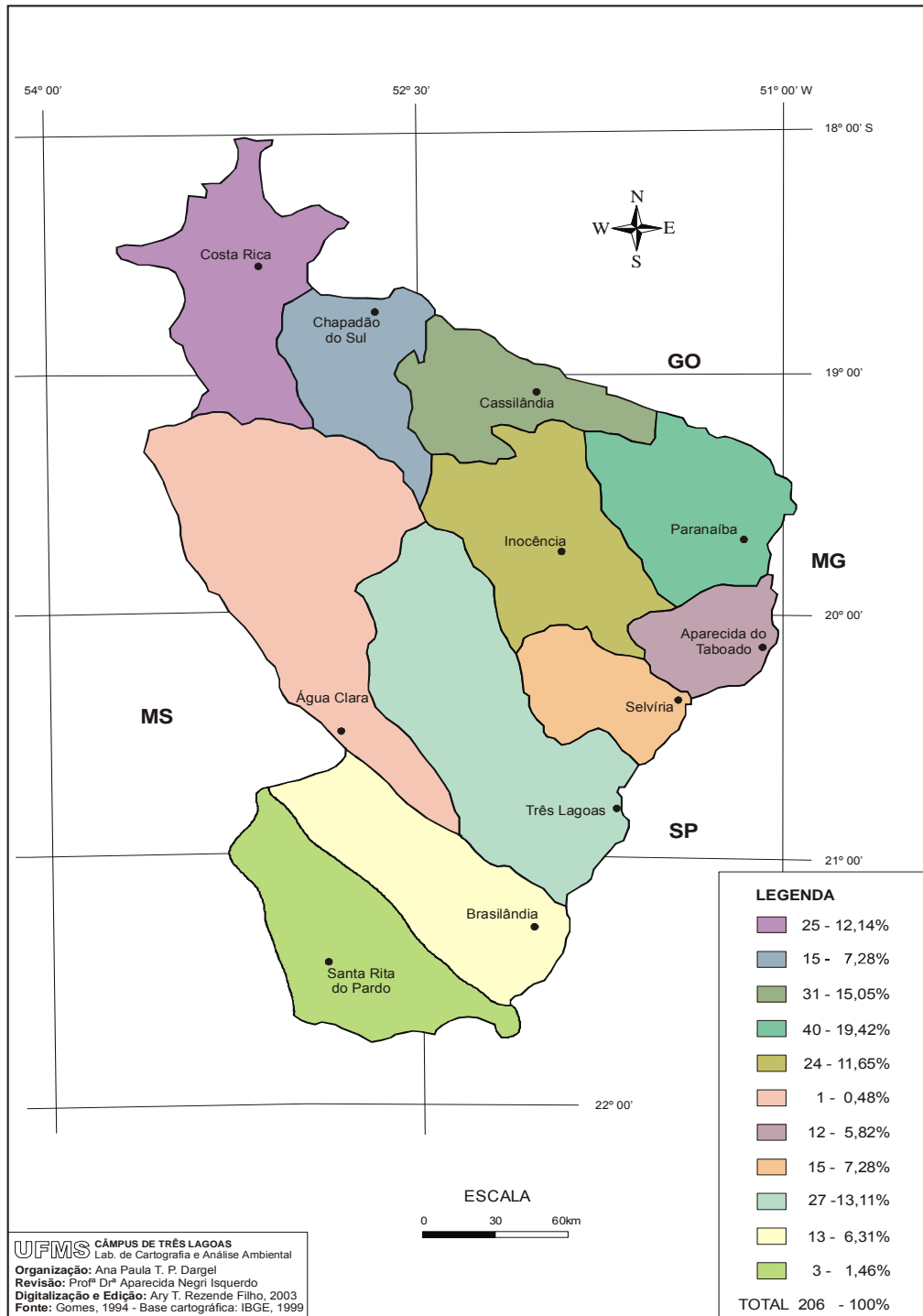


Mapa 5 – As categorias toponímicas de Água Clara – Mato Grosso do Sul

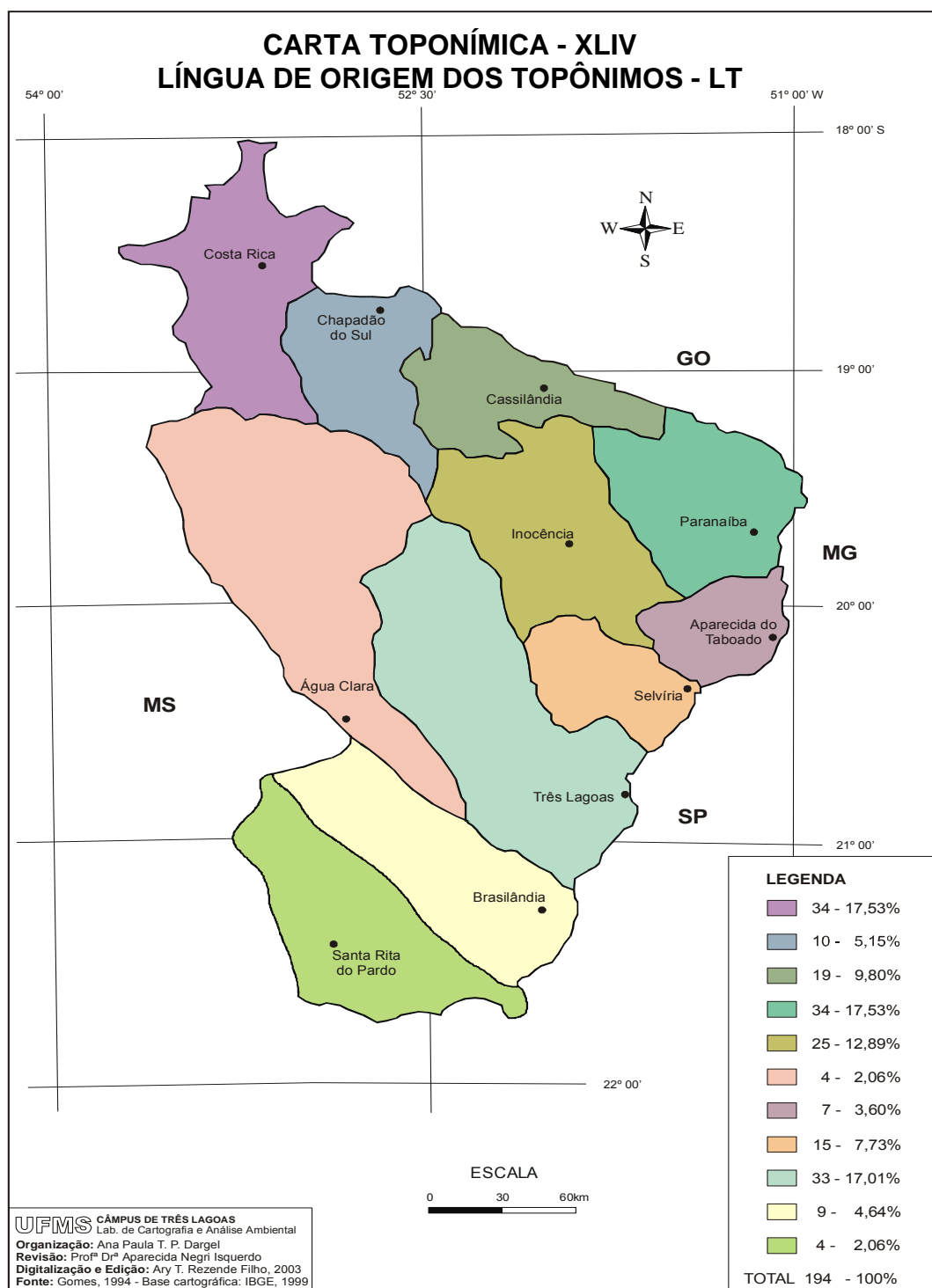
A proposta de Dargel (2003, p.183-224) incluiu ainda uma carta para o total de topônimos em cada um dos municípios estudados (Carta X); uma carta que representa os fitotopônimos no conjunto geral dos dados (Carta XXVI); uma carta para a língua de origem dos topônimos (Carta XLIV), com a estrutura

morfológica dos topônimos (Carta LII). A seguir, reproduzimos as cartas XXVI e XLIV, respectivamente:

CARTA TOPONÍMICA - XXVI FITOTOPÔNIMOS



Mapa 6 – Fitotopônimos – Bolsão sul-mato-grossense



Mapa 7 –Língua de origem dos topônimos – Bolsão sul-mato-grossense – Língua Tupi

Parte das cartas propostas por Dargel (2003) segue o modelo de Dick (1996a), à medida que apresenta uma carta toponímica para cada taxa sugerida pela toponimista, identificando os municípios por cores. Outras se diferenciam do modelo citado quanto à base cartográfica, pois as sugeridas por Dargel “representam uma tentativa de facilitar a identificação dos acidentes por meio

de coordenadas geográficas, que podem ser colhidas por GPS ou por intermédio de carta oficial do IBGE ou do Exército Brasileiro” (DARGEL, 2003, p. 170-171).

Outro recurso utilizado nas cartas apresentadas por essa autora, a partir da teoria de Dick (1996a, p.33-41), é a não marcação cromática do município que apresentou ocorrência zero do dado mapeado, facilitando, assim, a leitura da não ocorrência de topônimos da taxionomia toponímica em questão ou de algum topônimo representado na carta. Cada município foi codificado com uma cor distinta. Além das cartas que seguiram a orientação teórica de Dick (1996a), Dargel apresentou outros modelos que surgiram da necessidade de mapear particularidades do universo pesquisado como, por exemplo, a Carta Toponímica II, que contém os caminhos dos sertanistas pelas águas, mais especificamente, o roteiro que os bandeirantes percorriam, no Bolsão, através dos rios, entre outras.

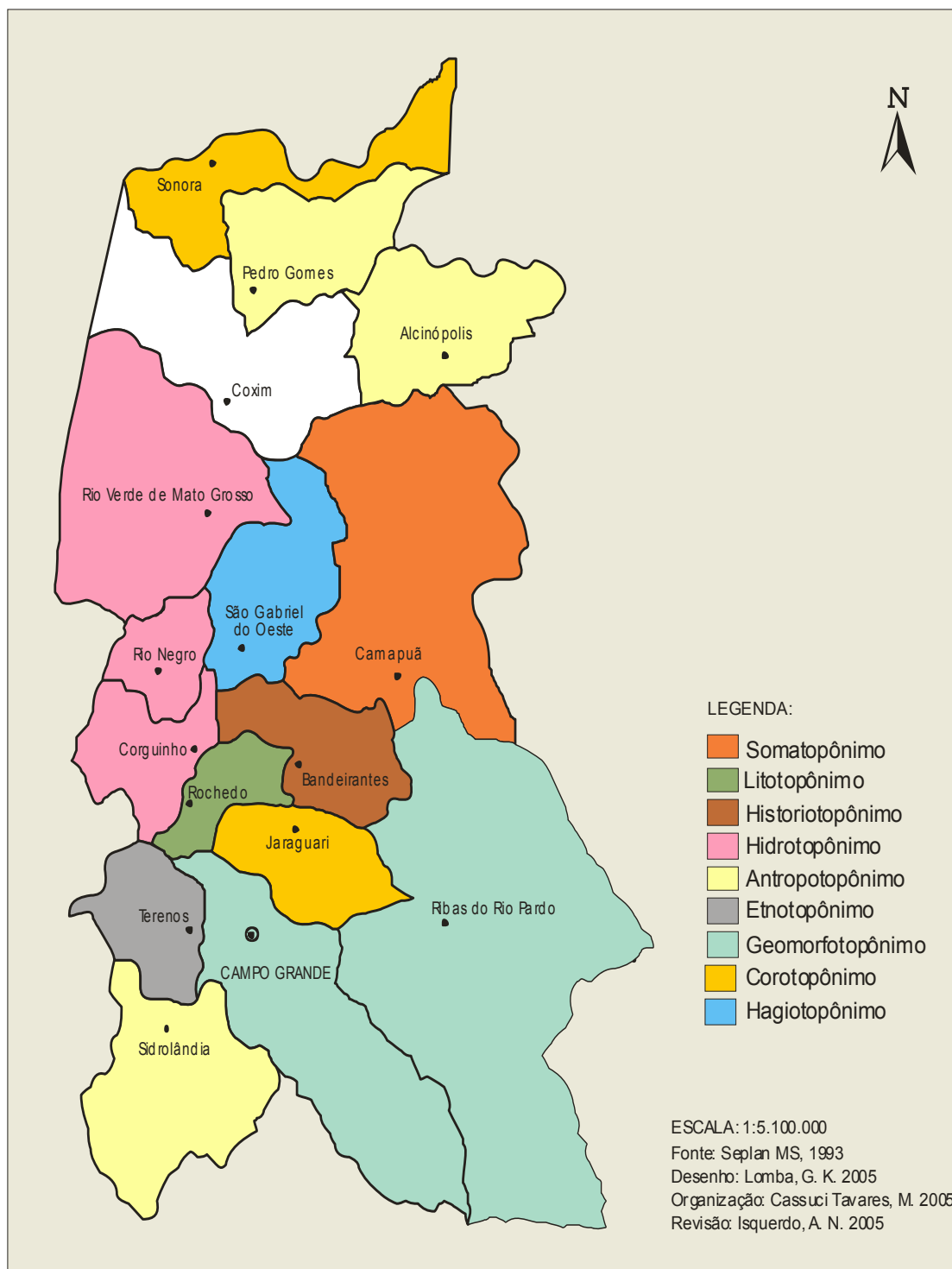
Outra proposta de cartografia para a toponímia sul-mato-grossense, vinculada ao Projeto ATEMS, foi a apresentada por Tavares (2005), na Dissertação de Mestrado – *Estudo toponímico da região Centro-norte do Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*, também defendida na UFMS⁹¹. A autora utiliza como parâmetro as orientações teóricas de Dick (1996) e ratifica, em alguns aspectos, a proposta de Dargel (2003). Tavares (2005, p. 190) argumenta que as suas cartas assemelham-se às de Dargel em dois aspectos:

Foi deixado em branco, nas cartas, o município cujos topônimos ainda não foram classificados em termos taxionômicos e codificamos a identificação de cada município com uma cor; apresentamos a quantificação dos topônimos tanto em valores numéricos como em percentuais, com a diferença de organizarmos em ordem decrescente os dados da legenda.

Já a diferença entre as cartas de Dargel e as de Tavares está no fato de esta última pesquisadora não ter detalhado as coordenadas geográficas das cartas. A seguir, reproduzimos as cartas I e II de Tavares (2005), respectivamente:

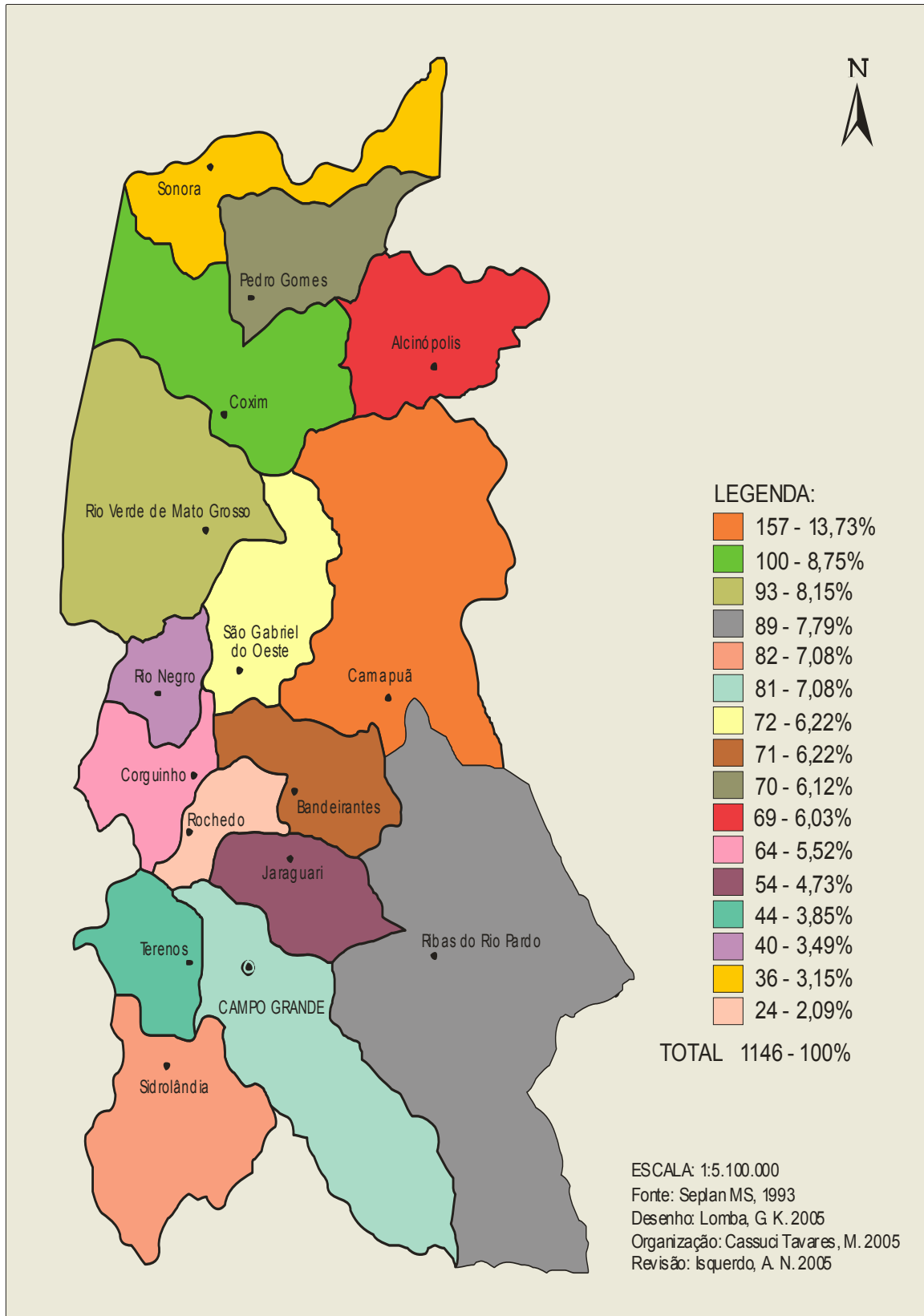
⁹¹ Dissertação orientada pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo (UFMS).

Carta Toponímica I - Classificação taxionômica dos nomes dos municípios



Mapa 8 – Classificação taxionômica dos nomes de municípios da mesorregião Centro-Norte do Mato Grosso do Sul

Carta Toponímica II - Quantificação geral dos topônimos dos acidentes físicos e humanos por município



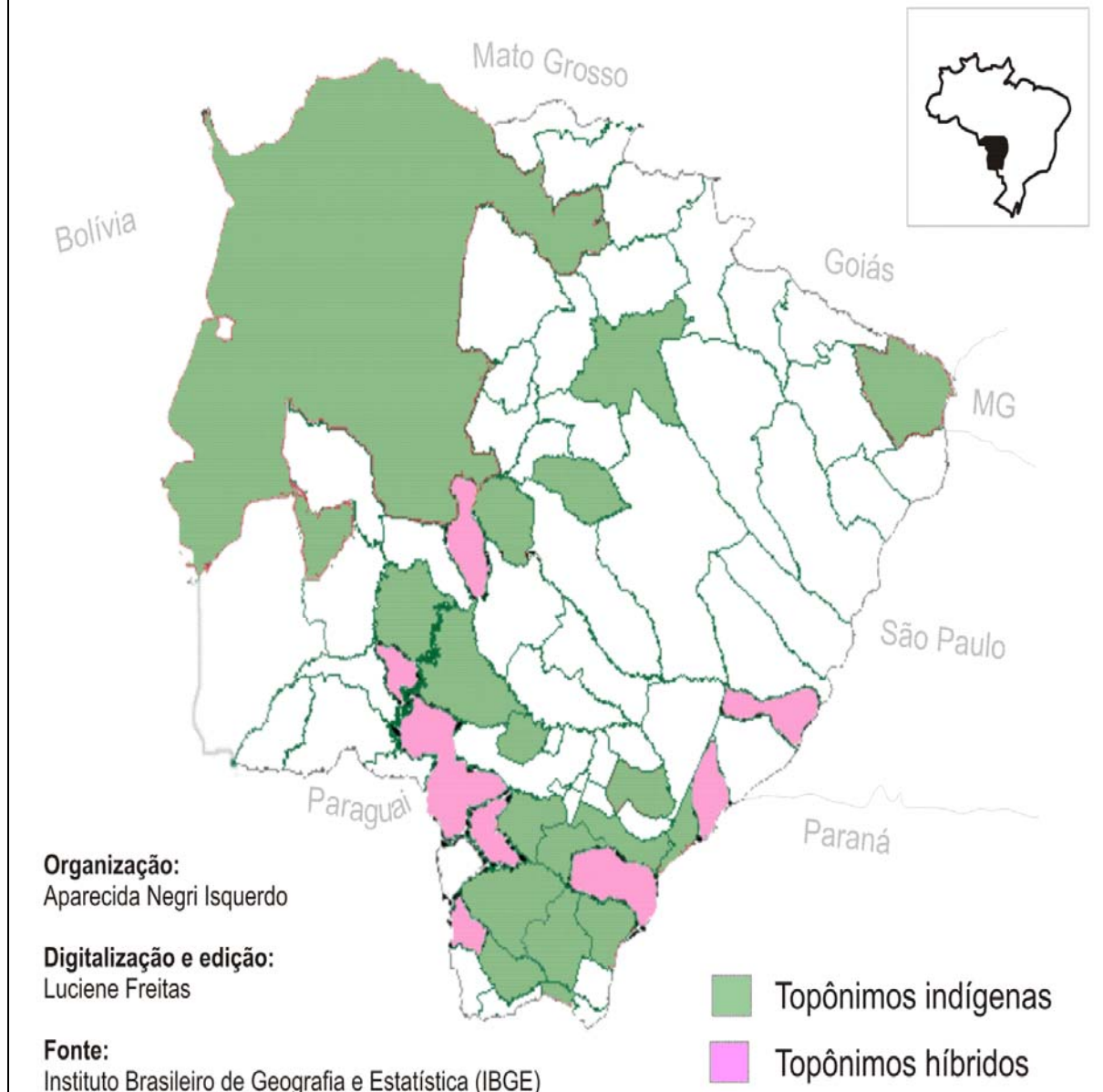
Mapa 9 – Quantificação dos topônimos dos acidentes físicos e humanos por município da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Já a segunda etapa do Projeto ATEMS configura-se, a partir de 2008, como um Projeto interinstitucional, sediado na UFMS, que congrega pesquisadores de outras Instituições de Ensino Superior (UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e UNIDERP – Universidade Anhanguera), desenvolvido com apoio financeiro da FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Ensino, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul. Nessa fase, o Projeto ATEMS, além de ampliar a base de dados com três produtos finais:

a organização de uma base de dados informatizada sobre a toponímia sul-mato-grossense, contendo informações detalhadas acerca de cada topônimo estudado (etimologia, estrutura morfológica, classificação taxionômica, histórico do topônimo, informações enciclopédicas sobre o nome, dentre outros); ii) a construção do Atlas toponímico que visualizará dados relativos aos topônimos que nomeiam acidentes humanos (municípios, vilas, distritos, povoados, bairros rurais...) e físicos (rios, lagoas, corixos, serras...), localizados nos diferentes municípios do Estado; e, iii) construção do dicionário de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul (ISQUERDO, 2008, p.58).

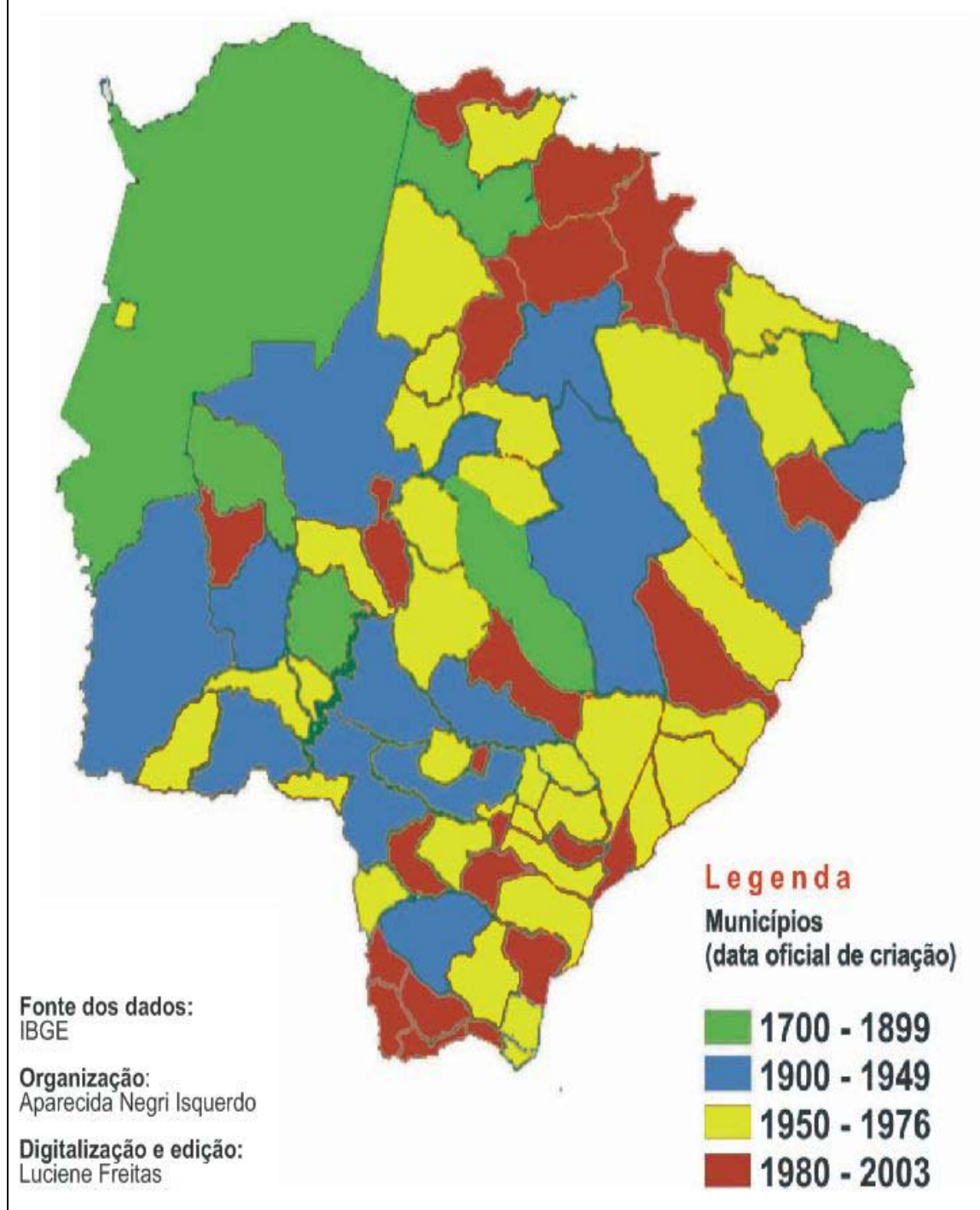
Embora o Projeto ATEMS ainda esteja em execução (na fase de revisão e discussão sobre a cartografia dos dados), alguns dados iniciais do Projeto, relativos à macrotoponímia já vêm sendo mapeados, como os apresentados, a seguir.

Nomes dos municípios sul-mato-grossenses: presença de estratos indígenas



Mapa 10 – Nomes dos municípios sul-mato-grossenses: estratos indígenas

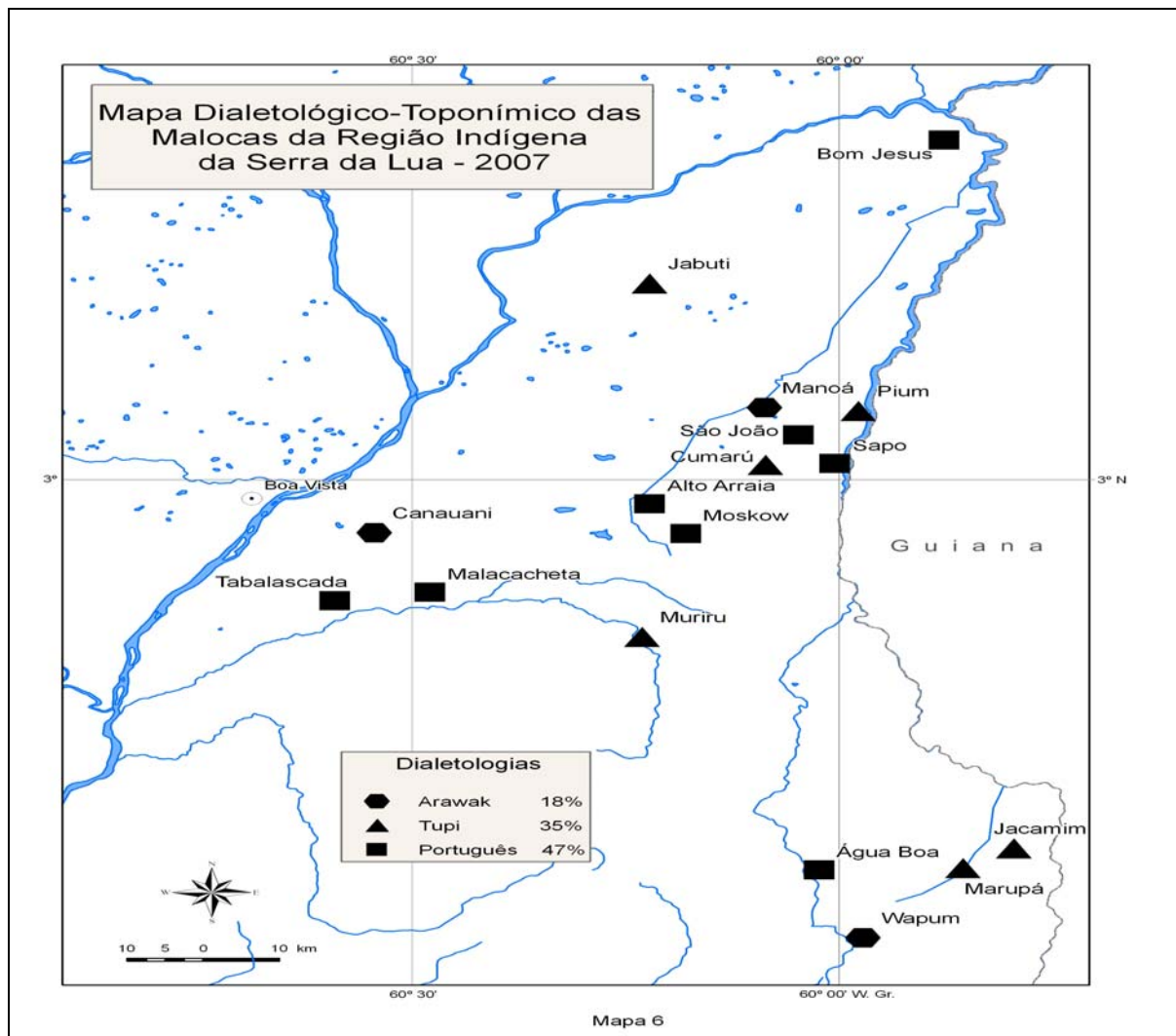
Municípios de Mato Grosso do Sul - Ano de Fundação



Mapa 11 – Ano de fundação: municípios de Mato Grosso do Sul

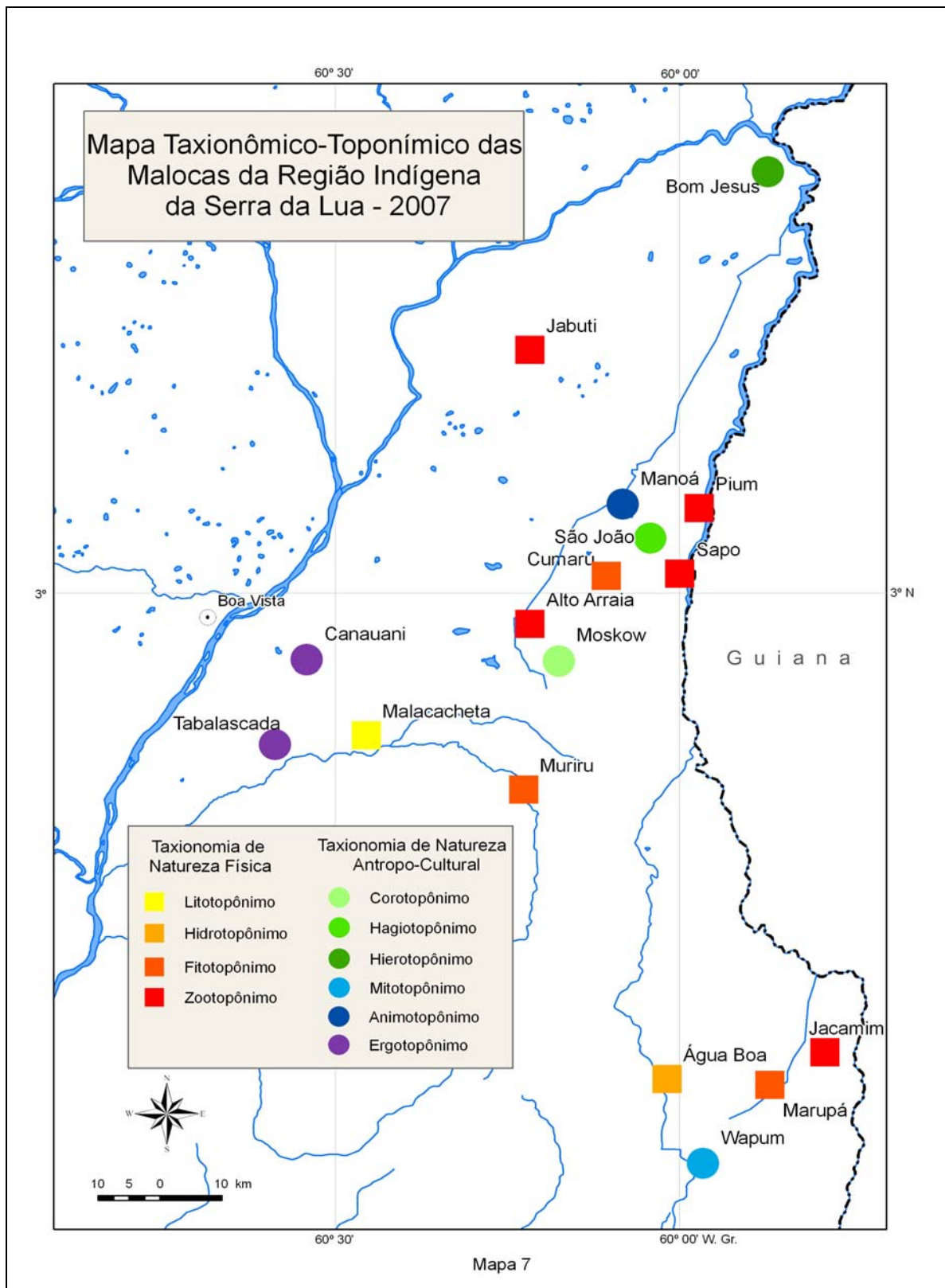
3.1.4 Roraima

Outra proposta para a cartografia de dados toponímicos foi apresentada por Carneiro (2007), em sua Dissertação de Mestrado *A morada dos Wapixana: Atlas Toponímico da região indígena da Serra da Lua – RR*⁹². Segundo Carneiro (2007), a morada dos Wapixana (Arawak) são os campos do nordeste de Roraima e, em sua porção sudeste, se encontra a região indígena da Serra da Lua, composta de 17 malocas indígenas com 5.000 Wapixana. O autor apresentou como resultado de sua pesquisa mapas dialetológicos e taxionômicos, como os representados a seguir:



Mapa 12 – Mapa Dialetológico-toponímico das malocas – Serra da Lua – Roraima

⁹² Dissertação orientada Pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, na Universidade de São Paulo (USP).



Mapa 13 – Mapa Taxionômico-toponímico das malocas – Serra da Lua – Roraima

3.1.5 Bahia

Ramos (2008) também incluiu como parte da sua Tese de Doutorado, *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças*⁹³, o Atlas Toponímico-Histórico dos Municípios Baianos (ATHMB), apresentado como volume 2 da Tese, editado em documento eletrônico do *software Word for Windows*, versão 2003. Esse atlas contém 35 cartas, assim distribuídas: 8 cartas introdutórias; 23 cartas toponímicas e 4 cartas complementares. A pesquisa estudou os topônimos de todos os municípios do Estado da Bahia, analisados em 05 diferentes sincronias (1827, 1890, 1940, 1970 e 2000) e também numa perspectiva diacrônica.

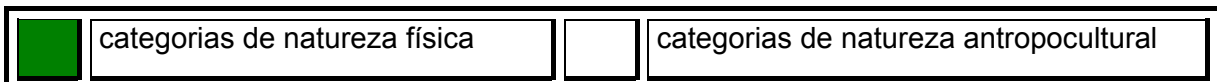
Selecionamos para representar o modelo sugerido por Ramos as cartas pertencentes às sincronias de 1827 (Carta 10) e 2000 (Carta 28) – a mais antiga e a atual, respectivamente –, que mapearam as categorias toponímicas gerais:

⁹³ Tese orientada pela Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Carta 10 – Categorias Toponímicas Gerais no Estado da Bahia em 1827

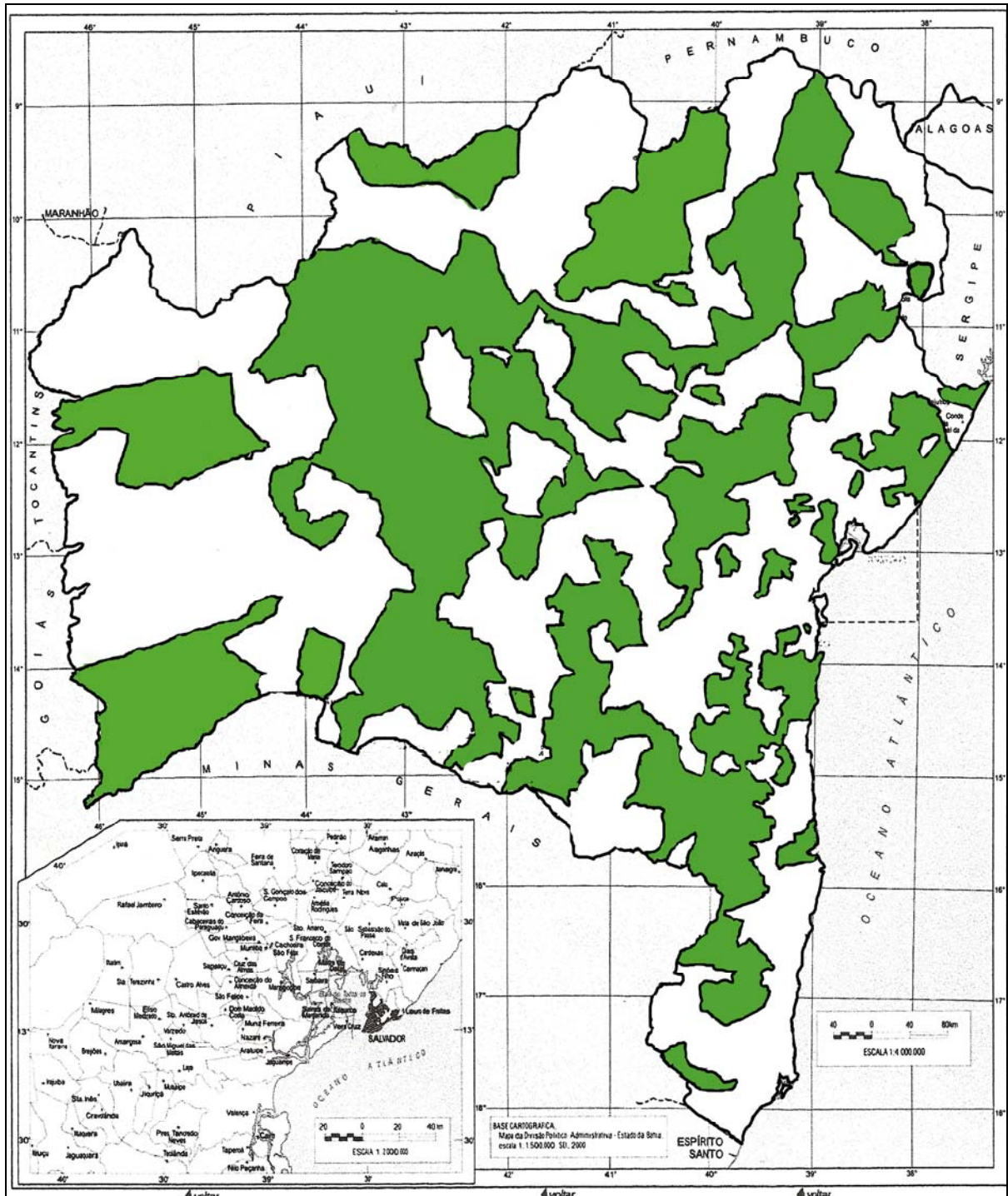


Legenda:

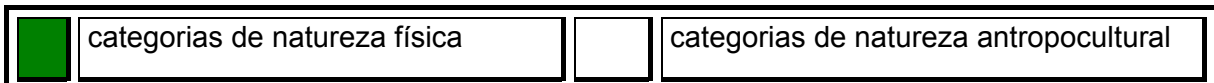


Mapa 14 – Categorias toponímicas gerais – 1827– Bahia

Carta 28 – Categorias Toponímicas Gerais no Estado da Bahia em 2000



Legenda:



Mapa 15 – Categorias toponímicas gerais – 2000 – Bahia

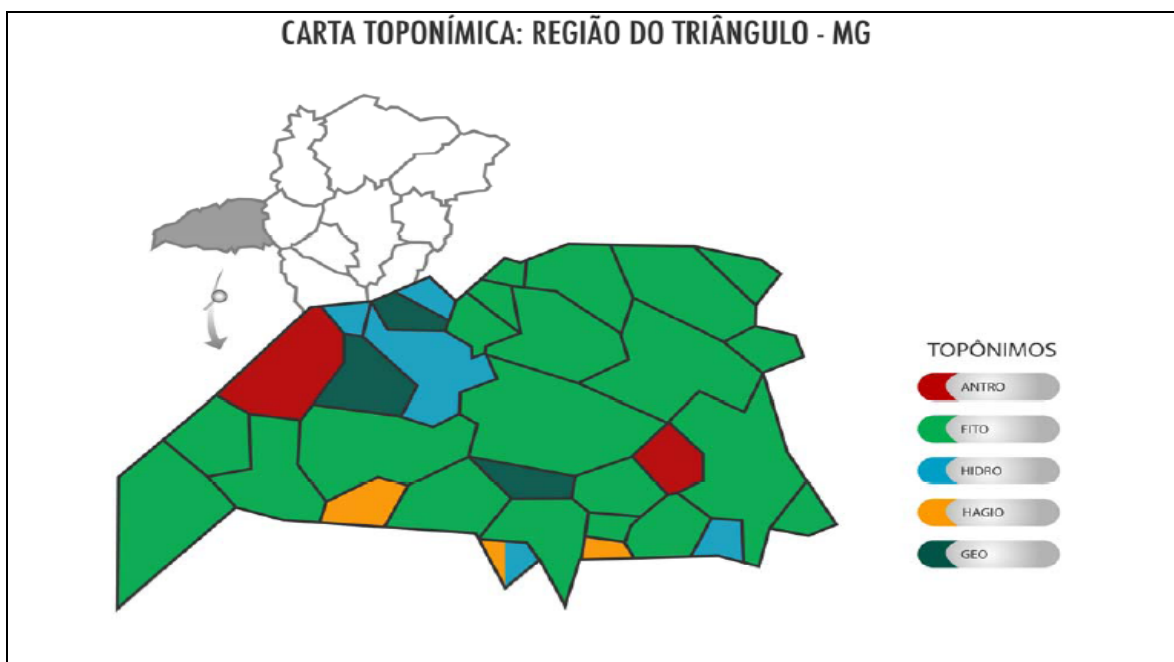
3.1.6 Minas Gerais

Em Minas Gerais, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, desenvolve, desde 2005, o Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas – ATEMIG. Esse Projeto caracteriza-se como um estudo dos nomes de lugares que abrange todo o território mineiro, tendo como objetivos básicos: i) reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros; ii) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração) e iii) buscar a influência das línguas em contato no território. Como variante regional, o projeto adota a mesma metodologia do Projeto ATB: i) o “método das áreas” utilizado por Dauzat (1926) que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão e ii) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990).

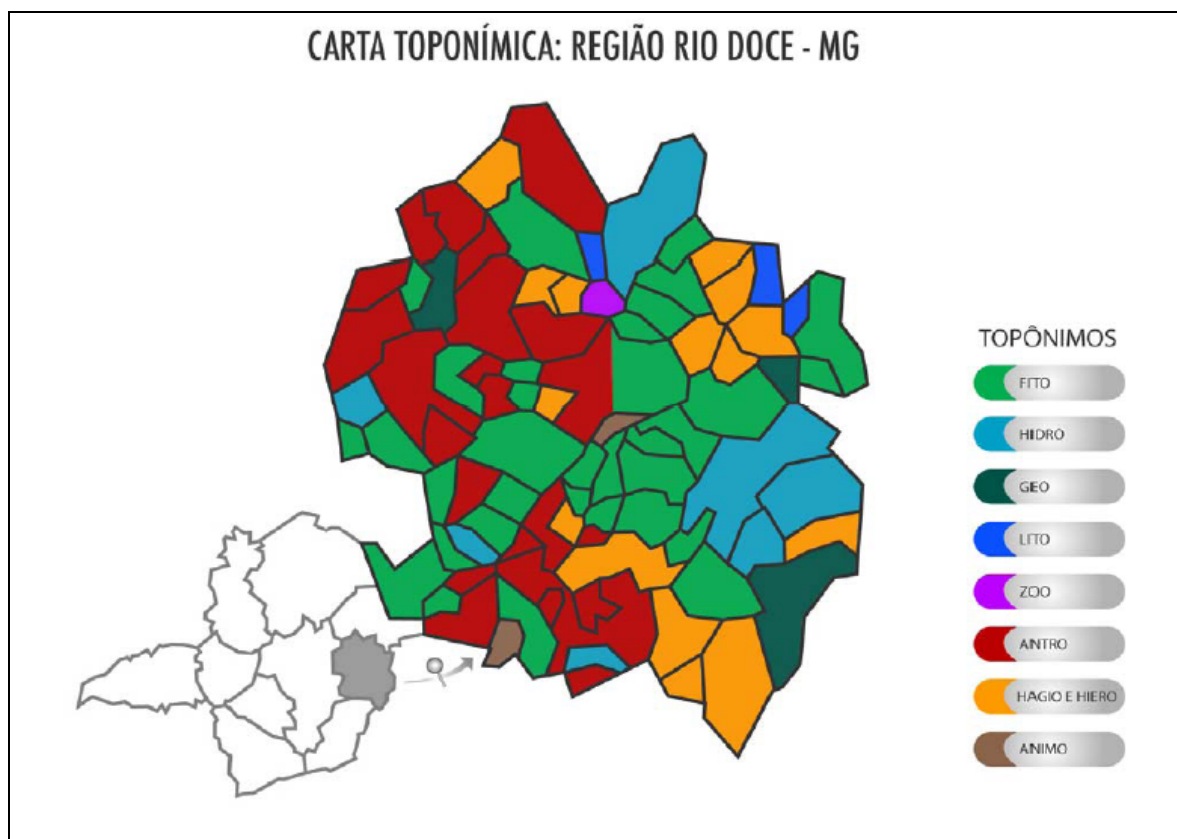
O projeto está realizando o detalhamento da realidade toponímica mineira, com vistas a identificar as características denominativas dos acidentes geográficos de todos os municípios do estado de Minas Gerais. Para tanto, está levantando todos os nomes de povoados, rios e acidentes geográficos documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1:50.000 a 1:100.000. Os topônimos coletados são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por Dick (2004), para posterior análise e classificação. Essas fichas constituem uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura (SEABRA, 2008, p.229-236).

No Projeto ATEMIG já foram apresentados alguns esboços de cartas para 03 regiões do estado de Minas Gerais, dentre as 10 que compõem a divisão de macrorregiões. As cartas foram elaboradas a partir da metodologia sugerida pela coordenação do ATB: o “método das áreas” utilizado por DAUZAT (1926) e a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por DICK (1990). Escolhemos para representar o modelo sugerido por Seabra (2008, p.229-236) as

cartas da região do Triângulo Mineiro e da região Rio Doce, apresentadas a seguir:



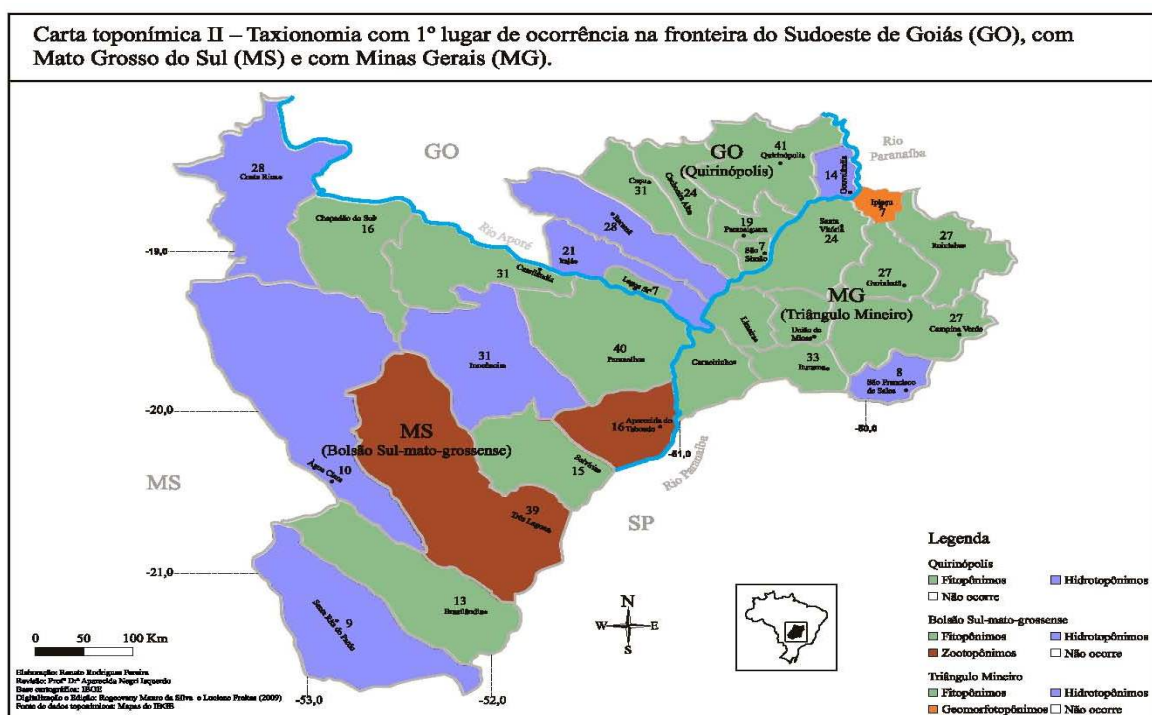
Mapa 16 – Carta toponímica – região do Triângulo Mineiro – Minas Gerais



Mapa 17 – Carta toponímica – região do Rio Doce – Minas Gerais

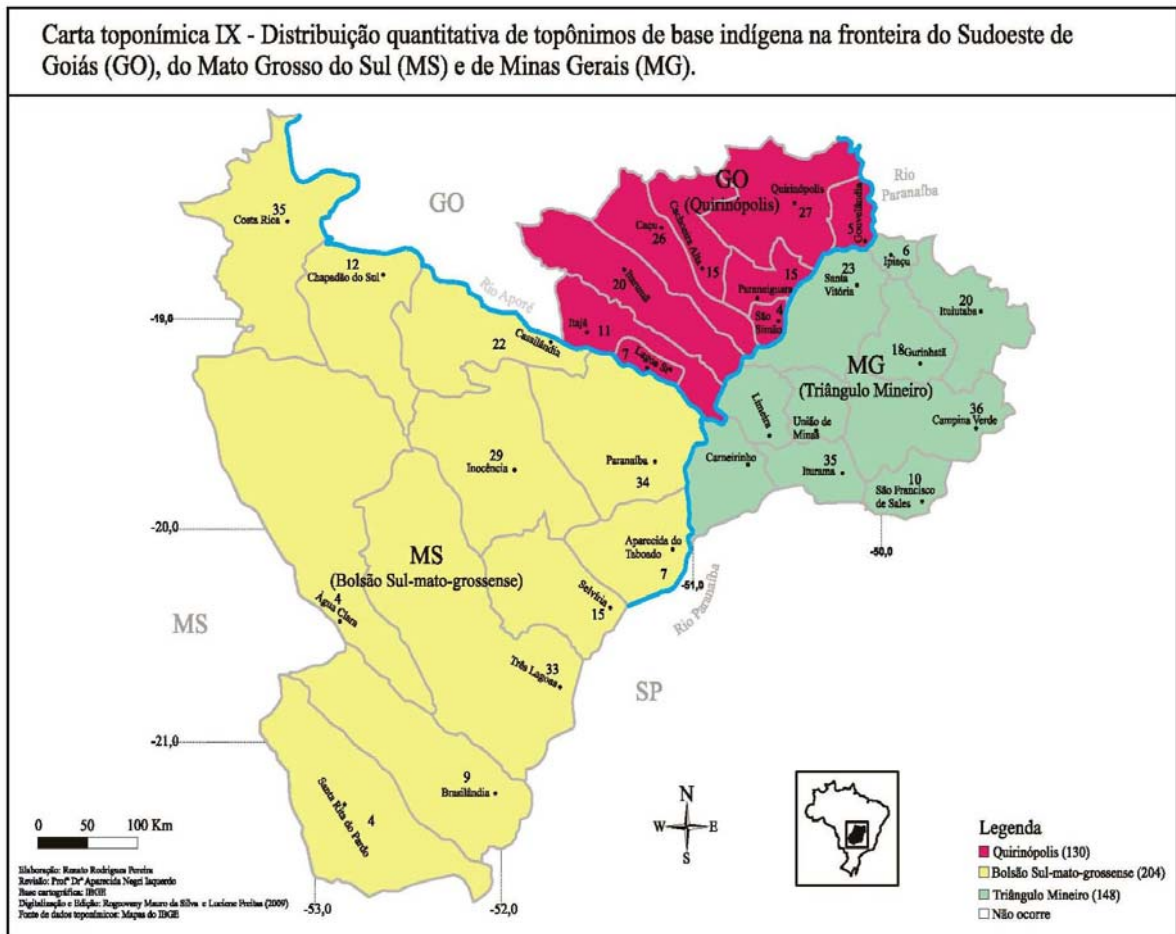
3.1.7 Goiás

A cartografiação de dados toponímicos também foi objeto da pesquisa de Pereira (2009), em sua Dissertação de Mestrado *A Toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano*⁹⁴. A pesquisa analisou os nomes dos acidentes físicos da microrregião de Quirinópolis – Goiás, além de ter realizado um estudo comparativo entre os topônimos dessa microrregião, os da região do Bolsão Sul-mato-grossense (DARGEL, 2003) e os de 11 municípios do Triângulo Mineiro (Projeto ATEMIG). O estudo comparativo da toponímia da região de fronteira entre Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais buscou identificar possíveis isoglossas toponímicas nessas áreas de fronteira. A proposta de cartografiação se compõe de 11 cartas toponímicas, das quais selecionamos as duas apresentadas na sequência:



Mapa 18 – Carta toponímica – taxionomia com 1º lugar de ocorrência na fronteira de Goiás com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais

⁹⁴Dissertação vinculada ao Projeto ATEMS, defendida no Programa de Mestrado Estudos de Linguagens, do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS)/UFMS, orientada pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.



Mapa 19 – Carta toponímica – distribuição quantitativa de topônimos de base indígena na fronteira de Goiás com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais

Enfim, os trabalhos a que tivemos acesso com propostas de cartografia, apresentados neste capítulo, reforçam a necessidade de parâmetros específicos que orientem a cartografia de dados toponímicos, em termos de microtoponímia, sobretudo, para aqueles municípios que concentram quantidades expressivas de topônimos. Espera-se que as propostas aqui apresentadas para toponímia paranaense possam somar às já existentes e, depois de lapidadas em aspectos que se fizerem necessários, possam servir de parâmetro para cartografia de outros dados toponímicos.

No capítulo anterior, abordamos os princípios teóricos da Toponímia (o signo toponímico – o topônimo) e da Cartografia, enquanto neste retomamos dados de projetos de variantes regionais e algumas propostas de cartografia apresentadas até a atualidade. A próxima seção está destinada aos procedimentos metodológicos que orientaram esta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se baseia nos princípios teórico-metodológicos da Toponímia, um dos ramos da Onomástica, disciplina de caráter abrangente que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoa e de lugar (DICK, 1990b, p.10).

Partimos do princípio de que por meio da investigação do signo toponímico – levantamento, classificação, análise e cartografiação – é possível recuperar características sócio-histórico-culturais e/ou físico-geográficos que, possivelmente, motivaram o denominador no ato batismo de um determinado espaço geográfico. Além disso, possibilita identificar estratos linguísticos de outros grupos étnicos que se perpetuaram na toponímia.

Para tanto, seguimos as recomendações de Dick (1999, p.132), para a *práxis* toponímica:

recomendamos que se realize, de antemão, um diagnóstico pontual da área de estudo, levantando os seus característicos e traços semióticos: morfologia urbana, com o sistema de circulação viária, ruas, avenidas e marcos principais, aspectos demográficos, movimento da população em termos de camadas étnicas recorrentes, aspectos físicos gerais, incluindo os recortes geomorfológicos e hidrográficos, condições econômicas da região, fauna, flora, regime climático, sistema de chuvas. Todos esses fatores mencionados significam verdadeiros índices que poderão se verbalizar em formas denominativas.

4.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO INVESTIGADO

O espaço geográfico paranaense foi atravessado, desde o início do século XVI, por exploradores europeus, de norte a sul e de leste a oeste, tendo sempre como ponto de partida o litoral paranaense. Particularmente, a ocupação européia aconteceu por duas vias: uma espanhola e a outra portuguesa.

A ocupação espanhola aconteceu quando, ao final do século XV, Portugal e Espanha celebraram o Tratado de Tordesilhas (1494), acordo em que a

maior parte das terras brasileiras ficou sob jurisdição espanhola. Na segunda metade do século XVI, Domingos Martinez de Irala, eleito governador de Assunção, fundou vilas na região do Guairá, a fim de catequizar a população indígena; deter as contínuas penetrações portuguesas e também visando a conseguir uma passagem para Assunção no Atlântico.

Segundo Wachowicz (2001, p.29-42), em 1541, Alvarez Nuñez Cabeza de Vaca, partindo da Ilha de Santa Catarina em direção a Assunção seguiu por terra em direção a oeste (atravessou o rio Iguazu, depois o Tibagi, chegando ao rio Paraná), tomando posse simbólica de todo o território percorrido em nome da Espanha. Os espanhóis fundaram em 1554 a primeira povoação, próxima a Sete Quedas, denominada Ontiveros. Esse povoado foi transferido em 1557 para a foz do rio Piquiri, com o nome de Ciudad Real de Guairá. Em 1579, foi fundada, na confluência dos rios Corumbataí e Ivaí, a cidade de Vila Rica do Espírito Santo.

Já a ocupação do território paranaense pelos portugueses ocorreu a partir da doação feita por D. João III (1521-1557), das Capitânicas Hereditárias, de São Vicente a Martim Afonso de Souza e a de Santo Amaro a Pero Lopes de Souza. A notícia do descobrimento de ouro nos rios da baía de Paranaguá motivou um grande número de habitantes vindos de Cananéia, São Vicente, Santos e São Paulo. Entre eles estava Gabriel de Lara a quem coube, em 1648, a instituição da Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. A mineração foi o primeiro ciclo econômico paranaense e teve como efeitos o povoamento do litoral; o surgimento de Paranaguá; o desbravamento e colonização do primeiro planalto, além da fundação de Curitiba (LAZIER, 2003, p.41- 42).

Como a produção do ouro no território paranaense não obteve sucesso, instalou-se na região uma economia complementar à atividade mineradora de outros centros produtores: a pecuária. A frustração em relação à exploração do ouro, ocorrida no primeiro planalto paranaense por parte dos pioneiros da ocupação do território, promoveu a criação do gado como alternativa de sobrevivência e sua posterior expansão para a região do segundo planalto, denominado de "Campos Gerais", com a pecuária extensiva. O marco da integração desses espaços campestres na economia colonial foi o estabelecimento da rota que conduzia o gado proveniente do sul rumo à Feira de Sorocaba em São Paulo, onde se realizava o comércio do gado.

Barthelmess (1962, p.46) pondera que quase todas as cidades e

vilas do Paraná Velho (constituído pela sociedade campeira) nasceram sob o impulso da economia pastoril, quer como centros de convergência local da atividade social de um grupo de fazendas próximas, quer como estações de pouso das tropas e de rebanhos procedentes das pastagens gaúchas ou formadas no próprio Paraná, que se dirigiam para o mercado paulista ou mineiro. Esses núcleos urbanos surgidos na época do tropeirismo são representados hoje pelas cidades de Rio Negro, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva, dentre outras.

Conforme Silveira (1998, p.131), com o esgotamento e o declínio da pecuária extensiva, foram buscadas novas alternativas econômicas. Assim, sendo as áreas tradicionais de ocupação, ricas em mata nativa de araucárias, a exploração da madeira e da erva-mate (presente na mata nativa) foi a saída encontrada. Entre o final do século XIX e início do século XX, a erva-mate e a madeira passam a representar importantes fontes de divisas no Paraná. A exploração da erva-mate em caráter comercial alcançou seu pico por volta de 1925 e, nesse período, o povoamento se concentrou em torno das cidades antigas, especialmente a leste do Estado.

As cidades surgidas durante o ciclo do mate, para Barthelme (1962, p.52), tiveram sua vida econômica repentinamente estagnada, quando, na década de 1930, a produção crescente desse tipo de erva na Argentina abalou os alicerces do mercado ervateiro. Na nomenclatura dos municípios paranaenses, apenas o município de Congonhinhas⁹⁵ remete a essa atividade econômica.

Já a exploração da madeira ganhou impulso a partir de meados da década de 1940, associada à conjuntura favorável criada a partir da 1ª Guerra Mundial, que dificultou a importação da madeira européia, o que acabou por valorizar também a produção da madeira paranaense. Essa atividade econômica reorganizou o referido espaço regional paranaense, absorvendo a mão-de-obra excedente da exploração da erva-mate.

Por sua vez, a ocupação do norte paranaense, conforme Silveira (1998, p.133), foi um fenômeno oriundo da expansão da fronteira agrícola do café paulista. Teve início de forma branda no final do século XIX, ocupando

⁹⁵ A denominação de Congonhinhas foi devida à abundância da planta conhecida por esse nome, existente na localidade. É o diminutivo de congonhas, por ser de porte e folhas menores, e que, segundo a tradição, era muito empregada como erva-mate, principalmente para o chimarrão dos primitivos habitantes. Disponível em: http://www.paranacidade.org.br/municipios/municipios.php?id_municipio=81. Acesso: 27 jun. 2009.

primeiramente a região de Jacarezinho, Santo Antônio da Platina, Wenceslau Braz e São José da Boa Vista. Todavia, essa ocupação só tomou grande impulso a partir de 1920, em decorrência do rápido aumento do preço do café no mercado internacional a partir da 1ª Guerra Mundial.

A última fase de ocupação do Estado, que corresponde ao Paraná do sudoeste e oeste, deu-se em meados da década de 1950, com criadores de suínos e plantadores de cereais oriundos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

De modo geral, essas fases da economia paranaense não se sucederam uma suprimindo a outra, nem resultaram num processo de povoamento irregular, no qual parcelas do território foram sendo ocupadas, segundo as motivações de exploração econômica do momento.

A associação que comumente se estabelece entre o sistema de povoamento e os ciclos econômicos paranaenses decorre do avanço populacional ter sido sempre movido pelo interesse econômico e ter obedecido a uma lógica leste-oeste, resultado do processo de ocupação e colonização a partir do litoral. A esse respeito, Fajardo (2006, p.97) esclarece que “não se trata de uma regionalização administrativa oficial, mas de um recorte definido pela espacialidade do processo histórico de povoamento e ocupação econômica do território”. Sem dúvida, as condições do meio físico paranaense influíram no seu povoamento, na fixação humana em suas terras e no aproveitamento de suas reais possibilidades econômicas, como se depreende das palavras de Westphalen (1957, p.53-54):

Dois aspectos típicos que configuram o Paraná como zona de trânsito - a encruzilhada do Peabiru sobre os Campos Gerais, e as andanças do gado pela estrada de Laguna através dos Campos Gerais. [...] zona de trânsito, encruzilhada, aqui no Paraná se entrecrocavam regionalismo e nacionalismo, [...] ao mesmo tempo em que guardamos as nossas peculiaridades regionais que nos fazem por vezes diferentes. [...] Situação de trânsito que nos fez portugueses, e não espanhóis, porque o trânsito português foi o mais intenso e o que deixou maiores raízes culturais.

É sabido que os primeiros núcleos de povoamento estabelecidos no litoral com a descoberta do ouro iniciaram não só a posse e transformação do território, mas também a atividade econômica. Ademais, na análise de topônimos a partir do litoral paranaense, percebemos a influência de povos indígenas e conseqüentemente de sua língua na toponímia da área em questão, sobretudo na nomeação dos acidentes físicos. O resgate não só da etimologia dessas

designações, mas também da história que envolve o próprio processo semântico gerador dos nomes, é imprescindível e inevitável para a recuperação de suas motivações. Neste sentido, Dauzat (1947, p.03) acerca da toponímia francesa, pondera que

Os nomes de lugares foram formados pela língua falada na região à época de sua criação e transformados segundo as leis fonéticas próprias nos idiomas que eventualmente puderam suplantar o idioma originário⁹⁶ (TN).

De acordo, pois, com essa linha de raciocínio, decidimos considerar a orientação do viés histórico-geográfico da ocupação do território paranaense no sentido leste – oeste, como critério para a delimitação da área de pesquisa: as Mesorregiões paranaenses – Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro⁹⁷.

O mapa, a seguir, demarca a área de estudo contemplada por esta pesquisa.

⁹⁶“Les noms de lieux ont été formés par la langue parlée dans la région à l’époque de leur création, et ils se sont transformés suivant les lois phonétiques propres aux idiomes qui, les cas échéant, ont pu supplanter tour à tour l’idiome originaire” (DAUZAT, 1947, p.03).

⁹⁷Considerando-se as características sociais e naturais de cada área, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dividiu geograficamente o Estado do Paraná em 10 mesorregiões administrativas: Noroeste, Centro-Occidental, Norte Central, Norte Pioneiro, Centro-Oriental, Oeste, Sudoeste, Centro-Sul, Sudeste e Metropolitana de Curitiba (IPARDES, 2004).



Mapa 20 – Localização das mesorregiões paranaenses em estudo

4.1.1 Metropolitana de Curitiba

A mesorregião Metropolitana de Curitiba distingue-se por uma nítida compartimentação de seu território, não só associada às suas características naturais, como também ao processo de apropriação e reprodução do espaço, materializado em uma urbanização fortemente concentrada em alguns pontos de seu território.

As características geomorfológicas, florísticas e faunísticas permitem identificar as sub-regiões fisiográficas dos planaltos, das serras e a Planície Litorânea. A diversidade ambiental dessa mesorregião compõe-se de uma gama de biomas, cuja influência transcende os limites estaduais.

A mesorregião é *habitat* de 68% da biodiversidade de mamíferos do Paraná, sendo a maioria das espécies dependente das florestas e das formações pioneiras, e, também, de 48% da avifauna do Estado. As baías costeiras são ecossistemas estuarinos de grande importância, com extensões expressivas de

manguezais. Essas áreas, porém, estão sob forte pressão de atividades pesqueiras, portuárias e turísticas⁹⁸.

4.1.2 Centro-Oriental Paranaense

A mesorregião Centro-Oriental integra uma vasta área do chamado “Paraná Tradicional”. A economia e a sociedade dessa faixa do território paranaense se organizaram fundamentalmente a partir de grandes fazendas que sustentaram os ciclos econômicos do tropeirismo, da erva-mate e da madeira, complementados por um setor de produção de subsistência, em pequenas áreas.

As atividades de caráter extrativo e a pecuária, que predominavam até recentemente a economia regional, gradativamente incorporaram inovações, consolidando uma produção agropecuária com alto grau de articulação com as agroindústrias instaladas na região e/ou com o mercado nacional e internacional. A grande marca que permanece desse processo de ocupação é o elevado nível de concentração da posse da terra.

A situação de entroncamento rodoferroviário, a proximidade com o porto de Paranaguá e a qualidade da malha viária estiveram na base da conformação do parque agroindustrial regional, assentado na indústria de papel e papelão, na produção de leite e derivados e no grupo agroquímico-moageiro, ancorado pelos segmentos de moagem de soja e produção de fertilizantes. Há que se ressaltar que a mesorregião Centro-Oriental apresenta fatores com forte potencial de desenvolvimento socialmente mais harmonioso.

A diversificação da matriz produtiva possibilita a maximização das vocações locais, bem como a abertura para a entrada de novos segmentos que possam ampliar ou complementar as cadeias existentes. Destaca-se, nesse sentido, o elevado potencial para o turismo, dado o importante patrimônio histórico-cultural, atrativos naturais peculiares em função do relevo contrastante e biomas diversificados, com ênfase ao *canyon* Guartelá e ao Parque Estadual de Vila Velha,

⁹⁸ Informações obtidas por meio de consulta aos estudos “Leituras Regionais: Mesorregiões do estado do Paraná”, publicado pelo I PARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004.

como sítios naturais de grande valor turístico, que individualiza essa região.

4.1.3 Norte Pioneiro

A mesorregião Norte Pioneiro foi ocupada a partir de meados do século XIX, como resultado da política imperial. O adensamento populacional da região só ocorreu a partir do início do século seguinte. A urbanização foi pouco concentradora, guardando marcas de uma ocupação caracterizada pela proliferação de núcleos urbanos. Em 2000, nenhum dos municípios apresentava população igual ou superior a 50 mil habitantes, nem exercia centralidade expressiva no âmbito da rede urbana do Estado. Ainda assim, no âmbito intra-regional, sobressaem os municípios de Cornélio Procópio, Jacarezinho e Santo Antonio da Platina. O intenso desmatamento ocorrido a partir da expansão cafeeira fez com que restassem, atualmente, apenas 5,3% da cobertura florestal original. Apesar de existirem várias unidades de conservação, a área total legalmente protegida é muito pequena, com risco para a manutenção do estoque da diversidade ainda existente.

Se durante a expansão cafeeira a região absorveu importante contingente populacional, fato que a colocava, em 1970, como uma das mesorregiões mais populosas do Estado, a crise dessa cultura, iniciada ainda nos anos 60, teve profundo impacto sobre a dinâmica demográfica regional. Em termos de infra-estrutura viária, a malha rodoviária da mesorregião articula-se a partir dos eixos de ligação com o norte central paranaense e São Paulo (BR-369), apresentando melhor condição de trafegabilidade, e de conexão com o sul do Estado, dando acesso à capital e ao Porto de Paranaguá.

Esta pesquisa centra-se, pois, no estudo linguístico dos topônimos de acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, serras, arroios, morros, etc...) e humanos (cidades e distritos) dos municípios pertencentes às mesorregiões paranaenses – Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, considerando-se os aspectos etnolinguísticos, históricos, geográficos e sociais.

Tendo em vista o exposto, este estudo objetivou, numa perspectiva mais ampla, o levantamento, a descrição e a análise dos topônimos paranaenses registrados nos mapas oficiais do IBGE, relativos aos 97 municípios localizados na

área relacionada, como também apresentar uma proposta de cartografia dos dados toponímicos por mesorregião e do município que, no computo geral, reúne a maior produtividade de topônimos.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Delimitado o universo de investigação, a fase seguinte da pesquisa foi centralizada na busca das fontes de dados, ou seja, na identificação e aquisição dos mapas municipais de onde seriam coletados os topônimos: mapas topográficos municipais ou cartas geográficas em escala compatível. Assim, tomando como referência princípios metodológicos da pesquisa toponímica, foram consultadas cartas nas escalas 1:50.000 e 1:100.000, as mais recomendadas, por apresentarem configurações mais minuciosas e próximas do traçado real do terreno.

As pesquisas toponímicas no Brasil, com raras exceções de alguns Estados, enfrenta a dificuldade de ausência de mapas atualizados nas escalas de 1:50.000 e 1:100.000. No caso do Paraná, esse caso não é diferente⁹⁹. Numa pesquisa ao site do IBGE, selecionamos o Mapa Municipal Estatístico – MME 2007 (“Mapa Digital em PDF”), o que se deu basicamente pela delimitação da área territorial de cada município e pelo fato de estarem mais atualizados do que as folhas impressas. Muito embora essa atualização tenha como foco orientar o trabalho dos pesquisadores do IBGE na coleta de dados censitários, fornece dados mais atualizados em termos da rede toponímica de cada município. Além disso, os mapas selecionados contêm outros elementos essenciais para o estudo toponímico, como: as convenções cartográficas e a nomenclatura dos acidentes geográficos; a divisão político-administrativa (distrito, subdistrito); a localização do município no mapeamento sistemático (fonte: mapa índice do Brasil - IBGE); a articulação das partes do mapa - localização no estado; as convenções temáticas (limites); os

⁹⁹ Os mapas utilizados em nossa dissertação de Mestrado (ZAMARIANO, 2006), gravados em CD-ROM, foram obtidos por intermédio do Sr. Izaias A. Pereira, funcionário da SEMA – Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná. Entretanto, os mapas não eram uniformes, intercomparáveis em termos cartográficos, ou seja, eram mapas elaborados com objetivos diversos. Outra dificuldade enfrentada foi quanto à localização dos limites dos municípios nos mapas selecionados para estudo, questão resolvida com informações disponibilizadas pela autarquia estadual em seu site específico.

aspectos físicos: mesorregião, microrregião, altitude da sede, área, coordenadas da sede (latitude/longitude); a cronologia: (malha territorial – 2007; edição – 05-10-2007, por exemplo: data do município como de Abatiá).

Mesmo assim, não foi possível contar em sua totalidade com cartas na mesma escala, para o levantamento do *corpus*. Dentre o material cartográfico relativo à área selecionada disponível no site do IBGE, 94 cartas são em escala 1:50.000 e 03 em escala de 1:100.000.

4.2.1 Apresentação do *Corpus*

O levantamento cartográfico-documental da toponímia de cada município e, posteriormente, os dados tabulados, levando-se em conta a quantidade de acidentes constantes em cada um dos mapas, resultou num conjunto de 4.306 topônimos – 178 topônimos de acidentes humanos (cidades e distritos) e 4.128 topônimos de acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, serras, arroios, morros...). Visando a obter um indicador das categorias mais produtivas, utilizou-se o método estatístico por julgá-lo um modo seguro para obter informações quantitativas.

Para fins de sistematização, os dados levantados durante a pesquisa cartográfica foram tabulados e organizados em 97 quadros (um para cada município estudado, separados segundo a mesorregião a que pertence), contendo dados toponímicos e lexicográficos. A montagem desses quadros decorreu da adaptação, aos propósitos desta pesquisa, da ficha léxicográfico-toponímica do Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo, concebida por Dick (2004, p.130); dos quadros propostos por Dargel (2003, p.80), Moreira (2006, p.109) e Zamariano (2006, p.101), todos elaborados com base nos dados da ficha proposta por Dick.

A opção de apresentação dos dados por meio de quadros considerou a funcionalidade quanto à apresentação dos topônimos em termos de visualização e compreensão do *corpus* pesquisado. Constituído o *corpus* e classificados os topônimos de acordo com o modelo adotado – Dick (1990b, p.31-34) –, distribuímos os topônimos em quadros que contêm os seguintes dados: *município*; *acidente*; topônimo; etimologia; *língua de origem*; *classificação taxionômica* e

estrutura morfológica.

A seguir, apresentamos um fragmento do modelo de quadro elaborado:

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA					
Quadro 11 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ADRIANÓPOLIS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Adrianópolis		LP	Antropo	Simple
água	Amarela		LP	Cromo	Simple
água	Eduardo,do		LP	Antropo	Simple
água	Jissara	Tupi: jyssara – espécie de palmeira (TIBIRIÇA, 1984).	LT	Fito	Simple
água	Portunã,do		LNI	N/C	Simple
arroio	Aterro,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Caçador		LP	Socio	Simple
arroio	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
arroio	Bocaina,da	Espanhol: bocanda (AULETE DIGITAL).	LE	Geomorfo	Simple
arroio	Figueira,da		LP	Fito	Simple
arroio	Florestal		LP	Fito	Simple
arroio	Maria Rita,da		LP + LP	Antropo	Composto

Quadro 4 – Modelo de quadro elaborado

Entendemos serem as informações contidas nos 97 quadros de fundamental importância para a compreensão do *corpus* estudado na sua totalidade e devem estar disponíveis ao leitor para serem consultados sempre que a situação assim o exigir. Todavia, dada a dimensão quantitativa dos dados trabalhados, entendemos que a apresentação de todo o *corpus* no corpo do trabalho exigiria um tempo significativo do leitor para a sua leitura. Em face disso, visando à

funcionalidade em termos de consulta, optamos por apresentar os dados em forma de Apêndice da Tese¹⁰⁰, alternativa que facilita, inclusive, a consulta aos quadros com maior rapidez, justamente por essa atividade não demandar o manuseio do trabalho como um todo.

Em decorrência dessa opção metodológica, foram inseridos, no corpo do trabalho, 03 quadros sinóticos, contendo o cômputo geral dos dados obtidos, em termos de valores numéricos totais dos dados, distribuídos segundo a mesorregião analisada. Esses quadros contêm, pois, os dados quantitativos à língua de origem, à classificação taxionômica e à estrutura morfológica dos topônimos estudados.

4.3 TRATAMENTO DOS DADOS

A análise dos dados contemplou 03 níveis: 1) análise linguística e etnodialetológica do conjunto dos topônimos, segundo o modelo de Dick (1990b, p.31-34); 2) análise pontual das 03 categorias mais produtivas, considerando, sobretudo a questão da motivação; 3) apresentação de uma proposta de cartografia toponímica.

No quesito análise linguística, foi considerada a questão da estrutura morfológica dos topônimos, classificada de 03 formas: simples: quando se define ou é formado por um só elemento – arroio *Caçador* (Adrianópolis); e composto: quando constituído de mais de um elemento – córrego *Barra Bonita* (Adrianópolis). Quando no topônimo composto houver elementos de línguas diferentes será classificado como composto híbrido¹⁰¹: ribeirão *Capuava Grande* (Adrianópolis).

Já a obtenção do significado (etimologia e abonações) dos itens lexicais que deram origem aos topônimos, etapa fundamental para a classificação taxionômica do topônimo, foi obtida por meio de consultas aos dicionários¹⁰² arrolados a seguir:

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque

¹⁰⁰ Cf. p.279 a 404 desta Tese.

¹⁰¹ Nesta pesquisa, tratamos apenas do hibridismo na formação do topônimo composto e, para sua identificação, utilizamos a expressão “composto híbrido”.

¹⁰² Os dados completos dos autores e das obras consultadas constarão das Referências.

de Holanda Ferreira (2004);

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Vilar (2001);

Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete (versão digital);

Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, de Antonio Geraldo da Cunha (1999);

Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi, de Luiz Caldas Tibiriçá (1985);

Dicionário Tupi-português, de Luiz Caldas Tibiriçá (1984);

Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná, de Ermelino de Leão, (1994).

As dúvidas surgidas em relação à etimologia dos itens lexicais de origem indígena foram pesquisadas nas seguintes obras:

A Língua Tupi na Geografia do Brasil, de Orlando Bordoní [s/d];

O Tupi na Geographia Nacional, de Theodoro Sampaio (1928);

Glossário – ATEPAR (1999).

Quando a consulta às obras citadas não foi suficiente para esclarecer a questão da origem do topônimo, buscamos em outras fontes a complementação das informações, dentre elas, as obras:

A Toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas, de Hélio Costa Moreira, (2006) – dissertação de Mestrado;

A relação da hidronímia com a História do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva, de Lídia Albino, (2004) – dissertação de Mestrado;

O nome Curitiba, de Aryon Dall'Igna Rodrigues, (1995);

Terra e gente do Paraná, de Romário Martins, (1995);

Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá (até a emancipação da Província do Paraná), de Júlio Estrela Moreira, (1975);

Paranaguá na História e na Tradição, de Manoel Viana, (1976);

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: municípios do Estado do Paraná – do IBGE, (1959).

Também recorreremos a alguns sites na internet, na tentativa de elucidar dúvidas com relação à origem dos topônimos, dentre eles:

<<http://www.alb.com.br/anais15/Sem05/constance.htm>>;
<<http://www.cosmo.org.br/marumbi/aserradomar.htm>>;
<<http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/LE/DicionarioDeVocabulos.pdf>>;
<http://www.arvores.brasil.nom.br/florin/fseca.htm>.

Outro aspecto considerado na análise linguística dos topônimos foi a classificação taxionômica, com base nas categorias concebidas por Dick (1990b, p.31-34). A opção por esse modelo considerou a adequação do modelo à realidade da toponímia brasileira e, conseqüentemente, aos dados desta pesquisa. Além disso, o modelo abrange um número maior de categorias toponímicas em relação aos modelos a que tivemos acesso¹⁰³.

Em síntese, essa etapa da análise considerou 02 aspectos: a motivação sistematizada pelas *taxes* que integram o modelo de Dick (1990b, p.31-34) e o linguístico, que envolve os campos etnodialetológico e o histórico-cultural. Além disso, foram consideradas contribuições apresentadas ao modelo de Dick, como a de Isquerdo (1996), para a *taxe* dos animotopônimos, e as sugeridas por pesquisadores do ATEPAR (1999).

A classificação dos topônimos, segundo o modelo de Dick, considera o elemento “topônimo”, precedido de um elemento genérico, “definidor da classe onomástica”. Desse modo, *fitotopônimos* são os topônimos de índole vegetal; os *zootopônimos* têm sua motivação em elementos da fauna; os *hidrotopônimos* são os resultantes de acidentes hidrográficos e assim por diante. O produto dessa primeira etapa de análise está sistematizada nos quadros dos topônimos dos 97 municípios, por ora, apresentados na seção “Apêndice” deste trabalho.

Para a etapa subsequente, foram relacionados aspectos pontuais para análise, considerando como critério o maior índice de produtividade em termos taxionômicos, etnodialetológicos e estruturais. Para tanto, verificamos as categorias mais produtivas no conjunto geral dos topônimos inventariados, utilizando, para tanto, o método estatístico. Essas informações são apresentadas por meio de gráficos e tabelas, considerando-se a produtividade dos acidentes, da língua de origem, das taxionomias taxionômicas e da estrutura morfológica. Esse procedimento visa a oferecer informações objetivas acerca do conjunto de dados

¹⁰³ Cf. Capítulo I, p.106 -107.

analisados.

4.4 A CARTOGRAFAÇÃO DOS DADOS

Retomando o aspecto da interdisciplinaridade que uma pesquisa na área da toponímia permite, com a busca de informações em campos temáticos de outras disciplinas, para o 3º nível de análise proposto – a cartografia de dados toponímicos –, além dos fundamentos específicos sobre o mapeamento, fornecidos por Dick (1996a) (1996b), buscamos na Geografia as opções e/ou aprimoramento das técnicas necessárias para a concretização dessa tarefa.

Assim, na busca de maiores esclarecimentos acerca do processo de cartografia de dados, recorreremos ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL), na pessoa da Profa. Dra. Mirian Vizintim Fernandes Barros, que nos forneceu informações sobre o site www.dpi.inpe.br, que fornece uma amostra sobre trabalhos nessa área.

Essa mesma professora sugeriu que, como o objetivo da pesquisa era a apresentação de uma proposta de cartografia, o mais apropriado seria buscar, no Departamento de Geociências da UEL, apoio técnico de algum profissional que se dedicasse exclusivamente a essa área. No caso, a Profa. Dra. Rosely Archela se prontificou a nos assessorar no que se referisse à cartografia. Para tanto, sugeriu-nos algumas referências bibliográficas, alguns softwares/programas e o site de cartografia brasileira que seriam úteis para a elaboração de cartas toponímicas dos topônimos das mesorregiões em estudo. Além disso, indicou a leitura de alguns de seus artigos publicados na internet sobre as obras de Jacques Bertin (Semiologia Gráfica) e de Marco Martinelli (Cartografia), como também, a leitura da história da cartografia no site <http://www.concar.ibge.gov.br/> (CONCAR – Comissão Nacional de Cartografia).

Por se tratar de uma pesquisadora muito comprometida com os princípios teórico-metodológicos e experiente na área de cartografia, destacou que, mesmo em se tratando de uma Tese de Doutorado, os 4 anos regulamentares não seriam suficientes para proceder à cartografia da totalidade dos topônimos dos 97 municípios, pois a complexidade de informações a serem mapeadas e a própria

natureza dos dados, como também os fundamentos da ciência toponímica, no que se refere à elaboração de atlas seriam alguns dos fatores que dificultariam o mapeamento total dos dados. Para esclarecer melhor sua preocupação, relatou a sua experiência no projeto *Atlas Ambiental de Londrina*¹⁰⁴, desenvolvido com apoio da Fundação Araucária, por uma equipe de professores do Departamento de Geociências da UEL, em parceria com a Universidade de São Paulo – USP.

Segundo essa geógrafa, seria mais sensato fazer um recorte de mapeamento que se adequasse ao propósito da pesquisa e indicou, para intermediar e colaborar nas informações metodológicas para a elaboração dos mapas, sua orientanda de Mestrado Nathália Prado Rosolém.

Nessa fase da pesquisa, essa geógrafa, utilizando o programa Corel Draw X3, para realizar desenhos vetoriais, desenvolveu uma base cartográfica da área de estudo, com a divisão por municípios, adequada à cartografia posterior dos dados, atendendo aos princípios cartográficos.

A estrutura do mapa contém os seguintes elementos: *título* (é por meio dele que se verifica o tema mapeado e a sua localização na superfície terrestre), a *rosa dos ventos* (saber a direção do mapa), as *coordenadas geográficas* (auxiliam na referência da localização de um ponto na superfície terrestre), *legenda* (auxilia na decodificação dos diferentes símbolos e cores representados) e a *escala* (ela informa a relação entre a dimensão da área representada e seu tamanho real).

Outro fator importante na construção de um mapa é a escolha da variável visual, no nosso caso, inicialmente selecionou-se a visual cor, sendo representada pelo modo de implantação zonal. A escolha da variável cor é importante porque permite que o mapa transmita um número elevado de informações, relacionando os dados de forma diversificada.

Na situação desta pesquisa, no mapa destinado à representação da área dos municípios das mesorregiões em estudo através de classes constituídas com base nos seus valores qualitativos, utilizou-se o método da gradação de cores. Uma paleta com um dégradé do mesmo tom foi sem dúvida o recurso mais adequado, pois transmite visualmente o aumento progressivo da variável representada.

No caso da utilização de apenas a cor a cheio, a representação de

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/atlasa>. > Acesso: 24 abr.2008.

subcategorias é feita por meio da cor da respectiva categoria com diferentes intensidades de tom, mais claro ou mais escuro, como no exemplo a seguir:



Assim, para a cartografia dos dados desta Tese, a cartógrafa iniciou seu trabalho com a confecção dos mapas temáticos relativo à macrotoponímia, ou seja, aos topônimos que nomeiam os 97 municípios aqui estudados.

A partir da montagem da base – região onde seriam colocados os dados e a área de estudo – foi selecionada a temática, como por exemplo, o estrato linguístico, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica, o assunto/dados que seriam representados no mapa.

Aliado à visual cor utilizada na macrotoponímia optou-se pela utilização também de símbolos e de números para diferenciar as taxionomias na microtoponímia como, por exemplo: ♠ = antropo; ♥ = zoo e ♣ = hidro, em virtude da amplitude da área e da dimensão de acidentes documentados.

Outro desafio se impôs quando da escolha do universo da pesquisa a ser cartografado, haja vista as especificidades de cada município em termos de quantidade de topônimos. Iniciou-se o trabalho pelo município de Guaraqueçaba, que apresenta o maior índice de topônimos – 208. A cartógrafa descobriu, após quase 20 horas de trabalho dedicadas ao mapa desse município, que não seria possível retirar do MME – 2007, publicado pelo IBGE, os dados para a construção de um modelo básico de mapa. Assim, em decorrência do seu então comprometimento com o curso de Mestrado e dessa dificuldade enfrentada, informou a sua impossibilidade de assumir a responsabilidade pela confecção dos mapas para este trabalho. Todavia, indicou o cartógrafo/geógrafo e designer Rogério Alves da Silva que, ao tomar conhecimento das dificuldades já enfrentadas pela sua colega para confecção de um único mapa base, decidiu fazer um levantamento das condições dos mapas fornecidos pela SEMA.

Embora os mapas disponibilizados por esse órgão não preenchessem os requisitos mínimos para serem tomados como fontes, a experiência e o domínio de conhecimentos básicos sobre a questão dos limites municipais, por parte do geógrafo, permitiu-lhe elaborar a carta base a partir desses

mapas. Além disso, segundo o cartógrafo, as cartas da SEMA, estão contidas no MME 2007 que é resultado da junção das folhas topográficas parciais.

O diferencial é, pois, que o MME 2007 é um produto que integra a coleção de mapas municipais gerados a partir da junção das folhas do Mapeamento Sistemático Brasileiro produzido pelo IBGE, DSG e outros em formato raster e/ou vetorial e da Malha Municipal do IBGE, com atualização de diversas fontes, sem tratamento pleno de integração e completude dos elementos cartográficos.

Essa questão da atualização de diversas fontes resultou numa pequena diferença entre as cartas que forneceram os dados informados nos quadros lexicográfico-toponímicos e os que foram cartografados. Assim, alguns topônimos poderão estar em uma carta e em outro não. Essa diferença se estabeleceu apenas na fase da cartografia da microtoponímia, ou seja, dos topônimos que nomeiam os acidentes físicos.

O Capítulo seguinte foi dedicado à análise e discussão dos dados desta pesquisa, conforme os parâmetros estabelecidos na metodologia de estudo.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O conjunto do *corpus* (4.306 topônimos) analisado e discutido neste trabalho foi analisado considerando as formas de tratamento: quantitativa e qualitativa.

A análise das categorias taxionômicas seguiu fundamentalmente os critérios utilizados por Dick (1990b, p. 31-34). Assim, a análise dos dados considerou 02 aspectos: o taxionômico, que envolve as 27 taxionomias do modelo e as adaptações/acréscimos fornecidos por Isquerdo (1996) e pela equipe do ATEPAR (1999), e o linguístico, que contempla as dimensões etnodialetológica e histórico-cultural.

Após a classificação dos topônimos, segundo as diferentes categorias que integram os Quadros 7, 8 e 9, utilizados para a sistematização e apresentação dos dados, foi calculada a produtividade numérica e percentual desses topônimos no conjunto dos dados. O resultado desse levantamento quantitativo está visualizado em 03 gráficos, em termos de valores percentuais, o que possibilita uma visão geral dos dados em análise.

Iniciamos a análise com a toponímia urbana – o nome do município –, seguindo a ordem das categorias de maior frequência para as de menor frequência, seguida da toponímia rural – o nome dos acidentes físicos.

5.1 O NOME DO MUNICÍPIO

Como já informado anteriormente, as mesorregiões em estudo somam um total de 97 municípios. Segundo o modelo teórico de Dick (1990), em termos estruturais, o sintagma toponímico compreende dois elementos básicos – a designação do nome próprio de lugar (o topônimo) e o acidente geográfico que participa do ato designativo (DICK, 1990b, p.10).

O Quadro 5 a seguir apresenta o conjunto dos dados analisados, informando a etimologia dos topônimos de base indígena e os de base portuguesa, estes últimos, quando o significado da unidade lexical que lhe deu origem exigir

esclarecimentos que justifiquem a classificação taxionômica proposta para os nomes dos municípios em análise, especificada na última coluna do quadro. Essa informação de natureza etimológica foi apresentada na 3ª coluna do quadro 5.

Topônimo	Língua de origem ¹⁰⁵	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica
Abatiá	LT	Tupi: grão de milho (TIBIRIÇÁ, 1984).	Fitotopônimo	Simple
Adrianópolis	LP		Antropotopônimo	Simple
Agudos do Sul	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Almirante Tamandaré	LP + LP		Axiotopônimo	Composto
Andirá	LT	Tupi: o morcego, o vampiro (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Antonina	LP		Antropotopônimo	Simple
Arapoti	LT	Tupi: campos floridos ¹⁰⁶ .	Geomorfotopônimo	Simple
Araucária	LP		Fitotopônimo	Simple
Assaí	LJP	Oriental: Assahi – sol nascente ¹⁰⁷ .	Astrotopônimo	Simple
Balsa Nova	LP + LP		Ergotopônimo	Composto

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹⁰⁵ LT: língua tupi; LP: língua portuguesa; LP + LP: língua portuguesa + língua portuguesa; LP + LT: língua portuguesa + língua tupi; LJP: língua japonesa; LT + LP: língua tupi + língua portuguesa; LP + LP + LP: língua portuguesa + língua portuguesa + língua portuguesa; LG: língua guarani; LE + LP: língua espanhola + língua portuguesa; LT/LP: língua portuguesa/língua tupi; LG/LJP: língua guarani/língua japonesa; LE + LT: língua espanhola + língua tupi; LNI: língua não identificada.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Bandeirantes	LP		Historiotopônimo	Simple
Barra do Jacaré	LP + LT	Tupi: jacaré: corr.ya-caré – aquele que é torto ou sinuoso. Pode ser ainda, y-echá-caré – aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1928).	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Bocaiúva do Sul	LT + LP	Tupi: mboka'ïwa: mboka – abertura, fenda + ï'wa – fruta, fruto – fruto que abre, quebra-se com ruído (HOUAISS, 2001).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Cambará	LT	Tupi: mesmo que camará: nome comum a várias plantas das famílias das solanáceas e verbenáceas (TIBIRIÇÁ, 1984).	Fitotopônimo	Simple
Campina Grande do Sul	LP + LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Campo do Tenente	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Campo Largo	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Carlópolis	LP		Antropotopônimo	Simple
Castro	LP		Antropotopônimo	Simple

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

Continuação do Quadro 5

Cerro Azul	LE + LP		Geomorfotopônimo	Composto híbrido
Colombo	LP		Historiotopônimo	Simple
Congonhinhas	LT	Tupi: corr. congõi – o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade Ilex congonha (SAMPAIO, 1928) + <i>-inha</i> (sufixo diminutivo) .	Fitotopônimo	Simple
Conselheiro Mairinck	LP + LP		Axiotopônimo	Composto
Contenda	LP		Animotopônimo disfórico	Simple
Cornélio Procópio	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Curitiba	LT	Tupi: curityba: curí-tyba – o pinhal, o sítio dos pinheiros (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simple
Curiúva	LT	Tupi: ku'ri - pinheiro + ïwa = planta, árvore, tronco (de planta) (HOUAISS, 2001).	Fitotopônimo	Simple
Doutor Ulysses	LP + LP		Axiotopônimo	Composto
Fazenda Rio Grande	LP + LP + LP		Sociotopônimo	Composto

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

Continuação do Quadro 5

Figueira	LP		Fitotopônimo	Simple
Guapirama	LT	Tupi: região onde começam os vales; cabeceira ou nascente (BORDONI, s/d).	Geomorfotopônimo	Simple
Guaraqueçaba	LT	Tupi: guará: garça, colhereiro + kessaba: lugar, tempo, modo de dormir; rede – neologismo – cama, ninho da garça (TIBIRIÇÁ, 1984).	Sociotopônimo	Simple
Guaratuba	LT	Tupi: ver guaratiba – corr. guará + tyba – garças em abundância; o sítio das garças (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Ibaiti	LT	Tupi: água da pedra. ¹⁰⁸	Litotopônimo	Simple
Imbaú	LT	Tupi: de embaúba (embayba) – árvore da preguiça; árvore que produz uma fruta que é o alimento predileto do bicho preguiça (TIBIRIÇÁ, 1984).	Fitotopônimo	Simple

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Itambaracá	LT	Tupi: pedra de águas correntes. ¹⁰⁹	Litotopônimo	Simple
Itaperuçu	LT	Tupi: caminho da pedra grande. ¹¹⁰	Hodotopônimo	Simple
Jaboti	LT	Tupi: jabuti: corr. ya-utí – aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, criando-se pelos pés das árvores sem ir à água (SAMPAIO, 1928).	Zootopônimo	Simple
Jacarezinho	LT	Tupi: jacaré + -inho (sufixo diminutivo)	Zootopônimo	Simple
Jaguariaíva	LT	Tupi: tyaguariahibá – rio de lontra brava, rio do jaguar ruim (FERREIRA, 2004).	Zootopônimo	Simple
Japira	LT	Tupi: forma contracta de japuira “se não erro tipográfico de Goeldi, mas japim não designa a mesma ave que o guaxe, embora ambos pertençam à subfamília dos icteríneos” – (NASCENTES, <i>apud</i> HOUAISS, 2001).	Zootopônimo	Simple

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://www.paranacidade.org.br/mun.php>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Jataizinho	LT	Tupi: variedade de abelha pequena do gênero <i>Trigona</i> (Ihering) (TIBIRIÇÁ, 1984) + - inho (sufixo diminutivo).	Zootopônimo	Simple
Joaquim Távora	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Jundiá do Sul	LT + LP	Tupi: <i>jundiahy</i> : corr. <i>yundiá-y</i> – o rio dos <i>jundiás</i> (SAMPAIO, 1928). Tipo de bagre.	Zootopônimo	Composto híbrido
Lapa	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Leópolis	LP		Antropotopônimo	Simple
Mandirituba	LT	Tupi: <i>manduri</i> : abelha + <i>tuba</i> : bastante. ¹¹¹	Zootopônimo	Simple
Matinhos	LP		Fitotopônimo	Simple
Morretes	LP		Geomorfotopônimo	Simple
Nova América da Colina	LP + LP + LP		Cronotopônimo	Composto
Nova Fátima	LP + LP		Cronotopônimo	Composto
Nova Santa Bárbara	LP + LP + LP		Cronotopônimo	Composto

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹¹¹ Disponível em: <http://www.mandirituba.pr.gov.br/historia/>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Ortigueira	LP		Fitotopônimo	Simples
Palmeira	LP		Fitotopônimo	Simples
Paranaguá	LT	Tupi: c. paranã-guá – o seio do mar; o espraiado nos grandes rios; a baía fluvial (SAMPAIO, 1928).	Hidrotopônimo	Simples
Piên	LT	Tupi: significa 1. coração; 2. origina do “piar” do gavião, comum na região ¹¹² .	Somatotopônimo	Simples
Pinhais	LP		Fitotopônimo	Simples
Pinhalão	LP		Fitotopônimo	Simples
Piraí do Sul	LT + LP	Tupi: pirahy. c. pirá-y – o rio do peixe (SAMPAIO, 1928) .	Zootopônimo	Composto híbrido
Piraquara	LT	Tupi: c. pirá-quara – o buraco do peixe, a toca (SAMPAIO, 1928).	Ecotopônimo	Simples
Ponta Grossa	LP + LP		Morfotopônimo	Composto
Pontal do Paraná	LP + LT	Tupi: corr. pará-nã – o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios (SAMPAIO, 1928).	Morfotopônimo	Composto híbrido

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹¹² Disponível em: < http://www.pien.pr.gov.br/a_cidade.php>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Porto Amazonas	LP + LP		Geomorfotopônimo	Composto
Quatiguá	LNI	É corruptela da palavra catinguá, nome de um vegetal encontrado na região, cuja casca serve para tingir tecidos ¹¹³ .	Fitotopônimo	Simple
Quatro Barras	LP + LP		Numerotopônimo	Composto
Quitandinha	LP		Sociotopônimo	Simple
Rancho Alegre	LE + LP	Espanhol: rancho – casa pobre, da roça, choça (FERREIRA, 2004).	Ecotopônimo	Composto híbrido
Reserva	LP		Sociotopônimo	Simple
Ribeirão Claro	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Ribeirão do Pinhal	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Rio Branco do Sul	LP + LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Rio Negro	LP + LP		Hidrotopônimo	Composto
Salto do Itararé	LP + LT	Tupi: c. ita-rarê – a pedra solapada; o conduto subterrâneo; sumidouro; tubo; cano; galeria (SAMPAIO, 1928).	Hidrotopônimo	Composto híbrido

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

continua

¹¹³ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

Continuação do Quadro 5

Santa Amélia	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Cecília do Pavão	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Mariana	LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Santana do Itararé	LP + LT		Hagiotopônimo	Composto híbrido
Santo Antonio da Platina	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Santo Antonio do Paraíso	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Jerônimo da Serra	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São José da Boa Vista	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São José dos Pinhais	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
São Sebastião da Amoreira	LP + LP + LP		Hagiotopônimo	Composto
Sapopema	LT	Tupi: corr.çapó-pema – a raiz esquinada ou faceada, a que se dispõe em forma de parede, como nas figueiras bravas ou gameleiras (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Sengés	LP		Antropotopônimo	Simples

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

Continuação do Quadro 5

Sertaneja	LP	O local em que está localizado o Município era primitivamente coberto por densas florestas, daí o topônimo “Sertaneja” (procedente próprio do sertão) ¹¹⁴ .	Fitotopônimo	Simple
Siqueira Campos	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Telêmaco Borba	LP + LP		Antropotopônimo	Composto
Tibagi	LT	Tupi: c. tyba-g-y – o rio do pouso (SAMPAIO, 1928).	Sociotopônimo	Simple
Tijucas do Sul	LT + LP	Tupi: v tuyuca: corr. ty-yuca – o brejo, a lama, o charco, o paul. (SAMPAIO, 1928) ¹¹⁵ .	Litotopônimo	Composto híbrido
Tomazina	LP		Antropotopônimo	Simple

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

Continua

¹¹⁴ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/sertaneja.pdf>>. Acesso em: 29 jun.2009.

¹¹⁵ A denominação do município foi motivada pela existência de atoleiros e lamaceiros na localidade, com barro preto que os indígenas chamavam de tijuca. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/tijucasdosul.pdf>>. Acesso em: 29 jun.2009.

Continuação do Quadro 5

Tunas do Paraná	LE + LT	Espanhol: tuna – figo da figueira-da-índia, do taino (HOUAISS, 2001) + do + paraná: Tuna: A origem do nome se deve a uma planta cactácea muito encontrada naquela região ¹¹⁶ . Tupi: corr. pará-nã – o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Uraí	LG	Guarani: uraí – planta da qual os aborígenes extraíam o curare, veneno com que untavam suas flechas e lanças, para se defenderem dos inimigos; Japonês: ura-hi – sol poente ¹¹⁷ .	Fitotopônimo	Simple
Ventania	LP		Meteorotopônimo	Simple
Wenceslau Braz	LP + LP		Antropotopônimo	Composto

Quadro 5 – Topônimos dos nomes de municípios das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, distribuídos segundo a língua de origem, a classificação taxionômica e a estrutura morfológica

A seguir, o Quadro 6 visualiza a classificação dos nomes dos municípios, segundo a taxa toponímica, com o percentual das três taxionomias (1º, 2º e 3º lugar de ocorrência) mais produtivas no universo de nomes de municípios,

¹¹⁶ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/tunasdoparana.pdf>. Acesso em: 29 jun.2009.

¹¹⁷ Disponível em: <http://www.e-prefeituras.pr.gov.br/sites/prefeitura/urailinks/historia.htm>. Acesso em: 29 jun.2009.

em termos de mesorregião investigada.

MESORREGIÃO	TAXIONOMIAS – MAIORES OCORRÊNCIAS		
	1º	2º	3º
Metropolitana de Curitiba	Geomorfotopônimo (9)	Fitotopônimo (6)	Hidrotopônimo (3) Sociotopônimo (3)
Centro-Oriental	Antropotopônimo (3) Fitotopônimo (3) Zootopônimo (3)	Sociotopônimo (2)	Geomorfotopônimo (1) Meteorotopônimo (1) Morfotopônimo (1)
Norte Pioneiro	Fitotopônimo (10)	Hagiotopônimo (9)	Antropotopônimo (7)

Quadro 6 – Distribuição quantitativa das categorias toponímicas dos nomes dos municípios nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro

5.1.1 Classificação Taxionômica: Natureza Física

Considerando as informações contidas no Quadro 6, notamos que, em 1º e em 3º lugar, situam-se taxionomias de natureza física – topônimos que fazem referência à natureza – formas topográficas, fenômenos atmosféricos, flora, fauna e hidrografia, dado que demonstra um diferencial em termos de nomenclatura dos municípios, categoria de acidentes em que normalmente predominam designativos de natureza antropocultural, como a homenagem a personalidades políticas ou históricas; o desejo do fundador de um núcleo urbano de perpetuar o próprio nome e a recorrência aos nomes de santos e santas do catolicismo.

Podemos aventar como hipótese para essa predominância de taxes de natureza física na designação dos municípios a própria riqueza do meio ambiente físico das mesorregiões em estudo, manifestada na grande variedade de espécies da fauna, da flora e da configuração topográfica do terreno. A produtividade dos topônimos de natureza física, na nomeação dos acidentes humanos, à medida que evidenciam a presença de características ambientais refletidas no léxico da língua, sobretudo nos *fitotopônimos*, *zootopônimos* e *geomorfotopônimos*, permitem o estabelecimento da relação entre o nome de lugar e a condição ambiental determinativa, fenômeno que evidencia aspectos valorativos e culturais do

denominador frente a sua necessidade premente no momento da nomeação.

No recorte de dados em análise, dentre as *taxes* que obtiveram 1º lugar de ocorrências, predominaram as de natureza física na mesorregião Metropolitana de Curitiba (*geomorfotopônimos*) e na Centro-Oriental (*fitotopônimos* e *zootopônimos*, ao lado dos *antropotopônimos*) e no do Norte Pioneiro (*fitotopônimos*). Apenas dentre as *taxes* que alçaram o 2º lugar de produtividade predominaram as de cunho antropocultural, em duas mesorregiões (Centro-Oriental – *sociotopônimos* e Norte Pioneiro – *hagiotopônimos*), conforme ilustra o Quadro 6. Em contrapartida, no âmbito das categorias que ocupam o 3º lugar de ocorrência, empatam, em termos de número de ocorrência, duas *taxes* distintas (*hidrotopônimos* e *sociotopônimos*), na Metropolitana de Curitiba. Já na Centro-Oriental empatam 03 *taxes* de natureza física (*geomorfotopônimos*, *meteorotopônimos* e *morfotopônimos*), enquanto no Norte Pioneiro há o registro de *antropotopônimos* como a *taxe* que alçou o 3º lugar de produtividade.

A presença de *geomorfotopônimos* na mesorregião Metropolitana de Curitiba pode ser justificada pela própria localização geográfica dessa área geográfica, situada próxima à zona montanhosa do litoral e da Serra do Mar, áreas com uma grande variedade nas formas de relevo. Como região parcial do espaço sul brasileiro, conforme Maack (2002, p.108), o Paraná possui zonas naturais de paisagem cuja divisão “baseia-se na posição das escarpas, vales de rios e divisões de águas, assim como no caráter fisiográfico unitário da paisagem dentro de tais limites”. O Estado do Paraná, em sua maior parte, é formado por escarpas de estratos e planaltos que declivam suavemente em direção Oeste e Noroeste. Na superfície, o Estado se divide em duas regiões naturais: o litoral e os planaltos do interior. Esse pesquisador que estudou durante anos o relevo paranaense, enfatiza que o Paraná apresenta um relevo de altitudes modestas divididas segundo as unidades topográficas: i) Litoral: planícies litorâneas e zona montanhosa litorânea; ii) Serra do Mar; iii) Região de Planalto: 1º Planalto ou Planalto de Curitiba; 2º Planalto ou Planalto de Ponta Grossa; 3º Planalto ou Planalto de Guarapuava (MAACK, 2002, p.109).

Assim como o restante do Brasil, a ocupação do território paranaense também teve início a partir da faixa litorânea, ficando a população restrita à estreita faixa de terras. Parte da história da colonização do território sul brasileiro encontra-se eternizada nessa região pela existência das vias de acesso ao

1º Planalto Paranaense. Pelas primeiras picadas que ligavam o litoral de Paranaguá com o Planalto, subiram os predadores de índios, os faiscadores de ouro e os homens que povoaram os Campos de Curitiba e os Campos Gerais.

Tomando-se, então, por princípio, o fato de o espaço natural ser percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita, e do qual tem uma noção precisa, entendemos que a Serra do Mar, formada a partir de blocos isolados com a aparência de um íngreme paredão que separa a baixada litorânea do interior paranaense, representou grandes obstáculos para as ligações entre o litoral e o interior, desde o início da colonização portuguesa no Brasil.

As primeiras grandes vitórias dos homens sobre serras costeiras, assimétricas e abruptas processaram-se tardiamente durante o ciclo do ouro. Antes, as aludidas escarpas comportavam-se como se fossem verdadeiras muralhas, facilitando o isolamento e a segregação. A circulação dos grupos humanos, por entre as montanhas brasileiras, serviu em muitas ocasiões como motivação para o desbravador, que se embrenhava pelo sertão desconhecido, planalto adentro, embora houvesse um grande diferencial entre o relevo brasileiro e o europeu que ele conhecia. Por isso, assim como a fauna e a flora, as formas do relevo terrestre, considerando-se as elevações ou as depressões, também conferiram à toponímia uma multiplicidade de signos onomásticos.

5.1.2 Classificação Taxionômica: Natureza Antropocultural

A ocorrência de um município classificado como *sociotopônimo* – Tibagi (o rio do Pouso) –, na mesorregião Centro-Oriental, pode ter sido motivada pela influência do movimento dos tropeiros, uma vez que as tropas vindas do Rio Grande do Sul cortavam a região com destino a Sorocaba.

A presença de *antropotopônimos* entre as taxionomias de maiores ocorrências permite uma comparação com o resultado do estudo de Seabra (2008, p. 1945-1952) sobre a toponímia mineira:

As regiões centro, leste e sul do estado que se caracterizam por serem regiões culturalmente conhecidas como região do café e região da mineração, apresentam, sempre entre as três maiores ocorrências, como motivação toponímica, o nome do homem, ou a

taxionomia antropotopônimo. Isso nos leva a pensar que nessa parte de Minas, o homem deixou marcado seu território com seu nome, indicando posse (SEABRA, 2008, p.1945-1952).

No Paraná, em termos econômicos, há a região do café (Norte Pioneiro) e a região da mineração (Centro-Oriental) que apresentam *antropotopônimos* entre as 03 taxionomias com maiores ocorrências, igualmente ao que ocorre na toponímia mineira, conforme Seabra (2008).

5.1.3 Dimensão Etnolinguística

Na análise da questão da língua de origem dos nomes de municípios é preciso considerar que, no início da povoação do Brasil, e no Paraná não foi diferente, três grupos étnicos predominavam no território brasileiro: os indígenas (habitantes primitivos de todo o espaço brasileiro), os portugueses (colonizadores) e os africanos (trazidos durante o período do tráfico negreiro). São 03 culturas distintas, são 03 estratos linguísticos mais recorrentes na toponímia brasileira e, por extensão, na paranaense. Em termos etnolinguísticos, a nomenclatura dos nomes de municípios distribui-se entre os de língua portuguesa – *Antonina, Matinhos*, com 24%; da combinação de 02 itens lexicais de língua portuguesa – *Campo Largo, Ribeirão Claro*, em 23%; da combinação de 03 itens lexicais de língua portuguesa – *Campina Grande do Sul, Nova Santa Bárbara*, em 12%; de base tupi – *Abatiá, Curitiba*, em 26%; 14% constituem-se em nomes híbridos – *Cerro Azul, Pontal do Paraná* e de língua não identificada, 1% – *Quatiguá*.

A investigação do ponto de vista etnolinguístico confirmou que as mesorregiões Metropolitana de Curitiba e Norte Pioneiro registraram uma parcela mais significativa de topônimos de base portuguesa, a primeira com 68% e a segunda com 54%. Essa maior recorrência pode advir do fato de os municípios, inicialmente os do litoral, terem sido povoados, em sua maioria, por migrantes paulistas que, ao nomearem os acidentes geográficos físicos e humanos, valeram-se do português, já língua oficial do Brasil.

Já a presença significativa de topônimos de base tupi nas mesorregiões Centro-Oriental (29%) e Norte Pioneiro (28%) pode ser explicada, em

parte, pela presença, na região, ainda na atualidade, das áreas indígenas Tibagi-Mococa e Queimadas (Ortigueira), Laranjinha (Santa Amélia), Pinhalzinho (Tomazina) e Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra (São Jerônimo da Serra), hipótese que ainda carece de investigações mais pontuais. Os nomes híbridos aparecem em 14% dos designativos da mesorregião Metropolitana de Curitiba e da Centro-Oriental; e em 17% da Norte Pioneiro.

5.1.4 Estrutura Morfológica

No que se refere à estrutura morfológica, segundo Dick (1990b, p. 13 -15), os topônimos classificam-se em simples, composto e composto híbrido. Dentre os nomes de municípios estudados, 52 são de estrutura simples, 35 composta, e 10 de compostos híbridos (topônimo que em sua estrutura há a presença de duas bases linguísticas distintas, por exemplo: português + tupi – *Pontal do Paraná*).

No conjunto geral dos topônimos que nomeiam os municípios das mesorregiões em questão, há nomes que traduzem, por exemplo, características do meio ambiente físico (*Morretes, Lapa*); homenagem a heróis (*Siqueira Campos*)¹¹⁸ e a políticos de destaque nacional (*Doutor Ulysses*)¹¹⁹; empresários que participaram do desenvolvimento da localidade (*Adrianópolis, Sengés*); aspectos da influência indígena (*Curitiba, Paranaguá*); homenagem a santas (*Santa Amélia, Santa Mariana*); homenagem ao santo padroeiro combinado com fruta silvestre abundante à época da colonização (*São Sebastião da Amoreira*); ao ciclo do tropeirismo (*Rio Negro, Ponta Grossa, Castro, Tibagi*); ao ciclo do ouro (*Paranaguá, Guaratuba*); ao ciclo da erva-mate (*Congonhinhas*).

Em síntese, os dados apresentados evidenciam que, quando se trata do estudo da toponímia urbana de uma região, o designador, no ato da

¹¹⁸ Homenagem ao bravo militar, Tenete Antonio Siqueira Campos, natural de Rio Claro – São Paulo, o heróico sobrevivente do Levante dos 18 do Forte de Copacabana, falecido em um desastre de avião em 10 de maio de 1930. Disponível em: <http://www.siqueiracampos.pr.gov.br/HistoriaSiqueiraCampos.htm>. Acesso em: 29 jun.2009.

¹¹⁹ Ulysses Silveira Guimarães é considerado um dos principais políticos do Brasil. Foi a principal figura da campanha pelas eleições diretas para presidente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u451486.shtml>. Acesso em: 29 jun.2009.

nomeação de um lugar, busca motivação em aspectos naturais (a aparência do acidente geográfico como em *Cerro Azul*) ou ainda nos sentimentos, ideologias de uma comunidade ou em estados psicológicos dos grupos que ocupam uma localidade, independente da época em que o acidente foi nomeado, como por exemplo, em *Contenda* (provém dos conflitos pela posse das terras)¹²⁰ e em *Assai* (sol nascente).

5.2 OS NOMES DOS ACIDENTES FÍSICOS

Ao designar um lugar com um nome, estabelece-se uma relação binômica, ou seja, uma conexão entre o acidente geográfico (o rio, o município, o morro etc.) e o nome atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo. Nesse ato de nomeação, diferentes fatores influenciam na escolha do denominativo, tanto de ordem físico-ambiental como as características do próprio acidente, quanto de ordem antropocultural, como a cosmovisão do grupo humano que habita o espaço nomeado.

Partindo da concepção de topônimo como um depósito da memória de uma comunidade, a análise dos topônimos dos acidentes físicos buscou evidenciar aspectos da realidade sociocultural e linguística das mesorregiões paranaenses em estudo. Para tanto, seguimos as orientações teórico-metodológicas procedentes da disciplina Toponímia. Na sequência, discutimos questões relacionadas à natureza das taxionomias, às ocorrências taxionômicas, à língua de origem dos topônimos e à estrutura morfológica dos designativos das mesorregiões estudadas.

O Gráfico 1, a seguir, visualiza em termos percentuais, a distribuição dos 4.138 topônimos, segundo a natureza das taxionomias (física e antropocultural), e também o percentual de topônimos não classificados por insuficiência de informações linguísticas, razão pela qual não se enquadraram em nenhuma das taxes aqui consideradas como modelo de classificação.

A disposição dos índices segundo a natureza das categorias

¹²⁰ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/contenda.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2009.

taxionômicas, no Gráfico 1, obedeceu à sequência da esquerda para direita, iniciando com os índices da mesorregião Metropolitana de Curitiba, seguida da Centro-Oriental e, por último, a Norte Pioneiro, em ordem decrescente em termos de número de ocorrências.

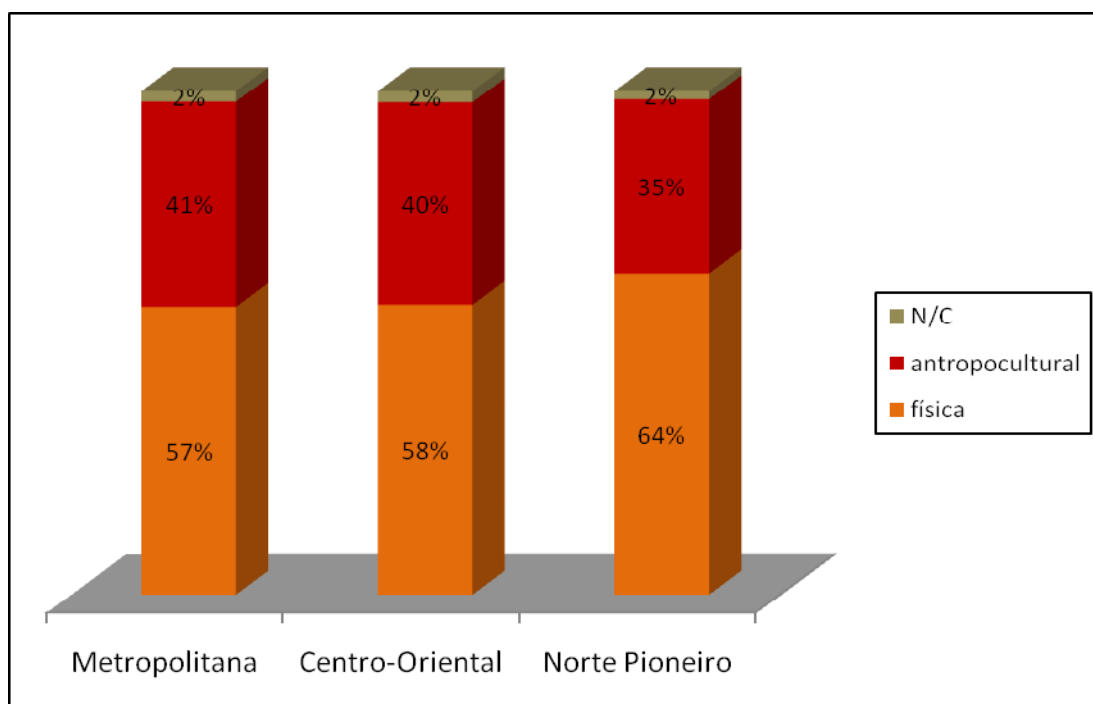


Gráfico 1 – Distribuição percentual dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro segundo a natureza das categorias taxionômicas

Conforme os dados expressos no Gráfico 1, o *corpus* geral revelou a predominância das taxes de natureza física no universo pesquisado: 57% na Metropolitana de Curitiba, 58% na Centro-Oriental e 64% na Norte Pioneiro. Esses dados confirmam uma tendência na toponímia brasileira como um todo, qual seja a de o ambiente físico exercer significativa influência no ato do batismo dos acidentes geográficos. Isso decorre do fato de o denominador/designador, ao batizar um acidente, normalmente, recorrer às características físicas do local, como a exuberância da flora e da fauna, a topografia da região, ou a grandeza da rede hidrográfica, como motivação. Além disso, muitos desses topônimos são descritivos, verdadeiros ícones do meio circundante.

Já as taxes de natureza antropocultural apresentaram índice de ocorrência de 41% na Metropolitana de Curitiba, 40% na Centro-Oriental e 35% na

Norte Pioneiro, revelando a intenção dedicatória desses nomes, a homenagem a personalidades políticas ou históricas do local ou do País, a devoção religiosa aos santos e santas, os locais de trabalho, sistemas cromáticos, ou seja, fatos relacionados à cultura, à história e à sociedade como um todo.

Nas três mesorregiões somente 2% dos topônimos não foram classificados do ponto de vista taxionômico em virtude da não identificação de informações sobre a natureza linguística desses nomes nas fontes a que tivemos acesso. É o caso de, por exemplo: córrego *Chimingú*, rio *Camonaíva*, córrego da *Vencaia*, dentre outros.

Na sequência deste Capítulo, analisamos as 03 taxes mais produtivas na toponímia rural nas mesorregiões estudadas.

5.2.1 Classificação Taxionômica: Taxes mais Produtivas

A mesorregião Metropolitana de Curitiba reuniu um total de 2.022 topônimos. Esses dados estão distribuídos entre os 37 municípios que se situam nessa faixa de território: Adrianópolis (141)¹²¹, Agudos do Sul (25), Almirante Tamandaré (10), Antonina (107), Araucária (42), Balsa Nova (26), Bocaiúva do Sul (57), Campina Grande do Sul (52), Campo do Tenente (15), Campo Largo (184), Campo Magro (15), Cerro Azul (92), Colombo (09), Contenda (34), Curitiba (10), Doutor Ulysses (51), Fazenda Rio Grande (15), Guaraqueçaba (208), Guaratuba (160), Itaperuçu (29), Lapa (141), Mandirituba (37), Matinhos (26), Morretes (63), Paranaguá (91), Piên (21), Pinhais (05), Piraquara (23), Pontal do Paraná (15), Porto Amazonas (21), Quatro Barras (27), Quitandinha (32), Rio Branco do Sul (59), Rio Negro (31), São José dos Pinhais (41), Tijucas do Sul (56), Tunas do Paraná (51).

Como já informado anteriormente¹²², para melhor visualização e compreensão do *corpus* pesquisado, elaboramos um quadro-síntese para a apresentação dos valores numéricos totais de cada mesorregião.

Assim, o Quadro 7 reúne os dados da mesorregião Metropolitana de Curitiba, o Quadro 8 da Centro-Oriental e o Quadro 9 da Norte Pioneiro, contendo os

¹²¹ O número entre parênteses refere-se à quantidade numérica de topônimos de cada município.

¹²² Cf. 4.2.1.

elementos básicos examinados na análise dos topônimos inventariados: a língua de origem, a classificação taxionômica (com destaque em negrito para as 03 taxes mais produtivas) e a estrutura morfológica.

Língua de origem ¹²³					
LP	1.077	LA	8	LAL	1
LP + LP	380	LT+LT	7	LB	1
LT	360	LG	5	LC	1
LNI	51	LP+LP+LT	4	LAF	1
LE	44	LF	4	LE+LT	1
LT+LP	16	LA+LP	3	LH	1
LE+LP	12	LP+LA	3	LP+LNI	1
LP+LP+LP	12	LCB	2	LP+LP+LP+LT	1
LQB	12	LI	2	LQC	1
LP+LT	8	LP+LP+LP+LP	2	LP+LQB	1

Classificação taxionômica					
Animo disf.	51	Ergo	90	Meteoro	6
Animo euf.	44	Estemato	16	Mito	9
Antropo¹²⁴	184	Etno	27	Morfo	13
Axio	15	Fito	286	N/C	29
Cardino	27	Geomorfo	146	Necro	2
Coro	2	Hagio	60	Numero	20
Cromo	59	Hidro	180	Polio	4
Crono	4	Hiero	24	Socio	112
Dimensio	64	Historio	1	Somato	24
Dirremato	19	Hodo	64	Zoo	267
Eco	51	Lito	116		

Estrutura morfológica					
Simple	1.572	Composto	401	Composto híbrido	49

Quadro 7 – Distribuição quantitativa dos topônimos da mesorregião Metropolitana de Curitiba quanto à língua de origem, à classificação taxionômica e à estrutura morfológica

A Mesorregião Centro-Oriental reuniu um total de 985 topônimos, distribuídos por 14 Municípios: Arapoti (55), Carambeí (19), Castro (132), Imbaú (17), Jaguariaíva (66), Ortigueira (90), Palmeira (98), Piraí do Sul (62), Ponta Grossa

¹²³ Os códigos usados para indicação da língua de origem correspondem a: LP – Língua Portuguesa, LA – Língua Árabe, LE – Língua Espanhola, LF – Língua Francesa, LG – Língua Guarani, LQB – Língua Quimbundo, LT – Língua Tupi, LNI – língua não identificada, LI – Língua Inglesa, LAF – Língua Africana, LJP – Língua Japonesa, LCA – Língua Castelhana, LAL – Língua Alemã, LIT – Língua Italiana, LB – Língua Banta, LQC – Língua Quíchua, LO – Língua Oriental, LC – Língua Caingangue, LS – Língua Sânscrita, LCB – Língua Caribe, LM – Língua Malai, LF – Língua Francesa.

¹²⁴ Conforme já anunciamos na Introdução, serão objeto de análise as 03 taxionomias com maior índice de produtividade no âmbito de cada mesorregião. Em vista disso, foram destacadas em **negrito** as 03 taxes mais produtivas, nos Quadros 7, 8 e 9.

(111), Reserva (85), Sengés (33), Telêmaco Borba (66), Tibagi (125), Ventania (25).

Língua de origem					
LP	533	LE+LP	5	LQC	2
LT	172	LA+LP	5	LC	1
LP + LP	168	LF	3	LCB	1
LNI	28	LT+LT	3	LF+LP	1
LE	20	LAF	2	LH	1
LQB	14	LP+LE	2	LIT	1
LA	7	LP+LP+LP	2	LQ	1
LT+LP	6	LP+LT	2	LQB+LP	1
LG	5				

Classificação taxionômica					
Animo disf.	18	Ergo	71	Lito	65
Animo euf.	28	Estemato	4	Meteoro	4
Antropo	83	Etno	20	Mito	2
Axio	2	Fito	140	Morfo	3
Cardino	14	Geomorfo	80	N/C	22
Coro	3	Hagio	32	Numero	10
Cromo	10	Hidro	79	Polio	1
Crono	2	Hiero	7	Socio	62
Dimensio	22	Higie	1	Somato	4
Dirremato	18	Historio	2	Zoo	148
Eco	13	Hodo	15		

Estrutura morfológica					
Simples	791	Composto	173	Composto híbrido	21

Quadro 8 – Distribuição quantitativa da língua de origem, da classificação taxionômica e da estrutura morfológica dos topônimos da mesorregião Centro-Oriental

A Mesorregião Norte Pioneiro reuniu um total de 1.299 topônimos, distribuídos por 46 Municípios: Abatiá (29), Andirá (27), Assaí (55), Bandeirantes (42) Barra do Jacaré (17), Cambará (32), Carlópolis (14), Congonhinhas (29), Conselheiro Mairinck (18), Cornélio Procópio (46), Curiúva (42), Figueira (16), Guapirama (12), Ibaiti (54), Itambaracá (16), Jaboti (17), Jacarezinho (38), Japira (19), Jataizinho (23), Joaquim Távora (26), Jundiá do Sul (25), Leópolis (35), Nova América da Colina (19), Nova Fátima (23), Nova Santa Bárbara (17), Pinhalão (25), Quatiguá (13), Rancho Alegre (20), Ribeirão Claro (38), Ribeirão do Pinhal (38), Salto do Itararé (23), Santa Amélia (13), Santa Cecília do Pavão (19), Santa Mariana (29), Santana do Itararé (13), Santo Antonio da Platina (50), Santo Antonio do Paraíso (18), São Jerônimo da Serra (58), São José da Boa Vista (23), São

Sebastião da Amoreira (29), Sapopema (46), Sertaneja (26), Siqueira Campos (28), Tomazina (33), Uraí (37), Wenceslau Braz (29).

Língua de origem					
LP	714	LP+LT	6	LP+LP+LT	2
LP + LP	243	LCA	4	LP+LI	1
LT	199	LM	4	LP+LP+LT	1
LNI	32	LE+LP	3	LP+LP+LIT	1
LQB	19	LIT	3	LP+LP+ LP+LP	1
LP+LP+LP	18	LP+LA	3	LAF	1
LA	11	LT+LP	3	LQB+LP	1
LE	9	LJP	2	LS	1
LF	9	LA+LP	2		
LG	7				
Classificação taxionômica					
Animo disf.	15	Eco	4	Hodo	5
Animo euf.	59	Ergo	65	Lito	125
Antropo	101	Estemato	5	Meteoro	5
Astro	1	Etno	23	Mito	1
Axio	4	Fito	229	N/C	20
Cardino	17	Geomorfo	38	Numero	19
Coro	4	Hagio	70	Polio	4
Cromo	28	Hidro	139	Socio	34
Crono	14	Hiero	4	Somato	3
Dimensio	22	Higie	1	Zoo	227
Dirremato	8	Historio	5		
Simples	1.016	Composto	261	Composto híbrido	22

Quadro 9 – Distribuição quantitativa da língua de origem, da classificação taxionômica e da estrutura morfológica dos topônimos da mesorregião Norte Pioneiro

O estudo das 03 taxionomias mais produtivas de cada mesorregião – Metropolitana de Curitiba: *fitotopônimos*, *zootopônimos*, *antropotopônimos*; Centro-Oriental: *zootopônimos*, *fitotopônimos*; *antropotopônimos* e Norte Pioneiro: *fitotopônimos*, *zootopônimos*; hidrotopônimos – demonstra características do meio ambiente, como também a influência que esse meio exerce sobre as pessoas no momento de atribuir um nome a um lugar.

A disposição de cada taxa no Gráfico 2, a seguir, obedeceu à sequência da esquerda para direita, iniciando com os índices da mesorregião Metropolitana de Curitiba, seguida dos da Centro-Oriental e, por último, da do Norte Pioneiro, em ordem decrescente, em termos de percentual de ocorrências.

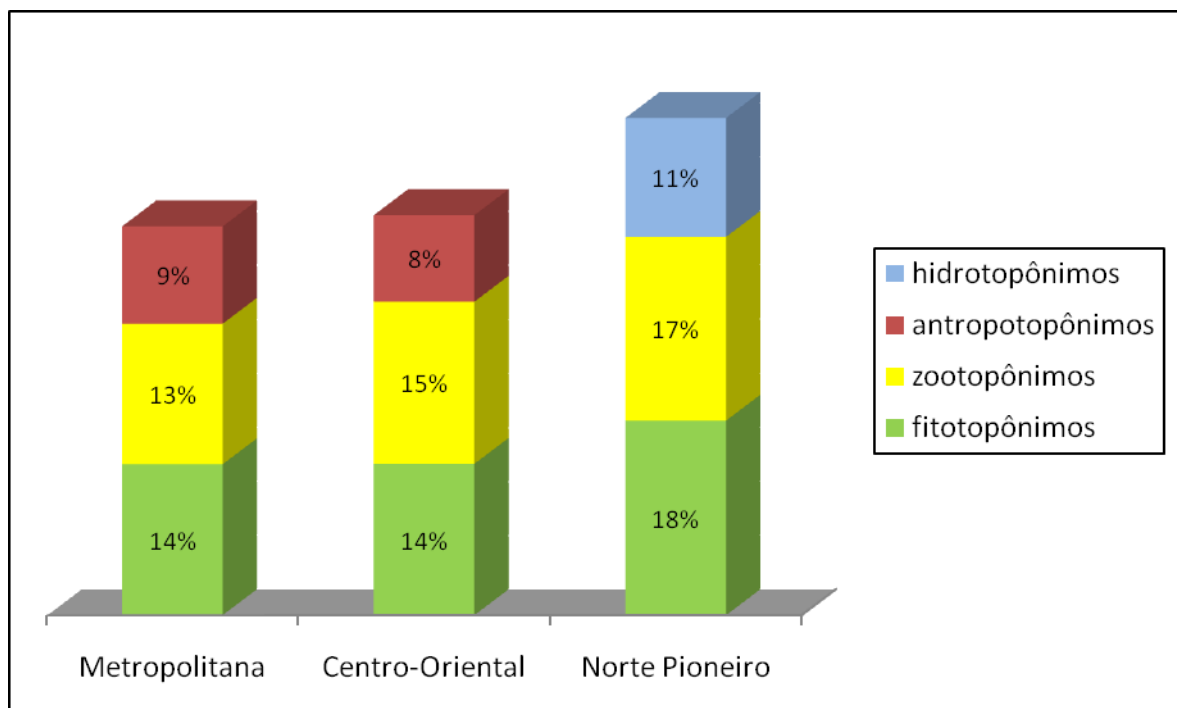


Gráfico 2 – Distribuição percentual das três taxas mais produtivas na toponímia das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro

Observando o Gráfico 2, notamos que nas 03 taxas mais produtivas na toponímia do universo estudado predominam as taxionomias de natureza física como os *fitotopônimos* e *zootopônimos*, categorias que se alternam como 1ª ou 2ª maior ocorrência nas 03 mesorregiões em estudo; somente os *antropotopônimos* são de natureza antropocultural, o que demonstra a força de elementos da natureza física como motivadores no processo de nomeação dos lugares.

5.2.1.1 Fitotopônimos

5.2.1.1.1 Aspectos fitogeográficos do Paraná

O Estado do Paraná com as suas cinco regiões de paisagens naturais, o Litoral, a Serra do Mar, Primeiro, Segundo e Terceiro Planaltos, e, por se encontrar numa área de confluência de formações fitogeográficas tropicais e subtropicais, possui uma gama de diferentes tipos de vegetação (CIGOLINI; MELLO;

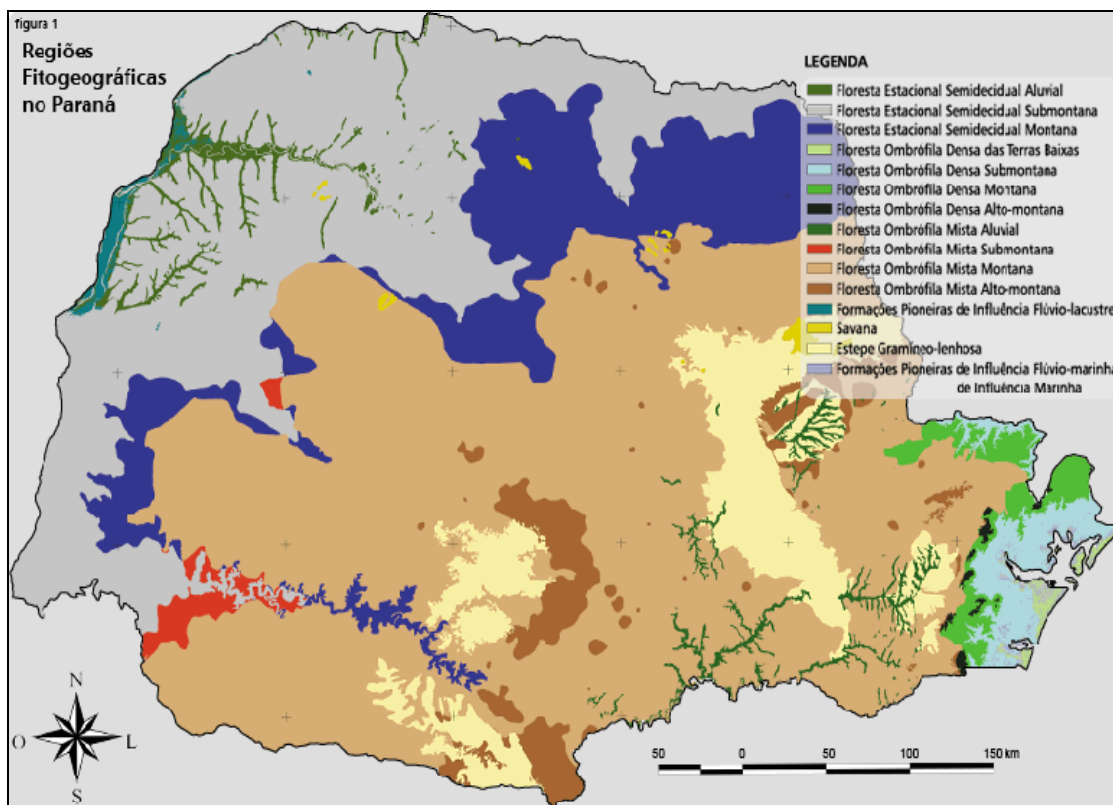
LOPES, 2001, p.38-41).

Nos seus estudos sobre a flora brasileira, Veloso *et al.* (1991,p.51), “baseando-se nos princípios da deriva das placas continentais e da evolução monofilética dos seres vivos, propuseram uma classificação da vegetação brasileira em regiões fitoecológicas”.

Cada região fitoecológica reproduz suas “formas de vidas nos ambientes semelhantes, o que permite uma adaptação a um sistema universal”. A categorização em regiões fitoecológicas abarca “uma hierarquia que expressa nominalmente a estrutura da vegetação, clima a que está exposta, a fisionomia ou hábitos e o relevo do ambiente” (LEITE, 2000, p.19).

Outra divisão proposta para a flora brasileira foi a de A. J. Sampaio (1938), em *Fitogeografia do Brasil*: I - Flora Amazônia; II - Flora Extra-Amazônica ou Geral, subdividida em seis zonas: 1) - Zona dos Cocais; 2) - Zona das Caatingas; 3) - Zona das Florestas Orientais (ou das Matas Costeiras); 4) - Zona dos Pinhais ou Sul Brasileira da Araucária; 5) - Zona dos Campos; 6) - Zona Marítima: a) - Vegetação halófila ou do litoral; b) - Flora Insular – subdividida em: das ilhas afastadas e das ilhas costeiras; c) - Fitoplancton ou Flora Flutuante (*apud* DICK, 1990a, p.148 -149). (grifo nosso)

O mapa a seguir visualiza as regiões fitogeográficas no Paraná.



Mapa 21 – Paraná – fitogeografia

Fonte: <http://www.geocities.com/geografiaonline/brasil.html>

Afastando-se da porção litorânea em direção à Serra do Mar, no Estado do Paraná, conforme Leite (2000, p.19), “a vegetação será sequencialmente enquadrada nesta classificação”. Informa também a autora que, na planície litorânea, além da Floresta Ombrófila Densa, a vegetação está representada por restingas, comunidades aluviais e manguezais. Já a região fitoecológica da Floresta Ombrófila Mista ou Floresta com Araucária que se caracteriza “pela presença da *Araucaria angustifolia* em associações diversificadas, as quais compreendem grupamentos de espécies com características próprias, formando estágios sucessionais distintos”.

A conhecida “Floresta com Araucária” constitui uma das mais importantes formações florestais do sul do Brasil, não só pela área que outrora ocupava nessa região, mas também pelo papel que os seus recursos naturais tiveram na ocupação do espaço paranaense. O pinheiro-do-paraná participa de forma marcante na fitofisionomia da região, especialmente devido à sua abundância e o seu grande porte, com copa ampla, de formato característico, emergente sobre as demais árvores da floresta.

Pode-se entender, por meio da análise dos topônimos dos municípios abordados, que o uso de *fitotopônimos* na nomeação de um acidente geográfico sofre influência da abundância e da diversidade da flora característica da área investigada. No caso dos dados aqui analisados, é provável que o denominador tenha se inspirado na abundância de plantas e vegetais existentes na região para a atribuição de nomes de elementos da fitogeografia aos acidentes geográficos. O fato de o *fitotopônimo* ser a categoria mais produtiva na toponímia analisada é compreensível, porque, juntamente com outros elementos, há que se considerar que

o importante, talvez, seria não perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biosistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou, pelo menos, usufruir (DICK, 1990a, p. 146).

A beleza e a diversidade das espécies vegetais existentes na superfície terrestre sempre inspiraram o homem, tornando-se uma das suas principais riquezas, pois o homem, desfrutando dessas espécies, garante a sua alimentação e a continuidade de sua espécie. O fato de os elementos da flora estarem estreitamente ligados à sobrevivência do homem, desde que ele passou a percorrer os caminhos da terra que descobria, contribuiu para a valorização dos nomes de espécies vegetais na nomeação de lugares. O descobridor passava pelos lugares e se estabelecia, mas não sem antes investigar minuciosamente a natureza e, para diferenciar os espaços, dava-lhes o nome, normalmente, baseado no ambiente que o rodeava: o nome de uma erva, de uma árvore, de uma fruta ou de uma flor.

No cômputo geral dos acidentes físicos, vários topônimos enquadrados como *fitotopônimos* foram recorrentes. O topônimo mais produtivo foi palmito, que aparece nomeando os seguintes acidentes: rio *Palmito* (Agudos do Sul, Campo Largo, Paranaguá), rio do *Palmito* (Castro), arroio *Palmito* (Tibagi), córrego do *Palmito* (Bocaiúva do Sul), córrego *Palmito* (Assaí), ribeirão *Palmito* (Castro); arroio *Palmito Mole* (Tibagi). A unidade lexical palmital foi registrada no inventário de topônimos nomeando rio *Palmital* (Adrianópolis, Campo Largo, Colombo, Curitiba, Pinhais), arroio *Palmital* (Campo Largo, Ponta Grossa), ribeirão *Palmital* (Campo Largo), ribeirão do *Palmital* (Lapa, Leópolis), arroio do *Palmital* (Porto Amazonas), água *Palmital* (Assaí), água do *Palmital* (Cornélio Procópio, Santa Cecília do Pavão,

Santa Marina e Santo Antonio da Platina).

Como as regiões pesquisadas estão localizadas na Zona das Araucárias, onde são abundantes os pinheirais, é compreensível aparecer nas designações de lugares as unidades lexicais pinheiro, pinhal: rio *Pinheiro* (Antonina), ribeirão dos *Pinheiros* (Castro), ribeirão *Pinheiro Seco* (Congonhinhas), água do *Pinheiro* (Uraí); rio *Pinhal* (Guaratuba, Quatro Barras, Tijucas do Sul), água do *Pinhal* (Telêmaco Borba, Ventania, São José da Boa Vista).

Destacamos também a unidade lexical pinhalão, formada, segundo Ferreira (2004), pelo termo pinhal + ão (sufixo aumentativo), que nomeia o município de *Pinhalão*. Confirmamos o argumento de Dick (1990a, p. 177) que o nome científico da planta araucária exerce a sua função designativa “em um único acidente humano, na região paranaense”, retratado por meio do nome do município de *Araucária*.

Merece ainda destaque, nos dados analisados neste trabalho, a valorização do nome palmeira como nome de lugares. Essa espécie existia em quase todo o território paranaense e o seu nome conserva-se em denominações como arroio da *Palmeira* (Doutor Ulysses), ribeirão *Palmeira* (Doutor Ulysses), serra da *Palmeira* (Doutor Ulysses, Reserva), córrego *Palmeira* (Ortigueira), *Palmeira* (município), rio *Palmeiras* (Guaraqueçaba), morro das *Palmeiras* (Guaratuba), rio das *Palmeiras* (Guaratuba), água das *Palmeiras* (Bandeirantes, Cambará); rio *Palmeirinha* (Campina Grande do Sul, Pirai do Sul) e arroio *Palmeirinha* (Jaguariaíva e Pirai do Sul).

Destacamos, também, a presença considerável de itens lexicais de étimos oriundos da língua tupi, relativos à área semântica da flora na nomeação de acidentes geográficos. Sampaio (1928, p.85), referindo-se à presença de topônimos indígenas oriundos de nomes de elementos da flora na toponímia brasileira, destaca:

Numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena, deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o freqüente emprego de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer (SAMPAIO, 1928, p.85).

Dentre os étimos da língua tupi, taquara foi o topônimo mais

produtivo. Sampaio (1928) define esse termo como “ta-quara – a haste furada, ou oca”. O item lexical taquara nomeia rio *Taquara* (Castro), arroio *Taquara* (Palmeira), ribeirão *Taquara* (São Jerônimo da Serra), serra da *Taquara* (Castro e Tibagi), água da *Taquara* (Figueira) e ribeirão da *Taquara* (Pinhalão). Na forma composta nomeia apenas o arroio *Taquara Lisa* (Tunas do Paraná).

Taquaral, por sua vez, termo definido por Houaiss (2001) como “extenso aglomerado de taquaras em determinada área; bambual, bambuzal, tabocal”, aparece na nomeação de arroio *Taquaral* (Campo Largo), morro *Taquaral* (Morretes), rio *Taquaral* (Rio Branco do Sul), rio do *Taquaral* (Castro), arroio e rio *Taquaral* (Jaguariaíva), água do *Taquaral* (Cornélio Procópio, Santa Mariana, São Jerônimo da Serra), ribeirão *Taquaral* (Santo Antonio da Platina). As formações taquaralzinho e taquarinha, por sua vez, ocorrem nos seguintes designativos: água do *Taquaralzinho* (Cambará) e ribeirão *Taquaralzinho* (Santo Antonio da Platina); ribeirão *Taquarinha* (Campo Largo).

Já taquari, segundo Sampaio (1928), deriva de “taquary: como taquar-y: o rio das taquaras” e neste estudo aparece na nomeação de rio *Taquari* (Campina Grande do Sul, Ponta Grossa e Quatro Barras), serra do *Taquari* (Guaraqueçaba) e córrego *Taquari* (Jataizinho).

Outro item lexical de origem tupi que aparece como designativo de acidentes geográficos é capão, termo definido por Sampaio (1928) como “corruptela de caá-pãu, significando a ilha de mato, o mato crescido e isolado no campo”. Especificamente no *corpus* analisado, a unidade lexical aparece nomeando arroio *Capão Bonito* (Campo Largo, Castro), rio *Capão Grande* (Campo Largo), arroio *Capão Grande* (Ponta Grossa, Lapa), arroio *Capão do Moinho* (Palmeira), rio *Capão do Alegrete* (Campo Largo, Palmeira) e arroio *Capão do Cipó* (Ponta Grossa).

Na esfera das regiões pesquisadas, dois municípios são nomeados com étimos tupis: *Curitiba*, unidade lexical definida por Sampaio (1928) como “curityba: curí-tyba significando o pinhal, o sítio dos pinheiros”, e *Curiúva*, termo definido por Houaiss (2001) como ku'ri: pinheiro + 'iwa: planta, árvore, tronco (de planta).

Enfim, o estudo demonstrou que a exuberância e a diversidade da flora, tão aproveitada pelos grupos humanos que habitaram ou habitam a região, foram os fatores decisivos para que se registrassem e conservassem as designações fitotoponímicas até a atualidade.

Outra taxionomia expressiva no *corpus* desta pesquisa foi a dos *zootopônimos* que será focalizada no próximo tópico deste Capítulo.

5.2.1.2 Zootopônimos

A fauna de determinada região, a exemplo dos elementos da flora, também se reflete nos nomes dos acidentes geográficos, destacando-se, desse modo, a influência do ambiente físico na geração dos designativos. Esse fato ocorre não só por estarem os zootopônimos (nomes de animais), vinculados à vida das populações, como também pela presença física dos animais lembrados na localidade.

Entretanto, nem sempre “a presença de determinado animal numa área qualquer”, pressupõe necessariamente, seu *habitat* natural, bastando um encontro ocasional pelo denominador, no ato da nomeação, resultando daí o toponomástico (STEWART, *apud* DICK, 1990a, p.256). Dick (1990a, p.283), ao abordar a grande incidência de nomes de animais, na toponímia brasileira, retoma a explicação de C. de Mello Leitão (1937), quanto à dificuldade da comprovação de uma área toponímica típica de certos animais:

quando estudamos qualquer espécie ou qualquer comunidade animal, um dos primeiros problemas que vem ao espírito é o da dispersão dos movimentos dos animais em busca de alimento, de abrigo ou respondendo aos apelos do amor (*apud* DICK, 1990a, p.283).

Para a classificação dos nomes que gerariam os zootopônimos do *corpus*, utilizamos o critério estabelecido por Gabriel Soares de Souza (*apud* DICK 1990a, p.259), que descreve a fauna brasileira, distribuindo os animais em 03 classes: aéreos, aquáticos e terrestres. Aplicando essa classificação à zootoponímia das mesorregiões em estudo, também foi possível identificar topônimos com nomes de animais relacionados aos 03 grupos estabelecidos pelo autor. Como exemplos de topônimos com nomes desses tipos de animais, destacamos a seguir os mais produtivos no *corpus* analisado:

- 1) aéreos – rio dos *Papagaios* (Balsa Nova, Campo Largo, Porto

Amazonas, Palmeira), rio do *Papagaio* (Guaraqueçaba), ilha do *Papagaio* (Guaratuba), arroio *Papagaio* (Arapoti), distrito *Papagaios Novos* (Palmeira), arroio dos *Papagaios* (Reserva), água *Papagaio* (Uraí), rio dos *Patos* (Bocaiúva do Sul, Fazenda Rio Grande, Guaraqueçaba, Guaratuba, Lapa, Mandirituba, Morretes, Itambaracá), ilha dos *Patos* (Guaratuba, Morretes), ribeirão dos *Patos* (Ortigueira, São Jerônimo da Serra, São José da Boa Vista), ribeirão dos *Patinhos* (Bocaiúva do Sul, Lapa), ribeirão das *Gralhas* (Araucária), arroio das *Gralhas* (Campo Largo, Castro), arroio da *Gralha* (Jaguariaíva, Sengés), rio das *Gralhas* (Contenda), rio da *Gralha* (Tunas do Paraná);

2) aquáticos – rio *Lambari* (Quitandinha, Sapopema), ribeirão *Alambari* (Cambará), córrego *Lambari* (São Sebastião da Amoreira), distrito *Lambari* (Sapopema), baixio do *Bagre* (Guaraqueçaba), ribeirão do *Bagre* (Joaquim Távora, Ribeirão Claro), ribeirão dos *Bagres* (Nova Fátima), ribeirão da *Piranha* (Guapirama, Joaquim Távora), ribeirão *Piranhinha* (Guapirama), ribeirão *Cascudo* (Ortigueira, Reserva), serra do *Cascudo* (Ortigueira), córrego *Cascudinho* (Ortigueira);

3) terrestres – rio do *Tigre* (Adrianópolis, Tunas do Paraná, Castro, Ortigueira, Piraí do Sul, São Jerônimo da Serra), ribeirão *Tigre* (Cerro Azul), rio *Tigre* (Cerro Azul), ribeirão do *Tigre* (Guaratuba, Quatro Barras, Ortigueira, São Sebastião da Amoreira), córrego do *Tigre* (Arapoti, Jaguariaíva,), cachoeira do *Tigre* (Ortigueira, Telêmaco Borba), espigão do *Tigre* (Ortigueira), arroio do *Tigre* (Palmeira, Tibagi), serra do *Tigre* (Sengés, Nova Santa Bárbara, Santa Cecília do Pavão, Santo Antonio do Paraíso, São Sebastião da Amoreira), lajeado do *Tigre* (Tibagi), ribeirão do *Tigre* (Assai, Ibaiti, Nova América da Colina, Nova Santa Bárbara, Ribeirão do Pinhal, Santo Antonio do Paraíso, Uraí), ribeirão do *Tigre* ou *Tigrinho* (Jataizinho), água do *Tigre* (Sapopema), rio das *Onças* (Adrianópolis, Araucária, Contenda, Guaratuba, Mandirituba), córrego das *Onças* (Mandirituba), rio da *Onça* (Campo Largo, Cerro Azul, Matinhos, Castro), arroio da *Onça* (Tijucas do Sul), ribeirão da *Onça* (Castro, Piraí do Sul), água da *Onça* (Abatiá, Bandeirantes, Jacarezinho, Rancho Alegre, Santana do Itararé, Santo Antonio da Platina, Sertaneja), córrego da *Onça* (São Jerônimo da Serra), ribeirão da *Anta* (Adrianópolis, Guaraqueçaba), rio da *Anta Gorda* (Adrianópolis), rio *Anta Gorda* (Doutor Ulysses), ribeirão das *Antas* (Telêmaco Borba), rio da *Anta* (Guaraqueçaba), ribeirão *Anta Gorda* (Lapa), arroio *Anta Gorda* (Imbaú), arroio da *Anta* (Imbaú), córrego das *Antas* (Palmeira), córrego *Anta Fêmea* (Reserva), serra das *Antas*

(Sengés), rio *Anta Brava* (Telêmaco Borba, Ventania), lajeado das *Antas* (Tibagi), rio das *Antas* (Tibagi).

Outra taxionomia expressiva no *corpus* desta pesquisa foi a dos *antropotopônimos* que se destacou como a 3ª maior ocorrência na mesorregião Metropolitana de Curitiba e na Centro-Oriental, cujos dados focalizamos a seguir.

5.2.1.3 Antropotopônimos

Os *antropotopônimos*, topônimos formados por prenomes, alcunhas, hipocorísticos e apelidos de família, nomeações que têm por base a homenagem a pessoas que se destacaram tanto na região estudada em particular, como no Brasil como um todo, denotam a valorização da pessoa, é o respeito pelos feitos humanos. Ao tratar da importância dos nomes próprios na nomeação de lugares, Dick (1990a, p. 293) assinala que

a diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios denota, portanto, em última análise, um reflexo da natureza psico-social do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através de apelativos, é, ainda, pelo menos no estágio atual de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer.

Retomando a questão da denominação espontânea, a autora afirma que esta acontece com os acidentes identificados simplesmente pelo nome de um morador, revelando, assim, uma característica denominativa de um pequeno horizonte geográfico, distinto daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, muitas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular. Nesse caso, a razão de ser de uma nomeação anônima não extrapola as cercanias da localidade que lhe deu origem, por não possuir a força e o prestígio dos nomes históricos ou de projeção nacional (DICK, 1990a, p. 294-296).

O exame dos dados analisados identificou *antropotopônimos* com os seguintes padrões toponímicos:

1) prenome: ribeirão do *Guilherme* (Piraí do Sul), arroio *Hipólito* (Reserva), arroio do *Daniel* (Tibagi), ribeirão da *Marta* (Congonhinhas), água da *Rita*

(Leópolis);

2) prenome + alcunha : serra *Manuel Grande* (Sengés);

3) hipocorístico: rio do *Chico* (Arapoti), água *Lopinho* (Arapoti), arroio *Mirandinha* (Telêmaco Borba), arroio do *Chicão* (Itambaracá), água do *Noratinho* (São Jerônimo da Serra);

4) apelido de família: rio *Pereira* (Ortigueira), ribeirão *Barbosa* (Sengés), água dos *Pereiras* (Tomazina);

5) prenome + apelido de família, como por exemplo: arroio *Maria Leme* (Carambeí), distrito *José Lacerda* (Reserva), distrito *Caetano Mendes* (Tibagi).

A análise do emprego dos nomes de pessoas para nomear um lugar comprovou que, procurando um vínculo aproximado entre as circunstâncias do lugar e o denominador que lhe permitiu a designação, possibilita que uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida às gerações posteriores. Tais nomes exercem o papel de verdadeiros registros da história cultural dos grupos humanos e denotam respeito às pessoas que, de uma forma ou de outra, participaram do desenvolvimento político, histórico e social da cada município, merecendo por isso, serem lembrados.

No próximo tópico deste Capítulo, tratamos de outra taxionomia expressiva do *corpus* desta pesquisa, a dos *hidrotopônimos*.

5.2.1.4 Hidrotopônimos

Os rios, fontes de vida e vias de comunicação de todas as civilizações, possuem uma importância simbólica, significativa e a água representa o nascimento e a morte, a origem e o fim da vida. Partindo-se do pressuposto de que, no momento de denominar um rio, o procedimento mais natural é o de designá-lo a partir de uma das particularidades mais marcantes, infere-se que várias são as motivações toponímicas para a escolha do nome que melhor retratasse esse momento.

Nos *hidrotopônimos* compostos, o terceiro elemento do sintagma nominativo pode definir os acidentes, segundo o aspecto do referente, por meio da indicação do estado da água, como em ribeirão *Água Limpa* (Santo Antonio da

Platina) e em ribeirão da *Água Limpa* (Tomazina), córrego *Água Feia* (Santo Antonio da Platina), ribeirão *Água Fria* (Siqueira Campos), ribeirão *Água Amarela* (Conselheiro Mairincki), ribeirão *Água Branca* (Congonhinhas, Ibaiti, Jaboti), córrego *Água Branca* (Ibaiti), córrego da *Água Branca* (Assaí, Leopólis), córrego *Água Preta* (Andirá), córrego *Água Verde* (Figueira).

Merece destaque, no universo pesquisado, a toponimização de acidentes geográficos, ou seja, a designação do acidente físico, sendo tomado como topônimo (elemento específico) no sintagma toponímico, como em: ribeirão *Cachoeira* (Carlópolis, Jacarezinho), ribeirão da *Cachoeira* (Ribeirão Claro), córrego *Cachoeirinha* (Jundiá do Sul), água da *Lagoa* (Ibaiti), Córrego do *Salto* (Conselheiro Mairincki, Salto do Itararé), Corredeira do *Salto* (Ribeirão do Pinhal), ribeirão do *Salto* (Santo Antonio do Paraíso, São Jerônimo da Serra, São Sebastião da Amoreira) e também em nomes compostos como em distrito *Cachoeira do Espírito Santo* (Ribeirão Claro) e cachoeira do *Salto Bonito* (Siqueira Campos).

A unidade lexical barra, definida por Houaiss (2001) como “entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme; entrada de baía [...] local em que um rio deságua no mar ou lago; desembocadura, foz”, também aparece várias vezes como designativo de acidentes geográficos nas mesorregiões em estudo. Em formação simples barra ocorre no topônimo água da *Barra* (Carlópolis, Ribeirão Claro) e na formação derivada com sufixo de grau diminutivo – *inha* aparece no topônimo água *Barrinha do Cateto* (Bandeirantes).

Já em formação composta, surge nos topônimos: arroio *Barra Grande* (Curiúva), ribeirão *Barra Grande* (Curiúva, Sapopema, Siqueira Campos), córrego *Barra Funda* (Uraí), ribeirão da *Barra Grande* (Guapirama, Joaquim Távora, Quatiguá, Ribeirão Claro, Tomazina), ribeirão *Barra Mansa* (Santo Antonio da Platina, Tomazina), rio *Barra Mansa* (São José da Boa Vista), água da *Barra Mimosa* (São Jerônimo da Serra), água *Barra Seca* (Jaboti) e água da *Barra Velha* (Guapirama). Dick (1990b, p.77) afirma que, ao analisar sintagmas toponímicos formados com a unidade lexical barra, esse elemento muito empregado em formações diversas do ponto de vista toponímico, dificulta uma análise conclusiva.

Dentre os designativos de acidentes geográficos relacionados ao elemento água, aqui analisados, há topônimos como água da *Sanga Funda* (Sapopema), córrego da *Represa* (Nova Fátima) e rio *Braço da Fartura* (Salto do Itararé). Merece destaque o item lexical *olho d'água* que nomeia o córrego *Olho*

d'água (Rancho Alegre, Wenceslau Braz), segundo Dick (1990b, p.78), com amplo emprego no Nordeste do Brasil.

A água é vital para o homem, por isso “o aparecimento do topônimo, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos d'água para as condições humanas de vida” (DICK, 1990a, p. 196).

Na sequência analisamos os topônimos em termos de língua de origem, destacando os estratos linguísticos predominantes na toponímia de cada mesorregião e também alguns apontamentos sobre a estrutura morfológica dos topônimos, considerando-se, para tanto, o *corpus* total da pesquisa.

5.2.2 Dimensão Etnolinguística

Analisar as camadas étnicas presentes na toponímia considerando-se a presença dos 03 grupos étnicos predominantes, propicia ao pesquisador descobrir importantes relatos da história, da cultura da língua do povo de uma determinada região.

Ao tratar da toponímia de origem portuguesa, ou brasileira propriamente dita, Dick (1990b, p.44) destaca que, pela variedade de traços ambientais que revela, proporciona um significativo campo de estudos ao pesquisador, partindo-se dos “primitivos topônimos históricos” e considerando-se “as condições mesológicas”.

Historicamente, os acidentes geográficos (rios, morros, riachos, etc.) foram os primeiros a serem nomeados no início da conquista e da ocupação do espaço brasileiro, e a formação dos topônimos seguiu a tendência natural do processo de designação, sendo feita de acordo com os padrões vigentes na cultura lusitana, muito embora já se encontrasse aqui uma nomenclatura básica indígena.

Desse modo, a nomenclatura geográfica do território estruturou-se a partir de elementos humanos formadores da etnia brasileira, apresentando-se tão mestiça e heterogênea quanto o próprio povo.

O Quadro 10, a seguir, fornece uma visão geral da língua de origem dos topônimos das mesorregiões em estudo.

LÍNGUA DE ORIGEM DOS TOPÔNIMOS					
Metropolitana de Curitiba		Centro-Oriental		Norte Pioneiro	
Língua de origem	%	Língua de origem	%	Língua de origem	%
LP	53%	LP	54%	LP	55%
LP + LP	19%	LT	17%	LP + LP	19%
LT	18%	LP + LP	17%	LT	15%
LNI	3%	LNI	3%	LNI	2%
LE	2%	LE	2%	LP + LP + LP	1%
LP + LP + LP	1%	LQB	1%	LQB	1%
HÍBRIDOS	2%	LA	1%	LA	1%
OUTRAS LÍNGUAS	2%	LT + LP	1%	LE	1%
		LG	1%	LF	1%
		HÍBRIDOS	2%	LG	1%
		OUTRAS LÍNGUAS	2%	HÍBRIDOS	2%
				OUTRAS LÍNGUAS	1%

Quadro 10 – Distribuição percentual dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro segundo a língua de origem

Os dados percentuais evidenciados no Quadro 10 demonstram que, a exemplo da toponímia brasileira em geral, predominam os topônimos de língua portuguesa (LP) nas 03 mesorregiões em questão, seguidos pela combinação de 02 termos de língua portuguesa (LP + LP) e os de base tupi (LT).

No universo pesquisado, diversos topônimos de origem portuguesa resultaram da ligação do denominador/designador com a terra e o ambiente que o circundava, seja pela cultura material, seja pela fauna ou pela flora, dentre outros fatores. Os elementos da cultura material são destaque em topônimos como morro da *Buzina* (Guaraqueçaba), rio *Facãozinho* (Guaratuba), serra do *Facão* (Ortigueira, Tibagi, Ventania), arroio do *Sabão* (Ponta Grossa, Tibagi), água da *Torneira* (Assaí), dentre outros. Já os elementos da fauna nomeiam o ribeirão dos *Cabritos* (Guaratuba), água da *Borboleta* (Ortigueira) e os elementos da flora temos topônimos como rio *Coqueiro* (Campina Grande do Sul), rio do *Café* (Arapoti),

córrego da *Uva* (Ibaiti).

Embora na toponímia brasileira predominem os topônimos de base portuguesa, pode ser considerado significativo o montante de ocorrências de nomes indígenas, uma vez que, em relação à herança indígena na toponímia brasileira, há uma média de 10.000 topônimos atribuídos a acidentes geográficos de diversas ordens, já inventariados por Dick (1986, p. 102).

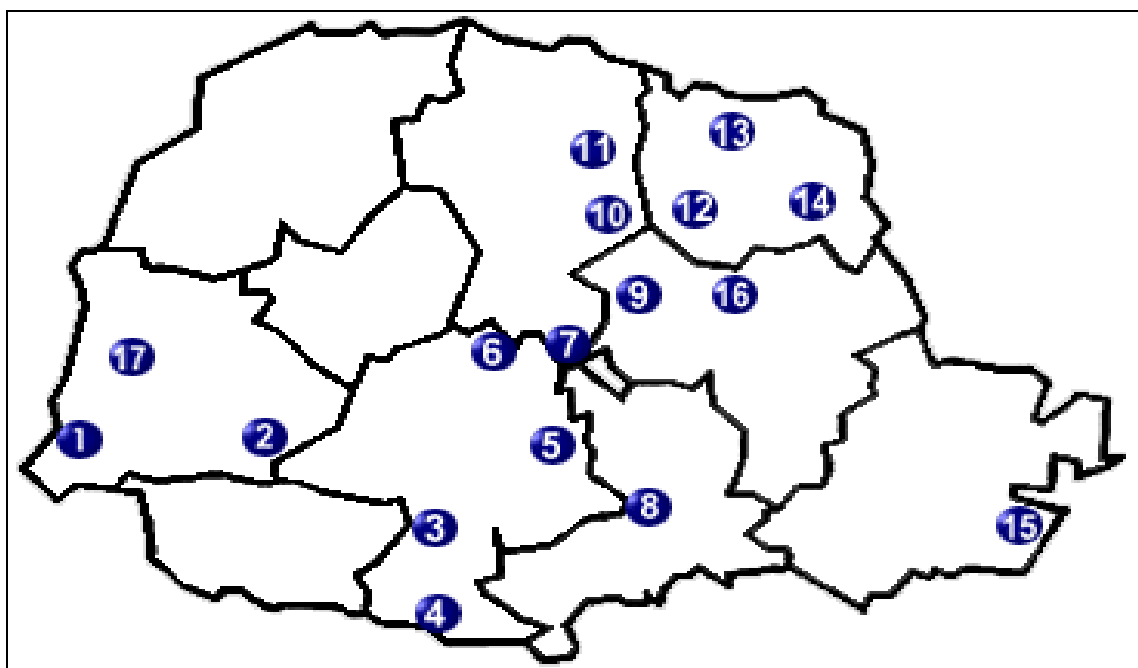
Os índios tupi acabaram contribuindo, e muito, com o léxico do português brasileiro, o que resultou numa riqueza de possibilidades nomenclaturais, que enriqueceram sobremaneira o patrimônio lexical do português brasileiro e, por consequência, da toponímia. Segundo Dick (1990b, p.122-123),

o sistema lexical tupi, como reflexo de uma sociedade de economia mista, deixou uma gama variada de contribuição linguística ao português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na toponímia, que se vale deles como uma fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas.

Nas mesorregiões pesquisadas, constatamos, claramente, a presença do léxico de base tupi na toponímia regional. Ilustram isso topônimos como rio *Capivari* (Antonina, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Magro, Doutor Ulysses, Guaraqueçaba, Lapa, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul), arroio *Guabiroba* (Lapa, Reserva, Tibagi), rio da *Guabiroba* (Campo Largo), ribeirão da *Guabiroba* (Rio Negro), rio *Guabiroba* (Castro, Palmeira), arroio *Jacutinga* (Imbaú, Tibagi), córrego *Jacutinga* (Andirá, Bandeirantes, Leópolis, Uraí) ribeirão *Jacutinga* (Ortigueira, Quatiguá, Ribeirão do Pinhal, Santo Antonio da Platina, Siqueira Campos), rio *Jacutinga* (Reserva), Água da *Jacutinga* (Curiúva).

Anteriormente, quando analisamos o conjunto geral dos topônimos que nomeiam os municípios das mesorregiões em questão, destacamos a presença significativa de topônimos de base tupi nas mesorregiões Centro-Oriental (29%) e Norte Pioneiro (28%). O estudo dos topônimos dos acidentes físicos também comprovou a presença de topônimos de base tupi como 2ª maior ocorrência na Centro-Oriental, com 17%; como 3ª, na Metropolitana, com 17%, e na Norte Pioneiro, com 15%. Aventamos a hipótese de que esse fato decorre da presença, na região, ainda na atualidade, das áreas indígenas demarcadas no Mapa apresentado

a seguir:



Mapa 22 – Terras indígenas no Paraná¹²⁵

Fonte: FUNAI - 1995¹²⁶

1	Reserva indígena Ocoí	2	Reserva indígena Rio das Cobras
3	Reserva indígena Mangueirinha	4	Reserva indígena Palmas
5	Reserva indígena Marrecas	6	Reserva indígena Ivaí
7	Reserva indígena Faxinal	8	Reserva indígena Rio D'Areia
9	Reserva indígena Queimadas	10	Reserva indígena Apucarantina
11	Reserva indígena Barão de Antonina	12	Reserva indígena São Jerônimo da Serra
13	Reserva indígena Laranjinha	14	Reserva indígena Pinhalzinho
15	Reserva indígena Ilha da Cotinga	16	Reserva indígena Mococa
17	Reserva indígena Tekoha-Añeteté		

No Estado do Paraná existem aproximadamente 9.015 indígenas, habitando 85.264,30 hectares de terra. Essa área está distribuída em 17 reservas que abrigam as etnias caingangue (pertencentes à família linguística Jê); Guarani (grupo do tronco linguístico Tupi-Guarani, divididos em três subgrupos: Mbyá,

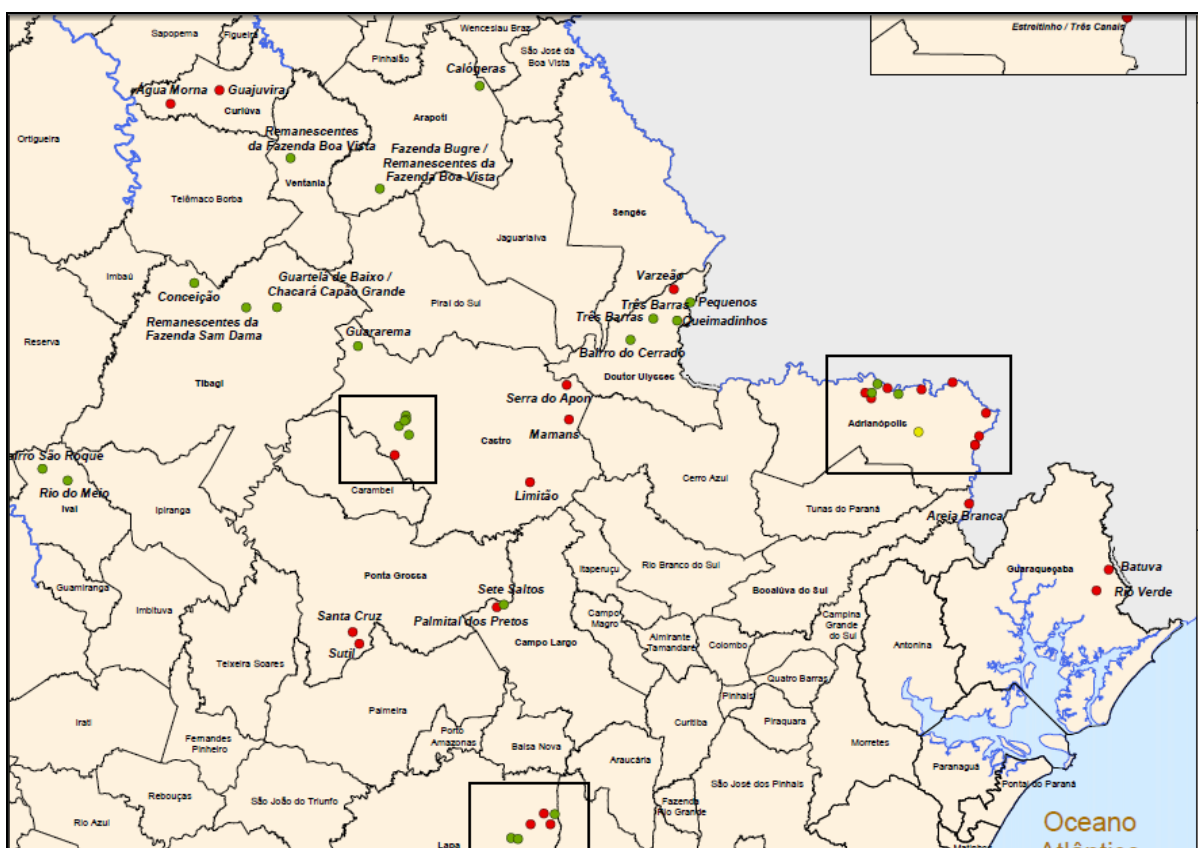
¹²⁵ O título do mapa foi atribuído pela autora deste trabalho.

¹²⁶ Disponível em: http://www.achetudoeregiao.com.br/pr/indigenas_parana.htm. Acesso: 13 maio 2007.

Nhandéva e Kaiová) e 06 remanescentes do povo Xetá (pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani).

O Mapa 22 apresentado com a localização das áreas indígenas, se sobreposto sobre o Mapa 15, que localiza a área abrangida por esta pesquisa, permite a visualização da localização das áreas de reserva exatamente nas mesorregiões estudadas. Esses dados são indícios que apontam para a necessidade de investigações mais específicas e pontuais.

Em relação aos topônimos de origem africana (quimbundo), foram poucos os registros nas mesorregiões pesquisadas – 1% na Centro-Oriental e Norte Pioneiro, respectivamente. O Mapa 23 apresentado a seguir mostra a localização das áreas de concentração de quilombolas e comunidades negras tradicionais, que coincidem em termos de localização com alguns dos municípios objetos desse estudo.



Mapa 23 – Localização das comunidades remanescentes de quilombos e comunidades negras tradicionais

Fonte: ITCG, 2006

Foram identificados os seguintes topônimos de origem quimbundo

nas mesorregiões em estudo: rio *Caxambu* (Arapoti), arroio *Caxambu* e arroio *Caxambuzinho* (Piraí do Sul), arroio dos *Monjolos* (Castro), água do *Monjolo* (Curiúva, Nova Santa Bárbara, Santa Cecília do Pavão, São Sebastião da Amoreira), água do *Monjolo Velho* (Sapopema), arroio *Monjolo* (Ponta Grossa), arroio do *Monjolo* (Telêmaco Borba), córrego do *Monjolo* (Wenceslau Braz), ribeirão do *Monjolo* (Ortigueira), rio *Monjolo* (Palmeira), arroio do *Manjolo* (Palmeira), arroio *Monjolinho* (Castro, Palmeira), distrito *Monjolinho* (Ortigueira), arroio do *Monjolinho* (Palmeira), ribeirão *Monjolinho* (Jacarezinho), água do *Monjolinho* (Cornélio Procópio, Nova Fátima, Nova Santa Bárbara), ribeirão *Marimbondão* (Conselheiro Mairincki), água do *Macota* (Ribeirão do Pinhal), ribeirão do *Marimbondinho* (Salto do Itararé), ribeirão do *Marimbondão* (Salto do Itararé, Siqueira Campos), serra do *Marimbondão* (Salto do Itararé, Siqueira Campos), distrito *Marimbondão* (Siqueira Campos), água do *Coriango* (Santo Antonio do Paraíso).

Ao tratar do convívio entre as etnias africanas, indígenas e portuguesas, no território brasileiro, Dick (1990b, p. 152) destaca que, com a chegada do negro, houve uma alteração considerável no “primitivo conjunto racial heterogêneo”, já que novos hábitos se instalaram, outras línguas passaram a ser faladas no novo território. A autora assinala ainda que

Línguas gerais ou de comunicação se impuseram para reunir os falantes dos grupos não-brancos: do lado americano, o tupi, a mais falada na costa do Brasil, transmitindo ao vocabulário brasileiro cerca de 10.000 palavras; do lado africano, duas outras concorreram entre si: o nagô ou iorubá, na Bahia, do grupo sudanês, e o quimbundo, no Nordeste e mais ao Sul, a partir de Minas Gerais até o Rio de Janeiro e São Paulo, aproximadamente representando os povos bantus. Se os topônimos indígenas são mais significativos em extensão, na proporção direta do próprio vocabulário transmitido, os africanos configuram-se menores, extensivamente, porque o próprio contingente vocabular legado ao português é pequeno, cerca de trezentos termos mais ou menos, numa desproporção clara com o total de negros imigrados (DICK, 1990b, p. 152).

A pouca ocorrência de palavras das línguas africanas na toponímia é o reflexo do baixo número dessas unidades lexicais na constituição do léxico da língua portuguesa, confirmando as informações apresentadas por Dick, da desproporção entre a produtividade de topônimos de origem indígena e a de origem africana, pois esse fato primeiramente se deu na língua. A toponímia das mesorregiões estudadas ratifica essa tendência nacional do processo designativo.

No cômputo geral, não foi possível identificar a língua de origem de

3% dos topônimos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba e Centro-Oriental e em 2% de topônimos da Norte Pioneiro, como ribeirão *Candal* (Ibaiti), arroio dos *Lekes* (Lapa), rio e serra do *Apon* (Castro), dentre outros.

Na sequência, tratamos da estrutura morfológica dos topônimos estudados.

5.2.3 Estrutura Morfológica

Seguindo os parâmetros teórico-metodológicos adotados para esta pesquisa, classificamos o topônimo de 03 formas: simples, composto e composto híbrido (DICK, 1990b, p.13 -14). A disposição no Gráfico 3, a seguir, obedeceu à sequência adotada nos gráficos anteriores.

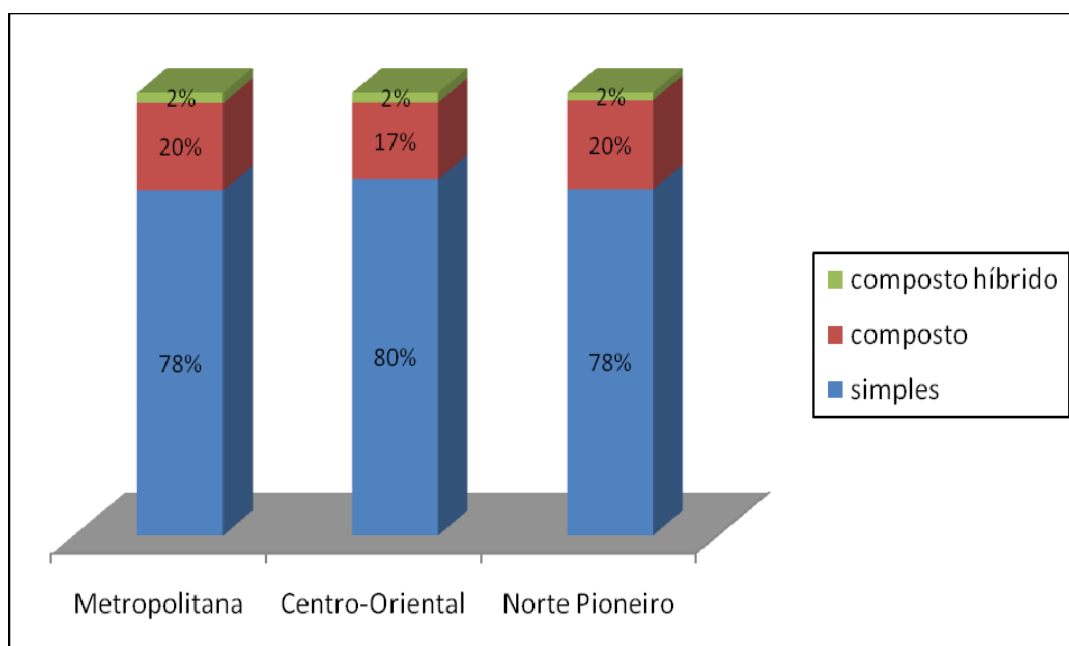


Gráfico 3 – Distribuição percentual dos topônimos nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, segundo a língua de origem

Os dados percentuais evidenciados no Gráfico 3 demonstram que nas 03 mesorregiões em estudo, ocorre a predominância de topônimos de estrutura simples, ou seja, formados por um só formante. Na sequência predominam os topônimos compostos, formados por mais de um formante lexical. Já os casos de

hibridismo apareceram em 2% dos topônimos compostos de cada mesorregião, estruturados a partir de duas bases linguísticas, como por exemplo, em: tupi + português: ribeirão *Capuava Grande* (Adrianópolis), arroio *Capão Bonito* (Castro), rio *Tijuco Preto* (Santana do Itararé); português + tupi: arroio *Passo do Xaxim* (Tijucas do Sul), rio *Barra da Imbuia* (Reserva).

Destacamos aqui, novamente, as palavras de Dick (1995, p. 60) que, ao discorrer sobre o processo de nomeação dos acidentes, atesta que “os primeiros topônimos funcionavam [...] como verdadeiros ‘sign-posts’, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir características de espaços semelhantes [...]”.

A pesquisadora esclarece ainda que esse fato explica a “quase-monotonia” apresentada na “primeira camada da nomenclatura geográfica” e demonstra que, com a adoção de nomes descritivos, houve, em princípio, uma tendência do designador recorrer aos “arquétipos toponímicos” ou “universais denominativos”. Desse modo, o substantivo é utilizado como forma de retratar o acidente de maneira concreta e o adjetivo para demonstrar a subjetividade do enunciador (DICK, 1995, p.60-61).

Por fim, mediante a análise do *corpus*, constata-se que a tendência da toponímia dos acidentes físicos aqui analisados, conforme já se salientou, no geral, não foge aos padrões denominativos encontrados em diferentes regiões do Brasil, já que o designador vale-se, na maioria das vezes, de apenas um elemento descritivo para nomear os acidentes e, assim, a estrutura morfológica predominante em uma determinada área toponímica tende a ser a do topônimo simples.

Na sequência, apresentamos o Capítulo VI, que reúne o esboço de atlas toponímico da região estudada.

6 ATLAS TOPONÍMICO DAS MESORREGIÕES METROPOLITANA DE CURITIBA, CENTRO-ORIENTAL E NORTE PIONEIRO, DO PARANÁ: UMA PROPOSTA

6.1 PRINCÍPIOS ORIENTADORES

Os dados toponímicos tabulados podem ser exibidos tanto em forma de mapas e ou cartas quanto em forma de gráficos. A diversidade de temas trabalhados num atlas, seja em visão estática, de caráter dinâmico, seja em raciocínio analítico, aproveita todo o espectro de métodos de representação oferecido pela Cartografia temática.

Como já assinalado, este trabalho teve como objetivo mais amplo apresentar uma proposta de cartografia de dados toponímicos de 03 mesorregiões do Estado do Paraná, etapa essa considerada aqui como 3º nível de análise dos dados. Assim, após a análise linguística e etnodialetológica do conjunto dos topônimos e da análise pontual das 03 categorias mais produtivas, são apresentadas as cartas toponímicas que evidenciam dados toponímicos referentes à mesorregião de Curitiba, do Centro-Oriental e do Norte Pioneiro, elaboradas com base na literatura existente sobre o assunto.

O elenco dos topônimos pesquisados em mapas oficiais dos municípios das 03 mesorregiões estudados e analisados neste trabalho foi distribuído em 02 grupos de cartas de acordo com a natureza do acidente nomeado: no 1º as cartas apresentam a macrotoponímia com a nomenclatura ou denominação dos municípios e, posteriormente, a microtoponímia com a denominação dos acidentes geográficos físicos dos municípios estudados. Essa divisão para fins de cartografia foi necessária em virtude do grande número de dados catalogados nos mapas dos 97 municípios estudados.

No modelo de atlas proposto, para a macrotoponímia (nomes dos municípios) foram concebidas cartas que possuem como base as 03 mesorregiões, visualizando-se a totalidade dos dados e com a mesma base de cartas qualitativas. Já na microtoponímia (denominação dos acidentes), são considerados 04 níveis de análise – cartas quantitativas, qualitativas, a união das duas e, finalmente, carta com o município, cujos dados serão cartografados.

O conjunto de cartas que compõe o esboço de atlas se abre com a representação da localização do espaço mais próximo, ou seja, o Estado do Paraná no Brasil, com destaque para as mesorregiões que foram objeto deste estudo.

O 1º grupo de cartas apresenta a distribuição real da nomenclatura dos municípios nas 03 mesorregiões – base para as cartas iniciais. Recorreu-se a cores contrastantes para diferenciar as mesorregiões – Metropolitana de Curitiba: amarelo; Centro-Oriental: verde e Norte Pioneiro: vermelho. Essa carta apresenta também o mapa completo do Paraná com os nomes de todos os municípios.

Outra proposta para a cartografia da nomenclatura dos municípios considerou a atribuição de números a cada município como critério de identificação. Nesse caso, seguiu-se o critério leste-oeste, iniciando em Guaraqueçaba – Metropolitana de Curitiba (nº 1) e finalizando com Cambará – Norte Pioneiro (nº 97). Essa carta não contemplou a utilização de cores como código de identificação de dados.

Tomando-se por base o modelo de Dick (1996a, p.40), são apresentadas as seguintes cartas com a análise qualitativa dos nomes de municípios: 1) carta da classificação taxionômica, elaborada com o critério corocromático e taxes com legenda formada com escala degradê de cores; 2) carta com os estratos linguísticos, com cores contrastantes na legenda para diferenciar os étimos e, 3) carta com a estrutura morfológica também com cores contrastantes na legenda. Em todas as cartas citadas há o registro dos nomes dos municípios em cada município.

Em outra perspectiva, para cada mesorregião, são apresentadas 04 cartas. A 1ª carta de cada mesorregião – qualitativa e quantitativa – foi elaborada com cores contrastantes na legenda e apresenta a taxionomia mais produtiva por município; a 2ª carta traz a língua de origem mais produtiva por município enquanto a 3ª carta apresenta a estrutura morfológica mais produtiva por município.

As cartas seguintes também têm como base as mesorregiões, e o recorte selecionado para cada carta é o de maior produtividade. Inicialmente mapeou-se a taxionomia mais produtiva de cada mesorregião. Para tanto, os dados da carta – qualitativa e quantitativa – foram identificados, segundo o critério corocromático, seguindo-se, nesses casos, as cores atribuídas anteriormente a cada mesorregião, com a legenda em ordem decrescente e a escala em cores degradê. O mesmo critério de produtividade foi aplicado para a elaboração das cartas que

apresentam a língua de origem e a estrutura morfológica dos topônimos.

Outra opção, agora com um olhar pontual e seguindo a dimensão dialetológica, foi a produção de cartas específicas para cada município. Dargel (2003) já comprovou que o modelo de carta no qual os sintagmas toponímicos são representados cartograficamente na localização exata do acidente geográfico e, ao lado, indicada a informação toponímica pertinente, se aplica a municípios com poucos acidentes. Assim, pela maior dificuldade elegemos para cartografar o município que apresentou no cômputo geral o maior índice de produtividade de topônimos, no caso, Guaraqueçaba.

A 1ª – qualitativa – de Guaraqueçaba identifica os sintagmas toponímicos na sua localização real no mapa. A carta seguinte apresenta as taxionomias de natureza antropocultural, também classificando os topônimos no local exato do mapa, sendo elaborada com o auxílio de cores contrastantes indicadas na legenda. A carta seguinte, concebida segundo os mesmos parâmetros, apresenta as taxionomias de natureza física. Outras duas cartas, elaboradas com base no mesmo critério, visualizam dados acerca da língua de origem e da estrutura morfológicas dos topônimos de Guaraqueçaba.

Na busca de alternativas para cartografar muitos topônimos, sem abrir mão da marcação do fenômeno analisado no local exato do acidente no mapa, outro modelo de carta aplicado ao município de Guaraqueçaba reuniu 02 critérios de identificação: símbolos e cores. Para as taxionomias de natureza física, os símbolos foram marcados em preto e para as de natureza antropocultural, em vermelho.

Por fim, o esboço de atlas reúne cartas – qualitativas e quantitativas – monocromáticas com legenda degradê e em ordem decrescente, que visualizassem um tipo de acidente geográfico em particular com grande produtividade no espaço estudado, no caso, água e arroio, visando à visualização das áreas de concentração desse tipo de acidente.

O conteúdo temático relativo aos dados das mesorregiões em questão – a classificação taxionômica, os estratos linguísticos e a estrutura morfológica dos topônimos que nomeiam os municípios – estão representados na mesma escala, com vistas a facilitar comparações entre os dados das 03 mesorregiões estudadas e a favorecer uma visualização mais ampla dos do conjunto geral dos dados analisados. Na sequência, apresentamos as cartas do município escolhido para demonstrar a opção de cartografiação em área com alto índice de

ocorrência de acidentes geográficos – Guaraqueçaba.

6.2 A ESTRUTURA DA PROPOSTA

No tópico denominação dos municípios, para a visão geral dos dados e da região escolhida como objeto de análise, foram elaboradas as seguintes cartas:

- a.) carta com a localização da área de estudo;
- b.) carta com os municípios do Paraná com as mesorregiões estudadas em destaque, com cores contrastantes;
- c.) carta com a localização dos municípios e nomenclatura em ordem numérica (1 a 97) na legenda;
- d.) carta parcial que retrata as categorias taxionômicas classificatórias com a utilização de gradação de cores dos nomes dos 97 municípios;
- e.) carta geral para mapear o conjunto dos estratos etnodialetológicos (português, africano e indígena), representando e identificando por meio de cores contrastantes os nomes dos 97 municípios.
- f.) carta parcial identificada por cores contrastantes apresentando a estrutura morfológica dos nomes dos 97 municípios.

No tópico, denominação dos acidentes físicos dos municípios, as cartas objetivaram fornecer uma visão geral de particularidades evidenciadas em cada mesorregião. Para tanto, foram elaboradas as seguintes cartas:

- g.) carta individual para cada mesorregião com a produtividade de cada município: taxionomia, língua de origem e estrutura morfológica dos topônimos;
- h.) carta individual para cada mesorregião com a apresentação da maior ocorrência do conjunto de taxionomias, com a gradação de cores na legenda em ordem decrescente;
- i.) carta individual para cada mesorregião com a apresentação da maior ocorrência do conjunto dos estratos etnodialetológicos, com a gradação na legenda de cores em ordem decrescente;
- j.) carta individual para cada mesorregião que retrata a maior ocorrência quanto à estrutura morfológica, com a gradação de cores na legenda em

ordem decrescente;

k.) carta parcial do município de Guaraqueçaba com a taxionomias de natureza antropocultural, com o critério corocromático;

l.) carta parcial do município de Guaraqueçaba com a taxionomias de natureza física, com o critério corocromático;

m.) carta parcial do município de Guaraqueçaba sobre as 04 taxionomias de natureza física (fitotopônimo, hidrotopônimo, zootopônimo, geomorfotopônimo) e as 04 de natureza antropocultural (antropotopônimo, cromotopônimo, somatotopônimo, sociotopônimo), mais produtivas no âmbito do município, com o critério de símbolos idênticos e cores diferentes;

n.) carta parcial do município de Guaraqueçaba sobre a língua de origem dos topônimos com o critério de cores contrastantes;

o.) carta parcial do município de Guaraqueçaba sobre a estrutura morfológica dos topônimos com o critério de cores contrastantes;

p.) carta com os dados das 03 mesorregiões, visualizando a distribuição da ocorrência do tipo de acidente geográfico, no caso, *água* e *arroio*, com gradação de cores e a não marcação cromática na carta do município com ausência do acidente em questão no mapa fonte¹²⁷;

Na sequência, apresentamos a nomenclatura das cartas toponímicas elaboradas:

Carta Toponímica I – Localização da área de estudo;

Carta Toponímica II – Municípios do Paraná – mesorregiões estudadas;

Carta Toponímica III – Localização dos municípios estudados;

Carta Toponímica IV – Classificação taxionômica dos nomes de municípios;

Carta Toponímica V – Estratos linguísticos dos nomes de municípios;

Carta Toponímica VI – Estrutura morfológica dos nomes de municípios;

Carta Toponímica VII – Taxionomia mais produtiva por município –

¹²⁷ A escolha desses dois tipos de acidentes geográficos foi pelo diferencial na nomeação de acidentes relativos a cursos d'água, onde de um modo geral, emprega-se os itens lexicais rio, córrego, ribeirão.

Metropolitana de Curitiba;

Carta Toponímica VIII – Fitotopônimos – Metropolitana de Curitiba;

Carta Toponímica IX – Língua de origem mais produtiva por município – Metropolitana de Curitiba

Carta Toponímica X – Índice de ocorrência de topônimos – Língua portuguesa – Metropolitana de Curitiba;

Carta Toponímica XI – Estrutura morfológica mais produtiva por município – Metropolitana de Curitiba;

Carta Toponímica XII – Índice de ocorrência de topônimos – estrutura simples – Metropolitana de Curitiba;

Carta Toponímica XIII – Taxionomia mais produtiva por município – Centro-oriental;

Carta Toponímica XIV – Zootopônimos – Centro-Oriental;

Carta Toponímica XV – Língua de origem mais produtiva por município – Centro-oriental;

Carta Toponímica XVI – Índice de ocorrência de topônimos – Língua portuguesa – Centro-Oriental;

Carta Toponímica XVII – Estrutura morfológica mais produtiva por município – Centro-oriental;

Carta Toponímica XVIII – Índice de ocorrência de topônimos – estrutura simples – Centro-Oriental;

Carta Toponímica XIX – Taxionomia mais produtiva por município – Norte Pioneiro

Carta Toponímica XX – Fitotopônimos – Norte Pioneiro;

Carta Toponímica XXI – Língua de origem mais produtiva por município – Norte Pioneiro;

Carta Toponímica XXII – Índice de ocorrência de topônimos – Língua portuguesa – Norte Pioneiro;

Carta Toponímica XXIII – Estrutura morfológica mais produtiva por município – Norte Pioneiro;

Carta Toponímica XXIV – Índice de ocorrência de topônimos – estrutura simples – Norte Pioneiro;

Carta Toponímica XXV – Topônimos – Guaraqueçaba;

Carta Toponímica XXVI – Taxionomias de natureza antropocultural –

Guaraqueçaba;

Carta Toponímica XXVII – Taxionomias de natureza física –

Guaraqueçaba;

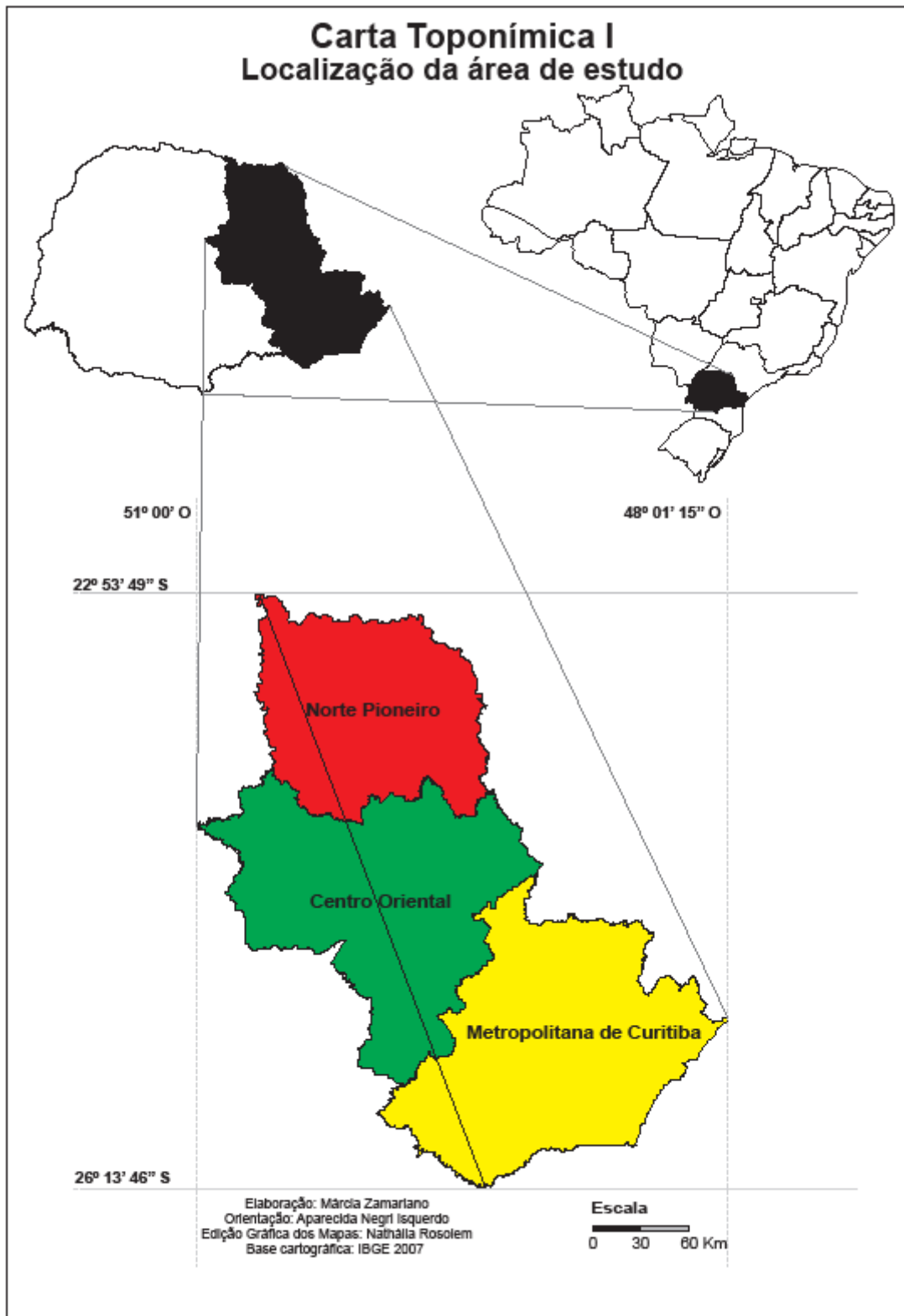
Carta Toponímica XXVIII – Taxionomias de natureza física e antropocultural – Guaraqueçaba;

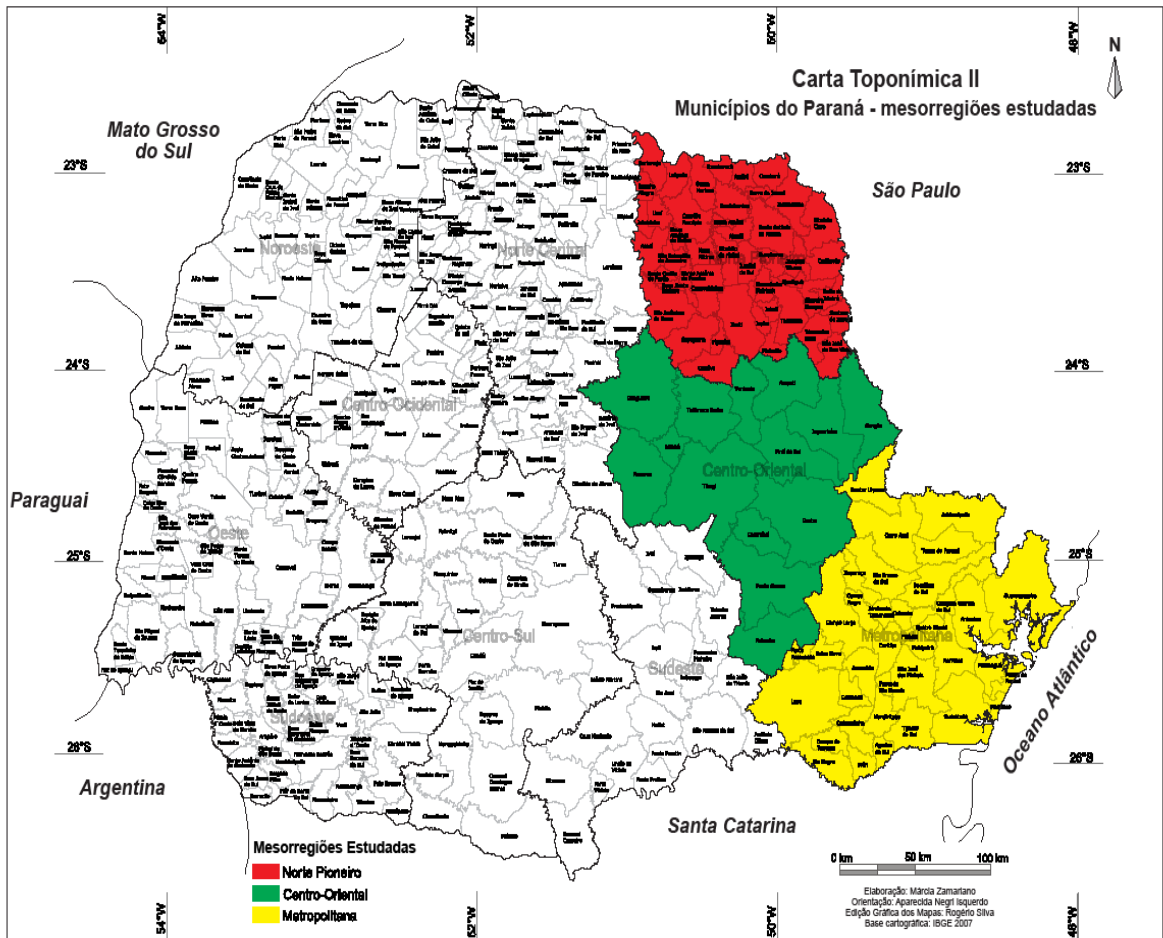
Carta Toponímica XXIX – Estratos linguísticos dos topônimos – Guaraqueçaba;

Carta Toponímica XXX – Estrutura morfológica dos topônimos – Guaraqueçaba;

Carta Toponímica XXXI – Tipo de acidente geográfico – água;

Carta Toponímica XXXII – Tipo de acidente geográfico – arroio.

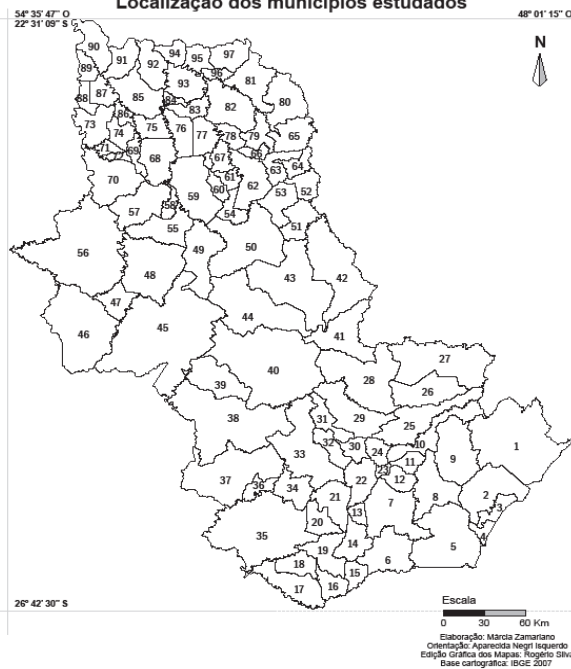


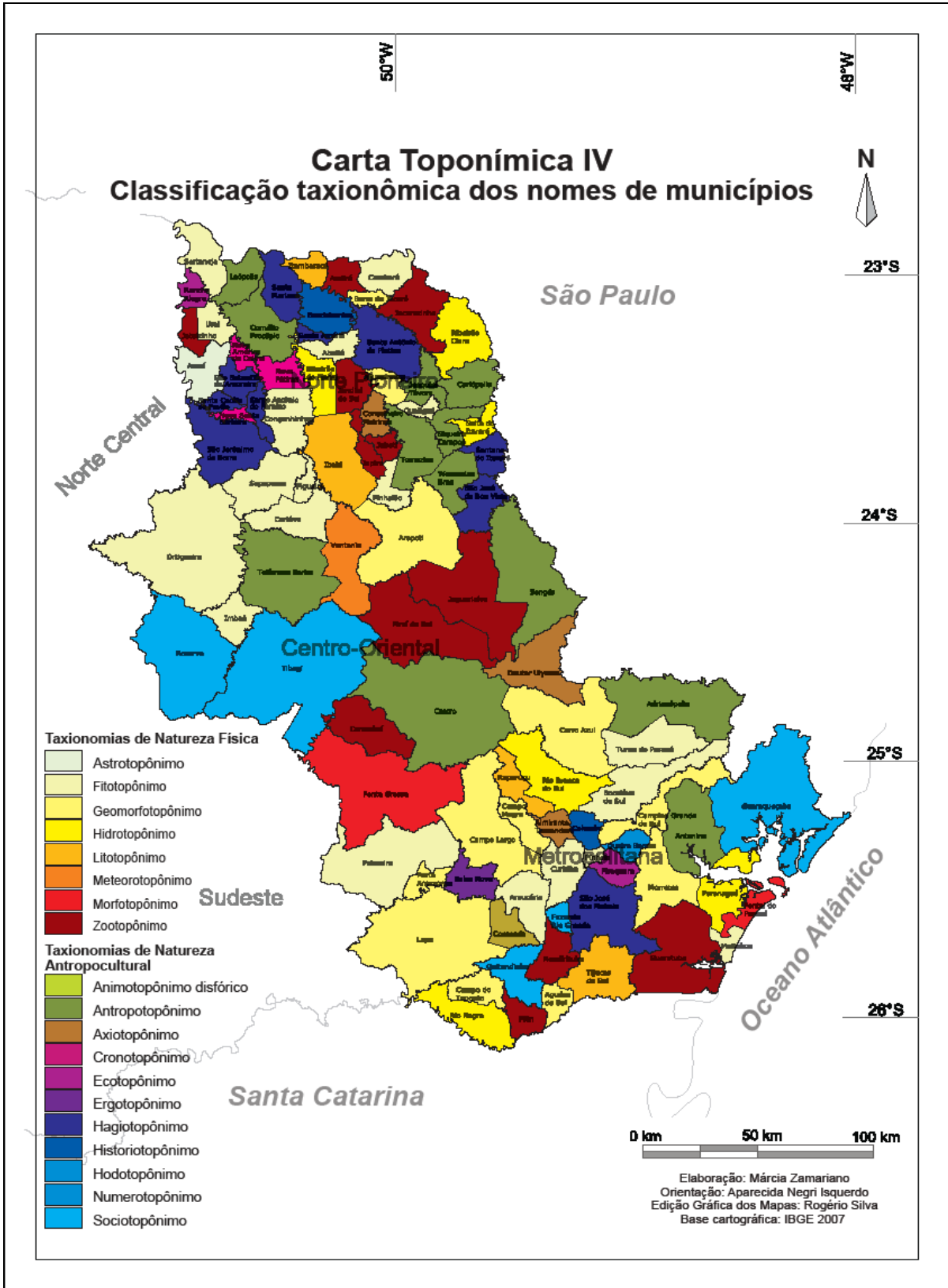


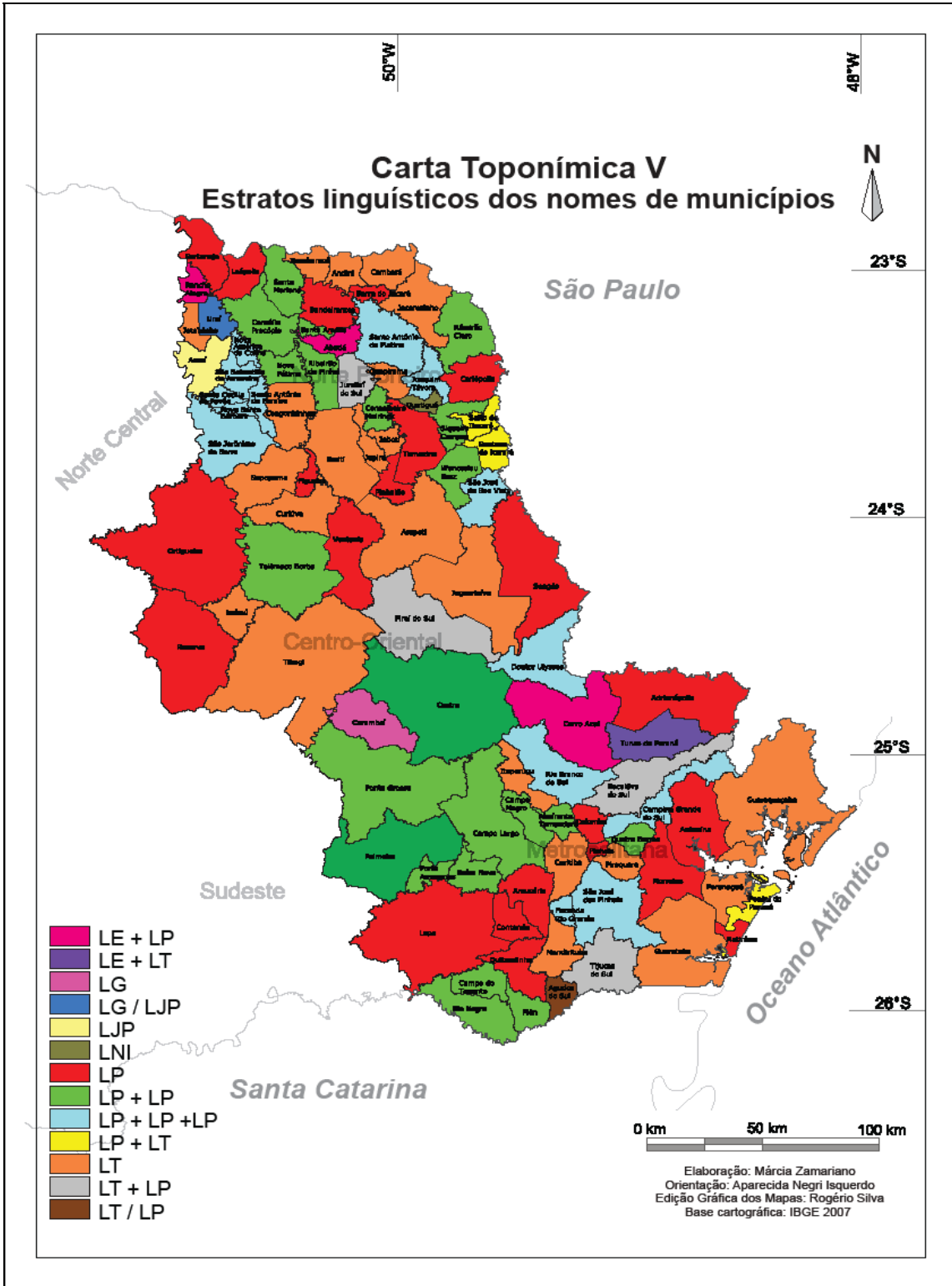
Ordem numérica municípios

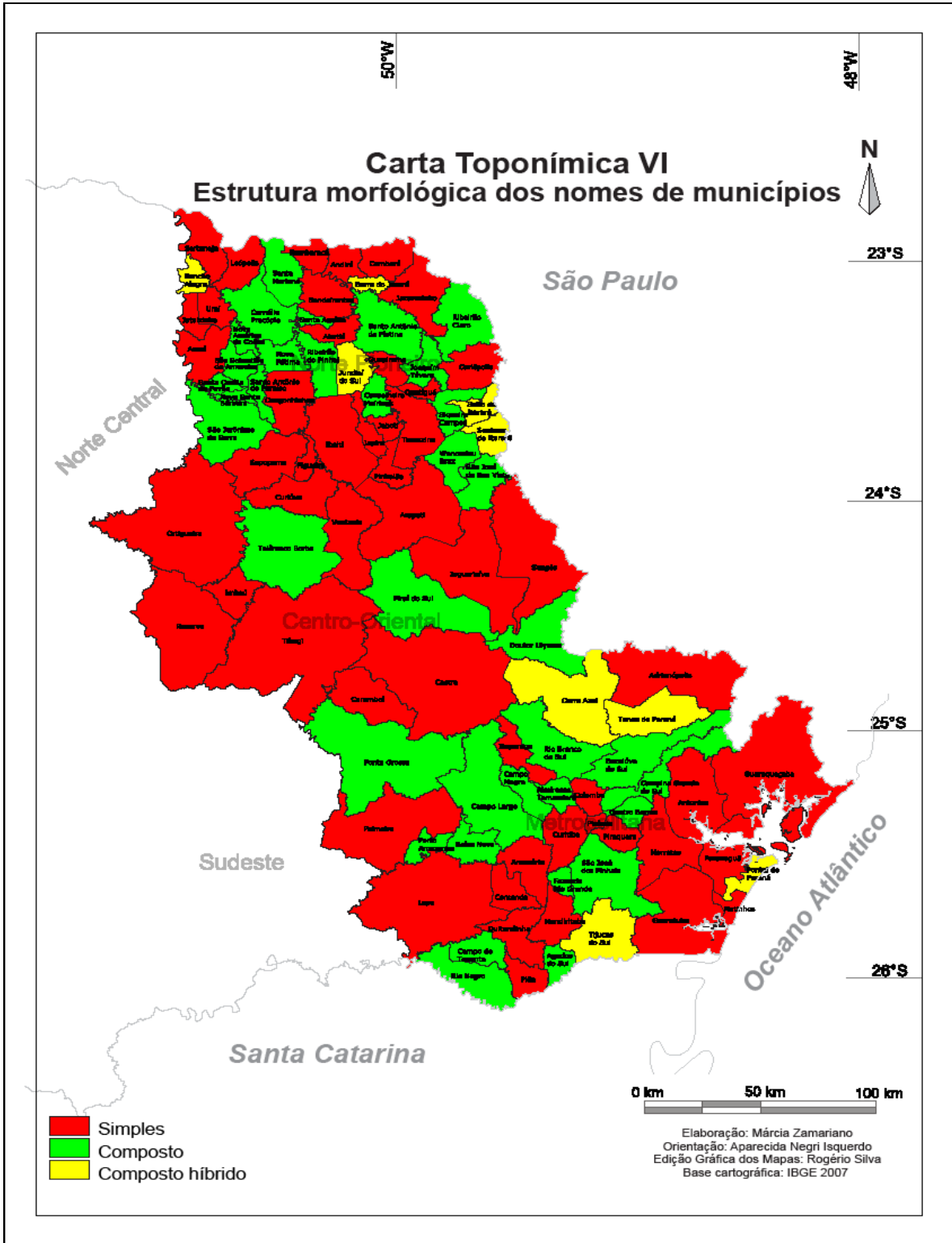
1. Guaraqueçaba	2. Paranaguá	3. Pontal do Paraná	4. Meinhos
5. Guaratuba	6. Tijucas do Sul	7. São José dos Pinhais	8. Morretes
9. Antonina	10. Campina Grande do Sul	11. Quatro Barras	12. Piraquara
13. Fazenda Rio Grande	14. Mandrituba	15. Agudos do Sul	16. Piên
17. Rio Negro	18. Campo do Tenente	19. Quitandinha	20. Contenda
21. Araucária	22. Curitiba	23. Pinhais	24. Colombo
25. Bocaiúva do Sul	26. Tunes do Paraná	27. Adrianópolis	28. Cerro Azul
29. Rio Branco do Sul	30. Almirante Tamandaré	31. Itaperuçu	32. Campo Magro
33. Campo Largo	34. Balsa Nova	35. Lapa	36. Porto Amazonas
37. Palmeira	38. Ponta Grossa	39. Carambí	40. Castro
41. Doutor Uliases	42. Sengis	43. Jaguariaíva	44. Pinai do Sul
45. Tibagi	46. Reserva	47. Imbaú	48. Telêmaco Borba
49. Ventania	50. Arapoti	51. São José da Boa Vista	52. Santana do Itararé
53. Wenceslau Braz	54. Pinhalão	55. Curiúva	56. Ortigueira
57. Sappema	58. Figueira	59. Ibaté	60. Japira
61. Jaboti	62. Tomazina	63. Siqueira Campos	64. Salto do Itararé
65. Caripolis	66. Quatiguá	67. Conselheiro Mairiní	68. Congonhinhas
69. Santo Antonio do Paraíso	70. São Jerônimo da Serra	71. Santa Cecília do Pavão	72. Nova Santa Bárbara
73. Assaí	74. São Sebastião da Amoreira	75. Nova Fátima	76. Ribeirão do Pinhal
77. Jundiaí do Sul	78. Guapirama	79. Joaquim Távora	80. Ribeirão Claro
81. Jacarezinho	82. Santo Antonio da Platina	83. Abatiá	84. Santa Amélia
85. Cornélio Procopio	86. Nova América da Colina	87. Unai	88. Jataizinho
89. Rancho Alegre	90. Sertaneja	91. Leopoldo	92. Santa Mariana
93. Bandeirantes	94. Itambaracá	95. Andraí	96. Barra do Jacaré
97. Cambaí			

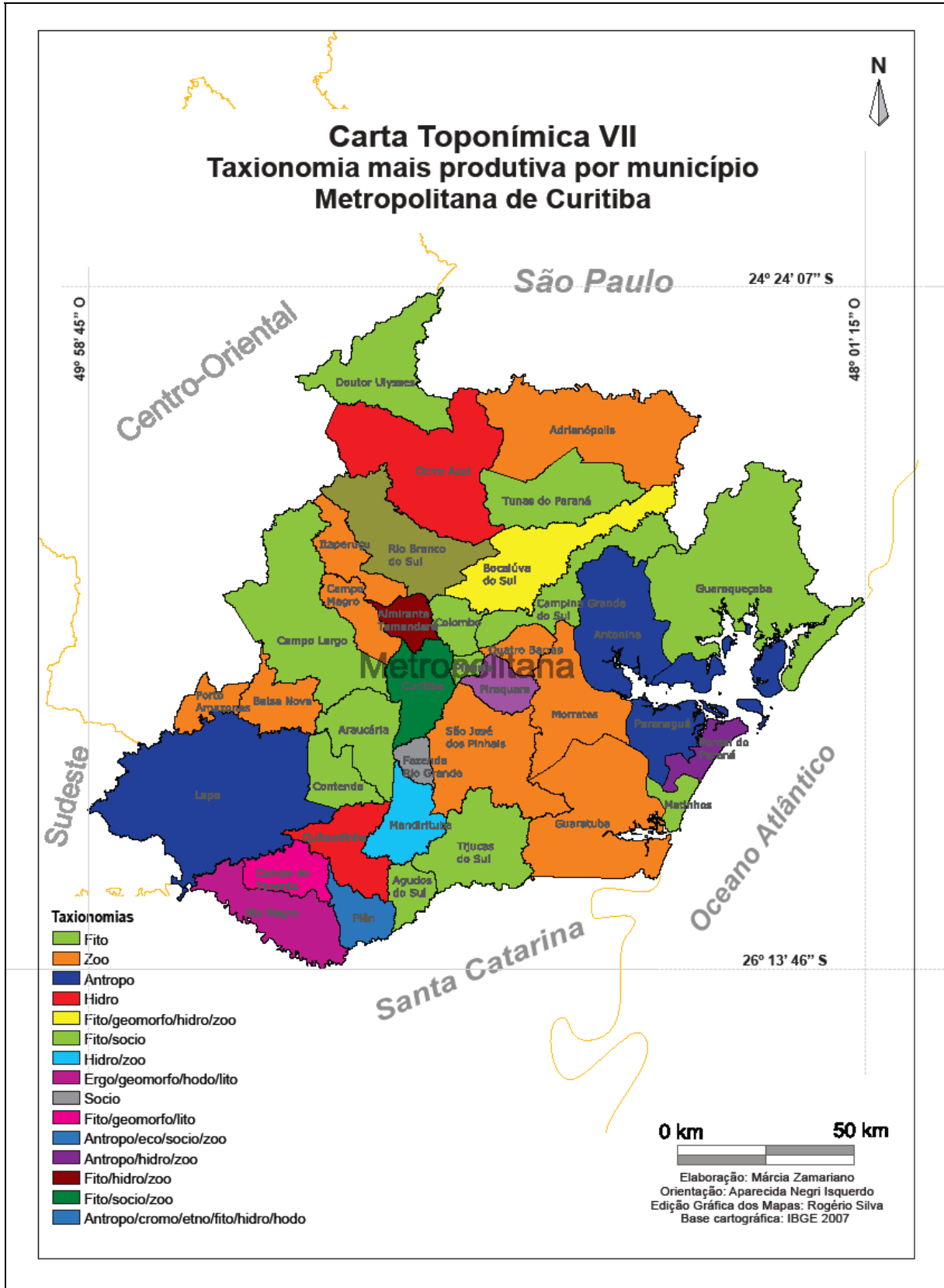
Carta Toponímica III Localização dos municípios estudados

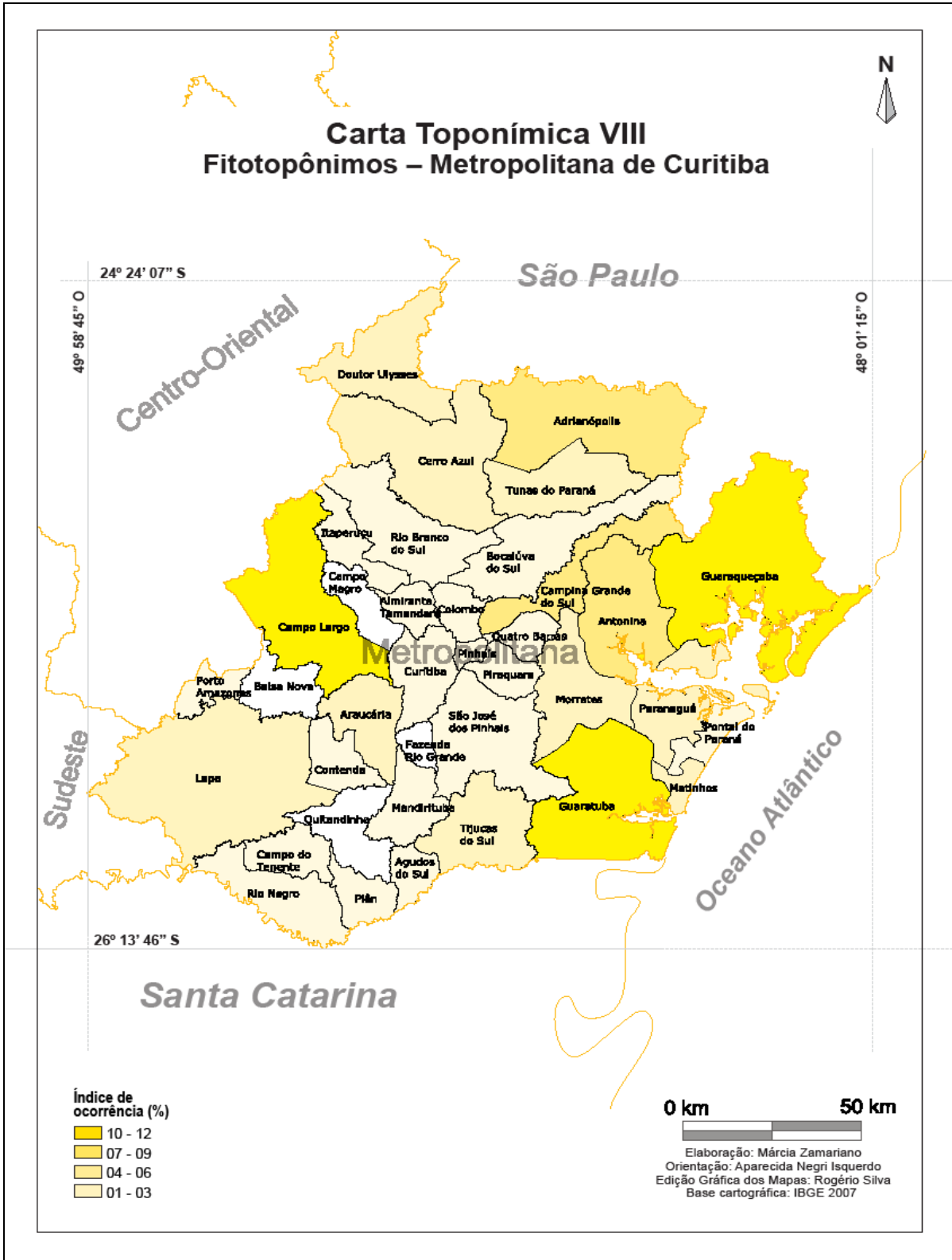


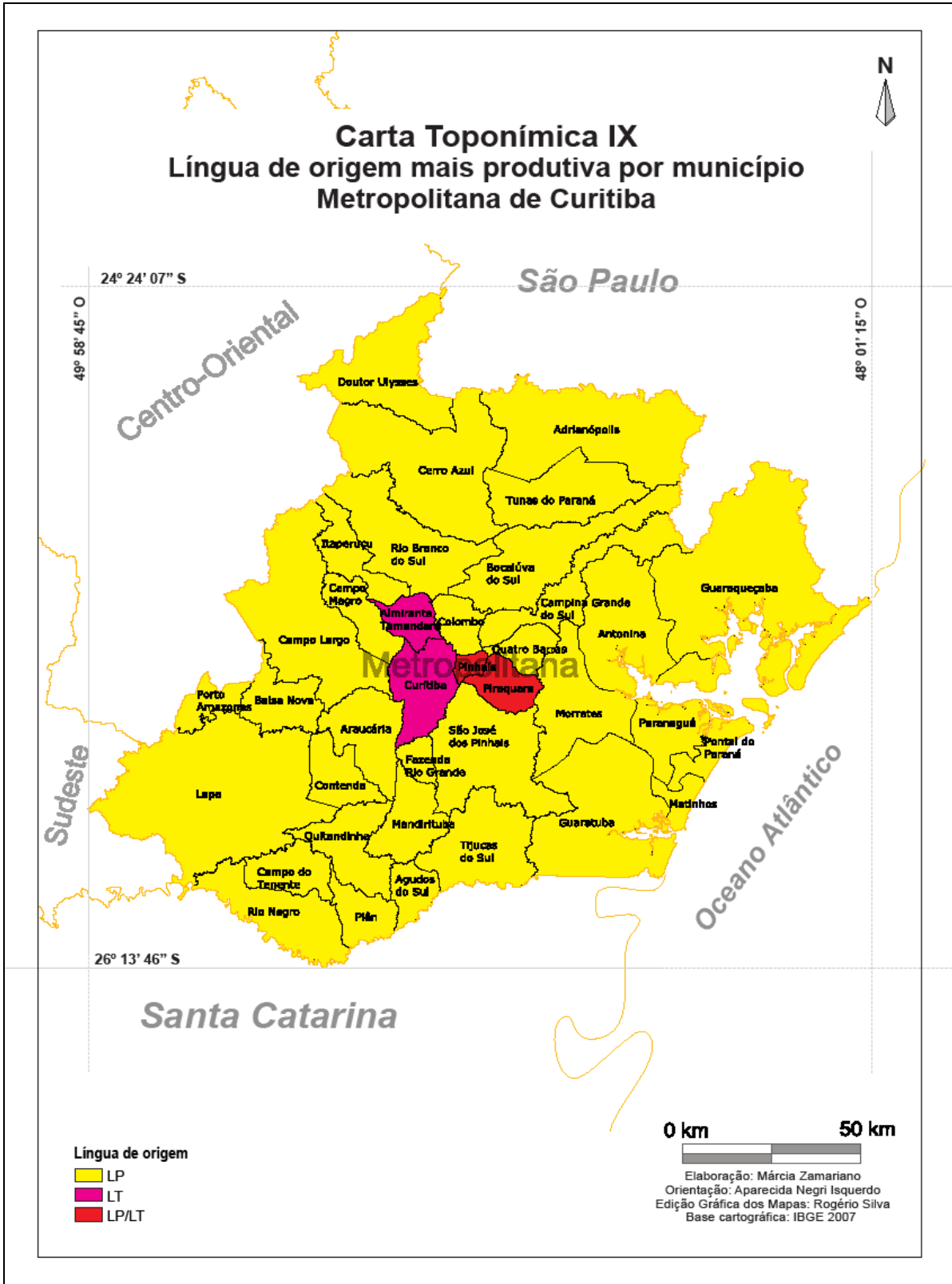


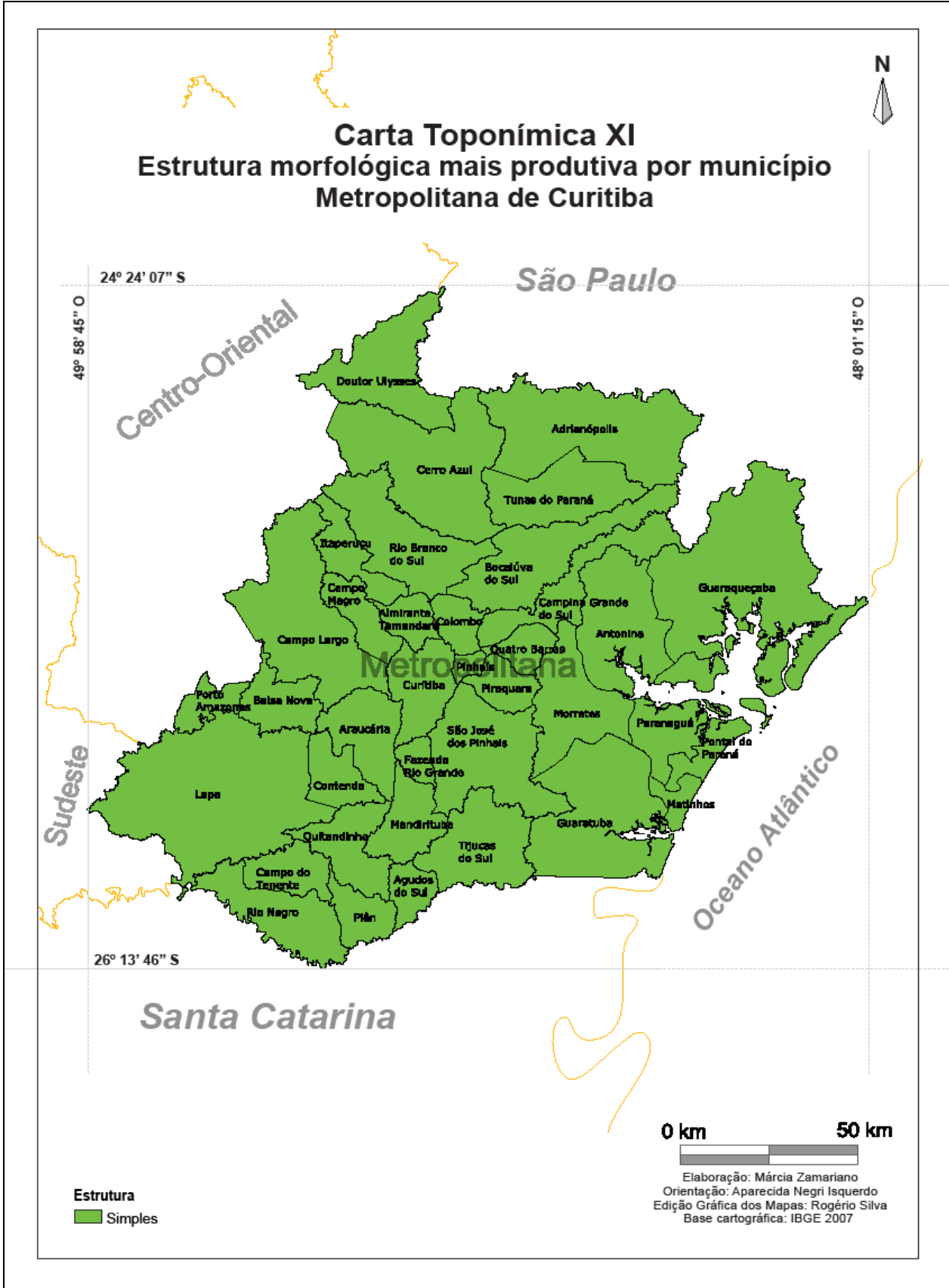


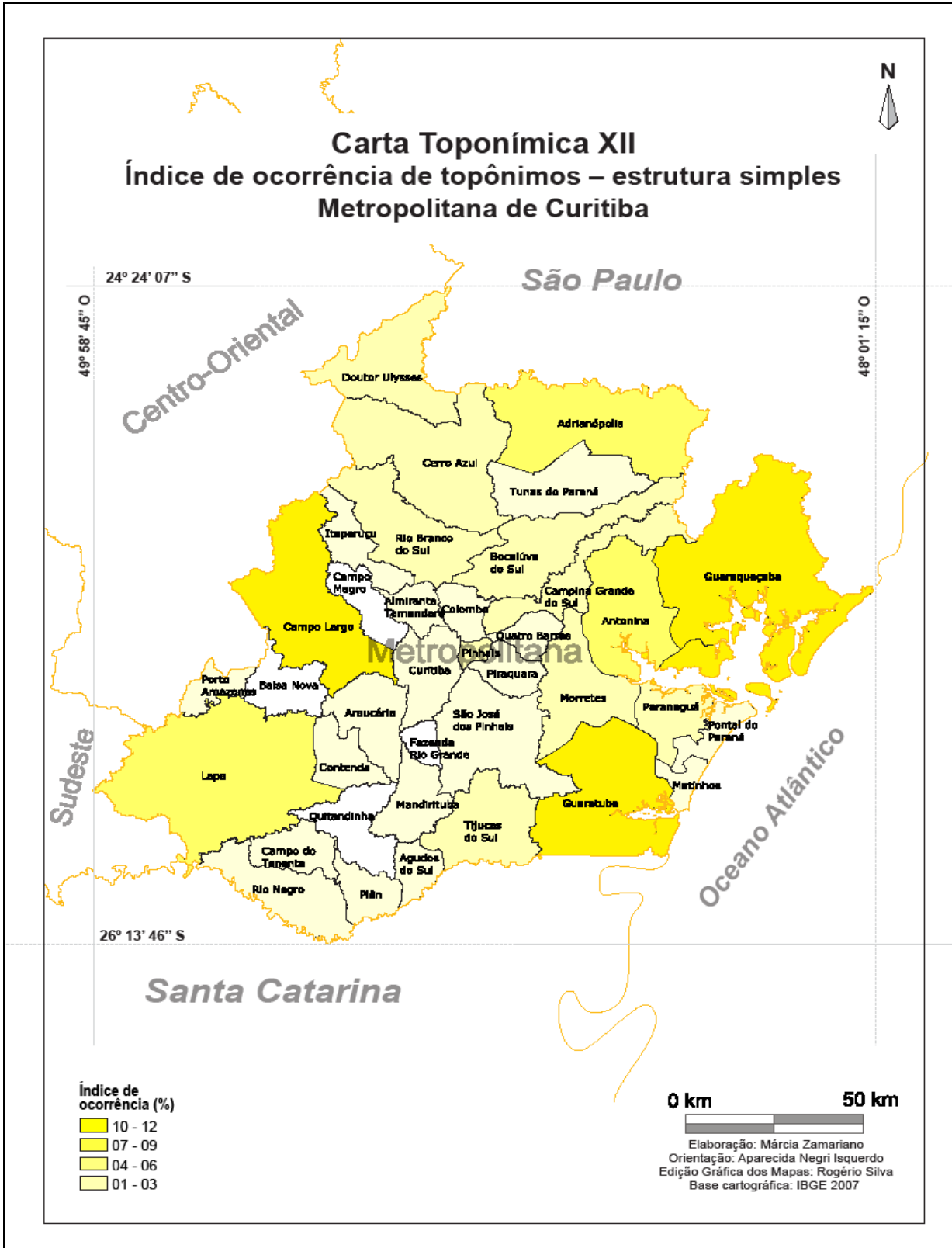


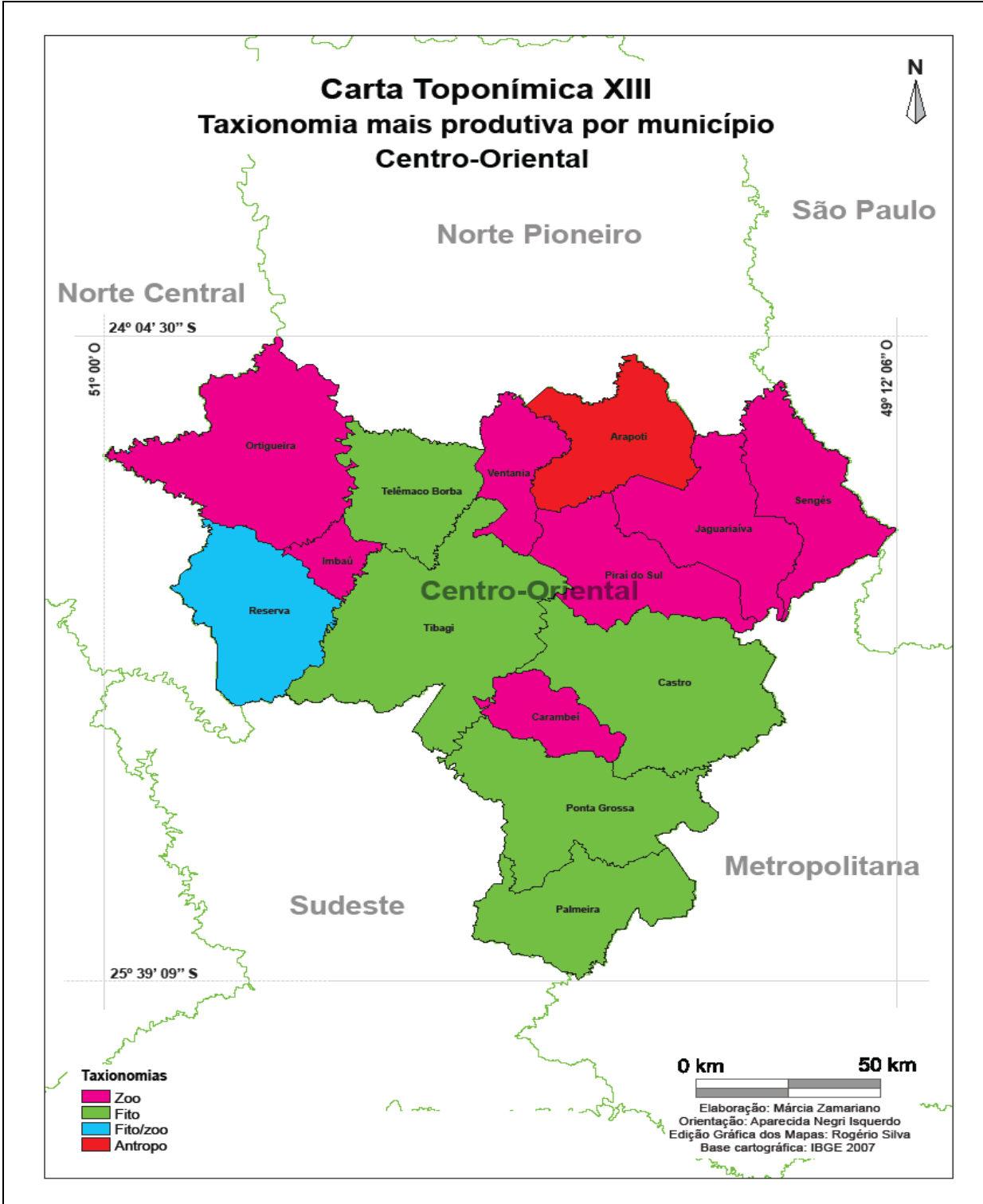


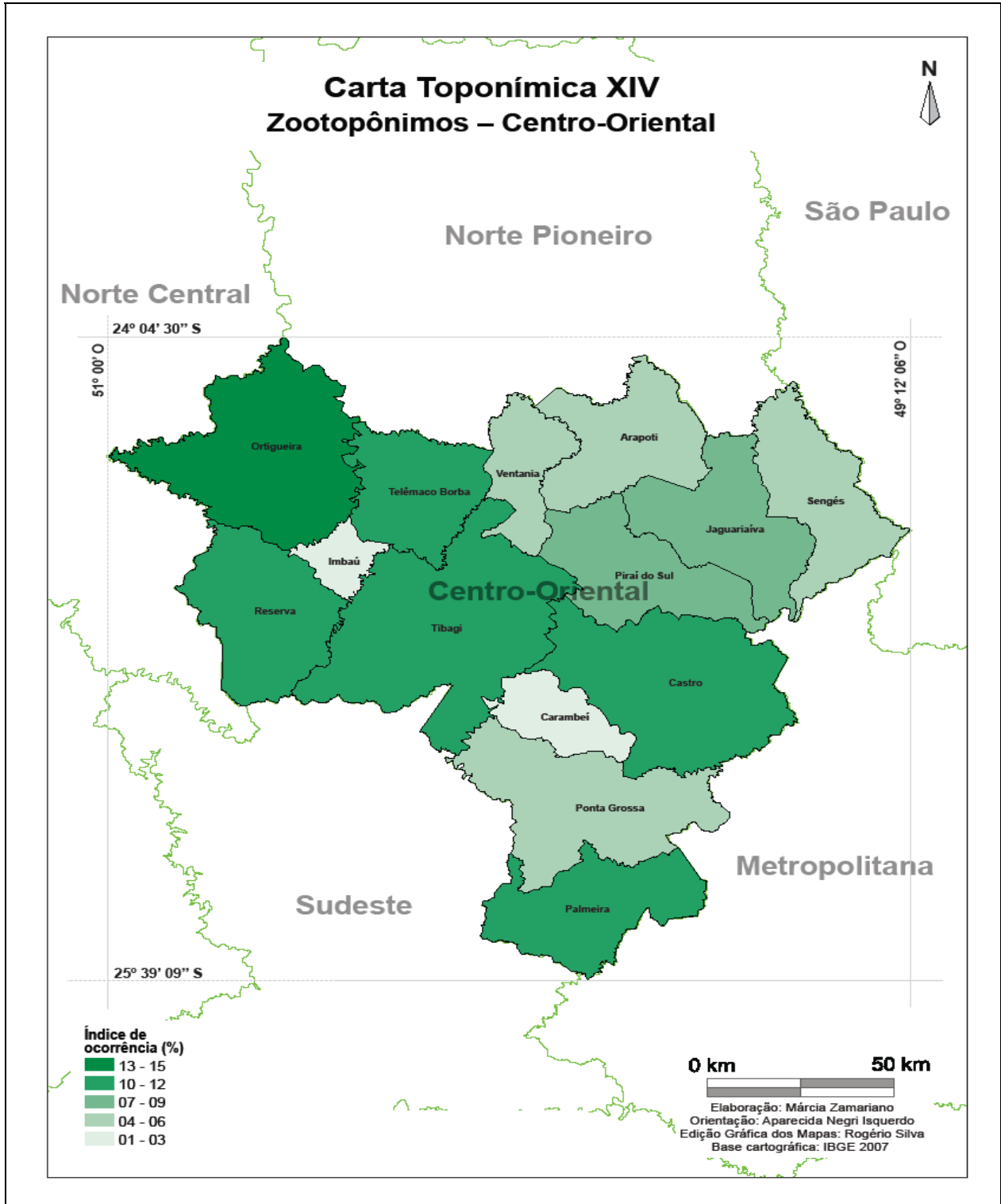




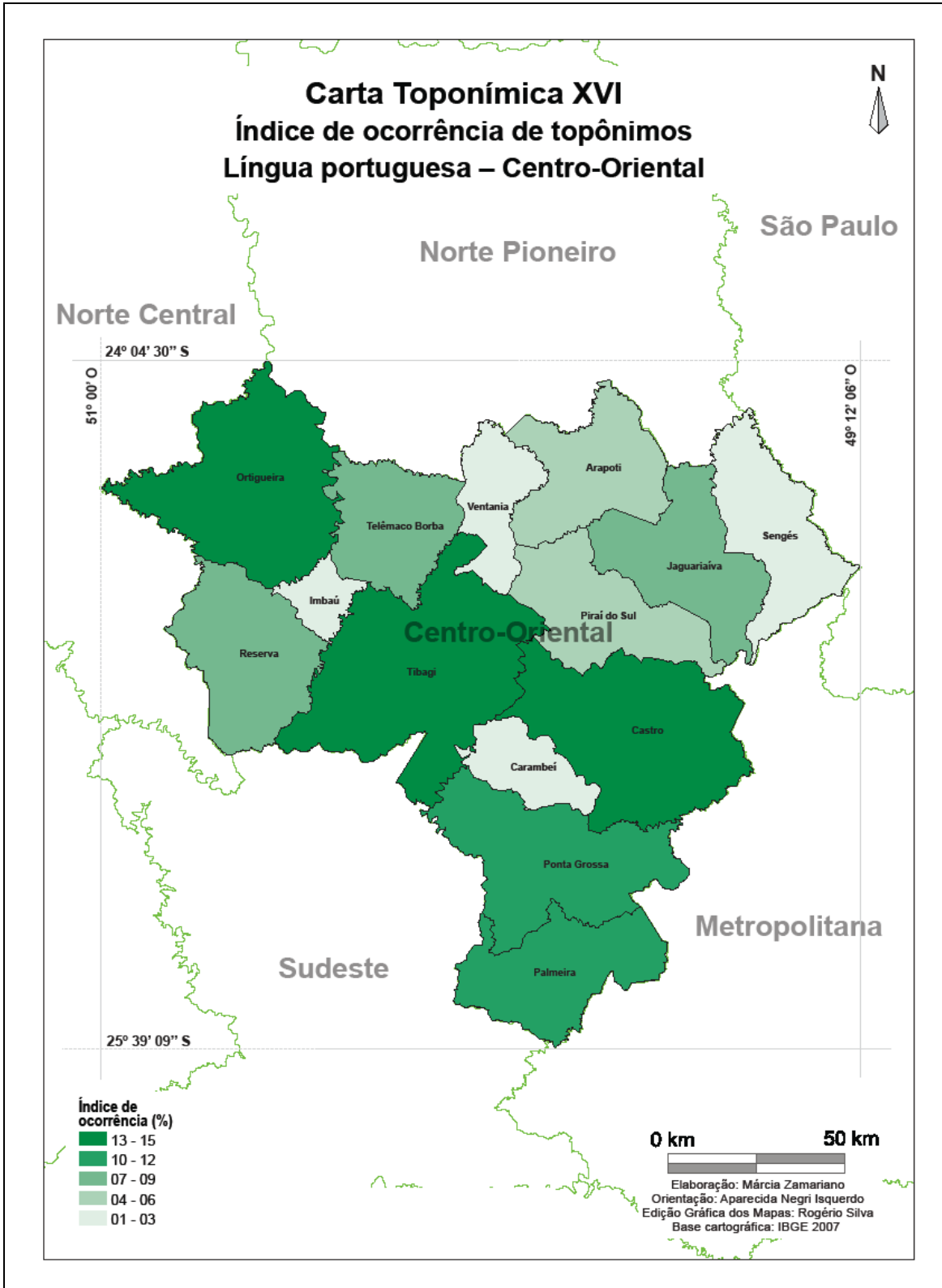


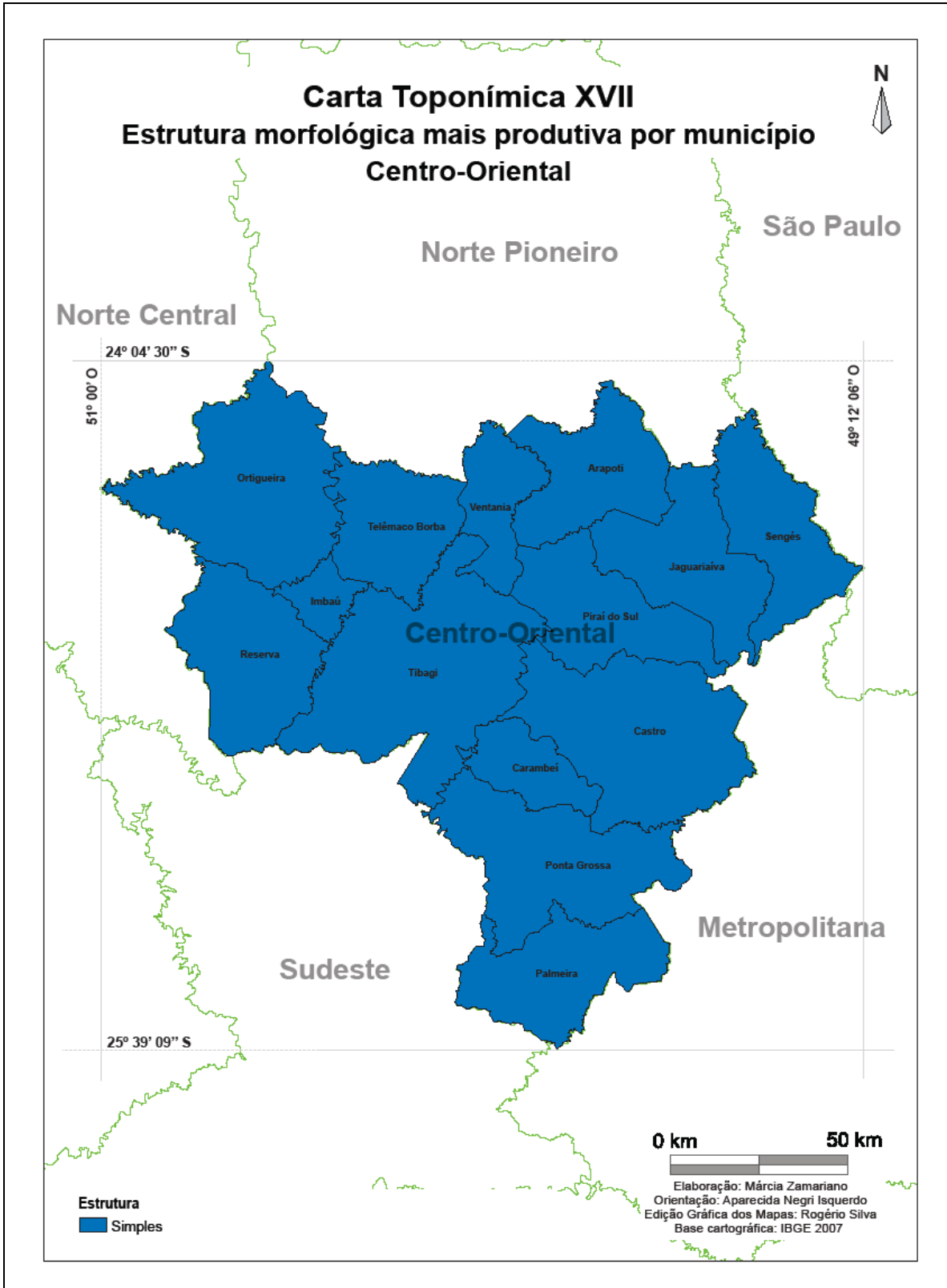


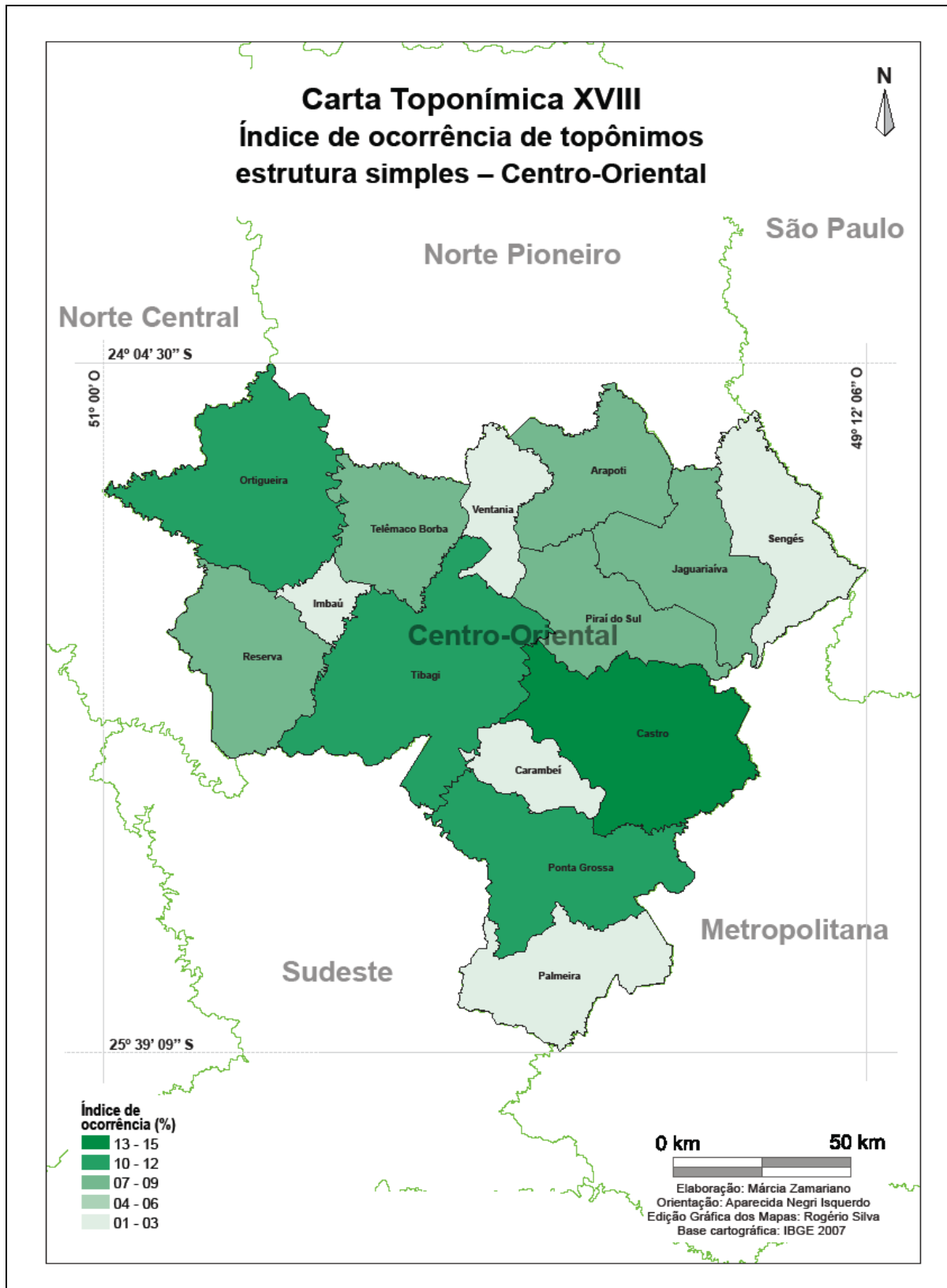


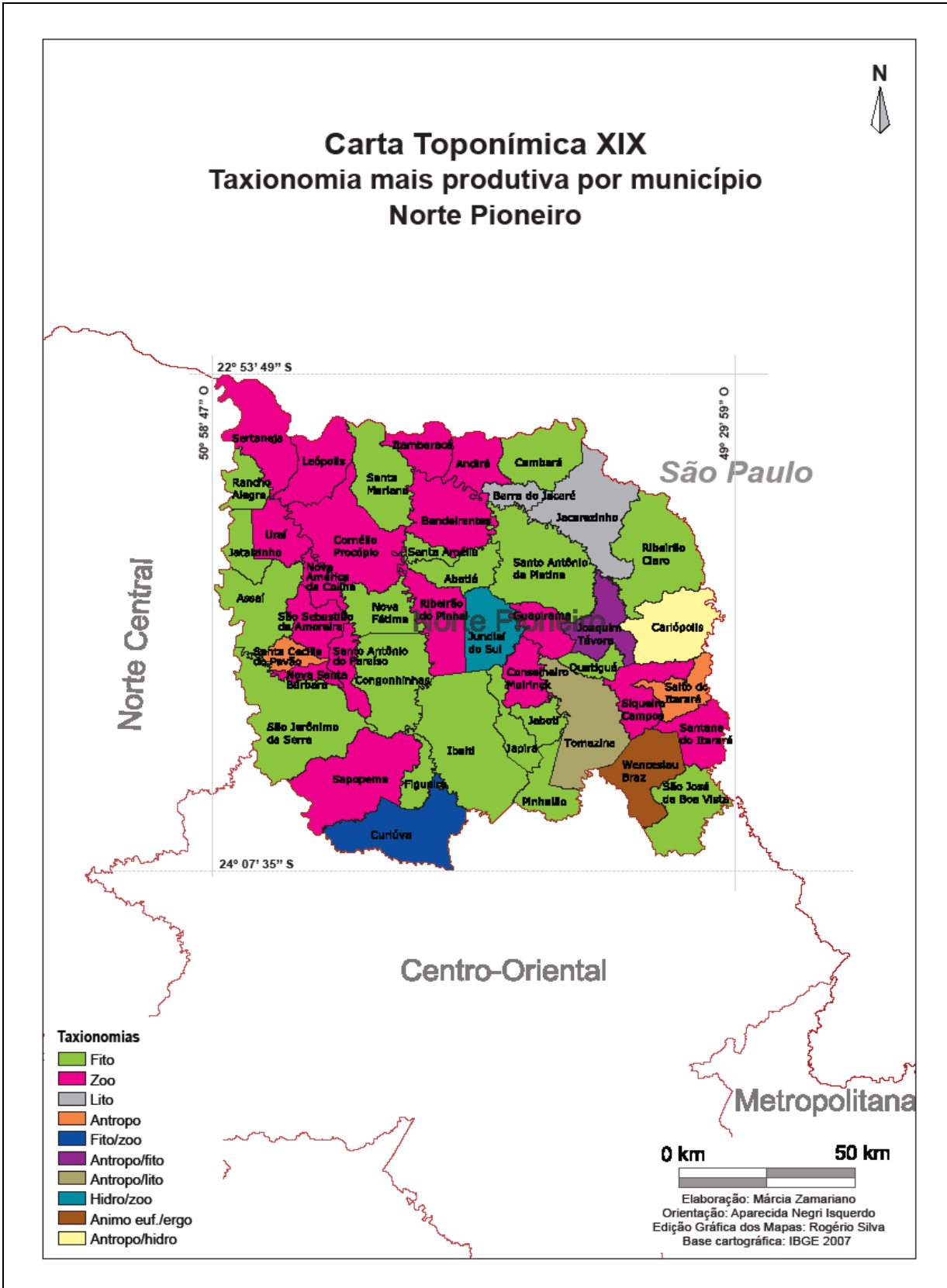






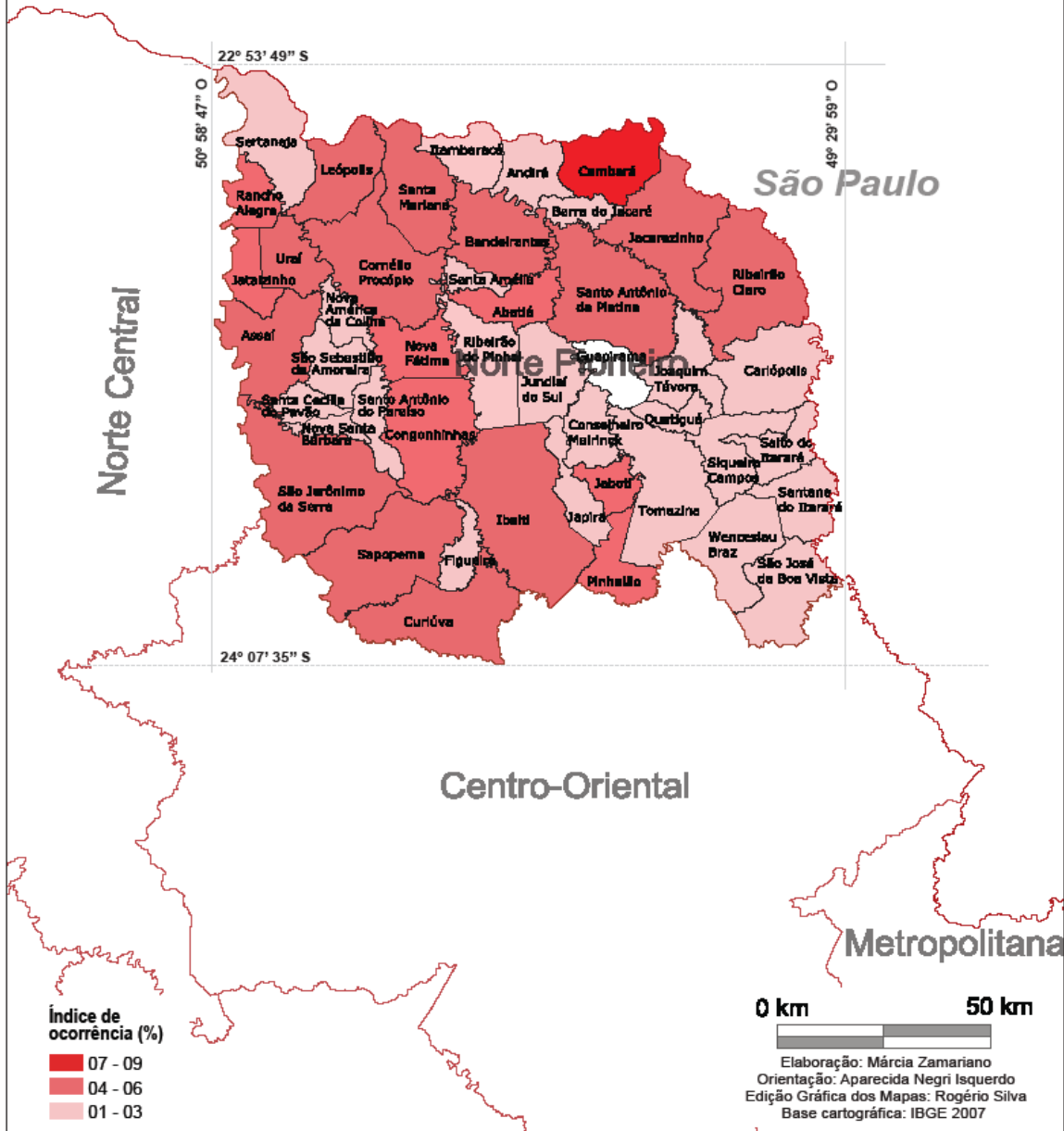


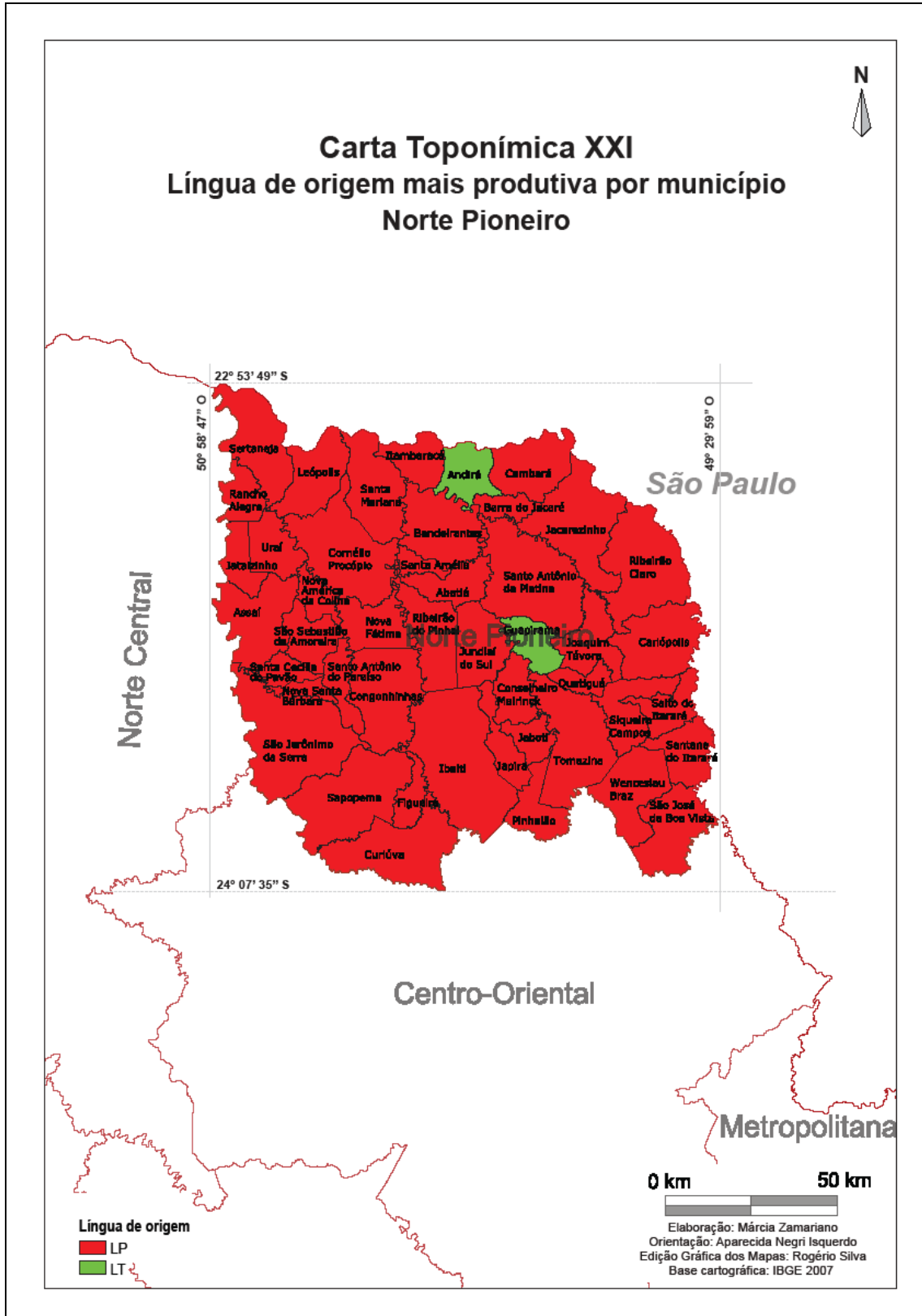


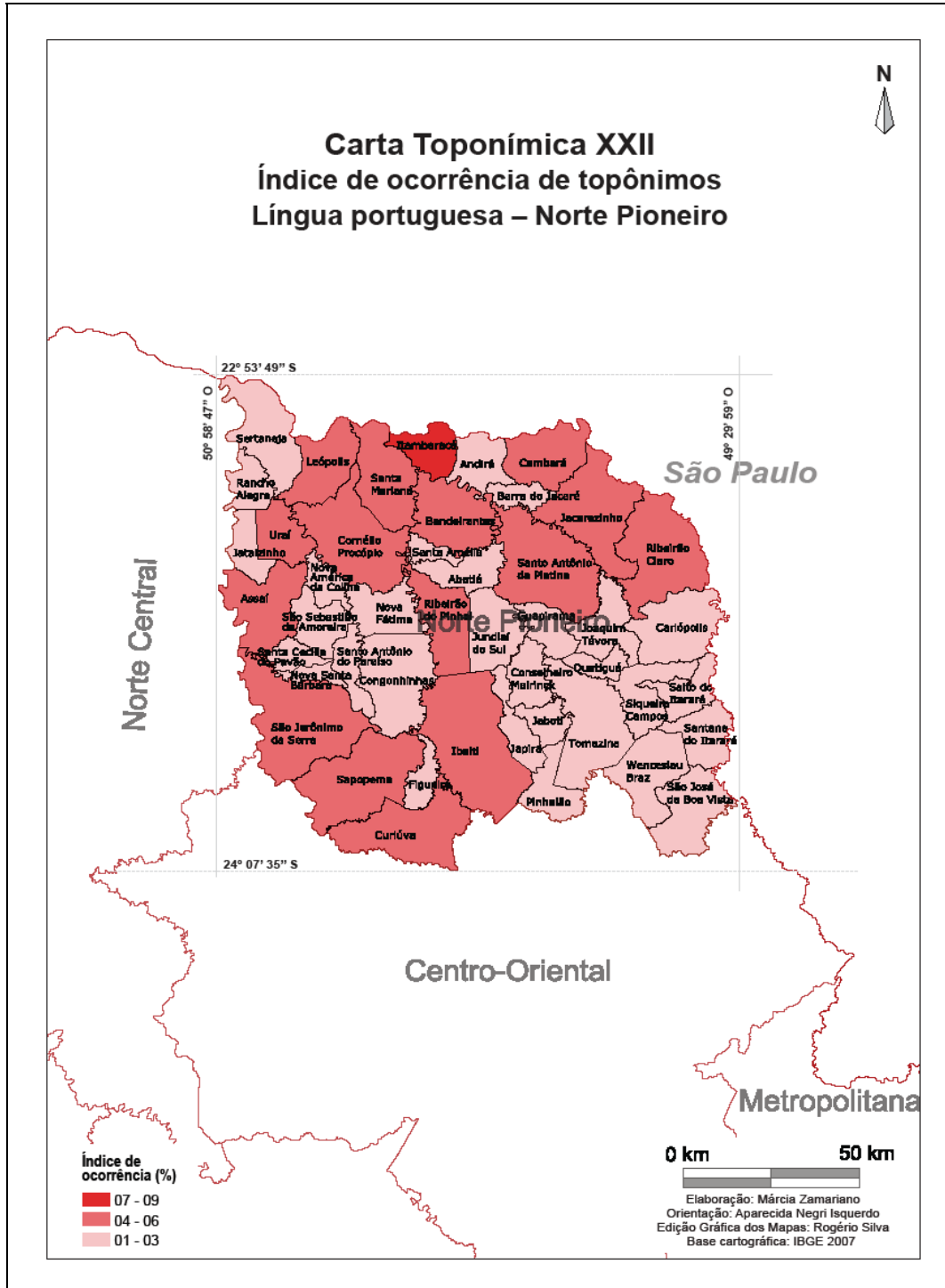


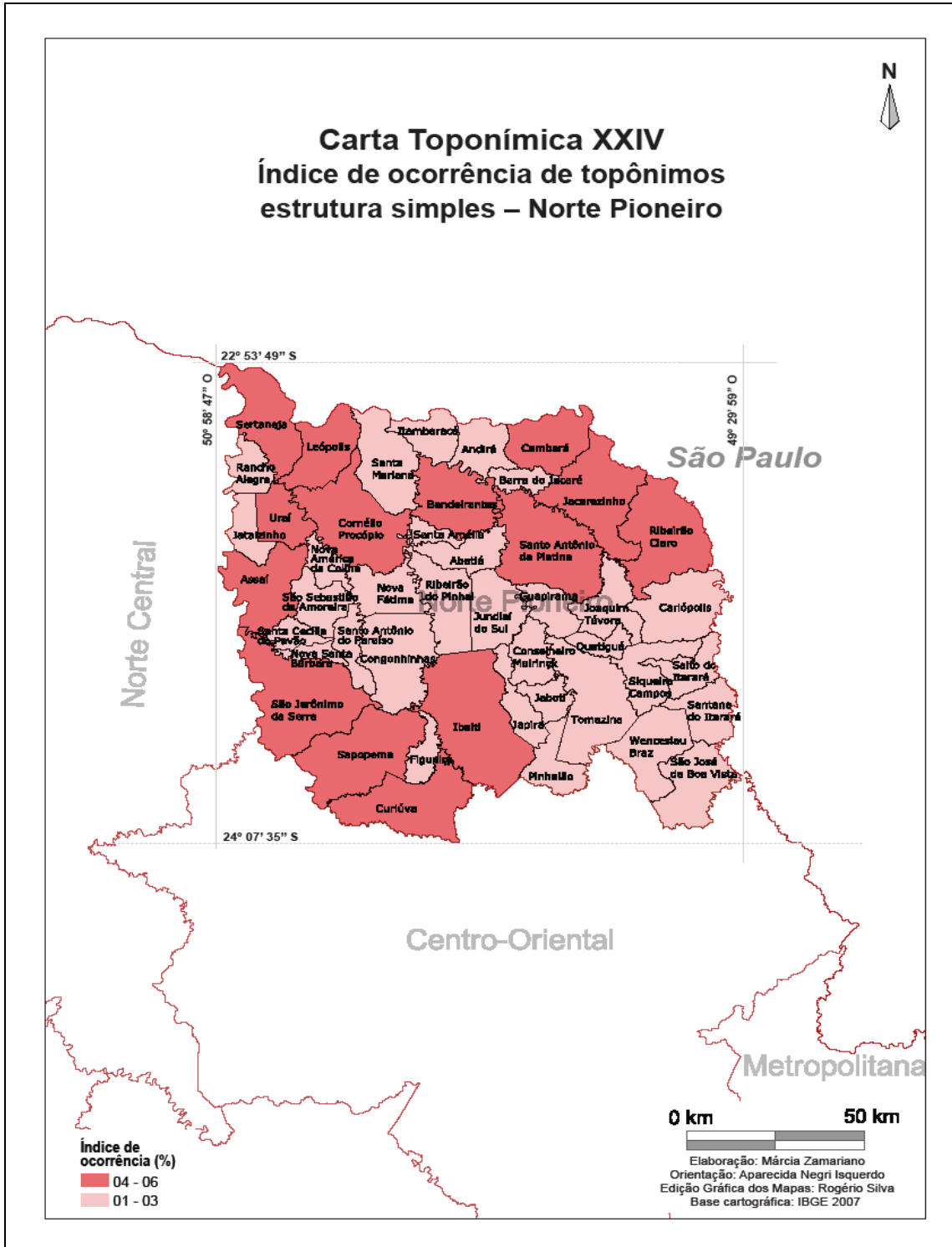
Carta Toponímica XX

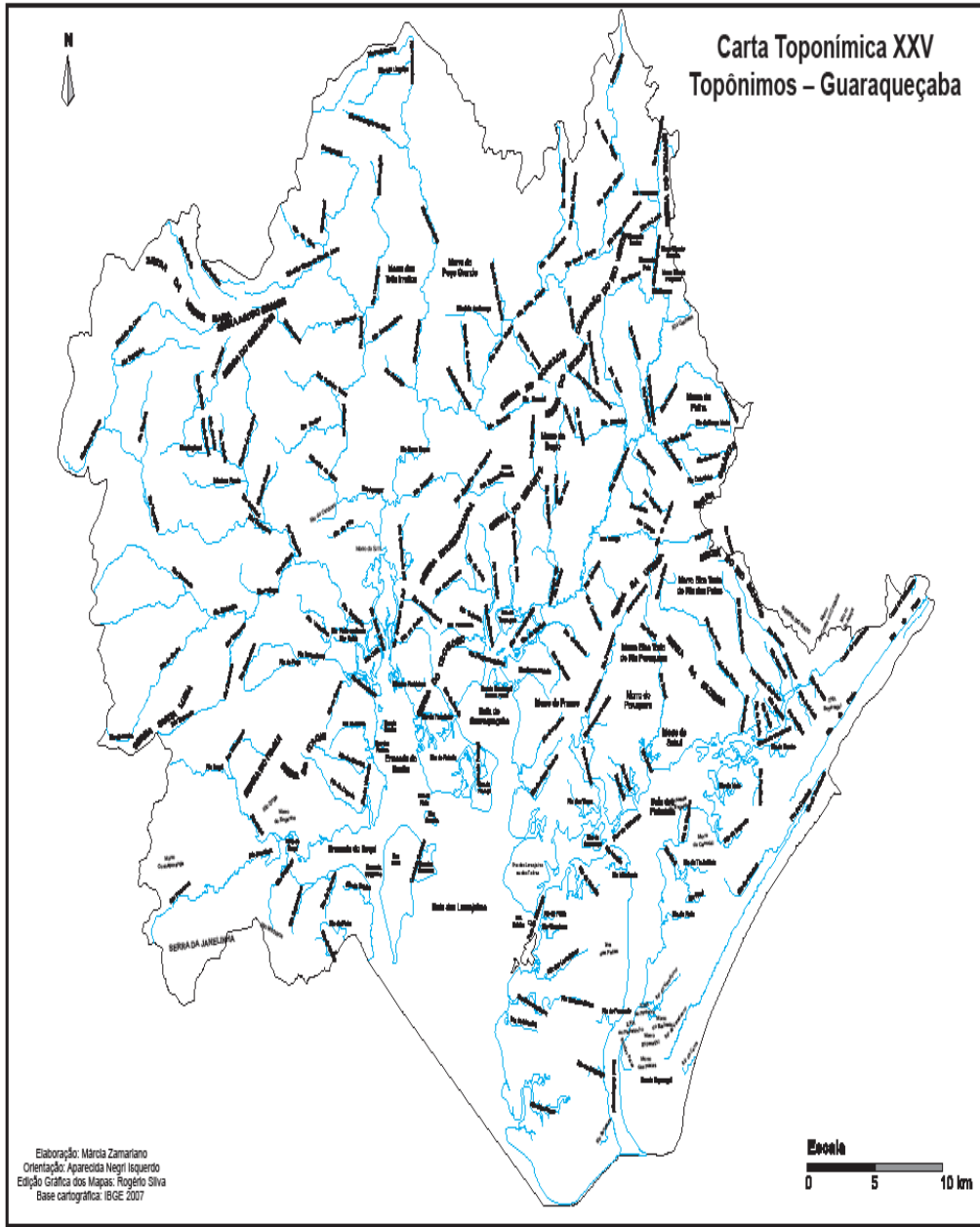
Fitotopônimos – Norte Pioneiro

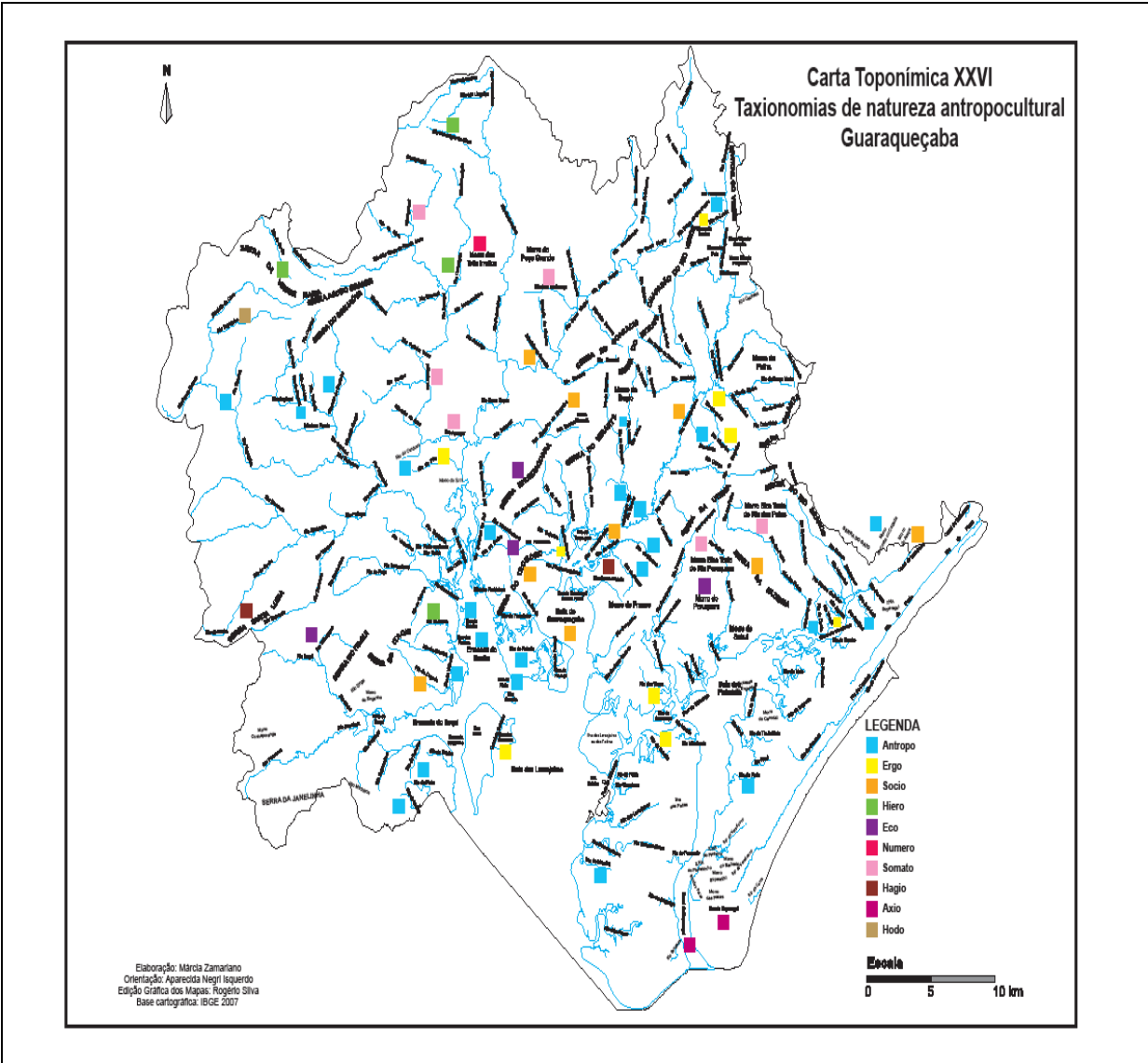


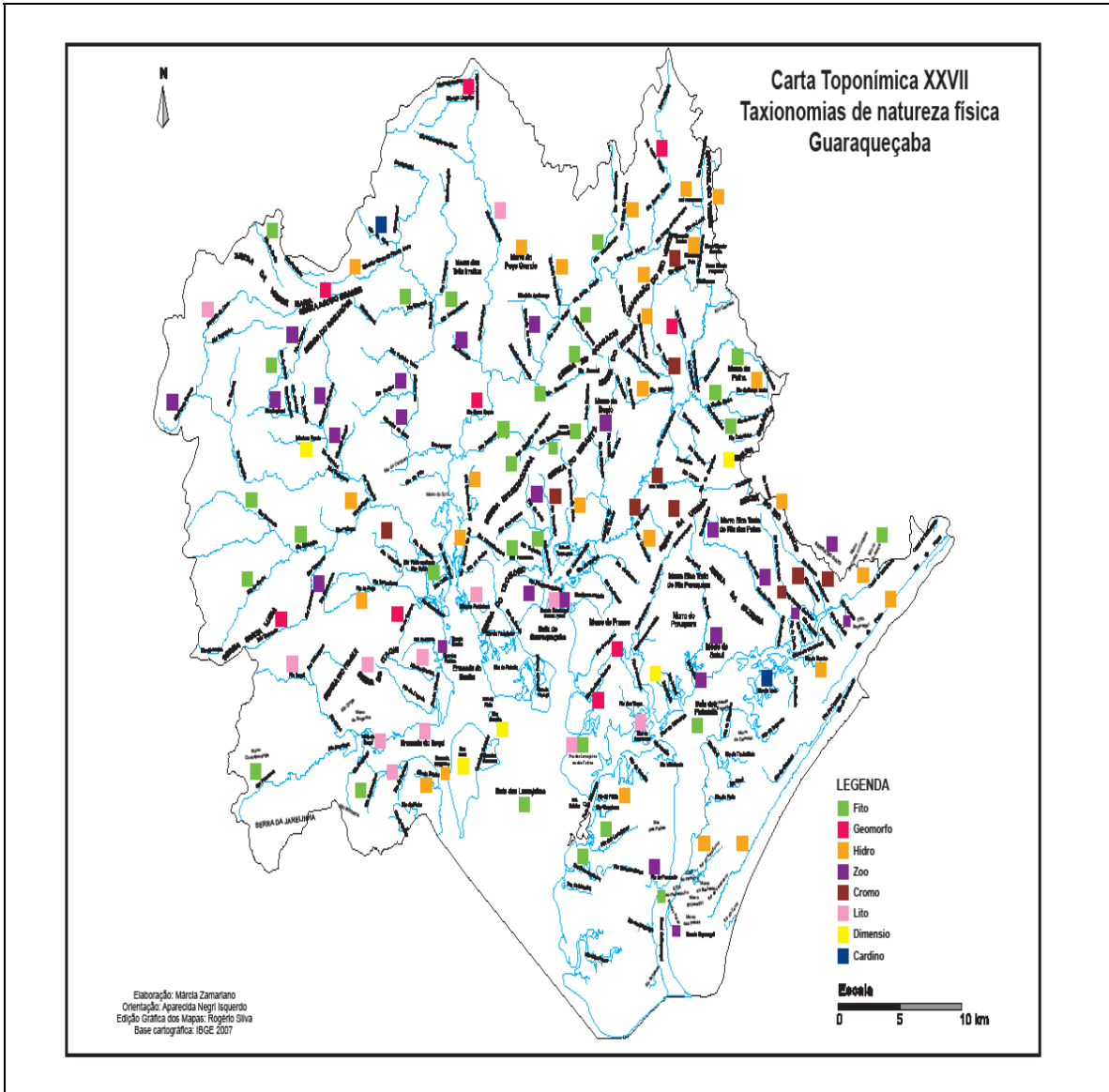


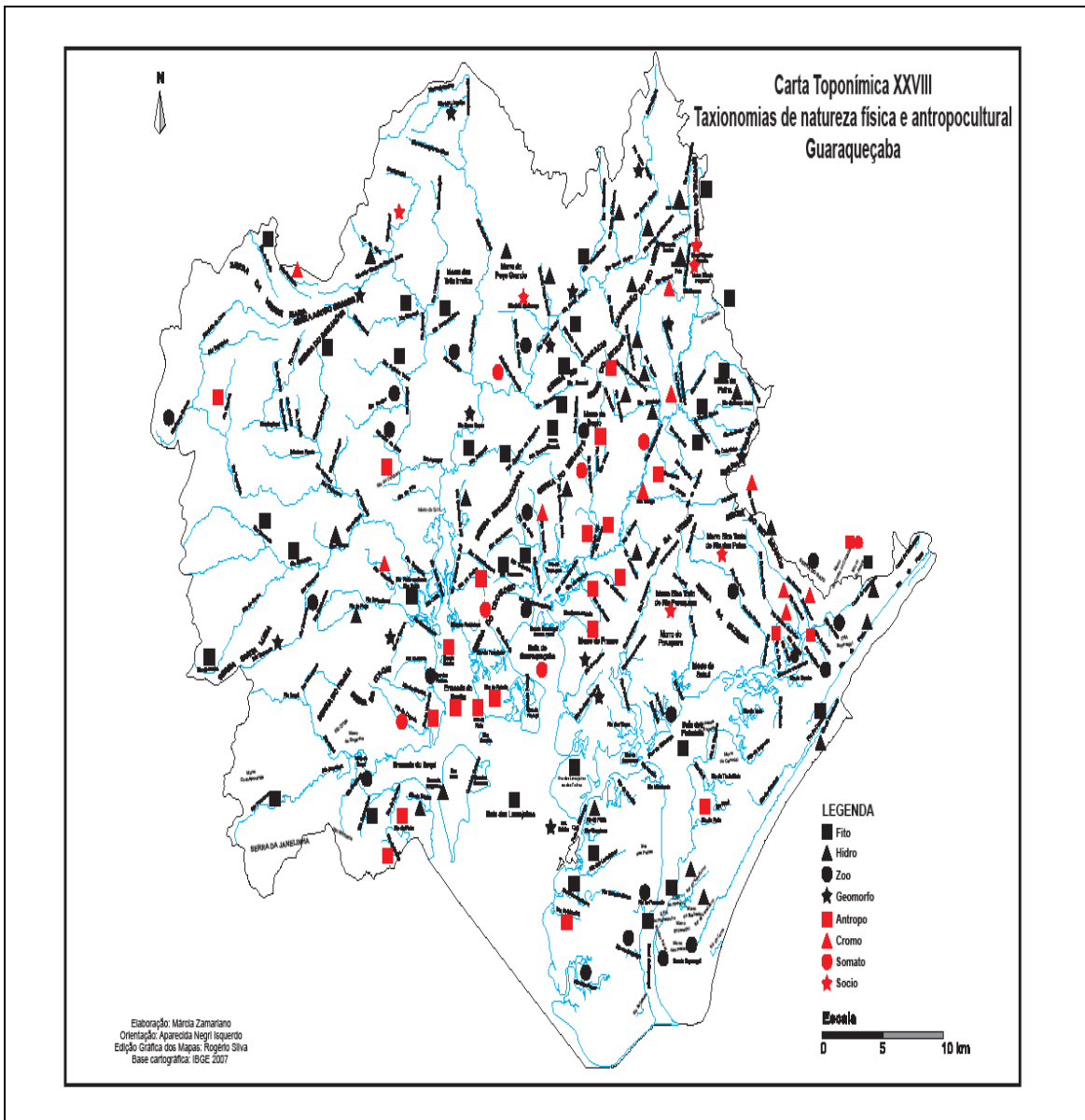


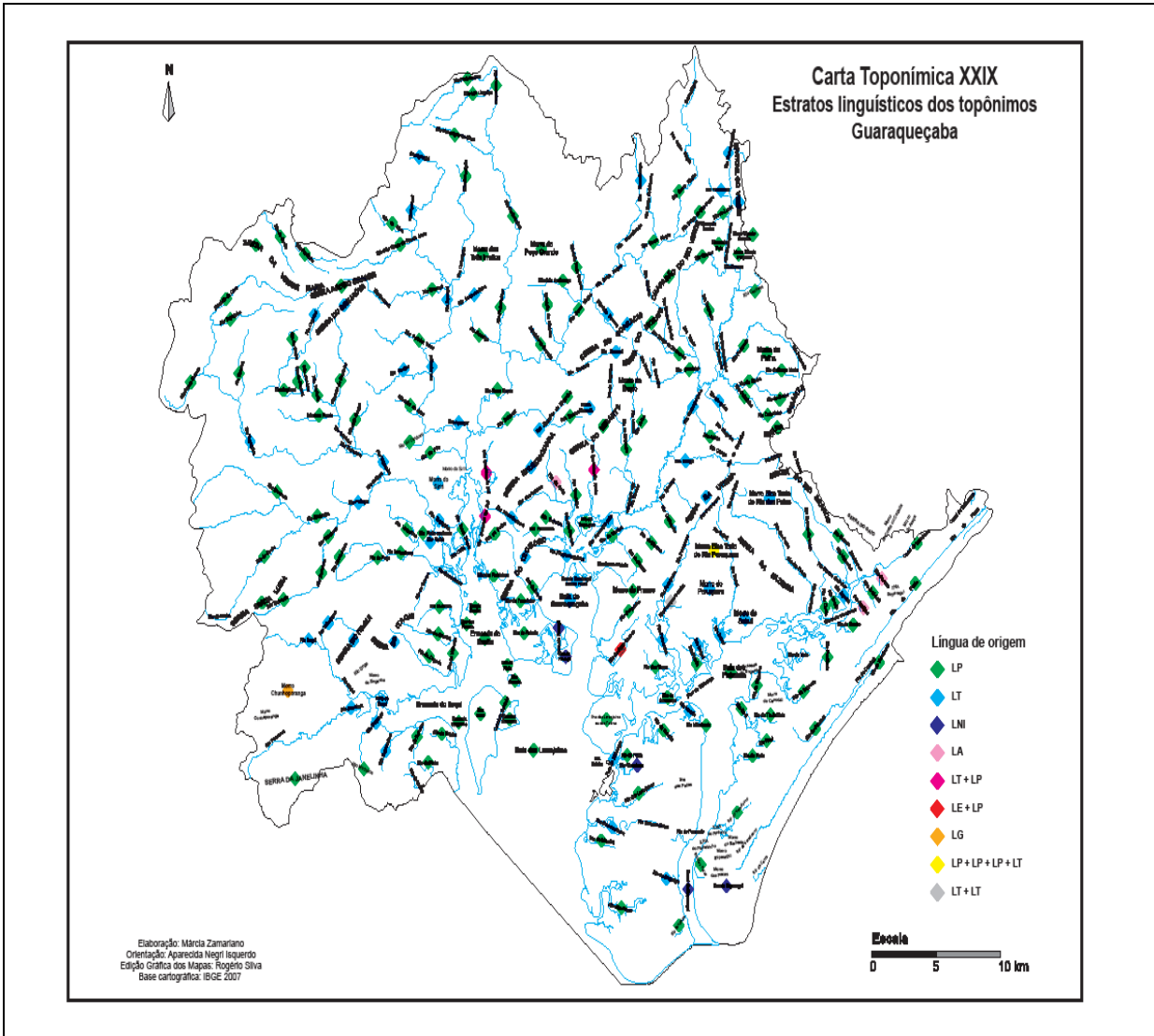


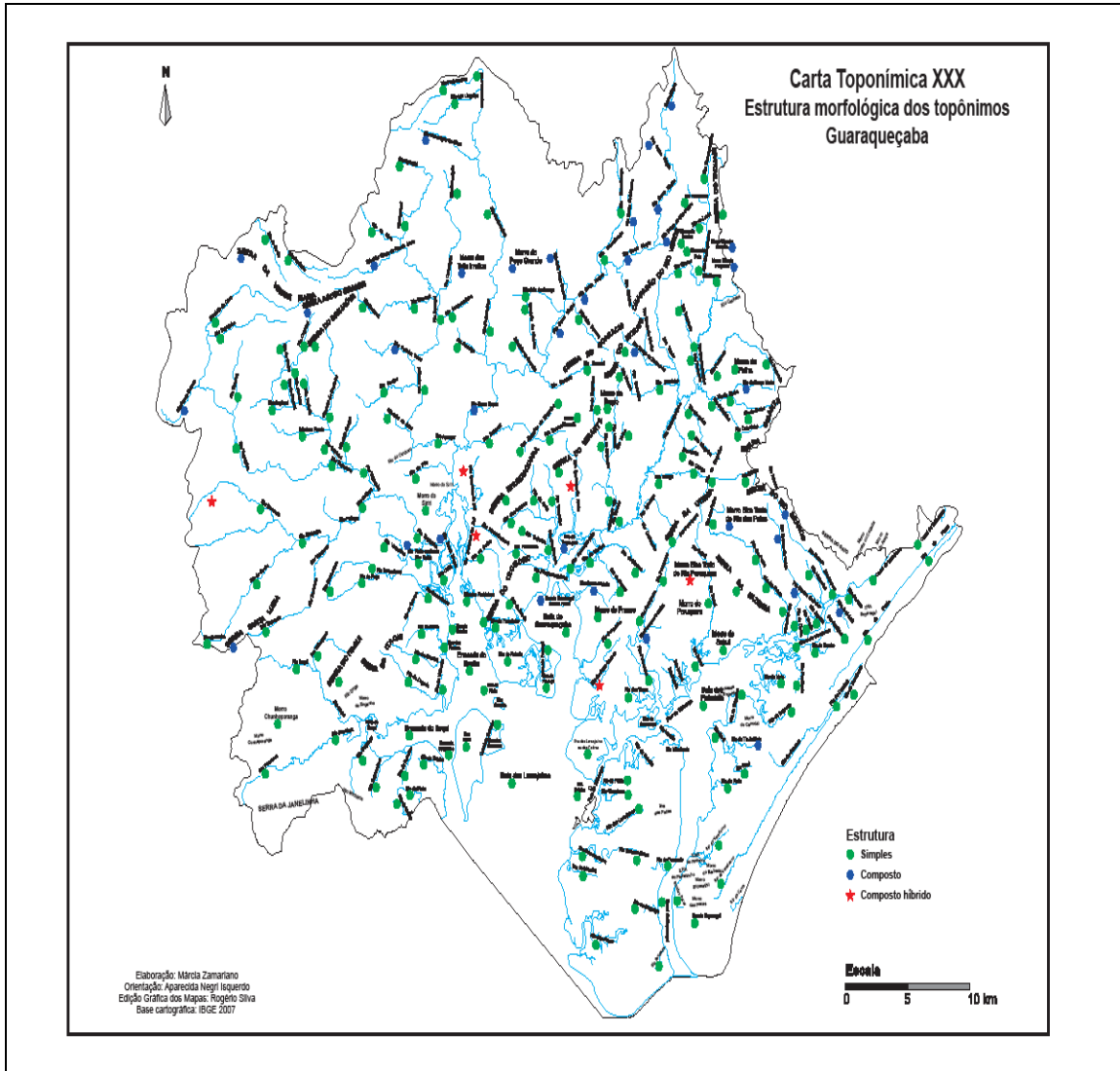


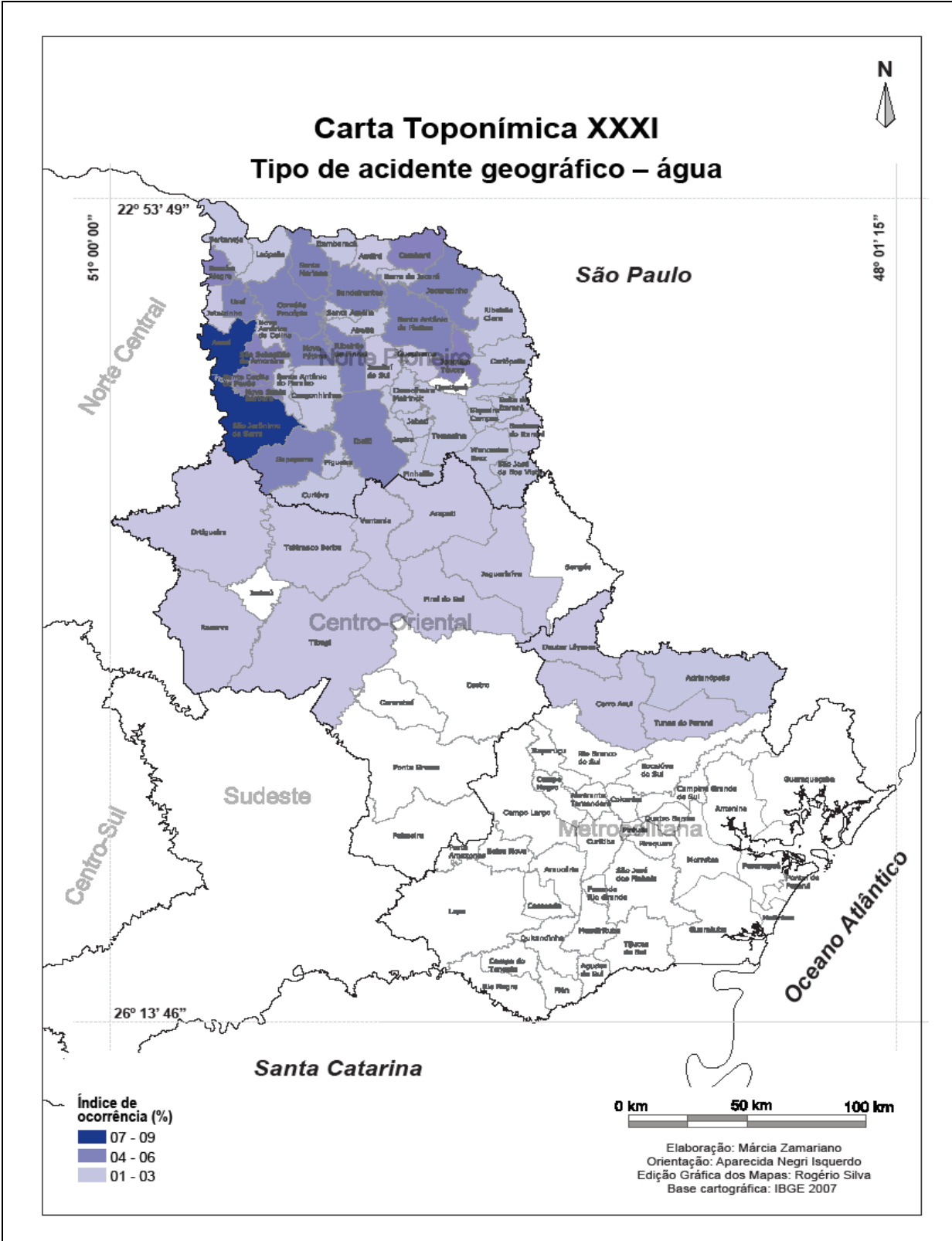


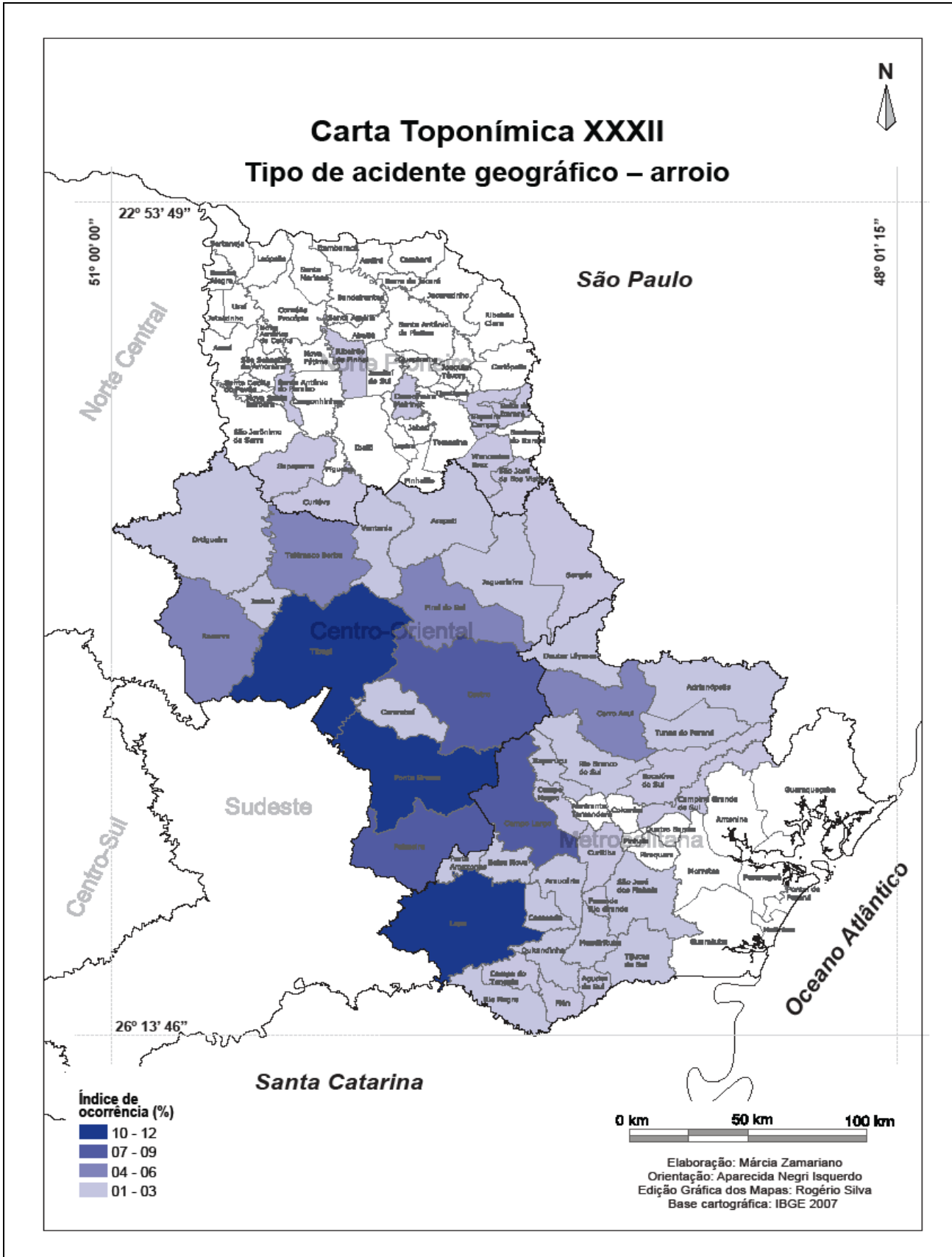












CONCLUSÕES

Inicialmente destacamos que na toponímia do Estado do Paraná ainda há muito que ser desvendado, razão pela qual mais importante do que apresentar conclusões definitivas é destacar o que de mais expressivo foi percebido por intermédio da análise realizada e deixar um campo aberto a investigações futuras.

Para esta pesquisa foram propostos os seguintes objetivos gerais: realizar um resgate dos fundamentos da construção do conceito de *nome próprio* nas perspectivas filosóficas e linguísticas; realizar um estudo linguístico etnodialetológico e cartográfico dos *nomes próprios* de lugares de 03 mesorregiões paranaenses. E como objetivos específicos: identificar, catalogar e classificar os topônimos dos acidentes físico-geográficos das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, segundo o modelo taxionômico adotado; analisar os topônimos quanto à estrutura, à etimologia e à motivação; analisar as categorias toponímicas mais produtivas, com o intuito de verificar condicionantes sócio-ambientais que influenciaram o designador/enunciador no ato do batismo dos acidentes geográficos estudados; recuperar estrato(s) linguístico(s) predominante(s) na toponímia das mesorregiões estudadas; apresentar uma proposta de cartas toponímicas, com base na literatura a respeito do assunto e nos dados evidenciados na pesquisa.

Visando a orientar a busca da concretização dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, nortearam este trabalho as seguintes hipóteses de estudo: a) a natureza da nomeação geográfica paranaenses pode traduzir/revelar traços da geografia da área pesquisada, do sistema de povoamento e das características etnodialetológicas da região pesquisada; b) a cartografia toponímica pode revelar pistas para, por meio do estudo do topônimo evidenciar aspectos da identidade físico-cultural do Paraná.

Ao término desta pesquisa, acreditamos que ambas as hipóteses se confirmaram, visto que houve um diferencial na nomenclatura dos municípios, categoria de acidentes em que normalmente predominam designativos de natureza antropoculturais. A presença de geomorfotopônimos na mesorregião Metropolitana de Curitiba pode ser justificada pela sua localização próxima à zona montanhosa do

litoral e da Serra do Mar, áreas com uma grande variedade nas formas de relevo. Já a ocorrência de um município classificado como *sociotopônimo* – Tibagi –, na mesorregião Centro-Oriental, pode ter sido motivada pelo movimento tropeiro de gaúchos que utilizavam as pastagens da região para descanso das tropas, antes de seguirem destino a Sorocaba.

Quanto à cartografia toponímica, na carta que visualiza a distribuição do acidente físico-geográfico *arroio* na região pesquisada, ficou evidente a concentração desse tipo de designativo na área em que se encontram os municípios paranaenses que, de certa forma, foram criados a partir do movimento do tropeirismo, como Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro. Segundo a Profa. Dra. Vanderci Aguilera, *arroio* é uma variante regional gaúcha para rio pequeno, transportada para o sul paranaense conforme consta da Carta do ALPR¹²⁸.

Inicialmente, retomamos os estudos teóricos sobre o nome próprio. Foram revistos não somente aqueles produzidos por linguistas, mas também os oriundos de pesquisas de filósofos e lógicos, que desenvolveram teorias consideradas atualmente como clássicas. Foram discutidas as principais ideias de algumas correntes de grupos de autores a respeito da questão *nome próprio*, no contexto da Filosofia e da Lógica: no primeiro grupo situam-se os que defendem a Teoria Descritivista, como Frege e Russell; no segundo, autores como Wittgenstein, Strawson, Searle que defendem o Neodescritivismo; no terceiro, os que admitem a Teoria Causal como Kripke e no quarto, Stuart Mill com a Teoria Clássica.

Autores como Mill, Frege e Russell conceituaram a categoria do *nome próprio* à luz da perspectiva lógica de cada um e, dada a sofisticação lógico-filosófica dos textos desses autores, o debate contemporâneo sobre o estatuto do *nome próprio* tomou rumos bastante diversos. As consequências mais importantes, a esse fato, é que, de repente, lógicos, filósofos e linguistas passaram a se ocupar da abordagem dessa categoria de nomes. Entretanto, nesse debate ainda não houve um consenso mínimo, pelo menos, quanto à delimitação da esfera de análise desse tipo de nome.

Um aspecto percebido durante a leitura das teorias desses autores é o fato de todos eles teorizarem a partir de sua própria intuição, não respaldando as suas propostas num contexto de uso do *nome próprio* mais abrangente. Em sua

¹²⁸ Informação verbal prestada por ocasião de nosso Exame de Qualificação.

grande maioria, os exemplos apresentados envolvem quase só *nomes*, e sempre os mesmos, de personagens históricos e poucos nomes de cidades. Os descritivistas, baseados na distinção estabelecida por Mill acerca da relação nome comum/nome próprio, interpretaram o segundo pela ótica do primeiro.

Já Kripke procedeu de forma contrária, dando prioridade ao *nome próprio*, embora devamos ressaltar que, apesar de a teoria causal não se mostrar suficiente para explicar os diversos usos do *nome próprio*, ela, ainda assim, parece mais plausível, nessa tarefa, do que as descritivistas. Pesquisadores da Linguística como Kleiber, por exemplo, não colocam a questão de forma dicotômica como ausência/presença de sentido. Entretanto, há, de alguma maneira, a questão do sentido e da referência do *nome próprio*, em que lógicos e linguistas estão articulados.

Já em se tratando do estatuto do topônimo enquanto *nome próprio*, além de designar, ele significa e, como afirma Isquierdo (1997, p.31-32), o papel do signo toponímico ultrapassa o “nível apenas de identificação, servindo, pois de referência” para que se entendam “os aspectos da realidade em que está inserido”. Não podemos desconsiderar que o homem é um ser que usa o espaço para viver de acordo com condições naturais e históricas específicas.

Não é demais lembrar que os lugares só adquirem identidade e significado via intenção humana e em decorrência da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. Assim, ao atribuir um nome a determinado lugar, são escolhidas algumas propriedades que só a ele dizem respeito, e esse batismo passa a fazer parte da cadeia de acontecimentos que levou o denominador a associar o espaço físico ao nome.

Esse topônimo é transmitido aos membros de uma comunidade linguística e, quando se consegue preservar o sentido original do nome, preserva-se a informação sobre o lugar. Mesmo quando o sentido de um topônimo não pode mais ser identificado por uma pessoa, ainda assim se mantém nele a função referencial.

Em certos aspectos a teoria de Kripke pode ser aplicada à toponímia, pois os nomes de lugares – topônimos – são “designadores rígidos”, que em uma situação de comunicação representam ou são os próprios referentes, além de um mesmo nome identificar diferentes lugares, correspondentes a diferentes

realidades.

No universo aqui pesquisado, há nomes que são referencialmente identificados pelas pessoas de determinada comunidade, porque fazem parte da cultura local e, muitas vezes, o significado não é transparente, já que o vínculo denominativo se perdeu com o passar dos anos. Procuramos trazer à luz o significado de vários topônimos das mesorregiões estudadas, dentre outros, *Mãe Catira*, topônimo catalogado em Morretes que, à primeira vista, teria seu sentido opaco ou aparentemente inexplicável, porque diz respeito a aspectos físicos e naturais de um lugar.

Todavia, aplicando a teoria de Kripke a esse designativo, concluímos que *Mãe Catira* seria um designador rígido, haja vista que um nome próprio se estabeleceu mediante um primeiro ato de denominação (o “batismo” inicial), em que há uma nomeação ostensiva ou a fixação da referência do nome por uma descrição. O receptor aceitou a referência primeira e a cadeia seguiu, ou seja, o nome passou de elo a elo no grupo social da região e do Estado. E, ainda, qualquer uso posterior do nome remete a essa primeira função denominadora. Ou seja, o nome *Mãe Catira* chegou até a atualidade, não com o seu sentido transparente, mas com a sua referência preservada, embora não se possa localizar o “batismo inicial”, aquele em que o denominador elegeu esse nome e não outro para nomear o acidente em questão.

As discussões estabelecidas sobre o conceito de nome próprio e as várias teorias apresentadas ao longo desse trabalho, permitiram o entendimento de que é possível aplicar na Toponímia, teorias surgidas em outros campos do saber que não só as linguísticas. Esperamos a partir dessa busca sobre *as origens dos nomes*, despertar nos pesquisadores dos estudos futuros sobre toponímia, a vontade de se arriscar a caminhar por áreas até então não exploradas.

O estudo dos 4.128 topônimos dos acidentes físicos revelou que, nas 03 mesorregiões em estudo, predominam as taxes de natureza física: 57% na Metropolitana de Curitiba, 58% na Centro-Oriental e 64% na Norte Pioneiro, confirmando uma tendência na toponímia brasileira como um todo, qual seja a de que o ambiente físico exerceu significativa influência no ato do batismo dos acidentes geográficos. Com relação às taxes de natureza antropocultural, apresentaram índice de ocorrência de 51% na Metropolitana de Curitiba, 40% na Centro-Oriental e 35% na Norte Pioneiro, revelando a intenção dedicatória desses

nomes, a homenagem ou devoção, os locais de trabalho, sistemas cromáticos, ou seja, fatos relacionados à cultura, à história e à sociedade como um todo. Nas 03 mesorregiões, somente 2% dos topônimos não puderam ser classificados no modelo taxionômico adotado.

A análise etnolinguística demonstrou a predominância de topônimos originados da língua portuguesa nas 03 mesorregiões, em sintagma simples, composto ou em formações derivadas, dado que ratifica conclusões de outras pesquisas toponímicas, principalmente por Dick, demonstrando a supremacia de nomes de base portuguesa na toponímia brasileira, explicável por razões históricas, no caso, fixação da língua do colonizador em detrimento das dos povos nativos. Os topônimos de base tupi apresentaram quase o mesmo índice de ocorrência nas 03 mesorregiões estudadas, assim como os nomes híbridos. Em se tratando da presença de topônimos de origem africana, somente as mesorregiões Centro-Oriental e Norte Pioneiro apresentaram um índice significativo. Dentre os topônimos analisados, não tiveram a língua de origem identificada: 3% nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba e Centro-Oriental e em 2% na Norte Pioneiro, como em ribeirão *Candal* (Ibaiti), arroio dos *Lekes* (Lapa), rio e serra do *Apon* (Castro), dentre outros.

Na análise da estrutura do sintagma toponímico também houve algumas coincidências nos índices de ocorrência, destacando-se os topônimos de estrutura composta híbrida, com 2% de ocorrência nas três mesorregiões estudadas.

Para o estudo dos topônimos paranaenses deve-se considerar a ocupação do território, que até o final do século XIX e início do século XX, não estava totalmente urbanizado, permanecendo grande parte de seu território ainda desconhecido. Assim sendo, muitos dos acidentes geográficos, apesar de sua existência desde épocas remotas, não tinham um nome específico. Foi o homem que, ao habitar esse espaço, atribuiu o real significado ao meio circundante ao estabelecer o nome ao local descoberto.

O próprio processo de geração dos topônimos pode explicar que o homem, no ato da nomeação de um lugar, busca motivação em aspectos naturais (a aparência do acidente geográfico) ou ainda nos sentimentos, ideologias de uma comunidade ou em estados psicológicos dos grupos que ocupam uma localidade, independente da época em que o acidente foi nomeado.

O protótipo de atlas apresentado poderá servir de parâmetro para o

Atlas Toponímico do Paraná e outros mais, com as devidas adaptações e aperfeiçoamentos. As propostas de cartas, principalmente para microtoponímia de municípios com alta produtividade de topônimos, configuraram o maior desafio, e a reconstituição da historiografia sobre os trabalhos apresentados até a atualidade, demonstraram ser esse o caminho, que ainda não está totalmente traçado, deixando espaço para possíveis contribuições futuras.

Acreditamos ter demonstrado aspectos da toponímia que até mesmo os paranaenses desconhecem e que os topônimos eternizados nos acidentes geográficos garantirão que o passado não perderá seu lugar, mas se configurarão como a fonte para a construção no presente de uma memória que é de fundamental importância para as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 3. ed. Lisboa, Presença, 1985. 14 v.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: problema sem solução? **Signum**: Estudos de Linguagem, Londrina, v. 2, p. 125-138, 1999.
- _____. Dialetoлогия e toponímia. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p.129-146.
- ALBINO, Lídia. **A relação da hidronímia com a história social no Paraná**: uma descrição diacrônico-contrastiva. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. **Diário da viagem de Vila Bela Capital da Capitania de Mato Grosso até Vila e Praça de Santos na Capitania de São Paulo**. Lisboa: CEDOPE - Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses, 2004.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série: Princípios).
- AQUINO. São Tomás. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARCHELA, Rosely Sampaio; THÈRY, Hervé. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins**. 2008. Disponível em: <<http://confins.revues.org/index3483.html>>. Acesso: 24 set. 2009.
- _____. Imagem e representação gráfica. **Geografia**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 5-11, jan./jun.1999.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Digital, 2006. Aulete Digital
- BACKHEUSER, Everardo. Toponímia: suas regras, sua evolução. **Revista geográfica**. Rio de Janeiro, v. 9/10, n. 25, p. 163-195, 940/1950.
- BARTHELMESS, Arthur. Ocupação e organização do Paraná Velho. **Boletim Paranaense de Geografia**, Curitiba, n.7-8, maio 1962.
- BÍBLIA. Português. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria linguística** (teoria lexical e linguística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, p. 81-118, 1998.

_____. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998b. p.11-20.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

BORDONI, Orlando. **A língua Tupi na geografia do Brasil**. Campinas: Gráfica Muto, [s.d].

BRAM, Joseph. **Linguagem e sociedade**. Bloch: Rio de Janeiro, 1968.

BRÉAL, Michel . **Ensaio de Semântica: ciência das significações**. São Paulo: Pontes, 1992.

BRITO, Adriano Naves de. **Nomes próprios: semântica e ontologia**. Brasília: UnB, 2003.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia, teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Antártida; Empuries, 1992.

CAMPOS, Jorge. *Os enigmas do nome: na interface lógica/semântica/pragmática*. Porto Alegre, AGE: EDIPUCRS, 2004.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia brasílica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CARNEIRO, João Paulo J. Andrade. **A morada dos wapixana: atlas toponímico da região indígena da Serra da Lua - RR**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CAVALCANTE, Lynara Raquel; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Estudo do processo de formação e estrutura dos topônimos tocantinenses no contexto da Belém-Brasília: aspectos morfossintáticos e semântico-lexicais. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 12, n.9. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/09/07.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CIGOLINI, Adilar; MELLO, Laércio de; LOPES, Nelci. **Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

COSERIU, Eugenio. A geografia linguística. In: _____. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1982. p. 79 -116.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas**: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux**. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DE MARTONNE, Emmanuel. **Noções gerais**: panorama da geografia-geografia física. Lisboa: Edições Cosmos, 1953. p. 1-22.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Tradição e modernidade na toponímia. **Arquivo Boletim Histórico e Informativo Arquivo do Estado**, São Paulo, p. 99-102, 1986.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

_____. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1990b.

_____. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 59-68, 1995.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. **Acta Semiotica et Lingvistica**, São Paulo, v. 6, p. 27-44, 1996a.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA E LA AMÉRICA LATINA, 11., 1996, Palmas. **Actas...**Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria , 1996b. p.. 2389-2396. Tomo III.

_____. Atlas toponímico: um estudo dialetológico (Projeto ATESP). In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22. 1998, : Niemeyer: Ed. Tubingen, 1998. p. 189-197. v. 4.

_____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de caso. **Investigações**: Linguística e Teoria Literária, v. 9, 1999.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na Onomástica Brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 121- 30. v.2.

_____. Fundamentos teóricos da toponímia: estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico

do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 91-117.

_____. A terminologia nas ciências onomásticas: estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007^a. p. 459-471. v. 3.

_____. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon. v. 3, n. 5, p.141 - 155, 2007b.

DOMINGUES, Ivan. **O grau zero do conhecimento**: o problema da fundamentação das ciências humanas. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**: o campo do signo, 1945-1966. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. v. 1

DRUMOND, Carlos. **Contribuição bororo à toponímia brasileira**. São Paulo: Ed. USP, 1965.

ELIADE, Mircea. **Mito y realidad**. Tradução de Luis Gil. Barcelona: Labor, 1991.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, 31 v. Planejada e orientada por Jurandy Pires Ferreira.

FAJARDO, Sérgio. O território paranaense: aspectos da ocupação e formação da estrutura produtiva e as transformações da paisagem rural. **Guairacá**, Guarapuava, n. 22, p. 95 -117, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0 – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*, Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANCA, Leonel. **Noções de história da filosofia**. 19 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1967.

FRAZER, George James. **La rama dorada**: magia y religión. Tradução de Elizabeth e Tadeo I. Campuzano. 8. ed. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1981.

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: _____. **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix;1978.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GLOSSÁRIO ATEPAR. **Esboço de um atlas toponímico do Estado do Paraná**. Londrina: UEL, 1999.

GRAÇA, Adriana Silva. **Referência e denotação**: um ensaio acerca do sentido e da referência de nomes e descrições. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

_____. **Referência e denotação:** duas funções semânticas irreduzíveis. *Disputatio*. 2002. Disponível em: <<http://disputatio.com/articles/012-1.pdf>>. Acesso em 12 maio 2008.

GRANGER, Gilles. A quoi servent les noms propres ? **Revue Langages**, Paris, n. 66, 1982.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução e adaptação Maria Elisa Mascarenhas. 4. ed. São Paulo: Difel, 1986.

HACKING, Ian. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** Tradução de Maria Elisa Marchini Sayeg. São Paulo: UNESP, 1999.

HESÍODO. **Teogonia:** a origem dos deuses. Tradução de Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOBBS, Thomas. **Elementos de Filosofia** – Primeira seção – sobre o corpo. Parte I – Computação ou lógica. Tradução de José Oscar de A. Marques. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. (Clássicos da Filosofia).

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de E. Dias Palmeira e M. Alves Correia. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

_____. **Ilíada**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. Disponível em: <TróiaIlíadadeodorico.wordpress.com>. Acesso em: 12 maio 2008. Versão para eBook. eBooksBrasil, © 2009

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Noções básicas de Cartografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Leituras regionais: mesorregiões geográficas paranaenses**. Curitiba: IPARDES, 2004. 32 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

_____. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras:** Revista de História, Campo Grande, v.1, n. 2, p.27-46, jul./dez. 1997.

_____. O nome do município. Um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **Revista ProLíngua**, v.1, n.2, v.1, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/aparecida-negri-isquerdo.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2008

_____. O nome do município: um olhar etnolinguístico. In: SEMINÁRIO DO CELLIP, 19., 2009, Cascavel. **Anais...** Cascavel: EDUNIOESTE, 2009. p.1-13

KLEIBER, Georges. Dénomination et relations dénominatives. **Revue Langages**, Paris, v. 19, n. 76, p. 77-94, dec.1984.

KRIPKE, Saul. Naming and Necessity. In: _____. **Martinich**. Harvard: Harvard University Press, 1996. p. 255-270.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão: GRAFIT, 2003.

LEÃO, Ermelino de. **Dicionário histórico e geográfico do Paraná**. Curitiba: Instituto Histórico e Geográfico e Etnológico Paranaense, 1994. v. 7.

LEITE, Maria Renata Pereira. **Relações entre a onça-pintada, onça-parda e moradores locais em três unidades de conservação da floresta atlântica do Estado do Paraná, Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <http://www.www.duke.edu/web/ctc/staff/Tese_Renata.PDF>. Acesso em: 17 nov. 2004.

LISPECTOR, Clarice. **O sonho**. Disponível em: <<http://www.portalcimm.com.br/index.php?modulo=conteudo&submodulo=ler&id=25&idc=151>>. Acesso: 6 dez. 2009.

LYONS, John. **Semântica**. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980. v. 1.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. Tradução de Izidoro Blikstein, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

LEROY, Sarah. **Le nom propre em Français**. Paris: Ophrys, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Maria C. da Costa e Souza e Almir de O. Aguiar. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

MAACK, Reinhard. **Geografia física do Estado do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Os Pensadores, v. 43)

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARÍAS, Julián. **História da filosofia**. Tradução de Alexandre Pinheiro Torres. 3. ed. Porto: Souza & Almeida, 1973.

MARTINS, Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995. (Coleção Farol do Saber)

MILANI, Gleidy Aparecida Lima; OLIVEIRA, Leodmar Romam de. Cartas dialetológica e toponímica: duas realidades, um mesmo produto. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ (CELLIP), 15., 2001, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2001. v. 1, p. 1-10.

MILL, John Stuart. **Sistema de Lógica Dedutiva e Indutiva**. Tradução de João Marcos Coelho. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

MOLINO, Jean. Le nom propre dans la langue. **Revue Langages**, Paris, n. 66, juin. 1982.

MOREIRA, Hélio Costa. **A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: caminho das Missões e Estrada de Palmas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MOREIRA, Júlio Estrela. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá (até a emancipação da Província do Paraná)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1975. 3v.

MORTARI, Cezar A. **Introdução à lógica**. São Paulo: UNESP, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO; Aparecida Negri. Apresentação. In: _____. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 9 -11.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. **A linguagem dos mapas: utilizando a cartografia para comunicar**. Revista Temporis(ação), Goiânia, v. 1, n. 8, p. 37-62, 2004.

OLIVEIRA, Leodmar Roman de. **Esboço de um atlas toponímico**. 2000. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **A toponímia de Goiás: em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do sul goiano**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

PEROTA, Maria Luiza Loures Pacheco Rocha (Org.). **Multimeios: seleção, processamento, armazenagem, empréstimo**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

PLATÃO. Crátilo. In: _____. **Teeteto**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001. p. 145-229.

PONTES, Marco Antonio G. **Cartografia**. Sorocaba: FACENS, 2002.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodor. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudanças: v. 2 - Atlas Toponímico-Histórico dos Municípios Baianos**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RENAN, Ernest. **Origem da linguagem**. [S.l.]: Progresso, 1950.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. O nome Curitiba. **Boletim Informativo da Casa Romario Martins**, Curitiba, v .21, n.105, 9. 225-277, jun.1995.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROSTAING, Charles. *Les noms de lieux*. 7.ed. Paris:Presses Universitaires de France, 1969.

RUSSELL, Bertrand. **Lógica e conhecimento** (Ensaio Escolhidos). Tradução de Pablo Ruben Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).

_____. Problemas de filosofia. Tradução de Jaimir Conte. Florianópolis, 2005.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponímia en Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na geografia nacional**. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini, José P. Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHAFF, Adam. **Introdução a semântica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. Referência e onomástica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 1953 - 1960. v. 1.

_____. ATEMIG: Atlas toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do atlas toponímico do Brasil. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.) **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p.1945 - 1952. v. 1. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigo_403.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2009.

_____. Pesquisa toponímica em Minas Gerais: construção de um banco de dados. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, DA HORA, Dermeval (Org.). **ABRALIN em cena:** Mato Grosso do Sul. João Pessoa: Idéia, 2008. 319 p.

SEARLE, John Rogers. Proper Names. In: _____. **Martinich.** Harvard: Harvard University Press, 1996. p. 249-254..

SILVEIRA, Leonor Marcon da. A ocupação e organização espacial do território paranaense face aos recursos da natureza. **Acta scientiarum human and social sciences**, v. 20, n. 1, p. 129-136, jul. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4250/2891>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

STRAWSON, Peter Frederick. **Escritos lógico-linguísticos.** In: RYLE, Gilbert et al. Trad. Balthazar Barbosa Filho et al. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

TAVARES, Marineide Cassuci. **Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul:** o desvendar de uma história. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: CARDOSO, Suzana e MOTA, Jacyra (orgs.) **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 207-226.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem Tupi.** Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1985.

_____. **Dicionário Tupi-português.** São Paulo: Traço, 1984.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A. Osório Mateus. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos.* Onomatologia. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VELOSO, Henrique Pimenta; RANGEL FILHO, Antonio Lourenço Rosa; LIMA, Jorge Carlos Alves. **Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema Universal.** IBGE: Rio de Janeiro, 1991.

VIANA, Manoel. **Paranaguá na história e na tradição.** Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1976.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1994.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná.** 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Trad. José Carlos Bruni. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

_____. **Tractatus logico-philosophicus**. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Nacional, 1968.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Paraná – zona de trânsito. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaenses**, v. 7, n. 3/4, jul./dez.1957.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia Paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ZIMBACK, Célia Regina Lopes. **Cartografia**. Grupo de estudos e pesquisas agrárias Georreferenciadas. Botucatu: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônômicas. Botucatu, junho 2003.

APÊNDICE

MESORREGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA**Quadro 11 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ADRIANÓPOLIS**

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Adrianópolis		LP	Antropo	Simple
água	Amarela		LP	Cromo	Simple
água	Eduardo,do		LP	Antropo	Simple
água	Jissara	Tupi: jyssara – espécie de palmeira (TIBIRIÇA, 1984).	LT	Fito	Simple
água	Portunã,do		LNI	N/C	Simple
arroio	Aterro,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Caçador		LP	Socio	Simple
arroio	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
arroio	Bocaina,da	Espanhol: bocanda (AULETE DIGITAL).	LE	Geomorfo	Simple
arroio	Figueira,da		LP	Fito	Simple
arroio	Florestal		LP	Fito	Simple
arroio	Maria Rita,da		LP + LP	Antropo	Composto
arroio	Tanque,do		LP	Hidro	Simple
arroio	Tiriva	Tupi: tiriba – voz onomatopáica de um pequeno papagaio (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
arroio	Varginha		LP	Geomorfo	Simple
corredeira	Salto do Belchior		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Bairro Alto		LP + LP	Socio	Composto
córrego	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Barra da Cruz		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Barrinha		LP	Hidro	Simple
córrego	Barreirinha,da		LP	Lito	Simple
córrego	Bateia		LP	Ergo	Simple
córrego	Bica,da		LP	Ergo	Simple
córrego	Bertoldo,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Bracinho		LP	Hidro	Simple
córrego	Bugio		Lp	Zoo	Simple
córrego	Caixão dos Mendes		LP + LP	Ergo	Composto
córrego	Camargo,do		LP	Antropo	Simple

córrego	Capuava	Tupi: capuaba - kapi'awa – local apropriado para plantação, sítio; casa de roça, choupana (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simple
córrego	Cava,da		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Chimingú		LNI	N/C	Simple
córrego	Cipriano,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Comprido		LP	Dimensio	Simple
córrego	Crispim		LP	Antropo	Simple
córrego	Diamante,do		LP	Lito	Simple
córrego	Dicoada,da	Pode ser de decoada – água fervida com cinzas das fornalhas (barrela ou lixívia), usada para livrar de impurezas o caldo da cana nas caldeiras, tornando o açúcar mais forte (HOUAISS,2001).	LP	Ergo	Simple
córrego	Feio		LP	Animo disfórico	Simple
córrego	Feital		LP	Lito	Simple
córrego	Feixe,do		LP	Ergo	Simple
córrego	Firmino,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Forquilha,da		LE	Geomorfo	Simple
córrego	Francelino,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Frango,do		LP	Zoo	Simple
córrego	Grande		LP	Dimensio	Simple
córrego	Inveja,da		LP	Animo disfórico	Simple
córrego	João Paulo,do		LP + LP	Antropo	Composto
córrego	Juca da Mata		LP + LP	Antropo	Composto
córrego	Jurumim	Tupi: provavelmente alteração de yuru : boca + -mirim : pequeno (HOUAISS, 2001).	LT	Somato	Simple
córrego	Lagarto		LP	Zoo	Simple
córrego	Laranjal,do		LP	Fito	Simple
córrego	Limoeiro,do		LP	Fito	Simple
córrego	Macuco,do		LT	Zoo	Simple
córrego	Mamona,da		LP	Fito	Simple
córrego	Marcolino,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Mendes		LP	Antropo	Simple
córrego	Moenda,da		LP	Socio	Simple
córrego	Monjolo	1. Engenho rudimentar,	LQB	Ergo	Simple

		acionado à água, usado para pilar milho e descascar café [...]; 2. Negro brasileiro empregado como escravo na agricultura colonial (HOUAISS, 2001).			
córrego	Paiol,do	Espanhol: armazém para depósito de produtos agrícolas em geral (HOUAISS, 2001)	LE	Eco	Simple
córrego	Pararaca	Tupi: lugar, nos rios, onde a água passa rápida e ruidosa sobre pedregulhos (FERREIRA, 2004).	LT	Hidro	Simple
córrego	Pedro Florêncio		LP + LP	Antropo	Composto
córrego	Periquito		LP	Zoo	Simple
córrego	Poço Grande		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Rancharia,da	Espanhol : rancho – cabana rústica: designava inicialmente qualquer lugar para acomodar soldados, marinheiros e pessoas que viviam fora do povoado + - aria (sufixo nominal ; coletivos, coleções, coletividades, conjuntos (HOUAISS (2001)	LE	Eco	Simple
córrego	Ribeiro		LP	Hidro	Simple
córrego	Rolado,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Sitinho,do		LP	Socio	Simple
córrego	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
córrego	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	São Bento		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	São José		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Sete Barras		LP + LP	Numero	Composto
córrego	Volta Grande		LP + LP	Morfo	Composto
ilha	Rasa		LP	Dimensio	Simple
morro	Pelado		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Anta,da	Árabe: lamta – mamífero da família dos tapirídeos	LA	Zoo	Simple

		(<i>Tapirus terrestris</i>), originário da América do Sul, de focinho em forma de pequena tromba e cauda curta; tapir (AULETE DIGITAL).			
ribeirão	Baguaçu	Tupi: ver em babaçu – ïwagwa'su : ï'wa: fruta + gwa'su: grande (HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Barra do Coelho		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Canoas,das		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Capuava Grande		LT + LP	Fito	Composto híbrido
ribeirão	Caraça Grande	Cara grande; carão (HOUAISS,2001).	LP + LP	Somato	Composto
ribeirão	Caracinha	Caraça + -inha (sufixo diminutivo)	LP	Somato	Simple
ribeirão	Carumbé	Tupi: o macho do jabuti; corr. carambé – o casco achatado ou aplainado. designa também um cesto ou gamela de forma cônica, baixa, servindo para o transporte e minério (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Criciúma	Tupi : designação comum a numerosíssimas espécies da família das gramináceas, cujo colmo tem largo emprego na fabricação de balaios e cesto [...]: bambu-trepador, gurixima, pitinga (FERREIRA, 2004).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Feio		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Forquilha		LE	Geomorfo	Simple

ribeirão	Garacuí	Tupi: mesmo que bracuí (Andira anthelmia) – imbi'ra :madeira, pau + ku'i:'farelo, pó; a espécie tem madeira rajada e a serragem tem uso medicinal (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simples
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simples
ribeirão	Larguinho		LP	Dimensio	Simples
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simples
ribeirão	Serra,da		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Três Canais		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Veado,do		LP	Zoo	Simples
rio	Anta Gorda,da		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
rio	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Capuavinha,da		LT	Fito	Simples
rio	Canoas,das		LP	Ergo	Simples
rio	Forquilha		LE	Geomorfo	Simples
rio	Forte,do		LP	Eco	Simples
rio	Garganta do Leandro	LP + LP	Geomorfo	Composto	
rio	João Surrá		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Matão		LP	Fito	Simples
rio	Mato Limpo		LP + LP	Fito	Composto
rio	Mato Preto		LP + LP	Fito	Composto
rio	Moças,das		LP	Etno	Simples
rio	Onças,das		LP	Zoo	Simples
rio	Palmital		LP	Fito	Simples
rio	Paqueiro	Que ou o que é adestrado para caçar pacas (diz-se de cão);que ou o que agencia trabalho para outrem (HOUAISS, 2001).	LP	Socio	Simples
rio	Pardo		LP	Cromo	Simples
rio	Peral,do	Trecho do fundo de um rio que aumenta subitamente de profundidade junto à praia ou à margem (HOUAISS, 2001).	LP	Dimensio	Simples
rio	Pimentas		LP	Fito	Simples
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simples
rio	Rocha,do		LP	Antropo	Simples

rio	Sanharão	Tupi : alteração de sanharó – variedade de abelha – NASCENTES (apud HOUAISS, 2001) .	LT	Zoo	Simple
rio	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Miguel		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tanque,do		LP	Hidro	Simple
rio	Tatupeba	Tupi: variedade de tatu (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
rio	Terra Boa		LP + LP	Lito	Composto
rio	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Uberaba	Tupi: corr. y - beraba – a água brilhante, clara, transparente, cristalina (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
rio	Valo,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
serra	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Bom Jesus		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Cachorros,dos		LP	Zoo	Simple
serra	Caco,do		LP	Ergo	Simple
serra	Carumbé,do		LT	Zoo / Ergo	Simple
serra	Guararema,da	Tupi: espécie de planta silvestre; de 'guara-rema' – pau fétido (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
serra	Juca da Mata		LP + LP	Antropo	Composto
serra	Maria Rita,da		LP + LP	Antropo	Composto
serra	Mico,do	Caribe:(de Terra Firme) meku ou miko, provavelmente por influência do espanhol mico (HOUAISS,2001).	LCB	Zoo	Simple
serra	Nunes,do		LP	Antropo	Simple
serra	Pasto do Rio		LP + LP	Fito	Composto
serra	São João		LP + LP	Hagio	Composto
serra	Tiriva,da		LT	Zoo	Simple
serra	Vinte e Sete,do		LP + LP	Numero	Composto
	Corregozinho		LP	Hidro	Simple
	Ribeirãozinho		LP	Hidro	Simple

Quadro 12 - Topônimos dos acidentes físicos do município de AGUDOS DO SUL					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Agudos do Sul		LP + LP	Geomorfo	Composto
distrito	Colônia Padre Paulo	LP + LP + LP	Socio	Composto	
arroio	Pinheiro Ocado		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Engenhoca,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Pavãozinho		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Pereiras, dos		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Saltinho		LP	Hidro	Simple
rio	Caiúva		LNI	N/C	Simple
rio	Caíva	Tupi : ka'a : mato, erva + a'ib : ruim – NASCENTES (apud HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simple
rio	Chimbuva	Tupi : mesmo que timbauba :corr. timbó-yba – a árvore de espuma. O fruto desta planta, quando tratado com água, dá espuma (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Colônia Nova		LP + LP	Socio	Composto
rio	Índios,dos		LP	Etno	Simple
rio	Negro		LP	Cromo	Simple
rio	Palmito		LP	Fito	Simple
rio	Pavãozinho		LP	Zoo	Simple
rio	Retiro		LP	Socio	Simple
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Sobrado		LP	Eco	Simple
rio	Taquara Lisa	Tupi: como ta-quara – a haste furada, ou oca (SAMPAIO,1928).	LT + LP	Fito	Composto
rio	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
serra	Piador,do	Diz-se de ave que pia (pomba piadora) (AULETE DIGITAL).	LP	Zoo	Simple
serra	Bugres, dos		Lp	Etno	Simple
serra	Cabral,do		LP	Antropo	Simple
Quadro 13 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ALMIRANTE TAMANDARÉ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Almirante Tamandaré	LP + LP	Axio	Composto	
rio	Atuba	Cogote, totuço, ocípidio (BORDONI, s/d).	LT	Somato	Simple
rio	Barra,da		LP	Hidro	Simple
rio	Barigui	Birigui – mesmo que mosquito palha (flebotomus), causador da úlcera de Bauru, de mberu=í, mosca pequena, mosquito (TIBIRIÇA, 1984).	LT	Zoo	Simple
rio	Capivara	Tupi: corr. caapii-uára – o comedor de capim; o herbívoro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Córrego Fundo		LP + LP	Dimensio	Composto
rio	Juruqui		LNI	N/C	Simple
rio	Marmeleiro		LP	Fito	Simple
rio	Morro Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Pacotuba	Tupi: corr. pacó-tyba – o sítio das bananeiras, ou onde estas abundam, ou pacoval (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
Quadro 14 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ANTONINA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
	Antonina		LP	Antropo	Simple
distrito	Cacatu		LT	Fito	Simple
distrito	Cachoeira de Cima		LP + LP	Hidro	Composto
baía	Antonina,de		LP	Antropo	Simple
córrego	Prejereba	Tupi: pira + ye'reb: volver-se – peixe teleósteo, percomorfo, da família dos lobotídeos (Lobotes surinamensis), do Atlântico [...] (FERREIRA, 2004).	LT	Zoo	Simple
ilha	Barquinha,da		LP	Ergo	Simple
ilha	Baixio,do		LP	Geomorfo	Simple
ilha	Barbosa,do		LP	Antropo	Simple

ilha	Biguá,do	Tupi: de py, by: pé e guá: redondo .Ave pelicaniforme da família dos falocrococorácídeos, também chamada mergulhão e corvo-marinho (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
ilha	Corisco,do		LP	Meteoro	Simple
ilha	Catarina		LP	Antropo	Simple
ilha	Duro,do		LP	Lito	Simple
ilha	Feijão,do		LP	Fito	Simple
ilha	Guamiranga de Baixo	Tupi: guamiranga – alteração de guapiranga– nome comum a várias madeiras de cerne avermelhado (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
ilha	Guamiranga de dentro	LT + LP	Fito	Composto híbrido	
ilha	Guamiranga de Fora	LT + LP	Fito	Composto híbrido	
ilha	Garças,das		LP	Zoo	Simple
ilha	Guará,do	Tupi: a garça vermelha, a ave aquática Íbis rubra (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
ilha	Lessa,do		LP	Antropo	Simple
ilha	Mamangava	Caigangue:mama ngaba – abelhão munido de ferrão, do gênero Bombus;ma-mang:abelha de fruta (TIBIRIÇÁ, 1985).	LC	Zoo	Simple
ilha	Mandirituba,da	Tupi: provavelmente de: mandori: c.manda-r-i – o ninhozinho, o feixinho. É uma abelha silvestre (Melipona marginata) + tuba: bastante (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
ilha	Micuim	Tupi: mukui'yi – espécie de carrapato (HOUAISS, 2001).	LT	Zoo	Simple
ilha	Olaria		LP	Socio	Simple
ilha	Passarinhos,do		LP	Zoo	Simple
ilha	Ponta Grossa,da		LP + LP	Morfo	Composto
ilha	Rosas,das		LP	Fito	Simple
ilha	Ramos,de		LP	Antropo	Simple

ilha	Ratos,dos		LP	Zoo	Simples
morro	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
morro	Bom Brinquedo,do		LP + LP	Dirremato	Composto
morro	Caixa d'água,da		LP + LP	Ergo	Composto
morro	Cantagalo,do		LP	Dirremato	Simples
morro	Corisco,do		LP	Meteoro	Simples
morro	Farias,do		LP	Antropo	Simples
morro	Grande		LP	Dimensio	Simples
morro	Mergulhão		LP	Zoo	Simples
morro	Quatinga,da		LT	Zoo	Simples
morro	Queimado,do		LP	Socio	Simples
pico	Paraná,do		LT	Hidro	Simples
ponta	Félix,do		LP	Antropo	Simples
ponta	Grossa		LP	Geomorfo	Simples
ponta	Rolim,do		LP	Antropo	Simples
ponta	Talhada		LP	Morfo	Simples
porto	Barão de Tefé		LP + LP	Axio	Composto
porto	Rosas,das		LP	Fito	Simples
porto	Nando Gomes		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Agudo,do		LP	Geomorfo	Simples
rio	Araçá	Tupi: arassá - araçá (fruta) (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simples
rio	Areia,da		LP	Lito	Simples
rio	Arroio Seco		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Borrachas,das		LP	Ergo	Simples
rio	Cabral		LP	Antropo	Simples
rio	Cacatu	Tupi: cacatú – corr. caá-catú – mato ralo, fácil de penetrar; o cerrado (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
rio	Capivari	Tupi: capivary, corr. caapiuar-y – o rio das capivaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simples
rio	Copiúva	Tupi: kupi'i:cupim + i'wa : árvore' – árvore com cupim, mesmo que copiúba (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simples
rio	Copiúvinha		LT	Fito	Simples

rio	Cutia	Tupi: corr. agutí ou a-cuti – o indivíduo que come de pé, de referência ao hábito que tem o animal deste nome de tomar o alimento com as patas dianteiras (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Curitiba	Tupi: curityba: pinheiral + yba: princípio, origem – onde começa o pinheiral (TIBIRIÇÁ, 1985).	LT	Fito	Simple
rio	Curtume,do		LP	Socio	Simple
rio	Dário		LP	Antropo	Simple
rio	Esteirão		LP	Geomorfo	Simple
rio	Faisqueira		LP	Socio	Simple
rio	Furado		LP	Geomorfo	Simple
rio	Gervásio		LP	Antropo	Simple
rio	Guapiara	Tupi: c. gua-piara – do fundo do vale, ou da baixada; o que jaz no fundo, ou ocupa o fundo da concavidade (SAMPAIO,1928).	LT	Geomorfo	Simple
rio	Guaraquara	Tupi:de guará: garça, colhereiro + cuara: cova, buraco; estar furado, ter buraco = buraco do guará (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Eco	Simple
rio	Inácio Alves		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Jaguari	Tupi: jaguary: corr. yaguar-y – o rio da onça (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Lageado		LP	Lito	Simple
rio	Lagoa Vermelha		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Madre,da		LP	Axio	Simple
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simple
rio	Mergulhão		LP	Zoo	Simple
rio	Monte Alegre		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Moura		LP	Antropo	Simple
rio	Mundéu	Tupi: nõ-ndé – o que envolve, o laço (SAMPAIO,1928).	LT	Ergo	Simple
rio	Nácar,do		LP	Antropo	Simple
rio	Nunes,do		LP	Antropo	Simple

rio	Nhundiaguara	Tupi: nhundiá-quara – a morada do jundiá, o buraco do peixe deste nome (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco	Simple
rio	Olaria, da		LP	Socio	Simple
rio	Ovídio, do		LP	Antropo	Simple
rio	Paraguai	Paraguai – periquito pequeníssimo (Psittacula passerina) (AULETE, DIGITAL).	LP	Zoo	Simple
rio	Pedras, das		LP	Lito	Simple
rio	Pequeno		LP	Dimensio	Simple
rio	Pinheiro		LP	Fito	Simple
rio	Pires, do		LP	Antropo	Simple
rio	Quebra, do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Quatinga		LT	Zoo	Simple
rio	Rochinha		LP	Lito	Simple
rio	Saci		LP	Mito	Simple
rio	Santa Rosa		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Joãozinho Feliz	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
rio	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Sapitanduva	Tupi: sapitanduva: sapi: o fundo do olho. sapi+ tan+ dyba: olhos + ralos + local – local dos olhos ralos (ATEPAR).	LT	Estemato	Simple
rio	Sorte, da		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Tucunduva	Tupi: corr. tucū-dyba – a palmeira do tucum. Pode ser corr. de tucū-tyba – o sítio do tucum, o palmar de tucuns (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Turvo, do		LP	Cromo	Simple
rio	Venda, da		LP	Socio	Simple
rio	Xaxim	Tupi: xanchim : corr. chan-chim ou çam-ci – a corda lisa, a fibra macia (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
serra	Cavoca, da	Pode ser derivado do verbo cavoucar: abrir cavoucos; trabalhar como cavouqueiro	LP	Socio	Simple

		(FERREIRA, 2004).			
serra	Custódia,da		LP	Animo disfórico	Simples
serra	Virgem Maria,da		LP + LP	Hiero	Composto
serra	Feiticeiro,do		LP	Mito	Simples
serra	Órgãos,dos		LP	Ergo	Simples
Quadro 15 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ARAUCÁRIA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Araucária		LP	Fito	Simples
distrito	Guajuvira	Tupi: guajubira – planta da família das borrogináceas; de guaju – ybyrá – pau de formiga (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simples
arroio	Capoeira,da	Tupi: ko: roça + puera..que já foi = terreno onde já houve roça e que foi conquistado pelo mato (CUNHA, 1999).	LT	Fito	Simples
arroio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
arroio	Enéas,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Fazendinha		LP	Socio	Simples
arroio	Formigueiro		LP	Zoo	Simples
arroio	Gurski,do		LNI	Antropo	Simples
arroio	Lote Cinco,do		LP + LP	Socio	Composto
arroio	Passo do Soares		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Rondinha	Espanhol: diminutivo do ronda – patrulha; caminho de patrulha; grupo de pessoas que andam fazendo ronda(HOUAISS, 2001).	LE	Socio	Simples
córrego	José Velho		LP + LP	Antropo	Composto
córrego	Passado		LP	Crono	Simples
córrego	Tietê	Tupi:c. tiê-etê – o verdadeiro tiê. Pode o mesmo vocábulo proceder de ty-etê que significa rio bastante fundo, rio verdadeiro, considerável. (SAMPAIO,1928).	LT	Hidro	Simples
ribeirão	Campestrinho		LP	Geomorfo	Simples

ribeirão	Campina das Pedras	LP + LP	Geomorfo	Composto	
ribeirão	Chaco	Quíchua: campo de caça. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais15/Sem05/constance.htm	LQC	Geomorfo	Simple
ribeirão	Iguaçu	Tupi: y: água, o rio + guassú: grande e grosso – rio grande (LCT).	LT	Dimensio	Simple
ribeirão	Gralhas,das		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Pessegueiros,dos		LP	Fito	Simple
rio	Barigui	Alteração de Birigui	LT	Zoo	Simple
rio	Mato Branco,do		LP + LP	Fito	Composto
rio	Onças,das		LP	Zoo	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Caí	Tupi: caí :adjetivo – acanhado, medroso, tímido (SAMPAIO,1928).	LT	Animo disfórico	Simple
rio	Campinas dos Martins	LP + LP	Geomorfo	Composto	
rio	Campo Redondo		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Capinzal		LP	Fito	Simple
rio	Capivara		LT	Zoo	Simple
rio	Cristal		LP	Lito	Simple
rio	Faxinal		LP	Fito	Simple
rio	Guajuvira	Tupi: guajubira – planta da família das borrogináceas; de guaju – ybyrá – pau de formiga (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simple
rio	Isabel Alves	Segundo Albino (2004, p.158), esse designativo é uma homenagem à professora Isabel Alves da Rocha.	LP + LP	Antropo	Composto
	Maurício,do		LP	Antropo	Simple
rio	Passa Una	Tupi: una: preto, escuro, negro (TIBIRIÇÁ,1984).	LP + LT	Hodo	Composto híbrido

rio	Piunduva	Tupi: piũ: variedade de mosquito; borrachudo + duva: abundância – muito mosquito (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
rio	Salão,do		LP	Socio	Simple
rio	Taquaroca	Tupi: tacuara: taquara, bambu + oca: tirar, arrancar, cortar, diminuir – cortar bambu (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Tomás,do		LP	Antropo	Simple
rio	Toral,do		LP	Antropo	Simple
rio	Verde		LP	Cromo	Simple
Quadro 16 - Topônimos dos acidentes físicos do município de Balsa Nova					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Balsa Nova		LP	Ergo	Simple
distrito	Bugre		LP	Etno	Simple
distrito	São Luiz do Purunã	Tupi: puruna = puru = poro': gente + una: preta = gente preta (BORDONI,s/d).	LP + LP + LT	Hagio	Composto híbrido
arroio	Amola Faca		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Cadeado,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Manjolo		LQB	Ergo	Simple
arroio	Passo da Areia		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Graciano		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Rino		LNI	N/C	Simple
arroio	Taipa,do		LP	Eco	Simple
corredeira	Casa Velha,da		LP + LP	Eco	Composto
ribeirão	São Luis		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Bicudo		LP	Morfo	Simple
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simple
rio	Itaqui	Tupi: itaky : mó – pedra de afiar (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Lito	Simple
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Mortes,das		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Papagaios,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Poço Claro		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Tamanduá		LG	Zoo	Simple
rio	Tortuoso		LP	Morfo	Simple
rio	Verde		LP	Cromo	Simple

serra	Prata,da		LP	Lito	Simple
serra	Capados,dos		LP	Zoo	Simple
serra	Purunã,do	Tupi: puruna = puru = poro': gente + una: preta = gente preta (BORDONI,s/d).	LT	Etno	Simple
serra	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
Quadro 17 - Topônimos dos acidentes físicos do município de BOCAIÚVA DO SUL					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Bocaiúva do Sul		LP + LP	Antropo	Composto
arroio	Água Amarela		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Comprida		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Antinha		LA	Zoo	Simple
arroio	Aranhas		LP	Zoo	Simple
arroio	Bocaina		LE	Geomorfo	Simple
arroio	Carijós	Tupi: corr. cari-yó – o procedente do branco europeu (SAMPAIO,1928).	LT	Etno	Simple
arroio	Castelo da Anta		LP + LA	Eco	Composto híbrido
arroio	Estiva		LP	Hodo	Simple
arroio	Roncador		LP	Hidro	Simple
córrego	Serra,da		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Tocas,das	Tupi:forma absoluta de oca, a casa, o refúgio, o esconderijo, o abrigo (SAMPAIO,1928).	LT	Eco	Simple
córrego	Areia Branca		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Campo Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Comprido		LP	Dimensio	Simple
córrego	Macacos		LP	Zoo	Simple
córrego	Palmito,do		LP	Fito	Simple
córrego	Pessegueiro		LP	Fito	Simple
córrego	Raso		LP	Dimensio	Simple
córrego	Retiro		LP	Socio	Simple
córrego	Salto do Arruda		LP + LP	Hidro	Composto
lajeado	Cerro Lindo		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
lajeado	Lapinha		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Pousinho,do		LP	Socio	Simple
ribeirão	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	André		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Barraquinha		LP	Eco	Simple
ribeirão	Cantagalo		LP	Dirremato	Simple
ribeirão	Invernada		LE	Socio	Simple
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simple

ribeirão	Mineiro		LP	Etno	Simple
ribeirão	Moenda,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Paraíso		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Patinhos,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Pau de Sangue		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Peroba		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pontal		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Samambaia	Tupi: corr. çamambai – o trançado de cordas; cordas entrelaçadas formando parapeito, cordas emaranhadas; alusão a trama confusa dessas plantas sociais, invasoras (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Serra,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simple
rio	Bacaetava	Tupi: corr.mbaé-caitaba – a queimada (SAMPAIO,1928).	LT	Socio	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Conceição,da		LP	Hiero	Simple
rio	Limoeiro		LP	Fito	Simple
rio	Pardo		LP	Cromo	Simple
rio	Passa Vinte		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Pederneiras		LP	Lito	Simple
rio	Putunã	Tupi: pytuna – noite; preto; negro; escuro (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Cromo	Simple
rio	Tapera	Tupi: corr. tab-éra – a aldeia extinta, a ruina, lugar onde existiu uma povoação (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco	Simple
rio	Uberaba		LT	Hidro	Simple
rio	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
salto	Grande		LP	Dimensio	Simple
serra	Caviúnas		LT	Fito	Simple
serra	Grande		LP	Dimensio	Simple
Quadro 18 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CAMPINA GRANDE DO SUL					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Campina Grande do Sul	LP + LP + LP	Geomorfo	Composto	
arroio	Rachiel		LP	Antropo	Simple
córrego	Basílio		LP	Antropo	Simple

córrego	Lajeado		LP	Lito	Simple
córrego	Salto do Arruda		LP + LP	Hidro	Composto
pico	Caratuva,da	Espécie de bambu-anã: Chusquea pinnifolia. Disponível em: www.cosmo.org.br/marumbi/aserradomar.htm .	LT	Fito	Simple
ribeirão	Boi,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Amarelo		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Branco		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Capoeira,da		LT	Fito	Simple
ribeirão	Cerrinho, do		LE	Geomorfo	Simple
ribeirão	Dino,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Figueira		LP	Fito	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Jaguatirica	Tupi: corr. yaguá-tírica – a onça tímida, fujona, Felis mitis (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Marmeleiro		LP	Fito	Simple
ribeirão	Mato Limpo		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Samambaia		LT	Fito	Simple
ribeirão	Terra Nova		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Tucunduva		LT	Fito	Simple
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simple
rio	Araçá	Tupi: ara'sá – arvoreta ou arbusto da família das mirtáceas (Psidium littorale),[...] araça,araçaeiro e araçaoeiro (FERREIRA, 2004).	LT	Fito	Simple
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Capivari-mirim		LT + LT	Zoo	Composto
rio	Capote		LP	Ergo	Simple
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simple
rio	Cerne,do		LP	Fito	Simple
rio	Coqueiro		LP	Fito	Simple
rio	Corvo,do		LP	Zoo	Simple
rio	Engenho,do		LP	Socio	Simple
rio	Faxinal		LP	Fito	Simple
rio	Florestal		LP	Fito	Simple

rio	Herval		LP	Fito	Simple
rio	Indaiatuba	Tupi: indayatuba : corr. indayá-tyba – abundância de indaiás, o sítio das palmeiras indaiás (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Lapinha		LP	Geomorfo	Simple
rio	Mandaçaia	Tupi: mandassaia – variedade de abelha do gênero melipona (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
rio	Meio, do		LP	Cardino	Simple
rio	Palmeirinha		LP	Fito	Simple
rio	Pardinho		LP	Cromo	Simple
rio	Roseira, da		LP	Fito	Simple
rio	Saltinho		LP	Hidro	Simple
rio	Taquari	Tupi: c. taquar-y – o rio das taquaras (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Trindade		LP	Antropo	Simple
rio	Tucum		LT	Fito	Simple
salto	Grande		LP	Dimensio	Simple
serra	Virgem Maria, da		LP + LP	Hiero	Composto
serra	Caratua, da		LT	Fito	Simple
serra	Jaguatirica, da		LT	Zoo	Simple
serra	Órgãos, dos		LP	Ergo	Simple
Quadro 19 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CAMPO DO TENENTE					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Campo do Tenente		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Buriti	Tupi: burity: corr. mbiriti – árvore que emite líquido; a palmeira (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
arroio	Pedrinha, da		LP	Lito	Simple
córrego	Coruja, da		LP	Zoo	Simple
córrego	Mesquita		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Lago, do		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Lajeado, do		LP	Lito	Simple
ribeirão	Branco		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Capoeirinha, da		LT	Fito	Simple
ribeirão	Fazenda, da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Ouro, do		LP	Lito	Simple

ribeirão	Sapezal,do	tupi: sapé:ssápé – o que alumia – capim da família das gramíneas, muito conhecido por cobrir choças (SAMPAIO, 1928) + z + al – quantidade mais ou menos considerável de sapés dispostos proximalmente entre si. (FERREIRA,2004)	LT	Fito	Simple
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Campo do Tenente		LP + LP	Geomorfo	Composto
Quadro 20 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CAMPO LARGO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Campo Largo		LP + LP	Geomorfo	Composto
distrito	Bateias		LP	Ergo	Simple
distrito	Ferraria		LP	Socio	Simple
distrito	São Silvestre		LP + LP	Hagio	Composto
distrito	Três Córregos		LP + LP	Numero	Composto
arroio	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
arroio	Castelhano,do		LP	Etno	Simple
arroio	Congonhas,das	Tupi: corr. congôï – o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade Ilex congonha (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
arroio	Enéas,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Fecho,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Gramma,da		LP	Fito	Simple
arroio	Gruta,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Invernada,da		LE	Socio	Simple
arroio	Moinho,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Montureiro,do	Indivíduo que costuma procurar, no monturo (local), objetos aproveitáveis (HOUAISS,2001).	LP	Socio	Simple
arroio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
arroio	Retiro,do		LP	Socio	Simple
arroio	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Quente		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Beleza		LP	Animo eufórico	Simple
arroio	Bica de Pedra		LP + LP	Socio	Composto

arroio	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
arroio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Bugio,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Buracão		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Capão Bonito	Tupi: corr. caá-pãu– a ilha de mato, o mato crescido e isolado no campo (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Carazinho	Tupi: corr. carã – redondo, circular. Pode proceder de acarã, o indivíduo escamoso, cascudo; nome dado a peixe. designa também uma planta tuberosa (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
arroio	Cigarra		LE	Zoo	Simples
arroio	Cipoeiro,do	Tupi: cipó: corr. içá-pó, literalmente – galho-mão, que é o mesmo que dizer – galho apreensor – que tem propriedade de se pender, de se enleiar, de atar (SAMPAIO, 1928) + eiro (sufixo de relação, pertinência).	LT	Fito	Simples
arroio	Colônia		LP	Socio	Simples
arroio	Dom Rodrigo		LP + LP	Axio	Composto
arroio	Gralhas,das		LP	Zoo	Simples
arroio	Gramados		LP	Fito	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
arroio	Itambézinho	Tupi: itaimbé: c. itá-aimbé – a pedra afiada, o penedo pontiagudo (SAMPAIO, 1928).	LT	Lito	Simples
arroio	Itanguá	Tupi: c. ytã-guá – a baixa das conchas ou itans (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simples
arroio	Lomba,da		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Meneses		LP	Antropo	Simples
arroio	Miguela		LP	Antropo	Simples
arroio	Monjolos		LQB	Ergo	Simples
arroio	Palmital		LP	Fito	Simples
arroio	Passa Três		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Nenê		LP + LP	Hodo	Composto

arroio	Pavão dos Gomes		LP + LP	Zoo	Composto
arroio	Pessegueiro		LP	Fito	Simples
arroio	Purunã		LT	Etno	Simples
arroio	Risada		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Salgadinho		LP	Estemato	Simples
arroio	Salto,do		LP	Hidro	Simples
arroio	Santana		LP	Hagio	Simples
arroio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Taipa,do		LP	Eco	Simples
arroio	Tapera		LT	Eco	Simples
arroio	Taquaral		LT	Fito	Simples
arroio	Terra Vermelha		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
arroio	Usina,da		LP	Socio	Simples
arroio	Varzedo	Pode ser uma variante de vargado. Vargedo : várzea grande, extensa (HOUAISS,2001).	LP	Geomorfo	Simples
córrego	Espírito Santo		LP + LP	Hiero	Composto
córrego	Fundo		LP	Dimensio	Simples
córrego	Venâncios, dos		LP	Antropo	Simples
lajeado	Índia,da		LP	Etno	Simples
lajeado	Madeira,da		LP	Fito	Simples
lajeado	Sono,do		LP	Animo disfórico	Simples
lajeado	Batistas,dos		LP	Antropo	Simples
córrego	Camponeses,dos		LP	Etno	Simples
lajeado	Cancela,da		LP	Ergo	Simples
lajeado	Curral Novo		LP + LP	Socio	Composto
lajeado	Gramados		LP	Fito	Simples
lajeado	Grande		LP	Dimensio	Simples
lajeado	Parquejador,do		LP	Socio	Simples
lajeado	Pito,do	1. Mesmo que cachimbo (utensílio para fumar) (HOUAISS,2001).	LP	Ergo	Simples
lajeado	Sobrado,do		LP	Eco	Simples
lajeado	Terra Preta,da		LP + LP	Lito	Composto
morro	Alto		LP	Dimensio	Simples
morro	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
morro	Cal,do		LP	Lito	Simples
morro	Descalvado		LP	Animo disfórico	Simples
morro	Felpudo		LP	Estemato	Simples
morro	Itaiacoca,de	Tupi: gruta de pedras – de acordo com LANGE (1998, p. 321) apud MOREIRA (2006, p.159)	LT	Lito	Simples
morro	Ourives,do		LP	Socio	Simples
morro	Serrinha		LP	Geomorfo	Simples
morro	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto

morro	Três Irmãos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Barra,da		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Fábrica,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Invernada, da		LE	Socio	Simple
ribeirão	Lavra,da		LP	Lito	Simple
ribeirão	Ouro,do		LP	Lito	Simple
ribeirão	Rancharia,da		LE	Eco	Simple
ribeirão	Areias		LP	Lito	Simple
ribeirão	Carandá,do	Tupi: caraná – escamoso, cascudo, cheio de asperezas. É o nome da palmeira Copernici cerifera, vulgo carnaúba (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Cruz,da		LP	Hiero	Simple
ribeirão	Endoenças		LP	Hiero	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Lavrinha		LP	Lito	Simple
ribeirão	Morcego		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Palmital		LP	Fito	Simple
ribeirão	Palmital		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pavão dos Silva		LP + LP	Zoo	Composto
ribeirão	São Silvestre		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Taquarinha		LT	Fito	Simple
	Ribeirãozinho		LP	Hidro	Simple
rio	Açungui	Tupi: assunguy: a-cugui – o sangue de gente (SAMPAIO, 1928).	LT	Somato	Simple
rio	Carijós,dos		LT	Etno	Simple
rio	Galdinos,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Guabiroba,da	Tupi: guabiroba, guavirova: corr. guabi-iroba – o comestível amargo, ou fruto que trava (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Lavra,da		LP	Lito	Simple
rio	Matos,dos		LP	Fito	Simple
rio	Noites,das		LP	Crono	Simple
rio	Rincão,do		LE	Socio	Simple
rio	Salto,do		LP	Hidro	Simple
rio	Angico		LP	Fito	Simple
rio	Areia,da		LP	Lito	Simple
rio	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Barrosinho		LP	Lito	Simple
rio	Caçador		LP	Socio	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Cafundó	Africana: porém controversa (HOUAISS, 2001).	LAF	Geomorfo	Simple
rio	Cambuí	Tupi: cambuy; corr. caá-mboy – a planta ou folha que se desprende (Myrtacea) (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple

rio	Capão do Alegrete		LT + LP	Fito	Composto híbrido
rio	Capão Grande		LT + LP	Fito	Composto híbrido
rio	Capivara		LT	Zoo	Simple
rio	Cascavel		LP	Zoo	Simple
rio	Cãozinho, do		LP	Zoo	Simple
rio	Cerne,do		LP	Fito	Simple
rio	Conceição		LP	Hiero	Simple
rio	Cotó,do		LP	Somato	Simple
rio	Dois Córregos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Ferraria		LP	Socio	Simple
rio	Gruta,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Guarituba	Tupi: pode ser de guarí:espécie de palmeira + tuba: abundância = muita palmeira (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Itaqui		LT	Lito	Simple
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simple
rio	Jacu	Tupi: cor. yacú – é nome da ave Penelope (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Jacuí	Tupi: jacuhy: corr. yacú-y – o rio dos jacus (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Javacaé		LNI	N/C	Simple
rio	Macaco		LP	Zoo	Simple
rio	Mandioca	Tupi: corr. manyoga – o que procede da manyba ou mandyba. É a raiz tuberosa da planta Jatropha manihot (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Mangote	Em veículo de tração animal, gancho onde se apóiam os varais e por onde passam os tirantes (HOUAISS, 2001).	LP	Ergo	Simple
rio	Onça,da		LP	Zoo	Simple
rio	Ouro Fino		LP + LP	Lito	Composto
rio	Paiol,do		LE	Eco	Simple
rio	Palmital		LP	Fito	Simple
rio	Palmito		LP	Fito	Simple
rio	Papagaios,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Passa Una		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Pitangui	Tupi:pitang-y – o rio das pitangas (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Quebra-perna		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Retiro Pedro Alves		LP + LP + LP	Socio	Composto

rio	Ribeira		LP	Hidro	Simple
rio	Ribeirão Grande		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Ribeirinha		LP	Hidro	Simple
rio	Rincão de Baixo		LE + LP	Socio	Composto híbrido
rio	Rincãos, dos		LE	Socio	Simple
rio	Rondinha		LE	Socio	Simple
rio	Roseira, da		LP	Fito	Simple
rio	Santa Cruz		LP + LP	Hiero	Composto
rio	Santa Quitéria		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Caetano		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Jorge		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple
rio	Sumaca, da	Holandês: smak – este de origem incerta, segundo Corominas (HOUAISS, 2001).	LH	Ergo	Simple
rio	Tacaniça	Lanço de telhado que resguarda os lados do edifício (FERREIRA, 2004)	LP	Ergo	Simple
rio	Tarumã	Tupi: planta da família das verbenáceas (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Tibagi	Tupi: tyba-g-y – o rio do pouso (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simple
rio	Tibagizinho		LT	Socio	Simple
rio	Tortuoso		LP	Morfo	Simple
rio	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Três Córregos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Verde		LP	Cromo	Simple
serra	Almas, das		LP	Mito	Simple
serra	Prata, da		LP	Lito	Simple
serra	Areias		LP	Lito	Simple
serra	Boa Vistinha		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Chapadão, do		LP	Geomorfo	Simple
serra	Endoenças		LP	Hiero	Simple
serra	Itaiacoca, de		LT	Lito	Simple
serra	Santana, da		LP	Hagio	Simple
Quadro 21- Topônimos dos acidentes físicos do município de CAMPO MAGRO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Campo Magro		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Fundo		LP	Dimensio	Simple
arroio	Retiro, do		LP	Socio	Simple
arroio	Santana		LP	Hagio	Simple
córrego	Frio		LP	Estemato	Simple
rio	Bambeca		LNI	N/C	Simple

rio	Betara	Origem controversa: provavelmente tupi mbe'tara – pedra de beijo. Peixe teleósteo [...] (HOUAISS, 2001).	LT	Zoo	Simple
rio	Cachoeirinha		LP	Hidro	Simple
rio	Capivara		LT	Zoo	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Conceição		LP	Hiero	Simple
rio	Custódio		LP	Antropo	Simple
rio	Juruqui		LNI	N/C	Simple
rio	Ouro Fino		LP + LP	Lito	Composto
rio	Passa Una		LP + LT	Hodo	Composto híbrido

Quadro 22 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CERRO AZUL

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Cerro Azul		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
distrito	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
água	Barrinha, da		LP	Hidro	Simple
arroio	Água do Campo		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Barrinha		LP	Hidro	Simple
arroio	Boi Perdido		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Capoeirinha		LT	Fito	Simple
arroio	Invernada		LE	Socio	Simple
arroio	Jaguatirica		LT	Zoo	Simple
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simple
arroio	Laranjal, do		LP	Fito	Simple
arroio	Leal		LP	Animo eufórico	Simple
arroio	Meio, do		LP	Cardino	Simple
arroio	Miguel, do		LP	Antropo	Simple
arroio	Monos, dos		LP	Zoo	Simple
arroio	Osten		LNI	Antropo	Simple
arroio	Paiol de Cima		LE + LP	Eco	Composto híbrido
arroio	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Perobal		LP	Fito	Simple
arroio	Porcos, dos		LP	Zoo	Simple
arroio	Santa Cruz		LP + LP	Hiero	Composto
arroio	Santos, dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Schefer, do		LNI	Antropo	Simple
arroio	Seco		LP	Hidro	Simple
arroio	Tanquinho		LP	Hidro	Simple
arroio	Tigrinho		LP	Zoo	Simple
arroio	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
morro	Bico de Pedra		LP + LP	Somato	Composto
morro	Chapéu, do		LP	Ergo	Simple
morro	Formiga, da		LP	Zoo	Simple
	Olhos de água		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto

ribeirão	Feio		LP	Animo disfórico	Simples
ribeirão	Inferno,do		LP	Animo disfórico	Simples
ribeirão	João Gordo,do		LP + LP	Antropo	Composto
ribeirão	Lajeado da Barra		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simples
ribeirão	Onça,da		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Pereira,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Pulador		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Tigre		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Tristeza		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simples
rio	Viúva,da		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simples
rio	Água Morna		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Banco,do		LP	Ergo	Simples
rio	Barreiro		LP	Lito	Simples
rio	Bocaininha		LE	Geomorfo	Simples
rio	Bom Sucesso		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Bomba		LP	Ergo	Simples
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
	Caçador,do		LP	Socio	Simples
rio	Campina		LP	Geomorfo	Simples
rio	Campo,do		LP	Geomorfo	Simples
rio	Canha	Diminutivo de canhada	LE	Geomorfo	Simples
rio	Canhada Funda	Espanhol : cãhada. 1 terreno plano e baixo entre duas colinas pequenas; baixada 2 vale profundo e estreito entre montanhas; depressão (HOUAISS, 2001).	LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
rio	Carmo,do		LP	Antropo	Simples
rio	Carrapato		LP	Zoo	Simples
rio	Despraiado,do	Pode ser de espraído – 1. espaço deixado pela maré vazante; 2. alargamento do leito de um rio, geralmente pouco profundo e de margens arenosas; 3. rio pequeno e raso, que corre em terreno arenoso (HOUAISS,2001).	LP	Hidro	Simples

rio	Erveira,da		LT	Fito	Simple
rio	Estrela		LP	Meteoro	Simple
rio	Estrelinha		LP	Meteoro	Simple
rio	Faisqueiro		LP	Socio	Simple
rio	Fundão		LP	Dimensio	Simple
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Lajeado Grande		LP + LP	Lito	Composto
rio	Lima,do		LP	Antropo	Simple
rio	Limeira,da		LP	Fito	Simple
rio	Manuela,da		LP	Antropo	Simple
rio	Mato Preto		LP + LP	Fito	Composto
rio	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Pedra Negra		LP + LP	Lito	Composto
rio	Piedade,da		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Pinhal Grande		LP + LP	Fito	Composto
rio	Pinhal,do		LP	Fito	Simple
rio	Pinhalzinho		LP	Fito	Simple
rio	Pinheirinho		LP	Fito	Simple
rio	Ponta Grossa		LP + LP	Morfo	Composto
rio	Rancharia,da		LE	Eco	Simple
rio	Ranchinho		LE	Eco	Simple
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simple
rio	Rocha,do		LP	Antropo	Simple
rio	Santana		LP	Hagio	Simple
rio	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tigre		LP	Zoo	Simple
rio	Turvo		LP	Cromo	Simple
rio	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
serra	Piedade,da		LP	Animo disfórico	Simple
serra	Bocaina,da		LE	Geomorfo	Simple
serra	Morro Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
serra	Urutão,do		LP	Mito	Simple

Quadro 23 - Topônimos dos acidentes físicos do município de COLOMBO

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Colombo		LP	Historio	Simple
córrego	Pessegueiro		LP	Fito	Simple
rio	Atuba		LT	Somato	Simple
rio	Bacaetava		LT	Socio	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Canguiri	Tupi: de kángwéry: rio da ossada ou de akángwéry: rio da caveira (RODRIGUES, 1995).	LT	Necro	Simple
rio	Palmital		LP	Fito	Simple
rio	Prado		LP	Fito	Simple
rio	Tumiri		LNI	N/C	Simple

Quadro 24 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CONTENDA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Contenda		LP	Animo disfórico	Simple

distrito	Catanduvas do Sul	Tupi: corr. caatã-dyba – o local do mato ralo ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Campestre		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Contenda		LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Gurski,do		LNI	Antropo	Simples
arroio	Pântano Preto		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Passa-passo		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Passo da Cruz		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Guarda		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Cerne		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Cervo		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Laranjeira		LP	Fito	Simples
ribeirão	Lavrinha		LP	Lito	Simples
ribeirão	Passo do Ouro		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Almas,das		LP	Mito	Simples
rio	Cacho,do		LP	Fito	Simples
rio	Gralhas,das		LP	Zoo	Simples
rio	Alves Cardoso		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
rio	Caroços,dos		LP	Fito	Simples
rio	Catanduvas		LT	Fito	Simples
rio	Gonçalves		LP	Antropo	Simples
rio	Grande		LP	Dimensio	Simples
rio	Guavirova	Tupi: adaptação de guabiroba (HOUAISS,2011).	LT	Fito	Simples
rio	Isabel Alves		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Mato dentro		LP + LP	Fito	Composto
rio	Onças,das		LP	Zoo	Simples
rio	Poço,do		LP	Hidro	Simples
rio	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São João do Caíva		LP + LP + LT	Hagio	Composto híbrido
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tabatinga	Tupi: corr. tauá-tinga – o barro branco, o barreiro de argila branca (SAMPAIO,1928).	LT	Lito	Simples
rio	Turvo		LP	Cromo	Simples
Quadro 25 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CURITIBA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Curitiba	Tupi: curityba: curí-tyba – o pinhal, o sítio dos pinheiros (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
arroio	Irujá		LNI	N/C	Simples
arroio	Lote Cinco,do		LP + LP	Socio	Composto
arroio	Mascate		LP	Socio	Simples
ribeirão	Muller,dos		LAL	Antropo	Simples
rio	Barigui		LT	Zoo	Simples
rio	Cutia		LT	Zoo	Simples

rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simples
rio	Palmital		LP	Fito	Simples
rio	Passa Una		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
Quadro 26 - Topônimos dos acidentes físicos do município de DOUTOR ULYSSES					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Doutor Uysses		LP + LP	Axio	Composto
água	Pacas,das	Tupi: a desperta, a acordada, a que está sempre atenta. É o animal roedor <i>Caelogenys paca</i> (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Pereiras,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Araçá		LT	Fito	Simples
arroio	Barra Linda		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Cerrado,do		LP	Fito	Simples
arroio	Figueirinhas		LP	Fito	Simples
arroio	Flores,das		LP	Fito	Simples
arroio	Mercadinho		LP	Socio	Simples
arroio	Palmeira,da		LP	Fito	Simples
arroio	Pedras,das		LP	Lito	Simples
arroio	Seco		LP	Hidro	Simples
cerro	Malfazido	Pode ser de mal feito.	LP	Animo disfórico	Simples
córrego	Cedro,do		LP	Fito	Simples
lajeado	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
morro	Meio,do		LP	Cardino	Simples
morro	Olho d'água,do		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Porcos,dos		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Feital		LP	Lito	Simples
ribeirão	Lagoa,da		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Leandro		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simples
ribeirão	Palmeira		LP	Fito	Simples
ribeirão	Rosa,da		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Xaxim,do		LT	Fito	Simples
rio	Alegre,do		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Anta Gorda		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
rio	Apon,do		LNI	N/C	Simples
rio	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
rio	Caçador		LP	Socio	Simples
rio	Capivari		LT	Zoo	Simples
rio	Caraguatá	Tupi: corr. carauá-tá – o carauá rijo, duro (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
rio	Claro		LP	Cromo	Simples
rio	Fecho,do		LP	Ergo	Simples
rio	Figueira		LP	Fito	Simples
rio	Itapirapuã	Tupi: itá: pedra + pirapuã: baleia (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Lito	Simples
rio	Lajeadinho		LP	Lito	Simples
rio	Malfazido		LP	Animo disfórico	Simples

rio	Mandaçaia		LT	Zoo	Simple
rio	Marrecas	De origem obscura (HOUAISS,2001).	LNI	Zoo	Simple
rio	Queimadonha,da		LP	Socio	Simple
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simple
rio	Sete Quedas		LP + LP	Numero	Composto
rio	Teixeira,do		LP	Antropo	Simple
rio	Turvo		LP	Cromo	Simple
serra	Apon,do		LNI	N/C	Simple
serra	Burrinho,do		LP	Zoo	Simple
serra	Palmeira,da		LP	Fito	Simple
serra	Avenca,da		LP	Fito	Simple
serra	Macaco,do		LP	Zoo	Simple
serra	Paranapiacaba		LT	Hidro	Simple

Quadro 27 - Topônimos dos acidentes físicos do município de FAZENDA RIO GRANDE

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Fazenda Rio Grande		LP + LP + LP	Socio	Composto
arroio	Boqueirão		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Fazendinha		LP	Socio	Simple
arroio	Mascate		LP	Socio	Simple
arroio	Ouro Velho		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Ana Luisa		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Divisa,da		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Passo Novo		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Tanque,do		LP	Hidro	Simple
rio	Moinho,do		LP	Ergo	Simple
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Cutia		LT	Zoo	Simple
rio	Despique		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simple
rio	Maurício,do		LP	Antropo	Simple

Quadro 28 - Topônimos dos acidentes físicos do município de GUARAQUEÇABA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Guaraqueçaba	Tupi: guará : garça, colhereiro + kessaba: lugar, tempo, modo de dormir; rede – neologismo – cama, ninho da garça (TIBIRIÇA,1984).	LT	Socio	Simple
distrito	Ararapira	Tupi: arára - apira – a cabeceira das araras (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
distrito	Serra Negra		LP + LP	Geomorfo	Composto
baía	Guaraqueçaba,de		LT	Socio	Simple
baía	Itaqui,do		LT	Lito	Simple
baía	Laranjeiras,das		LP	Fito	Simple
baixio	Bagre,do		LP	Zoo	Simple
cachoeira	Salto do Morato		LP + LP	Hidro	Composto

canal	Superagui,do	Rainha dos peixes . Disponível em: http://www.sulambiental.com.br/parana-superagui.htm).	LNI	Axio	Simples
canal	Varadouro,do		LP	Hidro	Simples
chapadão	Rio Verde,do		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Linguíça		LP	Geomorfo	Simples
enseada	Engenho,do		LP	Socio	Simples
enseada	Benito,do		LP	Antropo	Simples
enseada	Itaqui,do		LT	Lito	Simples
enseada	Saquinho		LP	Geomorfo	Simples
furo	Pavoça,do		LNI	N/C	Simples
furo	Tibicanga,do	Tupi: tibi: cheio, apinhado + canga: osso – cheio de osso (BORDONI,s/d.).	LT	Dimensio	Simples
ilha	Benito,do		LP	Antropo	Simples
ilha	Peças,das		LP	Ergo	Simples
ilha	Pinheirinho,do		LP	Fito	Simples
ilha	Pinheiro,do		LP	Fito	Simples
ilha	Pinto,do		LP	Antropo	Simples
ilha	Casca de Ostra		LP + LP	Zoo	Composto
ilha	dos Porcos		LP	Zoo	Simples
ilha	Gamelas,das		LP	Ergo	Simples
ilha	Grande		LP	Dimensio	Simples
ilha	Ilhinha		LP	Geomorfo	Simples
ilha	Mimosa		LP	Animo eufórico	Simples
ilha	Pavoça		LNI	N/C	Simples
ilha	Rabelo,do		LP	Antropo	Simples
ilha	Rasa		LP	Dimensio	Simples
ilha	Sambaqui	Tupi: sambaki – mesmo que ostreira; aglomerado de conchas formando montículos, onde certos povos primitivos faziam seus enterramentos rituais; de itambaky, ostra, ostreira (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Lito	Simples
ilha	Seco Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ilha	Superagui,do		LNI	Axio	Simples
ilha	Trepa Pau,do		LP + LP	Dirremato	Composto
morro	Araçá,do		LT	Fito	Simples
morro	Barbado,do		LP	Estemato	Simples
morro	Bugio,do		LP	Zoo	Simples
morro	Caçada		LP	Spicio	Simples
morro	Costa, do		LP	Antropo	Simples
morro	Engenho,do		LP	Socio	Simples
morro	Palha,da		LP	Fito	Simples
morro	Poruquara,do		LT	Eco	Simples

morro	Sebui,do	Tupi: sebui – forma dialetal de ambóia, minhoca (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Zoo	Simples
morro	Siriri,do	Tupi: siriry. corr. ciri-r-y – o rio ou água dos siris (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Zoo	Simples
morro	Bico Torto do Rio dos Patos		LP + LP + LP + LP	Somato	Composto
morro	Bico Torto do Rio Poruquara	Tupi: poruquara: poru: transitivo usar, praticar + cuara: cova, buraco; estar furado, ter buraco (TIBIRIÇÁ,1984).	LP + LP + LP + LT	Somato	Composto híbrido
morro	Bicudo Grande		LP + LP	Morfo	Composto
morro	Bicudo Pequeno		LP + LP	Morfo	Composto
morro	Bronze,do		LP	Ergo	Simples
morro	Buzina,da		LP	Ergo	Simples
morro	Canudal,do		LP	Geomorfo	Simples
morro	Cerco Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
morro	Cunhaporanga		LG	Etno	Simples
morro	Fojo,do	1. Parte muito funda no leito de um rio; 2. cavidade profunda na terra; caverna, gruta (HOUAISS,2001).	LP	Geomorfo	Simples
morro	Franco,do		LP	Antropo	Simples
morro	Gravatá	Tupi: Caruatá e Caraguatá (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
morro	Pacas,das		LT	Zoo	Simples
morro	Poço Grande,do		LP + LP	Hidro	Composto
morro	Superagui,do		LNI	Axio	Simples
morro	Três Irmãos,dos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Caçada,da		LP	Socio	Simples
ribeirão	Anta,da		LA	Zoo	Simples
ribeirão	Braço do Rio do Meio		LP + LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bucuva	Tupi: ìmbiku'íwa – 1.árvore de fazer pó; 2. Simplório, parvo, pateta, sandeu (HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simples
ribeirão	Caraça,do		LP	Somato	Simples
ribeirão	Fundo		LP	Dimensio	Simples

ribeirão	Guapé	Tupi: mesmo que aguapé – agwa'pe: nome indígena da vitória-régia, composto de agwa ou agwa : redondo + pewa: chato, plano, pois as folhas semelham um prato (HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simples
ribeirão	Macaco,do		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Redente	Série de entalhes feitos em sentidos opostos em duas peças que devem ser encaixadas (HOUAISS,2001).	LP	Ergo	Simples
rio	Anta,da		LA	Zoo	Simples
rio	Caçada,da		LP	Socio	Simples
rio	Cerca,da		LP	Ergo	Simples
rio	Franco,do		LP	Antropo	Simples
rio	Furadinho,do		LP	Geomorfo	Simples
rio	Laranjeiras,das		LP	Fito	Simples
rio	Luzia,da		LP	Antropo	Simples
rio	Medeiros,dos		LP	Antropo	Simples
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simples
rio	Peças,das		LP	Ergo	Simples
rio	Pedro,do		LP	Antropo	Simples
rio	Pinto,do		LP	Antropo	Simples
rio	Segredo,do		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Abobreira		LP	Fito	Simples
rio	Açungui		LT	Somato	Simples
rio	Amaral,do		LP	Antropo	Simples
rio	Ameijôa	Árabe: al + latim Mytilu - designação comum aos moluscos bivalves, da família dos lucinídeos, [...] e outros do gênero [...] (FERREIRA,2004)	LA	Zoo	Simples
rio	Bananal		LP	Fito	Simples
rio	Bandarra	Indivíduo que pretende prever o futuro; adivinho, vidente (HOUAISS,2001).	LP	Mito	Simples
rio	Barreiro,do		LP	Lito	Simples
rio	Birigui		LT	Zoo	Simples
rio	Boguaçu	Tupi:boiguassú: mboi- guassú – cobra grande (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples

rio	Borrachudo	Designação comum aos insetos dípteros da família dos simúlideos. [...], pium, promotor [...] (HOUAISS,2001).	LP	Zoo	Simples
rio	Bracinho		LP	Hidro	Simples
rio	Braço da Direita		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Braço da Esquerda		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Braço do Macaco		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Braço do Norte		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Braço do São Pedro		LP + LP + LP	Hidro	Composto
rio	Branco		LP	Cromo	Simples
rio	Branco de Baixo		LP + LP	Cromo	Composto
rio	Brumado	Mato baixo e cerrado com cipós e espinheiros (HOUAISS,2001).	LP	Fito	Simples
rio	Cacheta	Provavelmente de caxeta: 1 mesmo que caixeta (Croton piptocalix, Tabebuia cassinoides, T. obtusifolia); 2. mesmo que embaúba-do-brejo (Cecropia lyratiloba)(HOUAISS,2001).	LP	Fito	Simples
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
rio	Cafezinho		LP	Fito	Simples
rio	Caité	Tupi: corr. caá-ité – o mato discorde, variegado; o mato feio (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
rio	Cajueira	Tupi:v.acayú:acajá:acã-yú o pomo amarelo, o caju (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
rio	Campo,do		LP	Geomorfo	Simples
rio	Canoas,das		LP	Ergo	Simples
rio	Capivari		LT	Zoo	Simples
rio	Cardoso,do		LP	Antropo	Simples
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simples
rio	Cerco Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Cerquinho		LP	Geomorfo	Simples
rio	Cerro Grande,do		LE + LP	Geomorfo	Composto híbrido
rio	Conceição		LP	Hiero	Simples

rio	Conceição de Cima		LP + LP	Hiero	Composto
rio	Conha,do	Saliência escabrosa no tronco das árvores desde a base até certa altura (FERREIRA,2004)	LP	Fito	Simples
rio	Cordeiro		LP	Antropo	Simples
rio	Costa, do		LP	Antropo	Simples
rio	Engenho,do		LP	Socio	Simples
rio	Escada,da		LP	Ergo	Simples
rio	Esteiro,do	Parte estreita de rio ou de mar, que penetra terra adentro; braço, estuário (FERREIRA,2004)	LP	Hidro	Simples
rio	Farinha Seca	Farinha seca (Albizia hasslerii).Espécie nativa bastante comum em nossas matas, na região da Floresta Atlântica. [...] Suas principais características são o tronco liso e claro, e a floração branca ou creme, com flores muito pequenas, de onde veio o nome. Disponível em: < http://www.arvores.brasil.nom.br/florin/fseca.htm >	LP + LP	Fito	Simples
rio	Fonte,da		LP	Hidro	Simples
rio	Formiga		LP	Zoo	Simples
rio	Fundo		LP	Dimensio	Simples
rio	Fura Enchente		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Guaipé	Tupi: de guaipeva, com apócope – cusco – cão pequeno de raça ordinária. Sinônimo geral: guaipeva, guapeva, guaipé (FERREIRA,2004)	LT	Zoo	Simples
rio	Guamiranga		LT	Fito	Simples

rio	Guanandituba	Tupi: guanandi: planta da família das gutíferas; de guara-nandy, madeira resinosa + tuba-tyba: sufixo abundancial – muita madeira (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Guapicum		LNI	N/C	Simple
rio	Guaracuí	Tupi: espécie de madeira do vale do Paraíba (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Guaraqueçaba		LT	Socio	Simple
rio	Inhate	de acordo com Martins (1995) – “dessa bandeira fez parte Diogo de Unhate, escrivão da Câmara de São Paulo, que em 1614, [...] requere e lhe foi concedida uma data de sesmaria de terras “na parte que se chama Paranaguá, começando na barra do rio Ararapira cortando a rumo de nordeste pela costa até barra de Superagui, [...]”. (Livro de Registros de Sesmarias, de São Paulo). Ainda hoje conserva o seu nome um rio em Superagui, o que parece atestar que Unhate povoou as terras que lhe foram concedidas”	LNI	Antropo	Simple
rio	Ipanema do Norte	Tupi: corr. y-panema – a água ruim, imprestável; o rio sem peixe, ou ruim para pesca (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Hidro	Composto híbrido
rio	Ipanema do Sul		LT + LP	Hidro	Composto híbrido
rio	Ipiranga		LT	Cromo	Simple
rio	Itaqui		LT	Lito	Simple
rio	Itinga	Tupi: corr. y-tinga – a água branca; o rio branco (SAMPAIO, 1928).	LT	Cromo	Simple

rio	Japuira	Tupi: veja guaxe – ave passeriforme [...], do Brasil central para o sul, de coloração preta [...]; japira, japuira, japuí (FERREIRA,2004)	LT	Zoo	Simple
rio	Jicara		LT	Fito	Simple
rio	José Luis		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Lima,do		LP	Antropo	Simple
rio	Maçanduba	Tupi: masarãduwa – designação comum a duas árvores da família das sapotáceas [...] duras e resistentes que servem para obras externas (FERREIRA,2004)	LT	Fito	Simple
rio	Mãe Luzia		LP + LP	Axio	Composto
rio	Mandu	Tupi: modo incorreto de pronunciar – Manoel, entre os índios catechumenos. era o nome de uma espécie de fantasma que nas mascaradas das aldeias, se apresentava envolvido em palha, como um feixe de folhas secas. Mand-u, o feixe que vem, ou anda (SAMPAIO,1928).	LT	Mito	Simple
rio	Martins,do		LP	Antropo	Simple
rio	Mendes,do		LP	Antropo	Simple
rio	Moquém	Tupi: corr. mocaê ou mô – caê – faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe (SAMPAIO,1928).	LT	Ergo	Simple
rio	Moratinho		LP	Antropo	Simple
rio	Morato		LP	Antropo	Simple
rio	Nhundiaquara		LT	Eco	Simple
rio	Pacas Grande		LP + LP	Zoo	Composto
rio	Paciência		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Pacotuva		LT	Fito	Simple
rio	Palmeiras		LP	Fito	Simple
rio	Papagaio,do		LP	Zoo	Simple

rio	Pardinho		LP	Cromo	Simples
rio	Pasmado		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simples
rio	Pederneiras		LP	Lito	Simples
rio	Piracicaba	Tupi: pirassycaba – lugar de um rio onde cessa a subida dos peixes (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Hidro	Simples
rio	Piraçununguinha	Tupi: diminutivo de pirassununga: corr. pira-cynynga – o peixe rumorento, ou o ronca-peixe (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
rio	Pito,do		LP	Ergo	Simples
rio	Poço,do		LP	Hidro	Simples
rio	Poruquara		LT	Eco	Simples
rio	Poruquara Mirim		LT + LT	Eco	Composto
rio	Potinga	Tupi: putinga: de ypu-tinga – fonte de água branca (TIBIRIÇÁ,1985).	LT	Hidro	Simples
rio	Real		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Santo,do		LP	Hiero	Simples
rio	Sebuí		LT	Zoo	Simples
rio	Serra Negra		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Tabaquara	Tupi: taba : a aldeia a povoação, o arraial + quara: o furo, a cova, o buraco; o esconderijo, o refúgio (SAMPAIO,1928).	LT	Eco	Simples
rio	Tagaçaba	Tupi: passagem das garças (DOMINGUES,2004).	LT	Hodo	Simples
rio	Taquanduva	Tupi: taquá: forma contracta de taquara + 'tyba' – sítio das taquaras (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
rio	Tavares		LP	Antropo	Simples
rio	Tio Antonio,do		LP + LP	Axio	Composto
rio	Trancado		LP	Geomorfo	Simples
rio	Utinga	Tupi:corr. y-tinga – a água ou rio branco (SAMPAIO,1928).	LT	Cromo	Simples
rio	Valentim,do		LP	Antropo	Simples
rio	Varadouro,do		LP	Hidro	Simples
rio	Varas,das		LP	Ergo	Simples

rio	Velho		LP	Crono	Simple
rio	Verde		LP	Cromo	Simple
rio	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Vivua	Diz-se de comida mal cozida, pastosa ou de má qualidade. Disponível em: < http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/LE/DicionarioVocabulos.pdf >	LP	Ergo	Simple
rio	Zoadá,da		LP	Animo disfórico	Simple
serra	Brejauva,do	Tupi: corr. ybyrayá-yba – a árvore de madeira rija. É uma palmeira de cuja madeira se serviam os índios para fazerem seus arcos (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
serra	Gato,do		LP	Zoo	Simple
serra	Guaracuí,do		LT	Fito	Simple
serra	Itaqui,do		LT	Lito	Simple
serra	Morato,do		LP	Antropo	Simple
serra	Utinga,da		LT	Cromo	Simple
serra	Virgem Maria,da		LP + LP	Hiero	Composto
serra	Agudo Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
serra	Cavoca,da		LP	Socio	Simple
serra	Fazenda,da		LP	Socio	Simple
serra	Gigante		LP	Dimensio	Simple
serra	Janelinha,da		LP	Ergo	Simple
serra	Mirante,do		LP	Socio	Simple
serra	Nhundiaquara		LT	Eco	Simple
serra	Rio Branco,do		LP + LP	Hidro	Composto
serra	Santa Luzia		LP + LP	Hagio	Composto
serra	Taquari,do		LT	Fito	Simple
serra	Tromomô,do	Tupi: pode ser de trombób – modo especial de pescar tainhas (BORDONI, s/d).	LT	Socio	Simple
Quadro 29 - Topônimos dos acidentes físicos do município de GUARATUBA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Guaratuba	Tupi: ver guaratiba - corr. guará + tyba – garças em abundância; o sítio das garças (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
distrito	Pedra Branca do Araraquara		LP + LP + LT	Lito	Composto híbrido
baía	Guaratuba,de		LT	Zoo	Simples
barra	Sai-guaçu,do	Tupi: mesmo que saíra-sapucaia (Tangara peruviana). Saíra migratória (Tangara peruviana), encontrada em restingas, borda de pinhais e áreas campestres, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina e Paraguai; [...] HOUAISS,2001.	LT + LT	Zoo	Composto
ilha	Barigui, do		LT	Zoo	Simples
ilha	Casqueiro,do		LP	Socio	Simples
ilha	Chapéu,do		LP	Ergo	Simples
ilha	Garçinhas,das		LP	Zoo	Simples
ilha	Papagaio,do		LP	Zoo	Simples
ilha	Rato,do		LP	Zoo	Simples
ilha	Saí,do		LT	Zoo	Simples
ilha	Salina,da		LP	Socio	Simples
ilha	Araçá,do		LT	Fito	Simples
Ilha	Barra do Cubatão		LP + LQB	Hidro	Composto híbrido
ilha	Capim de Cima	Tupi: capim: corr. caapii – a planta de folha fina; a erva miuda (SAMPAIO,1928).	LT + LP	Fito	Composto híbrido
ilha	Capinzal,do		LP	Fito	Simples
ilha	Chapeuzinho,do		LP	Ergo	Simples
ilha	Coroa de For a		LP + LP	Ergo	Composto
ilha	Fincão,do	Mesmo que mosquito (designação comum) (HOUAISS,2001).	LP	Zoo	Simples
ilha	Fora,de		LP	Geomorfo	Simples
ilha	Garças,das		LP	Zoo	Simples

ilha	Guaxuma	Tupi: wa'sima – guaxima – planta da família das malváceas, de fibras têxteis e, dotada de propriedades medicinais: guaxiúma, guaxuma, guanxuma, uaicima (FERREIRA,2004)	LT	Fito	Simple
ilha	Maria Chica		LP + LP	Antropo	Composto
ilha	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
ilha	Ricardo,do		LP	Antropo	Simple
ilha	Sepultura		LP	Animo disfórico	Simple
ilha	Veiga,do		LP	Antropo	Simple
morro	Arrasto,do	Grande saco e alares de rede de pesca (FERREIRA,2004)	LP	Ergo	Simple
morro	Cristo,do		LP	Hiero	Simple
morro	Passo,do		LP	Hodo	Simple
morro	Ricardo,do		LP	Antropo	Simple
morro	Vaca,da		LP	Zoo	Simple
morro	Agudinho,do		LP	Geomorfo	Simple
morro	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
morro	Cabaraquara	Tupi: cabará: cabra + quara: o buraco, a cova, o esconderijo, o refúgio – refúgio, esconderijo da cabra (BORDONI,s/d).	LT	Eco	Simple
morro	Cândido,do		LP	Antropo	Simple
morro	Caovi		LP	Fito	Simple
morro	Craveira,da		LP	Ergo	Simple
morro	Descalvado		LP	Animo disfórico	Simple
morro	Fora,de		LP	Geomorfo	Simple
morro	Grande		LP	Dimensio	Simple
morro	Mamão,do		LP	Fito	Simple
morro	Meio,do		LP	Cardino	Simple
morro	Palmeiras,das		LP	Fito	Simple
morro	Perdidos,dos		LP	Animo disfórico	Simple
morro	Poço Preto,do		LP + LP	Hidro	Composto
morro	Redondo		LP	Morfo	Simple
morro	Rolado,do		LP	Hidro	Simple
morro	Subida Grande,da		LP + LP	Hodo	Composto
pico	Igreja,da		LP	Hiero	Simple
ponta	Itapixirica,da	Tupi: itá:pedra + pixirica:planta da família das melastonáceas (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Lito	Simple

ponta	Cedro,do		LP	Fito	Simple
ponta	Pinguelo,do		LP	Ergo	Simple
ponta	Pinto,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Araraquara	Tupi: arara-quara – o refúgio ou paradeiro das araras (SAMPAIO,1928).	LT	Eco	Simple
ribeirão	Engenho,do		LP	Socio	Simple
ribeirão	Leopoldo,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Cabritos,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Carvalho		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Gonçalo		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Potreiro		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Berta,da		LP	Antropo	Simple
rio	Caçada,da		LP	Socio	Simple
rio	Capivara,da		LT	Zoo	Simple
rio	Igreja,da		LP	Hiero	Simple
rio	Ipê,do		LP	Fito	Simple
rio	Pacas,das		LT	Zoo	Simple
rio	Palmeiras,das		LP	Fito	Simple
rio	Pimenta,do		LP	Antropo	Simple
rio	Praia,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Refugio,do		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Água Vermelha		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Alegre		LP	Animo eufórico	Simple
rio	André Gomes		LP	Antropo	Composto
rio	Arraial		LP	Polio	Simple
rio	Bocamarte	Francês: braquemart : bacamarte – arma de fogo de cano curto e largo, reforçada na coronha (FERREIRA,2004)	LF	Ergo	Simple
rio	Boguaçu		LT	Zoo	Simple
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Cabaraquara		LT	Eco	Simple
rio	Caminho Novo		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Campina Chata		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Canavieiras		LP	Fito	Simple
rio	Caovi		Lp	Fito	Simple
rio	Castelhano		LP	Etno	Simple
rio	Castelinho		LP	Eco	Simple
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simple
rio	Ceva,da		LP	Ergo	Simple
rio	Claro		LP	Cromo	Simple

rio	Cubatão	Origem obscura: talvez de cubata + -ão : elevação de reduzidas proporções na base de uma cordilheira (HOUAISS,2001).	LNI	Geomorfo	Simple
rio	Cubatãozinho		LQB	Geomorfo	Simple
rio	Descoberto		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Empanturrado		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Facãozinho		LP	Ergo	Simple
rio	Fundo		LP	Dimensio	Simple
rio	Furado Grande		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Furta-maré		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Garças,das		LP	Zoo	Simple
rio	Gelo		LP	Estemato	Simple
rio	Guaratuba		LT	Zoo	Simple
rio	Guaratubinha		LT	Zoo	Simple
rio	Guaxuma		LT	Fito	Simple
rio	Imbuia	Tupi: preciosa madeira do sul do Brasil (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Fito	Simple
rio	Itararé	Tupi: c. itá-rarê: a pedra solapada; o conduto subterrâneo; sumidouro;tubo,cano,galeria (SAMPAIO,1928).	LT	Lito	Simple
rio	João Alves		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Jundiaquara		LT	Eco	Simple
rio	Laje,da		LP	Lito	Simple
rio	Laranjeiras,das		LP	Fito	Simple
rio	Mandiocal		LT	Fito	Simple
rio	Melo,do		LP	Antropo	Simple
rio	Meros,dos	Pode ser de mero: peixe teleósteo, perciforme, serranideo (<i>Acanthistius brasilianus</i>), da costa atlântica; senhor-de-engenho (FERREIRA,2004)	LNI	Zoo	Simple
rio	Minguita	Pode ser originário de minguta: de tamanho reduzido; pequeno, mirrado (HOUAISS,2003).	LP	Dimensio	Simple
rio	Mirim	Tupi: mirí – pequeno (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Dimensio	Simple
rio	Negro		LP	Cromo	Simple
rio	Onças,das		LP	Zoo	Simple
rio	Ostras,das		LP	Zoo	Simple
rio	Pai Paulo		LP + LP	Axio	Composto

rio	Palha,da		LP	Fito	Simple
rio	Panelas		LP	Hidro	Simple
rio	Parado		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Parati	Tupi: pará-ty – a jazida do mar; o lagamar, o golfo (SAMPAIO,1928).	LI	Geomorfo	Simple
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Pinhal		LP	Fito	Simple
rio	Pirizal	Tupi: pirí: o junco, planta aquática de que se fazem esteiras (SAMPAIO,1928) + -z- + -al = pirizal: extenso aglomerado de piris em determinada área; juncal (HOUAISS,2003).	LT	Fito	Simple
rio	Prainha		LP	Geomorfo	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Quati	Tupi:qua-ti – o que é riscado, ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Quilombo	Quimbundo: kilombo – capital, povoação, união – valhacouto de escravos fugidos (FERREIRA,2004)	LQB	Eco	Simple
rio	Quiriri	Tupi: kyrirí : mesmo que kiriri; kirirí – silencioso, calado, calar-se (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Animo disfórico	Simple
rio	Rasgadinho		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Rasgado		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Redondo		LP	Morfo	Simple
rio	Saco,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Sai-guaçu		LT + LT	Zoo	Composto
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Joãozinho		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tabatinga		LT	Lito	Simple
rio	Tamanduá		LG	Zoo	Simple
rio	Taquaruvu	Pode ser uma alteração de taquaruçu.	LT	Fito	Simple
rio	Tenente		LP	Axio	Simple
rio	Triste		LP	Animo disfórico	Simple
rio	União		LP	Animo eufórico	Simple

rio	Vaca,da		LP	Zoo	Simple
rio	Vitório		LP	Antropo	Simple
saco	Madalena,da		LP	Antropo	Simple
serra	Araçatuba,do	Tupi: corr. araçá-tyba – o sítio dos araçás, onde há araçás em abundância (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
serra	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Araraquara		LT	Eco	Simple
serra	Canavieiras,das		LP	Fito	Simple
serra	Cubatão		LQB	Geomorfo	Simple
serra	Engenho,do		LP	Socio	Simple
serra	Grande		LP	Dimensio	Simple
serra	Guarapari	Tupi: c. guará-pari – o cercado ou curral dos pássaro; bacia onde as garças se reúnem (SAMPAIO,1928).	LT	Socio	Simple
serra	Igreja,da		LP	Hiero	Simple
serra	Imbuia,da		LT	Fito	Simple
serra	Taveira		LP	Antropo	Simple
	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple

Quadro 30 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ITAPERUÇU

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Itaperuçu	Tupi: caminho da pedra grande. Disponível em: http://www.parana cidade.org.br/municipios/municipios.php .	LT	Hodo	Simple
arroio	Brejal		LP	Lito	Simple
arroio	Bugio,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Cabra,da		LP	Zoo	Simple
arroio	Fecho,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Olho d' água		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Tapera		LT	Eco	Simple
arroio	Taquaruçu		LT	Fito	Simple
morro	Betara		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Antinha		LA	Zoo	Simple
ribeirão	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Pavão dos Silva		LP + LP	Zoo	Composto
ribeirão	Rancharia,da		LE	Eco	Simple
rio	Barra,da		LP	Hidro	Simple
rio	Salto,do		LP	Hidro	Simple
rio	Açungui		LT	Somato	Simple
rio	Barro Branco		LP + LP	Lito	Composto
rio	Betara		LT	Zoo	Simple
rio	Campina, da		LP	Fito	Simple
rio	Capivara		LT	Zoo	Simple
rio	Cutia		LT	Zoo	Simple
rio	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple

rio	Pocinho		LP	Hidro	Simples	
rio	Pombas		LP	Zoo	Simples	
rio	Queimadinho		LP	Socio	Simples	
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simples	
rio	Tacaniça		LNI	Ergo	Simples	
serra	Vuturuvu	Tupi: vuturuvu : ybyty + rua – o cume da montanha, o pico (ATEPAR).	LT	Geomorfo	Simples	
Quadro 31 - Topônimos dos acidentes físicos do município de LAPA						
	Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
	município	Lapa		LP	Geomorfo	Simples
	distrito	Água Azul		LP + LP	Hidro	Composto
	distrito	Mariental	Informação oral prestada pela Prof.Dra. Vanderci de Andrade Aguilera por ocasião de nosso Exame de Qualificação, o nome é uma referência ao município da Alemanha, localizado no distrito de Helmsted, estado da Baixa Saxônia.	LP	Coro	Simples
	arroio	Bragas,dos		LP	Antropo	Simples
	arroio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
	arroio	Capoeira,da		LT	Fito	Simples
	arroio	Francês,do		LF	Etno	Simples
	arroio	Leão,do		LP	Zoo	Simples
	arroio	Américos,dos		LP	Antropo	Simples
	arroio	Aterrado Alto		LP + LP	Geomorfo	Composto
	arroio	Barracão		LP	Socio	Simples
	arroio	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
	arroio	Bihl,dos		LNI	Antropo	Simples
	arroio	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
	arroio	Boqueirão		LP	Geomorfo	Simples
	arroio	Botafogo	Pode ser de bota - fogo: indivíduo que gera ou atíça desavenças e discórdias (HOUAISS,2001).	LP	Animo disfórico	Simples
	arroio	Brocas		LP	Ergo	Simples
	arroio	Bugio		LP	Zoo	Simples
	arroio	Cambarás,dos		LT	Fito	Simples
	arroio	Capão Grande		LT + LP	Fito	Composto híbrido
	arroio	Caracol		LNI	Zoo	Simples
	arroio	Casa de Pedras		LP + LP	Eco	Composto
	arroio	Caxambeva		LNI	N/C	Simples
	Arroio	Cerrito		LE	Geomorfo	Simples
	arroio	Chico Lourenço		LP + LP	Antropo	Composto

arroio	Colher,da		LP	Ergo	Simples
arroio	Cruz,da		LP	Hiero	Simples
arroio	Divisa,da		LP	Cardino	Simples
arroio	dos Vieiras		LP	Antropo	Simples
arroio	Faxinal dos Pretos		LP + LP	Fito	Composto
arroio	Floresta,da		LP	Fito	Simples
arroio	Forquilha		LE	Geomorfo	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
arroio	Guabiroba		LT	Fito	Simples
arroio	Humaitá	Tupi: corr. mbaitá – o papagaio pequeno, também conhecido por maitaca (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Lagoão		LP	Hidro	Simples
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simples
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simples
arroio	Lambisqueiro	Mesmo que lambareiro (guloso) (HOUAISS,2001).	LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Lekes,dos		LNI	Antropo	Simples
arroio	Liberato,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Limeira,da		LP	Fito	Simples
arroio	Liso		LP	Estemato	Simples
arroio	Lourenços,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Meleiro	Negociante de mel, caçador de mel (FERREIRA,2004)	LP	Socio	Simples
arroio	Monjol		LQB	Ergo	Simples
arroio	Morro Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Paiol Velho,do		LE + LP	Eco	Composto híbrido
arroio	Passo da Abelha		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Cruz		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Gralha		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Guarda		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Atalho		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Cerne		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Pero	Pero: : nome que os índios davam aos portugueses, nos primeiros tempos da colonização. Provavelmente do antropônimo Pero por Pedro; por meio de um processo de conversão ou derivação imprópria (HOUAISS,2001)	LP + LP	Hodo	Composto
Arroi	Passo dos Marianos		LP + LP	Hodo	Simples
arroio	Passo dos Mitos		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Paulistas,dos		LP	Etno	Simples

arroio	Pedra Azul,da		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Pessegueiro		LP	Fito	Simple
arroio	Pintos,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Poços		LP	Hidro	Simple
arroio	Pousinho		LP	Socio	Simple
arroio	Rancho de Tábua		LE + LP	Eco	Composto híbrido
arroio	Restinga,da		LNI	Fito	Simple
arroio	Rondinha,da		LE	Socio	Simple
arroio	Rosa,da		LP	Antropo	Simple
arroio	Sampaio,do		LP	Antropo	Simple
arroio	São Bento		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Segredo,do		LP	Animo eufórico	Simple
arroio	Sem Sal		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Sítio Velho		LP + LP	Socio	Composto
arroio	Vira Machado		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Xaxim		LT	Fito	Simple
banhado	Mato Queimado,do		LP + LP	Fito	Composto
barra	Rio da Vargem,do		LP + LP	Hidro	Composto
lagoa	Grande		LP	Dimensio	Simple
lagoa	Meia Lua,da		LP + LP	Cardino	Composto
morro	Dez Alqueires		LP + LA	Numero	Composto híbrido
morro	Velhas,das		LP	Crono	Simple
ribeirão	Alves Cardoso		LP + LP	Antropo	Composto
ribeirão	Anta Gorda		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
ribeirão	Calixto		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Caracol		LNI	Zoo	Simple
ribeirão	Claro		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Fundo		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Estiva, da		LP	Hodo	Simple
ribeirão	Patinhos,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Prestes,dos		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Stingler		LNI	Antropo	Simple
ribeirão	Vista Alegre,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
rio	Água Amarela		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Água Azul,da		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Água Azulzinha		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Água Vermelha,da		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Areia,da		LP	Lito	Simple
rio	Barra,da		LP	Hidro	Simple
rio	Barreiro		LP	Lito	Simple
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Caicanga	Tupi: cai-acanga – a cabeça chamejante ou em labaredas; é o nome do polvo, no tupi (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Chameski		LNI	Antropo	Simple

rio	Corisco		LP	Meteoro	Simples
rio	Correias,dos		LP	Antropo	Simples
rio	Despique		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Divisa,da		LP	Cardino	Simples
rio	Faxinal		LP	Fito	Simples
rio	França,do		LP	Antropo	Simples
rio	Hilário,do		LP	Antropo	Simples
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simples
rio	Lagartos, dos		LP	Zoo	Simples
rio	Mandurim,da	Tupi: manduri – variedade de abelha do gênero Melipona (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simples
rio	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simples
rio	Negro		LP	Cromo	Simples
rio	Paiquerê	Tupi: pai – sacerdote, pajé + querá ... – o que foi, ou quer, querá – dormir = o que foi sacerdote ou pajé que dorme, ou também, paiquera, paicuêra – o que foi sacerdote (BORDONI, s/d).	LT	Mito	Simples
rio	Palmital,do		LP	Fito	Simples
rio	Passa Dois		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Passinhos		LP	Hodo	Simples
rio	Passo da Areia		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Passo Ruim		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simples
rio	Pinheiral,do		LP	Fito	Simples
rio	Poço,do		LP	Hidro	Simples
rio	Poços,dos		LP	Hidro	Simples
rio	Porteiras,das		LP	Ergo	Simples
rio	Quatis,dos		LT	Zoo	Simples
rio	Santa Clara		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Bento		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São João do Caíva		LP + LP + LT	Hagio	Composto híbrido
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Soares		LP	Antropo	Simples
rio	Sobradinho		LP	Eco	Simples
rio	Turvo,do		LP	Cromo	Simples
rio	Vaca Gorda		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simples
rio	Veadeiros,dos		LP	Zoo	Simples
volta	Grande		LP	Dimensio	Simples

Quadro 32 - Topônimos dos acidentes físicos do município de MANDIRITUBA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Mandirituba	Tupi: manduri: abelha + tuba : bastante. Disponível em: http://www.mandirituba.pr.gov.br/historia/ .	LT	Zoo	Simple
distrito	Areia Branca dos Assis		LP + LP + LP	Lito	Composto
arroio	Chimboveiro		LNI	N/C	Simple
arroio	Guapiara		LT	Geomorfo	Simple
arroio	Iha,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Passo da Ilha		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Onça		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo da Varginha		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Amâncio		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Fula		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Pau Amarelo		LP + LP	Fito	Composto
cascata	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Pedra,de		LP	Lito	Simple
córrego	Curral das Éguas		LP + LP	Socio	Composto
córrego	Diamante		LP	Lito	Simple
córrego	Jeco		LNI	N/C	Simple
córrego	Lagoinha		LP	Hidro	Simple
córrego	Onças,das		LP	Zoo	Simple
lagoa	Ferreira,dos		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Passo Novo		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Barco, do		LP	Ergo	Simple
rio	Antas,das		LA	Zoo	Simple
rio	Areia Branca,da		LP + LP	Lito	Composto
rio	Barra,da		LP	Hidro	Simple
rio	Caí		LT	Animo disfórico	Simple
rio	Despique		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Maurício,do		LP	Antropo	Simple
rio	Onças,das		LP	Zoo	Simple
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
salto	Guapiara,do		LT	Geomorfo	Simple
serra	Macucos,dos		LT	Zoo	Simple
serra	Palermo,do		LP	Animo disfórico	Simple
serra	Porte,do	Altura ou tamanho de um animal ou de um vegetal (HOUAISS,2001).	LP	Dimensio	Simple
serra	Queimada		LP	Socio	Simple
serra	Rocinha,da		LP	Socio	Simple
serra	Tronco,do		LP	Ergo	Simple

Quadro 33 - Topônimos dos acidentes físicos do município de MATINHOS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Matinhos		LP	Fito	Simple
morro	Arrasto,do		LP	Ergo	Simple
morro	Batatal		LP	Fito	Simple
morro	Bico Torto		LP + LP	Somato	Composto
morro	Boi,do		LP	Zoo	Simple
morro	Canela		LP	Fito	Simple
morro	Furna,da		LP	Geomorfo	Simple
morro	Margaridas,das		LP	Fito	Simple
morro	Parati		LI	Geomorfo	Simple
morro	Pedra Branca,da		LP + LP	Lito	Composto
praia	Brava		LP	Animo disfórico	Simple
praia	Mansa		LP	Animo eufórico	Simple
praia	Matinhos,de		LP	Fito	Simple
praia	Quebra-mar		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Cachoeiras,das		LP	Hidro	Simple
rio	Cachoeirinha		LP	Hidro	Simple
rio	Cambará		LT	Fito	Simple
rio	Guaraguaçu		LT	Zoo	Simple
rio	Guaraniaçu		LT	Etno	Simple
rio	Indaial	Tupi: indayá: corr. andá-yá – amêndoas ou cocos caídos. É a palmeira Attalea compta (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
rio	Matinhos		LP	Fito	Simple
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simple
rio	Onça,da		LP	Zoo	Simple
rio	Pery	Tupi: corr. piry ou pirí – o junco (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Sertão Grande		LP+ LP	Lito	Composto
Quadro 34 - Topônimos dos acidentes físicos do município de MORRETES					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Morretes		LP	Geomorfo	Simple
distrito	Porto de Cima		LP + LP	Geomorfo	Composto
ilha	Passarinhos,dos		LP	Zoo	Simple
ilha	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
morro	Cadeado,do		LP	Ergo	Simple
morro	Grande		LP	Dimensio	Simple
morro	Taquaral		LT	Fito	Simple
ribeirão	Fundo		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Araribá	Tupi: ararybá – árvore da família das rubiáceas, empregada em tinturaria pelos índios; mesmo que ruivinha (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Fito	Simple

rio	Arraial		LP	Polio	Simples
rio	Arroio Grande		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Arroio Seco		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Bom Jardim		LP + LP	Animo eufórico	Composto
rio	Brumado		LP	Fito	Simples
rio	Caiurú		LNI	N/C	Simples
rio	Candongá	Banto: de origem controversa – ação artilosa, de má-fé; trapaça, enredo (HOUAISS,2001).	LB	Animo disfórico	Simples
rio	Canhembora		LT	Etno	Simples
rio	Caninana,da	Tupi: variedade de cobra sem veneno (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Zoo	Simples
rio	Canoa,da		LP	Ergo	Simples
rio	Carambiú		LNI	N/C	Simples
rio	Cascata		LP	Hidro	Simples
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simples
rio	Cristal		LP	Lito	Simples
rio	Fortuna		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Grota Funda		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Guaratuba		LT	Zoo	Simples
rio	Ilha,da		LP	Geomorfo	Simples
rio	Ipiranga		LT	Cromo	Simples
rio	Iporanga	Tupi: y:rio + poranga: belo, bonito – rio bonito, belo (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Animo eufórico	Simples
rio	Jacareí	Tupi: jacarehy - corr. yacaré-y – o rio do jacaré (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
rio	Macacos,dos		LP	Zoo	Simples

rio	Mãe Catira	Antigo rio Itaupava – a nova denominação teve origem em fato acidental e, possivelmente de pouca importância, pois dele só chegou até nós vaga memória, perdendo-se na imensidão das serras e dos anos toda e qualquer notícia de sua verdadeira procedência, todavia, conta a tradição que nessa paragem residia em épocas remotas, uma negra velha, conhecida por Mãe Catira, a qual talvez fosse uma quilombola, ou negra fugida, que buscara o refúgio da serra, em troca do cativo (MOREIRA,1975).	LP	Axio	Simples
rio	Marcelino		LP	Antropo	Simples
rio	Marumbi		LNI	Hidro	Simples
rio	Mato Alto,do		LP + LP	Fito	Composto
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simples
rio	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simples
rio	Neves,dos		LP	Antropo	Simples
rio	Nhundiaquara		LT	Eco	Simples
rio	Padres,dos		LP	Hiero	Simples
rio	Passa Sete		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simples
rio	Pau Oco		LP + LP	Fito	Composto
rio	Pinto,do		LP	Antropo	Simples
rio	Pitinga	Tupi: pi-tinga – a pele branca; uma moléstia da pele afetando o pigmento. (SAMPAIO,1928).	LT	Cromo	Simples
rio	Rosado,do		LP	Cromo	Simples
rio	Sagrado		LP	Hiero	Simples
rio	Sambaqui		LT	Lito	Simples
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Sapitanduva		LT	Estemato	Simples
rio	Squarema	Tupi: socorema, como socó-rema – a catíngia ou fétido dos socós (SAMPAIO,1928).	LT	Estemato	Simples
rio	Tombo d'água		LP+ LP	Hidro	Composto
serra	Boa Vista,da		LP + LP	Animo	Composto

				eufórico	
serra	Canavieiras,das		LP	Fito	Simple
serra	Farinha Seca,da		LP + LP	Fito	Composto
serra	Graciosa,da		LP	Animo eufórico	Simple
serra	Igreja,da		LP	Hiero	Simple
serra	Marumbi,do		LNI	Hidro	Simple
serra	Órgãos,dos		LP	Ergo	Simple
serra	Prata,da		LP	Lito	Simple
	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple
Quadro 35 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PARANAGUÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Paranaguá	Tupi: c. paranaguá – o seio do mar; o espraiado nos grandes rios; a baía fluvial (SAMPAIO,1928).	LT	Hidro	Simple
distrito	Alexandra		LP	Antropo	Simple
baía	Paranaguá,de		LT	Hidro	Simple
canal	Norte,do		LP	Cardino	Simple
canal	Sul,do		LP	Cardino	Simple
córrego	Branquinho		LP	Cromo	Simple
espigão	Palha,da		LP	Fito	Simple
ilha	Bananas,das		LP	Fito	Simple
ilha	Cobras,das		LP	Zoo	Simple
ilha	Cotinga,da	Tupi: espécie de ave insetívora, de cores vivas (TIBIRIÇÁ,1985).	LT	Zoo	Simple
ilha	Galheta,da	Espanhol: galleta – origem incerta (FERREIRA,2004).	LE	Ergo	Simple
ilha	Guará,do		LT	Zoo	Simple
ilha	Jererê de dentro	Tupi: pode ser de jererê – pequena rede de pesca (TIBIRIÇÁ,1984).	LT + LP	Ergo	Composto híbrido
ilha	Lamin,do		LP	Antropo	Simple
ilha	Mel,do		LP	Estemato	Simple
ilha	Palmas,das		LP	Fito	Simple
ilha	Pedras,das		LP	Lito	Simple
ilha	Rasa		LP	Dimensio	Simple

ilha	Teixeira,do	<p>[...] Apenas que, 60 anos depois da concessão, em 1708, a “sesmaria do Torales” passou por compra, às mãos do cidadão – Gaspar Teixeira de Azevedo - homem rico e poderoso (dono também da ilha do Teixeira), que vivia em Paranaguá, na opulência (VIANA,1976).</p>	LP	Antropo	Simples
ilha	Valadares	<p>[...] ela nos lembra um passado bem triste...[...] “escravos” eram trazidos para a nossa ilha fronteira, onde havia um entreposto apropriado a compra dos mesmos. No dia seguinte, vinham os “traficantes” à Vila. [...]. E quem eram esses “traficantes”, que se dedicavam a esse comércio já considerado “ilícito”? Eram uns homens de sobrenome “Valadares”. Nessa ilha, era sabido, morava uma família, muito antiga, de sobrenome “Valadares”. [...] Só depois da extinção Total do tráfico negreiro é que a família “Valadares” saiu de Paranaguá, deixando a ilha, que não tendo alcunha, já era conhecida e</p>	LP	Antropo	Simples

		chama por esse nome: "Valadares" (VIANA, 1976).			
morro	Alto		LP	Dimensio	Simples
morro	Bento Alves		LP + LP	Antropo	Composto
morro	Bico Torto		LP + LP	Somato	Composto
morro	Desencantadas, das		LP	Animo disfórico	Simples
morro	Grande		LP	Dimensio	Simples
morro	Joaquim, do		LP	Antropo	Simples
morro	Meio, do		LP	Cardino	Simples
morro	Miguel, do		LP	Antropo	Simples
morro	Retiro		LP	Socio	Simples
oceano	Atlântico	Relativo aos atlantes, povo da Gália narbonense (França), ou indivíduo desse povo (HOUAISS, 2001).	LP	Etno	Simples
ponta	Bicho, do		LP	Zoo	Simples
ponta	Caraguatá		LT	Fito	Simples
ponta	Cedro, do		LP	Fito	Simples
ponta	Conchas, das		LP	Zoo	Simples
ponta	Cruz, da		LP	Hiero	Simples
ponta	Curral, do		LP	Socio	Simples
ponta	Galheta, da		LE	Ergo	Simples
ponta	Grossa		LP	Geomorfo	Simples
ponta	Maciel, do		LP	Antropo	Simples
ponta	Meio, do		LP	Cardino	Simples
ponta	Nhá Pina, da		LP + LNI	Axio	Composto
ponta	Oeste		LP	Cardino	Simples
ponta	Ostras, das		LP	Zoo	Simples
ponta	Pasto, do		LP	Fito	Simples
ponta	Tapera, da		LT	Eco	Simples
rio	Almeidas, dos	João de Almeida foi um vulto preponderante do seu tempo, pois no auto de posse que a Câmara deu a Diogo Vaz, figura como um dos 25 homens bons para o governo da terra e partidários do Conde da Ilha do Príncipe (08 de maio de 1655). Cremos que fosse João de Almeida tronco da família dos Almeidas, que	LP	Antropo	Simples

		deu esse nome a um dos rios de Paranaguá (LEÃO,1994).			
rio	Branco		LP	Cromo	Simple
rio	Brejatuba	Tupi: brejauba, brajauva, mesmo que airy – variedade de palmeira, também chamada brejauba (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Fito	Simple
rio	Buqueirinha	Considerou-se o mesmo aspecto de boqueirão: mesmo que brechão (geomorfologia) (HOUAISS,2001).	LP	Geomorfo	Simple
rio	Buquera Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Cambará		LT	Fito	Simple
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simple
rio	Cerco,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Colônia Pereira,da		LP + LP	Socio	Composto
rio	Corisco		LP	Meteoro	Simple
rio	Correias,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Emboguaçu	Tupi: pode ser de mboiguassu – cobra-de-veado;literalmente cobra grande (TIBIRIÇÁ,1985).	LT	Zoo	Simple
rio	Embuçui		LNI	N/C	Simple
rio	Forquilha,da		LE	Geomorfo	Simple
rio	Furado,do		LP	Hidro	Simple
rio	Guaraguaçu		LT	Zoo	Simple
rio	Itiberê	Tupi: 'y': rio + 'tim':baixios + 'berê': grande cacique – rio de baixios pertencentes ao chefe da nação (FREITAS,1999).	LT	Hidro	Simple
rio	Itimirim	Tupi: y: água, rio + ti: branco + mirí: pequeno =pequeno rio branco (TIBIRIÇÁ,1985).	LT	Dimensio	Simple
rio	Itinga		LT	Cromo	Simple

rio	Itinguaçu	Tupi: corr. y-ting-uaçu – a água branca grande; o rio branco grande (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simples
rio	Jabaquara	Tupi: corr. yabá-quara – o refúgio ou esconderijo de fujões, vulgo – quilombo (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simples
rio	Jacareí		LT	Zoo	Simples
rio	Medeiros, dos		LP	Antropo	Simples
rio	Miranda		LP	Antropo	Simples
rio	Moreira		LP	Antropo	Simples
rio	Nacar, do		LP	Antropo	Simples
rio	Ostras, das		LP	Zoo	Simples
rio	Pai Antonio		LP + LP	Axio	Composto
rio	Piedade		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Pombas, das		LP	Zoo	Simples
rio	Retiro, do		LP	Socio	Simples
rio	Ribeirão		LP	Hidro	Simples
rio	Riozinho		LP	Hidro	Simples
rio	Roseira		LP	Fito	Simples
rio	Salto, do		LP	Hidro	Simples
rio	São Joãozinho		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Toral, do	Pode ser de Bartolomeu de Torales – fidalgo espanhol – proprietário de sesmaria que se estendia desde o Imboguacu, com frente para a baía, até Jacareí, e fundos para o rio Taquare e Serra da Prata. A frente do terreno tinha 18 quilômetros de extensão e abrangia, não só as terras do atual distrito de Alexandra, como também alguns bairros da vila. [...]. Tinha ele sua residência no lugar chamado “Pocinho”; hoje conhecido por “Pocinho do Toral”	LP	Antropo	Simples

		(abreviatura de Torales, pelo povo) (VIANA, 1976).			
rio	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Vila,da		LP	Polio	Simple
saco	Tambarutaca,da	Tupi: mesmo que tambaru – variedade de crustáceo (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Zoo	Simple
saco	Limoeiro,do		LP	Fito	Simple
serra	Custódia,da		LP	Animo disfórico	Simple
serra	Feiticeiro,do		LP	Mito	Simple
serra	Janelinha,da		LP	Ergo	Simple
serra	Prata,da		LP	Lito	Simple

Quadro 36 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PIÊN

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Piên	1. Tupi: significa coração; 2. Origina do “piar” do gavião, comum na região. Disponível em: http://www.pien.pr.gov.br/a_cidade/historia.php .	LT	Somato	Simple
arroio	Passo da Cruz		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Xaxim,do		LT	Fito	Simple
ribeirão	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Branco		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Campo Novo		LP + LP	Geomorfo	Composto
ribeirão	Lajeado Caçador,do		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Picassinho		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Ponte Alta,da		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Vieiras, dos		LP	Antropo	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Gado,do		LP	Zoo	Simple
rio	Bugres, dos		LP	Etno	Simple
rio	Índios,dos		LP	Etno	Simple
rio	Monjolinho		LQB	Ergo	Simple
rio	Mosquito		LP	Zoo	Simple
rio	Palmito		LP	Fito	Simple
rio	Piên		LT	Somato	Simple
rio	Pires,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Poço Frio		LP + LP	Hidro	Composto

Quadro 37 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PINHAIS

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Pinhais		LP	Fito	Simple
represa	Rio Iraí,do	Tupi: irahy: corr. ira-y – a água ou rio do mel (SAMPAIO,1928).	LP + LT	Hidro	Composto híbrido

rio	Atuba		LT	Somato	Simple
rio	Iraí		LT	Estemato	Simple
rio	Palmital		LP	Fito	Simple
Quadro 38 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PIRAQUARA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Piraquara	Tupi: c. pirá-quara – o buraco do peixe, a toca (SAMPAIO, 1928).	LT	Eco	Simple
córrego	Pedras, das		LP	Lito	Simple
represa	Carvalho		LP	Antropo	Simple
represa	Leprevost		LNI	Antropo	Simple
represa	Piraquara		LT	Eco	Simple
rio	Botiatuva		LT	Fito	Simple
rio	Caiguava		LNI	N/C	Simple
rio	Camonaiva		LNI	N/C	Simple
rio	Carvalho		LP	Antropo	Simple
rio	Curralinho		LP	Socio	Simple
rio	Ipiranga		LT	Cromo	Simple
rio	Iraí		LT	Estemato	Simple
rio	Iraisinho		LT	Estemato	Simple
rio	Itaqui		LT	Lito	Simple
rio	Jardim		LP	Socio	Simple
rio	Meio, do		LP	Cardino	Simple
rio	Melança		LP	Socio	Simple
rio	Mico		LCB	Zoo	Simple
rio	Piraquara		LT	Eco	Simple
rio	Sapo, do		LP	Zoo	Simple
rio	Timbu	Tupi: nome que no Nordeste dão ao gambá (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
serra	Emboque, do		LP	Hodo	Simple
serra	Marumbi, do		LNI	Hidro	Simple
Quadro 39 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PONTAL DO PARANÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Pontal do Paraná		LP + LP	Morfo	Composto
baía	Paranaguá, de		LT	Hidro	Simple
ilha	Guaraguaçu		LT	Zoo	Simple
ponta	Maciel, do		LP	Antropo	Simple
rio	Balneário		LP	Socio	Simple
rio	Biguaçu	Tupi: biguassu – espécie de biguá grande, albatroz (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
rio	Guaraguaçu		LT	Zoo	Simple
rio	Maciel, do		LP	Antropo	Simple
rio	Olho d'água		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Penedo		LP	Geomorfo	Simple

rio	Perequê	Tupi: Piraiquê : corr. Pirá-ikê – o peixe entra. designa o estuário ou esteiro aonde o peixe entra para desova ou para comer (SAMPAIO,1928).	LT	Hidro	Simple
rio	Peri	Tupi: pode ser de piri: o junco, planta aquatica de que se fazem esteiras (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
praia	Leste,de		LP	Cardino	Simple
praia	Maciel,do		LP	Antropo	Simple

Quadro 40 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PORTO AMAZONAS

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Porto Amazonas		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Alisa,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Barra do Onze,da		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Burrinho		LP	Zoo	Simple
arroio	Castelhanos,dos		LP	Etno	Simple
arroio	Lajinha,da		LP	Lito	Simple
arroio	Liberato,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Palmital,do		LP	Fito	Simple
arroio	Passo Velho,do		LP + LP	Hodo	Simple
arroio	Tanque,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Caiaçanga		LT	Zoo	Simple
lagoa	Furadinho,do		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Custódios,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Areia,da		LP	Lito	Simple
rio	Dois Córregos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simple
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simple
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Papagaios,dos		LP	Zoo	Simple

Quadro 41 - Topônimos dos acidentes físicos do município de QUATRO BARRAS

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Quatro Barras		LP + LP	Numero	Composto
distrito	Borda do Campo		LP + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Graciosa,da		LP	Animo eufórico	Simple
morro	Anhangava	Tupi: pode ser uma alteração de anhangaba: a ação do diabo, a diabrura, o malefício (SAMPAIO,1928).	LT	Mito	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Bracajuva		LNI	N/C	Simple
rio	Canguiri		LT	Necro	Simple

rio	Capivari Mirim		LT + LT	Zoo	Composto
rio	Cascata		LP	Hidro	Simples
rio	Cercado		LP	Ergo	Simples
rio	Cerne,do		LP	Fito	Simples
rio	Corvo,do		LP	Zoo	Simples
rio	Curralinho		LP	Socio	Simples
rio	Florestal		LP	Fito	Simples
rio	Ipiranga		LT	Cromo	Simples
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simples
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simples
rio	Pinhal		LP	Fito	Simples
rio	Pocinho		LP	Hidro	Simples
rio	Poço,do		LP	Hidro	Simples
rio	Sapo,do		LP	Zoo	Simples
rio	Taquari		LT	Fito	Simples
rio	Timbu		LT	Zoo	Simples
serra	Baitaca,da	Tupi: baetaca: corr. mbaé-taca – o ruído, o barulhento. Maetaca: é uma variedade de papagaio (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
serra	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Farinha Seca,da		LP + LP	Fito	Composto
serra	Graciosa,da		LP	Animo eufórico	Simples

Quadro 42 - Topônimos dos acidentes físicos do município de QUITANDINHA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Quitandinha		LP	Socio	Simples
distrito	Doce Grande		LP + LP	Estemato	Composto
distrito	Pangaré	Espanhol: platino pangaré (FERREIRA, 2004).	LE	Zoo	Simples
arroio	Água Comprida		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água do Gaspar		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Doce Fino		LP + LP	Estemato	Composto
arroio	Duas Barras		LP + LP	Numero	Composto
arroio	Passo da Atoladeira		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Praia Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Tamborete	Francês: tabouret, com influência de tambor (FERREIRA,2004)	LF	Ergo	Simples
córrego	Moreira,do		LP	Antropo	Simples
lagoa	Verde		LP	Cromo	Simples
morro	Pangaré,do		LE	Zoo	
ribeirão	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Arroio da Descoberta		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Branco,dos		LP	Etno	Simples
ribeirão	Doce Grande		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Passo do Pinhão		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simples
rio	Branco		LP	Cromo	Simples

rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
rio	Caí		LT	Animo disfórico	Simples
rio	Lambari		LT	Zoo	Simples
rio	Pangarezinho		LE	Zoo	Simples
rio	Passo do Cerne		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Poço,do		LP	Hidro	Simples
rio	Terra do Alto		LP + LP	Lito	Composto
rio	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Turvo,do		LP	Cromo	Simples
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simples
serra	Paredão,do		LP	Geomorfo	Simples
serra	Botija,do	Espanhol: botija (HOUAISS,2001).	LE	Ergo	Simples

Quadro 43 - Topônimos dos acidentes físicos do município de RIO BRANCO DO SUL

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Rio Branco do Sul		LP + LP + LP	Hidro	Composto
distrito	Açungui		LT	Somato	Simples
arroio	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Areia do Rosário		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Boca da Serra		LP + LP	Somato	Composto
arroio	Curriola dos Françaes	1. Grupo de pessoas desonestas, mancomunadas, acumpliciadas; quadrilha(AULET E DIGITAL).	LP + LP	Socio	Composto
arroio	Faxineiro		LP	Socio	Simples
arroio	Massaroca	Espanhol: mazorca - maçaroca - bola formada por emaranhamento nas crinas do pescoço e especialmente da cauda dos cavalos, resultante da falta de trato (HOUAISS,2001).	LE	Somato	Simples
arroio	Mossungué	Tupi: mossuugûê :moçym-ghê – os mossuns ou enguias do Brasil (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Negra,da		LP	Etno	Simples
arroio	Órgão,do		LP	Ergo	Simples
arroio	Pedra Lisa		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Pocinho		LP	Hidro	Simples
arroio	Pula Sapo		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Santa Clara		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	São Vicente		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Tateto		LT	Zoo	Simples
córrego	Canha		LE	Geomorfo	Simples
lajeado	Lava-pé		LP + LP	Dirremato	Composto
lajeado	Vuturuvu		LT	Geomorfo	Simples
lomba	Araçazeiro,do		LT	Fito	Simples

lomba	Arrieiros,dos		LP	Socio	Simples
morro	Grande		LP	Dimensio	Simples
morro	Mossunguê		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Arroio Pinhal		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bueno,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Capirú		LNI	N/C	Simples
ribeirão	Curriola da Limeira		LP + LP	Socio	Composto
ribeirão	Goiabal	Tupi: corr. acoyá ou acoyaba, a-coyaba – o ajuntamento de caroços; agregado de caroço, pinha de grãos (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
ribeirão	Lança,da		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Passo Velho		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Pereira,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Pilãozinho,do		LF	Ergo	Simples
ribeirão	Rancharia		LE	Eco	Simples
ribeirão	Rio Branco		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simples
rio	Açungui		LT	Somato	Simples
rio	Barro Branco		LP + LP	Lito	Composto
rio	Bromado	Variante de brumado (FERREIRA,2004)	LP	Fito	Simples
rio	Caetê		LT	Fito	Simples
rio	Curriola		LP	Socio	Simples
rio	Curriolinha		LP	Socio	Simples
rio	Faisqueiro		LP	Socio	Simples
rio	Grande da Laura		LP + LP	Dimensio	Composto
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simples
rio	Morro Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Passo Santana		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Piedade,da		LP	Animo disfórico	Simples
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simples
rio	Santana		LP	Hagio	Simples
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tacaniça	Lanço de telhado que resguarda os lados do edifício (FERREIRA,2004)	LP	Ergo	Simples
rio	Taici	Tupi: taiaci – variedade de mandioca (ATEPAR).	LT	Fito	Simples
rio	Taquaral		LT	Fito	Simples
rio	Votuverava	Tupi: de ybytyberába – morro brilhante (RODRIGUES, 1995).	LT	Geomorfo	Simples
serra	Bocaina,da		LE	Geomorfo	Simples
serra	Bromado,do		LP	Fito	Simples
serra	Santana		LP	Hagio	Simples
serra	Vuturuvu		LT	Geomorfo	Simples

Quadro 44 - Topônimos dos acidentes físicos do município de RIO NEGRO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Rio Negro		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Baitaca		LT	Zoo	Simple
arroio	Caçador,do		LP	Socio	Simple
arroio	Campina do Fecho		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simple
arroio	Mato Branco		LP + LP	Fito	Composto
arroio	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
arroio	Passo do Meio		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo,do		LP	Hodo	Simple
arroio	Sangão,do	Espanhol: platino zanja – pequeno regato, que seca facilmente (FERREIRA,2004)	LE	Hidro	Simple
arroio	Tamanduá,do		LG	Zoo	Simple
arroio	Vieiras,dos		LP	Antropo	Simple
córrego	Funil		LP	Geomorfo	Simple
lajeado	Buracos,dos		LP	Geomorfo	Simple
lajeado	Comprido		LP	Dimensio	Simple
lajeado	Cordeiros,dos		LP	Antropo	Simple
lajeado	Mortes,das		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Arreganhado,do		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Guabiroba,da		LT	Fito	Simple
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Passo do Benedito		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Pereira		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Porteira,da		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Potreiro,do		LP	Ergo	Simple
rio	Areia Fina		LP + LP	Lito	Composto
rio	Lençol		LP	Ergo	Simple
rio	Negro		LP	Cromo	Simple
rio	Ouro,do		LP	Lito	Simple
rio	Passa Três		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Veado,do		LP	Zoo	Simple
Quadro 45 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SÃO JOSÉ DOS PINHAIS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	São José dos Pinhais		LP + LP + LP	Hagio	Composto
distrito	Borda do Campo de São Sebastião		LP + LP + LP + LP	Geomorfo	Composto
distrito	Cachoeira de São José		LP + LP + LP	Hidro	Composto
distrito	Campo Largo da Roseira		LP + LP + LP	Geomorfo	Composto
distrito	Colônia Murici		LP + LP	Socio	Composto
distrito	Marcelino		LP	Antropo	Simple
distrito	São Marcos		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Agreste		LP	Fito	Simple
arroio	Araçaeiro		LT	Fito	Simple

arroio	Passo da Onça		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Luba		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Pires		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
ribeirão	Rancho Grande		LE + LP	Eco	Composto híbrido
ribeirão	Vaca,da		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple
rio	Arraial		LP	Polio	Simple
rio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Castelhanos		LP	Etno	Simple
rio	Conchal	Houaiss (2001) na entrada "concha" registra: envoltório rígido, geralmente de constituição calcária, do corpo de diversos invertebrados. Pelo sufixo -al (abundância) imagina-se tratar de uma área com muitas conchas.	LP	Zoo	Simple
rio	Cunhaí		LNI	N/C	Simple
rio	Cutia		LT	Zoo	Simple
rio	Despique		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Guaratubinha		LT	Zoo	Simple
rio	Imbaú	Tupi: de embaúba (embayba) – árvore da preguiça; árvore que produz uma fruta que é o alimento predileto do bicho preguiça (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Ipiranga		LT	Cromo	Simple
rio	Itaqui		LT	Lito	Simple
rio	Miringuava	Tupi: - 'mirim': pequeno + 'guaba': comida, bebida = pequeno alimento, bebida (BORDONI, S/D).	LT	Dimensio	Simple
rio	Miringuava-mirim		LT + LT	Dimensio	Composto
rio	Pequeno		LP	Dimensio	Simple
rio	Prata,da		LP	Lito	Simple
rio	Quati		LT	Zoo	Simple
rio	Sabóia		LP	Coro	Simple
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Una,de	Tupi: una: preto, escuro, negro (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Cromo	Simple
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
serra	Castelhanos,dos		LP	Etno	Simple
serra	Macucos,dos		LT	Zoo	Simple
serra	Maria,da		LP	Antropo	Simple
serra	Salto,do		LP	Hidro	Simple

Quadro 46 - Topônimos dos acidentes físicos do município de TIJUCAS DO SUL					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Tijucas do Sul	Tupi. v. tuyuca: corr. ty-yuca – o brejo, a lama, o charco, o paúl. (SAMPAIO,1928).	LT + LP	Lito	Composto híbrido
arroio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Demanda,da		LP	Animo disfórico	Simple
arroio	Doenças,das		LP	Animo disfórico	Simple
arroio	Onça,da		LP	Zoo	Simple
arroio	Passo do Júlio		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Largo		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Lava pé		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo do Xaxim		LP + LT	Hodo	Composto híbrido
arroio	Tamanduá,do		LG	Zoo	Simple
cachoeira	Jesuítas,dos		LP	Etno	Simple
cascata	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Caivinha	Tupi : ka'a :mato, erva + a'ib: ruim + sufixo -inha (diminutivo) – NASCENTES (apud HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simple
córrego	Pedra,de		LP	Lito	Simple
córrego	Salto do Ingá	Tupi: ingá: corr. y-igá – o que é embebido, ou úmido; alusão à popa da fruta (SAMPAIO,1928).	LP + LT	Hidro	Composto híbrido
morro	Cerrinho	Espanhol: cerro + sufixo -inho (diminutivo)	LE	Geomorfo	Simple
morro	Morengueira,da		LP	Fito	Simple
morro	Redondo		LP	Morfo	Simple
ribeirão	Barreiro		LP	Lito	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Mel,do		LP	Estemato	Simple
ribeirão	Passo da Vaca		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Rincão Alegre		LE + LP	Socio	Composto híbrido
ribeirão	Taquaroca		LT	Fito	Simple
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simple
rio	Caiúva		LNI	N/C	Simple
rio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Caviúna		LT	Fito /	Simple
rio	Chimbuva		LT	Fito	Simple
rio	Colono		LP	Socio	Simple
rio	Fojo,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Gama		LP	Antropo	Simple
rio	Itararé		LT	Lito	Simple
rio	Matulão	1. mecha grande de candeeiro; 2. indivíduo	LP	Ergo	Simple

		estróina, vagabundo, matula (HOUAISS,2001).			
rio	Mirim,do		LT	Dimensio	Simple
rio	Negro		LP	Cromo	Simple
rio	Oso da Anta		LP + LA	Somato	Composto híbrido
rio	Ouro Fino		LP + LP	Lito	Composto
rio	Palmital		LP	Fito	Simple
rio	Palha,da		LP	Fito	Simple
rio	Pinhal		LP	Fito	Simple
rio	Piraí-guaçu	Tupi: c. pira-y guaçu – o rio do peixe grande (SAMPAIO,1928).	LT + LT	Zoo	Composto
rio	Piraizinho		LT	Zoo	Simple
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Joãozinho		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Taboado		LP	Ergo	Simple
rio	Una,de		LT	Cromo	Simple
rio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Vossoroca	Mesmo que voçoroca – escavação no solo ou em rocha decomposta causada por erosão do lençol de escoamento de águas pluviais; boçoroca, buracão, vossoroca (HOUAISS,2001).	LP	Geomorfo	Simple
sanga	Antinha		LA	Zoo	Simple
serra	Araçatuba,do		LT	Fito	Simple
serra	Cabral,do		LP	Antropo	Simple
serra	Imbira,da	Tupi: corr. y- mbyra – a pele da árvore; a casca da árvore; a fibra da entrecasca (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
serra	Papanduva,da	Tupi: alteração de panãpanã-ndy-ba – abundância de borboletas (TIBIRIÇÁ,1985).	LT	Zoo	Simple
serra	Piador,do		LP	Zoo	Simple
Quadro 47 - Topônimos dos acidentes físicos do município de TUNAS DO PARANÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Tunas do Paraná	Espanhol: tuna – figo da figueira-da-índia, do taino (HOUAISS, 2001) + do + paraná: Tupi: corr. pará-nã – o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios (SAMPAIO, 1928).	LE + LT	Fito	Composto híbrido
água	Limeira, da		LP	Fito	Simple
arroio	Barro Vermelho		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Gramados		LP	Fito	Simple
arroio	Granja, da		LP	Socio	Simple
arroio	Taquara Lisa		LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Varzedo, do	Continuidade de várzeas; vargado (AULETE DIGITAL).	LP	Geomorfo	Simple
córrego	Araçaeiro		LT	Fito	Simple
córrego	Barra, da		LP	Hidro	Simple
córrego	Sanga, da		LE	Hidro	Simple
morro	Cruz, da		LP	Hiero	Simple
ribeirão	Barra do Coelho		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Fundo		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Pedras, das		LP	Lito	Simple
ribeirão	Pontal		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Rodeio		LP	Socio	Simple
ribeirão	Tarumã		LT	Fito	Simple
rio	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Barras, das		LP	Hidro	Simple
rio	Bom Sucesso		LP + LP	Animo eufórico	Composto
rio	Espírito Santo, do		LP + LP	Hiero	Composto
rio	Feio		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Forquilha		LE	Geomorfo	Simple
rio	Gralha, da		LP	Zoo	Simple
rio	Invernada Grande		LE + LP	Socio	Composto
rio	Lavras, das		LP	Lito	Simple
rio	Limeira		LP	Fito	Simple
rio	Mandaçaia		LT	Zoo	Simple
rio	Matão		LP	Fito	Simple
rio	Moquém		LT	Ergo	Simple
rio	Ouro Fino		LP + LP	Lito	Composto
rio	Paca, da		LT	Zoo	Simple
rio	Paiol de Tábua		LE + LP	Eco	Composto
rio	Pavão		LP	Zoo	Simple
rio	Putunã		LT	Cromo	Simple
rio	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Luís		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Miguel		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Sebastião		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tanque, do		LP	Hidro	Simple
rio	Tigre, do		LP	Zoo	Simple

rio	Tingui	Tupi: corr. ty-gui ou tyghi – o líquido que vem, o sumo, a espuma; o enjoo, o enfado. O sumo extraído de cipós btidos para matar o peixe nos rios e lagoas (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
rio	Tocas, das		LT	Eco	Simple
rio	Várzea, da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Veados, dos		LP	Zoo	Simple
serra	Bocaina, da		LE	Geomorfo	Simple
serra	Pasto do Rio		LP + LP	Fito	Composto
serra	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
MESORREGIÃO CENTRO-ORIENTAL PARANAENSE					
<i>Quadro 48 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ARAPOTI</i>					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Arapoti	Tupi: campos floridos. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LT	Geomorfo	Simple
distrito	Calógeras		LNI	N/C	Simple
distrito	Caratua		LT	Fito	Simple
água	Barulho, do		LP	Animo disfórico	Simple
água	Lopinho	Diminutivo de Lopes.	LP	Antropo	Simple
água	Miguel José, do		LP + LP	Antropo	Composto
água	Piquete, do	Francês: piquet – pequeno potreiro que, perto de uma habitação, é usado para recolher animais utilizados em serviços diários (HOUAISS, 2001).	LF	Socio	Simple
arroio	Batel	Francês: batel, atual bateau – pequeno barco (FERREIRA, 2004).	LF	Ergo	Simple
arroio	Cascavel		LP	Zoo	Simple
arroio	Papagaio		LP	Zoo	Simple
arroio	Pulador		LP	Hidro	Simple
arroio	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Vaca Brava		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Aterrado		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Banhado		LE	Hidro	Simple
córrego	Banhado Grande		LE + LP	Hidro	Composto híbrido

córrego	Barreirinho		LP	Lito	Simple
córrego	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
córrego	Capivara,da		LT	Zoo	Simple
córrego	Cavallhada	Folguedo, ainda vivo no Brasil, em que cavaleiros ricamente trajados se exibem numa encenação [...],cuja duração pode se estender por três dias, relembrando as cavallhadas medievais (HOUAISS,2001).	LP	Socio	Simple
córrego	Cipriano		LP	Antropo	Simple
córrego	Dois Irmãos		LP + LP	Numero	Composto
córrego	Invernadinha		LE	Socio	Simple
córrego	José Bernardo		LP + LP	Antropo	Composto
córrego	Manhoso		LP	Animo disfórico	Simple
córrego	Passo Ruim		LP + LP	Hodo	Composto
córrego	Pousinho		LP	Socio	Simple
córrego	Sanfona		LP	Ergo	Simple
córrego	Serradinho		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Antonio,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Antunes,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Barreiro		LP	Lito	Simple
ribeirão	Cachoeirinha		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Felisberto,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Jerivá,do		LT	Fito	Simple
ribeirão	Norato,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Taquaruçu	Tupi: taquar-uçú – a cana grande, a taquara grossa, bambu (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Tuna	Espanhol: tuna – figo da figueira-da-índia, do taino (HOUAISS, 2001).	LE	Fito	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Arrozal		LP	Fito	Simple
rio	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Café,do		LP	Fito	Simple
rio	Canoinhas	Espanhol: diminutivo de canoa (HOUAISS,2001).	LE	Ergo	Simple

rio	Caxambu	Africana: espécie de tambor que os escravos usavam em suas danças; dança de negros ao som desse tambor (TIBIRIÇÁ, 1985).	LQB	Ergo	Simple
rio	Chico,do		LP	Antropo	Simple
rio	Ercal		LP	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Peixe, do		LP	Zoo	Simple
rio	Piza		LNI	N/C	Simple
rio	Quinze		LP	Numero	Simple
rio	Quizot		LP	Antropo	Simple
rio	Redomona	Espanhol: redomón – diz-se do cavalo que ainda está sendo domado (FERREIRA, 2004)	LE	Zoo	Simple
rio	Roncador		LP	Hidro	Simple
Quadro 49 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CARAMBEÍ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Carambeí	Guarani: carumbé : tartaruga (jabuti) + í : rio = Carumbé = Carambeí. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LG	Zoo	Simple
arroio	Areão		LP	Lito	Simple
arroio	Barbado,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Cutia,da		LT	Zoo	Simple
arroio	Maria Leme		LP + LP	Antropo	Composto
colina	Areão,do		LP	Lito	Simple
ilha	São Pedrinho,de		LP + LP	Hagio	Composto
lajeado	Carambeí,do		LG	Zoo	Simple
lajeado	Cipó,do		LT	Fito	Simple
lajeado	Fazenda,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Passo Liso,do		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Jotubá		LNI	N/C	Simple
rio	Pitangui		LT	Fito	Simple
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tibagi	Tupi: tyba-g-y – o rio do pouso (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simple
serra	Carambeí,do		LG	Zoo	Simple
serra	São Joaquim		LP + LP	Hagio	Composto

Quadro 50 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CASTRO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Castro		LP	Antropo	Simple
distrito	Abapã	Moreira(2006,p.146) afirma tratar-se de uma referência à tribo dos Abapanis que residia na região e que manteve contato com Alvar Nunes Cabeza de Vacca quando cruzou o território em 1.541.	LT	Etno	Simple
distrito	Socavão		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Alves,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Aparição,da	Moreira (2006,p.146) informa que o nome, antes Parição, é uma referência ao local onde os tropeiros deixavam as éguas e vacas para parir.	LP	Socio	Simple
arroio	Aterradinho		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
arroio	Bueno		LP	Antropo	Simple
arroio	Bugre,do		LP	Etno	Simple
arroio	Burro,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
arroio	Campina do Estrepe,da	LP + LP	Geomorfo	Composto	
arroio	Campo Grande,do		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Canhembora	Tupi: Canhambola, Canhembora: kañe'mbora – escravo fugitivo (HOUAISS,2001).	LT	Etno	Simple
arroio	Capão Bonito		LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Carretão		LP	Ergo	Simple
arroio	Cascavel		LP	Zoo	Simple
arroio	Castelhano,do		LP	Etno	Simple
arroio	Catanduva	Tupi: corr. caatã-dyba – o local do mato ralo ou do cerrado; terreno seco com mato de inferior qualidade (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
arroio	Cercado		LP	Ergo	Simple

arroio	Chico Martins		LP + LP	Antropo	Composto
arroio	Congonhas,das		LT	Fito	Simple
arroio	Cortado		LP	Hodo	Simple
arroio	Corucaca		LNI	N/C	Simple
arroio	Gracoaiva		LNI	N/C	Simple
arroio	Gralhas,das		LP	Zoo	Simple
arroio	Grosso,do		LP	Morfo	Simple
arroio	Gruta,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Invernada,da		LE	Socio	Simple
arroio	Lagoa,da		LP	Hidro	Simple
arroio	Leão,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Machados,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Meio,do		LP	Cardino	Simple
arroio	Mico,do		LCB	Zoo	Simple
arroio	Moinho,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Monjolinho		LQB	Ergo	Simple
arroio	Monjolos,dos		LQB	Ergo	Simple
arroio	Olho d'água		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Órfãos,dos		LP	Animo disfórico	Simple
arroio	Paiol de Telha		LE + LP	Eco	Composto
arroio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
arroio	Pinheiro Seco,do		LP + LP	Fito	Composto
arroio	Porteira,da		LP	Ergo	Simple
arroio	Risada		LP	Animo eufórico	Simple
arroio	Salto,do		LP	Hidro	Simple
arroio	Santa Rita		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	São Cristóvão		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Seco		LP	Hidro	Simple
arroio	Serra,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Serraria		LP	Socio	Simple
arroio	Tabuão		LP	Ergo	Simple
arroio	Tamanduá		LG	Zoo	Simple
arroio	Tanque,do		LP	Hidro	Simple
arroio	Taquaruçu		LT	Fito	Simple
arroio	Tatu	Tupi: c. ta-tú – o casco encorpado ou grosso, couraça (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
arroio	Timbézinho,do	Tupi: diminutivo de timbé, variante de Itambé / itaimbé: c. itá-aimbé – a pedra afiada, o penedo pontiagudo (SAMPAIO,1928).	LT	Lito	Simple
arroio	Várzea,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Xaxim		LT	Fito	Simple

lomba	Arrieiros,dos		LP	Socio	Simple
morro	Abapã		LT	Etno	Simple
morro	Amola Faca,do		LP + LP	Dirremato	Composto
morro	Cerrado		LP	Fito	Simple
morro	Chapéu,do		LP	Ergo	Simple
morro	Grande		LP	Dimensio	Simple
morro	Mastro,do		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Alguns Dias		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Anselmo,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Butiá,do	Tupi: mbuti'a – talvez dente incurvado, em alusão aos dentes que protegem o peçólo e as folhas (HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Cachoeira Roncadeira	LP + LP	Hidro	composto	
ribeirão	Campo do Meio		LP + LP	Geomorfo	Composto
ribeirão	Descanso,do		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Onça,da		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Palmito		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pinheiros,dos		LP	Fito	Simple
ribeirão	Prestes,dos		LP	Antropo	Simple
ribeirão	São Lourenço		LP + LP	Hagio	Composto
	Ribeirãozinho		LP	Hidro	Simple
rio	Abaixo		LP	Cardino	Simple
rio	Amola Faca,do		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Apon,do		LNI	N/C	Simple
rio	Areias,das		LP	Lito	Simple
rio	Barrinha,da		LP	Hidro	Simple
rio	Bomba		LP	Ergo	Simple
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Bueno		LP	Antropo	Simple
rio	Butiazal		LT	Fito	Simple
rio	Caetê	Tupi: caá+ e'tê: verdadeiro – mata virgem (FERREIRA,2004)	LT	Fito	Simple
rio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
rio	Caratua		LT	Fito	Simple
rio	Carmo,do		LP	Antropo	Simple
rio	Chapéu		LP	Ergo	Simple
rio	Cunhaporanga	Guarani: cunha porã – mulher bonita (TIBIRIÇÁ,1985).	LG	Etno	Simple
rio	Funil,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Grande		LP	Dimensio	Simple
rio	Guabiroba		LT	Fito	Simple
rio	Guararema		LT	Fito	Simple

rio	Iapó	Tupi: c. y-apó – a água transbordada, a inundação; a cheia do rio; os alagados à margem dos grandes rios (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
rio	Inglês, do		LP	Etno	Simple
rio	Lagoa da Onça		LP + LP	Hidro	
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Maracanã	Tupi: c. maracã-nã – semelhante ao maracá o que imita, no som, o maracá ou chocalho. É o nome de uma espécie de papagaio (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Morcego, do		LP	Zoo	Simple
rio	Onça, da		LP	Zoo	Simple
rio	Palmito, do		LP	Fito	Simple
rio	Pampulha	Quíchua: pampa: planície + ulha (suífixo nominativo – quantidade, coleção) (FERREIRA, 2004)	LQ	Fito	Simple
rio	Pântano		LP	Hidro	Simple
rio	Pedrinhas, das		LP	Lito	Simple
rio	Piraí	Tupi: pirahy. c. pirá-y – o rio do peixe (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Piraí-mirim	Tupi: c. pira-y mirim – o rio do peixe pequeno (SAMPAIO, 1928).	LT + LT	Zoo	Composto
rio	Pitangui		LT	Fito	Simple
rio	Pombas, das		LP	Zoo	Simple
rio	Queimados		LP	Socio	Simple
rio	Raíz, da		LP	Fito	Simple
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simple
rio	Ribeirinho		LP	Hidro	Simple
rio	Rodrigues, dos		LP	Antropo	Simple
rio	Santa Quitéria		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Miguel		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Socavão		LP	Geomorfo	Simple
rio	Taquara		LT	Fito	Simple
rio	Taquaral, do		LT	Fito	Simple
rio	Tigre, do		LP	Zoo	Simple
rio	Tucum		LT	Fito	Simple
rio	Turvo		LP	Cromo	Simple
serra	Apon, do		LNI	N/C	Simple
serra	Areias		LP	Lito	Simple
serra	Boa Vistinha		LP + LP	Animo eufórico	Composto

serra	Paranapiacaba	Tupi:c. paraná- apiacaba – a vista do mar; o ponto donde se pode avistar o mar; miramar (SAMPAIO,1928).	LT	Hidro	Simples
serra	Pedras,das		LP	Lito	Simples
serra	Taquara,da		LT	Fito	Simples
	Serrinha		LP	Geomorfo	Simples
Quadro 51- Topônimos dos acidentes físicos do município de IMBAÚ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Imbaú	Tupi: de embaúba (embayba) – árvore da preguiça; árvore que produz uma fruta que é o alimento predileto do bicho preguiça (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Fito	Simples
arroio	Anta Gorda		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
arroio	Anta,da		LA	Zoo	Simples
arroio	Areia Preta		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Burro,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
arroio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Furneiro	De furna - caverna ou gruta, geralmente formada de blocos de pedra; fojo, antro, subterrâneo (FERREIRA,2004)	LP	Geomorfo	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
arroio	Irati	Tupi: veja iraxim: variante de iratim – i'ra'ting – abelha branca (FERREIRA,2004)	LT	Zoo	Simples
arroio	Jacutinga		LT	Zoo	Simples
arroio	Leonardos,dos		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Charqueada		LP	Socio	Simples
ribeirão	do Caçador		LP	Socio	Simples
rio	Imbaú		LT	Fito	Simples
rio	Imbaúzinho		LT	Fito	Simples
Quadro 52- Topônimos dos acidentes físicos do município de JAGUARIAÍVA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Jaguariaíva	Tupi: tyaguariahibá – rio da onça brava (ATEPAR).	LT	Zoo	Simples
distrito	Eduardo Xavier da Silva	LP + LP + LP	Antropo	Composto	

água	Tábua,da		LP	Ergo	Simples
arroio	Borba,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Cascavel		LP	Zoo	Simples
arroio	Cilada		LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Conceição,da		LP	Hiero	Simples
arroio	Gralha,da		LP	Zoo	Simples
arroio	Invernada,da		LE	Socio	Simples
arroio	Limeira		LP	Fito	Simples
arroio	Palmeirinha		LP	Fito	Simples
arroio	Pedrinhas,das		LP	Lito	Simples
arroio	Rolador		LP	Hidro	Simples
arroio	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Taquaral		LT	Fito	Simples
cerro	Olaria		LP	Socio	Simples
córrego	Capivara,da		LT	Zoo	Simples
córrego	Cavahada		LP	Socio	Simples
córrego	Lajeado		LP	Lito	Simples
córrego	Pousinho		LP	Socio	Simples
córrego	Prado,do		LP	Antropo	Simples
córrego	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
lajeado	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
lajeado	Elias,do		LP	Antropo	Simples
lajeado	Grande		LP	Dimensio	Simples
morro	Gato,do		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Antonio,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Bom Jardim		LP + LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Cinco Bocas		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Espigão		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Felisberto,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simples
ribeirão	Jerivá,do		LT	Fito	Simples
ribeirão	Moinho,do		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Pesqueiro,do		LP	Socio	Simples
ribeirão	Quebra-cangalha		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Sertãozinho,do		LP	Lito	Simples
rio	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Barra,da		LP	Hidro	Simples
rio	Bom Jardim		LP + LP	Animo eufórico	Simples
rio	Bugre,do		LP	Etno	Simples
rio	Butiá		LT	Fito	Simples
rio	Caixa,da		LP	Ergo	Simples
rio	Cajuru	Tupi: corr. caá- jurú – a boca da mata (SAMPAIO,1928).	LT	Somato	Simples
rio	Capivari		LT	Zoo	Simples
rio	Cinco Réis		LP + LP	Numero	Composto
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simples
rio	Diamante		LP	Lito	Simples
rio	Galho Caído		LP + LP	Fito	Composto
rio	Jaguariaíva		LT	Zoo	Simples
rio	Jaguaticatu	Tupi: jaguaricatú: corr. yaguary-catú – o yaguary bom; o que tem água perene (SAMPAIO,1928).	LT	Hidro	Simples

rio	Lanças	Quando toda a região de Arapoti, Jaguariaíva, Pirai do Sul e demais municípios pertenciam à comarca de Castro, houve uma família de sobrenome Lança que participou no povoamento (IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Municípios do Estado do Paraná).	LP	Antropo	Simple
rio	Mortes,das		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Palhanos,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Passo do Burro		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Perdizes,das		LP	Zoo	Simple
rio	Sabiá		LP	Zoo	Simple
rio	Samambaia		LT	Fito	Simple
rio	Taquaral		LT	Fito	Simple
serra	Boa Esperança		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Butiá,do		LT	Fito	Simple
serra	Campo das Cinzas		LP + LP	Geomorfo	Composto
serra	Furnas,das		LP	Geomorfo	Simple
serra	Jacuzal,do		LT	Zoo	Simple
serra	Monte Negro		LP + LP	Geomorfo	Composto
serra	Paranapiacaba		LT	Hidro	Simple
Quadro 53 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ORTIGUEIRA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ortigueira	Deve-se à existência em grande quantidade, na região, de plantas conhecidas como urtiga. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LP	Fito	Simple
distrito	Barreiro		LP	Lito	Simple
distrito	Lajeado Bonito		LP + LP	Lito	Composto
distrito	Monjolinho		LQB	Ergo	Simple
distrito	Natingui		LNI	N/C	Simple
água	Borboleta,da		LP	Zoo	Simple
água	Pocinho,do		LP	Hidro	Simple
arroio	Areia Preta		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Cachoeirão		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Espigão,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simple
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simple
arroio	Salseiro		LP	Meteoro	Simple
arroio	Sulfuroso		LP	Estemato	Simple

arroio	Vira Panela		LP + LP	Dirremato	Composto
cachoeira	Antílio,do		LP	Antropo	Simples
cachoeira	Grande		LP	Dimensio	Simples
cachoeira	Porcos,dos		LP	Zoo	Simples
cachoeira	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
cachoeira	Vira Panela		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Bigorna		LP	Ergo	Simples
córrego	Caraguatá		LT	Fito	Simples
córrego	Cascadinho		LP	Fito	Simples
córrego	Grotá		LP	Geomorfo	Simples
córrego	Irara		LT	Zoo	Simples
córrego	Lajeadinho		LP	Lito	Simples
córrego	Lajeado		LP	Lito	Simples
córrego	Limeira		LP	Fito	Simples
córrego	Palmeira		LP	Fito	Simples
córrego	Pinheiro		LP	Fito	Simples
córrego	Xaxim		LT	Fito	Simples
espigão	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
ilha	Cavalos,dos		LP	Zoo	Simples
lajeado	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
lajeado	Índios,dos		LP	Etno	Simples
morro	Ervat		LP	Fito	Simples
morro	Mulato		LP	Etno	Simples
morro	Piquira	Tupi: corr. py- quira – a pele ferra; o pequeno; o miúdo; o curto; o baixote; peixinhos de água doce (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
ribeirão	Água Verde		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barreiro		LP	Lito	Simples
ribeirão	Barrinha		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Barroso,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Basílio,do		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Caritó	Tupi: 1. mesmo que casinhola;2. prateleira ou nicho rústico nas paredes das casas sertanejas;3. gaiola em que se prendem caranguejos com objetivo de engordá-los;4. quarto onde se guardam coisas velhas;5. local imaginário onde se abrigam as solteironas – NASCENTES (apud HOUAISS,2001)	LT	Eco	Simples
ribeirão	Cascudo		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Faxineiro		LP	Socio	Simples
ribeirão	Formigas		LP	Zoo	Simples

ribeirão	Gamelão		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Garfo,do		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Lambedor		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Leão		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Machado,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Mirim		LT	Dimensio	Simple
ribeirão	Mococa		LT	Socio	Simple
ribeirão	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
ribeirão	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Pinhalzinho		LP	Fito	Simple
ribeirão	Piquira		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Sabugueiro		LP	Fito	Simple
ribeirão	Sertãozinho		LP	Lito	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Alonso		LP	Antropo	Simple
rio	Apucarana	Caingangue : apó: a base + caarã: semelhante à floresta + anã: imensa, que se assemelha à própria base (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. IBGE - XXXI Volume - Municípios do Estado do Paraná).	LC	Fito	Simple
rio	Barra Grande		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Burro,do		LP	Zoo	Simple
rio	Caeté	Tupi: corr. caá-etê – a mata real, constituída de árvores grandes, a mata virgem; a folha larga (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
rio	Caetézinho		LT	Fito	Simple
rio	Costas,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Imbaúzinho		LT	Fito	Simple
rio	Meio,do		LP	Cardino	Simple
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Pereira		LP	Antropo	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Peixe, do		LP	Zoo	Simple
rio	Rosário,do		LP	Ergo	Simple
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
rio	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
salto	Alemão		LP	Etno	Simple
salto	Aparado		LP	Geomorfo	Simple
salto	Arcadinho		LP	Geomorfo	Simple
salto	Mauá		LP	Historio	Simple
salto	Paradão,do		LP	Geomorfo	Simple
serra	Cadeado,do		LP	Ergo	Simple
serra	Cascudo,do		LP	Zoo	Simple
serra	Facão,do		LP	Ergo	Simple
serra	Piquira,da		LT	Zoo	Simple

serra	Urtigueira,da		LP	Fito	Simple
Quadro 54 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PALMEIRA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Palmeira		LP	Fito	Simple
distrito	Papagaios Novos		LP + LP	Zoo	Composto
água	Santa,da		LP	Hagio	Simple
arroio	Abrão,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Aterrado		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Banho,do		LP	Higie	Simple
arroio	Bêntico		LP	Hiero	Simple
arroio	Botuquara	Tupi: butuquara : corr. ybytú-quara – o buraco do vento; a garganta do vento (SAMPAIO,1928).	LT	Geomorfo	Simple
arroio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
arroio	Campestre		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Campestre,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Campo Alto		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Capão do Moinho		LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Cipoeiro,do		LT	Fito	Simple
arroio	Cochos,dos	Origem controversa: bebedouro ou comedouro para o gado, de material vário e formato semelhante ao tronco escavado (HOUAISS,2001).	LNI	Ergo	Simple
arroio	Correias,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Encruzilhada		LP	Cardino	Simple
arroio	Faxina,da		LP	Socio	Simple
arroio	Faxinal		LP	Fito	Simple
arroio	Góis,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Gonçalves,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simple
arroio	Mandaçaia		LT	Zoo	Simple
arroio	Manjolo,do		LQB	Ergo	Simple
arroio	Mantureiro,do		LNI	N/C	Simple
arroio	Meio,do		LP	Cardino	Simple
arroio	Minguinho		LP	Dimensio	Simple
arroio	Monjolino		LQB	Ergo	Simple
arroio	Monjolino,do		LQB	Ergo	Simple
arroio	Morro Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Nunes,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Paio dos Fundos		LE + LP	Eco	Composto
arroio	Parnanguara	1. Indivíduo nascido ou que vive em Paranaguá (PR);2. De Paranaguá; típico dessa cidade ou de seu povo;3.Do topônimo Paranaguá (AULETE	LT	Etno	Simple

		DIGITAL).]			
arroio	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Potreirinho		LP	Ergo	Simple
arroio	Rigoni,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Samambaia		LT	Fito	Simple
arroio	Samambainha		LT	Fito	Simple
arroio	Santa Bárbara		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Sítio,do		LP	Socio	Simple
arroio	Tabuleiro		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Taipa,do		LP	Eco	Simple
arroio	Taquara		LT	Fito	Simple
arroio	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Tocas,das	Tupi: forma absoluta de oca, a casa, o refúgio, o esconderijo, o abrigo (SAMPAIO,1928).	LT	Eco	Simple
arroio	Vargem,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Vieiras,dos		LP	Antropo	Simple
córrego	Antas,das		LA	Zoo	Simple
lagoa	Burro,do		LP	Zoo	Simple
lagoa	Praia Alta		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Almas,das		LP	Mito	Simple
rio	Areia,da		LP	Lito	Simple
rio	Cabriúva	Tupi: cabreuva: corr. caburé-yba – a árvore de caburé (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
rio	Campestre		LP	Geomorfo	Simple
rio	Cancela		LP	Ergo	Simple
rio	Caniú	Tupi: caneñ : corr. caneñ – a canseira, a fadiga, o enfado (SAMPAIO,1928).	LT	Animo disfórico	Simple
rio	Cãozinho, do		LP	Zoo	Simple
rio	Capão do Alegrete		LT + LP	Fito	Composto híbrido
rio	Capivara		LT	Zoo	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Cedro,do		LP	Fito	Simple
rio	Dois Córregos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Farrapo,do	Espanhol: harapo – trapo, andrajo (HOUAISS,2001)	LE	Animo disfórico	Simple
rio	Freitas,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Gruta,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Guabiroba		LT	Fito	Simple
rio	Guaraúna	Tupi: guará-una – a garça escura; uma Ardea, vulgo Carão ou Caráu (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Guarauninha		LT	Zoo	Simple
rio	Iguaçu		LT	Dimensio	Simple
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simple

rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Monjolo		LQB	Ergo	Simple
rio	Papagaios,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Pessegueiro		LP	Fito	Simple
rio	Pito,do		LP	Ergo	Simple
rio	Ponte Grande,da		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Prata,da		LP	Lito	Simple
rio	Pugas		LNI	Antropo	Simple
rio	Quero-quero		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Rincão de Baixo		LE + LP	Socio	Composto híbrido
rio	Salto,do		LP	Hidro	Simple
rio	São João		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Marcos		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Sobrado		LP	Eco	Simple
rio	Sumaca		LH	Ergo	Simple
rio	Taquaruçu		LT	Fito	Simple
rio	Tarumã		LT	Fito	Simple
rio	Terra Preta,da		LP + LP	Lito	Composto
rio	Tiçã, do		LP	Ergo	Simple
rio	Turvo		LP	Cromo	Simple
serra	Chapado,do		LP	Geomorfo	Simple
serra	Cercado,do		LP	Ergo	Simple

Quadro 55 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PIRÁÍ DO SUL

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Pirai do Sul	Tupi: pirahy. c. pirá-y – o rio do peixe (SAMPAIO, 1928).	LT + LP	Zoo	Composto híbrido
água	Fuca,da		LNI	N/C	Simple
água	Pai Joaquim		LP + LP	Axio	Composto
arroio	Água Quente		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Árvore,da		LP	Fito	Simple
arroio	Barra Velha		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Boa Vida		LP + LP	Animo eufórico	Composto
arroio	Boiada,da		LP	Zoo	Simple
arroio	Caçador		LP	Socio	Simple
arroio	Caiapá		LNI	N/C	Simple
arroio	Caxambu		LQB	Ergo	Simple
arroio	Caxambuzinho		LQB	Ergo	Simple
arroio	Cuiabá	Tupi: cui: a farinha; o pó + abá: homem – o homem da farinha, o farinheiro (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simple
arroio	Fazenda,da		LP	Socio	Simple
arroio	Figueirinha,da		LP	Fito	Simple
arroio	Formiga,da		LP	Zoo	Simple
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simple
arroio	Lança,da		LP	Antropo	Simple
arroio	Malhada,da		LP	Zoo	Simple

arroio	Paiquerê		LT	Mito	Simple
arroio	Palmeirinha		LP	Fito	Simple
arroio	Paulino,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Quebra-perna		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Malfazida		LP	Animo disfórico	Simple
lajeado	Jacu,do		LT	Zoo	Simple
lajeado	Lagoa,da		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Butiá,do		LT	Fito	Simple
ribeirão	Cambará		LT	Fito	Simple
ribeirão	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Cumbuca	Tupi: kui'mbuka : de kuya'buka, por cuiambuca NASCENTES (apud AULETE DIGITAL).	LT	Ergo	Simple
ribeirão	Espigão		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Guilherme,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Onça,da		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Pereiras,dos		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Quebra-cangalha		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Samambaia		LT	Fito	Simple
ribeirão	Sapateiro,do		LP	Socio	Simple
ribeirão	Sertãozinho,do		LP	Lito	Simple
ribeirão	Vassoura,da		LP	Ergo	Simple
rio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
rio	Carreira,da		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Divisa,da		LP	Cardino	Simple
rio	Fortaleza		LP	Coro	Simple
rio	Guaricanga	Tupi: ariedade de palmeira; de guari (ba) - canga – coquinho de bugio (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Iapó		LT	Hidro	Simple
rio	Jaguariaíva		LT	Zoo	Simple
rio	Passo do Burro		LP + LP	Hodo	Composto
rio	Piraí		LT	Zoo	Simple
rio	Piraí-mirim		LT + LT	Zoo	Composto
rio	Redomona		LE	Zoo	Simple
rio	Santo André		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
serra	Furnas,das		LP	Geomorfo	Simple
serra	Pedras,das		LP	Lito	Simple
serra	Monte Negro		LP + LP	Geomorfo	Composto
serra	Paranapiacaba		LT	Hidro	Simple
Quadro 56 - Topônimos dos acidentes físicos do município de PONTA GROSSA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ponta Grossa		LP + LP	Morfo	Composto

distrito	Guaragi		LNI	N/C	Simples
distrito	Itaiacoca		LT	Lito	Simples
distrito	Periquitos		LP	Zoo	Simples
distrito	Uvaia	Tupi: ubaia: corr. ybá-aia – o fruto azedo, ácido (Eugenia campestris) (SAMPAIO,1928)	LT	Fito	Simples
arroio	Água Quente		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Amarelo		LP	Cromo	Simples
arroio	Ambrozina		LP	Antropo	Simples
arroio	Aterrado de Pedra		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Barbado,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Barreiro,do		LP	Lito	Simples
arroio	Bela Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
arroio	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
arroio	Bocaina		LE	Geomorfo	Simples
arroio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Campo da Bocaina		LP + LE	Geomorfo	Composto híbrido
arroio	Capão do Cipó		LT + LT	Fito	Composto
arroio	Capão Grande		LT + LP	Fito	Composto híbrido
arroio	Carazinho		LT	Fito	Simples
arroio	Carrapato		LP	Zoo	Simples
arroio	Casa Branca		LP + LP	Eco	Composto
arroio	Chapada,da		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Cipó		LT	Fito	Simples
arroio	Cochos,dos		LNI	Ergo	Simples
arroio	Encrenca,da		LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Estância	Espanhol: platino estancia (FERREIRA,2004)	LE	Socio	Simples
arroio	Fecho,do		LP	Ergo	Simples
arroio	Galdinos,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Gertrudes		LP	Antropo	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
arroio	Guedes,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Inglese,dos		LP	Etno	Simples
arroio	Invernada,da		LE	Socio	Simples
arroio	Laje,da		LP	Lito	Simples
arroio	Lajeado Grande		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Limeira		LP	Fito	Simples
arroio	Madureira		LP	Antropo	Simples
arroio	Meneses,dos		LP	Antropo	Simples

arroio	Modelo	Italiano: modello – protótipo, imagem que se copia em escultura ou pintura, representação em pequena escala do que se quer executar em tamanho maior, o que se deve imitar, pela sua perfeição (HOUAISS,2001).	LIT	Ergo	Simple
arroio	Monjolo		LQB	Ergo	Simple
arroio	Olaria,da		LP	Socio	Simple
arroio	Padre,do		LP	Hiero	Simple
arroio	Palmital		LP	Fito	Simple
arroio	Passo do Nenê		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Piedade		LP	Animo disfórico	Simple
arroio	Pilão de Pedra	Francês: talvez de pilon – instrumento com que se pila (HOUAISS,2001).	LF + LP	Ergo	Composto híbrido
arroio	Poejo,do		LP	Fito	Simple
arroio	Potreirinho		LP	Ergo	Simple
arroio	Prancha,da		LF	Ergo	Simple
arroio	Quebra-dentes		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Rocha,do		LP	Antropo	Simple
arroio	Rodeio,do		LP	Socio	Simple
arroio	Ronda,da		LE	Socio	Simple
arroio	Sabaió		LNI	N/C	Simple
arroio	Sabão,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Santa Rita		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Santo Amaro		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Sutil		LP	Antropo	Simple
arroio	Tabuleiro		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Tafona,da	Árabe: engenho de moer grãos, manual ou movido por animais; moinho, azenha (HOUAISS,2001).	LA	Ergo	Simple
arroio	Taquaruçu		LT	Fito	Simple
arroio	Vilhena		LP	N/C	Simple
arroio	Xaxim		LT	Fito	Simple
córrego	Baixa Funda		LP + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Roça,da		LP	Socio	Simple
córrego	Santa Luzia		LP + LP	Hagio	Composto
lagoa	Dourada		LP	Lito	Simple
lagoa	Turva		LP	Cromo	Simple
lajeado	Paquejador,do		LNI	N/C	Simple
morro	Felpudo		LP	Estemato	Simple
morro	Licenço,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Cruz,da		LP	Hiero	Simple
rio	Botuquara		LT	Geomorfo	Simple
rio	Caçador		LP	Socio	Simple

rio	Caçandoca	Africana: o termo significa "gabão de mato" numa referência ao país do centro-oeste africano Gabão. Disponível em: www.baixosantad.oaltogloria.com.br/portugues/cultura_africana/quilombolas_cacandoca.htm .	LAF	Etno	Simple
rio	Cafundó		LAF	Geomorfo	Simple
rio	Caniú		LT	Animo disfórico	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Cara-cará	Tupi: caracará:corr. carãe-carãe – o arranhador, uam espécie de gavião (SAMPAIO,1928).	LT + LT	Zoo	Composto
rio	Carandá,do		LT	Fito	Simple
rio	Carijós,dos		LT	Etno	Simple
rio	Colônia Adelaide		LP + LP	Socio	Composto
rio	Conceição		LP	Hiero	Simple
rio	Conchas,das		LP	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Engenho Velho		LP + LP	Socio	Composto
rio	Guabiroba		LT	Fito	Simple
rio	Guaraúna		LT	Zoo	Simple
rio	Guarituba		LT	Fito	Simple
rio	Imbuia,da		LT	Fito	Simple
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Mangote		LP	Ergo	Simple
rio	Norte,do		LP	Cardino	Simple
rio	Periquitos		LP	Zoo	Simple
rio	Pitangui		LT	Fito	Simple
rio	Quebra-perna		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Ribeira		LP	Hidro	Simple
rio	Ribeirão Grande		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Ribeirinha		LP	Hidro	Simple
rio	Roça Velha		LP + LP	Socio	Composto
rio	Roseira,da		LP	Fito	Simple
rio	São Jorge		LP + LP	Hagio	Composto
rio	São Miguel		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Sete Saltos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Taquari		LT	Fito	Simple
rio	Terra Vermelha		LP + LP	Lito	Composto
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
rio	Tibagizinho		LT	Socio	Simple
rio	Verde		LP	Cromo	Simple
serra	Itaiacoca,de		LT	Lito	Simple
Quadro 57- Topônimos dos acidentes físicos do município de RESERVA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Reserva		LP	Socio	Simple
distrito	José Lacerda		LP + LP	Antropo	Composto
distrito	Rio Novo		LP + LP	Hidro	Composto

água	Quinco,do		LNI	N/C	Simples
arroio	Barra do Encontro		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Barra do Pato		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Barreirinho		LP	Lito	Simples
arroio	Calixtos,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Campinas Belas		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Carajá	Tupi: corr. carayá –o mono grande. O gentio costumava apelidar de carajá aos seus vizinhos desafetos (SAMPAIO,1928).	LT	Etno	Simples
arroio	Claro		LP	Cromo	Simples
arroio	Encontro,do		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Erva,da		LP	Fito	Simples
arroio	Farias,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Guabiroba		LT	Fito	Simples
arroio	Guilherme		LP	Antropo	Simples
arroio	Hipólito		LP	Antropo	Simples
arroio	Imbuia		LT	Fito	Simples
arroio	Jararaca	Tupi: corr. ya-rara – aquele que colhe ou agarra envenenando; o que tem o bote venenoso (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Lajeado		LP	Lito	Simples
arroio	Leonardo,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Macaco		LP	Zoo	Simples
arroio	Mandaçaia		LT	Zoo	Simples
arroio	Meio,do		LP	Cardino	Simples
arroio	Monjolo Velho		LQB + LP	Ergo	Composto híbrido
arroio	Papagaios,dos		LP	Zoo	Simples
arroio	Paredão		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Passo da Gralha		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Passo Grande		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Porungos	Quíchua: purungo : alteração de porongo : poronco – vaso de barro com gargalo estreito NASCENTES (apud HOUAISS,2001).	LQC	Ergo	Simples
arroio	Salto,do		LP	Hidro	Simples
arroio	Tamanqueira		LP	Fito	Simples
arroio	Tira-fogo		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Anta Fêmea		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
córrego	Botocudos		LP	Etno	Simples
córrego	Capivari		LT	Zoo	Simples
córrego	Pinhalzinho		LP	Fito	Simples
córrego	Sete Saltos		LP + LP	Numero	Composto
lajeado	Liso		LP	Estemato	Simples
lajeado	Meio,do		LP	Cardino	Simples

morro	Carajá		LT	Etno	Simples
morro	Marumbi		LNI	Hidro	Simples
morro	Vermelho		LP	Cromo	Simples
ribeirão	Cascudo		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Três Barras,das		LP + LP	Numero	Composto
rio	Alonso		LP	Antropo	Simples
rio	Andrade		LP	Antropo	Simples
rio	Areia Preta		LP + LP	Lito	Composto
rio	Barra da Imbuia		LP + LT	Hidro	Composto
rio	Barreiro		LP	Lito	Simples
rio	Boca Negra		LP + LP	Somato	Composto
rio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Cachorro,do		LP	Zoo	Simples
rio	Cadeadino		LP	Ergo	Simples
rio	Candó		LNI	N/C	Simples
rio	Casa Grande		LP + LP	Eco	Composto
rio	Cava Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
rio	Cavinha		LP	Geomorfo	Simples
rio	Charqueada		LP	Socio	Simples
rio	Faca,da		LP	Ergo	Simples
rio	Imbaú		LT	Fito	Simples
rio	Imbauzinho		LT	Fito	Simples
rio	Imbuia		LT	Fito	Simples
rio	Imirim	Tupi: 'y': água, rio + 'miri': pequeno – rio pequeno (TIBIRIÇÁ,1984).	LT	Dimensio	Simples
rio	Ivaizinho	Tupi: ivahy: corr. ybá-y – o rio das frutas (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
rio	Jacutinga		LT	Zoo	Simples
rio	Lajeação		LP	Lito	Simples
rio	Maromba	Espanhol: maroma (HOUAISS,2001).	LE	Ergo	Simples
rio	Marrecas		LNI	Zoo	Simples
rio	Marreco		LNI	Zoo	Simples
rio	Novo		LP	Crono	Simples
rio	Peixe,do		LP	Zoo	Simples
rio	Reserva		LP	Socio	Simples
rio	Sabugueiro		LP	Fito	Simples
rio	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tateto		LT	Zoo	Simples
serra	Imbuia,da		LT	Fito	Simples
serra	Laranjeira,da		LP	Fito	Simples
serra	Macacos,dos		LP	Zoo	Simples
serra	Palmeira,da		LP	Fito	Simples
serra	Pedra Branca,da		LP + LP	Lito	Composto
serra	Pinhão,do		LP	Fito	Simples
serra	Queimada		LP	Socio	Simples
serra	São Roque,de		LP + LP	Hagio	Composto
Quadro 58 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SENGÉS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Sengés	Homenagem ao engenheiro Gastão Sengés . Disponível em: http://www.rotados tropeiros.com.br/municipio.php?id=14 .	LP	Antropo	Simple
distrito	Ouro Verde		LP + LP	Lito	Composto
distrito	Reianópolis		LNI	N/C	Simple
arroio	Gralha,da		LP	Zoo	Simple
arroio	Volta Grande		LP + LP	Morfo	Composto
córrego	Capivari		LT	Zoo	Simple
córrego	Ouro Verde		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Piquirizinho	Tupi: c. piquir-y – o rio dos peixinhos (SAMPAIO,1928) + sufixo - <i>inho</i> – diminutivo	LT	Zoo	Simple
lajeado	Invernada,da		LP	Socio	Simple
lajeado	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
lajeado	Pau Grande		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Barbosa		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Entancado	Entancar: deter o curso de (corrente de água); empresar, represar (HOUAISS,2001) .	LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Pesqueiro		LP	Socio	Simple
ribeirão	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Serraria Velha, da		LP + LP	Socio	Composto
ribeirão	Toca Feia		LT + LP	Eco	Composto híbrido
rio	Bandeirantes da Égua Morta		LP + LP + LP	Historio	Composto
rio	Caixa,da		LP	Ergo	Simple
rio	Cajuru		LT	Somato	Simple
rio	Funil,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Galho Caído		LP + LP	Fito	Composto
rio	Itararé		LT	Lito	Simple
rio	Jaguariaíva		LT	Zoo	Simple
rio	Jaguaricatu		LT	Hidro	Simple
rio	Pelame	1 .a pele dos animais com pêlos 2.coleção dessas peles; courama 3. tanque para curtir peles (HOUAISS,2001).	LP	Ergo	Simple
rio	Tucunduva		LT	Fito	Simple
serra	Antas,das		LA	Zoo	Simple
serra	Boa Esperança		LP + LP	Animo eufórico	Composto
serra	Corisco,do		LP	Meteoro	Simple
serra	Manoel Grande		LP + LP	Antropo	Composto
serra	Paranapiacaba,de		LT	Hidro	Simple
serra	Tigre,do		LP	Zoo	Simple

Quadro 59 - Topônimos dos acidentes físicos do município de TELÊMACO BORBA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Telêmaco Borba	Homenagem ao Coronel Telêmaco Enéias Augusto Morocines Borba. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LP + LP	Antropo	Composto
água	Pinhal,do		LP	Fito	Simple
arroio	Água Funda		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Suja		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
arroio	Campina de Pedra		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Capitão,do		LP	Axio	Simple
arroio	Casas,das		LP	Eco	Simple
arroio	Cerradinho		LP	Fito	Simple
arroio	Esquecido		LP	Animo disfórico	Simple
arroio	Gica,da		LNI	N/C	Simple
arroio	Guaraxaim	Tupi: aguaraxaim: agwaraxa'i – espécie de cachorro-do-mato (HOUAISS,2001).	LT	Zoo	Simple
arroio	Labirinto,do		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Lagoa,da		LP	Hidro	Simple
arroio	Lagoinha		LP	Hidro	Simple
arroio	Lambedor		LP	Hidro	Simple
arroio	Limeira		LP	Fito	Simple
arroio	Lobo,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Mandaçaia		LT	Zoo	Simple
arroio	Mirandinha		LP	Antropo	Simple
arroio	Moinho,do		LP	Ergo	Simple
arroio	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
arroio	Ouro,do		LP	Lito	Simple
arroio	Pacas,das		LT	Zoo	Simple
arroio	Pedrinhas,das		LP	Lito	Simple
arroio	Ponto Vinte,do		LP + LP	Cardino	Composto
arroio	Sete Rincões		LP + LE	Numero	Composto híbrido
arroio	Uvaranal		LNI	N/C	Simple
cachoeira	Antílio,do		LP	Antropo	Simple
cachoeira	Grande		LP	Dimensio	Simple
cachoeira	Porcos,dos		LP	Zoo	Simple
cachoeira	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
cachoeira	Vira Panela		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Água da Limeira		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Barreirinho		LP	Lito	Simple
córrego	Invernada,da		LE	Socio	Simple
córrego	Laranjeira		LP	Fito	Simple
córrego	Pereira		LP	Antropo	Simple
córrego	Vila,da		LP	Polio	Simple
ilha	Cavalos,dos		LP	Zoo	Simple
ilha	Formigas,das		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Antas,das		LA	Zoo	Simple
ribeirão	Cavalos,dos		LP	Zoo	Simple

ribeirão	Esquecido		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Invernadinha		LE	Socio	Simple
ribeirão	Jaguarica		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Mocinho		LP	Crono	Simple
ribeirão	Palmas, das		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pinheiro Seco		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Prata, da		LP	Lito	Simple
ribeirão	Sossegadinho		LP + LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Varanda		LP	Socio	Simple
ribeirão	Vorázinho	Tupi: vorá ;corr. borá, c. bor-á – tirado do conteúdo, o extraído. É a massa amarela amarga, feita do pólen das flores, que se encontra dentro do cortiço das abelhas; é o mesmo Samborá ou Tamborá. Designa várias espécies de abelha (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Alegre		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Anta Brava		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
rio	Faisqueira		LP	Socio	Simple
rio	Harmonia		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Imbauzinho		LT	Fito	Simple
rio	Invernadinha		LE	Socio	Simple
rio	Quebra-perna		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
salto	Alemão		LP	Etno	Simple
salto	Aparado		LP	Geomorfo	Simple
salto	Arcadinho		LP	Geomorfo	Simple
salto	Mauá		LP	Antropo	Simple
salto	Paredão, do		LP	Geomorfo	Simple
Quadro 60 - Topônimos dos acidentes físicos do município de TIBAGI					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Tibagi	Tupi: tyba-g-y – o rio do pouso (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simple
distrito	Alto do Amparo		LP + LP	Dimensio	Composto
distrito	Caetano Mendes		LP + LP	Antropo	Composto
água	Comprida		LP	Dimensio	Simple
arroio	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água do Borges		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Água Fria, da		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Areia Branca, da		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Atalho, do		LP	Hodo	Simple
arroio	Aterradinho		LP	Geomorfo	Simple

arroio	Barra das Tirivas		LP + LT	Hidro	Composto híbrido
arroio	Barreiro		LP	Lito	Simples
arroio	Barro Branco		LP + LP	Lito	Composto
arroio	Barroso,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Burro,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Campina Alta		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Campo Bom,do		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Campo Nono		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Capela		LP	Hiero	Simples
arroio	Capuava		LT	Fito	Simples
arroio	Caratua		LT	Fito	Simples
arroio	Cava Funda		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Cavernas,das		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Curral		LP	Socio	Simples
arroio	Cutia,da		LT	Zoo	Simples
arroio	Daniel,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Dois Irmãos		LP + LP	Numero	Composto
arroio	Empossado		LP	Hidro	Simples
arroio	Engenho,do		LP	Socio	Simples
arroio	Enxofre,do		LP	Ergo	Simples
arroio	Fedido		LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Gonçalo		LP	Antropo	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
arroio	Guabiroba		LT	Fito	Simples
arroio	Guarapu	Tupi: guarapú: corr. gua-r-apú – a ponta romba; o corno não aguçado. É o nome de um veado pequeno e vermelho (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
arroio	Ingrata,da		LP	Animo disfórico	Simples
arroio	Invernadinha		LE	Socio	Simples
arroio	Isidoros,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Jacutinga		LT	Zoo	Simples
arroio	Lelio,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Limitão		LP	Cardino	Simples
arroio	Mata,da		LP	Fito	Simples
arroio	Meio,do		LP	Cardino	Simples
arroio	Moinho,do		LP	Ergo	Simples
arroio	Moquete	Espanhol: (De moco) – puñada dada en el rostro, especialmente en las narices – Diccionario de la Lengua Española – Vigésima segunda edición – Real Academia Española	LE	Somato	Simples
arroio	Mortandade,da		LP	Animo	Simples

				disfórico	
arroio	Paiol Velho		LE + LP	Eco	Composto
arroio	Palmito		LP	Fito	Simples
arroio	Palmito Mole		LP + LP	Fito	Composto
arroio	Passo da Areia		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Pedras,das		LP	Lito	Simples
arroio	Penha		LP	Geomorfo	Simples
arroio	Pereiras,dos		LP	Antropo	Simples
arroio	Ponte de Pedra		LP + LP	Hodo	Composto
arroio	Porteira,da		LP	Ergo	Simples
arroio	Puxa Freio		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Quati		LT	Zoo	Simples
arroio	Rico		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Roncador		LP	Hidro	Simples
arroio	Roseira,da		LP	Fito	Simples
arroio	Sabão,do		LP	Ergo	Simples
arroio	Santana		LP	Hagio	Simples
arroio	São Benedito		LP + LP	Hagio	Composto
arroio	Socorro,do		LP	Animo eufórico	Simples
arroio	Tabuão		LP	Ergo	Simples
arroio	Tarumã		LT	Fito	Simples
arroio	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Uvaraneira		LNI	N/C	Simples
arroio	Vasto Horizonte		LP + LP	Dimensio	Composto
barrinha	Ribeiro,do		LP	Hidro	Simples
córrego	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Lagoão		LP	Hidro	Simples
córrego	Machadinho		LP	Ergo	Simples
córrego	Rincão,do		LE	Socio	Simples
córrego	Santo Amaro		LP + LP	Hagio	Composto
ilha	Pampas,dos	Quíchua: pampa – planície (HOUAISS,2001).	LQC	Fito	Simples
ilha	Gamiova	Nome científico: Geonoma gamiova. Características: tronco único, fino e copa pequena. Suas folhas são empregadas em cobertura de habitações e arranjos florais. Indicada para vasos e jardins internos. Disponível em: http://www.delphoscd.com.br/palmeiras.html .	LNI	Fito	Simples
ilha	Grande		LP	Dimensio	Simples
ilha	Pelada		LP	Animo disfórico	Simples
lajeado	Antas,das		LA	Zoo	Simples
lajeado	Bugre,do		LP	Etno	Simples
lajeado	Cutia,da		LT	Zoo	Simples
lajeado	Divisa,da		LP	Cardino	Simples
lajeado	Grande		LP	Dimensio	Simples

lajeado	Manhoso		LP	Animo disfórico	Simple
lajeado	Taipa de Pedras		LP + LP	Eco	Composto
lajeado	Tapera		LT	Eco	Simple
lajeado	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
	Lajeado		LP	Lito	Simple
morro	Cerrado		LP	Fito	Simple
morro	Chato		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Barrinha,da		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Campo Novo		LP + LP	Geomorfo	Composto
ribeirão	Frio		LP	Estemato	Simple
ribeirão	Laranjas,das		LP	Fito	Simple
ribeirão	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Água Parada		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Agudo,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Antas,das		LA	Zoo	Simple
rio	Bitumirim		LT	Meteoro	Simple
rio	Capivari		LT	Zoo	Simple
rio	Capivarizinho		LT	Zoo	Simple
rio	Conceição,da		LP	Hiero	Simple
rio	Empossado		LP	Hidro	Simple
rio	Faisqueira		LP	Socio	Simple
rio	Fortaleza		LP	Coro	Simple
rio	Iapó		LT	Hidro	Simple
rio	Imbaú		LT	Fito	Simple
rio	Leão,do		LP	Zoo	Simple
rio	Limeira		LP	Fito	Simple
rio	Nível,do		LP	Geomorfo	Simple
rio	Pedra Branca		LP + LP	Lito	Composto
rio	Pinheiro Seco		LP + LP	Fito	Composto
rio	Pocinho		LP	Hidro	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Santa Rosa		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
salto	Santa Rosa		LP + LP	Hagio	Composto
serra	Facão,do		LP	Ergo	Simple
serra	Borges,dos		LP	Antropo	Simple
serra	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple
serra	Roncador,do		LP	Hidro	Simple
serra	Taquara,da		LT	Fito	Simple

Quadro 61- Topônimos dos acidentes físicos do município de VENTANIA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ventania		LP	Meteoro	Simple
água	Pinhal,do		LP	Fito	Simple
arroio	Água Clara		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Campina de Pedra		LP + LP	Geomorfo	Composto
arroio	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
arroio	Cascavel		LP	Zoo	Simple
arroio	Moquém		LT	Ergo	Simple
arroio	Quebra-perna		LP + LP	Dirremato	Composto
arroio	Rosendinho		LP	Antropo	Simple
	Lajeado		LP	Lito	Simple
morro	Chapéu,do		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Vorazinho		LT	Zoo	Simple

ribeirão	Botinha,da		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Jaguatirica		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Alegre		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Amola Flecha		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Anta Brava		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
rio	Engenho		LP	Socio	Simple
rio	Faisqueira		LP	Socio	Simple
rio	Fortaleza		LP	Coro	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Vorá		LT	Zoo	Simple
serra	Facão,do		LP	Ergo	Simple

MESORREGIÃO NORTE PIONEIRO

Quadro 62- Topônimos dos acidentes físicos do município de ABATIÁ

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Abatiá	Tupi: grão de milho (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
água	Pedras,das		LP	Lito	Simple
água	Alegria,da		LP	Animo eufórico	Simple
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Lambedor		LP	Hidro	Simple
água	Macuco,do	Tupi: corr.macucu, c. ma-cú-cú – a cousa de muito comer ou muito bom de comer; alusão ao físico da ave deste nome (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
água	Onça,da		LP	Zoo	Simple
água	Pau d'alho ,do		LP + LP	Fito	Composto
água	Santa Rosa		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Paulo		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Lourenço		LP + LP	Hagio	Composto
água	Urtiga,da		LP	Fito	Simple
água	Vargem Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Figueira,da		LP	Fito	Simple
córrego	Furna,da		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Parafuso		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Água Boa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água da Onça		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Bugre,do		LP	Etno	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Lageado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Linda Flora		LP + LP	Antropo	Simple
ribeirão	Pau d'alho		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
ribeirão	Perobas, das		LP	Fito	Simple
ribeirão	São Lourenço		LP + LP	Hagio	Composto

rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
Quadro 63 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ANDIRÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Andirá	Tupi: o morcego, o vampiro (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
distrito	Nossa Senhora Aparecida		LP + LP + LP	Hagio	Composto
água	Catete,do	Tupi: corr. tatetú ou täyetú – o dente aguçado, ou ponteagudo. É o porco montez (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
água	Cedro,do		LP	Fito	Simple
água	Lontra,da		LP	Zoo	Simple
água	Mandi,do	Tupi : mandi'i' – peixe de rio ou de água doce (HOUAISS, 2001).	LT	Zoo	Simple
água	Patori	Tupi: poti'rri – ave, espécie de marrecá (HOUAIS,2001).	LT	Zoo	Simple
água	Suja		LP	Cromo	Simple
córrego	Água das Antas		LP + LA	Hidro	Composto
córrego	Água Preta		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Barreiro		LP	Lito	Simple
córrego	Duas Covas		LP + LP	Numero	Composto
córrego	Frotas,dos		LP	Antropo	Simple
córrego	Guaxupé	Tupi: corr. gua-exú-pé – é uma casta de abelhas que faz ninho dentro da terra (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
córrego	Jacutinga	Tupi: corr. yaccú-tinga – o jacú branco (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
córrego	Macuco,do		LT	Zoo	Simple
córrego	Pacu,do	Tupi: nome comum a vários peixes da família dos caracídeos (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
córrego	Pedra Branca		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Saltinho		LP	Hidro	Simple
córrego	São João		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Timburi	Tupi: timburi – planta da família das leuminosas (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Antas,das		LA	Zoo	Simple
ribeirão	Barreiro Grande		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Pimenteira		LP	Fito	Simple

ribeirão	Raposa,da	Castelhano: raposa (AULETE DIGITAL).	LCA	Zoo	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Paranapanema	Tupi: c. paranã- panema – o caudal imprestável, impraticável (Sampaio, 1928).	LT	Hidro	Simple
Quadro 64 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ASSAÍ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Assaí	Oriental: Assahi – sol nascente. Disponível em : http://biblioteca.ibge.gov.br/	LJP	Astro	Simple
distrito	Pau d'alto do Sul		LP + LP + LP	Fito	Composto
água	Agrião,do		LP	Fito	Simple
água	Água Suja		LP + LP	Hidro	Composto
água	Azul		LP	Cromo	Simple
água	Bálsamo,do		LP	Fito	Simple
água	Boa		LP	Animo eufórico	Simple
água	Bonita		LP	Animo eufórico	Simple
água	Burro,do		LP	Zoo	Simple
água	Carnaval,do		LP	Historio	Simple
água	Codorna,da		LP	Zoo	Simple
água	Estrela,da		LP	Meteoro	Simple
água	Jangada		LM	Ergo	Simple
água	Jangadão		LM	Ergo	Simple
água	Limoeiro,do		LP	Fito	Simple
água	Madrugada,da		LP	Crono	Simple
água	Maracatu,do	Africana: provavelmente banta (HOUAISS,2001).	LAF	Animo eufórico	Simple
água	Outono,do		LP	Historio	Simple
água	Paineira,da		LP	Fito	Simple
água	Paiolão,do		LE	Eco	Simple
água	Palmital		LP	Fito	Simple
água	Pari,do	Tupi: pari – o cercado para apanhar peixe; a cançada ou curral de peixe (SAMPAIO, 1928).	LT	Ergo	Simple
água	Ponte Seca,da		LP + LP	Hodo	Composto
água	Pozinho,do		LP	Lito	Simple
água	Preta		LP	Cromo	Simple
água	Sabiá,do		LP	Zoo	Simple
água	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
água	Torneira,da		LP	Ergo	Simple

córrego	Invernada,da	1. Inverno rigoroso; invernia;2.Duração do tempo invernos;3.Designação comum a certas pastagens rodeadas de obstáculos, naturais ou artificiais, onde se guardam equídeos, muares e bovinos, para repousarem e recobram as forças (FERREIRA, 2004).	LE	Socio	Simple
córrego	Água Branca,da		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Água Doce		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Arapongas	Tupi: c.ara-ponga : alteração de guirá-ponga – o pássaro martelante, cujo canto soa como a apancada de um martelo; o ferrador (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
córrego	Caldeirão Quebrado		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Castro,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Cerro Leão	Espanhol: cerro : 1. pequena elevação; colina, outeiro 2. elevação pedregosa e íngreme (HOUAISS,2001).	LE + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Figueira		LP	Fito	Simple
córrego	Fundo		LP	Dimensio	Simple
córrego	Jangada		LM	Ergo	Simple
córrego	Limpo		LP	Fito	Simple
córrego	Mascarado		LP	Animo disfórico	Simple
córrego	Palmito		LP	Fito	Simple
córrego	Roseira		LP	Fito	Simple
córrego	Seda,da		LP	Ergo	Simple
córrego	Tamanduá-açu	Guarani: tá-mondahá - ladrão de formigas + açu - grande . Mamífero desdentado que se alimenta de formigas(TIBIRIÇÁ, 1984).	LG + LT	Zoo	Composto híbrido
córrego	Veado,do		LP	Zoo	Simple
lagoa	Recanto do Paraíso		LP + LP	Socio	Composto

ribeirão	Jataizinho	Tupi: jatai – variedade de abelha pequena do gênero Trigona (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Peroba,da		LP	Fito	Simple
ribeirão	Saltinho		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Tigrinho		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Paulo		LP	Antropo	Simple
rio	São Jerônimo		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tibagi	Tupi: tyba-g-y – o rio do pouso (SAMPAIO, 1928).	LT	Socio	Simple
Quadro 65 - Topônimos dos acidentes físicos do município de BANDEIRANTES					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Bandeirantes		LP	Historio	Simple
distrito	Nossa Senhora da Candelária	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
água	Antas,das		LA	Zoo	Simple
água	Barrinha do Cateto	Tupi: t-ãi-eté-tu =taitetu = cateto – variedade de porco-do-mato. O que ataca com os dentes caninos (TIBIRIÇÁ, 1984).	LP + LT	Hidro	Composto híbrido
água	Boa Pastora		LP + LP	Dirremato	Composto
água	Bolim,do		LP	Antropo	Simple
água	Branca		LP	Cromo	Simple
água	Caia,do		LP	Animo disfórico	Simple
água	Cascais		LP	Coro	Simple
água	Divisa,da		LP	Cardino	Simple
água	Onça,da		LP	Zoo	Simple
água	Palmeiras,das		LP	Fito	Simple
água	Pavão,do		LP	Zoo	Simple
água	Perobas,das		LP	Fito	Simple
água	São Bento da Farinheira	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
água	São João,do		LP + LP	Hagio	Composto
água	Seca		LP	Hidro	Simple
água	Tabuleta,da		LP	Ergo	Simple
água	Vermelha		LP	Cromo	Simple
corredeira	Quebra Canela		LP + LP	Dirremato	Composto
córrego	Bandeirantes		LP	Etno	Simple
córrego	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Fundão,do		LP	Dimensio	Simple
córrego	Ipiranga	Tupi: y: água, rio + piranga: vermelho, corado, ruivo, rubro, pardo – rio vermelho (SAMPAIO, 1928).	LT	Cromo	Simple
córrego	Ituanos,dos		LP	Etno	Simple
córrego	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
córrego	Limeira,da		LP + LP	Fito	Simple

córrego	Quatro em Cruzes		LP + LP	Numero	Composto
córrego	Saltinho		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Antas,das		LA	Zoo	Simples
ribeirão	Cabiúna	Tupi: mesmo que caviúna e jacarandá (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simples
ribeirão	Bugre, do		LP	Etno	Simples
ribeirão	Caixão,do		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Cateto,do		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Fatura		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Índios,dos		LP	Etno	Simples
ribeirão	Paraguai		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Perobas,das		LP	Fito	Simples
ribeirão	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simples
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simples
serra	Ventania,da		LP	Meteoro	Simples
Quadro 66 - Topônimos dos acidentes físicos do município de BARRA DO JACARÉ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Barra do Jacaré	Tupi: jacaré: corr. ya-caré – aquele que é torto ou sinuoso. Pode ser, ainda, y-echá-caré – aquele que olha de banda (SAMPAIO, 1928).	LP + LT	Geomorfo	Composto híbrido
água	Coqueiral,do		LP	Fito	Simples
água	Coqueiralzinho,do		LP	Fito	Simples
água	Dores,das		LP	Antropo	Simples
água	Ligeiro,do		LP	Animo eufórico	Simples
água	Meio,do		LP	Cardino	Simples
água	Mexeriqueira		LP	Animo disfórico	Simples
água	Paris,do		LP	Coro	Simples
água	Serrinha,da		LP	Geomorfo	Simples
córrego	Barreirão		LP	Lito	Simples
córrego	Barreiro,do		LP	Lito	Simples
córrego	Guaxupé		LT	Zoo	Simples
córrego	Paciência,da		LP	Animo eufórico	Simples
córrego	Três Ilhas		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Dourado		LP	Lito	Simples
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simples
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simples
Quadro 67- Topônimos dos acidentes físicos do município de CAMBARÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Cambará	Tupi: câmara : corr. caá-mbará – a planta variegada, a planta de folhas de várias cores (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
água	Boi,do		LP	Zoo	Simple
água	Bugre,do		LP	Etno	Simple
água	Coqueiralzinho,do		LP	Fito	Simple
água	Coqueiros,dos		LP	Fito	Simple
água	Jaú,do	Tupi: corr. ya-ú – aquele que devora; é o grande peixe fluvial (Platstoma) (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
água	Limeira,da		LP	Fito	Simple
água	Bugre, do		LP	Etno	Simple
água	Óleo,do		LP	Ergo	Simple
água	Palmeiras,das		LP	Fito	Simple
água	Suja		LP	Cromo	Simple
água	Taquaral,do		LT	Fito	Simple
água	Taquaralzinho,do		LT	Fito	Simple
água	Vieira,do		LP	Antropo	Simple
córrego	Água das Antas		LP + LA	Hidro	Composto híbrido
córrego	Água do Peixe		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Bacará	Francês: baccara(t) (HOUAISS,2001).	LF	Ergo	Simple
córrego	Caiuá	Tupi: corr. caá- yuá – o morador do mato, o errante ou nômade. Nome de uma nação selvagem do vale do Panamá (SAMPAIO,1928).	LT	Etno	Simple
córrego	Cebolão,do		LP	Fito	Simple
córrego	Granja,da		LP	Socio	Simple
córrego	Matadouro		LP	Socio	Simple
córrego	Prateado		LP	Lito	Simple
córrego	Santa Amália		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Santa Cornélia		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Santa Maria		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Santana		LP	Hagio	Simple
córrego	Tijuco Preto	Tupi: corr. ty-yuc – água corrupta, podre; lama, brejo (SAMPAIO,1928).	LT + LP	Lito	Composto híbrido
córrego	Vila Aurora		LP + LP	Polio	Composto
ilha	Bilota,do		LP	Antropo	Simple
ilha	Grande		LP	Dimensio	Simple

ribeirão	Alambari	Tupi: corr. araberi, arabé-r-i – a bratinha; o peixinho, a sardinha (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simple
rio	Pardo		LP	Cromo	Simple
Quadro 68- Topônimos dos acidentes físicos do município de CARLÓPOLIS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Carlópolis		LP	Antropo	Simple
distrito	Nova Brasília do Itararé		LP + LP + LT	Crono	Composto híbrido
água	Barra,da		LP	Hidro	Simple
água	Lau,do		LP	Antropo	Simple
água	Mula,da		LP	Zoo	Simple
água	Seca		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Cachoeira		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Espírito Santo,do		LP + LP	Hiero	Composto
ribeirão	Jaboticabal	Tupi: jaboticaba : corr. yabuti-caba – a gordura do cágado. Considerado como corrupção de yabuti-guaba quer dizer – comida de kagado; se porém, como opina Baptista Caetano, for composto de yamboticaba, significa – fruto em botão, ou abotoamento de frutos (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Jacinto,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Murzilos		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Piçarra,da		LE	Lito	Simple
rio	Novo		LP	Crono	Simple
Quadro 69- Topônimos dos acidentes físicos do município de CONGONHINHAS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Congonhinas	Tupi: corr. congõi – o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade llex congonha (SAMPAIO, 1928) + inha (sufixo diminutivo) .	LT	Fito	Simple
distrito	Santa Maria do Rio	LP +LP +LP + LP	Hagio	Composto	

	do Peixe				
distrito	São Francisco do Imbaú	LP + LP + LT	Hagio	Composto híbrido	
água	Américo,do		LP	Antropo	Simple
água	Limeira,da		LP	Fito	Simple
água	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
córrego	Anta,da		LA	Zoo	Simple
córrego	Brejão		LP	Lito	Simple
córrego	Laranjeiras		LP	Fito	Simple
córrego	Veado,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Branco		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Congonhinhas		LT	Fito	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Maria,da		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Marta,da		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Mineiro		LP	Etno	Simple
ribeirão	Parado		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Pedra Amarela,da		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Pinheiro Seco		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	São Benedito		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Vaz,dos		LP	Antropo	Simple
rio	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Imbaú	Tupi: de embaúba (embayba) – árvore da preguiça; árvore que produz uma fruta que é o alimento predileto do bicho preguiça (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Fito	Simple
rio	Imbaúzinho		LT	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
Quadro 70- Topônimos dos acidentes físicos do município de CONSELHEIRO MAIRINCKI					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Conselheiro Mairincki	LP + LP	Axio	Composto	
água	Coruja,da		LP	Zoo	Simple
água	Pavãozinho,do		LP	Zoo	Simple
água	Tamanduázinho,do		LG	Zoo	Simple
arroio	Pernilongo		LP	Zoo	Simple
córrego	Salto,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Três Galhos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Água Amarela		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Podre		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Corredeiras,das		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Justo,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Marimbondo		LQB	Zoo	Simple
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
ribeirão	Pequeno		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Tamanduá		LG	Zoo	Simple
ribeirão	Vermelho		LP	Cromo	Simple

rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Jaboticabal		LT	Fito	Simple
Quadro 71 - Topônimos dos acidentes físicos do município de CORNÉLIO PROCÓPIO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Cornélio Procópio	Homenagem ao coronel Cornélio Procópio, paulista de Ribeirão Preto. Disponível em: 16/6/2009http://biblioteca.ibge.gov.br/.	LP + LP	Antropo	Composto
distrito	Congonhas		LT	Fito	Simple
água	Arapongas,do		LT	Zoo	Simple
água	Araras,das	Tupi: voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios (Psittacus Macrocerus) (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
água	Beija-florzinho,do		LP + LP	Zoo	Composto
água	Branca		LP	Cromo	Simple
água	Índios,dos		LP	Etno	Simple
água	Irara,da	Tupi: c. ira-ra – o que colhe mel, o papa-mel (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
água	Lajeado,do		LP	Lito	Simple
água	Monjolinho,do		LQB	Ergo	Simple
água	Nhambu,do	Tupi:mesmo que inhambu; de ina'mbu – ave da família dos tinamídeos (HOUAISS,2001).	LT	Zoo	Simple
água	Palmital,do		LP	Fito	Simple
água	Paris,do		LP	Coro	Simple
água	Pedras,das		LP	Lito	Simple
água	Pedregulho,do		LP	Lito	Simple
água	Pico Roxo,do		LP + LP	Geomorfo	Composto
água	Pilar,do		LP	Ergo	Simple
água	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
água	São Domingos		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Paulo		LP + LP	Hagio	Composto
água	Taquaral,do		LT	Fito	Simple
água	Uru,do	Tupi:urú – o nome comum das galináceas no tupi. É a ave conhecida como Odonthophorus dentatus (SAMPAIO, 1928)	LT	Zoo	Simple
água	Veadinho,do		LP	Zoo	Simple
córrego	Andriolo		LP	Antropo	Simple
córrego	Beija-flor		LP + LP	Zoo	Composto
córrego	Cristiano,do		LP	Antropo	Simple

córrego	Dez Alqueires, dos		LP + LA	Numero	Composto híbrido
córrego	Helena		LP	Antropo	Simple
córrego	Laje		LP	Lito	Simple
córrego	Magnólia		LP	Fito	Simple
córrego	Otacílio, do		LP	Antropo	Simple
córrego	Sabiá		LP	Zoo	Simple
córrego	São João		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Arapuã	Tupi: eirapuã – variedade de abelha (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Braúna	Tupi: brauna: barauna corr. ybirá-una – a madeira preta (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Macuco		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Macuquinho		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Nhapindá	Tupi: mesmo que unha-de-gato (Acacia adherens) (HOUAISS, 2001).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Pinhal, do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Preto		LP	Cromo	Simple
ribeirão	São Luis		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Tangará	Tupi: corr. atá-cará – andar aos saltos, o pulador, em alusão ao costume da ave deste nome (Tanagra) (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Testemunha		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Veado, do		LP	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
Quadro 72- Topônimos dos acidentes físicos do município de CURIÚVA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Curiúva	Tupi: ku'ri-pinheiro + iwa = planta, árvore, tronco (de planta) (HOUAISS, 2001)	LT	Fito	Simple
distrito	Alecrim	Árabe: al-iklíl 'id.' (HOUAISS, 2001).	LA	Fito	Simple
água	Colasca, da		LP	Antropo	Simple
água	Jacutinga, da		LT	Zoo	Simple
água	Monjolo, do		LQB	Ergo	Simple
água	Morna		LP	Estemato	Simple
água	São Mateus		LP + LP	Hagio	Composto
água	Taboãozinho, do		LP	Ergo	Simple
água	Tabuão, do		LP	Ergo	Simple
água	Tamanduá, do		LG	Zoo	Simple
água	Verônica, da		LP	Antropo	Simple
arroio	Barra Grande		LP + LP	Hidro	Composto
arroio	Barreirinho		LP	Lito	Simple

arroio	Casa de Pedra, da		LP + LP	Eco	Composto
arroio	Engenho,do		LP	Socio	Simple
arroio	Esperança		LP	Animo eufórico	Simple
arroio	Pelame		LP	Ergo	Simple
arroio	Pombas,das		LP	Zoo	Simple
córrego	Couro,do		LP	Zoo	Simple
córrego	Felisberto		LP	Antropo	Simple
córrego	Mato Bom		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Água Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Alecrim,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Antas,das		LA	Zoo	Simple
ribeirão	Barra Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Guajuvira		LT	Fito	Simple
ribeirão	Herveira		LT	Fito	Simple
ribeirão	Moças,das		LP	Etno	Simple
ribeirão	Passo do Pedroso		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Pretos,dos		LP	Etno	Simple
ribeirão	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	São Xavier		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Tateto		LT	Zoo	Simple
rio	Curiúva		LT	Fito	Simple
rio	Engano,do		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Lajeado Liso		LP + LP	Lito	Composto
rio	Peixe,do		LP / LP	Zoo	Simple
rio	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
morro	Felisberto,do		LP	Antropo	Simple
serra	João Cesário		LP + LP	Antropo	Composto
Quadro 73- Topônimos dos acidentes físicos do município de FIGUEIRA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Figueira		LP	Fito	Simple
água	Esperança		LP	Animo eufórico	Simple
água	Livercina,da		LP	Antropo	Simple
água	São Roque,do		LP + LP	Hagio	Composto
água	Tabuão,do		LP	Ergo	Simple
água	Taquara,da		LT	Fito	Simple
córrego	Água Verde		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Sonda,da		LF	Ergo	Simple
ribeirão	Areia Branca		LP + LP	Lito	Composto
ribeirão	Polaca, da		LP	Etno	Simple
ribeirão	Pretos,dos		LP	Etno	Simple
ribeirão	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Figueirinha		LP	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
Quadro 74 - Topônimos dos acidentes físicos do município de GUAPIRAMA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Guapirama	Tupi: região onde começam os vales. Outra versão, define como cabeceira ou nascente (BORDONI,s/d)).	LT	Geomorfo	Simple
água	Barra Velha,da		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Mambuca	Tupi: mumbuca – variedade de abelha grande e negra (TIBIRIÇA, 1984).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Água Seca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Grande,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Canastra,da		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Curimbatá	Tupi: kurima'ta – nome comum a várias espécies de peixes caracídeos (HOUAISS, 2001).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Dourado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Leitoano		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Piranha,da	Tupi: corr. pir-ãï – o que corta a pele; nome de um peixe voraz (Pygocentrus) da fauna fluvial do Brasil;a tesoura, a tenaz (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Piranhinha		LT	Zoo	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
Quadro 75 - Topônimos dos acidentes físicos do município de IBAITI					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ibaiti	Tupi: água da pedra. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LT	Lito	Simple
distrito	Amorinha		LP	Fito	Simple
distrito	Euzébio de Oliveira		LP + LP	Antropo	Composto
distrito	Vassoural		LP	Fito	Simple
distrito	Vila Guay	Tupi: guahy: guá-y – água em seio, enseada, baía (SAMPAIO, 1928)	LP + LT	Geomorfo	Composto híbrido
água	Agrião,do		LP	Fito	Simple
água	Amoreira,da		LP	Fito	Simple
água	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
água	Branca		LP	Cromo	Simple
água	Bugio,do		LP	Zoo	Simple
água	Capivara,da		LT	Zoo	Simple
água	Daniel,do		LP	Antropo	Simple
água	Formiga,da		LP	Zoo	Simple
água	Lagoa,da		LP	Hidro	Simple
água	Macuco,do		LT	Zoo	Simple

água	Mineiro,do		LP	Etno	Simple
água	Peroba,da		LP	Fito	Simple
água	Sapocado,do		LP	Animo disfórico	Simple
água	Sonda,da		LF	Ergo	Simple
água	Veloso,do		LP	Antropo	Simple
água	Virados,dos		LP	Geomorfo	Simple
córrego	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Carvãozinho		LP	Lito	Simple
ribeirão	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Suja		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Amora Preta		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
ribeirão	Caçador,do		LP	Socio	Simple
ribeirão	Café,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Candal		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Capivara		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Cascavel,da		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Cesário,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Choquinho,do		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Gonçalves,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Limeira,da		LP	Fito	Simple
ribeirão	Limoeiro		LP	Fito	Simple
ribeirão	Mata- cachorro		LP + LP	Dirremato	Composto
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Pinhalão		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pires,dos		LP + LP	Antropo	Composto
ribeirão	Rumo,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Vinho,do		LP	Ergo	Simple
rio	Engano,do		LP	Animo disfórico	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
rio	Pombas,das		LP	Zoo	Simple
Quadro 76 - Topônimos dos acidentes físicos do município de ITAMBARACÁ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Itambaracá	Tupi: pedra de águas correntes. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LT	Lito	Simple
distrito	São Joaquim do Pontal	LP +LP +LP	Hagio	Composto	
água	Pedras, das		LP	Lito	Simple
água	Cedro,do		LP	Fito	Simple
água	Maio,de		LP	Crono	Simple
água	Meio,do		LP	Cardino	Simple
água	Veado,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Chicão,do		LP	Antropo	Simple

córrego	Água da Farinha		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Jaborandi	Tupi: corr.ya-mbo-r-endi – aquele que faz salivar. É a planta medicinal – <i>Pilocarpus senatifolius</i> (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
córrego	Marrecas,das		LNI	Zoo	Simple
córrego	Seco		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Raposa,da		LCA	Zoo	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simple
rio	Patos,dos		LP	Zoo	Simple
Quadro 77 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JABOTI					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Jaboti	Tupi: jabuti:corr. ya-u-tí – aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, criando-se pelos pés das árvores sem ir à água (<i>Testudo tabulata</i>) (SAMPAIO, 1928).	LT	Zoo	Simple
água	Barra Seca		LP + LP	Hidro	Composto
água	Bela Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
água	Funda		LP	Dimensio	Simple
água	Laranjeira,da		LP	Fito	Simple
água	Limeira,da		LP	Fito	Simple
água	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Água Branca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
ribeirão	Guajuvira		LT	Fito	Simple
ribeirão	Guapé		LT	Fito	Simple
ribeirão	Justo,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Patrimônio,do		LP	Polio	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Erval,do		LP	Fito	Simple
rio	Jaboticabal		LT	Fito	Simple
Quadro 78 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JACAREZINHO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Jacarezinho	Tupi: jacaré + -inho (sufixo diminutivo)	LT	Zoo	Simple
água	Barreirinho		LP	Lito	Simple
água	Belo Horizonte		LP + LP	Animo eufórico	Composto
água	Brejão,do		LP	Lito	Simple
água	Brumado,do		LP	Fito	Simple
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Gil,do		LP	Antropo	Simple

água	Laranjal,do		LP	Fito	Simples
água	Nova Gales		LP + LI	Animo eufórico	Composto híbrido
água	Óleo,do		LP	Ergo	Simples
água	Onça,da		LP	Zoo	Simples
água	Peixe,do		LP	Zoo	Simples
água	Pinhalzinho,do		LP	Fito	Simples
água	Prata,da		LP	Lito	Simples
água	Santa Luzia		LP + LP	Hagio	Composto
água	Serra Grande		LP + LP	Geomorfo	Composto
córrego	Água Quente		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Barrocão		LP	Lito	Simples
córrego	Brumado,do		LP	Fito	Simples
córrego	Flora,da		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Bela Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Brejão,do		LP	Lito	Simples
ribeirão	Cachoeira		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Dourado		LP	Lito	Simples
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simples
ribeirão	Monjolinho		LQB	Ergo	Simples
ribeirão	Ourinhos		LP	Lito	Simples
ribeirão	Três Passagens		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Três Saltinhos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Água Seca		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Anjos,dos		LP	Mito	Simples
rio	Fartura		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simples
rio	Ouro Grande		LP + LP	Lito	Composto
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simples
serra	Catinga,da	Tupi: corr. caá-tinga – o mato branco, alvacento, especial das regiões secas do Brasil de Nordeste. Pode o vocábulo proceder ainda de caá-tenga – o mato ralo, que deixa vácuos de permeio, isto é, o mato aberto (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
serra	Grande		LP	Dimensio	Simples
serra	Pedra Rajada		LP + LP	Lito	Composto
Quadro 79 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JAPIRA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Japira	Tupi: considera forma contracta de japuíra "se não erro tipográfico de Goeldi", mas japim não designa a mesma ave que o guaxe, embora ambos pertençam à subfamília dos icteríneos – NASCENTES (apud HOUAISS,2001).	LT	Zoo	Simple
distrito	Novo Jardim		LP + LP	Crono	Composto
água	Bela Manhã		LP + LP	Animo eufórico	Composto
água	Sul Mineira		LP + LP	Cardino	Composto
ribeirão	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barba de Bode		LP + LP	Somato	Composto
ribeirão	Barra Bonita		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bicão,do		LP	Somato	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Guajuvira		LT	Fito	Simple
ribeirão	Guapê	Tupi: guapê: corr. gua-apé – o que serve de caminho; alusão as folhas desta planta que cobrem a superfície das águas estagnadas e dão caminho as aves (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simple
ribeirão	Jaboticabal		LT	Fito	Simple
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simple
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Mococa	Tupi: corr. mô-coga – fazer roça; o roçado, a plantação (SAMPAIO,1928).	LT	Socio	Simple
ribeirão	Patrimônio,do		LP	Polio	Simple
ribeirão	Pinhalão		LP	Fito	Simple
ribeirão	Terras,das		LP	Lito	Simple
Quadro 80 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JATAIZINHO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Jataizinho		LT	Zoo	Simple
distrito	Antonio Brandão de Oliveira	LP + LP + LP	Antropo	Composto	
distrito	Frei Timóteo		LP + LP	Hiero	Composto
água	Coqueiro,do		LP	Fito	Simple
água	Flores,das		LP	Fito	Simple
água	Mimoso,do		LP	Animo eufórico	Simple
água	Paredão,do		LP	Geomorfo	Simple
água	Pera,da		LP	Fito	Simple
água	Pozinho,do		LP	Lito	Simple
água	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple

ilha	Pássaro Preto,do		LP + LP	Zoo	Composto
córrego	Caboclo,do	Tupi: cabôco: corr. caá-boc – tirado ou procedente do mato (SAMPAIO, 1928).	LT	Etno	Simple
córrego	Floresta		LP	Fito	Simple
córrego	Fundo		LP	Dimensio	Simple
córrego	Laranja Azeda		LP+ LP	Fito	Composto
córrego	Roseira		LP	Fito	Simple
córrego	Taquari		LT	Fito	Simple
ribeirão	Couro-do-boi		LP+ LP	Zoo	Composto
ribeirão	Floresta		LP	Fito	Simple
ribeirão	Jataizinho		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Tigrinho		LP	Zoo	Simple
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple

Quadro 81 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JOAQUIM TÁVORA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Joaquim Távora		LP	Antropo	Composto
água	Arrudas,dos		LP	Antropo	Simple
água	Bambu,do		LP	Fito	Simple
água	Bonita		LP	Animo eufórico	Simple
água	Erasmus,do		LP	Antropo	Simple
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Fortunato,do		LP	Antropo	Simple
água	Joá,do	Tupi: juá corr. a-yú-á – a fruta colhida do espinho (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
água	Limpa		LP	Higie	Simple
água	Paulinos,dos		LP	Antropo	Simple
água	Pirambeira,da	Mesmo que perambeira – lugar escarpado; precipício, abismo (HOUAISS, 2001).	LNI	Geomorfo	Simple
água	Prioli,dos		LP	Antropo	Simple
água	Seca		LP	Hidro	Simple
água	Sede,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Água Seca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bagre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Barra Grande,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Curimbatá		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Leitoano		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple
ribeirão	Piçarra,da		LE	Lito	Simple
ribeirão	Pinhal,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Piranha,da		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Três Galhos		LP + LP	Numero	Composto
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simple
serra	Figueira,da		LP	Fito	Simple

Quadro 82 - Topônimos dos acidentes físicos do município de JUNDIAÍ DO SUL

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
----------	----------	------------	------------------	---------------------------	-----------------------

município	Jundiá do Sul	Tupi: jundiahy: corr. yundiá-y – o rio dos jundiás (SAMPAIO,1928).	LT + LP	Zoo	Composto híbrido
água	Areia,da		LP	Lito	Simple
água	Corredeira,da		LP	Hidro	Simple
água	Formiga,da		LP	Zoo	Simple
água	Ibiti		LNI	N/C	Simple
água	Marumbi	Lagoa cheia de tábuas (FERREIRA,2004)	LNI	Hidro	Simple
água	Meio,do		LP	Cardino	Simple
água	Paca,da		LT	Zoo	Simple
água	Pau de Mel		LP + LP	Fito	Composto
água	Podre		LP	Estemato	Simple
água	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
córrego	Antas,das		LA	Zoo	Simple
córrego	Cachoeirinha		LP	Hidro	Simple
córrego	Três Galhos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Bocaina		LE	Geomorfo	Simple
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Contas,das		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Continhas,das		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Galho Grande		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Jundiá		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Maroto		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Noite Negra		LP + LP	Meteoro	Composto
ribeirão	Pau d'alho		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
Quadro 83 - Topônimos dos acidentes físicos do município de LEÓPOLIS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Leópolis		LP	Antropo	Simple
água	Benjamin,do		LP	Antropo	Simple
água	Boa Esperança,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
água	Flores,das		LP	Fito	Simple
água	Guaporé	Guarani: guapo're – vale deserto (HOUAISS,2001).	LG	Geomorfo	Simple
água	Rita,da		LP	Antropo	Simple
água	Santa Rosa		LP + LP	Hagio	Composto
água	Tostes,dos		LNI	Antropo	Simple
	Aguinha		LP	Hidro	Simple
córrego	Água Branca,da		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Água da Esperança		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Água do André		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Alto Grande		LP + LP	Dimensio	Composto
córrego	Andriolo		LP	Antropo	Simple
córrego	Bugio,do		LP	Zoo	Simple
córrego	Capoeirão		LT	Fito	Simple
córrego	Cedro,do		LP	Fito	Simple
córrego	Estiva,da		LP	Hodo	Simple
córrego	Galo,do		LP	Zoo	Simple

córrego	Gavião		LP	Zoo	Simple
córrego	Gaviãozinho		LP	Zoo	Simple
córrego	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
córrego	Matão,do		LP	Fito	Simple
córrego	Pimenta,da		LP	Fito	Simple
córrego	Sabiá		LP	Zoo	Simple
ilha	Euclides,do		LP	Antropo	Simple
ilha	São Joaquim		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Arapuã		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Maitacas,das	Tupi: mba'i'ta – espécie de papagaio – composto de mba'e: coisa + ta: redução de taka: ruído, barulho (HOUAISS,2001).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Palmital,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pedras,das		LP	Lito	Simple
ribeirão	Tangará		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Veados,dos		LP	Zoo	Simple
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simple

Quadro 84 - Topônimos dos acidentes físicos do município de NOVA AMÉRICA DA COLINA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Nova América da Colina	LP + LP + LP	Crono	Composto	
água	Alongado,do		LP	Geomorfo	Simple
água	Gavião,do		LP	Zoo	Simple
água	Gravata,da		LP	Ergo	Simple
água	Paris,do		LP	Coro	Simple
água	Pedregulho,do		LP	Lito	Simple
água	Saia Branca		LP + LP	Ergo	Composto
água	São Luis,do		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Raposa,da		LCA	Zoo	Simple
córrego	São José		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Seco		LP	Hidro	Simple
córrego	Tigrinho		LP	Zoo	Simple
córrego	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Fazenda Americana,da	LP + LP	Socio	Composto	
ribeirão	Porteira,da		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple

Quadro 85 - Topônimos dos acidentes físicos do município de NOVA FÁTIMA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Nova Fátima		LP + LP	Crono	Composto
água	Peixe,do		LP	Zoo	Simple
água	Bonita		LP	Animo eufórico	Simple
água	Isaias,do		LP	Antropo	Simple
água	Júlio Pedro		LP + LP	Antropo	Composto
água	Monjolinho,do		LQB	Ergo	Simple
água	São Vicente,de		LP + LP	Hagio	Composto

água	Sete de Setembro		LP + LP	Historio	Composto
córrego	Bela Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
córrego	Colônia Velha,da		LP + LP	Socio	Composto
córrego	Gramadinho		LP	Fito	Simple
córrego	Primavera,da		LP	Animo eufórico	Simple
córrego	Represa,da		LP	Hidro	Simple
córrego	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Bagres,dos		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Branco		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Braúna		LT	Fito	Simple
ribeirão	Congonhinas		LT	Fito	Simple
ribeirão	Nhapindá		LT	Fito	Simple
ribeirão	Parado		LP	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Preto		LP	Cromo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple

Quadro 86 - Topônimos dos acidentes físicos do município de NOVA SANTA BÁRBARA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Nova Santa Bárbara	LP + LP + LP	Crono	Composto	
água	Fumeiro,do		LP	Ergo	Simple
água	Hivana,do		LP	Antropo	Simple
água	Lajinha,da		LP	Lito	Simple
água	Laranjeira,da		LP	Fito	Simple
água	Mandaçaia,do		LT	Zoo	Simple
água	Monjolinho,do		LQB	Ergo	Simple
água	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
água	Pocinho,do		LP	Hidro	Simple
água	Ramiro,do		LP	Antropo	Simple
água	Sabiá,do		LP	Zoo	Simple
água	Veiga		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	São Jerônimo		LP + LP	Hagio	Composto
salto	José Inácio		LP + LP	Antropo	Composto
serra	Tigre,do		LP	Zoo	Simple

Quadro 87- Topônimos dos acidentes físicos do município de PINHALÃO

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Pinhalão		LP	Fito	Simple
distrito	Lavrinha		LP	Lito	Simple
água	Gomes,dos		LP	Antropo	Simple
água	Pedrinha,da		LP	Lito	Simple
água	Sul Mineira,da		LP + LP	Cardino	Composto
córrego	Areia,da		LP	Lito	Simple
morro	Cedro,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Anta Brava,da		LA + LP	Zoo	Composto híbrido
ribeirão	Barba do Bode		LP + LP	Somato	Composto
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
ribeirão	Caratua		LT	Fito	Simple
ribeirão	Felício		LP	Antropo	Simple

ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Mococa		LT	Socio	Simple
ribeirão	Pinhalão		LP	Fito	Simple
ribeirão	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Taquara,da		LT	Fito	Simple
rio	Anta,da		LA	Zoo	Simple
rio	Café,do		LP	Fito	Simple
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simple
rio	Lajeado		LP	Lito	Simple
rio	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple
rio	Terra Roxa,da		LP + LP	Lito	Composto

Quadro 88- Topônimos dos acidentes físicos do município de QUATIGUÁ

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Quatiguá	É corrutela da palavra catinguá, nome de um vegetal encontrado na região, cuja casca serve para tingir tecidos. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/	LNI	Fito	Simple
água	Barracão,do		LP	Socio	Simple
ribeirão	Água Limpa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Seca		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Grande,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Moquém		LT	Ergo	Simple
ribeirão	Peroba,da		LP	Fito	Simple
ribeirão	Pinheirinho,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Quatiguá		LNI	Fito	Simple
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simple

Quadro 89 - Topônimos dos acidentes físicos do município de RANCHO ALEGRE

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Rancho Alegre		LE + LP	Eco	Composto híbrido
água	Antas,das		LA	Zoo	Simple
água	Cateto,do		LT	Zoo	Simple
água	Dourado,do		LP	Lito	Simple
água	Esperança,da		LP	Animo eufórico	Simple
água	Fartura,da		LP	Animo eufórico	Simple
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Floresta,da		LP	Fito	Simple
água	Laranjeira,da		LP	Fito	Simple
água	Limoeiro		LP	Fito	Simple
água	Macacos,dos		LP	Zoo	Simple
água	Meio,do		LP	Cardino	Simple
água	Onça,da		LP	Zoo	Simple
córrego	Fundo		LP	Dimensio	Simple
córrego	Olho d'água		LP + LP	Hidro	Composto

córrego	Pitangueira		LT	Fito	Simple
córrego	Rico		LP	Animo eufórico	Simple
represa	Capivara,da		LT	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Tibagi		LT	Socio	Simple
Quadro 90 - Topônimos dos acidentes físicos do município de RIBEIRÃO CLARO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ribeirão Claro		LP + LP	Hidro	Composto
distrito	Cachoeira do Espírito Santo	LP + LP + LP	Hidro	Composto	
água	Bananeira,da		LP	Fito	Simple
água	Barra,da		LP	Hidro	Simple
água	Bocaiúva,da	Tupi: bocayuva: v. macahuba, macahiba: corr. macá-yba – a árvore da macaba. É a palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , que se chama Coko de catarro (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simple
água	Branca		LP	Cromo	Simple
água	Gabiroba,da		LT	Fito	Simple
água	Lau,do		LP	Antropo	Simple
água	Mula,da		LP	Zoo	Simple
água	Paiolão,do		LE	Eco	Simple
água	Roseira,da		LP	Fito	Simple
córrego	Sapo,do		LP	Zoo	Simple
represa	Chavante	Tupi: xavante – referente a ou pertencente a esse povo ou à sua língua (AULETE DIGITAL).	LT	Etno	Simple
represa	Usina,da		LP	Socio	Simple
ribeirão	Aguiar,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Anhumas	Tupi: mesmo que anhyrna – ave da família dos palamedeideos (TIBIRIÇÁ, 1984).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Bagre,do		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Barra Grande,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Cachoeira,da		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Cateto		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Claro		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Gaúcho,do	Espanhol: platino gaucho (FERREIRA, 2004)	LE	Etno	Simple
ribeirão	Lúcio,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Luís,do		LP	Antropo	Simple
ribeirão	Macuco,do		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Manuquel		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simple

ribeirão	Natal,do		LP	Historio	Simples
ribeirão	Novo		LP	Crono	Simples
ribeirão	Poço,do		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Pranchão,do	Francês: alteração de plancha: do francês planche – NASCENTES (apud HOUAISS,2001).	LF	Ergo	Simples
ribeirão	Santa Cruz		LP + LP	Hiero	Composto
ribeirão	Taquaruçu,do		LT	Fito	Simples
rio	Itararé		LT	Lito	Simples
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simples
rio	Timburi		LT	Fito	Simples
serra	Catinga,da		LT	Fito	Simples
serra	Pedra Rajada		LP + LP	Lito	Composto
Quadro 91- Topônimos dos acidentes físicos do município de RIBEIRÃO DO PINHAL					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Ribeirão do Pinhal		LP + LP	Hidro	Composto
distrito	Triolândia		LP	Numero	Simples
água	Barro,do		LP	Lito	Simples
água	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
água	Fará,do		LNI	N/C	Simples
água	Guanabara,da	Tupi: antigamente Guanabará: c. goanã-pará – o lagamar (SAMPAIO,1928).	LT	Geomorfo	Simples
água	Índios,dos		LP	Etno	Simples
água	Itapemirim	Tupi: c.itapé-mirim – a lage pequena, a laginha (SAMPAIO,1928).	LT	Geomorfo	Simples
água	Lajeado,do		LP	Lito	Simples
água	Limeira,da		LP	Fito	Simples
água	Macota,do	Quimbundo: dikota : mais velho; de kota – superior (HOUAISS),2001).	LQB	Crono	Simples
água	Marumbi		LNI	Hidro	Simples
água	Santa Clara,da		LP + LP	Hagio	Composto
água	Santana		LP	Hagio	Simples
água	São Francisco		LP + LP	Hagio	Composto
água	São José		LP + LP	Hagio	Composto
água	Veado,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Penacho,do	Italiano: pennacchio (FERREIRA,2004)	LIT	Ergo	Simples
corredeira	Salto,do		LP	Hidro	Simples
córrego	Acampamento		LP	Socio	Simples
córrego	Bom Retiro		LP + LP	Animo eufórico	Composto
córrego	Contas,das		LP	Ergo	Simples
córrego	Corredeira,da		LP	Hidro	Simples
córrego	Santa Júlia		LP + LP	Hagio	Composto

ribeirão	Contas,das		LP	Ergo	Simple
ribeirão	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Jundiáí	Tupi: jundiah-y:corr. yundiá-y – o rio dos jundiás (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simple
ribeirão	Maroto	Origem obscura (FERREIRA,2004)	LNI	Animo disfórico	Simple
ribeirão	Pau d'alho		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Penacho,do		LIT	Ergo	Simple
ribeirão	Pinhal,do		LP	Fito	Simple
ribeirão	Sertãozinho		LP	Lito	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Peixe, do		LP	Zoo	Simple
serra	Jacutinga,da		LP	Zoo	Simple
serra	Sertãozinho		LP	Lito	Simple
serrinha	Bonanza,da		LNI	N/C	Simple

Quadro 92 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SALTO DO ITARARÉ

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Salto do Itararé		LP + LT	Hidro	Composto híbrido
água	Campeses,do		LNI	N/C	Simple
água	Cedro,do		LP	Fito	Simple
água	Eugênio		LP	Antropo	Simple
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Sapateiro,do		LP	Socio	Simple
água	Tomés,dos		LP	Antropo	Simple
arroio	Grama,da		LP	Fito	Simple
córrego	Betos,dos		LP	Antropo	Simple
córrego	Gomes,dos		LP	Antropo	Simple
córrego	Jardim		LP	Socio	Simple
córrego	Salto,do		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Marimbondinho,do		LQB	Zoo	Simple
ribeirão	Marimbondo,do		LQB	Zoo	Simple
ribeirão	Murzilos,dos		LNI	Antropo	Simple
rio	Água do Belino		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Braço da Fatura		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Fatura		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Faturinha		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Itararé		LT	Lito	Simple
serra	Campeses,dos		LNI	N/C	Simple
serra	Marimbondo,do		LQB	Zoo	Simple

Quadro 93 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTA AMÉLIA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santa Amélia		LP + LP	Hagio	Composto
água	Coqueiral,do		LP	Fito	Simple
água	Prata,da		LP	Lito	Simple
água	Queixada,da		LP	Zoo	Simple

água	São Luís		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Lagoano		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Água da Onça		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Bugre		LP	Etno	Simple
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simple
ribeirão	Índios,dos		LP	Etno	Simple
ribeirão	Perobas,das		LP	Fito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
serra	Ventania,da		LP	Meteoro	Simple

Quadro 94 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTA CECÍLIA DO PAVÃO

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santa Cecília do Pavão	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
água	Balbino,do		LP	Antropo	Simple
água	Barreirinha,da		LP	Lito	Simple
água	Hivana,do		LP	Antropo	Simple
água	Israel,do		LP	Antropo	Simple
água	Jaboticaba,da		LT	Fito	Simple
água	José Procópio,do		LP + LP	Antropo	Composto
água	Lajeado,do		LP	Lito	Simple
água	Lajinha,da		LP	Lito	Simple
água	Lozico		LNI	N/C	Simple
água	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simple
água	Palmital,do		LP	Fito	Simple
água	Poço Bonito,do		LP + LP	Hidro	Composto
cachoeira	São Jerônimo,do		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Saltinho		LP	Hidro	Simple
rio	José Maria		LP + LP	Antropo	Composto
rio	Paulo		LP	Antropo	Simple
rio	São Jerônimo		LP + LP	Hagio	Composto
serra	Tigre,do		LP	Zoo	Simple

Quadro 95 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTA MARIANA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santa Mariana		LP + LP	Hagio	Composto
água	Figueira,da		LP	Fito	Simple
água	Araras,das		LT	Zoo	Simple
água	Balaio,do		LP	Ergo	Simple
água	Colorado		LP	Cromo	Simple
água	Engano,do		LP	Animo disfórico	Simple
água	Esperança,da		LP	Animo eufórico	Simple
água	Laranjal,do		LP	Fito	Simple
água	Limeira,da		LP	Fito	Simple
água	Limpa		LP	Cromo	Simple
água	Meio,do		LP	Cardino	Simple
água	Óleo,do		LP	Ergo	Simple
água	Palmital,do		LP	Fito	Simple
água	Para Bala,do		LP + LP	Dirremato	Composto

água	Paraíba,do	Tupi: parahyba: corr. pará-ayba – o rio ruim, impraticável, a força de dificuldades naturais da corrente; rio imprestável (SAMPAIO, 1928).	LT	Hidro	Simple
água	Pedras, das		LP	Lito	Simple
água	Santa Mariana		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Paulo		LP + LP	Hagio	Composto
água	Taquaral, do		LT	Fito	Simple
corredeira	Aguinha		LP	Hidro	Simple
córrego	Guerra Canela		LP + LP	Animo disfórico	Composto
córrego	Liberdade, da		LP	Animo eufórico	Simple
córrego	Vençaia, da		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Taquaruçu		LT	Fito	Simple
ribeirão	Testemunha		LP	Animo eufórico	Simple
ribeirão	Veados, dos		LP	Zoo	Simple
rio	Cinzas, das		LP	Lito	Simple
rio	Laranjinha		LP	Fito	Simple
rio	Paranapanema		LT	Hidro	Simple
Quadro 96 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTANA DO ITARARÉ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santana do Itararé		LP + LT	Hagio	Composto híbrido
água	Canoas, das		LP	Ergo	Simple
água	Onça, da		LP	Zoo	Simple
ribeirão	Manduri		LT	Zoo	Simple
rio	Bebedouro		LP	Ergo	Simple
rio	Carrascal		LP	Fito	Simple
rio	Fatura		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Faturinha		LP	Animo eufórico	Simple
rio	Itararé		LT	Lito	Simple
rio	Lava-pé		LP + LP	Dirremato	Composto
rio	Pombas, das		LP	Zoo	Simple
rio	Tijuco Preto		LT + LP	Lito	Composto híbrido
	Serrinha		LP	Geomorfo	Simple
Quadro 97 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTO ANTONIO DA PLATINA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santo Antonio da Platina	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
distrito	Conselheiro Zacarias	LP + LP	Axio	Composto	
distrito	Monte Real		LP + LP	Geomorfo	Composto
água	Alegria, da		LP	Animo eufórico	Simple
água	Areia, da		LP	Lito	Simple
água	Branca		LP	Cromo	Simple

água	Cabrito,do		LP	Zoo	Simples
água	Cafézinho,do		LP	Fito	Simples
água	Cambuí		LT	Fito	Simples
água	Cerne,do		LP	Fito	Simples
água	Feia		LP	Animo disfórico	Simples
água	Guabiroba,da		LT	Fito	Simples
água	Limeira,da		LP	Fito	Simples
água	Mendonça,do		LP	Antropo	Simples
água	Onça,da		LP	Zoo	Simples
água	Palmira,da		LP	Antropo	Simples
água	Palmital,do		LP	Fito	Simples
água	Pavão,do		LP	Zoo	Simples
água	Santa Joana		LP + LP	Hagio	Composto
córrego	Água Feia		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
córrego	Suburi		LNI	N/C	Simples
lagoa	Campo,do		LP	Geomorfo	Simples
lagoa	Sede,da		LP	Socio	Simples
morro	Bim,do		LNI	Antropo	Simples
queda	Saltinho,do		LP	Hidro	Simples
represa	Guatemala		LE	Etno	Simples
represa	Matão		LP	Fito	Simples
ribeirão	Água Limpa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Araras,das		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barranco Vermelho		LP + LP	Geomorfo	Composto
ribeirão	Barreirinho		LP	Lito	Simples
ribeirão	Bicas,das		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Bocáina		LE	Geomorfo	Simples
ribeirão	Boi Pintado		LP + LP	Zoo	Composto
ribeirão	Bonito do Meio		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Capivara		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Guajuvira		LT	Fito	Simples
ribeirão	Jacutinga		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simples
ribeirão	Osso de Porco		LP + LP	Zoo	Composto
ribeirão	Pau d'alho		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Taquaral		LT	Fito	Simples
ribeirão	Taquaralzinho		LT	Fito	Simples
ribeirão	Três Galhos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Ubá	Tupi: corr.ybá, contração de yba- á – o que se colhe da árvore, o fruto (SAMPAIO, 1928).	LT	Fito	Simples
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simples
rio	Jacaré		LT	Zoo	Simples
serra	Pedra Branca		LP + LP	Lito	Composto
Quadro 98 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SANTO ANTONIO DO PARAÍSO					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Santo Antonio do Paraíso	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
distrito	São Judas Tadeu		LP + LP + LP	Hagio	Composto

água	Ana Chances		LP + LP	Antropo	Composto
água	Boitura		LNI	N/C	Simple
água	Bonita		LP	Animo eufórico	Simple
água	Coriango,do	Quimbundo:curian go – kurianka (AULETE DIGITAL).	LQB	Zoo	Simple
água	Cristal,do		LP	Lito	Simple
água	Lajeado,do		LP	Lito	Simple
água	Saltinho,do		LP	Hidro	Simple
água	Sapo,do		LP	Zoo	Simple
arroio	Água Formosa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Dez,do		LP	Numero	Simple
ribeirão	Salto,do		LP	Hidro	Simple
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
rio	Paraíso		LP	Animo eufórico	Simple
serra	Tigre,do		LP	Zoo	Simple
Quadro 99 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SÃO JERÔNIMO DA SERRA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	São Jerônimo da Serra	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
distrito	São João do Pinhal		LP + LP + LP	Hagio	Composto
distrito	Terra Nova		LP + LP	Lito	Composto
distrito	Vila Nova de Florença	LP + LP + LIT	Polio	Composto híbrido	
água	Capim,do		LT	Fito	Simple
água	Barra Mimosa,da		LP + LP	Hidro	Composto
água	Barreiro,do		LP	Lito	Simple
água	Bêbado,do		LP	Animo disfórico	Simple
água	Branca		LP	Cromo	Simple
água	Brumado,do		LP	Fito	Simple
água	Campina,da		LP	Geomorfo	Simple
água	Campolim,do		LNI	N/C	Simple
água	Caratua		LT	Fito	Simple
água	Clara		LP	Cromo	Simple
água	Esperancinha		LP	Animo eufórico	Simple
água	Formiga,da		LP	Zoo	Simple
água	Gariroba,da	Tupi: mesmo que guariroba – gwari'rowa (sendo rowa : amargo) – variedade de palmeira (HOUAISS,2001).	LT	Fito	Simple
água	Grande		LP	Dimensio	Simple
água	Lagoinha,da		LP	Hidro	Simple
água	Limeira,da		LP	Fito	Simple
água	Mandari,do	Sânscrito : mantri – conselheiro de Estado, pelo malaio mantari (FERREIRA,2004)	LS	Axio	Simple
água	Matãozinho,do		LP	Fito	Simple
água	Moquém,do		LT	Ergo	Simple

água	Noratinho,do		LP	Antropo	Simples
água	Pedrinhas,das		LP	Lito	Simples
água	Piraju,do	Tupi: corr. pirá-yú : forma contrata de pirá-yuba – o peixe amarelo, o dourado (SAMPAIO,1928).	LT	Cromo	Simples
água	Sabiá,do		LP	Zoo	Simples
água	Santo Antonio		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
água	Sinhá Leme		LP + LP	Axio	Composto
água	Tabuão,do		LP	Ergo	Simples
água	Taquaral,do		LT	Fito	Simples
água	Torneira,da		LP	Ergo	Simples
córrego	Lajeado,do		LP	Lito	Simples
córrego	Matão,do		LP	Fito	Simples
córrego	Moreno		LP	Cromo	Simples
córrego	Onça,da		LP	Zoo	Simples
córrego	Poço Bonito		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Taff,do		LNI	N/C	Simples
morro	Paredão,do		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Água Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Esperança		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Passo Fundo		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Passo Liso		LP + LP	Hodo	Composto
ribeirão	Patos,dos		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Pilões,dos		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Salto,do		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Santa Bárbara		LP + LP	Hagio	Composto
ribeirão	Taquara		LT	Fito	Simples
rio	Arixiguana		LNI	N/C	Simples
rio	Congonhas		LT	Fito	Simples
rio	Faxinal		LP	Fito	Simples
rio	São Jerônimo		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Tibagi		LT	Socio	Simples
rio	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
	Riozinho		LP	Hidro	Simples
salto	José Inácio		LP + LP	Antropo	Composto
serra	Grande		LP	Dimensio	Simples
Quadro 100 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SÃO JOSÉ DA BOA VISTA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	São José da Boa Vista	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
água	Bengalinha,da		LP	Ergo	Simples
água	Pedra,da		LP	Lito	Simples
água	Pinhal,do		LP	Fito	Simples
água	Prata,da		LP	Lito	Simples
água	Raposa,da		LCA	Zoo	Simples
água	São João,de		LP + LP	Hagio	Composto
água	Zazim,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Batel		LF	Ergo	Simples
córrego	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
pico	Custódios,dos		LP	Antropo	Simples
praia	Corredeira,da		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Erval,do		LP	Fito	Simples

ribeirão	Patos,dos		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Pinhal,do		LP	Fito	Simples
rio	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
rio	Corredeira,da		LP	Hidro	Simples
rio	Cristianismo,do		LP	Hiero	Simples
rio	Gramma,da		LP	Fito	Simples
rio	Itararé		LT	Lito	Simples
rio	Jaguariaíva		LT	Zoo	Simples
rio	Pescaria,da		LP	Socio	Simples
rio	São Lourenço		LP + LP	Hagio	Composto

Quadro 101 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SÃO SEBASTIÃO DA AMOREIRA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	São Sebastião da Amoreira	LP + LP + LP	Hagio	Composto	
água	Aprígio,do		LP	Antropo	Simples
água	Bonifácio,do		LP	Antropo	Simples
água	Chapadão,do		LP	Geomorfo	Simples
água	Flórida,da		LP	Etno	Simples
água	Gravata,da		LP	Ergo	Simples
água	Jabuticaba,da		LT	Fito	Simples
água	Lajeado,do		LP	Lito	Simples
água	Marreca, da		LNI	Zoo	Simples
água	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simples
água	Ouro,do		LP	Lito	Simples
água	Outono,do		LP	Crono	Simples
água	Pavão,do		LP	Zoo	Simples
água	Preta		LP	Cromo	Simples
água	Rosa		LP	Cromo	Simples
córrego	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Escuro		LP	Cromo	Simples
córrego	Lambari		LT	Zoo	Simples
represa	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Fazenda,da		LP	Socio	Simples
ribeirão	Gravata,da		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Jataizinho		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Porteira,da		LP	Ergo	Simples
ribeirão	Salto,do		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Congonhas		LT	Fito	Simples
rio	Paulo		LP	Antropo	Simples
serra	Tigre,do		LP	Zoo	Simples

Quadro 102 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SAPOPEMA

Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Sapopema	Tupi: sapopema: corr. çapó-pema – a raiz esquinada, ou faceada, a que se dispõe em forma de parede, como nas figueiras bravas ou gameleiras (SAMPAIO,1928).	LT	Fito	Simples
distrito	Lambari		LT	Zoo	Simples
distrito	Vida Nova		LP + LP	Dirremato	Composto

água	Araras,das		LT	Zoo	Simples
água	Areião,do		LP	Lito	Simples
água	Barreiro,do		LP	Lito	Simples
água	Engenho Velho,do		LP + LP	Socio	Composto
água	Engenho,do		LP	Socio	Simples
água	Fundão,do		LP	Dimensio	Simples
água	Grande		LP	Dimensio	Simples
água	Guabiroba,da		LT	Fito	Simples
água	Limeira,da		LP	Fito	Simples
água	Limoeiro,do		LP	FItto	Simples
água	Mambuca,da		LT	Zoo	Simples
água	Mambuquinha,do	Tupi: mambuca + sufixo - <i>inha</i> : diminutivo	LT	Zoo	Simples
água	Metal,do		LP	Lito	Simples
água	Mexeriqueira,da	1. mesmo que tangerineira (Citrus reticulata); 2. ornitologia: mesmo que batuira-de-espórão (Vanellus cayanus) (HOUAISS,2001).	LP	Fito	Simples
água	Monjolo Velho,do		LQB + LP	Ergo	Composto híbrido
água	Palmital,do		LP	Fito	Simples
água	Rodeio,do		LP	Socio	Simples
água	Sanga Funda,da		LE + LP	Hidro	Composto híbrido
água	São José,de		LP + LP	Hagio	Composto
água	São Roque,do		LP + LP	Hagio	Composto
água	Sulfurosa		LP	Estemato	Simples
água	Tamanduá,de		LG	Zoo	Simples
água	Tigre,do		LP	Zoo	Simples
arroio	Grande		LP	Dimensio	Simples
cachoeira	Salto Sapopema,do	LP + LT	Hidro	Composto híbrido	
pico	Agudo		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Barra Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Cabritos,dos		LP	Zoo	Simples
ribeirão	Caçador		LP	Socio	Simples
ribeirão	Carreiros,dos	indivíduo que conduz carro de bois, geralmente chefiando a execução dos trabalhos e da viagem; guieiro (HOUAISS,2001).	LP	Socio	Simples
ribeirão	Esperança,da		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simples
ribeirão	Lambedor		LP	Hidro	Simples
salto	Ximbaúva,do	Tupi: espécie de acácia (FERREIRA,2004)	LT	Fito	Simples
rio	Lajeado Liso		LP + LP	Lito	Composto
rio	Lambari		LT	Zoo	Simples
rio	Tibagi		LT	Socio	Simples

serra	Bento,do		LP	Antropo	Simples
serra	Chata		LP	Geomorfo	Simples
serra	Fria		LP	Estemato	Simples
serra	Gato,do		LP	Zoo	Simples
serra	João Cesário		LP + LP	Antropo	Composto
serra	São João,de		LP + LP	Hagio	Composto
Quadro 103 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SERTANEJA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Sertaneja		LP	Lito	Simples
distrito	Paranagi		LNI	N/C	Simples
água	Agudo,do		LP	Geomorfo	Simples
água	Almeida,do		LP	Antropo	Simples
água	Macacos,dos		LP	Zoo	Simples
água	Óleo,do		LP	Ergo	Simples
água	Onça,da		LP	Zoo	Simples
água	Quati,do		LT	Zoo	Simples
água	Sapo,do		LP	Zoo	Simples
água	Urubu,do	Tupi: corr.urú-ubú – a galinha preta, a ave negra (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
córrego	Canivete,do	Francês (antigo) – canivet (HOUAISS,2001).	LF	Ergo	Simples
córrego	Cedro,de		LP	Fito	Simples
córrego	Floresta,da		LP	Fito	Simples
córrego	Galvão,do		LP	Antropo	Simples
córrego	Horácio,do		LP	Antropo	Simples
córrego	Jangadão,do		LM	Ergo	Simples
córrego	Mecanizado		LP	Ergo	Simples
córrego	Mundo Novo,do		LP + LP	Animo eufórico	Composto
córrego	Pontal,do		LP	Geomorfo	Simples
represa	Capivara		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Maritacas,das	Tupi: mesmo que maitaca: mbai'ta – espécie de papagaio – composto de mba'e: coisa + ta: redução de taka: ruído, barulho (HOUAISS,2001).	LT	Zoo	Simples
ribeirão	Piracanjuba	Tupi: c.pirá-acanyuba – o peixe de cabeça amarela ou dourada (SAMPAIO,1928).	LT	Zoo	Simples
ribeirão	Tangará		LT	Zoo	Simples
rio	Congonhas		LT	Fito	Simples
rio	Tibagi		LT	Socio	Simples
Quadro 104 - Topônimos dos acidentes físicos do município de SIQUEIRA CAMPOS					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Siqueira Campos		LP + LP	Antropo	Composto
distrito	Marimbondo		LQB	Zoo	Simples

água	Barreiro,do		LP	Lito	Simples
água	Cima,de		LP	Cardino	Simples
água	Figueira,da		LP	Fito	Simples
água	Guabiroba		LT	Fito	Simples
água	Martins,do		LP	Antropo	Simples
arroio	Gramma,da		LP	Fito	Simples
cachoeira	Saltinho,do		LP	Hidro	Simples
cachoeira	Salto Bonito,do		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água da Pedreira		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Fria		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barreirinho		LP	Lito	Simples
ribeirão	Bonito		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Boqueirão		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Caiapó	Tupi: kaia' pó – o que traz fogo na mão, incendiário, queimador (HOUAISS,2001).	LT	Estemato	Simples
ribeirão	Fartura		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Guabiroba		LT	Fito	Simples
ribeirão	Hulha,da	Francês: houille – carvão (FERREIRA,2004)	LF	Lito	Simples
ribeirão	Jacaré		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Jacutinga		LT	Zoo	Simples
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simples
ribeirão	Marimbondo,do		LQB	Zoo	Simples
ribeirão	Saltinho,do		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Três Barras		LP + LP	Numero	Composto
rio	Cachoeira,da		LP	Hidro	Simples
serra	Marimbondo,do		LQB	Zoo	Simples
Quadro 105 - Topônimos dos acidentes físicos do município de TOMAZINA					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica
município	Tomazina	Homenagem a Tomaz Pereira da Silva. Disponível em : http://biblioteca.ibge.gov.br/ .	LP	Antropo	Simples
distrito	Sapé		LT	Fito	Simples

água	Capituva,do	Origem obscura . 1. planta herbácea de até 1 m (Rhynchospora aurea), da fam. das ciperáceas, nativa do Brasil (AM até SP), de colmo grosso, folhas planas e lineares, usado em obras trançadas, espiguetas pardo-avermelhadas e aquênios castanhos 2. mesmo que capim-arroz (Echinochloa crusgavonis)(HOU AISS,2001)	LNI	Fito	Simples
água	Pereiras,dos		LP	Antropo	Simples
água	Uru,do		LT	Zoo	Simples
cachoeira	Salto do Adolfo		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Dois Galhos,dos		LP + LP	Numero	Composto
córrego	Raico,do		LNI	N/C	Simples
córrego	Três Galhos,dos		LP + LP	Numero	Composto
ribeirão	Água Limpa,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Anta,da		LA	Zoo	Simples
ribeirão	Barra Grande,da		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barra Mansa		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Barreiro		LP	Lito	Simples
ribeirão	Barrocão		LP	Lito	Simples
ribeirão	Boa Vista		LP + LP	Animo eufórico	Composto
ribeirão	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Corredeira,da		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Grande		LP	Dimensio	Simples
ribeirão	Grotão,do		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Lajeadinho		LP	Lito	Simples
ribeirão	Lajeado		LP	Lito	Simples
ribeirão	Meio,do		LP	Cardino	Simples
ribeirão	Nogueiras,dos		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Novo		LP	Crono	Simples
ribeirão	Peroba,da		LP	Fito	Simples
ribeirão	Pinhalão		LP	Fito	Simples
ribeirão	Rachid		LA	Antropo	Simples
ribeirão	Saltinho,do		LP	Hidro	Simples
ribeirão	Serrinha		LP	Geomorfo	Simples
ribeirão	Terra Roxa,da		LP + LP	Lito	Composto
rio	Cinzas,das		LP	Lito	Simples
salto	Cavalcante		LP	Antropo	Simples
Quadro 106 - Topônimos dos acidentes físicos do município de URAÍ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Uraí	Guarani: uraí – planta da qual os aborígenes extraíam o curare, veneno com que untavam suas flechas e lanças, para se defenderem dos inimigos; Japonês: ura-hi – sol poente. Disponível em: http://www.e-prefeituras.pr.gov.br/sites/prefeitura/urái/links/historia.htm .	LG	Fito	Simple
distrito	Cruzeiro do Norte		LP + LP	Hiero	Composto
água	Itimura, do		LJP	Antropo	Simple
água	Barreiro, do		LP	Lito	Simple
água	Estrela, da		LP	Meteoro	Simple
água	Figueira, da		LP	Fito	Simple
água	Macacos, dos		LP	Zoo	Simple
água	Madrugada, da		LP	Crono	Simple
água	Mimoso, do		LP	Animo eufórico	Simple
água	Papagaio		LP	Zoo	Simple
água	Pera, da		LP	Fito	Simple
água	Pinheiro, do		LP	Fito	Simple
água	Pirianito, do		LNI	N/C	Simple
água	Pomba, da		LP	Zoo	Simple
água	Saltinho, do		LP	Hidro	Simple
água	Serra Morena, da		LP + LP	Geomorfo	Composto
água	Tamanduá, do		LG	Zoo	Simple
água	Uru, do		LT	Zoo	Simple
córrego	Água da Esperança		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Água da Volta Grande	LP + LP + LP	Hidro	Composto	
córrego	Barra Funda		LP + LP	Hidro	Composto
córrego	Caboclo, do		LT	Etno	Simple
córrego	Clycina		LP	Antropo	Simple
córrego	Floresta		LP	Fito	Simple
córrego	Fundo		LP	Dimensio	Simple
córrego	Jacutinga		LT	Zoo	Simple
córrego	Lajeado, do		LP	Lito	Simple
córrego	Nhambu		LT	Zoo	Simple
córrego	Peru		LP	Zoo	Simple
córrego	Saúde, da		LP	Animo eufórico	Simple
córrego	Uva, da		LP	Fito	Simple
córrego	Vermelho		LP	Cromo	Simple
ribeirão	Couro-do-boi		LP + LP	Zoo	Composto
ribeirão	Maticanã		LNI	N/C	Simple
ribeirão	Tangará		LT	Zoo	Simple
ribeirão	Tigre, do		LP	Zoo	Simple
rio	Congonhas		LT	Fito	Simple
Quadro 107 - Topônimos dos acidentes físicos do município de WENCESLAU BRAZ					
Acidente	Topônimo	Etimologia	Língua de origem	Classificação taxionômica	Estrutura morfológica

município	Wenceslau Braz		LP + LP	Antropo	Composto
água	Boa Vista,da		LP + LP	Animo eufórico	Composto
água	Campina,da		LP	Geomorfo	Simples
água	Jacu,do		LT	Zoo	Simples
água	Máquina,da		LP	Ergo	Simples
água	Mato Queimado,do		LP + LP	Fito	Composto
água	Monjolo, do		LQB	Ergo	Simples
arroio	Batel		LF	Ergo	Simples
córrego	Barreirinho		LP	Llto	Simples
córrego	Barro Preto		LP + LP	Lito	Composto
córrego	Monjolo,do		LQB	Ergo	Simples
córrego	Olho d'água		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Água Grande		LP + LP	Hidro	Composto
ribeirão	Faturinha		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Fazenda Velha		LP + LP	Socio	Composto
ribeirão	Mato Preto,do		LP + LP	Fito	Composto
ribeirão	Mosqueteiro	Italiano: mosquete (moschetto) + -eiro – soldado da infantaria que usava como arma o mosquete (HOUAISS,2001).	LIT	Socio	Simples
ribeirão	Natureza		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Novo		LP	Crono	Simples
ribeirão	Oliveiras,dos		LP	Antropo	Simples
ribeirão	Paixão,do		LP	Animo eufórico	Simples
ribeirão	Pinhal,do		LP	Fito	Simples
ribeirão	São Pedro		LP + LP	Hagio	Composto
rio	Corredeira		LP	Hidro	Simples
rio	Fatura		LP	Animo eufórico	Simples
rio	Hulha,da		LF	Lito	Simples
rio	Pescaria,da		LP	Socio	Simples
rio	Lobos,dos		LP	Zoo	Simples
rio	Pombas,das		LP	Zoo	Simples